



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**BIAGIO MAURICIO AVENA**

**POR UMA PEDAGOGIA  
DA VIAGEM, DO TURISMO E DO ACOLHIMENTO:  
ITINERÁRIO PELOS SIGNIFICADOS E CONTRIBUIÇÕES  
DAS VIAGENS À (TRANS)FORMAÇÃO DE SI**

Salvador  
2008



**BIAGIO MAURICIO AVENA**

**POR UMA PEDAGOGIA  
DA VIAGEM, DO TURISMO E DO ACOLHIMENTO:  
ITINERÁRIO PELOS SIGNIFICADOS E CONTRIBUIÇÕES  
DAS VIAGENS À (TRANS)FORMAÇÃO DE SI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.a Dra. Teresinha Fróes Burnham  
Co-orientador: Prof. Dr. Jean-Louis Le Grand  
Conselheiro Científico: Prof. Dr. Jacques Ardoino

Salvador  
2008

UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

A951 Avena, Biagio Mauricio.

Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento :  
itinerários pelos significados e contribuições das viagens à  
(trans)formação de si /

Biagio Maurício Avena. – 2008.

516 p. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Teresinha Fróes Burnham.

Co-orientador: Prof. Dr. Jean-Louis Le Grand.

Conselheiro Científico: Prof. Dr. Jacques Ardoino.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de  
Educação, 2008

1. Turismo – Pesquisa – Brasil. 2. Viagens – Pesquisa – Brasil. 3.  
Turismo – Pesquisa – França. 4. Viagens – Pesquisa – França.  
5. Turismo – Estudo e ensino. 6. Formação profissional. 7.  
Aprendizagem experimental. I. Burnham, Teresinha Fróes. II. Le  
Grand, Jean-Louis. III. Ardoino, Jacques. IV. Universidade Federal da  
Bahia. Faculdade de Educação. V. Título.

CDD 306.48190981 – 22.ed.

TERMO DE APROVAÇÃO

BIAGIO MAURICIO AVENA

**POR UMA PEDAGOGIA  
DA VIAGEM, DO TURISMO E DO ACOLHIMENTO:  
ITINERÁRIO PELOS SIGNIFICADOS E CONTRIBUIÇÕES  
DAS VIAGENS À (TRANS)FORMAÇÃO DE SI**

Tese Aprovada com Recomendação para Publicação  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia,  
pela seguinte banca examinadora:

Dante Augusto Galeffi \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia

Eliane Santos Souza \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Universidade Federal da Bahia

Francisca de Paula Santos da Silva \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade do Estado da Bahia

Marli Geralda Teixeira \_\_\_\_\_  
Doutora em História Social, Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade Federal da Bahia

Mirian Rejowski \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade de São Paulo

Teresinha Fróes Burnham – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Filosofia, University of Southampton, Inglaterra  
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 2 de junho de 2008.



A  
Meus professores, mestres queridos, por terem me ensinado a aprender.  
Meus alunos, discípulos queridos, por terem me levado a aprender  
a ensinar.





## AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A minha família, pela sua história de vida, pelo seu apoio incondicional.

A Teresinha Fróes Burnham, orientadora que acolheu a proposta desta tese.

Aos membros da Banca do Exame de Qualificação, pela suas valiosas contribuições que impulsionaram a continuidade do trabalho.

Aos membros da Banca Examinadora, pela leitura acurada do texto e pelas suas contribuições.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFBA, pelo apoio, a infra-estrutura, a qualidade e a simpatia dos seus professores, pesquisadores e funcionários.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa para estágio de doutorando no exterior (sandwich).

À Universidade de Paris 8, em especial aos professores Jean-Louis Le Grand, Jacques Ardoino, René Daniel Barbier e aos seus orientandos que me acolheram durante a estada em Paris.

À Universidade de Paris 13 e ao laboratório de Pesquisa EXPERICE, em especial ao professor Gilles Brugères e aos professores colaboradores, que acolheram o meu projeto de tese e que demonstraram interesse em desenvolver pesquisas a partir dele.

À Universidade de Paris 1 – Panthéon / Sorbonne –, em especial ao IREST e ao seu então diretor, professor Gérard Grellet, pelo incentivo e participação nas suas atividades.

Aos docentes, servidores técnico-administrados, alunos e estudantes do CEFET-BA, pelo apoio às iniciativas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos nestes dez anos de colaboração.

A todos os companheiros da turma de doutorado de 2004, pelas discussões, trocas e acolhimento possibilitados durante os seminários de pesquisa.

Aos residentes da *Maison du Brésil*, e especialmente às amigas que aí nasceram, pelas amplas trocas profissionais e pessoais possibilitadas pelo nosso convívio durante a estada em Paris.

A todos os meus queridos e amados amigos, pelo apoio incondicional e incentivo sempre presente neste itinerário de formação escolhido.

Muito obrigado por possibilitarem essas experiências enriquecedoras e gratificantes que têm contribuído ao meu autoconhecimento, a minha (trans)formação.



## ÍTACA

Se partires um dia rumo a Ítaca  
faz votos de que o caminho seja longo,  
repleto de aventuras, repleto de saber.  
Nem os Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o colérico Posídon te intimidem;  
eles no teu caminho jamais encontrarás  
se altivo for teu pensamento, se sutil  
emoção teu corpo e teu espírito tocar.  
Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o bravo Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não o lebares dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.  
Faz votos de que o caminho seja longo.  
Numerosas serão as manhãs de verão  
nas quais, com que prazer, com que alegria,  
tu hás de entrar pela primeira vez um porto  
para correr as lojas dos fenícios  
e belas mercancias adquirir:  
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
e perfumes sensuais de toda espécie,  
quando houver, de aromas deleitosos.  
A muitas cidades do Egito peregrina  
para aprender, para aprender dos doutos.  
Tem todo o tempo Ítaca na mente.  
Estás predestinado a ali chegar.  
Mas não apresses a viagem nunca.  
Melhor muitos anos lebares de jornada  
e fundeares na ilha, velho enfim,  
rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
Sem ela não te ponhas a caminho.  
Mais do que isso, não lhe cumpre dar-te.  
Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.  
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
e agora sabes o que significam Ítacas.

*Konstantinos Kaváfis*

*In Poesia Moderna da Grécia  
Seleção, tradução direta do grego, prefácio,  
textos críticos e notas de José Paulo Paes  
Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1986*



## RESUMO

As viagens e o turismo apresentam grande potencialidade formativa e educativa no Brasil, na França e no mundo. Contudo sua importância ainda precisa ser compreendida. Para tanto, se faz necessário considerar tanto seus aspectos psicossociais, históricos, econômicos e culturais quanto a produção de conhecimentos que subsidiem um comportamento de acolhida adequado. A educação em turismo é uma alternativa para a transformação do processo de acolhimento em espaços de viagem, turismo e lazer. E o acolhimento é o elemento capaz de unificar os significados da viagem e do turismo. Este estudo, na interseção da educação, da viagem e do turismo, aborda experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens (EAFEV) a fim de contribuir para a formação do docente e do profissional bem como dos viajantes confrontados a outras culturas e a uma possível (trans)formação deles próprios. Centrado nas realidades brasileira e francesa, reflete um panorama tanto nacional quanto internacional que poderá informar outros estudos em diferentes regiões e países. Para subsidiar a elaboração de uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento, busca-se apresentar um itinerário de estudos e reflexões para um futuro delineamento de uma proposta pedagógica que integre saberes, conhecimentos e práticas em relação às EAFEV; abordar, identificar e estudar as EAFEV; realizar uma cartografia do ensino e da pesquisa nesses campos no Brasil e na França; recuperar, socializar e difundir o conteúdo de obras não disponíveis no Brasil; contribuir para o repensar da formação/educação em turismo (no Brasil e no exterior). A abordagem multirreferencial na perspectiva de uma bricolagem metodológica tornou possível estudar tanto as viagens, o viajante, o turismo e o turista quanto a formação e a educação em turismo. Para isto uma ampla pesquisa da literatura nacional e internacional dos campos em foco foi desenvolvida. Uma cartografia foi elaborada por meio das categorias analíticas: pesquisa em turismo; formação pela viagem; educação pela viagem; formação para a viagem; educação para a viagem; formação em turismo e educação em turismo. São utilizadas igualmente as categorias “desejo” e “viagem”. Verificou-se que os estudiosos da área ressaltam a relevância das viagens na transformação do sujeito, evidenciando diversos aspectos do seu significado e contribuições no âmbito da Cultura, da Antropologia, da Filosofia, da História, da Literatura e da Mitologia. Observa-se a necessidade de uma modificação da formação dos sujeitos que possibilite o seu autoconhecimento e a construção de um comportamento sustentável. Aponta-se para a necessidade de compreender a importância das EAFEV e seus significados e contribuições à (trans)formação do sujeito-viajante; de considerar os equipamentos e serviços turísticos como espaços de aprendizagem e os profissionais das viagens, do turismo e do acolhimento como agentes pedagógicos; de utilizar o Mapa Conceitual como base para a reflexão dos docentes e coordenadores pedagógicos destacando os aspectos fundamentais a serem considerados na organização dos currículos de formação com vistas à superação das lacunas identificadas na formação discutida neste estudo.

**Palavras-Chave:** viagens e turismo; educação em turismo; experiências de aprendizagem, formação e educação pelas viagens; Brasil e França; Pedagogia das viagens, do turismo e do acolhimento.

## **ABSTRACT**

*Travels and tourism present great formative and educational potentiality in Brazil, in France and in the world. However their importance still needs to be understood. For that, it is necessary to consider either their psycho-social, historical, economical and cultural aspects or also the production of knowledge that subsidize an appropriate welcome behavior. The education in tourism is an alternative for the transformation of the reception process in travel, tourism and leisure spaces / locus. And the reception / hospitality is the element capable to unify the meanings of travel and tourism. This study, in the intersection of education, travel and tourism, approaches learning, formation and education experiences by travel (EAFEV) in order to contribute for the teacher and of the professional formation as well as of the travelers confronted to other cultures and a possible (trans)formation of themselves. Centered in the Brazilian and French realities, it reflects a national and an international panorama that can inform other studies in different areas and countries. To subsidize the elaboration of a pedagogy of travel, tourism and reception / hospitality, it is looked for to present an itinerary of studies and reflections for a future design of a pedagogic proposal that integrates knowledge and practices in relation to the EAFEV; to approach, to identify and to study the EAFEV; to accomplish a cartography of the teaching and of the research in those fields in Brazil and in France; to find / study, to socialize and to diffuse the content of works not yet available in Brazil; to contribute for rethinking the formation / education in tourism (in Brazil and abroad). The multirreferencial approach in the perspective of a methodological bricolage made possible to study travels, the traveler, the tourism, the tourist and the formation and the education in tourism. For this a wide research of the national and international literature of the fields in focus was developed. A cartography was elaborated through analytical categories: research in tourism; formation for travel; education for travel; formation by travel; education by travel; formation in tourism and education in tourism. The categories "desire" and "trip" were also used. It was verified that the specialists of the area emphasize the relevance of travels in man's transformation, evidencing several aspects of their meaning and contributions in the areas of Culture, of Anthropology, of Philosophy, of History, of Literature and of Mythology. It is observed the need of a modification of the formation of the subjects that makes possible his/her self-knowledge and the construction of a sustainable behavior. It is pointed for the need of understanding the importance of EAFEV and their meanings and contributions to the subject-traveler's (trans)formation ; of considering the equipments and tourist services as learning spaces and the professionals of travel, tourism and of reception / hospitality as pedagogic agents; of using the Conceptual Map as base for the teachers' and pedagogic coordinators' reflection detaching the fundamental aspects that should be considered in the organization of the formation curricula with the aim of overcoming the identified gaps in the formation discussed in this study.*

**Keywords:** *travels and tourism; education in tourism; learning, formation and education experiences by travels; Brazil and France; pedagogy of travels, tourism and hospitality.*

## RÉSUMÉ

*Les voyages et le tourisme présentent un grand potentiel formatif et éducatif au Brésil, en France et dans le monde. Toutefois leur importance a encore besoin d'être comprise. Pour autant, il faut considérer soit leurs aspects psycho-sociaux, historiques, économiques et culturels, soit la production de connaissances qui collaborent à un comportement d'accueil convenable. L'éducation en tourisme est une alternative pour la transformation des procédés d'accueil dans des espaces de voyage, de tourisme et de loisir. Et l'accueil est l'élément capable d'unifier les sens du Voyage et du tourisme. Cette étude, dans l'intersection de l'éducation, du voyage et du tourisme, aborde les expériences d'apprentissage, de formation et d'éducation par les voyages (EAFEV) afin de contribuer à la formation des enseignants, des professionnels et des voyageurs confrontés à d'autres cultures et à une possible (trans)formation d'eux mêmes. Centrée dans les réalités brésilienne et française, dépeint un scénario national et international qui pourra informer d'autres études dans des différentes régions et pays. Pour aider à l'élaboration d'une pédagogie du voyage, du tourisme et de l'accueil, un itinéraire d'études et de réflexions est présenté pour esquisser dans le futur une proposition pédagogique qui intègre des savoirs, des connaissances et des pratiques en rapport avec les EAFEV ; aborder, identifier et étudier les EAFEV ; élaborer une cartographie de l'enseignement et de la recherche dans ces champs au Brésil et en France ; récupérer, socialiser et diffuser le contenu d'oeuvres pas encore disponibles au Brésil ; contribuer à la réflexion sur le changement de la formation/éducation en tourisme (au Brésil et à l'étranger). L'approche multiréférentielle dans la perspective d'un bricolage méthodologique a rendu possible étudier soit les voyages, le voyageur, le tourisme et le touriste, soit la formation et l'éducation en tourisme. Pour cela une recherche étendue de la littérature nationale et internationale dans les champs en étude a été développée. Une cartographie a été élaborée en utilisant des catégories analytiques : recherche en tourisme ; formation par le voyage ; éducation par le voyage ; formation pour le voyage ; éducation pour le voyage ; formation en tourisme ; et éducation en tourisme. Les catégories « désir » et « voyage » sont aussi utilisées. Il a été vérifié que les chercheurs de ce domaine relèvent l'importance des voyages à la transformation du sujet en soulignant plusieurs aspects de leurs sens et contributions dans les champs de la Culture, de l'Anthropologie, de la Philosophie, de l'Histoire, de la Littérature et de la Mythologie. Il a été examiné le besoin d'une modification de la formation des sujets qui permette leur auto-connaissance et la construction d'un comportement soutenable. Il a été indiqué le besoin de comprendre l'importance des EAFEV et leurs sens et contributions à la (trans)formation du sujet-voyageur ; de considérer les équipements et les services touristiques en tant qu'espaces d'apprentissage et les professionnels des voyages, du tourisme et de l'accueil en tant qu'agents pédagogiques ; d'utiliser le Plan Conceptuel élaboré comme une base pour la réflexion des enseignants et des coordinateurs pédagogiques en soulignant les aspects fondamentaux à être considérés dans l'organisation des programmes de formation avec le but de surmonter les lacunes identifiées dans la formation débatue dans cette étude.*

**Mots-clé:** *Voyages et tourisme; éducation en tourisme; expériences d'apprentissage, de formation et d'éducation par les voyages ; Brésil et France ; Pédagogie des voyages, du tourisme et de l'accueil.*

## RESUMEN

Los viajes y el turismo tienen gran potencialidad formativa y educativa en Brasil, Francia y en el mundo. Sin embargo su importancia todavía debe entenderse. Para esto, es necesario considerar tanto sus aspectos psicosociales, históricos, económicos y culturales como la producción de conocimiento para subvencionar un comportamiento de bienvenida apropiado. La educación en turismo es una alternativa para el tratamiento de los procedimientos de recepción en espacios de viaje, Turismo y ocio. Y la recepción es el elemento capaz de unificar los significados de viaje y turismo. Este estudio, intersección de la educación, del viaje y del turismo, examina las experiencias de aprendizaje, de formación y de educación por los viajes (EAFEV) con el fin de contribuir a la formación de maestros, de profesionales, así como de los viajeros en contacto con otras culturas y una posible (trans)formación de sí mismos. Centrada en las realidades francesa y brasileña, refleja un panorama tanto nacional como internacional e podría informar a otros estudios en diferentes regiones y países. Para subvencionar la elaboración de una pedagogía del viaje, del turismo y de la recepción, se busca un itinerario de estudios y reflexiones para un futuro trazado de una propuesta pedagógica que integre conocimientos y prácticas en relación a las EAFEV; examinar, identificar y estudiar las EAFEV; realizar una cartografía de la enseñanza e de la investigación en estos campos en Brasil y Francia; recuperar, socializar y difundir el contenido de las obras que no están disponibles en Brasil; contribuir a repensar la formación y la educación en turismo (en Brasil y en el extranjero). El enfoque multirreferencial en la perspectiva de un bricolage metodológico permitió estudiar tanto el viaje, el viajero, el turismo y el turismo como la formación y la educación en turismo. Para esto una amplia búsqueda de la literatura nacional e internacional de los campos en foco fue desarrollado. Una cartografía fue elaborada por medio del análisis de las categorías: pesquisa en turismo; formación para el viaje; educación para el viaje; la formación por el viaje; educación por el viaje; formación en turismo y educación en turismo. Se utilizan también las categorías "deseo" y "viaje". Se constató que los estudiosos destacan la importancia de los viajes en la transformación del sujeto, indicando diversos aspectos de su significado y contribuciones en el contexto de la Cultura, Antropología, Filosofía, Historia, Literatura y la Mitología. Se observa la necesidad de una modificación de la formación de los sujetos que permita su auto conocimiento y la construcción de comportamiento sostenible. Se verificó la necesidad de comprender la importancia de las EAFEV y sus significados y contribuciones a la (trans)formación de lo sujeto-viajero; a considerar el equipo y servicios turísticos como espacios de aprendizaje y los profesionales de los viajes, del turismo y de la recepción como agentes pedagógicos; De utilizar el Mapa Conceptual como base para la reflexión de maestros y coordinadores pedagógicos subrayando los aspectos fundamentales que deben considerarse en la organización de los programas de formación con el objetivo de superar las deficiencias señaladas en la formación en este estudio.

**Palabras clave:** Viajes y Turismo; la educación en el turismo; experiencia de aprendizaje, formación y educación por los viajes; Brasil y Francia; Pedagogía de los viajes, del turismo y de la recepción.



## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS</b>	23
<b>LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMO</b>	24
<b><i>PICCOLA ITALIA: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA ...</i></b>	29
Apresentação e Introdução	31
Uma história de vida	32
... e a trajetória continua ...	41
Os marcos que norteiam a trajetória	46
Delineamento do método da trajetória	47
Cartografia: uma etapa da trajetória	49
Temas, atores / autores	49
Etapas e pausas da trajetória	52
<b>CAPÍTULO 01: AS VIAGENS E O TURISMO NA CONSTRUÇÃO DE UM COMPORTAMENTO SUSTENTÁVEL</b>	55
Atualidades: Mundo, Brasil, França	55
Mundo – Brasil	55
Mundo – França	58
A Formação e as Profissões no setor do turismo na França	59
O Desenvolvimento Sustentável e o Turismo Sustentável	60
O Código Mundial de Ética para o Turismo – CMET	62
O Comportamento Sustentável: condição essencial para um Turismo Sustentável	63
<b>CAPÍTULO 02: EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO CULTURAL, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO</b>	69
Filosofia, antropologia, cultura, mitologia, história	70
Conhecimento do mundo, difusão do conhecimento sobre o mundo	72
Viajante – turista – turismo	74
Investigação científica, Investigações de si	77
Viajantes, sonhos, desejos	78
<b>CAPÍTULO 03: A FORMAÇÃO DE SI, AS FORMAÇÕES E A EDUCAÇÃO – CONTRIBUIÇÕES À (TRANS)FORMAÇÃO DE SI</b>	81
Formar, experienciar, educar, conhecer	82
Religar os conhecimentos para uma “ <i>cabeça bem feita</i> ” e o conhecimento de si	88
Contribuições à (trans)formação de si – um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento – uma auto-co-hétero- eco-formação	90
O ensino, a pesquisa e a extensão no campo das viagens e do turismo: em busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo – Brasil, França, Mundo	94
Da pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três pedagogias de Barbier – no caminho de uma pedagogia transdisciplinar e transpessoal no campo das viagens e do turismo	95
A formação de formadores, pesquisadores e profissionais – em busca de um novo profissionalismo no campo das viagens e do turismo	96

Achados ao longo da trajetória percorrida	99
Contribuições à (trans)formação de si: saberes e conhecimentos necessários para a educação em turismo	104
Recomendações	106
<b>REFERÊNCIAS</b>	113
<b>ANEXOS</b>	143
A Código de Ética Mundial para o Turismo	145
B O Turista e o viajante responsáveis	155
<b>APÊNDICES</b>	157
<b>APÊNDICES A e B</b>	
<b>O MÉTODO – O BRICO-MÉTODO</b>	
<b>A CARTOGRAFIA – ELEMENTO DO MÉTODO</b>	159
<b>A – AS VIAGENS PELO MUNDO DA METODOLOGIA DA PESQUISA: A ABOARDAGEM MULTIRREFERENCIAL COMO “BRICOLAGEM” - UM BRICO-MÉTODO</b>	165
Sujeito complexo e multirreferencial	165
Abordagem multirreferencial	167
Bricolagem metodológica – um brico-método	169
Itinerário da análise	170
O Estudo	172
Questões Norteadoras	172
Questão Norteadora Central	173
Objeto de Estudo	173
Objetivo Geral	174
Objetivos Específicos	174
A pesquisa	174
A pesquisa bibliográfica e documental	175
Algumas considerações	178
<b>B – AS VIAGENS PELA CARTOGRAFIA DO ENSINO E DA PESQUISA NOS CAMPOS DA EDUCAÇÃO PARA AS VIAGENS E DO TURISMO – BRASIL-FRANÇA</b>	179
As palavras e expressões-chave	180
As palavras e expressões-chave: Google França	180
As palavras e expressões-chave: Google Brasil	187
O repertório das teses francesas e brasileiras	192
O repertório das teses brasileiras	199
Algumas considerações	203

B 1.1	Universidade de Verão – Paris 1 – IREST	205
B 1.2	Ensino em Turismo e Hotelaria no Brasil	209
B 1.3	Ensino Superior e Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria no Brasil	211
B 1.4	Banco de Teses – CAPES – 1987-2004	213
B 2	Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave (síntese)	215
B 3	Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave	217
	Algumas considerações	223

## APÊNDICES C

### SABERES E CONHECIMENTOS QUE EMERGEM DAS VIAGENS E DO TURISMO 225

C 1	Filosofia, antropologia, cultura, mitologia, história	229
	Etimologia: a viagem	229
	As viagens: considerações primeiras	230
	O singular, o particular e o universal nas viagens e no turismo	234
	A cultura da viagem ou a viagem da cultura	239
	As viagens: primeiros registros – a mitologia e a história nas suas origens – Hermes e Ulisses	243
	Sobre os Mitos	244
	Hermes – protetor das estradas e dos viajantes	246
	Ulisses – patrono dos viajantes	248
	Os viajantes e os homens-fronteira	248
	A viagem e o retorno de Ulisses	250
	Algumas considerações	254
C 2	Conhecimento do mundo, difusão do conhecimento sobre o mundo – história e literatura	255
	Em busca do conhecimento do mundo por meio das viagens	255
	As viagens – da circulação de seres humanos e da sua relevância	259
	As viagens – motivações e transformações	284
	Dom Quixote	285
	A volta ao mundo em 80 dias	288
	As aventuras de Tibicuera	289
	Algumas considerações	290
C 3	Viajante – Turista – Turismo	293
	Turismo – turista	293
	Algumas considerações	313
C 4	Investigação científica, Investigações de Si	315
	Biblioteca das viagens: um itinerário pelas investigações científicas	316
	As viagens enquanto investigações científicas: <i>uma história de curiosidade</i>	322
	As viagens e as investigações de si	328
	Algumas considerações	339

C 5	Viajantes, sonhos, desejos	341
	Os mitos e a realidade	343
	O desejo de prazer	345
	O Princípio de Realidade e o Princípio de Prazer	347
	A motivação	353
	O desejo de uma estética do bem-estar	354
	O desejo de um bom acolhimento: transformação de <i>hostis</i> em <i>hospes</i>	355
	O desejo por outros espaços, outras pessoas, outras culturas ( <i>désirs d'ailleurs</i> ) – o desejo de uma mobilidade espacial e temporal	356
	O desejo de alteridade, de alteração, de transformação	357
	Algumas considerações	358

## APÊNDICES D

### SABERES E CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO, NA EDUCAÇÃO E NO ACOLHIMENTO 359

D 1	Formar, experienciar, educar, conhecer	363
	Educação e formação: algumas considerações	364
	Formação e formação de si	365
	Contexto etimológico: formar, formação, instruir, instrução, educar, educação, experiência	366
	Educação: formar e instruir	368
	Mudanças necessárias dos sistemas educativos	370
	O sentido <i>transpessoal</i> da educação	370
	A relação experiência-formação	373
	Experiências de vida – história de vida	375
D 2	Religar os conhecimentos para uma “ <i>cabeça bem feita</i> ” e o conhecimento de si	379
	Os desafios para religar os conhecimentos	379
	Conceitos e operadores transversais	381
	A complexidade e a multirreferencialidade	382
	Os desafios da complexidade	384
	A reforma do pensamento: <i>a cabeça bem feita</i>	386
	O desafio dos desafios: a reforma do pensamento	388
	A “ <i>cabeça bem feita</i> ” nos três níveis de ensino	390
	A inter-pluri-trans-disciplinaridade	395
	A abordagem transversal	398
	O sujeito: no caminho de uma abordagem transpessoal e transdisciplinar	399
	O sujeito integral por meio da educação transpessoal e transdisciplinar	401
	Algumas considerações	410

D 3	De <i>hostis a hospes</i> : por um acolhimento de qualidade	411
	Acolher – acolhimento	412
	Necessidade de acolhimento	414
	O homem e o local do acolhimento	415
	Desejos e expectativas do cliente	416
	Organização da cadeia do acolhimento	419
	Sorriso – sorrir	420
	Local do acolhimento ao turista	421
	Perfil e formação do pessoal para o acolhimento ao turista	422
D 4	As Viagens - contribuições à (trans)formação de si – um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento – uma auto-co-hétero-eco-formação	425
	As viagens	426
	A viagem: uma possibilidade de formação	426
	A viagem: um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento	427
	A viagem: um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento	428
	A viagem: o itinerário específico da tese – evidências da sua relevância	430
	A viagem: mais evidências da sua relevância	431
	A viagem: uma escola de vida, uma auto-co-hétero-eco-formação	435
	A viagem: uma taxonomia e uma gramática – viajar, encontrar, observar, aprender; uma formação em quatro tempos	436
	Viajar – educar	440
	Algumas considerações	440
D 5	O ensino, a pesquisa e a extensão no campo das viagens e do turismo: em busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo – Brasil – França – Mundo	441
	As formações	441
	A educação básica, profissional, superior, a pós-graduação e a pesquisa nos campos das viagens e do turismo no Brasil	442
	Itinerários formativos: uma possibilidade de percurso	443
	Itinerários formativos: um delineamento inicial de proposta	444
	O ensino superior e a pesquisa em turismo na França	451
	O ensino superior do turismo e do lazer na França	454
	O ensino e a pesquisa nos campos das viagens e do turismo no Brasil	455
	A <i>ciência</i> social das viagens e do turismo: uma turismologia?	456
	A necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa nos campos das viagens e do turismo	456
	A turismologia na França	460
	A turismologia no Brasil	461
	Algumas contribuições ao debate: estudos e obras sobre a evolução das atividades das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo	462
	Algumas considerações	467

D 6	Da pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três pedagogias de Barbier: no caminho de uma pedagogia transdisciplinar e transpessoal no campo das viagens e do turismo	469
	Hegel e a pedagogia	470
	Ardoino e a pedagogia	473
	Barbier e “as três pedagogias”	475
D 7	A formação de formadores, pesquisadores e profissionais: em busca de um novo profissionalismo no campo das viagens e do turismo	479
	O formador, o formador de adultos	479
	A postura do educador	480
	O educador e o professor	482
	O educador e o pesquisador científico	482
	O educador-pesquisador	483
	Propostas atuais sobre a educação: contribuição à educação de adultos	484
	Na direção de um novo profissionalismo do professor	494
	A formação de professores no campo das viagens e do turismo: alguns antecedentes	497
	Evolução das atividades das viagens e do turismo e a necessidade de formação profissional	498
	Delineamento do perfil dos cursos e dos professores no campo das viagens, do turismo e do acolhimento no Brasil	504
	Diagnóstico dos professores no campo das viagens e do turismo	507
	Licenciatura em turismo: uma possibilidade de futuro	510
	Algumas considerações	512
	<b>BREVE CURRÍCULO DO AUTOR</b>	513
	<b>AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO POR PROGRAMAS DE COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	515

## LISTA DE FIGURAS

Figura nº 01	Espiral da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento	27
Figura nº 02	Mapa Conceitual – Auto-co-hétero-eco-formação – Formação de Si	111

## LISTA DE QUADROS

(APÊNDICES A e B)

Quadro nº 01	Categorias das informações – expressão-chave “pesquisa em turismo”	188
Quadro nº 02	Teses francesas escolhidas – palavra-chave “viagem”	195
Quadro nº 03	Teses francesas escolhidas – palavra-chave “turismo”	195
Quadro nº 04	Teses francesas escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo”	197
Quadro nº 05	Teses francesas escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo” - frequência	198
Quadro nº 06	Teses brasileiras escolhidas – palavra-chave “viagem”	201
Quadro nº 07	Teses brasileiras escolhidas – palavra-chave “turismo”	202
Quadro nº 08	Teses brasileiras escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo”	202

(APÊNDICE D)

Quadro nº 09	Educação Básica	445
Quadro nº 10	Educação Profissional	445
Quadro nº 11	Educação Superior	445
Quadro nº 12	Proposta de Itinerários Formativos - Geral	447
Quadro nº 13	Proposta de Itinerários Formativos – Turismo e Hospitalidade	449

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMO

ABES	Agência Bibliográfica do Ensino Superior
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADRETS	Associação para o Desenvolvimento da Pesquisa e dos Estudos sobre os Turismos
AFEST	Associação Francesa dos Experts Científicos do Turismo
AMFORTH	Associação Mundial para a Formação Profissional Turística e Hoteleira
ANPTUR	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
BNF	Biblioteca Nacional da França
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
CECERJ	Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEFET-BA	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia
CEFET-PA	Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará
CERAM	Escola de Comércio e de Administração
CERMOSEM	Centro de Estudos e de Pesquisas sobre as Montanhas Secas e Mediterrâneas
CES	Câmara de Ensino Superior
CFE	Conselho Federal de Educação
CIRET	Centre International de Recherche et d'Études Touristiques Centro Internacional de Pesquisa e Estudos Turísticos
CMET	Código Mundial de Ética para o Turismo
CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNRS	Centro Nacional de Pesquisa Científica
CNTur	Conselho Nacional de Turismo
COFECUB	Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
COTUR	Coordenação de Turismo
CPTUR	Centro de Desenvolvimento e Pesquisa em Turismo
CRV	Centro de Pesquisa sobre a Viagem



CTHS Comitê dos Trabalhos Históricos e Científicos  
DCN Diretrizes Curriculares Nacionais  
EAFEV Experiências de Aprendizagem, Formação e Educação pelas Viagens  
ECA Escola de Comunicação e Artes  
EJA Educação de Jovens e Adultos  
EMBRATUR Instituto Brasileiro de Turismo  
ENADE Exame Nacional de Avaliação dos Estudantes  
ENEM Exame Nacional do Ensino Médio  
ENITA Escola Nacional de Engenheiros dos Trabalhos Agrícolas  
ERIC Centro de Informação e Recursos Educacionais  
ESC Escola Superior de Comércio  
EXPERICE Centro de Pesquisa Interuniversitário Experiência, Recursos Culturais, Educação  
FACED Faculdade de Educação da UFBA  
FCT Fichário Central de Teses  
FTC Faculdade de Tecnologia e Ciências  
GBTURIS Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio-Ambiente (UNIFACS)  
IFReFDE Instituto Federativo de Pesquisa sobre as Dinâmicas Econômicas  
IFV Instituto Foto-Vivência  
IHTP Instituto de História do Tempo Presente  
INA Instituto Nacional do Áudio-Visual  
INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
INRA Instituto Nacional da Pesquisa Agronômica  
INSERM Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica  
INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
IOE Instituto de Educação da Universidade de Londres  
IUUFM Instituto Universitário de Formação de Mestres  
LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MEN Ministério da Educação Nacional – França  
MIT Mobilidade, Itinerários, Turismo (Universidade de Paris 7)  
NAPETUR Núcleo de Apoio à Pesquisa em Turismo - PUC-SP

NEPA	Núcleo de Estudos Pedagógicos e Administrativos
NPET	Núcleo de Pesquisa em Turismo - FTC
NT	Nota do Tradutor
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PII	Projeto de Implementação Internacional
PNT	Plano Nacional de Turismo
PORTCOM	Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
QUALIS	Qualificação de Periódicos, Anais, Revistas e Jornais (CAPES)
R2IT	Rede Inter-regional Inter-Universitária de Pesquisa em Turismo
REDPECT	Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SISTUR	Sistema de Turismo
SUDOC	Sistema Universitário de Documentação
TURISGEO	Grupo de Pesquisa sobre o Turismo e a Cultura
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNED	Unidade de Ensino Descentralizada
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFACS	Universidade Salvador
UPMF - GRENOBLE	Universidade Pierre-Mendès-France
USP	Universidade São Paulo

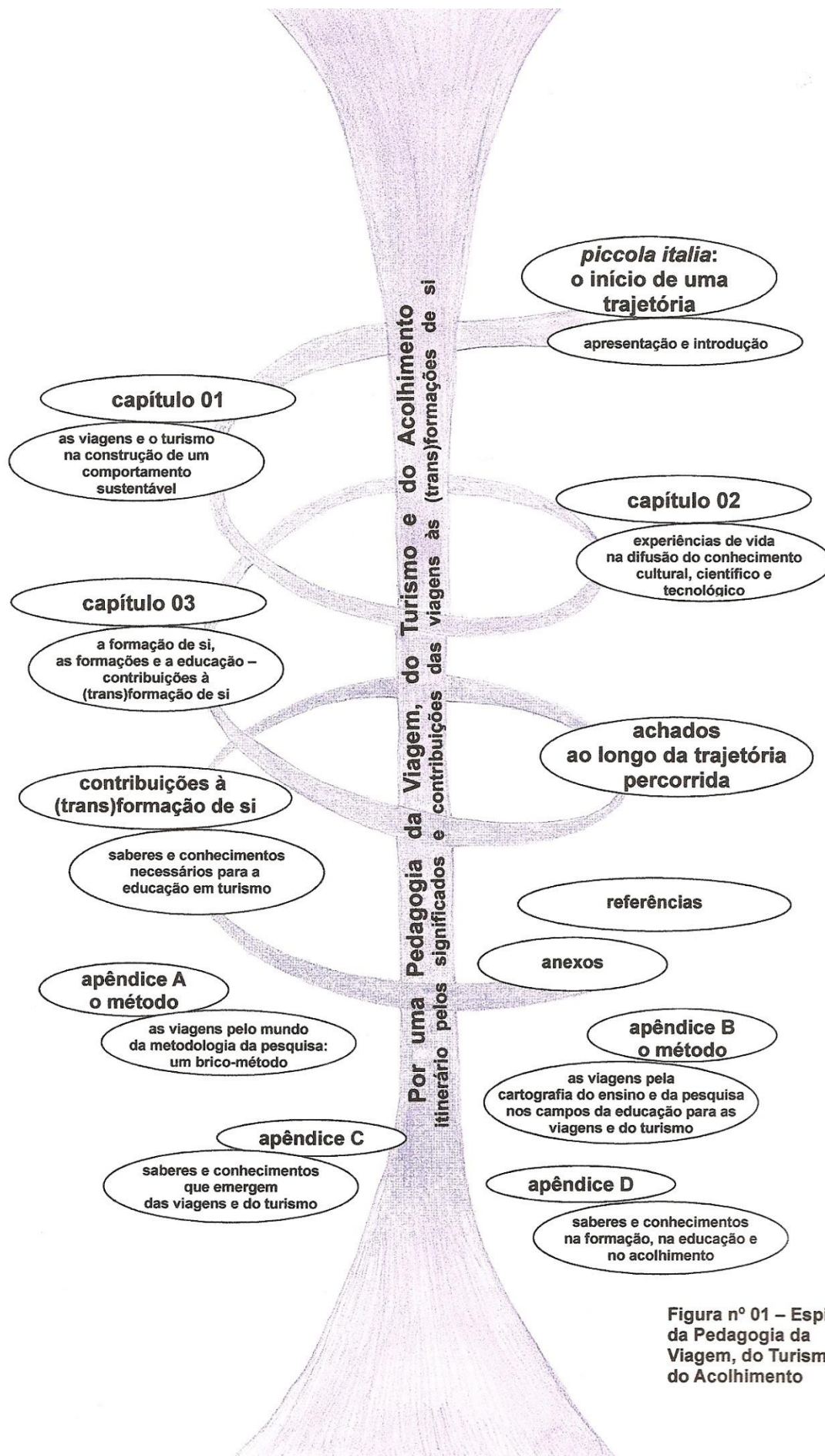


Figura nº 01 – Espiral da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento



***Piccola Italia:***  
**o início de uma trajetória**

**Apresentação e introdução**



***Piccola Italia: o início de uma trajetória***

*E depois, sobre um só fato, é certo, não se pode, como o sábio que experimenta, destacar a verdade para todas as ordens de fatos semelhantes? Um só pequeno fato, se ele é bem escolhido, não é suficiente àquele que experimenta para decidir por uma lei geral que fará conhecer a verdade de milhares de fatos análogos?*  
(PROUST, 1946-47)

As experiências de uma viagem, a estada na cidade de Paris no período de abril de 2006 a agosto de 2007, me permitiram vivenciar a transição das quatro estações ao longo desse tempo-espço e, sobretudo, me possibilitaram efetuar um retorno para dentro de mim mesmo e ao conjunto de experiências que me constituem: uma experiência enquanto estudante de pós-graduação que me deu a oportunidade de enriquecer meus conhecimentos científicos e acadêmicos no exterior; uma experiência pessoal que me oportunizou aproveitar a cidade de Paris para realizar um sonho, um desejo que me acompanhava desde a idade de dez anos quando meus estudos da língua, da literatura e da civilização francesas iniciaram; uma experiência de reflexão sobre as relações estabelecidas ao longo do tempo: familiares; de amizade; amorosas; uma experiência de vida global, de autoconhecimento, de experimentação, de sentimentos, de afetos. Uma experiência que considero ser de auto-formação, de alteração, de transformação.

Essas experiências não tiveram uma ordem pré-estabelecida. Elas se desenrolaram simultaneamente e foram administradas à medida da sua aparição. Por exemplo, é somente no fim do ano de 2004, durante um encontro com o professor Jacques Ardoino, professor emérito da Universidade de Paris 8, que percebi a minha total implicação no meu objeto de pesquisa. Foi naquele instante que tomei uma decisão: a história de vida de minha família e, particularmente a minha, deveria fazer parte deste estudo. Naquela época, eu não sabia ainda como inseri-la na pesquisa, mas gradualmente o texto tomou forma e progressivamente algumas leituras me autorizaram a utilizá-la como um cenário introdutório que apresenta uma história de imigração, de educação e de (trans)formação pelas viagens; experiências pessoais como viajante e guia; além de professor no campo das línguas estrangeiras, das viagens e do turismo.

Eis como nasceu este texto *Piccola Italia*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pequena Itália. (NT)

## Uma história de vida

Era o ano de 1957, o navio deixara o porto de Nápoles quinze dias antes; aproximava-se da costa brasileira; atravessara o Mar Mediterrâneo, havia parado em vários portos, superado as águas e as ondas do Oceano Atlântico; chegava às bordas da costa brasileira. Durante esta viagem, Annina, minha mãe, aos 29 anos fazia uma retrospectiva de sua vida.

Primeira filha de cinco irmãos, nasceu após Giuseppe Angelo e Giovanni e antes de Francesco Antonio e Maria. A família vivia no campo, nas montanhas da Calábria, no Sul da Itália, na pequena localidade da Ficarrola, no município de Papisidero na Província de Cosenza.

Durante o século XIX e, sobretudo naquela época, a família Oliva-Paolino se ocupava de atividades agro-pastoris: cultivo do trigo e de outros cereais, de legumes, verduras e frutas. Ocupava-se igualmente de pequenos rebanhos de cabras, carneiros e algumas vacas leiteiras. Mesmo com todas essas atividades, as crianças ainda tinham tempo para ir à escola.

A uma distância de quase duas horas de caminhada da sede do município, seus irmãos e ela se sentavam nas carteiras em uma turma que reunia alunos de idades e níveis diferentes para aprenderem as primeiras letras. De origem camponesa e muito simples, seus pais, mesmo não tendo tido acesso à escolarização, procuraram sempre oportunizar o estudo das primeiras séries da escola primária. Porém, todos, após voltarem da escola desempenhavam cada qual a sua função nas atividades camponesas. Era um período bastante difícil, o entre duas-guerras.

Em 1939, com o início da II Guerra Mundial tudo se tornou ainda mais árduo. O que a família produzia com muito esforço deveria ser dividido e cedido uma parte ao exército. Os irmãos mais velhos, Giovanni e Giuseppe Angelo foram convocados a se alistarem para participarem da Guerra – uma história de viagem forçada. Durante um longo tempo a família não recebeu notícias de onde se encontravam e repetidas vezes seus pais, irmãos e irmãs pensaram que eles poderiam ter sucumbido nas batalhas. Angelo, o filho mais velho, foi considerado desaparecido durante muito tempo. Foi prisioneiro e ficou detido na Austrália. Giovanni, também, ficou sem dar notícias.

Após o fim da guerra a situação sócio-econômica da Europa e,



especialmente, daquela região da Itália estava cada vez mais difícil. Muitos já haviam emigrado nas últimas décadas do século XIX. Estas migrações se intensificaram no período entre as duas guerras e ainda mais no período posterior à II Guerra. O destino mais freqüente eram as Américas. Todos queriam “*fazer a América*” e ter uma vida economicamente mais tranqüila.

Giovanni foi o primeiro dos filhos a emigrar no ano de 1952 chamado por meu tio-avô, Giuseppe Angelo, que já havia partido alguns anos antes. Por sua vez, Francesco Antonio foi chamado por Giovanni em 1954.

Alguns anos antes, em fevereiro de 1950, Annina casara-se com Luigi, irmão de Maria que havia casado com Giuseppe Angelo, irmão de Annina.

No convés do navio, durante as duas semanas de viagem em direção ao Brasil, Annina teve tempo para refletir sobre os acontecimentos ocorridos até a sua partida: sua infância; sua juventude; sua vida adulta; todas as dificuldades enfrentadas; o sentimento de ter deixado a terra pátria para trás, seus pais, familiares e amigos. Tudo foi muito difícil. Mas ao mesmo tempo, a sensação de ver se aproximar uma nova etapa. Ela estava indo ao encontro de seu esposo para iniciar uma nova vida, em um novo país desconhecido. Era um momento singular, um divisor de águas, que a travessia do Oceano Atlântico estava tornando favorável e possível.

Em terra, no cais do porto do Rio de Janeiro, Luigi, em uma manhã ensolarada de outubro, aguardava ansiosamente a chegada de Annina: quatro anos de espera, de saudades, de experiências novas no aprendizado de uma nova vida, em uma grande cidade, com uma língua desconhecida, hábitos diferentes.

Luigi e Maria Avena foram criados por sua mãe, Rosina, e sua tia, pois seu pai, Giuseppe Antonio, havia emigrado para o Brasil durante a gestação de Luigi. Assim, Luigi cresceu pensando sempre em um dia fazer a travessia do oceano Atlântico para se juntar a seu pai. Após seu casamento, alguns anos mais tarde, em 1953, ele parte ao seu encontro para realizar esse sonho.

Durante aquele momento de expectativa ao longo do cais, Luigi, também, revê, como em um filme, a sua vida até antes da sua partida. Repensava na vontade de conhecer seu pai, de ter uma vida melhor e poder vivê-la com sua esposa e seus futuros filhos.

Após alguns anos no Brasil, já havia vivenciado várias experiências. Havia iniciado a trabalhar como funileiro, reparando painéis e utensílios de forma

geral ao longo das ruas do Rio de Janeiro, antes de se estabelecer como comerciante em parceria com um primo. É com esta atividade que pouco a pouco constrói a vida de sua família com melhores condições daquelas que tinha na Itália.

Muitos outros familiares e amigos haviam emigrado durante a primeira metade do século XX. Desse modo, tinham o hábito de se reunir freqüentemente para almoços tipicamente italianos, com muita *pasta asciuta*<sup>2</sup>, pão e vinho. Divertiam-se igualmente tocando acordeão e dançando músicas típicas: tarantelas, mazurcas, etc.

Luigi e Annina, um ano após o casamento tiveram o seu primogênito. Mas esta criança teve pouco tempo de vida. Após o reencontro no Brasil, em 1958, durante a Copa do Mundo, Annina deu a luz prematuramente a um casal de gêmeos que também viveu somente alguns dias.

Após essas três crianças que não sobreviveram, em outubro de 1959, nasceu Rosa Graziela, minha irmã mais velha, e em novembro de 1960, eu venho à luz. Alguns anos mais tarde, em maio de 1965, nasce Ana Claudia, minha irmã caçula. Em 1964, antes do nascimento de Ana, a família se transfere temporariamente para morar junto com tios, primos e amigos, em uma grande casa compartilhada, em função de um tratamento de saúde de Luigi. Mas a transferência temporária passa a ser definitiva após alguns meses. E é esta pequena comunidade que hoje em dia chamo de *Piccola Italia*, pois foi a reprodução de um *locus* social que dava suporte e que conectava todos as suas origens e às saudades da pátria-mãe.

Foi na *Piccola Italia* que fomos criados, os três irmãos, envoltos pelos pais, tio-avô, tios e primos. Eu gostava muito de estar com meu tio Giovanni, pois ele estava sempre lendo livros. No seu quarto havia uma pequena estante onde eu gostava de passar algumas horas da tarde folheando os livros que ainda não sabia ler.

Após ter sido alfabetizado, tive enfim acesso aos seus livros e me dediquei a eles com paixão durante muito tempo. Gostava, especialmente, da coleção *Tesouros da Juventude*, onde estabeleci contato com fábulas, histórias e estórias, personagens e períodos importantes das civilizações. Eu pude ler cada volume com muito prazer.

---

<sup>2</sup> Massa, geralmente *spaghetti*, com molho de tomate. (NT)

Quando comecei a estudar geografia na Escola Municipal Afonso Taunay, gostava muito de reproduzir mapas do mundo inteiro e me alegrava com a idéia de me deslocar, de viajar sobre eles, sobretudo pelo mapa dos países Europeus. Gostava particularmente da península itálica e imaginava que quando visitasse aqueles países estaria falando a língua materna dos seus habitantes. Muito provavelmente essa necessidade, esse desejo, nasceu das histórias ouvidas e vivenciadas por meus pais e familiares em virtude das dificuldades de adaptação, do conhecimento insuficiente da língua portuguesa.

Meus pais investiram o que puderam na nossa formação. Desde a 5ª série, eu havia optado por estudar a língua inglesa, mas acabei sendo designado para a turma de língua francesa. Fiquei decepcionado no início, mas ao iniciarem as aulas, o professor suscitou o meu interesse e tomei gosto pela língua. Foi assim que começou o aprendizado formal da minha primeira língua estrangeira. Por ser filho de italianos, a minha segunda língua era o italiano, o calabrês na realidade.

Nos quatros anos seguintes, segui o estudo da língua francesa e sempre gostei. Mas ao iniciar o Ensino Médio, não pude continuá-lo, pois esta língua não era ensinada na escola. Iniciei, então, a estudar a língua inglesa. No entanto, na mesma época, a concessão de uma bolsa de estudos pela Aliança Francesa me permitiu dar continuidade ao aprendizado da língua e da civilização francesas. Alguns anos mais tarde, principio a estudar, também, a língua alemã. Três anos mais tarde, após ter estudado as línguas francesa, inglesa e alemã, adquiero os primeiros conhecimentos formais da minha segunda língua materna. É nesse momento que me dou conta de que realmente somente conhecia bem um dialeto e que a compreensão verdadeira da língua de Dante estava se construindo naquele momento.

Durante esse tempo, me interessavam igualmente a história, a geografia, os hábitos e costumes dos diferentes povos. Nascia em mim, então, cada vez mais o desejo de conhecer, de estudar, de viajar por esses países. O desejo de fazer um *Grand-Tour*.

Pelo fato de conhecer diversas línguas, amigos me estimularam a seguir uma formação técnica de guia de turismo. Assim, após a ter completado no SENAC-RJ, tornei-me, em 1985, guia de turismo local da cidade do Rio de Janeiro, onde desenvolvi esta atividade até 1992, com pausas para realizar viagens ao exterior.

Ao mesmo tempo, a partir de 1986, a convite da Aliança Francesa, após

um estágio, passei a atuar como professor de língua francesa. Esta atividade desempenhei em paralelo com a de guia de turismo, pois a atividade de professor ocorria no período da baixa estação.

Entre 1988 e 1989 passei onze meses entre Itália, França, Espanha e Tunísia. Foi então que aperfeiçoei meus conhecimentos das línguas estrangeiras e da profissão de guia de turismo internacional. Um ano mais tarde, em 1990, passei nove meses na Alemanha, onde aprofundei os conhecimentos da língua e da cultura alemãs e onde tive uma experiência na área de alimentos e bebidas.

De 1990 a 1992 dei continuidade às minhas atividades de guia de turismo e de professor das línguas francesa e inglesa. Em junho de 1992, tinha como objetivo abrir ainda mais meus horizontes. Fiz, então, cursos na área de línguas estrangeiras modernas na USP e acabo me transferindo para São Paulo. Durante três anos, ensinei na Aliança Francesa de São Paulo, na filial empresas, e atuei como professor de língua inglesa em cursos livres.

Em 1995, após ter feito uma viagem às origens do Brasil, à cidade de Porto Seguro – Bahia, eu tomei a decisão de me transferir para trabalhar tanto como guia de turismo quanto como professor de línguas estrangeiras para o turismo e a hotelaria. Em seguida, durante dois anos, assumindo as funções de coordenador pedagógico e professor, implantei uma franquia de línguas estrangeiras. Ao longo dessas atividades, durante um seminário sobre qualidade na educação, conheci a Unidade de Ensino Descentralizado de Eunápolis, do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET-BA. Assim, em abril de 1997, passo a fazer parte do corpo de docentes temporários no ensino da língua francesa para o turismo e a hotelaria no curso técnico em turismo. Em 1999, após ser aprovado em concurso público, tomei posse no corpo de professores efetivos da instituição.

Senti, então, a necessidade de aprofundar meus conhecimentos nos campos das viagens e do turismo e da educação. Dessa forma, me inscrevi, em 1998, no Curso de Especialização em Administração Hoteleira do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC em convênio com a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Em seguida, com o desejo de ampliar ainda mais os horizontes e realizar pesquisas nos campos da Educação e do Turismo, ingresso, em 1999, no Mestrado e, em 2004, no Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Os estudos e as pesquisas efetuados por meio da formação do Mestrado conduziram à publicação em 2006 do livro *Turismo*,

*Educação e Acolhimento: um novo olhar.*

Não há sujeitos sem experiências. Não há igualmente sujeitos, além das experiências pessoais e profissionais, sem formação, sem educação. Assim, a formação do sujeito é complexa e multirreferencial. Da mesma forma que Ardoino (2006), considero que a formação de si é um aspecto importante da educação e que se deve investir nela ao longo de toda a vida. Essa formação recebe diversas interferências, em diferentes situações existenciais, bem como do trabalho pessoal, da reflexão, do desenvolvimento de uma função crítica. Mas não é somente em relação ao Eu enquanto sujeito. É igualmente em relação ao Outro. O Outro e as interações com o Outro. Esse Outro pode ser tanto imaginado em uma relação dual, ideal, imaginária; ou então ele já está inserido em um “nós” mais coletivo. Esse “Nós” é um meio de se formar, de aprender. Nesse cenário emergem as palavras e expressões formação de si, formação, experiência e educação como algumas das palavras-chave deste estudo. É aqui que as experiências de formação ao longo da minha vida, as pessoais e profissionais, tomam sentido e ressaltam uma implicação total enquanto sujeito em constante auto-(trans)formação, alteração. É no prosseguimento dessas experiências de vida, desse itinerário, que o objeto desta pesquisa se desenvolve. No entanto, antes de continuar o detalhamento dessa trajetória, abordando as etapas que constituem este estudo, faço uma pausa para apresentar o poema *Motivo* de Cecília Meireles, pois este sintetiza esta implicação.



## MOTIVO

*Eu canto porque o instante existe /  
E a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,  
Não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.*

*Se desmorono ou se edifico,  
Se permaneço ou me desfaço,  
– não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
– mais nada*

(MEIRELES, 2000)





### ... e a trajetória continua ...

No Capítulo *Young Gentlemen on Tour*<sup>3</sup> do livro de Lynne Withey, é ressaltado o fato de que as viagens, na época do *Grand Tour*, eram consideradas como “um rito de passagem”, para suplementar, até mesmo complementar, “a educação formal de um jovem” com “experiências do mundo”, “um tipo de escola móvel conclusiva para os jovens”. Mas insiste igualmente que o *Grand Tour* era também uma possibilidade de evasão do controle familiar.

Certamente, as questões relativas às experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens – EAFEV<sup>4</sup> –, têm um papel considerável, até mesmo maior e essencial, na formação dos sujeitos, pois todas as experiências que as viagens tornam possível são complexas, multirreferenciais e ilimitadas.

Diversas razões me motivaram a elaborar o objeto de pesquisa deste trabalho: as experiências pessoais e profissionais nos campos das viagens, do turismo e da educação; o trabalho de campo e a pesquisa efetuada que resultaram na elaboração da Dissertação de Mestrado<sup>5</sup> e na publicação do livro *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*<sup>6</sup>; a percepção cada vez maior sobre os significados e as contribuições das viagens à formação do sujeito.

As viagens e o turismo são atividades com grande potencialidade formativa e educativa para o Brasil e o Mundo, além dos seus aspectos econômicos. Portanto, é de importância fundamental que as Instituições públicas e privadas, a população, os profissionais dos serviços e os futuros profissionais compreendam tanto a importância dessas atividades bem como o que está em jogo considerando os seus aspectos psico-sociais, históricos, econômicos e culturais e possam, assim, apoiar-se em conhecimentos amplos, sólidos e aprofundados nos campos das viagens e do turismo.

Ao longo dos últimos anos de experiência profissional e de pesquisa nos

---

<sup>3</sup> Jovens em viagem. (NT)

<sup>4</sup> A expressão “experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens” é sistematicamente apresentada neste estudo. Por este motivo, foi criado o acrônimo EAFEV que será utilizado ao longo do texto.

<sup>5</sup> AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento de qualidade: transformação de hostis a hospes em Ilhéus, Bahia**. 2002a. 367 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia - UFBA / Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus.

<sup>6</sup> AVENA, Biagio M. **Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar**. São Paulo: Roca, 2006.

campos da educação, das viagens, do turismo e do estudo do conceito de acolhimento, constato que há lacunas cognitivas e afetivas na educação geral e específica das pessoas que trabalham ou que vão trabalhar nas atividades desse campo no Brasil e em outros países, em níveis diferentes.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado e do livro *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*, identifiquei em um certo espaço turístico – a cidade de Ilhéus no Estado da Bahia, Brasil – certos aspectos da construção do *hostis*<sup>7</sup> e as dificuldades que podem surgir na transformação necessária desse em *hospes*<sup>8</sup>. Verifiquei, também, que para a plena realização das viagens e da atividade do turismo, isto é, para oferecer ao sujeito-viajante a concretização da realização de suas expectativas, necessidades, sonhos e desejos em um curto espaço de tempo, é necessário que os profissionais das viagens e dos serviços turísticos tenham atitudes de acolhimento e comportamento adequados. Neste estudo passo a denominar esse último de Comportamento Sustentável nas Viagens e no Turismo. Considero, igualmente, que o conhecimento e o aprofundamento do conceito de acolhimento e de suas categorias fundamentais é necessário e primordial na educação profissional nos campos em estudo (AVENA, 2002a; 2006a)<sup>9</sup>, pois o mesmo é o elemento capaz de unificar o significado e as contribuições das viagens aqueles do turismo.

São as atitudes e comportamentos, nas instituições públicas e privadas, no nível macro e micro, que vão exprimir a importância (ou não) que é dada às viagens e ao turismo como atividades econômicas importantes para o desenvolvimento humano, social e econômico sustentável das sociedades.

São, igualmente, minhas inquietudes pessoais e profissionais sobre o significado e as contribuições das viagens à formação do sujeito que me motivam em aprofundar estas reflexões e a delimitar mais precisamente o objeto, os objetivos e a metodologia deste estudo. Os documentos da Organização Mundial do Turismo – OMT (2003) –, o livro de Eduardo Fayos-Solá (1997), o Capítulo de César Gómez Viveros (1997), o livro de Herbert Marcuse (1981), dentre outros, participaram na delimitação inicial desses campos.

A partir das leituras, das experiências pessoais e profissionais, das

---

<sup>7</sup> A palavra latina “*hostis*” é utilizada no sentido de “hostil”.

<sup>8</sup> A palavra latina “*hospes*” é utilizada no sentido de “hóspede”.

<sup>9</sup> Para um maior aprofundamento acerca do conceito de acolhimento e de suas categorias ver Apêndice D 3, p. 382-394.

reflexões e análises estabelecidas, considero que a atividade das viagens e do turismo deve (re)conciliar a realidade externa com as necessidades e desejos inerentes ao ser humano. Além disso, a educação nos campos das viagens e do turismo deve conduzir a conhecimentos, nos profissionais, que lhes permita compreender que devem estar disponíveis para o outro. Esse “outro” está à procura da realização de um certo sonho, de um desejo que revela sua necessidade de atenção, sua procura por acolhimento e por uma estética<sup>10</sup> do bem-estar.

A palavra *formações* representa neste estudo as formações do sujeito humano, formais e informais, oferecidas nos seus diversos níveis e tipos. Assim, as formações para as viagens e o Turismo devem permitir, ao sujeito que se torna um profissional, construir a representação segundo a qual o cliente deve ser considerado um *hospes*, que é desejado, acolhido, acompanhado, como é acolhida e acompanhada a realização de seu sonho e de seu desejo de bem-estar, no contato com outros espaços e outras pessoas. (*désirs d'ailleurs*)

Educar para mudar, (trans)formar é o que parece claro, natural, para a consciência crítica atual. Isto implica, no mínimo, investigar a viagem e o turismo como atividades humanas, sociais e econômicas, necessárias e primordiais; considerar o viajante e o turista como *hospes*; os proprietários e os colaboradores como parceiros, em colaboração para criar as condições propícias a uma viagem agradável. Esse processo começa desde os primeiros sinais do acolhimento, continua durante o acompanhamento desenvolvido ao longo da estada e conclui-se quando é despertado o desejo de voltar a esse oásis que responde ao desejo do viajante de estar bem consigo mesmo, com o ambiente e, sobretudo, com esses “mágicos” (os profissionais das viagens, do turismo e do acolhimento) que parecem conhecer suas fantasias, suas expectativas de ver / ouvir / degustar / cheirar / tocar, sentindo-se seguro, objeto de atenções e de cuidados múltiplos. Nesse processo, algumas atenções são discretas, outras mais evidentes.

### **Mais razões sobre a trajetória escolhida**

A sociedade industrial interveio em toda a ordem rural e artesanal da sociedade pré-industrial estabelecendo uma dicotomia entre a casa e o trabalho, a

---

<sup>10</sup> A palavra estética na expressão “estética do bem-estar” é utilizada com o sentido do belo, do prazeroso, de tudo aquilo que sensibiliza os sentidos do sujeito.

fábrica e a cidade, o prazer e a realidade. O ser humano pós-industrial necessita ter uma nova visão do mundo para estar apto a lidar e superar as crises que surgem a cada dia, maiores e mais complexas, devendo possuir uma competência paradigmática.

Na sociedade pós-industrial têm surgido novos valores. Há aqui uma "progressiva intelectualização de toda atividade humana" (DE MASI, 2000). Na sociedade atual, todas as coisas se fazem valorizando a inteligência, criatividade e preparação cultural. Além disso, há uma necessidade de se ressaltarem os valores da confiança e da ética, indispensáveis, sobretudo, no mundo dos serviços, que requerem precisão, qualidade e confiabilidade. Há, também, o valor estético em que as formas, as cores, os sons e as boas maneiras são tão indispensáveis ao ser humano quanto à substância e à funcionalidade. Além desses valores que se apresentam na sociedade pós-industrial, outros novos valores surgem. Dentre eles a subjetividade, a emoção, a virtualidade, a globalização, a desestruturação, a qualidade de vida, o bem-estar.

É de fundamental importância, para o bom desempenho das atividades laborativas, o uso adequado do tempo livre. Esse tempo livre deve ser um tempo de ócio criativo (DE MASI, 1999), de *descanso*, de *divertimento*, de *desenvolvimento* (DUMAZEDIER, 1962), de viagens, de (trans)formação. Quanto mais tempo livre disponível o ser humano tiver e quanto mais praticar o ócio criativo, mais exigente de qualidade se tornará. Refiro-me à qualidade do que nos é oferecido para utilizar o nosso tempo de ócio, tempo livre a ser ocupado prazerosamente. Contudo, este processo ainda está no seu início e demanda mudanças paradigmáticas profundas nas relações de trabalho entre colaboradores e empresas.

Essas mudanças se fazem necessárias tendo em vista a necessidade de equilíbrio do ambiente planetário em que está inserida a sociedade pós-industrial. O ser humano desta sociedade está à procura de uma sensação de bem-estar, de harmonia cósmica que lhe proporcione o seu próprio equilíbrio, o que pode ser feito pelo restauro dos elementos básicos do prazer humano tendo sempre em perspectiva o contraponto da realidade. Para o seu pleno desenvolvimento, o ser humano necessita passar por momentos de desequilíbrio e reequilíbrio como estudado por Jean Piaget (2005). Visto que a sociedade é formada por um conjunto de seres humanos, da mesma forma a sociedade necessita de períodos de desequilíbrio e reequilíbrio para aprender e evoluir, promovendo o bem-estar

dos seres humanos.

Assim, na atividade turística – lazer, um ócio consagrado à viagem – o viajante / turista – indivíduo que consagra seu lazer a viajar – deve estar livre de obrigações primárias ou secundárias.

Além disso, para a OMT, o tempo de férias é um tempo de educação, um tempo de repouso, um tempo de encontros e de comunicação; isto é, um tempo e um espaço de aprendizagem, de (trans)formação do Ser em que estão presentes diversas formas de difusão de conhecimentos.

O lazer turístico tem por função fazer com que o ser humano tenha mais satisfação e aperfeiçoamento pessoal, mais socialização e com significados / resultados terapêuticos. Essas são funções necessárias ao bom desenvolvimento e desempenho do ser humano na sua vida cotidiana. Se nos reportarmos aos estudos sobre o desenvolvimento da criança, efetuados por Jean Piaget (2005), verificamos que ele mostrou a relação entre o desenvolvimento das capacidades sensoriais e motoras dos sujeitos e um bom desenvolvimento das suas capacidades mentais, cognitivas e afetivas e pode-se dizer que isto ocorre ao longo de toda a sua vida adulta, pois a aprendizagem se processa por toda a vida.

Além desses aspectos das viagens e do turismo, é importante salientar a necessidade de se conhecerem diversas outras facetas que envolvem a atividade em si. Os profissionais que desempenham funções específicas nos equipamentos e serviços turísticos devem ter perfeito conhecimento e domínio dos aspectos psicossociológicos da atividade, devendo conhecer profundamente sobre os sonhos, os desejos e as motivações do sujeito / viajante / turista, para operarem e fomentarem no ser humano uma estética do bem-estar na realização do(s) seu(s) prazer(es) atendendo à realidade, mantendo e mesmo expandindo o seu desejo por outros lugares e por outras pessoas (*Désirs d'Ailleurs*). (MICHEL, 2000)

Contudo, com o crescente desenvolvimento das atividades do campo das viagens e do turismo no Brasil, segundo Silva (1999) houve, paralelamente, um acentuado aumento de problemas na esfera do comportamento dos profissionais no que se refere às relações entre tais profissionais com seus clientes, os viajantes, os turistas, os hóspedes. Ou estes extrapolam no que entendem ser seus direitos ou os profissionais não entendem o que realmente é direito dos seus clientes. Se expressa, assim, a ausência de competência interpessoal nesses profissionais, o que deve ser objeto da Educação desses sujeitos. Há, também, desencontro no que

seriam atribuições dos agentes e funcionários das agências de turismo com os que trabalham nas empresas de transportes e nos hotéis. Em síntese, há problemas de entendimento dos direitos e deveres legítimos de todos. A educação profissional no campo das viagens e do turismo parece somente oferecer o conhecimento técnico básico mínimo (competências e habilidades cognitivas), não desenvolvendo competências e habilidades do domínio afetivo no que se refere à atenção ao prazer, que se contrapõe à realidade do cotidiano dos sujeitos.

Na sociedade pós-industrial um desejo de bem-estar, de hedonismo, tende a se generalizar em todas as camadas da população. O ser humano procura para o seu bem-estar a satisfação de motivações profundas, das quais algumas correspondem à imagem que fazemos da viagem e do turismo (AMIROU, 1995). Essa percepção e apelo por uma estética do bem-estar, de harmonia cósmica é detectável e se produz por meio de estímulos sensoriais que provocam a liberação de endorfinas no organismo humano. Esses estímulos podem ser obtidos por diversos meios. No Turismo, por exemplo, a textura da areia no pé (tato), o pôr do sol (visão), uma bela paisagem (visão), a brisa do mar (olfato, tato), o canto dos pássaros (audição), uma boa refeição (olfato, visão, paladar) são meios que estimulam os canais sensoriais produzindo a sensação de bem-estar. Neste enfoque, considero como necessário, aos profissionais das viagens e do turismo, o estudo do princípio de prazer, do princípio de realidade, das necessidades, dos sonhos, dos desejos e das motivações que influem no comportamento humano.

### **Os marcos que norteiam a trajetória**

Assim, esses profissionais devem desenvolver conhecimentos, competências e habilidades cognitivos e afetivos no que se refere: a sua formação em turismo; à lógica cultural, intercultural e econômica das viagens; aos aspectos psicológicos que derivam da dualidade estabelecida por Sigmund Freud entre o “Princípio de Realidade” e o “Princípio de Prazer”; ao desejo de conhecer, de descobrir outros países, culturas, pessoas, modos de vida, de experienciar sob climas e latitudes diferentes novas sensações, desenraizantes<sup>11</sup> (alteridade –

---

<sup>11</sup> *Dépaysant* – fazer mudar de país, de lugar, de meio (desenraizar, exilar); estar confuso, incomodado pela mudança de contexto, de meio, de hábitos (desorientar, perturbar, embaraçar) – (NT). In: Dicionário Babylon.

alteração; motivações; estética do bem-estar; acolhimento; acompanhamento; espacialidade; temporalidade). No entanto, essas dimensões não são levadas em conta nem na educação de nível técnico e superior em turismo e hospitalidade, nem na educação fundamental e média, nem na educação ao longo da vida (*life long education*), nem na educação dos responsáveis pela formação daqueles que vão acolher e compartilhar seus espaços e seus tempos com o sujeito-viajante.

O marco fundamental levanta a seguinte questão: é possível compreender, com base na análise da literatura pertinente, a importância das EAFEV para a construção de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento por meio de uma reflexão sobre seus significados e contribuições à (trans)formação do sujeito-viajante, tendo como eixo integrador a “religação de conhecimentos “ (Morin, 1999) e como horizonte a práxis pedagógica da formação / educação no campo das viagens e do turismo?

A partir desse marco fundamental, o objetivo geral deste estudo é: apresentar um itinerário de estudos e reflexões sobre a importância das EAFEV para o delineamento de uma proposta de trabalho pedagógico destinada a ser desenvolvida na educação em turismo que integre saberes, conhecimentos e práticas relacionados aos campos da viagem, do turismo e da educação.

Nesse contexto, os objetivos específicos são: abordar, identificar e estudar as EAFEV; elaborar uma cartografia do ensino e da pesquisa nesses campos no Brasil e na França; recuperar, socializar e difundir o conteúdo de obras não disponíveis no Brasil; contribuir para o repensar da formação/educação em turismo (no Brasil e no exterior); subsidiar a construção da pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento.

### **Delineamento do método da trajetória**

A pesquisa se desenhou na interface dos campos da educação, das viagens e do turismo. A estrutura metodológica foi definida em um contexto teórico que é condicionado por pressupostos epistemológicos multirreferenciais. Portanto esta pesquisa oferece e produz um conhecimento novo sobre os campos em estudo,

sistematizando-os em relação ao que já se conhece. (LUNA, 1988, p. 71-74),

O corpus teórico escolhido funciona como um filtro por meio do qual as informações (longínquas ou próximas – diacrônicas e cronológicas) são descritas ao longo de uma linha de tempo longa em espaços diversificados. As tomadas de decisão metodológica feitas ao longo da pesquisa são as conseqüências dos questionamentos estabelecidos e esses se explicam convenientemente em relação às reflexões e ao corpus teórico que está na sua origem. (LUNA, 1988, p. 74)

A abordagem teórico-metodológica escolhida se utilizou da produção científica derivada de diversas correntes metodológicas como uma fonte de inspiração. Ao longo de todas as reflexões para a elaboração deste estudo, foi seguida uma organização que englobou as grandes etapas do processo e as ações fundamentais da pesquisa. (LUNA, 1988, p. 71-74)

Nesse cenário, esta pesquisa se delinea como um estudo com uma abordagem multirreferencial, pois a formação do sujeito é plural, multirreferencial, interarticulada com todas as dimensões desenvolvidas pelo sujeito (ambientais, sociais, educacionais, institucionais etc.) e suas relações estabelecidas com os outros ao longo de toda a vida. Além disso, tendo como diretriz o pensamento evidenciado por Lapassade (1998), que sintetiza a perspectiva da “bricolagem metodológica” no contexto da abordagem multirreferencial, a adoto neste estudo denominando-a de brico-método, pois esta é um estudo que constrói conhecimentos nos campos da educação, das viagens e do turismo. Trabalho, assim, com algumas facetas da educação dentro da grande área das ciências humanas e na interseção da área das viagens e do turismo da grande área das ciências sociais aplicadas.<sup>12</sup>

A extensão deste trabalho se deve à complexidade dos campos pesquisados, à inexistência de pesquisas nesta área e à necessidade de serem estudados esses fenômenos como uma contribuição efetiva para a mudança de paradigma que se faz necessária para o desenvolvimento da atividade humana das viagens, do turismo e do acolhimento

Nesse percurso, o aprofundamento deste estudo conduziu à descoberta de um corpus considerável de obras antigas e contemporâneas que se debruçaram sobre os aportes das viagens ao ser humano, à pesquisa e às ciências em geral. Todos esses trabalhos ao longo dos séculos contribuíram para a elaboração de uma

---

<sup>12</sup> Para um maior aprofundamento no que concerne o Método utilizado neste estudo ver Apêndice A , p. 142-159..



metodologia da viagem, à própria constituição da metodologia científica nas ciências sociais e à compreensão destas como atividades humanas.

Esta investigação se desenvolve na Universidade Federal da Bahia, no Curso de Doutorado em Educação, na linha de pesquisa: Currículo e Tecnologias da Informação e da Comunicação e na REDPECT – Rede Cooperativa de Pesquisa e de Intervenção em (In)Formação, Currículo e Trabalho –, sob a orientação da Dra. Teresinha Fróes Burnham em cooperação com a Universidade de Paris 8, no Doutorado em Ciências da Educação e nas atividades do Centro de Pesquisa Inter-Universitária EXPERICE (Paris 8 – Paris 13) sob a co-orientação do Dr. Jean-Louis Le Grand e a colaboração como Conselheiro Científico do Professor Emérito, Dr. Jacques Ardoino.

### **Cartografia: uma etapa da trajetória**

Foi necessário neste estudo elaborar uma Cartografia dos campos de pesquisa implicados por esse objeto. Isto para: ter uma noção mais precisa da originalidade e das implicações desta investigação; tornar explícita, igualmente, sua identidade psico-socio-epistêmica; além de estabelecer os marcos fundamentais para o futuro da pesquisa na educação para as viagens e o turismo.<sup>13</sup>

### **Temas, atores / autores**

O *corpus* teórico sobre o qual me apoiei evidencia os diversos aspectos importantes desenvolvidos nesta pesquisa. Assim, indico a seguir os conceitos básicos que nortearam o trabalho e os autores que os desenvolveram. Igualmente, informo que a revisão de literatura está diluída ao longo do trabalho e é apresentada com maior detalhamento e profundidade nos apêndices:

I – Os estudos de Ardoino (2000); Berger e Luckmann (1974); Gil (1991); Lapassade (1998); Macedo (2004); Marconi e Lakatos (1991); Morin (1999); e de Ruiz (1982) contribuíram para a estruturação da metodologia que se delineia como uma abordagem multirreferencial na perspectiva de uma bricolagem metodológica – um brico-método;

---

<sup>13</sup> Para um detalhamento e aprofundamento nas diversas etapas da elaboração da Cartografia dos campos em estudo ver Apêndice B, p. 160-197.

II – As pesquisas de Boucher de La Richarderie (1970 [1808]); Cervantes (2005); Eliade (1972); Hartog (1996); Lacarrière (1998, 2003, 2004); Polo (2004); Roche (2003a, 2003b); Schuré (2003); Veríssimo (1947); e Verne (1996) proporcionaram a identificação de diversos significados das viagens;

III – As investigações de Ansarah e Rejowski (1996); Ansarah (2002); Ardoino (2004; 2003; 2000); Avena (2007a, b; 2006a, b, c; 2005; 2003a, b, c; 2002a, b; 2001; 1999); Fayos-Solá (1997); Flores (2002); Matias (2002); Morin (1999); e de Trigo (1998) permitiram trabalhar os aspectos específicos da atividade turística no que concerne as formações no campo das viagens e do turismo;

IV – As reflexões de Amirou (2000; 1995); Augé (1994); Barbosa (2002); Beni (2003; 2000); Botton (2002); Boyer (1982); Dumazedier (2001); Fernandez (2002); Gastal, Beni, Castrogiovani (2002); Geertz (1973); Grall (1998); Kripendorf (2000); Laraia (2006); Lévi-Strauss (1976); Michel (2000); Moesch (2000); Schelle (1802); Stagl (1995); Urbain (1991); Urry (1999); e Withey (1997) ilustram a construção da lógica cultural, intercultural e econômica das viagens e do turismo e sua influência e significado sobre o sujeito-viajante;

V – As obras de Duarte Júnior (1984); Lowen (1984); Marcuse (1981); Maturana (2002); Nasio (1999); Paul (1998); e Freud (2003 [1969]) possibilitam a compreensão do Princípio de Realidade e do Princípio de Prazer para o profissional das viagens e do turismo e do seu papel no processo da viagem;

VI – As pesquisas de De Masi (2000); Dumazedier (2001); Lanquar (1985); Michel (2004; 2000); Silva (1999); Swarbrooke (2002); e Urbain (1994) chamam a atenção da leitura sobre a compreensão dos “*désirs d’ailleurs*” pelo profissional das viagens e do turismo e a importância da Alteridade;

VII – A análise das informações consultadas na Organização Mundial do Turismo, no Plano Nacional de Turismo do Brasil, no Código Mundial de Ética no Turismo nos estudos de Bocchetti (2007) contribuíram para o

delineamento sobre o Comportamento Sustentável nas Viagens e no Turismo;

VIII – As pesquisas de Amirou (1995); Lanquar (1994); Maslow (2004[1943]); Montejano (1996) e Silva (1999) evidenciam o reconhecimento do outro, a intervenção da motivação em si mesmo e no outro;

IX – Os pensamentos de Ardoino (2004); Avena (2006a, 2002a); Dufourmantelle e Derrida (1997); e Gouirand (1994) se dedicam a descrever o conceito de acolhimento e a categoria da hospitalidade no que se refere ao viajante no processo de realização da viagem;

X – As contribuições de Amirou (1995); Augé (1994); Botton (2002); Dumazedier (2001); Fróes Burnham (2006, 1999); Krippendorf (2000); Michel (2004, 2000); Rodrigues (1999); e Urry (1999) permitiram abordar o papel da espacialidade e da temporalidade no processo da viagem e sua influência em si mesmo e no Viajante;

XI – As investigações de Acerenza (1991); Alain (1928); Ardoino (2000; 2004); Barbier (1997; 2000; 2002; 2003; 2005); Berger (2001); Bézille e Courtois (2006); Catramby (2007); Dominicé (2006); Delory-Momberger (2004); Fáyos-Solá (1997); Fernandez (1999; 2002); C. Filho (2002); Fróes Burnham (1999); Gaeta (2001); Le Grand (2002); Márton Lengyel (1991); Maturana e Rezepka (2003); Morin (1999); Nascimento (2002); Pleines (1993); Rosnay (1999); Ruschmann (1991); Santos Neto (2006); Searle (1992); Stagl (1995); Viveros (1997); Whitty (2002, 2006); e Wood (2004) tornaram possível articular o campo das viagens e do turismo com o campo da educação, proporcionando o delineamento dos fundamentos básicos para a Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Estas são algumas das idéias centrais que nortearam o trabalho e os autores que os desenvolveram. A construção desse itinerário permitiu o estabelecimento de um sentido que fez surgir reflexões e análises as quais são apresentadas ao longo do estudo.

## **Etapas e pausas da trajetória**

Desenvolvo o trajeto deste estudo em três Capítulos e quatro Apêndices. Os três primeiros capítulos apresentam a tese em si. Os Apêndices A e B, o método. Os Apêndices C, os saberes e conhecimentos que emergem das viagens e do turismo. Os Apêndices D, os saberes e conhecimentos na formação, na educação e no acolhimento. Os textos introdutórios e aqueles dos Capítulos um, dois e três estão construídos com a estrutura de um hipertexto onde o que está apresentado em síntese é expandido nos Apêndices A, B, C e D.

No Capítulo 1, apresento as viagens e o turismo como atividades que podem colaborar na construção de um comportamento sustentável. No Capítulo 2, sintetizo as idéias centrais sobre as experiências de vida na difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico. Esse capítulo apresenta os temas descritos, desenvolvidos e analisados com mais profundidade nos Apêndices C. Dessa forma:

Descrevo as viagens e os viajantes me apoiando na Filosofia, na Antropologia, na Cultura, na Mitologia, na História, na Literatura, nas experiências de viagem destacando elementos que contribuem à (trans)formação de si;

Abordo a reflexão crítica sobre a viagem e o turismo procurando descrever a elaboração de uma argumentação sobre a contradição existente entre a concepção das viagens e do turismo e a produção do saber turístico;

Estudo as viagens no que concerne à Investigação Científica e às Investigações de Si;

Apresento as viagens e o viajante por meio do estudo dos seus sonhos e desejos.

No Capítulo 3, apresento a formação de si, as formações e a educação enquanto contribuições à (trans)formação de si. Esse Capítulo sintetiza os temas descritos, desenvolvidos e analisados mais aprofundadamente nos Apêndices D.

Nesse sentido, traço uma trajetória que evidencia:

As ações de formar, experienciar, educar, e conhecer;

A religação dos conhecimentos para uma “*cabeça bem feita*” e o conhecimento de si;

As contribuições das viagens à (trans)formação de si considerando-as como um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento - uma auto-co-hétero-eco-formação;

O Ensino, a Pesquisa e a Extensão no campo das viagens e do turismo enfatizando a busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo;

A Pedagogia de Hegel, segundo Pleines, a Pedagogia de Ardoino e as Três Pedagogias de Barbier, delineando o caminho para uma Pedagogia Transdisciplinar e Transpessoal no campo das viagens e do turismo;

A formação de formadores, pesquisadores e profissionais no sentido de buscar um novo profissionalismo no campo das viagens, do turismo e do acolhimento.

O resultado da trajetória destaca que é possível compreender, com base na análise da literatura pertinente, a importância das EAFEV para a construção de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento por meio de uma reflexão sobre seus significados e contribuições à (trans)formação do sujeito-viajante, tendo como eixo integrador a “religação de conhecimentos” (Morin, 1999) e como horizonte a práxis pedagógica da formação / educação no campo das viagens e do turismo.

Assim, é necessário continuar a trajetória na busca do aprofundamento das bases para o delineamento e a apresentação de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento com uma abordagem multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal. Isto por que: a viagem é uma possibilidade de formação transdisciplinar e transpessoal; as viagens, o turismo e a educação são campos

multirreferenciais nas Ciências Sociais Aplicadas; as viagens possibilitam processos de formação pelas descobertas do outro, de outros espaços e de si mesmo.

## Capítulo 1

### As Viagens e o Turismo na construção de um comportamento sustentável

*A Era dos computadores nos deu novas expressões como “acessar”, “entrar em rede”, “fazer download”, e todas elas já estão sendo usadas fora do meio que as produziu. Assim tem sido, assim é e assim deverá ser na Era do Turismo.*

*(HUMPREYS, 1991)*

#### Atualidades: Mundo, Brasil, França

##### Mundo – Brasil

A análise dos dados apresentados pela Organização Mundial do Turismo<sup>14</sup> – OMT –, pelo Ministério encarregado do Turismo na França<sup>15</sup> (Ministério da Economia, das Finanças e do Emprego) e pelo Ministério do Turismo no Brasil<sup>16</sup>, evidencia um crescimento contínuo, entre 1975 e 2000, da atividade turística no mundo (4,4%) acima da média da economia mundial (3,5%).

Em 2006, as chegadas internacionais no mundo inteiro atingiram a marca de 842 milhões de turistas. Isto significa um incremento médio anual acima de 6% desde 1950. Assim, o mercado das viagens representou em torno de 30% do total das trocas internacionais de serviços comerciais, em 2004. Isto representa um dos seus maiores componentes. Mesmo tendo ocorrido uma flutuação nesta taxa nos

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www.unwto.org/index.php>>. Acesso em 30 set. 2007.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://www.tourisme.gouv.fr/fr/home.jsp>>. Acesso em: 30 set. 2007.

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www.turismo.gov.br/>>. Acesso em: 30 set. 2007.

primeiros anos do século XXI em função de variáveis incontroláveis, tais como conflitos, guerras, crises econômicas (AVENA, 2006b), de 1995 a 2005, a taxa média de crescimento mundial foi de 4,1%. No entanto, nos últimos anos, houve uma recuperação do fluxo internacional no mundo, registrando uma elevação de 5,2% entre 2004 e 2005 e de 4,5% entre 2005 e 2006. (PNT 2007-2010)

Um dado importante a ser salientado é que está em curso, e parece ser uma tendência, uma desconcentração dos fluxos internacionais de turistas, com a inclusão de novos destinos.

No que se refere à realidade nacional, um outro dado significativo é que enquanto as chegadas internacionais no mundo cresceram 56,5% entre 1995 e 2006, no Brasil esse percentual foi de 150 %. Segundo o PNT 2007-2010 (Plano Nacional de Turismo), esse é um indicador significativo das perspectivas de crescimento para destinos novos. Esse fato poderá contribuir para a criação de novos postos de trabalho e um desenvolvimento econômico sustentável e responsável. Nesse sentido, observo que isto somente poderá ocorrer de forma sustentada com um investimento massivo na educação geral, específica e especializada dos sujeitos.

Com a entrada de novos destinos na disputa pelas viagens e turismo no mundo, a concorrência será mais acirrada. Desse modo, somente a prática de uma gestão responsável deverá reproduzir impactos positivos no que se refere ao turismo interno, propiciando o desenvolvimento da atividade no mercado doméstico, com benefícios tanto pela via da produção e da oferta, quanto pela do consumo. O PNT ressalta que a partir das análises da OMT o volume do turismo interno é dez vezes maior que aquele internacional. No entanto, salienta que de acordo com a pesquisa sobre o mercado doméstico, esse índice é bem maior para o Brasil.

Os desembarques nacionais e internacionais no Brasil têm demonstrado um crescimento de 1995 a 2006. Os nacionais passaram de 16,8 a 46,3 milhões e os internacionais de 3,4 a 6,4 milhões. (PNT, 2007, p. 23-28)

Mesmo com esse incremento verificado, há desafios a serem superados para o desenvolvimento da atividade turística no País. Um desses é a qualificação profissional de uma maneira geral e da qualificação para o turismo em particular, como já apontado em pesquisa anterior (AVENA, 2002a; 2006a). Segundo o PNT existe um conjunto de instituições que atuam nestas áreas, mas constata que a sua atuação nem sempre se dá de forma integrada e articulada. Um outro ponto



ressaltado é que as análises diagnósticas são bastante frágeis no que se refere ao levantamento quantitativo e qualitativo das necessidades de qualificação profissional e empresarial para o turismo. O PNT levanta outra falha: a ausência de adoção de padrões mínimos estabelecidos pelas normas técnicas brasileiras, que incorporem a demanda de empresários e trabalhadores, adequando-se às políticas públicas voltadas ao desenvolvimento do turismo. Na análise apresentada, salienta-se que as ações de qualificação profissional ainda enfrentam entraves para alcançar a excelência no atendimento e na prestação de serviços, uma vez que a mão-de-obra empregada no turismo apresenta baixa escolaridade, baixa remuneração e alta rotatividade. (PNT, 2007, p.40)

Na visão desse plano, o turismo deve ser um forte indutor de inclusão social e, nesse sentido, propõe como metas o aumento das viagens domésticas, a criação de emprego e ocupação, a qualificação dos destinos turísticos e a geração de divisas. (p. 47)

Os macro programas, constituídos por um conjunto de programas, apresentados por esse plano organizam, por temas afins, as diversas atividades executivas da atuação ministerial e seus parceiros. Os programas se desdobram em diversas ações, que traduzem o seu detalhamento em projetos e atividades que propiciarão a realização das metas. (p. 56-79)

Ressalto, no Macro programa 2, as ações “Informação e estudos turísticos”, no Programa de Competitividade do Turismo Brasileiro, evidenciando a ênfase dada ao papel da academia como fator relevante para o sucesso desse programa, pois considera que, por meio da correta integração dos estudos teóricos e de mercado sobre competitividade e os resultados já existentes sobre a evolução da oferta turística brasileira, será possível propor novos indicadores condizentes com a realidade nacional.

Destaco, igualmente, o macro programa 7 que evidencia a qualificação dos equipamentos e serviços turísticos e, especificamente, o programa de qualificação profissional. Nesse programa, o PNT (2007, p. 76) salienta que se inclui o conjunto das ações relativas à qualificação dos diversos tipos de profissionais que integram a cadeia produtiva do turismo, bem como de ações voltadas à sensibilização da população local quanto à importância de sua participação para o sucesso e o desenvolvimento sustentável do turismo. Esse programa chama a atenção para o fato que a qualificação profissional deve ter como premissa o

atendimento à demanda quantitativa e qualitativa do mercado, relativamente aos setores, segmentos e destinos turísticos nas diversas regiões do País. Além disso, deve promover o desenvolvimento de metodologias e ferramentas pedagógicas apropriadas ao desenvolvimento de competências profissionais e à inserção profissional da população de baixa renda e dos jovens, bem como de cursos, oficinas e seminários adequados à demanda identificada.

Na visão desse plano, o programa de qualificação profissional para o turismo deve estimular a educação continuada e a formação profissional articulada com o Plano de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação, e com os programas de qualificação profissional do Ministério do Trabalho e Emprego. (p. 76)

Estas necessidades, e as intenções apontadas no PNT, refletem as linhas gerais que já foram evidenciadas em pesquisa anterior efetuada no período entre 2000 e 2002 e publicadas em 2006 (AVENA, 2006a). A pesquisa atual leva em consideração estas questões e tem como um dos objetivos subsidiar o delineamento, em futuro breve, de uma proposta pedagógica que reflita esses e outros anseios.

## **Mundo – França**

A evolução das atividades das viagens e do turismo na França desperta especial interesse e pode servir de parâmetro para diversas reflexões sobre a realidade brasileira. Nesse sentido, verifico que enquanto a construção da administração do turismo no Brasil é mais recente, na França ela iniciou-se em 1910 com a criação de um Escritório Nacional do Turismo e simultaneamente com a criação do Conselho Superior do Turismo. No período entre as duas guerras mundiais a França já despontava como o primeiro destino turístico no mundo. A França vem desenvolvendo em diversos âmbitos, públicos e privados, ações institucionais, de infra-estrutura, de qualificação de todos os setores desta atividade sócio-econômica. Um fato significativo é que entre 2000 e 2006 foi elaborado o Código do Turismo que reúne o conjunto das regras jurídicas aplicáveis ao setor do turismo. Esse código permitiu uma apresentação organizada e coerente do direito

do turismo<sup>17</sup>.

Diversos *dossiês* setoriais sobre o turismo estão disponíveis no site do Ministério do Turismo na França. Dentre eles, quatro têm particular interesse nesta análise: o primeiro se refere à formação para os empregos turísticos; o segundo concerne o peso econômico do turismo; o terceiro é relativo à política do turismo; e o quarto refere-se ao turismo sustentável. Os dados apresentados nesses documentos podem ser uma base de reflexão para o desenvolvimento das viagens e do turismo no Brasil. Em especial, no que concerne à formação e ao turismo sustentável e destaca a relação intrínseca entre eles na construção de um comportamento sustentável nas viagens e no turismo.

### **A formação e as profissões no setor do turismo na França**

O *dossiê* que sintetiza a formação e as profissões no setor do turismo evidencia o peso da qualificação profissional nesse País. Certamente essa é uma das razões fundamentais da contínua e crescente evolução do número de viajantes e turistas que chegam àquele país. A partir da definição internacional do turismo formulada pela OMT, a França distingue dois subconjuntos no centro dos cerca de trinta ramos profissionais identificados: aquele cuja atividade principal é ligada ao turismo; e aquele do qual uma parte é ligada ao turismo.

No que concerne ao campo do trabalho e da formação, esse Ministério tem um duplo papel: na criação, renovação e supressão das formações, dos diplomas, dos títulos e dos certificados; e na estratégia do emprego.

No que se refere à formação ao longo de toda a vida, esse Ministério têm um triplo papel, pois atua: na formação inicial; na formação contínua; e na formação em alternância.

O Ministério desenvolve igualmente outras ações que visam acompanhar e promover as medidas tomadas pelo Governo a favor do emprego. É nesse sentido que é interessante verificar o peso econômico das viagens e do turismo e a política desenvolvida naquele País.

Os dados disponíveis são diversos. Saliento, sobretudo, que em 2005 a França: comercializou 1,509 bilhão de pernoites; recebeu 76 milhões de turistas

---

<sup>17</sup> Disponível em <<http://www.tourisme.gouv.fr/fr/home.jsp>>. Acesso em: 30 set. 2007.

estrangeiros, ou seja, o primeiro País receptor no mundo; apresentou um conjunto de 17,6 milhões de leitos turísticos em 31 de dezembro de 2005. Entre 2004 e 2005 o turismo foi a atividade na balança dos bens e serviços que apresentou o excedente mais elevado. Mesmo sendo o País que recebe o maior número de turistas por ano, a França posiciona-se em terceiro lugar em relação às receitas do turismo internacional. Em primeiro estão os Estados Unidos, em segundo a Espanha e em quarto está a Itália.

No que concerne à evolução do turismo no PIB francês, de 2000 a 2005, o percentual de participação oscilou entre 6,8% em 2000 e 6,4% em 2005.

No que se refere à Política do Turismo, essa atividade é um dos setores mais importantes da economia francesa. Ele representa em média 6,3% do PIB e gera cerca de dois milhões de empregos diretos e indiretos subdivididos em duzentas mil empresas, essencialmente pequenas e médias.

Diversos elementos estão em jogo em um contexto internacional globalizado de concorrência. Por esse motivo, o turismo francês deve enfrentar novos desafios. Assim, nesse cenário globalizado com conseqüências numerosas e incertas no meio-ambiente, na economia, na cultura e na sociedade, o Estado é percebido como o garantidor de um desenvolvimento turístico controlado, coerente e sustentável. Nesse sentido está presente nas reflexões desta Tese a necessidade de se atingir o desenvolvimento de um Turismo Sustentável.

## **O desenvolvimento sustentável e o turismo sustentável**

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD – da Organização das Nações Unidas – ONU – a partir do Relatório Brundtland, elaborado pela primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, e apresentado em 1987, propõe o conceito de Desenvolvimento Sustentável como aquele que “satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”<sup>18</sup>. Assim, o Desenvolvimento Sustentável busca o equilíbrio entre proteção ambiental e desenvolvimento econômico. Além disso, se constrói sobre “três pilares interdependentes e mutuamente sustentadores” — desenvolvimento econômico, desenvolvimento social

---

<sup>18</sup> Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio\\_Brundtland](http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland) >. Acesso em: 29 nov. 2007.

e proteção ambiental. Nesse sentido, o Projeto de Implementação Internacional – PII – apresenta quatro elementos principais do Desenvolvimento Sustentável: a sociedade, o ambiente, a economia e a cultura. Nesse contexto, no que se refere à sociedade, esta deve contribuir com a compreensão das instituições sociais e seu papel na transformação e no desenvolvimento; no que diz respeito ao ambiente, esse deve possibilitar a conscientização da fragilidade do ambiente físico e os efeitos sobre a atividade humana e as suas decisões; no que concerne à economia, esta deve promover a sensibilidade aos limites e ao potencial do crescimento econômico e seu impacto na sociedade e no ambiente, com o comprometimento de reavaliar os níveis de consumo pessoais e da sociedade; e, no que se relaciona com a cultura, esta deve considerar os valores, a diversidade, o conhecimento, as línguas e as visões de mundo.<sup>19</sup>

Além do mais, “todas as formas de relação do ser humano com a natureza devem ocorrer com o menor dano possível ao ambiente”. Nesse cenário, “as políticas, os sistemas de produção, a transformação, o comércio, os serviços – agricultura, indústria, turismo, mineração – e o consumo têm de existir preservando a biodiversidade”.<sup>20</sup>

A partir dessa contextualização, na visão específica da política das viagens e do turismo na França, a universalidade das aspirações humanas pela viagem e pela descoberta é um dos motores da globalização e os viajantes e os turistas são cada vez mais exigentes no que concerne à qualidade do local de férias e de acolhimento. Eles são igualmente muito sensíveis aos valores e às identidades culturais de seus destinos.

Por esse motivo, é necessário conciliar o desenvolvimento econômico, social e cultural, preservando os recursos para as gerações futuras, para que a França faça frutificar sua excelência em matéria de turismo e tire o melhor partido de seu lugar de primeiro destino turístico no mundo. Esse pode ser, igualmente, um parâmetro para outros países.

Assim, é necessário pensar sobre a forma de conciliar o progresso econômico e social sem colocar em perigo o equilíbrio natural do planeta. Dessa forma, a partir da definição de desenvolvimento sustentável do turismo da OMT

---

<sup>19</sup> Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento\\_sustent%C3%A1vel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_sustent%C3%A1vel) >. Acesso em: 29 nov. 2007.

<sup>20</sup> Disponível em: < [http://www.unb.br/temas/desenvolvimento\\_sust/o\\_que\\_e.php](http://www.unb.br/temas/desenvolvimento_sust/o_que_e.php) >. Acesso em: 29 nov. 2007.

(2004), os princípios centrais do desenvolvimento sustentável e as práticas de gestão sustentável do turismo são aplicáveis a todas as formas de viagens e turismo, em todos os tipos de destinos. É importante ressaltar que os princípios de sustentabilidade concernem os aspectos do meio-ambiente, econômicos e socioculturais do desenvolvimento do turismo. Por esse motivo, o turismo sustentável deve: explorar de modo otimizado os recursos do meio-ambiente; respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades de acolhimento; e assegurar uma atividade econômica viável no longo prazo.<sup>21</sup>

As reflexões em torno do turismo sustentável nasceram a partir da Rio 92 que discutiu sobre o desenvolvimento sustentável. Na França, diversos organismos desenvolveram reflexões sobre a maneira de enunciar a *agenda 21* do Rio.

Desse modo, como primeiro destino turístico no mundo com 76 milhões de visitantes em 2005, a França assumiu o desafio do desenvolvimento sustentável no turismo. Das diversas ações temáticas em curso, destacam-se: a convenção nacional “Turismo Ético” e “Agir por um turismo responsável”. Estas temáticas estão diretamente ligadas ao Código Mundial de Ética para o Turismo – CMET – elaborado pela Organização Mundial do Turismo – OMT.<sup>22</sup>

### **O código mundial de ética para o turismo – CMET**

Esse código é um conjunto de princípios tendo como objetivo propor orientações gerais aos responsáveis pelo desenvolvimento do turismo (Governos, poderes públicos locais, comunidades locais, setor do turismo e seus profissionais, visitantes internacionais ou domésticos). Segundo Francesco Frangialli, Secretário Geral da OMT,

o Código Mundial de Ética para o Turismo constitui um quadro de referência para o desenvolvimento racional e sustentável do turismo mundial no alvorecer do terceiro milênio. Ele inspira-se de numerosos códigos profissionais e de declarações análogas que o precederam e acrescenta novas idéias que refletem nossa sociedade em mutação do fim do século XX. (Anexo A, p. 131-138)<sup>23</sup>

A partir desse código, a OMT produziu uma brochura para ser distribuída a todos os turistas e viajantes na qual se ressalta a sua responsabilidade. Essa brochura intitula-se “O Turista e o Viajante Responsáveis” e é considerada como um

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.unwto.org/index.php>>. Acesso em 30 set. 2007.

<sup>22</sup> Disponível em <<http://www.tourisme.gouv.fr/fr/home.jsp>>. Acesso em: 30 set. 2007.

<sup>23</sup> Disponível em <<http://www.unwto.org/index.php>>. Acesso em 30 set. 2007.

guia prático para ajudar a tornar a viagem uma experiência enriquecedora. O texto sintético enfatiza que “o turismo e as viagens devem ser concebidos e praticados como um meio de expansão pessoal e coletivo”. Nesse sentido, incita o viajante e o turista a ter uma “abertura de espírito”, pois salienta que “esta atividade é insubstituível para se formar, aprender a tolerância mútua e descobrir as diferenças legítimas entre os povos e entre as culturas e sua diversidade”. Explicita, ainda, que “no campo do turismo e das viagens, cada um tem o seu papel como ator responsável”. Salienta que “os poderes públicos, os profissionais e as comunidades devem fazer o que está ao seu alcance”, mas ressalta que no papel de turista ou viajante, cada um pode assumir suas responsabilidades de múltiplas formas. O que importa é que as ações de mudança de comportamento aconteçam. Nesse sentido, são sugeridas oito formas de comportamento que podem ser incorporadas pelos turistas e viajantes: 1) abrir o espírito às outras culturas e às outras tradições; 2) respeitar os direitos do homem; 3) ajudar a preservar o meio-ambiente; 4) respeitar os recursos culturais; 5) considerar que a viagem pode contribuir para o desenvolvimento econômico e social; 6) antes de partir, se informar sobre a situação sanitária atual do destino e sobre o acesso aos serviços de urgência e aos serviços consulares; 7) se informar o melhor possível sobre o destino turístico e se dar tempo para compreender os costumes, regras e tradições; 8) se informar sobre a legislação para não cometer nenhum ato de delito ou criminal ou assim qualificado pela Lei do País visitado. (Anexo B)

Estas oito formas de comportamento fundamentadas no Código Mundial de Ética para o Turismo podem ser evidenciadas como elementos componentes de uma reflexão sobre um Comportamento Sustentável nas Viagens e no Turismo, especificamente, e um Comportamento Sustentável de uma forma mais geral e ampla.

### **O comportamento sustentável: condição essencial para um turismo sustentável**

As viagens e o turismo são atividades eminentemente humanas e o ser humano é o seu ator principal. Dessa forma, são as atitudes e comportamentos aprendidos, assumidos e colocados em prática por esses sujeitos que vão, efetivamente, alterar (ou não) o Mundo e suas relações trans- e interpessoais.

Será visto nos Capítulos seguintes, e aprofundados nos respectivos apêndices, o processo longo e evolutivo das viagens e da atividade turística e as diferentes formas de inserção dos sujeitos nos diversos contextos.

É notório e de conhecimento de senso comum que é premente uma mudança de comportamento para que a vida continue a existir sobre a face do Planeta Terra. Desde o encontro mundial da Eco 92, diversas discussões e reflexões têm sido feitas com o objetivo de serem encontradas formas de ao menos estabilizar, ou se possível reverter, a grave situação de degradação em diversos campos e níveis da sociedade mundial.

No entanto, isto somente será possível, a partir da alteração de atitude e de comportamento dos sujeitos. Somente assim pode-se pensar em atingir um desenvolvimento efetivamente sustentável da comunidade mundial, pois isto está diretamente relacionado com o aprendizado e o aprimoramento de um comportamento sustentável de seus atores.

É nesse sentido que vem sendo pensado o Comportamento Sustentável no Brasil. Baseado em diversas pesquisas de intervenção na área acadêmica, comunitária, profissional e de meio ambiente, o professor Paulo Bocchetti, concebeu uma metodologia que nomeou de *Metodologia Foto-Vivência* que é base para as reflexões sobre o Comportamento Sustentável.

Esse projeto surge em 1986 a partir de uma reclamação do setor produtivo do Rio de Janeiro no tocante à falta de criatividade para solução de problemas e à tomada de decisões de estudantes do ensino profissionalizante, tanto em nível médio como em nível superior, o que ensejou uma pesquisa de intervenção que redundou na criação do Projeto Foto-Vivência em 1991. (IFV, 2007)

Esse projeto consistia em estudos e práticas vivenciais relacionados ao comportamento do ser humano na comunidade, no trabalho, na escola e no meio ambiente visando ao aprimoramento do indivíduo em suas relações intra e interpessoal e à ampliação da sua capacidade de Pensar, Sentir, Decidir e Agir, por meio da exploração da imaginação criadora, do reconhecimento de limites e do relacionamento humano. Sua incumbência metodológica era aprimorar o indivíduo em sua transformação para uma vida mais harmônica e de satisfação, para uma interação com o outro e o meio ambiente e melhorar seu desempenho em suas atividades. O desenvolvimento era sempre vivencial e as técnicas utilizadas eram aplicadas a partir da Experiência de Sujeito e a Quebra de Dualidades. (IFV, 2007)



Após mais de quinze anos de atividades, atendendo a mais de 1800 pessoas em treinamentos, *workshops*, cursos e programas, sempre dentro da área comportamental humana, os condutores do Projeto Foto-Vivência, seus integrantes e multiplicadores resolveram fundar e implantar o Instituto Foto-Vivência, garantindo a mesma linha do Projeto Foto-Vivência, mas ampliando suas ações, de modo a contribuir com a sociedade civil em seus objetivos sociais nessa linha de atividades, garantindo as finalidades da promoção humana e, sobretudo, do comportamento sustentável. (IFV, 2007)

Desse modo, considerando primeiramente a visão empresarial, Bocchetti (2007) ressalta que “o desempenho econômico de uma sociedade depende fundamentalmente dos atores dessa sociedade e da visão das organizações que empregam esses mesmos atores”. Nesse sentido, “se o modelo de desempenho econômico dessa sociedade vai bem, pode-se pressupor que essas organizações estão atentas ao desenvolvimento social e se antecipando às novas tendências de **Comportamento**, de **Economia** e de **Mercado**”.

Nesse contexto, Bocchetti (2007) considera que é necessário que “as organizações estejam sempre prontas para uma **Mudança de Paradigmas**; prontas para o exercício de **Novas Tendências** e prontas para o **Empreendimento das Novas Chamadas**, tanto econômicas quanto sociais” (p. 1). Nesse processo, é necessário perceber que “o desempenho econômico de uma sociedade, a tecnologia auto-reguladora e as organizações que empregam os atores do atual mercado formam um **tripé indissociável**” (p. 1).

Na reflexão desse professor,

a formação de novos atores para o setor produtivo e a adaptação daqueles em exercício profissional, na visão moderna, onde o sentido **policelular inteligente substitui a tradicional forma piramidal hierárquica**, é o reconhecimento que **Negócio, Comportamento e Decisão** não andam em separado. (p. 2)

Enfatiza, igualmente, salientando a visão acadêmica, que as mudanças geradoras de desenvolvimento social “aparecem na escola, no homem, na família, na tecnologia, etc., mas, em todas elas está presente a **Relação**, onde o homem é sempre partícipe” (p. 2). Nesse sentido, considera que “não poderá haver nunca o rompimento das relações do homem com os sistemas e nem mesmo com o humanismo” (p. 2). Por esse motivo, ressalta que “na escola, na academia, nos

centros de treinamento e de educação, a relação se faz presente como reguladora do não rompimento”. Portanto, enfatiza que “aprimorar as relações na vida acadêmica é garantir a harmonia e o equilíbrio da sociedade, é garantir” a perpetuidade do humanismo (p. 2).

Além da visão empresarial e da visão acadêmica, Bocchetti (2007) distingue a visão comunitária, pois considera que é necessário existir “**respeito** do homem consigo mesmo, do homem com o próximo, do homem com a sociedade que o cerca e, fundamentalmente, do homem com o meio ambiente” (p. 3). Ademais, salienta que “se houvesse esse **respeito**, as transformações do mundo atual seriam menos dolorosas, de modo que a sociedade se envolveria, naturalmente, nas profundas transformações ambientais, econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas” (p. 3). Além do mais, enfatiza que a palavra respeito “traz o valor mais importante na relação social” (p. 3). Na sua visão,

***Respeito** ao homem, ao meio ambiente e à vida, começa na compreensão entre os que desenvolvem e os que se utilizam da tecnologia. Mas esse **respeito** precisa ser ensinado nas escolas, nas comunidades e em todos os centros sociais e, nesse aspecto, também não podemos ser ingênuos e distraídos em achar que isso acontece de imediato: o ser humano tem necessidade de tempo para absorver e processar as alterações externas ou internas às quais é submetido pelos aspectos psicoemocionais e fisiológicos. (BOCCHETTI, 2007, p. 3)*

Assim, enfatiza que a necessidade de ser desenvolvida “uma maneira estratégica de interagir pessoas e grupos, para pensar, sentir, decidir e agir, com o referencial do **respeito**, é potencializar o patrimônio cultural e social das diversas comunidades de **um novo tempo**”. (p. 3)

Na visão de Bocchetti (2007, p. 4) esse “novo tempo” demanda um Comportamento Sustentável. Para esse professor, “o **Comportamento Sustentável** é, hoje, uma palavra de ordem, especialmente em um mundo onde a globalização é um fato econômico, político e cultural irreversível, e a proteção do meio ambiente, uma variável decisiva desse processo” (p. 4). Dessa forma, destaca que

o **Comportamento Sustentável** exige grandes transformações do sistema produtivo, tendo em vista que os atuais padrões de produção e consumo são os reais responsáveis por uma série de problemas ambientais e pela marginalização social, onde a grande maioria da população mundial continua excluída dos bens e serviços essenciais à melhoria da qualidade de vida. (p. 4)

Assim, “esse novo modelo de desenvolvimento, não se constrói e se desenvolve sem participação democrática e representação civil da sociedade”. (p. 4) Nesse sentido, “tanto o governo, como o setor produtivo e a sociedade civil organizada são os responsáveis diretos pelo planejamento e a consolidação de ações que viabilizem a melhoria da qualidade de vida de toda a população sem, contudo, destruir o meio ambiente”. (p. 4)

Desse modo, tendo como palavra-chave o respeito, foi criado o Instituto Foto-Vivência que tem como princípios fundamentais: o **Homem**, onde sua melhoria pessoal privilegie os seus centros encobertos de sentimento, ação e responsabilidade; a **Sociedade**, onde a solidariedade e o respeito às diferenças sejam a sua base de sustentação; os **Processos**, onde a preocupação humanística e das relações interpessoais seja uma constante; onde o reconhecimento pleno das potencialidades do Homem parta dele mesmo e, onde a necessidade de torná-lo integral e consciente dos movimentos à sua volta seja um novo paradigma.

Assim, na construção do Comportamento Sustentável, é necessário considerar o “*Respeito do homem consigo mesmo, do homem com o próximo e deste com a Sociedade que o cerca e, fundamentalmente, do homem com o meio ambiente, ou seja, com tudo ao seu redor*”. (p. 4)

A partir da análise do Código Mundial de Ética para o Turismo, da reflexão de que a construção de um Comportamento Sustentável pode ser uma das estratégias para a efetiva realização de um Desenvolvimento Sustentável, evidencio a premente necessidade de se construir um Comportamento Sustentável nas Viagens e no Turismo. Esse novo comportamento somente poderá surgir por meio da educação e da formação de todos, deve ser promovido por todas as instâncias da sociedade, especialmente pelas instituições responsáveis pela formação, educação e instrução dos cidadãos.

Nesse sentido, destaco a necessidade de reflexão sobre uma educação para as viagens e o turismo, talvez sintetizada pela expressão Educação em Turismo, ancorada em uma Pedagogia das Viagens, do Turismo e do Acolhimento cujo itinerário será esboçado ao longo deste estudo.



## Capítulo 2

### **Experiências de vida na difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico**

A viagem não é nada sem sua experiência, sem arriscar, o que significa pegar a estrada e o mar contra ventos e marés.

(MICHEL, 2000, p. 53)

Neste Capítulo abordo, identifico, investigo e estudo algumas das EAFEV. Mas que relação existe entre essas experiências, as viagens, o turismo, a economia e a formação pessoal e a educação profissional? A questão não é assim tão simples como pode parecer: em que sentido a compreensão tanto dos significados e contribuições das viagens à formação do sujeito, quanto da atividade turística, e como funcionam, nos ajudam a pensar mais detidamente sobre a formação pessoal e profissional nesses campos?

As viagens são formas de conhecer melhor o mundo, o outro e outros lugares. O turismo, por outro lado, é considerado uma atividade econômica que não se preocupa verdadeiramente com os aspectos formativos que se encontram nas viagens. Ao contrário, dá ênfase maior às relações de mercado, classificando o sujeito-turista (o cliente) como um simples produto a ser comercializado. Mas, na minha concepção pode-se e deve-se fazer viagens, incluindo-se as viagens turísticas, com uma abordagem humanista e cultural. Ao longo do itinerário elaborado e realizado, explícito a importância de estudar essa mobilidade no espaço e no tempo e de aprofundar as pesquisas e estudos, especificamente, no campo das viagens e do turismo. Por meio da identificação e da descrição, utilizando as diversas visões dos autores convidados a participar desse itinerário de viagem,

evidencio a existência de um debate mais profundo e mais imediato sobre o valor individual, singular, particular e universal das viagens para os sujeitos-viajantes. Apresento, igualmente, uma contradição presente entre a concepção sobre as viagens e aquela sobre o turismo. Destaco que é exatamente em nome dessa própria contradição, que é necessário modificar a abordagem atual feita no, e por meio do turismo, como procuro apontar ao longo deste e do próximo capítulo.

Na descrição da produção selecionada, levo em conta algumas dimensões: inicialmente, as viagens como atividades humanas que possibilitam o encontro entre sujeitos e culturas e a presença da mitologia na certidão de nascimento das viagens; o conhecimento do mundo e a difusão do conhecimento sobre o mundo pelas viagens e as motivações e modificações identificadas em autores da literatura mundial; interrogações sobre alguns aspectos do turista, do turismo e do viajante; a investigação científica e as investigações de si por meio das viagens ao longo do tempo; e, por fim, o viajante, com seus sonhos e desejos, como elemento principal no processo complexo da viagem.

### **Filosofia, antropologia, cultura, mitologia, história**

Estudando as viagens por meio de uma abordagem filosófica, antropológica, cultural, mitológica e histórica, busco identificar e descrever aspectos que evidenciam a sua importância e significado.

Na pausa feita na fonte da Filosofia, procuro desenvolver os aspectos singulares, particulares e universais presentes nas viagens. Nesse sentido, verifico que a viagem, projetada e efetuada por cada viajante, tem um caráter singular, mas que as agências de viagem, em virtude da especificidade de ser um *business*, têm, de uma forma geral, necessidade de universalizar os seus produtos, levando à sua “coisificação” e a sua transformação em um produto da “indústria turística” (ARDOINO, 2006; URBAIN, 1991).

Mediante as reflexões sobre os aspectos singulares, particulares e universais das viagens e do turismo evidencio que somente o viajante pode tornar a sua viagem uma atividade singular e que as agências de viagens e os profissionais da viagem têm o papel de auxiliá-lo na preparação, na realização e na avaliação de todo esse processo (ARDOINO, 2006).

Na pausa efetuada na fonte da Antropologia, evidencio que a viagem tem

evoluído e se encontra em um processo de mutação constante, passando “da viagem para aprender à viagem para se cuidar, da viagem temporal elitista e individual à aventura material democrática e organizada” (MICHEL, 2000, p. 97-98). Portanto, “a arte e a maneira de viajar” evoluem “ao sabor das condições sócio-econômicas que condicionam os avanços” das sociedades. Nesse processo, o ser humano se insere em um contexto de consumo exacerbado, no qual não cessa de produzir e que, assim, tem que escolher entre consumir a cultura ou os lazeres, dentre os quais figuram a viagem e o turismo.

Na pausa efetuada na fonte da Cultura, evidencio que nas viagens o sujeito passa da sua cultura de origem para uma cultura turística, processo pelo qual tem acesso parcialmente à cultura do outro, à cultura original da sociedade que foi colocada na cena turística. Assim, se assiste a um choque entre três culturas diferentes: a do viajante, aquela do visitado e aquela da “turistificação” das duas culturas. Dessa forma, ressalto a necessidade de se compreender o que vem a ser a cultura de uma forma ampla e a importância de se refletir nas formações sobre o seu papel nas viagens e no turismo (LARAIA, 2006; GEERTZ, 1973; MICHEL, 2000).

No que concerne a pausa feita nas fontes da Mitologia e da História, por meio do estudo dos Mitos de Hermes e de Ulisses, saliento a importância desses mitos fundadores para uma reflexão mais profunda do papel das viagens na vida de todo ser humano e o que os move efetivamente a uma busca incessante do outro e de si mesmo, evidenciando a presença da mitologia nos primeiros registros da história (LACARRIÈRE, 1998).

Na antiguidade, Hermes, o Deus nômade e errante, e Ulisses, o homem grego das mil astúcias, perspicaz, bom conselheiro e bravo guerreiro, são as figuras míticas que abrem os caminhos aos grandes viajantes de todas as épocas, os que se deslocaram no espaço, Alexandre o Grande, Marco Pólo, dentre outros ou aqueles que produziram narrativas de viagem e enriqueceram a experiência de seus leitores. Da sabedoria popular, que afirma que a viagem forma a juventude, a Montaigne, para quem a viagem permite “esfregar e limar o seu cérebro contra o do outro”, até Franck Michel ao enunciar que “a viagem é a oportunidade tão esperada de se preparar para o inesperado, de dar-lhe um lugar de escolha se aventuras se encontrarem no nosso caminho” (MICHEL, 2000), verifica-se o valor formador da viagem na descoberta do outro e na descoberta de si – o outro, outros espaços como reveladores de si.

Desde a Antiguidade Clássica, a referência e a memória sobre as viagens são muito marcantes e importantes no conhecimento do Mundo. O que verifico ao longo das pesquisas e leituras é a grande necessidade de se realizarem viagens tanto com o objetivo de se conhecerem novos espaços por mares e terras, quanto entrar em contato com outras culturas, hábitos e costumes dos povos encontrados (SCHURÉ, 2003; LACARRIÈRE, 1998; HARTOG, 1996).

Nesse estudo sobre a Mitologia e a História, ressalto os aspectos considerados mais relevantes para o campo das viagens e do turismo com o intuito de promover uma reflexão inicial tanto dos professores e estudantes desse campo quanto dos sujeitos da viagem em si, os viajantes.

Nesse sentido, considerando que na base dos conhecimentos históricos encontram-se os conhecimentos da mitologia, ressalto elementos gerais sobre os mitos, especificamente ao mito de Hermes e ao protagonista da Odisséia<sup>24</sup>, Ulisses, para se chegar à própria constituição da História. Segundo Hartog (1999, p. 23) na Grécia “tudo começa com a epopéia” que marcou profundamente a cultura grega e da qual a História surgiu e se separou.<sup>25</sup>

### **Conhecimento do mundo, difusão do conhecimento sobre o mundo**

Quando trabalho as viagens salientando o conhecimento do Mundo e a difusão do conhecimento sobre o Mundo, por meio da História e da Literatura busco, desde os tempos mais remotos, os registros que documentam o significado e a importância das viagens para as novas descobertas e a conseqüente difusão dos novos conhecimentos sobre o Mundo, no Mundo. Isso porque considero necessário compreender essa trajetória das viagens verificando o seu papel educativo na constituição das civilizações ao longo da evolução dos povos, tanto na literatura científica e de divulgação quanto naquela de ficção.

Assim, ressalto, sobretudo, os registros históricos a partir dos relatos de Heródoto<sup>26</sup> e, igualmente, as narrativas literárias que ilustram as motivações e modificações que ocorrem nos sujeitos. Desse modo, por meio dos registros

---

<sup>24</sup> Obra iniciadora da literatura grega e que expressa com força e beleza a grandiosidade da remota civilização grega.

<sup>25</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice C 1, p. 201-226.

<sup>26</sup> Historiador grego, continuador de Hecateu de Mileto, nascido no século V a.C. em Halicamasso (hoje Bodrum, na Turquia). Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3doto> >. Acesso em: nov. 2008.



históricos, um longo elenco de evidências do significado das viagens e das suas contribuições à (trans)formação de si emergem. Assim, considero que as viagens são elementos muito importantes na formação e alteração dos sujeitos. Estes, após experienciar verdadeiramente uma viagem, no seu retorno, não serão mais os mesmo, transformaram-se, alteram-se. Aqueles que recebem os viajantes e os turistas – guias, recepcionistas, habitantes locais, dentre outros – também se modificam de alguma forma, pois eles precisam compreender e muitas vezes se adaptar aos gostos, vontades e necessidades dos viajantes.

Na pausa realizada na fonte da História, no estudo das viagens no período do Iluminismo, ressalto os diferentes tipos de mobilidade e a relevância das viagens, tendo como exemplo marcante desse período o *Grand Tour* realizado inicialmente pelos britânicos (LACARRIÈRE, 2003, 2004).

Evidencio que a questão de base presente na grande maioria dos estudos e suas análises é a mesma: Para que servem efetivamente as viagens? As viagens têm alguma relevância?

Em muitos desses estudos está presente a reflexão e análise sobre a importância das viagens na formação dos sujeitos que circulam pelo Mundo. Daniel Roche (2003b), professor de História Moderna, com foco nessas questões, desenvolveu e aprofundou pesquisas ao longo de sua vida pessoal e acadêmica que resultaram na publicação da obra *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*<sup>27</sup>, dedicada à mobilidade dos sujeitos na Europa dos séculos XVII e XVIII, mas fazendo igualmente alusão a períodos anteriores e posteriores, inclusive tecendo reflexões atuais sobre as viagens e o turismo.

Nessa obra, esse historiador da cultura das aparências tece ao longo do tempo e do espaço uma Europa da mobilidade na qual aparecem as figuras emblemáticas do estrangeiro, do viajante e do aventureiro. O seu interesse pela mobilidade nos séculos do Iluminismo surge com o intuito de elaborar uma história da mobilidade em séculos percebidos no início do século XXI, na sua visão, como aqueles da imobilidade, visto que hoje em dia pode-se deslocar para todo lugar, quando se quer e muito rapidamente. Mas esse pesquisador ressalta que essa visão é a ocidental, pois dois terços dos viajantes atuais são originários de países desenvolvidos, com a Europa e os EUA na liderança, que têm os meios para pagar

---

<sup>27</sup> Humores vagabundos: da circulação dos homens e da utilidade das viagens. (NT)

essa mobilidade que é aparentemente de todos. Nesse estudo, a questão central que norteia esse historiador é como entre a sociedade tradicional e o mundo moderno adquirem-se formas de mobilidade sem fronteiras e sem obstáculos (ROCHE, 2003b).

Ao longo da leitura das obras de ficção literária, noto que os personagens principais, ao saírem em viagem, partem com uma motivação e que ao retornarem para casa e finalizarem suas viagens, trazem as experiências (boas ou não) adquiridas nas viagens, que podem ficar eternamente em suas mentes ou mudar suas vidas. Mas essa alteração poderá ocorrer no indivíduo somente se este se deixar influenciar pelo meio no qual esteve inserido durante o tempo de viagem. Nesse sentido, seguindo os passos dos autores e personagens, procuro ressaltar o papel do elemento motivador e modificador das viagens. (CERVANTES, 2005; VERNE, 1996; VERÍSSIMO, 1947)

Saliento, igualmente, que os personagens principais dessas obras literárias possuem espírito aventureiro e mesmo sendo por motivos diferentes, eles se lançaram ao mundo, viajando a procura de aventuras.

Na fonte da Literatura, nos romances e obras estudados, procuro evidenciar que os personagens analisados ilustram e permitem reforçar as experiências de aprendizagem, de formação e de educação identificados nas pausas anteriormente feitas. Assim, nas fontes da história e da literatura identifico o caráter instrutivo, o significado e as contribuições das viagens na (trans)formação dos sujeitos.<sup>28</sup>

### **Viajante – turista – turismo**

No estudo das viagens por meio da descrição de alguns aspectos do viajante, do turista e do turismo, busco informações relevantes e uma discussão sobre a relação turista x viajante, pois há uma relação significativa entre a “imagem” sócio-antropológica e as “buscas subjetivas” dos sujeitos. Além disso, considero importante salientar a necessidade de se aprofundarem reflexões sobre essa relação nas formações dos sujeitos. Assim, identifico que na evolução da atividade turística se evidencia o surgimento do turista considerado como um produto, uma

---

<sup>28</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice C 2, p. 227-264.

mercadoria, sendo “coisificado” pelas leis de mercado a partir da designação da atividade turística enquanto uma “indústria turística”. Isso levou a considerar, então, o turista como uma “matéria-prima” desta “indústria”. Passou-se, então, a pensar o turismo como uma relação puramente econômica deixando-se em plano secundário as relações humanas que, certamente, devem estar no foco principal das atenções dos profissionais. (BARBOSA, 2002; URBAIN, 1991)

É nesse contexto que surge e cresce uma representação errônea da figura tanto do turista quanto igualmente do viajante. A economia ignora quem seja o ser humano turístico. Ela considera somente o que concerne os fluxos financeiros da atividade turística. (URBAIN, 1991)

Por ser considerado um produto, uma mercadoria, um objeto, esse sujeito da “indústria turística” não tem alma, é coisificado. Por esse motivo, nessas representações de menosprezo, podem estar ancoradas as razões de uma subestimação cultural do turismo, que não é recente, como se poderia imaginar em uma análise superficial. (URBAIN, 1991)

O que verifico é que nas análises de narrativas de viagem surge o turista como o anti-herói, em oposição ao viajante, o herói, representando ambos a oposição de tipos essenciais presentes na história. (URBAIN, 1991)

Segundo esse autor emergem, assim, dessa relação dialética entre viajante e turista, oposições e mesmo incompatibilidades. O viajante censura a mudança das viagens em puras relações comerciais, provocando o surgimento de um pervertimento das tradições. Em síntese, critica o turista por banalizar o Mundo. Nesse processo, o viajante passa por uma crise de identidade, sentindo-se destruído, um herói frágil, que teme a invasão turística e a perda de seu *status*. Por esse motivo procura defender o seu território. Para o viajante a democratização das viagens é uma “liquidação profana” do Mundo. É nesse sentido que emerge a teoria do mau viajante, que perpetua a discriminação entre viajantes e turistas. (URBAIN, 1991)

O marco de início do fim do privilégio dos viajantes é o surgimento das viagens turísticas organizadas por Thomas Cook, mas é igualmente o marco do aprofundamento de uma crise identitária. Tanto o progresso dos equipamentos e serviços quanto, sobretudo, o próprio discurso publicitário, estes contribuíram sobremaneira no aprofundamento dessa crise. No entanto, é o surgimento de um “preconceito velado” que parece ser o mais significativo, pois é um preconceito

desfavorável em relação ao turismo que surge nas ciências sociais, contribuindo para a consolidação dos estereótipos. (URBAIN, 1991)

A evolução da atividade turística e a sua massificação incomodam a ordem estabelecida até o século XIX e o turista está no centro desse incômodo provocando uma onda de observações críticas. Eis, então, o nascimento da oposição entre viajante e turista. Quem seria, assim, o bom turista e o mau viajante? Mas, mesmo nessa relação dialética, é importante ressaltar que o viajante e o turista são “parentes”, pois o turista não traz em si somente valores negativos, a massificação das viagens. Traz a possibilidade da “multiplicação de olhares sobre o mundo”. (URBAIN, 1991)

Assim, o turismo pode ser considerado como a “generalização de um modo de conhecimento” e não como “a massificação degradante da viagem”. No entanto, além do menosprezo reinante em relação ao turista, existe igualmente um menosprezo do turista em relação a si mesmo, ou seja, um menosprezo considerado paradoxal. Nesse sentido, o que emerge é a assunção pelo turista do menosprezo que o viajante nutre por ele. Essa interiorização acaba provocando a dificuldade de assumir a sua própria identidade, acarretando, também, o “despedaçamento” interno. (URBAIN, 1991)

Aproveitando-se da identificação desse processo, a “promoção turística” se utiliza dessa crise identitária do turista, desse menosprezo, para elaborar um “argumento de sedução”. Portanto, reativa sem cessar sua “pulsão anti-turística”. No entanto, o viajante em si continua um “mito inabalável” mesmo considerando a sua fragilidade social, pois é “o personagem central de uma mitologia”, “a da divindade ilusória da viagem”. (URBAIN, 1991)

Nesse cenário, surge a questão: Ser ou não Ser turista?

O importante nesse questionamento é admitir que o antagonismo estará sempre presente nessas reflexões, pois o turismo, como todo fenômeno, é um processo complexo e crescente, tanto nos aspectos da sua infra-estrutura quanto no que se refere à “psicologia do viajante de lazer” e, igualmente, dos outros tipos de viajantes (viajantes de negócios, esporte, religião, saúde, etc.). Por esse motivo é necessário considerar o “antagonismo anti-turístico” “como uma dialética, fonte de inovações e de progresso”.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice C 3, 265-286.

## Investigação científica, investigações de si

Ao abordar as viagens ressaltando a sua importância para a Investigação Científica e, sobretudo, para as Investigações de Si, ressalto que as viagens vão mais além do que os valores contidos nas experiências individuais, singulares, do sujeito-viajante. No retorno à fonte da História, saliento que elas contribuíram tanto para a constituição metodológica das ciências sociais quanto para o aprofundamento das investigações de si, de cada sujeito-viajante. **Aqui se encontra uma das mais significativas contribuições das viagens.** [ROCHE; 2003a; GENLIS, 1800; PORTIEZ; 1795; BOUCHER DE LA RICHARDERIE, 1970 (1808)]

Esses estudos conduzem, inicialmente, por meio de uma “história de curiosidade” à percepção da evolução histórica da sistematização e organização das viagens de (re)conhecimento durante os séculos anteriores, especialmente dos séculos XVI ao XIX, que promoveram a constituição da metodologia das ciências sociais como a conhecemos em 2008, no século XXI. (STAGL, 1995)

Mas, além desse caráter científico, as viagens têm um papel considerável, talvez mesmo imprescindível, em aspectos mais sutis e profundos para cada ser humano. O comportamento dos sujeitos, mediante a confrontação com outros sujeitos, povos, culturas e lugares, pode ser colocado em questionamento e, assim, contribuir para uma (trans)formação de si, por meio de atitudes refletidas que permitam um comportamento sustentável.

Assim, mediante a passagem pelos estudos de alguns autores, procuro tornar saliente tanto as diversas evidências do significado das viagens quanto ressaltar as viagens enquanto possibilidades de *Investigações de Si*, salientando que os diferentes tipos e formas de experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos contribuem para a (trans)formação de si. Destaco que os diversos tipos de mobilidade e, especialmente as viagens, são modalidades de experiência que têm papel preponderante nesse processo. Nesse contexto, evidencio as reflexões de alguns autores que ressaltam o papel dos variados tipos de mobilidade e de viagens nos processos de autoconhecimento e de (trans)formação de si. (SCHELLE, 1802; GRALL, 1998)

Desse modo, fiz sobressair os estudos de Fernandez (2002) que realça a idéia de uma cultura da viagem que procura mais informar do que distrair, aproximando-se de uma *arte da viagem* que preconiza uma maneira de fazer e de

ser. Para esse autor, “a viagem anuncia o tempo de uma metamorfose de si” evidenciando que “o viajante é a testemunha, aquele que viveu 'lá', aquele que 'viu' o impensável e não pode ser mais aquele que era” (FERNANDEZ, 2002, p. 30). Além disso, constata que junto com a realização da viagem, novos conhecimentos emergem nos horizontes do viajante e surge, igualmente, uma “filiação a uma cultura da viagem”, uma “filiação a uma escola de vida” (p. 248), em que “a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico” (p. 255). Assim, a “cultura da viagem” atravessa oceanos e continentes, contando e difundindo “um imaginário migratório, um espírito engrandecido e uma maneira de ser” (p. 262). Portanto, no itinerário percorrido, se tornam salientes algumas das contribuições das viagens à (trans)formação de si.<sup>30</sup>

### **Viajantes, sonhos, desejos**

Em seguida, abordo as viagens considerando o viajante, seus sonhos, seus diversos desejos, e o desejo de uma estética do bem-estar. Ao estudar a figura do viajante, considerando especificamente os seus sonhos e desejos diversos, procuro evidenciar tanto a sua própria complexidade quanto aquela da viagem em si mesma. Esse é o pano de fundo em que o viajante se insere. Nesse sentido, ressalto alguns aspectos das necessidades e desejos do viajante que devem ser analisados pelos profissionais responsáveis pela elaboração, organização e realização das viagens e que devem estar presentes na formação dos sujeitos.

Para tal, saliento inicialmente os significados da palavra viajante com o objetivo de evidenciar a necessidade de se refletir sobre as definições e conceitos em vigor e sobre uma possível nova proposta. Em seguida, foco a descrição sobre os mitos, a realidade e o prazer para possibilitar a compreensão de princípios fundamentais: o Princípio de Realidade e o Princípio de Prazer.

Nesse contexto, utilizo os estudos de Nasio (1999, p. 14-30) para possibilitar o aprofundamento das questões estudadas por Freud com o intuito de refletir sobre a sua introdução na discussão do significado das viagens, suas contribuições às (trans)formações de si e na elaboração de uma pedagogia da viagem,

---

<sup>30</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice C 4, p. 287-312.

do turismo e do acolhimento.

Além dessa apresentação, destaco igualmente o papel da motivação, pois o indivíduo age em função das suas necessidades tanto no plano objetivo do real quanto naquele do desejo. (MASLOW, 1943, 2004; LANQUAR, 1994)

No que concerne os desejos, procurei dar especial destaque a alguns deles: o de uma estética do bem-estar; o do acolhimento; o desejo por outros espaços, outras pessoas, outras culturas (*désirs d'ailleurs*); o desejo de mobilidade espacial e temporal; e o desejo de alteridade, alteração e de transformação.

Assim, ao apontar esses diversos aspectos, o intuito é, além de subsidiar e colaborar na elaboração de uma proposta de conceito que abranja esses elementos ressaltados, destacar igualmente a importância do desenvolvimento desses aspectos nas formações dos sujeitos envolvidos direta e/ou indiretamente no campo das atividades das viagens e do turismo.

O processo de transformação, creio ser possível acontecer por meio de uma abordagem que abranja conhecimentos acerca do princípio de prazer, do princípio de realidade, do(s) desejo(s) de si mesmo e do(s) outro(s), por outro(s) lugar(es) - *désirs d'ailleurs* - da motivação, da estética do bem-estar, do acolhimento e do acompanhamento, do espaço e do tempo contidos no deslocamento, algumas das EAFEV.<sup>31</sup>

Educar para transformar é o que parece óbvio, naturalmente, pela construção de consciência crítica sobre a mentalidade vigente. Isto envolve no mínimo alterar o que se pensa e o como se pensa: Viagem e Turismo como atividade econômica, necessária e primordial; Viajante e Turista como *hospes*.

Uma das questões iniciais era identificar a relação existente entre as viagens, o turismo, a economia e a formação pessoal e educação profissional e, sobretudo, a (trans)formação de si por meio das viagens. Enfatizo que é necessário ter uma compreensão das viagens e da atividade turística, e como elas funcionam, para que isso possa ajudar a pensar mais detidamente sobre a formação pessoal e profissional nesses campos. Assim, trato, não de me apoiar sobre as EAFEV e a organização do turismo para pensar somente no Turismo Sustentável e nos seus ganhos econômico-financeiros, mas, apoiando-me sobre esses aspectos, pensar as viagens, o turismo e o acolhimento como atividades que, dentre outras, demandam

---

<sup>31</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice C 5, p. 313-330.

um comportamento sustentável e podem contribuir à (trans)formação pessoal do sujeito – à (trans)formação de si.

Essas diversas pausas permitiram a construção de uma reflexão sobre a multirreferencialidade das viagens e dos diversos elementos presentes em um possível conceito mais abrangente dessa atividade humana. Dessa forma, por meio de algumas características gerais do sujeito-viajante, efetuo um estudo dos elementos que o movem a viajar: a realidade, o prazer, o desejo por outros lugares e pelo outro, a motivação, etc., que devem fazer parte dos estudos no campo das viagens e do turismo.

Os resultados desse estudo são utilizados como fundamentos no capítulo seguinte que tem o intuito de estabelecer a relação entre os campos das viagens e do turismo e o da educação em busca de uma pedagogia inovadora: uma pedagogia específica, uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento com uma abordagem multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal.

Evidencio aqui a necessidade de se refletir sobre uma educação para as viagens e o turismo, sintetizada pela expressão “Educação em Turismo”, ancorada em uma Pedagogia das Viagens, do Turismo e do Acolhimento.



## CAPÍTULO 3

### **A formação de si, as formações e a educação: contribuições às (trans)formações de si**

*Le voyage donnera la connaissance des peuples*

(Sêneca. *Lettres à Lucilius*, XIX, 104)

Neste capítulo destaco as viagens como possibilidade de formação de si; de formação e educação; aponto alguns aspectos que se referem às mudanças necessárias nos “sistemas educativos”, dando relevo à necessidade de se desenvolverem estudos que considerem o sentido transpessoal da e na educação; evidencio a importância da experiência, da experiência de vida, da História de Vida. Em seguida, focalizo as viagens como uma possibilidade de religar os conhecimentos para uma “cabeça bem feita” e o conhecimento de si. Mais adiante, apresento uma reflexão sobre as viagens consideradas como um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento e suas contribuições à (trans)formação de si, ressaltando a característica de uma auto-co-hétero-eco-formação. Logo após, dou destaque às formações e à ciência social das viagens e do turismo, além de incluir a apresentação de uma evolução histórica das viagens e do turismo no Brasil e no Mundo. Em seguida, considero especialmente o percurso da pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três pedagogias de Barbier, passando pelos pensamentos de Ardoino para chegar à reflexão sobre a necessidade de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento que considere as abordagens multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal. Por fim, ponho em foco os atores desse processo de transformação: o formador, o educador, o professor e o pesquisador, além dos profissionais específicos desse campo.

Como ressalto ao longo deste estudo, a relação existente entre as

viagens, o turismo, a economia e a formação pessoal e educação profissional é complexa. Por esse motivo, enfatizo que a compreensão das viagens, da atividade turística e do acolhimento e como funcionam, pode ajudar a pensar mais detidamente sobre as formações pessoal e profissional nesse campo.

### **Formar, experienciar, educar, conhecer**

*A tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres aos quais não importa qual outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar em tudo e fazer tudo o que for necessário como um ato responsável a partir da sua consciência social.*

*(MATURANA e REZEPA, 2003, p. 12)*

As experiências adquiridas no campo (especialmente no que concerne às viagens), as experiências profissionais de uma existência, a educação ao longo de uma experiência profissional, são aspectos estudados ao longo desta tese. Tudo isso em uma perspectiva que considera tanto a formação inicial quanto a educação profissional contínua onde as experiências individuais particulares deveriam ser levadas em conta. Assim, esse estudo é elaborado em uma perspectiva de educação permanente, de educação ao longo da vida (*life long education*).

A argumentação proposta nessa investigação ressalta uma leitura complexa, multirreferencial em que os processos temporais, relacionais e intersubjetivos se entrecruzam, em que a apropriação e a maturação das reflexões consideram os aspectos afetivos no processo educativo do ser humano. Nesse sentido, Ardoino (2000, p. 109-117) considera que a elaboração de um saber ser (e tornar-se), a conquista da autonomia e “a capacidade de autorizar-se” vão religar o *homo sapiens* ao *homo faber*.

Segundo Ardoino (2000) e Morin (1999), o aprofundamento da relação do sujeito com o mundo e os outros que esses autores designam como “outro”, “outro lugar”, permitiria “uma vivência mais autônoma da condição humana” que somente será atingida pela “evolução profunda de nossas formas de pensamento”.

A partir do estudo da etimologia do termo educação, Ardoino (2000, p.

110) constata que a “educação ficará antes de tudo ligada ao jogo dos processos” e “sempre mais ou menos inscrita em uma temporalidade-duração-historicidade”.

Esse pensador da educação salienta que as atividades da formação e da educação fazem parte de um vasto campo de procedimentos e de instituições. Na sua visão crítica, ressalta que esses procedimentos e instituições ainda têm como visão principal a procura de “uma adaptação do maior número possível dos membros de uma sociedade (tanto os mais jovens quanto os mais velhos)” a seu “ambiente imediato” e seu desenvolvimento físico, intelectual, psicológico e moral. No entanto, considera que é um processo de transformação de saber que facilitará a entrada do ser humano na vida pessoal e social e a conquista de uma capacidade de se autorizar perante a sociedade e o mundo. Com isso, surge o exercício partilhado de uma cidadania relativamente autônoma obtida por sua capacidade crítica. (p. 110)

A educação tem uma função social, é um discurso e ela tem instrumentos, dispositivos, organizações, instituições, lugares que vão assegurar essa função social. E nesses lugares são encontrados sempre profissionais. Dessa forma, o processo educacional implica, assim, em um “sistema educativo” composto pela escola e a universidade que vão oferecer os ensinamentos disciplinares que são regulados por programas e organizados por currículos. Nesse sentido, ressalta que os sistemas educativos oscilam entre, por um lado, um saber universal, objetivo, científico e por outro, a experiência particular, as formas de conhecimento mais intersubjetivas. Nesse contexto, “à visão de transmissão de saber e de saber-fazer virá se juntar utilmente, assim, a consideração de uma evolução, de uma maturação da pessoa e do sujeito social. (p. 111)

Na sua perspectiva, a educação se interessa pelas concepções de mundo e pelos valores que o fundamentam. Ela tenta considerar os aspectos plurais e heterogêneos no contexto dessa preparação para a vida. (ARDOINO, 2000, p. 112-113)

Esse pesquisador da educação salienta que “somas consideráveis são [...] mobilizadas, nos orçamentos das nações, para uma atividade que se persiste em considerar” como subalterna. Nesse sentido, “a aprendizagem, a instrução, a formação e o ensino tornam-se, nessa ótica, termos mais tecnicamente especializados no centro de uma constelação semântica que manterá, apesar de tudo, entre eles laços de parentesco”. (p. 113)

No entanto, as diferentes práticas educativas, pedagógicas e didáticas que ela origina “consideram preferencialmente a arte ou as técnicas e serão, rigorosamente, o objeto de teorizações com uma preocupação de otimização profissional da ação (praxeologia)”. (p. 114)

Nesse contexto, quando abordo a relação educação – formação, busco ressaltar a compreensão da relação entre essas duas palavras e os sentidos intrínsecos que delas emanam. Nesse sentido, evidencio o pensamento de Ardoino (2000, p. 109-117) quando considera que a elaboração de um saber ser (e tornar-se), a conquista da autonomia e “a capacidade de autorizar-se” vão religar o *homo sapiens* ao *homo faber*. A partir dessa idéia, sugiro aqui a possibilidade da inclusão nessa relação de uma outra percepção do *homo viator*. Além disso, saliento que a formação dos sujeitos sociais, o desenvolvimento das pessoas estão inseridos em um jogo complexo de interações e de alterações constantes e ao longo de toda a vida.

Para identificar a relação formação – formação de si, revisito inicialmente o pensamento de Alain (1928, p. 137-138) quando expressa que “a consciência de si é a consciência de um tornar-se e de uma formação de si irreversível, irreparável”. Nesse sentido, aponto que é a partir da formação de si que o ser humano poderá atingir a consciência de si. Por esse motivo, considero a viagem como uma possibilidade de formação e, igualmente, de formação de si. Assim, a viagem poderia contribuir à consciência de si e a uma (trans)formação de si.

Ao estudar o contexto etimológico das palavras formar, formação, instruir, instrução, educar, educação e experiência, o objetivo é explicitar a relação entre elas e de estabelecer o contexto para o desenvolvimento dos temas abordados em que, por meio do estudo de outras palavras, se evidencia uma gramática da viagem, uma taxonomia da viagem e a viagem representando uma formação em quatro tempos (partir, descobrir, trocar, contar).

Ao trabalhar a relação da educação com as palavras formar e instruir, busco aprofundar essa construção evidenciando “a tarefa da educação” que é aquela de “formar seres humanos [...] para qualquer presente, [...] seres capazes de pensar em tudo e fazer tudo o que for necessário como um ato responsável a partir da sua consciência social”. (MATURANA; REZEPKA (2003, P. 11)

No contexto específico do Brasil, tendo esse pensamento presente, foi analisado em pesquisa anterior que a sociedade brasileira tem necessidade de

conceber uma formação pessoal e a educação profissional dos sujeitos nas quais sejam desenvolvidos processos de autoconhecimento para a compreensão de si, inseridos nos sistemas socioculturais que formaram o seu imaginário e suas representações mentais no que concerne à sociedade e a eles mesmos. Além disso, ressalto que esses sujeitos têm necessidade igualmente de uma formação que desenvolva conhecimentos gerais e específicos que lhes propiciem identificar as tendências do futuro. (AVENA, 2002a; 2006a)

Assim, destaco que nesse processo complexo de formação e de formação de si, é necessário, especialmente, considerar a componente do outro. O outro enquanto indivíduo que dialoga consigo mesmo, e o outro enquanto participante de um grupo, sendo dado que o ser humano se forma individualmente, por ele mesmo em relação com o outro, em sociedade, nas inter-relações estabelecidas ao longo de toda a vida.

Acrescento que esse processo de mudança ocorre em um contexto social, histórico e cultural no qual se insere o sujeito bio-psico-sócio-histórico-cultural (AVENA, 2002a; 2006a) e que as sociedades atuais devem considerá-lo nas suas reflexões sobre o papel da educação e o lugar que o indivíduo ocupa nesse processo. Nesse sentido, saliento que é o educador que, pela identificação do *quantum* de conhecimentos do sujeito-aluno, vai contribuir para a construção de novos conhecimentos pelo próprio estudante.

Na minha interpretação, é necessário, a partir da compreensão do contexto social, histórico e cultural em que a educação se insere, utilizar os meios necessários para atingir seus objetivos. A concepção de educação deve ser clara, atual e os responsáveis pelo funcionamento dos sistemas educativos devem refletir sobre ela para melhorarem-na. Creio igualmente que isso é a sua finalidade, mas também um de seus grandes desafios, considerando a realidade mundial e, especialmente, a brasileira.

No que concerne às mudanças necessárias nos sistemas educativos no Brasil, é de senso comum que são muitas, desafiantes e muitos pesquisadores se têm debruçado sobre essas questões. Aqui, especificamente, ressalto o desejo dos estudantes que querem professores mais compreensivos e relacionais, que sejam abertos aos seus problemas. Segundo minha experiência, esse desejo, até mesmo essa necessidade, está ainda mais evidente na educação profissional que deve, além dos aspectos específicos da formação profissional, contribuir para o

desenvolvimento integral do ser humano, acrescentando conhecimentos específicos.

É nesse contexto que, ao abordar o sentido *transpessoal* da educação, ressalto que é por meio de uma abordagem transpessoal que o indivíduo pode ao longo de seu desenvolvimento se constituir como sujeito bio-psico-sócio-histórico-cultural que se (trans)forma e se auto-(trans)forma. Assim, considero que o pensamento de Barbier (2002) sobre o sentido transpessoal da educação é muito importante e saliento especialmente que essa idéia deve ser aprofundada nas discussões que envolvem o papel da educação na (trans)formação dos sujeitos.

A partir da afirmação de Barbier (2005, p. 01)) que “a educação é antes de tudo uma transformação do olhar que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo” e que esse olhar “muda tudo permitindo-nos acessar um nível diferente de realidade”, ressalto que essas reflexões contribuem para o aprofundamento dessas reflexões que salientam a idéia de que as viagens e as trocas com o outro têm um valor considerável e que elas contribuem à (trans)formação de si. Nesse sentido, considero que na vida cotidiana e nos momentos específicos como as viagens, um objeto, material ou simbólico, um elemento natural, um animal, uma flor, uma paisagem podem ser a fonte de enriquecimento para aquele que sabe “aprender”. Um sorriso, uma careta, um olhar diferente, um grito suscitam o desejo de compreensão. Nesse sentido, é necessário pensar que a educação ao longo da vida é constituída por uma série interminável de fatos, eventos, encontros que entram no processo de aprender. É conveniente salientar igualmente que as rupturas da vida, em particular, são especialmente esclarecedoras na educação.

Assim, é necessário, igualmente, considerar que o processo educativo e formativo do sujeito individual é composto por diversos elementos endógenos e exógenos que contribuam para a construção do conhecimento. O papel do educador é de colaborar no diálogo, na relação entre esses dois mundos. Dito de outra forma, “o educador é um artesão da relação”, pois “ele sabe escutar o movimento do aprender no seu aluno de tal modo que lhe oferece, sem cessar, possibilidades de ir mais longe para compreender”. O educador “sabe considerar o contexto e as inúmeras interações que influenciam o sucesso ou o fracasso de qualquer pedagogia”. (BARBIER, 2005, p. 03)

Compartilho essas reflexões fundamentais sobre a educação. Assim, nessa viagem pelo itinerário escolhido, passando por algumas reflexões iniciais sobre a educação e as formações, evidencio a sua complexidade e a necessidade

de uma abordagem que atenda às necessidades atuais dos indivíduos e das sociedades. Considero que, a partir dos diversos exemplos de sistemas educativos que se encontram nas diferentes sociedades que os instituem, não é mais possível continuar na reprodução da mesma realidade (uma educação lacunar que tem apresentado resultados gerais aquém da necessidade de formação de um sujeito integral, pessoal e profissionalmente), o que até aqui se tem feito, com algumas exceções.

Além disso, considerando o papel transformador da educação, ressalto o que Barbier (2002) enfatiza. Ela é “antes de tudo uma transformação do olhar que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo. Um novo olhar que muda tudo nos permitindo acessar um nível diferente de realidade”. (p. 01)

Assim, considero que na formação de uma forma tanto geral, quanto nas formações específicas, faz-se necessário estar atento a essas reflexões e proposições inovadoras a serem incorporadas e colocadas em prática, elaborando-se novos e/ou alterando-se os sistemas educativos existentes para atender às especificidades deste “novo” ser humano.

Ressalto, igualmente, que as reflexões apresentadas nesse estudo vão nesse sentido e que aqui em particular, procuro evidenciar alguns elementos e idéias que poderão contribuir nessa trajetória de mudança. Ao menos é o que pretendo deixar de contribuição para a (trans)formação do ser (sujeito-viajante; sujeito-profissional; sujeito-cliente das viagens, do turismo e do acolhimento).

No que diz respeito à relação experiência-formação procuro ressaltar que considero, como Bézille e Courtois (2006, p. 13-14), que “a formação pela experiência é uma formação por contato direto, mas refletido, consigo, com os outros, com o meio”. Além disso, saliento que a auto-formação seria “se formar para si e por si” situando o sujeito “no centro de um universo tripolar da formação, compreendendo os pólos Auto-Hétero-Eco, isto é, Si - os Outros - o Meio”. Essa reflexão tem relação direta com aquelas efetuadas por Fernandez (2002), que são descritas mais adiante.

Saliento, assim, alguns aspectos que se referem à relação experiência-formação. Nesse sentido, ressalto que “a experiência está inserida na história das idéias” e que “ela está ligada tanto à intuição quanto à reflexão”. Bézille e Courtois (2006, p. 13-14) evidenciam que “a formação pela experiência é uma função por contato direto” e que um processo de auto-formação engloba “os pólos Auto-Hétero-

Eco”. Por sua vez, como apresento adiante, Fernandez (2002) defende a idéia de uma “auto-co-hétero-eco-formação” que possibilita a experiência da viagem, da viagem-formação. É nesse sentido, que fica mais evidente a relação experiência-formação-viagem. Considero, assim, que essa relação deve estar presente nas reflexões relativas às formações no campo das viagens e do turismo.

Destaco que iniciei esse estudo, na apresentação, com uma síntese das diversas experiências pessoais e profissionais que se constituem na minha história de vida. Como fica evidente, na construção desse itinerário de vida, todos os caminhos trilhados, todas as experiências vivenciadas, conduzem ao processo de confluência que está na base da elaboração e no motivo específico dessa investigação. Por essa razão, considerando que há uma grande importância para esse trabalho, principalmente no que diz respeito à “consciência” da transformação de si, procuro fazer uma referência à técnica da “História de Vida”.

A História de Vida possibilita ao sujeito ser “o ator de sua vida”, a personagem do “ser em formação” e, assim, chegar à “consciência de si”. Dessa forma, o sujeito, ao se abrir para si próprio vai estar entre a parada e o movimento, a pausa e a viagem. Nesse processo, “é na relação com sua própria história que o sujeito se constrói como sujeito e que ao mesmo tempo faz o teste de sua separação de si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2004, p. 273). Além disso, há uma dimensão muito importante a ser ressaltada na História de Vida, a dimensão emancipadora da educação, visto que essa técnica “visa à aceitação de si mesmo” pelo sujeito. Assim, a História de Vida é “um processo de expressão da experiência”, uma aproximação do processo humano que concerne permanentemente à “construção de uma pessoa no seu ser em devir” (LE GRAND; PINEAU, 2002, p. 4).<sup>32</sup>

### **Religar os conhecimentos para uma “*cabeça bem feita*” e o conhecimento de si**

*A consciência de si  
é a consciência de um tornar-se  
e de uma formação de si irreversível, irreparável.*

*(ALAIN, 1928, p. 137-138)*

---

<sup>32</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 1, p. 334-349.



Nesse item, considerando os aspectos acima relevados, dou especial destaque a certos aspectos que considero devam estar presentes nas formações de uma forma geral e nas específicas do campo das viagens e do turismo. Portanto, aponto especificamente algumas reflexões sobre: os desafios para religar os conhecimentos; a complexidade e a multirreferencialidade; a complexidade e seus desafios; a formação de uma “cabeça bem feita” nos três níveis de ensino; a interpluri-trans-disciplinaridade; a abordagem transversal; o sujeito no caminho de uma abordagem transpessoal; e o sujeito integral por meio da educação transpessoal e transdisciplinar.

O intuito aqui é, assim, evidenciar um itinerário que tem como direção e objetivo futuro a construção de uma proposta pedagógica que considere esses aspectos destacados no sentido de possibilitar uma efetiva alteração das formações e sobretudo, uma verdadeira (trans)formação de si (sujeito-viajante-turista-profissional das viagens, do turismo e do acolhimento), mediante o conhecimento de si, o autoconhecimento. Isso sendo possível por meio de uma abordagem que considere o *sujeito integral* – a Educação Transpessoal e Transdisciplinar.

Antes de abordar as reflexões de Ardoino sobre a complexidade, retomo aqui o desenvolvimento de seu pensamento sobre a multirreferencialidade, visto que esse autor a considera pertencente à “ordem da complexidade”. É nessa perspectiva, segundo esse filósofo da educação, que a análise dos problemas complexos “acompanha o processo que trata muito mais de compreender do que explicar”. Na sua perspectiva “as abordagens antropológicas, etnológicas, etnográficas, etnometodológicas, históricas, psicoterapêuticas, educativas requerem de preferência” esse tipo de análise para os seus objetos respectivos. Convém considerar, igualmente, que essa afirmação se aproxima inteiramente da concepção deste estudo e está presente ao longo do seu desenvolvimento (ARDOINO, 2000).

a realidade, a situação, o fenômeno complexos serão observados, olhados, escutados, entendidos, descritos, em função de óticas e sistemas de referências diferentes, aceitos como definitivamente irreduzíveis uns aos outros, e necessariamente traduzidos por linguagens distintas, supondo então como requisito para um tal trabalho a capacidade de ser poliglota. (ARDOINO, 2000, p. 69)

Essa constatação é partilhada inteiramente nesse trabalho de pesquisa e é esse “modelo de inteligibilidade” que tento colocar em prática na perspectiva do

desenvolvimento desta reflexão.

No que concerne à transversalidade, constato que existe em Morin (1999) uma reflexão complexa dessa abordagem que é igualmente defendida por outros autores. Condivido essas reflexões fundamentais as quais encontram um prolongamento nesse estudo.

Até aqui, ao longo do itinerário percorrido, algumas evidências ressaltam dos significados das diversas palavras que emergiram e dos estudos e análises efetuados. Nesse contexto, surgem os verbos: educar, formar, conhecer e experienciar, que, na minha perspectiva, fazem convergir os sentidos presentes conduzindo a um afunilamento maior e chegando às palavras experiência e conhecimento.

Nesse sentido, considerando as reflexões de Ardoino (2000) e Morin (1999) sobre a constituição do ser humano, que evidenciam a necessidade de uma “concepção complexa do sujeito” é que saliento os traços de uma abordagem transpessoal e transdisciplinar.

Essas abordagens, as considero de capital importância e devem estar presentes nas reflexões atuais e futuras em todos os campos do saber, visto que o ser humano não é somente intelecto e cognição, mas igualmente afeto e emoção. Daí a necessidade de uma abordagem complexa e holística do ser: uma abordagem transpessoal e transdisciplinar.<sup>33</sup>

### **Contribuições à (trans)formação de si – um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento – uma auto-co-hétero-eco-formação**

*Viajar é para a juventude uma forma de educação,  
para os mais velhos uma forma de experiência*

*(BACON, 1625, p. 91)*

No itinerário específico traçado aqui é evidenciada a relevância da viagem na educação informal e formal, ressaltando sua intenção educativa e formativa, sua relevância na educação, seu valor educativo e as aprendizagens possíveis. Considerando a viagem pelo conhecimento, são realçadas as reflexões de Bacon,

---

<sup>33</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 2, p. 350-381.

Boucher de La Richarderie, Genlis e Stagl. Em uma perspectiva mais recente, são postas em foco investigações que destacam o processo educativo/formativo do ser humano pelas viagens, como as de Stagl, Searle, Wood, e Fernandez. Destaco especialmente esse último pesquisador que apresenta uma taxonomia da viagem e uma gramática da viagem evidenciando os quatro tempos de formação contidos nas viagens, além de salientar que a viagem contém uma possibilidade de auto-co-hétero-eco-formação.

Procuró evidenciar que a viagem é um caminho a percorrer no exterior e no interior de si mesmo. Por esse motivo, considero que realizar uma viagem, ir, se transportar no tempo e no espaço, ir a diferentes lugares para descobrir um País, estabelecer contatos com uma cultura diferente da sua e com os sujeitos, com seus hábitos e costumes, são alguns dos componentes desse movimento pelo tempo e pelo espaço. Componentes esses que devem ser levados em conta na formação dos sujeitos.

Considero que a viagem expressa em si mesma uma possibilidade de formação, um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento, um movimento multirreferencial, um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento.

Saliento, especialmente, os estudos e reflexões de Fernandez (2002). Esse pesquisador, por meio da análise de um corpus de narrativas de histórias de vida de viajantes, evidencia a viagem como uma “escola de vida”. Nesse contexto, põe em foco a viagem-formação que tem como componentes a auto-formação, a co-formação, a hétero-formação e a eco-formação – a auto-co-hétero-eco-formação. Vai mais além na sua análise e evidencia a presença de uma taxonomia da viagem, de uma gramática da viagem representada pelos verbos viajar, encontrar, observar e aprender. Dessa forma, propõe que a viagem contém uma formação em quatro tempos. Assim, evidencia que a viagem é uma ação na qual devem ser consideradas a partida, a descoberta, a troca e a narrativa. Nesse sentido, ressalta que a viagem atenderia a uma das acepções contidas na origem da palavra educação que é aquela “de sair dos caminhos batidos”. É necessário, igualmente, refletir sobre o que ocorre antes da partida.

Fernandez (2002, p. 77-98) ressalta que em uma viagem é necessário viver o desconhecido (o espaço), é necessário utilizar todos os sentidos (tocar, cheirar, ver, escutar, degustar), procurando considerar a curiosidade, a ausência do

medo, o desejo de estar lá e o exotismo. Dessa forma, destaca que “a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico”.

Considero algumas reflexões desse autor que contribuem para o aprofundamento das análises dessa tese, especificamente, pois corroboro o seu pensamento. Fernandez (2002) destaca a viagem como “uma escola da vida” (p. 03), pois evidencia que “a viagem é um verdadeiro fenômeno social que atinge numerosos extratos da sociedade nacional, trans-nacional e internacional” (p. 04).

Na reflexão dessa tese, que trilha um itinerário em busca de uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento, saliento que é importante considerar o aprofundamento sobre a perspectiva da existência de uma taxonomia da viagem e de uma gramática da viagem que leve em conta a possibilidade de uma formação em quatro tempos por meio das viagens: partir, descobrir, trocar e contar.

Enfatizo que a viagem tem por elemento central o sujeito-viajante-turista que entra em relação com o sujeito-habitante local-autóctone. Ambos, viajante ou habitante local, entram em contato, cada qual com seus desejos e objetivos e nessa relação vão realizar trocas diversas. No início haverá um sentimento de estranheza onde o outro é considerado um estranho, um ser humano hostil (*hostis*). Um contraste, uma diferença, uma mudança – uma alteridade – opera no encontro. Esse sentimento ao longo do tempo e no espaço pode evoluir e ser transformado em um sentimento de acolhimento do outro, nesse outro espaço, e o sujeito-viajante-turista pode passar a ser considerado um verdadeiro hóspede – *hospes* – (AVENA, 2002a; 2006a,)<sup>34</sup>.

O ser humano, desde tempos remotos, tem se deslocado pelo espaço-tempo. Assim, pouco a pouco foi superando as dificuldades e expectativas criadas, vivenciando variadas experiências. É nesse processo que foi desenvolvendo novas habilidades e percepções acerca dos espaços e dos sujeitos com os quais faz contato e interage.

Ao longo do itinerário traçado para essa viagem pela viagem, um encadeamento de experiências de múltiplos graus e níveis foram interarticulados. Experiências e conhecimentos presentes na mitologia, na antropologia, na cultura,

---

<sup>34</sup> Acerca do conceito de Acolhimento, retomo e adapto o texto elaborado na dissertação de mestrado e publicado no capítulo 8 do livro Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar. Ver Apêndice D 3, 382-394.

na história, na literatura, dentre outras. Ressalto, especialmente, as experiências pessoais e profissionais, salientando a minha própria experiência como viajante.

Atualmente, em 2008, percebo mais distintamente o encadeamento das diversas etapas desse itinerário pessoal. Em alguns momentos, com rotas retilíneas e rápidas, em outros, com percursos tortuosos e lentos. Mas assim são feitas as viagens, com múltiplas experiências, múltiplos olhares, múltiplas referências. Dessa forma, são muitas as viagens que compõem esta viagem pela viagem até chegar ao estado atual de reflexão: a viagem migratória familiar e a constituição da *Piccola Italia*; a viagem imaginária já pensando em outras viagens: a viagem pelas línguas estrangeiras e os contatos estabelecidos com o longínquo; a formação profissional para estabelecer contato com o outro, o sujeito-viajante e contribuir para a sua (trans)formação por meio da viagem; a viagem pela formação de profissionais para atuarem na realização das viagens do outro; a viagem pela contínua (trans)formação de si por meio de reflexões efetuadas mediante estudos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* e, particular e especialmente, as formações e estudos das abordagens transpessoais (Pathwork®; Constelações Sistêmicas®; Constelações Familiares®; etc.). Ênfase essa trajetória, pois são essas diversas experiências em cada uma dessas etapas formativas que me possibilitam autorizar-me a propor, estudar, realizar, apresentar e defender essa pesquisa e, igualmente, as que já foram efetuadas e as futuras.

Assim, considero importante reiterar o que já foi dito e que defendo: as viagens são relevantes, têm significados importantes e contribuem à (trans)formação de si. Destaco, igualmente, que as descrições e as reflexões efetuadas, fundamentado em diversos estudiosos e pesquisadores sobre esse tipo de mobilidade, permitem continuar esse itinerário em busca de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento. A intenção aqui é dar especial destaque aos elementos que podem contribuir nesse delineamento.

Mediante o exposto anteriormente, procuro expressar ao longo dessa pesquisa a importância que se deve dar à Viagem, pois a considero como uma atividade que extrapola em muito as questões econômico-financeiras do desenvolvimento sustentável de destinos turísticos. É muito mais do que isso. É uma possibilidade de formação, é um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento, é um movimento multirreferencial. É, em síntese, um espaço de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. Dessa

forma, é muito importante que a área das ciências sociais aplicadas, por meio especialmente da sub-área do turismo, fomente e aprofunde investimentos em estudos e pesquisas para que se possa construir conhecimento multirreferencial acerca desse espaço privilegiado de aprendizagem e, assim, tornar-se um canal poderoso de difusão do conhecimento.

Considero que a compreensão da viagem como um espaço privilegiado de aprendizagem é de fundamental importância. De acordo com Fróes Burnham (1999), a aprendizagem pode ocorrer em diversos espaços. Ressalto, especialmente, que a viagem é um desses espaços de aprendizagem.

Esse, parece-me ser um bom itinerário a ser seguido nessa busca, pois considero, a partir do provérbio “as viagens formam a juventude”, que “as viagens (trans)formam o Ser” (AVENA, 2005)<sup>35</sup>

### **O ensino, a pesquisa e a extensão no campo das viagens e do turismo: em busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo**

#### **Brasil – França – Mundo**

Ao longo desse item, nas diversas etapas da sua elaboração, saliento alguns aspectos gerais das formações e a estrutura do ensino, da pesquisa e da extensão no Brasil e na França nos campos das viagens e do turismo. Além disso, apresento a proposta de delineamento de Itinerários Formativos e a necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa nesses campos, abrindo, assim, o caminho para aprofundar a configuração do campo científico da ciência social das viagens e do turismo. Nesse cenário, evidencio as atividades da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR –, no Brasil, e da Associação para o Desenvolvimento da Pesquisa e de Estudos sobre os Turismos – ADRETS –, na França, que possibilitam o aprofundamento e a expansão desse novo campo científico que se configura em ambos países e em outras partes do Mundo. Considero importante uma aproximação dessas duas associações que têm um objeto e objetivos em comum, para desenvolverem ações e pesquisas em parceria com o intuito de aprofundar ainda mais as reflexões em curso.

---

<sup>35</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 4, 395-410.

Ao longo das pesquisas, verifico que as investigações e reflexões têm avançado. Ressalto, sobretudo, o debate existente na França em torno da criação da ciência social das viagens, denominada de Turismologia e de uma nova definição do turismo. Nesse contexto, no âmbito brasileiro, as discussões existem, mas não parecem ser tão acaloradas como em solo francês.<sup>36</sup>

### **Da pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três pedagogias de Barbier: no caminho de uma pedagogia multirreferencial, transpessoal e transdisciplinar no campo das viagens e do turismo**

O itinerário deste estudo está chegando a sua etapa conclusiva. Este item especialmente tem por objetivo, por meio das reflexões de Pleines – sobre os estudos de Hegel –, de Ardoino e de Barbier, subsidiar os aspectos fundamentais que constituirão o delineamento da proposta de trabalho pedagógico, destinado a ser desenvolvido nas formações, que integre saberes e práticas que considerem as EAFEV mediante uma abordagem de Educação Multirreferencial, Transpessoal e Transdisciplinar.

Assim, no desenrolar do raciocínio sobre a educação e as formações, é necessário considerar o lugar que ocupa o pensamento sobre a pedagogia para refletir, na seqüência desta tese, na perspectiva da alteração das formações no campo das viagens e do turismo.

Dessa forma, apóio-me, inicialmente nas idéias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, explicitadas por Jurgen-Eckardt Pleines (1993, p. 657-668), no que concerne a sua concepção de uma doutrina da educação e do percurso que “o ser singular” deve fazer no “processo de aprendizagem” para adquirir “os graus de cultura do espírito universal”.

É nessa perspectiva que se chega às idéias fundamentais desenvolvidas por Jacques Ardoino (2000) e René Barbier (2002), as quais abordo e com as quais concordo inteiramente. Ardoino (2000), em um procedimento complexo e multirreferencial, apresenta sua concepção de pedagogia que se ancora em diversos elementos que vão contribuir para que esta possa efetivamente realizar o seu papel. Por sua vez, Barbier (2002), no desenrolar de seu pensamento, abre o caminho para o que considera “uma pedagogia para o nosso tempo”. Nesse sentido, evidencia

---

<sup>36</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 5, p. 411-434.

“três pedagogias” que vão contribuir à educação do sujeito por meio de uma “pedagogia transversal”.

Em Hegel, por meio da leitura de Pleines (1993), considero que a sua preocupação em atribuir à pedagogia “a cultura do espírito subjetivo” e que esta deve mostrar ao ser humano o caminho “para fazê-lo nascer de novo, para transformar sua primeira natureza em uma segunda que é espiritual, de tal modo que esse elemento espiritual torne-se para ele um hábito”, são significativas e fazem parte do processo de conhecimento de si, de autoconhecimento.

Das reflexões de Ardoino (2000), destaco que uma das questões pedagógicas é promover o desenvolvimento de uma capacidade pessoal e coletiva de transgressão e saliento que na formação do sujeito deve-se levar em consideração a “articulação do princípio do prazer e do princípio de realidade”, o que considero estar presente na perspectiva do conhecimento de si, do autoconhecimento.

Em Barbier (2002), as questões relativas ao conhecimento de si, ao autoconhecimento estão presentes ao longo de todas as suas reflexões. Esse sociólogo defende uma pedagogia da mediação como um desafio que considera transversal chegando a denominá-la de pedagogia transversal que está ligada à “escuta sensível e à abordagem transversal das situações humanas”. Ressalta ainda que esta é uma “abordagem multirreferencial” e que “se abre para a transdisciplinaridade”. Nesse sentido, evidencia que a “pedagogia transversal”, na sua escuta sensível, “está atenta ao que advém, ao que emerge, ao que incomoda” e que “realiza uma educação plural própria do nosso tempo”. Nesse contexto, estou de acordo com Barbier quando enfatiza que “a educação é um processo atualizado infinitamente, de articulação conflitual e freqüentemente paradoxal entre uma instância de saber e de saber-fazer (a cultura legítima) e uma instância de experiencialidade pessoal visando ao conhecimento de si” (p. 06).<sup>37</sup>

### **A formação de formadores, pesquisadores e profissionais: em busca de um novo profissionalismo no campo das viagens e do turismo**

Neste item destaco, sobretudo a formação de formadores, pesquisadores e profissionais, enfatizando a necessidade da busca de um novo profissionalismo

---

<sup>37</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 6, p. 435-444.



mediante a busca de alteração comportamental dos sujeitos. Nesse sentido, na trajetória desse itinerário evidencio inicialmente: algumas características do formador e do formador de adultos; a postura do educador; a relação entre o educador, o professor e o pesquisador científico; as reflexões de Jacques Ardoino sobre algumas propostas atuais sobre a educação e contribuições à educação de adultos; a importância de se buscar a direção de um novo profissionalismo do professor; alguns antecedentes, a necessidade de formação, o delineamento do perfil dos cursos e dos professores e um diagnóstico sobre a formação de professores no campo das viagens, do turismo e do acolhimento no Brasil. Ênfase, igualmente: a necessidade de formação docente; e a perspectiva da Licenciatura em Turismo como uma possibilidade de futuro.

Neste item, aponto a evolução das viagens, do turismo e da educação, guiando à compreensão da extrema importância na formação de profissionais para o campo das viagens e do turismo no Brasil e em outros países considerando a necessidade de um equilíbrio entre conhecimentos pedagógicos e técnicos.

Ao longo do texto elaboro essa idéia apresentando um delineamento de algumas análises que foram efetuadas nas últimas três décadas por acadêmicos e profissionais que atuam nesse campo. Todas essas análises convergem para revelar em bases científicas a real situação enfrentada pelos cursos das diversas faculdades e universidades no Brasil. Os estudos mostram que há uma grande demanda na formação de profissionais para desenvolver a atividade turística de forma auto-sustentada, mas não há programas adequados de formação profissional que respondam a ela. Assim, há uma grande necessidade de formação de professores nesse campo que poderiam desenvolver, durante a sua formação em diversos níveis, competências e habilidades equilibrando conhecimentos pedagógicos, teóricos e técnicos (LENGYEL, 1991; RUSCHMANN, 1991; FAYOS-SOLÁ, 1997; VIVEROS, 1997; OMT, 2001, 2003; C. FILHO, 2002; NASCIMENTO, 2002; GAETA, 2001; CATRAMBY, 2007).

Como visto, a formação, a educação, o treinamento e a pesquisa têm um papel chave no desenvolvimento do campo das viagens e do turismo. A formação de profissionais depende desse desenvolvimento e somente professores bem formados, educados e preparados para atingir esses objetivos poderão contribuir para a sua realização.

São evidenciadas algumas das inadequações dos cursos e dos

professores que formam profissionais para o turismo e a hospitalidade. São reveladas, igualmente, que não há, ainda, cursos de licenciatura que preparem professores para a formação desses profissionais. Foi verificado, assim, que o ensino nesse campo demanda conhecimento sólido e atualizado relacionado a teorias pedagógicas e a métodos pedagógicos inovadores baseados no seu caráter multidimensional. Além disso, os professores devem conhecer o campo em estudo e, igualmente, conhecer o conceito de acolhimento nos seus aspectos práticos e teóricos. Devem saber o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

Como Gaeta (2001) enfatiza, “é necessário promover o desenvolvimento profissional dos professores em todas as suas dimensões: pedagógica, cognitiva e teórica, bem como a profissional e a pessoal”. Além dessas dimensões, é necessário igualmente, ou talvez, primeiramente, investir no conhecimento de si, no autoconhecimento, na suas dimensões afetiva e emocional. Nesse sentido, evidencio, mais uma vez, a necessidade de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento com uma abordagem Multirreferencial, Transpessoal e Transdisciplinar.

Dessa forma, ao longo desta trajetória, destaco aspectos que evidenciam a construção de um caminho na construção de uma abordagem multirreferencial, transpessoal e transdisciplinar na educação de uma forma geral, mas dando especial destaque ao campo das viagens e do turismo, objeto central desta investigação.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Para um maior aprofundamento acerca destes temas ver Apêndice D 7, 445-478.

## Achados ao longo da trajetória percorrida

O intuito deste estudo é contribuir para a formação tanto dos docentes, do profissional das viagens, do turismo e do acolhimento quanto dos viajantes confrontados a outras culturas.

Com a identificação e o estudo das EAFEV, ênfase a necessidade de inserir essas reflexões – e certamente outras que não foram aqui desenvolvidas – tanto na educação profissional no campo das viagens e do turismo, nos seus diferentes níveis e graus, quanto na formação geral dos sujeitos (futuros turistas-viajantes).

O aprofundamento de estudos sobre esses campos e sobre o conceito de acolhimento é necessários e demanda ainda muito trabalho a ser desenvolvido. Nesse sentido, é necessária a formação de uma quantidade de profissionais qualificados consideravelmente grande para atender à expansão cada vez maior das suas atividades. Para tanto, a necessidade de educação profissional é imprescindível. Sobretudo, atento para a formação de educadores que irão participar da formação dos profissionais que se ocuparão do planejamento, concepção, execução e operacionalização das atividades desse campo.

Iniciando com a Educação Básica, a Educação Profissional de Nível Básico, a Educação Profissional de Nível Técnico e chegando à Educação Profissional de Nível Tecnológico, à Educação Profissional de Nível Superior e à Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, um longo *itinerário formativo* se delinea.

Considero que em todos esses níveis uma gama variada de conhecimentos de âmbito geral deva ser desenvolvida. Nesse sentido, evidencio, especialmente, a necessidade de inserir, na estrutura curricular dos cursos, habilidades e competências que façam o sujeito em formação refletir sobre a necessidade de construção de um comportamento sustentável.

Esta preocupação se dá especificamente no campo das viagens e do turismo, assim como no conceito de acolhimento, o que se efetiva por meio dos temas transversais, no ensino fundamental, e da parte diversificada do currículo, no ensino médio. Nesse sentido, ênfase que aspectos das EAFEV podem ser estudados, desenvolvidos e apreendidos. Para isso, devem se constituir como componentes dos currículos e seus conteúdos organizados didaticamente. Na educação profissional de nível técnico, superior e na pós-graduação, considero que

esses aspectos devam ser aprofundados e ampliados.

Dessa forma, espera-se poder contar, a médio e longo prazos, com profissionais de nível básico, técnicos, tecnólogos, especialistas, mestres, doutores e consultores que possam atuar de forma tal a contribuir às (trans)formações de si e do outro.

De acordo com o exposto ao longo do desenvolvimento desta investigação, estabeleço nexos entre os campos de estudo da educação, das viagens, do turismo e o estudo do conceito de acolhimento. Esses campos foram interarticulados para compor a base de sustentação da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

A trajetória construída conduz a algumas reflexões sobre uma certa realidade que necessita de mudanças no que se refere à formação dos sujeitos para atuar no campo das viagens e do turismo.

Tendo por foco os marcos que norteiam a trajetória, o objeto e os objetivos desta investigação, foi possível identificar diversas EAFEV. São esses assuntos e temas que devem ser desenvolvidos nas formações, tendo como eixo integrador a “religação de conhecimentos” (Morin, 1999) e como horizonte a práxis pedagógica da formação / educação no campo das viagens e do turismo.

Para que o profissional do turismo contribua para a satisfação e a superação das expectativas e para o encantamento do turista, percebo que necessita estudar uma gama variada de conhecimentos como aqueles que foram identificados, selecionados e descritos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, tais como o estudo:

das viagens e do turismo como atividades que podem colaborar na construção de um comportamento sustentável; (Capítulo 1)

das viagens e dos viajantes por meio da Filosofia, da Antropologia, da Cultura, da Mitologia, da História, da Literatura, das experiências de viagem destacando elementos que contribuem à (trans)formação de si; (Capítulo 2 e Apêndices C 1 e C 2)

da reflexão crítica sobre a viagem e o turismo procurando descrever e elaborar uma argumentação sobre a contradição existente entre a

concepção das viagens e do turismo e a produção do saber turístico; (Capítulo 2 e Apêndice C 3)

das viagens no que concerne a Investigação Científica e as Investigações de Si; (Capítulo 2 e Apêndice C 4)

das viagens e do viajante por meio do conhecimento dos seus sonhos e desejos; (Capítulo 2 e Apêndice C 5)

das viagens e das suas ações de formar, experienciar, educar, e conhecer; (Capítulo 3 e Apêndice D 1)

das viagens como uma possibilidade que permite religar os conhecimentos para uma “*cabeça bem feita*” e o conhecimento de si; (Capítulo 3 e Apêndice D 2)

do acolhimento e de suas categorias fundamentais: o reconhecimento, a hospitalidade e o cuidado; (Apêndice D 3)

do desenvolvimento da idéia das Viagens como contribuições à (trans)formação de si considerando-as como um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento - uma auto-co-hétero-eco-formação; (Capítulo 3 e Apêndice D 4)

da reflexão sobre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão no campo das viagens e do turismo enfatizando a busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo; (Capítulo 3 e Apêndice D 5)

da Pedagogia de Hegel, segundo Pleines, a Pedagogia de Ardoino e às Três Pedagogias de Barbier, delineando o caminho para uma Pedagogia Transdisciplinar e Transpessoal no campo das viagens e do turismo com uma abordagem multirreferencial; (Capítulo 3 e Apêndice D 6)

da reflexão sobre a Formação de formadores, pesquisadores e

profissionais no sentido de buscar um novo profissionalismo no campo das viagens e do turismo. (Capítulo 3 e Apêndice D 7)

Mas adiciono a estes aspectos que identifico nos autores a certeza de que estar disposto a esta prestação de serviço é saber estar à disposição do outro na sua busca de realização de um certo desejo que representa sua necessidade de atenção ao princípio de prazer, na sua busca do sentir-se bem.

Como analisado em pesquisa anterior, educar para mudar é o que parece óbvio, mas aqui não é uma mudança das mais simples, falo de uma mudança de mentalidade anteceder, naturalmente, pela construção de consciência crítica sobre a mentalidade vigente. Isto envolve no mínimo alterar o que se pensa e o como se pensa: Turismo como atividade econômica, necessária e primordial com temporalidade maior; Turista como *hospes*; Proprietários e “empregados” como parceiros, colaborando no processo de criar condições propícias e operar a serviço do turista e do seu sonho de bem-estar. Processo este que se inicia pelos primeiros sinais de acolhimento e como resultado final ao despertar e manter o desejo de voltar àquele oásis que responde bem ao seu desejo de estar bem consigo, com o ambiente e, principalmente, com aqueles “mágicos” que parecem conhecer suas fantasias, seus desejos, de ver / ouvir / degustar / cheirar / sentir com o tato, percebendo-se seguro, desejado, objeto de atenções e cuidados múltiplos. Alguns cuidados discretos, outros bem evidentes, mas tudo e todos colimando para uma atenção consciente e competente de atendimento ao princípio de prazer do cliente. Enfatizo que este é um processo de re-educação. (AVENA, 2002a; 2006a)

Os diversos autores estudados fundamentam o estudo para chegar a estas considerações. Apoiei-me também em algumas obras literárias, pois os romancistas descrevem com nitidez e acuidade motivos e desejos e trazem à superfície as características peculiares dos viajantes.

Destaco que o estudo do conceito de acolhimento deve ser aprofundado e difundido na educação geral e profissional dos sujeitos. Ressalto que a prestação de serviço é uma prática social que se utiliza no desempenho de uma profissão que exige dignidade e que implica uma relação de igualdade no processo de troca entre os sujeitos envolvidos. Entendo que no serviço, no ato de servir, está implícita a noção de ser útil, de auxiliar, de cuidar de alguém.

O ser humano quando sai da sua casa, da sua cidade, o faz por uma

série de motivos. Ao chegar ao local escolhido para a sua estada sente-se inicialmente desenraizado, pois esse novo lugar desconhecido pode fazer surgir alguma sensação de perigo, provocando nele um reflexo de defesa. A função do acolhimento é fazer que esses sentimentos se dissipem logo para que a viagem possa proporcionar ao turista a segurança e o bem-estar buscados.

No estudo do processo de Acolhimento destaco a importância de três categorias básicas que o compõem: o Reconhecimento, a Hospitalidade e o Cuidado. Entendo que o processo de acolhimento é complexo e para que seja de qualidade depende de diversas variáveis materiais e humanas. Os profissionais que nele atuam necessitam apresentar um perfil e uma formação especial e específica, pois quem acolhe é parte integrante do espaço e da atmosfera onde ocorre o processo de acolhimento. Além de possuírem um certo número de qualidades naturais tais como: estarem abertos para os outros; equilíbrio psicológico; habilidade comunicativa; calma e mesura; elegância nos comportamentos; e a perseverança de fazer bem, estes profissionais do acolhimento devem possuir uma formação geral e específica comprometida com as exigências da profissão.

O acolhimento deve acompanhar, inspirando, todas as ações que implicam a relação com o cliente e que muito cuidadosa e conscientemente deve marcar todas as fases do processo, deixando-o com o desejo de voltar e transformando-o em cliente permanente, fiel.

Todas as áreas profissionais necessitam de sujeitos que tenham competências e habilidades específicas para desempenharem as suas funções. Verifico que a legislação referente à Educação estabelece as diretrizes norteadoras gerais e específicas para as diversas áreas profissionais delimitadas. Considero que a estrutura legislativa existente, se implementada coerentemente, mediante um estudo das necessidades e demandas de cada localidade/região, poderá atender eficientemente ao desenvolvimento da atividade econômica do turismo, tendo por base a Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Em suma, ao chegar neste momento da trajetória, mediante os estudos efetuados, por intermédio das informações levantadas, descritas e explicitadas, defendo a tese de que é possível compreender, com base na análise da literatura pertinente, a importância das EAFEV para a construção de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento por meio de uma reflexão sobre os seus significados e contribuições à (trans)formação do sujeito-viajante, tendo como eixo

integrador a “religação de conhecimentos “ (Morin, 1999) e como horizonte a práxis pedagógica da formação / educação no campo das viagens e do turismo.

Realizando esta investigação, na qual desenvolvo um estudo sobre os significados e contribuições das viagens, aprofundo a percepção da necessidade de colaborar para a formação de docentes e profissionais no campo das viagens e do turismo, com o objetivo de contribuir na (trans)formação dos viajantes no sentido de compreenderem seu próprio processo de mudança e, igualmente, os processos dos outros. É a partir da identificação e descrição desses significados e contribuições das viagens que a Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento se delinea.

Assim, este estudo se propõe a oferecer subsídios tanto à formação em uma perspectiva ampliada, quanto à formação específica dos profissionais e dos docentes e à elaboração de uma nova estrutura curricular e, espero, contribuições ao equilíbrio entre os conhecimentos pedagógicos, teóricos e técnicos como base para a formação de docentes para esse campo.

As reflexões de Jacques Ardoino no que concerne algumas propostas atuais sobre a educação fazem a sua contribuição nesse processo e serão retomadas no desenvolvimento da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento em uma abordagem multirreferencial de Educação Transpessoal e de Educação Transdisciplinar.

### **Contribuições à (trans)formação de si: saberes e conhecimentos necessários para a educação em turismo**

Para que o processo de mudança ocorra de forma efetiva, é necessário que seja desenvolvido o que já está estabelecido na legislação no que se refere à Educação em Turismo em um programa amplo de compreensão sobre o fenômeno das viagens e do turismo que envolva toda a sociedade: os dirigentes políticos, os dirigentes institucionais, os empresários e os cidadãos em geral, tendo como referência a Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Esse programa de estudo necessita de vontade política para ser implementado. Saliento que todas as categorias de prestadores de serviços, direta ou indiretamente ligadas ao campo das viagens e do turismo, devem prestar os seus serviços levando em conta os conceitos de qualidade no bem servir, no bem acolher.



O acolhimento *lato sensu* deve estar presente tanto no SISTUR e na Educação em Turismo quanto na Educação Básica.

Estes precisam entender e reconhecer que a atividade turística é uma alternativa de desenvolvimento nacional, regional e local e que o turista procura receber aquilo que ele idealizou, sonhou, planejou e está tentando realizar – os seus desejos de evasão, de realização, de alegria, de **Descanso**, de **Divertimento**, de **Desenvolvimento** do seu bem-estar (3 D), de repouso etc. (DUMAZEDIER, 1962, p. 26; 2001, p. 32)

É prioritário implementar um Programa de Educação Básica com nível de qualidade adequado para a formação de cidadãos conscientes da realidade e necessidades do campo das viagens e do turismo. Da mesma forma considero necessário implantar um Programa de Educação Profissional de qualidade que atenda paralelamente ao público do Ensino Fundamental e Ensino Médio e, principalmente, aos colaboradores dos equipamentos e serviços turísticos. Isto pode ser feito por meio da oferta de uma Educação Profissional de Nível Básico conforme estabelecem os documentos oficiais (LDB, Diretrizes e Referenciais Curriculares para a Educação Profissional de Nível Técnico). Esse programa de Educação Profissional de Nível Básico pode ter por missão, além dos conteúdos de formação/educação técnica e profissional, a ampliação de consciência e a valorização do ser humano.

Esse programa, da mesma forma, estimularia, motivaria esses sujeitos no sentido da sua inserção e/ou reinserção na Educação formal para iniciarem e/ou retomarem a sua Educação Básica e, assim, constituírem-se como cidadãos cientes e conscientes dos seus direitos e dos seus deveres.

Além disso, faz-se necessário pensar um programa permanente de qualificação e requalificação profissional, para proceder à melhoria contínua do nível de qualidade na prestação de serviços nos equipamentos e serviços turísticos.

É necessário, também, ampliar e aprofundar a qualidade tanto dos cursos de Educação Profissional de Nível Técnico no campo das viagens e do turismo, bem como dos Cursos Superiores para, assim, compor uma estrutura coerente de Educação em Turismo para a melhoria do acolhimento ao turista. (AVENA, 2002a; 2006a)

A realidade atual poderia ser modificada pela via da Educação. Assim, faço aqui o delineamento inicial dos elementos que farão parte da proposta de uma

Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento que possa oferecer uma Educação em Turismo para fomentar a melhoria da educação profissional e, conseqüentemente, o melhor acolhimento ao turista, inserida em uma visão estratégica de desenvolvimento do campo das viagens e do turismo.

### **Recomendações:**

O enquadramento teórico, técnico e metodológico da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento que permita discriminá-la, compará-la e/ou contrastá-la com outros paradigmas ou perspectivas conhecidos. Nesse sentido, serão indicados: os pressupostos filosóficos e epistemológicos; os princípios didáticos e pedagógicos; as implicações administrativas.

No que concerne às abordagens do processo de ensino, este considerará o fenômeno educativo como um fenômeno humano, histórico e multidimensional em que estarão presentes as dimensões humana, técnica, cognitiva, emocional, social, política e cultural. Destaco que a dimensão humana será o núcleo do processo ensino-aprendizagem.

Desenvolver por meio dessa pedagogia específica reflexões que tenham por tema:

as EAFEV identificadas e descritas ao longo desta pesquisa, explicitadas anteriormente;

o processo de (trans)formação do sujeito por meio das viagens;

a importância do desenvolvimento do conceito de acolhimento na formação profissional dos sujeitos que atuam no campo das viagens e do turismo, nos diferentes níveis de formação:

Educação Básica com programas específicos para o

Ensino Fundamental e Médio:

Conhecimento pelo corpo docente da importância do Turismo;

Desenvolvimento do Tema Transversal Turismo;

Educação Profissional de Nível Técnico - programa específico de Formação Técnica para Profissionais do Turismo e Hospitalidade, podendo ser desenvolvida: nos Institutos Federais de Educação Tecnológica – IFET; nos Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFET; ou em outras estruturas equivalentes (Institutos Profissionais de Turismo e Hospitalidade; Hotéis Escola, etc.);

Cursos Regulares e Contínuos de (Re)Qualificação Profissional no campo das viagens e do turismo;

Educação Superior – graduação;

Educação Superior – pós-graduação.

**Considerar os equipamentos e serviços turísticos como espaços de aprendizagem, de formação e de educação e os profissionais das viagens, do turismo e do acolhimento como agentes pedagógicos**

Um dos resultados significativos dos estudos efetuados foi a elaboração de um Mapa Conceitual em que se interarticulam as relações entre algumas das palavras e expressões utilizadas ao longo desta investigação (Figura nº 02).

Esse mapa apresenta, a partir das expressões auto-co-hétero-eco-

formação e formação de si, as relações que se estabelecem entre a formação, a experiência e a educação. Assim, ele representa o próprio uso desses termos ao longo da pesquisa.

Esse documento pode servir de base para a reflexão dos docentes e coordenadores pedagógicos dos cursos da Educação em Turismo que estiverem envolvidos na concepção de estruturas curriculares, pois destaca os conceitos fundamentais a serem considerados na organização dos currículos de formação. Esta é uma contribuição que sintetiza os resultados obtidos e que são desenvolvidos e aprofundados nos capítulos e apêndices deste estudo.

A auto-co-hétero-eco-formação e a formação de si são processos complexos e multirreferenciais. Na origem desta última expressão levo em consideração tanto a questão da forma, quanto o verbo formar, a palavra formação e o outro com quem se estabelecem os contatos de uma forma geral e, especialmente, durante uma viagem.

Do verbo formar se evidenciam duas idéias básicas: a da educação e a da instrução. No que se refere à primeira, destaco o fato de que educar é tanto criar, instruir quanto fazer emergir de dentro de si. Mas educar é, também, formar constituindo-se da ação de criar, de instruir, de formar, de formar o espírito em um determinado campo por meio de um ensinamento. No que concerne à segunda idéia básica, esta é a ação de moldar pela instrução em que se instruir é se formar, aprender, se capacitar, adquirir aptidões, competências e habilidades.

Da palavra formação se constitui um eixo principal a partir da palavra experiência. Esta é o fato de adquirir, de expandir ou de enriquecer um conhecimento, um saber. Ela também é fazer algo pelo uso e pela prática. É uma prova que se faz pessoalmente de uma coisa. É o conjunto de conhecimentos práticos por meio do uso. É a sabedoria prática adquirida ao longo da vida. É o fato, o evento do qual se extrai ou do qual se pensa extrair um ensinamento, uma lição, um enriquecimento pessoal. Experimentar é tentar, é provar. A experiência é composta de encontros, trocas, leituras, além da experiência profissional.

Especificamente, as viagens são experiências em que ocorrem deslocamentos no espaço, em que acontecem descobertas e explorações. Parte-se para retornar à sua origem, tanto externa quanto internamente ao sujeito. Faz-se a experiência da mudança psicológica e de atitudes. A viagem é uma experiência de alternância na qual há um tempo para se recuperar e em seguida retornar à origem.

Há, igualmente, a experiência de contar a viagem. Aqui se encontram as narrativas testemunhais por meio de livros e contos de viagem. Geralmente essas narrativas apresentam as viagens como fonte de aprendizagem, de reflexão, de confrontação com o outro em que estão presentes diversos aspectos tais como os culturais, os sociológicos, os geográficos, dentre outros. As viagens podem ser classificadas em dois grandes eixos que por sua vez se subdividem em diversos outros: as viagens de lazer e as de negócios.

Além disso, a formação se compõe de idéias, de imagens, de julgamentos e sua elaboração no espírito. Ela também é a educação intelectual e moral do sujeito. A formação de si, além da palavra forma, do verbo formar, da palavra formação, considera também o outro, individual ou grupal, com o qual se entra em contato.

Ao longo dos estudos outras palavras e expressões emergiram das fontes consultadas. Evidencio, então, que a viagem é uma escola de vida e uma possibilidade de auto-co-hétero-eco-formação. Além disso, em uma perspectiva de Educação em Turismo que considere o sujeito como um todo complexo e multirreferencial e que demanda tanto um conhecimento geral bem como seu autoconhecimento verifico a importância de se desenvolver uma educação transpessoal e transdisciplinar.

Assim, esse mapa conceitual pode ser utilizado para: uma reflexão tanto nos diversos níveis da Educação em Turismo quanto na Educação ao Longo da Vida – esta última considerando as múltiplas formas de aprendizagem propiciadas pelas viagens; organizar as bibliotecas dos cursos de turismo; organizar os equipamentos e serviços turísticos que poderiam se estruturar em espaços de aprendizagem cujo eixo norteador seria tanto o conceito de acolhimento quanto as EAFEV – por exemplo, as agências de viagem, os meios de hospedagem, os aeroportos, os meios de transporte, dentre outros, poderiam constituir um centro de informações multimeios sobre a viagem a disposição dos seus clientes que poderiam utilizar esses espaços de aprendizagem sobre a viagem, o turismo e o lazer.

Esses espaços, organizados dentro da lógica que proponho sobre o conceito do acolhimento, proporcionariam ao sujeito viajante-turista a apropriação dos conhecimentos antes, durante e após a realização da viagem. Quando o cliente vai à procura de uma agência de viagem, organizada desta forma, ela é um espaço de aprendizagem.

Na própria formação dos profissionais das viagens, do turismo e do acolhimento, esses sujeitos necessitam ter consciência que têm um papel pedagógico e desenvolver uma atitude pedagógica.

Assim, esse profissional é um agente pedagógico e os equipamentos e serviços turísticos se constituem como espaços de aprendizagem, de formação e de educação para a difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico.

Em síntese, estas são as reflexões, análises e resultados sobre as EAFEV, por meio da abordagem multirreferencial na perspectiva de uma “bricolagem metodológica”. Aponto, igualmente, para a necessidade de reflexão sobre o aprofundamento dos estudos no que se refere ao autoconhecimento do sujeito por meio do desenvolvimento de uma educação que considere os seus aspectos transdisciplinares e transpessoais. Assim, efetivamente, a Educação em Turismo poderá contribuir para as (trans)formações de si. Esta é, certamente, a orientação fundamental que deixo para a transformação do ser.

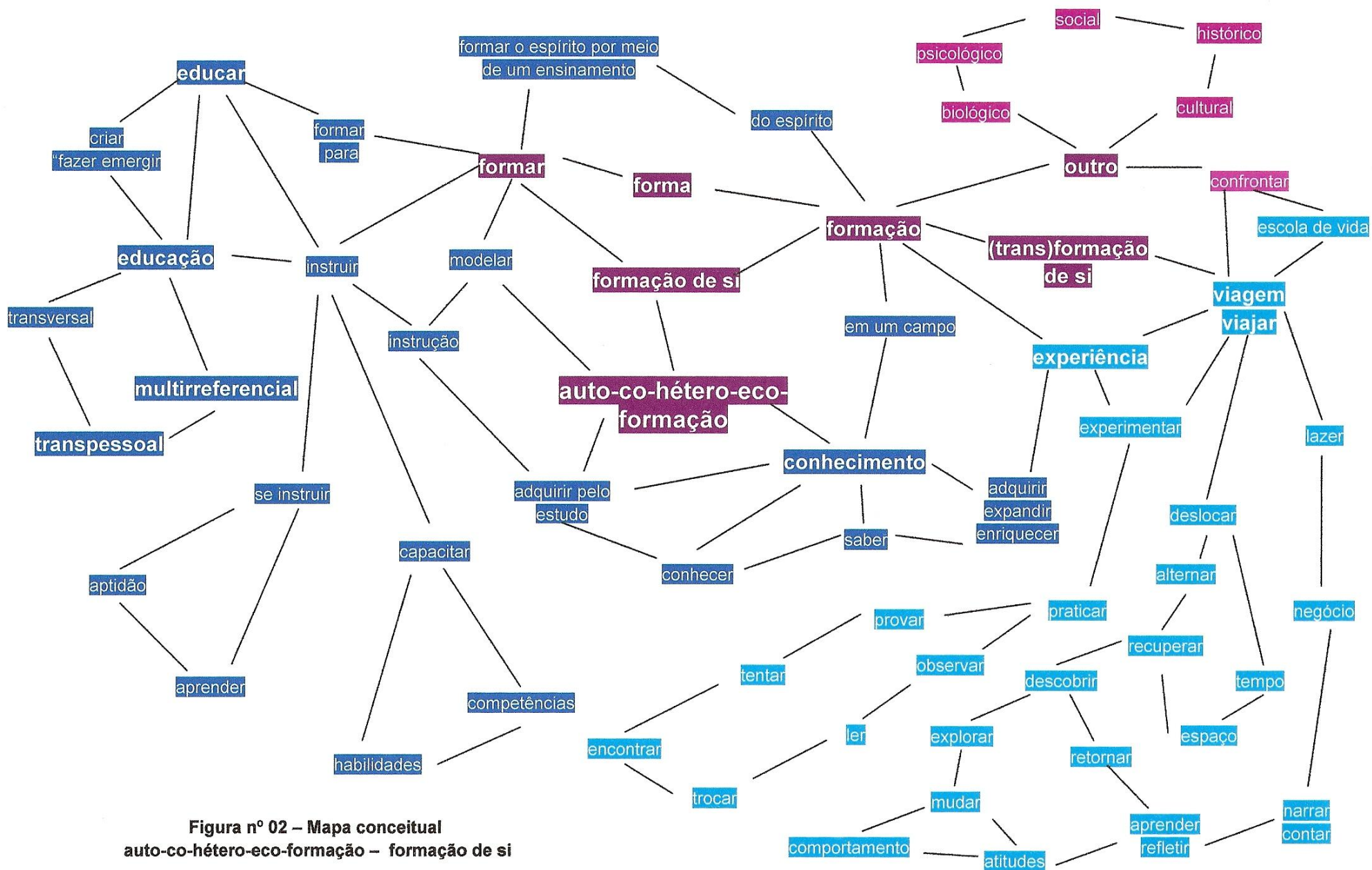


Figura nº 02 – Mapa conceitual auto-co-hétero-eco-formação – formação de si





## **REFERÊNCIAS**



## Referências

ABDELOUAHAB, Farid. **Ces merveilleux carnets de voyages**. 2<sup>ème</sup> edition augmentée. Bagneux: Reader's Digest, 2004. 232 p.

ACERENZA, Miguel Angel. **Administração do turismo: conceituação e organização**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

AINSWORTH, Barbara A. **Education through travel**. Chicago: Nelson-Hall, 1979. 150 p.

ALAIN, Coulon. **L'Ethnométhodologie**. 5e édition. Paris: PUF, 2002.

ALAIN. Manuscrits inédits. In: Philosophie, Textes choisis pour les classes. Paris: P.U.F., 1928, tome II, p. 137-138.

ALBIERI NERY, Paulo Roberto. **Viagem, passeio, turismo: estudo comparado do deslocamento como valor**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

AMFORT – Associação Mundial para a Formação Profissional Turística. Disponível em: < <http://www.terra.es/personal/amfort/homepage.htm> >. Acesso em: 15 nov. 2007.

AMIROU, Rachid; BACHIMON, Philippe; DEWAILLY, Jean-Michel; MALEZIEUX, Jacques. **Tourisme et souci de l'autre: en hommage à Georges CAZES**. Paris: L'Harmattan, 2005. 368 p.

AMIROU, Rachid. **Imaginaire du tourisme culturel**. Paris: PUF, 2000.

AMIROU, Rachid. **Imaginaire touristique et sociabilités du voyage**. Paris: PUF, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. 3a. ed.. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2002.

ANSARAH, M. G. R.; REJOWSKI, M. Panorama do Ensino em Turismo no Brasil: Graduação e Pós-Graduação. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 36-45, maio 1996.

ANSARAH, Marília G. dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2002.

ANSARAH, Marília G. dos Reis. **Turismo: segmentação de mercado**. São Paulo: Futura, 1999.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

APOSTOLOPOULOS, Yiorgos; LEIVADI, Stella; YIANNAKIS, Andrew (Editors). **The sociology of tourism: theoretical and empirical investigations**. London and New York: Routledge, 1996 (reprinted 1999, 2000, 2001). 360 p.

ARDOINO, Jacques ; LOURAU, René. **Les pédagogies institutionnelles**. Paris: PUF, 1994.

ARDOINO, Jacques; BOUMARD, Patrick; SALLABERRY, Jean-Claude (Coords.). **Actualité de la théorie de l'institution**. Paris: L'Harmattan, 2003. 272 p.

ARDOINO, Jacques; DE PERETTI, André. **Penser l'hétérogène**. Paris: DESCLÉE DE BROUWER, 1998.

ARDOINO, Jacques. **Les avatars de l'éducation: problématiques et notions en devenir**. Paris: PUF, 2000. 282 p.

ARDOINO, Jacques. **Propos actuels sur l'éducation: contribution à l'éducation des adultes**. Paris: L'Harmattan, 2004 (1963 – 1ère édition). 172 p.

ARDOINO, Jacques. **Communications et relations humaines : esquisse d'un modèle d'intelligibilité des organisations**. Bordeaux: Institut d'Administration des Entreprises de l'Université de Bordeaux, 1986.

ARDOINO, Jacques. **Éducation et Politique**. Paris: Anthropos, 1999.

ARDOINO, Jacques. **Jacques Ardoino**: orientação [14.06.2007]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2007. Sete gravações digitais (01:36:51 min). Orientação sobre a proposta do projeto de tese.

ARDOINO, Jacques. **Jacques Ardoino**: orientação [22.03.2007]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2007. Três gravações digitais (01:25:25 min). Orientação sobre a proposta do projeto de tese.

ARDOINO, Jacques. **Jacques Ardoino**: orientação [25.05.2006]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2006b. Três gravações digitais (01:36:51 min). Orientação sobre a proposta do projeto de tese.

ARDOINO, Jacques. **Jacques Ardoino**: orientação [12.04.2006]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2006a. Gravação digital (56:44 min). Orientação sobre a proposta do projeto de tese.

ARDOINO, Jacques. **Jacques Ardoino**: orientação [15.12.2004]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2004. 1 cassete sonoro (90 min). Orientação sobre a proposta de uma Pedagogia do Acolhimento.

ARDOINO, Jacques. **Management ou commandement: participation et contestation**. Paris: ANDSHA / Editeurs Epi, 1970.

ARIÈS, Philippe. A História das Mentalidades. In: LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BACHARÉIS EM TURISMO - ABBTUR. Apresenta informações e dados sobre os cursos de turismo e seus profissionais. Disponível em: < <http://www.abbtur.com.br> >. Acesso em: 15 nov. 2007.

AUGÉ, Marc. **L'impossible voyage: le tourisme et ses images**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1997. 208 p.

AUGÉ, Marc. **Non-lieux**. Paris: Éditions du Seuil, 1992. 160 p.

AUGÉ, Marc. **Pour une anthropologie des mondes contemporains**. Paris: Aubier, 1994. 196 p.

AUGÉ, Marc. **Un ethnologue dans le métro**. Paris: Hachette Littératures, 1986. 128 p.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AVENA, Annina Paolino. **Annina Paolino Avena**: depoimento [05.03.2005] Entrevistador: Biagio M. Avena. Rio de Janeiro, 2005. 2 gravações digitais (57 min). História de vida das famílias Avena e Paolino.

AVENA, Biagio M. Hospitalidade e Meios de Hospedagem. In: ARAUJO, Irlandia Ramos de (Org.). **Hospitalidade: contribuições, reflexões e tendências**. 1. ed. Salvador: Editora FIB, 2007b. 147 p.

AVENA, Biagio M. A Formação de Professores para o Turismo e a Hospitalidade. In: **IV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo: Turismo e Hospitalidade: configuração do campo científico** [recurso eletrônico] / Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo; organização Mirian Rejowski, Sênia Regina Bastos. -- São Paulo: Aleph, 2007a.

AVENA, Biagio M. The formation of teachers for tourism and hospitality. In: *Preparing Teachers for a Changing Context*, 2006c, Londres, **Anais eletrônicos**. Londres: Institute of Education, University of London, 2006. Disponível em: < [http://ioewebserver.ioe.ac.uk/ioe/cms/get.asp?cid=12169&12169\\_0=13950](http://ioewebserver.ioe.ac.uk/ioe/cms/get.asp?cid=12169&12169_0=13950) >. Acesso em: 18 nov. 2007.

AVENA, Biagio M. A Ação das Variáveis Incontroláveis no Turismo e no Acolhimento ao Turista. In: AZAMBUJA, Marcelo Schenk de (org.). **O Turismo e a Ação das Variáveis Controláveis e Incontroláveis**. Porto Alegre: Editora da PUC do Rio Grande do Sul, 2006b, p. 85-102.

AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento de qualidade: um novo olhar**. São Paulo: Roca, 2006a. 319 p.

AVENA, Biagio M. A Viagem: um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. **Revista da FACED**, Salvador, v. 09, p. 13-20, 2005.

AVENA, Biagio M. Educação em Turismo e Hospitalidade: a educação profissional no CEFET-BA. **ETC - Revista de Educação, Tecnologia e Cultura**, Salvador, v.1, n.1, p. 29-34, dez. 2003c.

AVENA, Biagio M. Educação em turismo: Abertura de horizontes para o profissional de "futuro". In: FERNANDES, Deise Maria (Org.). **Mercado turístico: áreas de atuação**. São Paulo: Editora Roca, 2003b. cap. 14, p. 159-171.

AVENA, Biagio M. Acolhimento de Qualidade: fator diferenciador para o incremento do Turismo na sociedade pós-industrial. In: BAHL, Miguel (Org.). **Perspectivas do Turismo na Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo: Editora Roca, 2003a.

AVENA, Biagio M. Turismo, educação e acolhimento de qualidade: transformação de *hostis* à *hospes* em Ilhéus, Bahia. **Ágere – Revista de Educação e Cultura**, Salvador, v. 5, junho 2002b.

AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento de qualidade: transformação de hostis a hospes em Ilhéus, Bahia**. 2002a. 367 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia - UFBA / Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus.

AVENA, Biagio M. Acolhimento de qualidade: fator diferenciador para o incremento do turismo na sociedade pós-industrial. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 12 , n. 1 , p. 20-29, maio 2001.

AVENA, Biagio M. **Porto Seguro - 500 anos de descobrimento: a qualidade da comunicação hoteleira e o turismo**. 1999. Monografia (Especialização em Administração Hoteleira), Universidade Estadual de Santa Cruz / SENAC, Ilhéus, 1999.

AVENA, Biagio M. **Turismo com Responsabilidade Social: a importância das políticas públicas e do planejamento de turismo e lazer**. (artigo não publicado)

BACAL, S. S. Educação para o turismo. **Debate**, São Paulo, n. 1, p. 11-13, set.1991.

BACON, Francis. **Essais – Essays**. Paris: Aubier, Éd. Montaigne, 1979. 310 p.

BAIDER; Fabienne; BURGER, Mareei; GOUTSOS; Dionysis (eds). **La communication touristique : approches discursives de l'identité et de l'alterité**. Paris: Editions L'Harmattan, 2004.

BALFET, Michel. La recherche dans le tourisme: définitions et concepts. **ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs)**, Paris, v. 141, oct. 1996, p. 25-28.

BARBIER, René; PINEAU, Gatton (eds.). **Les eaux ecoformatrices**. Paris: Editions L'Harmattan, 2001.

BARBIER, René. Apprendre au fond de soi. **Journal des Chercheurs**. Texto publicado em 23.08.2005. Disponível em: < [http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id\\_article=452](http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id_article=452) >. Acesso em: 21 jun. 2006.

BARBIER, René. Éduquer aujourd'hui. Éléments de réflexion. **Journal des chercheurs**. Publicado em 22.07.2002. Disponível em: < [http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id\\_article=24](http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id_article=24) >. Acesso em: 21 jun. 2006.

BARBIER, René. Formation de formateurs d'adultes à l'Université: approche existentielles. Les formations qualifiantes pour les formateurs. **Actualité de la Formation Permanente**, Paris, nº 106, nov-déc. 1989, p. 63-68.

BARBIER, René. **L'approche transversale: l'écoute sensible en sciences humaines**. Paris: Anthropos, 1997. 358 p.

BARBIER, René. La dialogique du chercheur scientifique et de l'éducateur. **Journal des Chercheurs**. Publicado em 13.01.2003. Disponível em: < [http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id\\_article=50](http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id_article=50) >. Acesso em: 21 jun. 2006.

BARBIER, René. Le formateur d'adultes comme homme à venir. **Mémoires du XXIe siècle: l'homme à venir**. Paris – Éditions du Rocher, 2000. Disponível em: < <http://www.barbier-rd.nom.fr/formateur.html> >. Acesso em: 22 maio 2007.

BARBIER, René. Les trois pédagogies. **Journal des Chercheurs**. Publicado em 25.09.2002. Disponível em: < [http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id\\_article=39](http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id_article=39) >. Acesso em: 21 jun. 2006.

BARBIER, René. Qu'est-ce que l'éducation? **Journal des Chercheurs**. Publicado em 13.05.2006. Disponível em: < [http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id\\_article=585](http://www.barbier-rd.nom.fr/journal/article.php3?id_article=585) >. Acesso em 21 jun. 2006.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998b. 126 p.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves.(org). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998a.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARHEAU, Hervé. **L'Épistémologie**. Paris: PUF, 2002.

BARHETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1997.

BARTHES, Roland. **Le mythe, aujourd'hui**. In: Mythologies: Le Seuil, 1970.

BARON-YELLES, Nacima. **Féderer les formations universitaires en tourisme et loisirs. ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs, v. 187, novembre 2001.**

BAUDELLOT DE DAIRVAL, Charles-César. **De l'utilité des voyages et de l'avantage que les recherches des antiquités procurent aux savants.** Paris: s/ed, 1686, éd. 1693, t. I, p. 28-29, 65-66.

BEAUD, Michel. **L'art de la thèse: comment préparer et rédiger un mémoire de master, une thèse de doctorat ou tout autre travail universitaire à l'ère du Net.** Paris: La Découverte, 2006. 206 p.

BEAUVOIS, Jean-Léon (dir.). **Des attitudes aux attributions: sur la construction de la réalité sociale.** Grenoble: PUG, 1996.

BEAUVOIS, Jean-Léon (dir.). **La construction sociale de la personne.** Grenoble: PUG, 1999.

BELORGEY, Jean-Michel. **Transfuges, voyages, ruptures et métamorphoses: des occidentaux en quête d'autres mondes.** Paris: Autrement, 2000.

BEJAMIN, Walter. O Flâneur. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1989, 1a ed.

BENI, Mario Carfos. **Análise estrutural do turismo.** 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

BENI, Mario Carlos. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira.** São Paulo: Aleph, 2003.

BERRY, Leonard L. **Descobrimo a essência do serviço: os novos geradores de sucesso sustentável nos negócios.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

BERCHTOLD, Leopold. **Essai pour diriger et étendre les recherches des voyageurs qui se proposent l'utilité de leur patrie, avec des observations pour préserver la vie, la santé et les effets, et une suite de questions sur les objets les plus dignes des recherches de tout voyageur, sur les matières qui intéressent la société et l'humanité.** Paris: Du Pont, 1797, 2 v.

BERGER, Arthur Asa. **Deconstructing travel: cultural perspectives on tourism.** Oxford – UK: Rowman & Littlefield Publishers, 2004. 128 p.

BERGER, Maria Virgínia Bernardi. **Educação transpessoal: integrando o saber ao ser no processo educativo.** 2002. 371 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1974.



BERTRAND, Léon. **Ouverture de l'Université d'été.** In: I Université d'été sur l'enseignement supérieur et la recherche en tourisme. 2006, Gréoux-les-Bains – France. Disponível em: < [http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme\\_030706.pdf](http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme_030706.pdf) >. Acesso em: nov. 2008.

BÉZILLE, Hélène; COURTOIS, Bernadette (Coords.). **Penser la relation expérience-formation.** Lyon: Éditions de la Chronique Sociale, 2006. 256 p.

BLEGER, José. **Psicologia da conduta.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOAS, Franz. **Race, language and culture.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 1940 (1982). 650 p.

BOCCHETTI, Paulo. **Foto-vivência: uma abordagem metodológica no reconhecimento de limites e vínculos na tomada de decisão.** 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

BOCCHETTI, Paulo. **Reflexões sobre o Comportamento Sustentável.** Rio de Janeiro, mimeografado, 2007.

BONFIM, Izac de O. B.; FREITAG, Marcos J. C. **Conhecimento crítico versus técnico.** Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/050/50cbonfim.htm> >. Acesso em: nov 2006.

BORBA, Sérgio da Costa. **Multirreferencialidade na formação do "professor-pesquisador": da conformidade à complexidade.** Maceió: EDUFAL, 2001.

BOTTON, Alain de. **The art of travel.** London: Penguin Books, 2002, 264 p.

BOUCHER DE LA RICHARDERIE, Gilles. **Bibliothèque universelle des voyages ou Notice complète et raisonnée de tous les voyages anciens et modernes dans les différentes parties du monde, publiés tant en langue française qu'en langues étrangères, classés par ordre de pays dans leur série chronologique, avec des extraits plus ou moins rapides des voyages les plus estimés de chaque pays, et des jugements motivés sur les relations anciennes qui ont le plus de célébrité,** Paris, 6 vol., 1806-1808; reprint Slatkine, Genève, 1970.

BOURGEOIS, Bernard. Hegel en France. In: TINLAND, Olivier (dir.). **Lectures de Hegel.** Paris: Librairie Générale Française, 2005, p. 36-59.

BOUTIER, Jean. **Le grand-tour: une pratique d'éducation des noblesses européennes (XVIe-XVIIIe siècles).** Disponível em: < <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00006836/fr/> >. Acesso em: out. 2006.

BOWLES, Paul. **The Sheltering Sky.** New York: Harper Collins Publishers, 1998. 368 p.

BOYER, Marc. **Histoire générale du tourisme du XVI<sup>e</sup> au XXI<sup>e</sup> siècle**. Paris: L'Harmattan, 2005. 334 p.

BOYER, Marc. **Le tourisme**. Paris: Le seuil, 1972 et 1982.

BOYER, Marc. **L'invention du tourisme**. Paris: Découvertes Gallimard, 1996. 160 p.

BOYER, Marc. **Le tourisme de l'an 2000**. Paris: PUL, 1999. 265 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Apresenta informações e dados sobre o turismo mundial e nacional. Disponível em: < [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br) >. Acesso em: jun e dez 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em turismo**. Brasília, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Decreto n. 5154, de 23 de julho de 2004. **Regulamenta o parágrafo 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 41 da Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e das outras providências**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores em administração hoteleira**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação: curso de hotelaria**. Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação: curso de turismo**. Brasília, 1999.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério do Turismo. Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR. **Apresenta informações e dados sobre o turismo mundial e nacional**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/portalmtur/opencms/institucional/estrutura/embratur.html>> . Acesso em: nov. 2007.

BRUAIRE, Claude. **La dialectique**. 2<sup>ème</sup> édition. Paris: PUF, 1993. 128 p.

BRITO, Brigida Rocha. **O Turista e o Viajante: contributos para a conceptualização do turismo alternativo e responsável**. In: IV Congresso Português de Sociologia, 2000a, Coimbra, APS.

BURKAT, A. J.; MEDLIK, S.. **Tourism: past, present and future.** London: Heinemann, 1981.

BURKE, Peter. **A escrita da história.** São Paulo: Unesp, 1992.

BURNS, Peter M. **An introduction to Tourism & Anthropology.** London and New York: Routledge, 1999 (reprinted 2000, 2002; transferred to digital printing 2003). 188 p.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer.** São Paulo: Moderna, 1998.

CAMPOS, Angelo M. Nunes. A Prática de ensino dos docentes do Curso de Turismo do CEFET/PA – uma análise centrada na metodologia do ensino. **Revista Urutagua – revista acadêmica multidisciplinar (Cesin-MT/DCS/UEM)**, Maringá – Paraná, nº 09, abr/mai/jun/jul/2006, Quadrimestral. Disponível em: < <http://www.urutagua.uem.br/009/09campos.htm> >. Acesso em: nov. 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; COSTA, Stella Regina Reis da. Estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo no Estado do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 2, 2005, p. 11-28.

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros. Professor – pesquisador: perfil do egresso do curso de licenciatura em turismo. In: **IV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo: Turismo e Hospitalidade: configuração do campo científico** [recurso eletrônico] / Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo; organização Mirian Rejowski, Sênia Regina Bastos. -- São Paulo: Aleph, 2007.

CEARD, Jean; MARGOLIN, Jean-Claude (Coords.). **Voyager à la Renaissance: actes du colloque de Tours 1983.** Paris: Éditions Maisonneuve et Larose, 1987. 680 p.

CERRUTI, Cédric. **La cultures des voyageurs à l'âge classique: regards, savoirs & discours.** In: La Revue Française, número spécial / número électronique. Disponível em: < <http://revuefrancaise.free.fr/Cerruti.htm> >. Acesso em: out. 2006.

CERTEAU, Michel de. **L'étranger ou l'union dans la difference.** Paris: Éditions du Seuil, 2005. 220 p.

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien: 1. arts de faire.** Paris: Éditions Gallimard, 1990. 362 p.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha.** Porto Alegre: L & M, 2005. v. 1. 511 p.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha.** Porto Alegre: L & M, 2005. v. 2. 518 p.

CHAMBERS, Erve. **Native tours: the anthropology of travel and tourism**. Long Grove - Illinois: Waveland Press, 2000. 140 p.

CHARTIER, Roger (Dir.). **Pratiques de la lecture**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1985 (2003 pour la présente édition). 336 p.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 239 p.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CITÉ DÉBATS. Édudier, chercher ailleurs: les étudiants étrangers dans l'université française. In: **Actes du colloque international – 09 octobre 2003**. Paris: Cité Internationale Universitaire de Paris, 2004. 240 p.

COLLINI, Silvia; VANNONI, Antonella (Coords.). **Les instructions scientifiques pour les voyageurs (XVII<sup>e</sup>-XIX<sup>e</sup> siècle)**. Paris: L'Harmattan, 2005. 350p.

CONSELHO EDUCACIONAL DA OMT. Disponível em: < [http://ekm.unwto.org/english/education\\_council.php](http://ekm.unwto.org/english/education_council.php) >. Acesso em: 15 nov. 2007.

COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. **Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

CORBIN, Alain (Coord.). **L'avènement des loisirs 1850-1960**. Paris: Flammarion, 1995. 476 p.

CORNES, Alan. **Culture from the inside out: travel - and meet yourself**. London: Intercultural Press, 2004. 196 p.

CORRÊA, Tupã Gomes. **Turismo e lazer: prospecções da fantasia do ir e vir**. 2. ed. São Paulo: EDICON, 2001.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 10<sup>a</sup> edição. São Paulo: Cortez Editora – Instituto Paulo Freire, 2006. 168 p.

COULON, Alain. **L'ethnométhodologie**. 5<sup>ème</sup> édition. Paris: PUF, 2002. 128 p.

CUNHA, Licínio. **Introdução ao Turismo**. Lisboa - São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

CUSHNER, Kenneth. **Beyond tourism: a practical guide to meaningful educational travel**. Oxford: Scarecrow Education, 2004. 167 p.

DE FORNEL, Michel; OGIEN, Albert; QUERE, Louis (eds). **L'Ethnométhodologie : une sociologie radicale**. Paris: éditions La Découverte, 2001.

DE LUZE, Hubert. **L'Ethnométhodologie**. Paris: Anthropos - Economica, 1997.

DE MASI, Domenico. **O Futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. 5. ed. São Paulo: Editora UNB / JOSÉ OLYMPIO, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les Histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation**. 2<sup>ème</sup> édition. Paris: Anthropos, 2004. 296 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 152 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

DENCKER, Ada Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do método: regras para a direção do espírito**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

DEWEY, John. **Dewey on education: selections**. New York: Teachers College Press – Columbia University, 1959. 134 p.

DEWEY, John. **Experience & Education**. New York: Touchstone, 1997 (1938). 96 p.

DEWEY, John. **How we think**. New York: Prometheus Books, 1910 (1991). 230 p.

DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002. 164 p.

DICIONÁRIO Aurélio. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira/Folha de São Paulo, 1995. 687 p.

DICIONÁRIO da Academia Francesa. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm> >. Acesso em: 15 nov. 2007.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm> >. Acesso em: 15 nov. 2007.

DICIONÁRIO Le nouveau Petit Robert de la langue française [CD-ROM]. France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

Dictionary of Leisure, Travel and Tourism. 3<sup>rd</sup> Edition. London: Bloomsbury, 2005. 378 p.

DOCZI, György. **O poder dos limites: harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura.** São Paulo: Mercuryo, 1999.

DOMINICÉ, Pierre. Faire de la place à l'expérience pour penser la formation. In: BÉZILLE, Hélène; COURTOIS, Bernadette (Coords.). **Penser la relation expérience-formation.** Lyon: Éditions de la Chronique Sociale, 2006. 256p. p. 09-12.

DUARTE JR., João Francisco. **O que é realidade.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUCHENE, Hervé. Voyager dans l'espace grec. Disponível em: < <http://www.u-bourgogne.fr/STIMULUS/D001/300/600.htm> >. Acesso em: 17 nov. 2007.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre: de l'hospitalité.** Paris: Calmann-Lévy, 1997 (2002). 144 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologie empirique du loisir:** critique et contre-critique de la civilisation du loisir. Paris: Éditions du Seuil, 1974. 272 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Vers une civilisation du loisir?** Paris: Éditions du Seuil, 1962. 324 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. 333 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. 244 p.

DURKHEIM, Émile **Éducation et sociologie.** 9<sup>ème</sup> édition. Paris: PUF, 2005 (1922). 142 p.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Autoconhecimento na formação do educador.** São Paulo: Ágora, 2007. 104 p.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Pedagogia da Transgressão.** São Paulo: Papyrus, 2003. 120 p.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. Prefácio. In: SANTOS NETO, Elydio dos. Por uma educação transpessoal: a ação e o pensamento de Stanislav Grof. S. Bernardo do Campo/SP: Metodista; Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 112 p.

FACCHINETTI, Luciana. Paria! **O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos.** São Paulo: Angellara Editora e Livraria Ltda, 2004.

FAYOS-SOLÁ, Eduardo. **El capital humano en la industria turística del siglo XXI.** Madrid: OMT, 1997.

FELDMAN, Jacqueline. *Propos sur l'expérience à travers la vie, la connaissance, la science.* In: BÉZILLE, Hélène; COURTOIS, Bernadette (Coords.). **Penser la relation expérience-formation.** Lyon: Éditions de la Chronique Sociale, 2006, p. 31-48.

FERNANDEZ, Bernard. **Identité Nomade.** Paris: Anthropos, 2002.

FERNANDEZ, Bernard. **Da Educação pelas viagens: imaginários e experiências interculturais vividas por ocidentais na Ásia ( Índia, China e Bali).** 1999 Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Paris 8, Paris, França. 3 volumes, 706 páginas, 83 páginas de anexo.

FERRY, Luc. **Lettre à tous ceux qui aiment l'école.** Paris: Odilo Jacop – SCÉRÉN/CNPD, 2003. 192 p.

C. FILHO, Macioniro. **A Institucionalização do Turismo como curso universitário (décadas de 1960 e 1970).** São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação : história, política, sociedade) – Pontifícia Universidade Católica – PUC São Paulo.

FLORES, Elio Chaves. *As fundações históricas da turismologia.* **SAECULUM – Revista de História,** João Pessoa, v. 12, jan./jun., 2005, p. 142-163.

FLORES, Paulo Silas Ozores. **Treinamento em qualidade: fator de sucesso para o desenvolvimento de hotelaria e turismo.** São Paulo: Roca, 2002.

FRANCO, Arlette. **Les diplômes et les formations aux métiers du tourisme.** Paris: La documentation Française – Collection des rapports officiels, 2003. 112 p.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003. 84 p.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. *Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas do currículo escolar.* In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial.** São Carlos: EdUFSCar, 1998.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. **Teresinha Fróes Burnham:** depoimento [04.08.1999]. Entrevistadora: Clelia Neri Cortes. Salvador: REDPECT - UFBA, 1999. 2 cassetes sonoros (120 min). Discussão sobre Espaços de Aprendizagem ocorrida na Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção sobre Currículo e Trabalho – REDPECTFACED-UFBA.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GAETA, Maria Cecília Damas. **Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo e hotelaria: uma perspectiva de otimização**. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica – PUC São Paulo.

GALEFFI, Dante Augusto. Prefácio. In: SOARES, Noemi Salgado. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano**. Salvador: EDFUBA, 2006. p. 33-39.

GASTAL, S.; BENI, M. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí - RS: Editora UNIJuí, 1998.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. 2000 Edition. New York: Basic Books, 1973 (2000). 470 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GENLIS, Stéphanie F. C. **Le voyageur, par Madame de Genlis, ouvrage utile à la jeunesse et aux étrangers**. Berlin: J. F. de La Garde, 1800. 222 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

GLOAGUEN, Philippe. **Une vie de routard**. Paris: Calmann-Lévy, 2006. 286 p.

GMELCH, Sharon Bohn. **Tourists and Tourism: a reader**. Long Grove - Illinois: Waveland Press, 2004. 482 p.

GOELDNER, Charles R; RITCHIE J. R Brent; McINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOOGLE – Brasil. Disponível em: < <http://www.google.com.br/> >. Acesso em: diversas datas.

GOOGLE – França. Disponível em: < <http://www.google.fr/> >. Acesso em : diversas datas.

GOUIRAND, Pierre. **Essai historique sur une théorie de l'accueil**. 1987. 890 f. 2 tomes. Thèse (Doctorat d'Etat d'Histoire) - U.E.R. de Lettres et Sciences Humaines, Université de Nice, Nice - France.

GOUIRAND, Pierre. **L'accueil hôtelier**. Paris: Editions BPI, 1994.

GOULARD, François. **Intervention**. In: I Université d'été sur l'enseignement supérieur et la recherche en tourisme. 2006, Gréoux-les-Bains – France. Disponível em: < [http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme\\_030706.pdf](http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme_030706.pdf) >. Acesso em: nov. 2008.



GRALL, Arnaud. **Intelligibilité multiréférentielle de l'errance comme parcours existentiel initiatique**. Mémoire du Diplôme d'Étude Appliquée en Sciences de L'Éducation. Université de PARIS VIII – U.F.R 8 Sciences de l'Éducation. Septembre 1998. Directeur de recherche: Jean-Louis LE GRAND – Maître de Conférence en Sciences de l'Éducation.

GROF, Stanislav. **A Aventura da autodescoberta**. São Paulo: Summus, 1997.

GUSMAO, Neusa Maria Mendes de. Anthropology and education: The origin of a dialogue. **Cad. CEDES.**, Campinas, v. 18, n. 43, 1997. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621997000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200002&lng=es&nrm=iso) >. Acesso em: 14 Mar 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0101-32621997000200002

GUY, William. **A traveler's education**. Philadelphia: Xlibris Corporation, 2001. 396 p.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

HARRISON, Julia. **Being a tourist: finding meaning in pleasure travel**. Toronto: UBC Press, 2003. 262 p.

HARTMANN, Hélio Roque, A dissolução do ser humano nas ciências humanas. In: **Ideação**, Feira de Santana, n. 4, p. 25-48, jul./dez. 1999.

HARTOG, François. **L'histoire, d'Homère à Augustin**. Paris: Éditions du Seuil, 1999. 290 p.

HARTOG, François. **Mémoire d'Ulysse: récits sur la fornière en Grèce ancienne**. Paris: Gallimard, 1996. 264 p.

HEGEL, G. W. F. **Phénoménologie de l'Esprit I**. Paris: Éditions Gallimard, 1993 (traduction française). 804 p.

HEGEL, G. W. F. **Phénoménologie de l'Esprit II**. Paris: Éditions Gallimard, 1993 (traduction française). 542 p.

HERÓDOTO. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3doto> >. Acesso em: nov. 2008.

HESS, Remi. **La pratique du journal: l'enquête au quotidien**. Paris: Anthropos, 1998. 146 p.

HESS, Remi. **Produire son oeuvre: le moment de la thèse**. Paris: Téraèdre, 2003. 176 p.

HOERNER, Jean-Michel; SICART, Catherine. **La science du tourisme: précis franco-anglais de tourismologie**. Baixas: Balzac Éditeur (collection "homo touristicus"), 2003. 106 p.

HOERNER, Jean-Michel. **Mémoires d'un nouveau touriste**. Baixas: Balzac éditeur (Collection "homo touristicus"), 2006.

HOERNER, Jean-Michel. **Traité de tourismologie: pour une nouvelle science touristique**. Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, 2002b.

HOERNER, Jean-Michel. Pour une nouvelle définition du tourisme. **ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs)**. Paris, n° 197, octobre 2002a, p. 15-20.

HOLDEN, Andrew. **Tourism studies and the social sciences**. London and New York: Routledge, 2005. 228 p.

HOPKINS, David; PUTNAM, Roger. **Personal growth through adventure**. London: David Fulton Publishers Ltd, 1993. 242 p.

HSU, Cathy H. C. (editor). **Global Tourism Higher Education: past, present and future**. New York: The Haworth Hospitality Press, 2005. 274 p.

HUNZIKER, W.; KRAPF, K. *Algemeine Freudenverkehrslehre*. Zurich: [s.n.], 1942.

IANNI, Otávio. A Metáfora da Viagem. **Revista de Cultura Vozes**, n° 2, março/abril 1996.

IMBERT, Francis. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

JACK, Gavin; PHIPPS, Alison. **Tourism and intercultural exchange: why tourism matters**. Clevedon: Channel View Publications, 2005. 184 p.

JARCZYK, Gwendoline. **Au confluent de la mort: l'universel et le singulier dans la philosophie de Hegel**. Paris: Ellipses, 2002. 256 p.

JOLIF, Jean-Yves. **Compreender o homem: introdução a uma antropologia filosófica**. São Paulo: Editora da USP, 1970.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 4. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

KAVÁFIS, Konstatinos. **Poesia Moderna da Grécia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

KEESING, Roger. Theories of Culture. In: **Annual Review of Anthropology**, vol. 3. Palo Alto, California.

KNAFOU, Rémy. La recherche en tourisme s'organise. **ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs)**. v. 225, avril 2005, p. 11-14.

KOJÈVE, Alexandre. **Introduction à la lecture de Hegel**. Paris: Éditions Gallimard, 1947. 602 p.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

**L'Art de voyager utilement**, Paris, 1688. Boucher de La Richarderie signale une édition d'Amsterdam de 1698. 52 p. (Amsterdam: J. Louis Lorme).

LA RECHERCHE EN TOURISME. Actes du colloque de Foix (organisé par l'Association française des IUP Tourisme, Hôtellerie, Loisirs et le Centre d'Études du Tourisme et des Industries de l'Accueil de l'Université de Toulouse – Le Mirail. Toulouse: Editions Jacques Lanore, 2001. 176 p.

LACARRIÈRE, Jacques. **Au coeur des mythologies: en suivant les dieux**. Paris: Gallimard, 1984, 1998, 2006. 626 p.

LACARRIÈRE, Jacques. **En cheminant avec Hérodote**. Paris: Éditions Seghers, 1981; Nil éditions, 2003. 312 p.

LACARRIÈRE, Jacques. **La légende d'Alexandre**. Paris: Éditions Gallimard – Éditions du Félin, 2000 (2004). 224 p. (traduit du grec, présenté et commenté par Jacques Lacarrière).

LACARRIÈRE, Jacques. In: **Le Monde de L'Éducation**, mai 1997.

LAGE, Janaína. Falta pessoal treinado na hotelaria. **A Tarde**, Salvador, 24 set. 2005. Nacional, p. 21.

LAMPRECHT, James; RICCI, Renato. **Padronizando o sistema da qualidade na hotelaria mundial**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

LANQUAR, Robert. **Sociologie du tourisme et des voyages**. 3. éd. Paris: PUF, 1994.

LAPASSADE, George. Da multirreferencialidade como “bricolagem”. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LAPLANTINE, François. **Je, nous et les autres: être humain au-delà des appartenances**. Paris: Le Pommier-Fayard, 1999. 160 p.

LAPLANTINE, François. **La description ethnographique**. Paris: Nathan, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: un conceito antropológico**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 120 p.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed., 1ª imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LE GRAND, Jean-Louis; PINEAU, Gaston. **Les histoires de vie**. 3<sup>ème</sup> édition. Paris: PUF, 2002. 128 p.

LE GRAND, Jean-Louis. Jean-Louis Le Grand: orientação [26.10.2006]. Entrevistador: Biagio M. Avena. Paris: Universidade de Paris VIII, 2006. Gravação digital (02:32:53 min). Orientação sobre a proposta do projeto de tese.

LE NOUVEAU PETIT ROBERT DE LA LANGUE FRANÇAISE 2007. Paris: Le Robert, 2007.

LE SCOUARNEC, Noël; PERRET, Frédéric. La recherche en tourisme: un enjeu enfin reconnu. **ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs)**, Paris, v. 240, septembre 2006, p. 10-12.

LEED, Eric J. **The mind of the traveler: from Gilgamesh to global tourism**. New York: Basic Books, 1991. 338 p.

LENGYEL, Márton. Tendências do turismo mundial e sua dinâmica na América-Latina. In : *Turismo : grande desafio dos anos 90 / II Seminário Latino-Americano. AMFORT*: São Paulo – Brasil, 21 a 23 de maio de 1990. – São Paulo : Escola de Comunicação e Artes / USP, 1991. 193 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Race et histoire**. Paris: Denoël – Collection Folio / Essais, 1952 (réédition 1987). 132 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques**. Paris: Plon, 1955. 512 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **La pensée sauvage**. Paris, Plon, 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

LOPEZ-GOURJAULT et les enfants de la rue vitruve. **En sortant de l'école**. Tournai-Belgique: Casterman, 1978.

LOURCELLES, Jacques. **Dictionnaire du cinéma: les films**. Paris: Robert Laffont, 1992. 1746 p.

LOWEN, Alexander. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. 6ª ed. São Paulo: Sumus, 1984.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA., Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 2a ed. Revista e ampliada. Salvador: EDUFBA, 2003.

LUNA, Sérgio V. de. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (66): 70-74, agosto de 1988.

MACCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. London: University of California Press, 1999 (1976). 232 p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **L'instant éternel: le retour du tragique dans les sociétés postmodernes**. Paris: Éditions Denoël, 2000. 252 p.

MAFFESOLI, Michel. **Le voyage ou la conquête des mondes**. Paris: Éditions Dervy. 2003. 80 p.

MARAFON, Maria Rosa Cavalheiro. **Pedagogia crítica: uma metodologia na construção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 290 p.

MATIAS, Marlene. **Turismo: formação e profissionalização - 30 anos de história**. São Paulo: Manole, 2002.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

MARQUET, Jean-François. **Leçons sur la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel**. Paris: Editions Ellipses, 2004, p. 39-48.

MASLOW, Abraham H. **L'accomplissement de soi: de la motivation à la plénitude**. 4<sup>ème</sup> tirage. Paris: Eyrolles, 2004 (1943).

MASLOW, Abraham H. **Vers une psychologie de l'être**. Paris: Fayard, 1972 (2005). 276 p.

MASLOW, Abraham H. **Diário de negócios de Maslow**. Org. por Deborah C. Stephens. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

MATHIESON, L. J.; WALL, G. **Tourism: economic, physical and social impacts**. London: Longman, 1982

MATURANA, Humberto R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. 4a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 88 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. 11<sup>ème</sup> édition. Paris: QUADRIGE / PUF, 2004 (1950). 492 p.

MEDEIROS, Andressa Andrade de. Educação, Cultura e Hospitalidade. **Revista de Turismo**. Jun. 2003. Disponível em: <  
<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/hospitalidade.html>>. Acesso em: 26 abr. 2005.

MEDLIK, S.; LOCKWOOD, A. (orgs.). **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Flor de Poemas**. 14a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MEIRELLES, Cecília. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 9.

MESSADIÉ, Gerald. **Le tourisme va mal? Achevons-le!** Paris: Max Milo Éditions, 2003. 64 p.

MICHEL, Franck. **Voyage au bout de la route: essai de socio-anthropologie**. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2004. 288 p.

MICHEL, Franck. **L'autre sens du voyage: manifeste pour un nouveau départ**. Paris: Éditions Homnisphères, 2003. 120 p.

MICHEL, Frank; FURT, Jean-Marie (direction). **Tourismes & Identités**. Paris: L'Harmattan, 2006. 222 p.

MICHEL, Frank. **Désirs d'Ailleurs: essai d'anthropologie des voyages**. Paris: Armand Colin/HER, 2000. 272 p.

MINAYO, Celília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000. 144 p.

MOISSET, Philippe. La recherche peut nous aider. **ESPACES – TOURISME & LOISIRS (revue mensuelle de réflexion du tourisme et des loisirs**. Paris, v. 141, octobre 1996, p. 34-35.

MOLINA, Sergio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo)

MONOT, Alexandra. Interview à Daniel ROCHE. Humeurs vagabondes: à quoi servent les voyages? In: **Cafés Géographiques**. 25 nov. 2003. Disponível em: < [http://www.cafe-geo.net/article.php3?id\\_article=193](http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=193) > . Acesso em: 02 out. 2006.

MONTAIGNE, Michel de. **Les Essais**. Paris: Arléa, 2002.

MONTEJANO, Jordi Montaner. **Estructura del Mercado Turístico**. 2. ed. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **L'intelligence de la complexité**. Paris: L'Harmattan, 1999.

MORIN, Edgar. **La tête bien faite: repenser la réforme, réformer la pensée**. Paris: Éditions du Seuil, 1999. 160 p.

MORIN, Edgar. **Relier les connaissances: le défi du XXI<sup>e</sup> siècle**. Paris: Éditions du Seuil, 1999. 480 p.

NASCIMENTO, Renê Corrêa do. **Visão Estrutural da Evolução dos Cursos Superiores de Turismo : a realidade atual**. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo – USP.

NASH, Dennison. **Anthropology of Tourism**. Oxford, UK: Pergamon, 1996 (second impression 2001; transferred to digital printing 2005). 208 p.

NASIO, Juan-David. **O Prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

NETTO, Alexandre Panosso; Trigo, Luis G. G. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo)

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Jahar Ed., 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Apresenta informações e dados sobre o turismo mundial**. Disponível em : < <http://www.world-tourism.org> >. Acesso em: jun. e dez. 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **LE TOURISME mondial en perte de vitesse em 2001**. OMT, Madrid, mar. 2002. Disponível em: < [http://wsroom/Releases/more\\_releases/january2002/chiffres\\_2001.htm](http://wsroom/Releases/more_releases/january2002/chiffres_2001.htm) >. Acesso em: 04 mar. 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Introdução ao Turismo** / direção e redação SÂNCHO, Amparo. São Paulo: Roca, 2001.

PAES, Silvia Regina. **Encontros e desencontros: o turismo e os dois lados da viagem**. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual Paulista.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Fenomenologia do turismo: uma proposta de construção epistemológica**. 2005. 182 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação – Área de Concentração: Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASCAL. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Blaise\\_Pascal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Blaise_Pascal) >. Acesso em: nov. 2008.

PEARCE, G.; BUTLER, R. W. **Desenvolvimento em turismo: temas contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2002.

PHILLIMORE, Jenny; GOODSON, Lisa (Editors). **Qualitative research in tourism: ontologies, epistemologies and methodologies**. London: Routledge, 2004. 334 p.

PIAGET, Jean. **L'épistémologie génétique**. 6ème édition. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 2005.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como arte formadora da existência. In: LE GRAND, Jean-Louis; PINEAU, Gaston. **Les histoires de vie**. 3<sup>ème</sup> édition. Paris: PUF, 2002. 128 p.

PLEINES, Jürgen-Eckardt. Georg Wilhelm Friedrich Hegel. **Perspective: revue trimestrielle d'éducation comparée**, Paris (UNESCO. Bureau international d'éducation), v. XXIII, n° 3-4, 1993, p. 657-668.

PNT – Plano Nacional de Turismo 2007/2010: uma viagem de inclusão. Brasília: MTur, 2007.

POLO, Marco. **Le devisement du monde: le livre des merveilles**. Tome I. Paris: La Découverte, 2004b. 280 p. (texte intégral établie par A.-C. Moule et Paul Pelliot, version française de Louis Hambis, introduction et notes de Stéphanie Yerasimos).

POLO, Marco. **Le devisement du monde: le livre des merveilles**. Tome II. Paris: La Découverte, 2004a. 295 p. (texte intégral établie par A.-C. Moule et Paul Pelliot, version française de Louis Hambis, introduction et notes de Stéphanie Yerasimos).

PORTIEZ, Louis. **Des voyages, de leur utilité dans l'éducation**. Paris: Imprimerie Nationale, (vers 1795)

PROUST, Marcel. **À la recherche du temps perdu. VI – Le chagrin et l'oubli**. Québec: La bibliothèque électronique du Québec (esta edição retoma o texto da edição Gallimard, paris, 1946-47, em 15 volumes).

PROUST, Marcel. **À la recherche du temps perdu. XI – La prisonnière (première partie)**. Québec: La bibliothèque électronique du Québec (esta edição retoma o texto da edição Gallimard, paris, 1946-47, em 15 volumes).

PUGIBET, Véronique. **Se former à l'altérité par le voyage dès l'école**. Paris: L'Harmattan, 2004. 270 p.

RAUCH, André. **Vacances en France de 1830 à nos jours**. Paris: Hachette Littératures, 2001 (édition augmenté).320 p.

REJOWSKI, Mirian (Org.) **Turismo no percurso do tempo**. 2ª edição. São Paulo: Editora Aleph, 2002 (2005). 176 p.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento Internacional x situação brasileira**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

REVUE PRATIQUES DE FORMATION - ANALYSES (revue internationale). Paris: Université Paris 8, n. 43 (de la critique en éducation), mars 2002. 160 p.

REVUE PRATIQUES DE FORMATION - ANALYSES (revue internationale). Paris: Université Paris 8, n. 47-48 (anthropologies et formation), déc. 2004. 222 p.

REVUE PRATIQUES DE FORMATION - ANALYSES (revue internationale). Paris: Université Paris 8, n. 51-52 (les temporalités éducatives), nov. 2006. 238 p.

RITCHIE, Brent W; CARR, Neil; COOPER, Chris. **Managing Educational Tourism**. Clevedon: Channel View Publications, 2003. 286 p.

ROBIN, Régine. **História e lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1977.



ROBIN, Régine. Os Historiadores e o Campo Lingüístico. In: **História e lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 61-69.

ROBITAILLE, Mathieu. **Esprit e language chez Hegel: une relecture de la "certitude sensible"**. Laval théologique et philosophique, Laval, v. 59, nº 1, février 2003, p. 115-135.

ROCHE, Daniel. **Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages**. Paris: Librairie Athème Fayard, 2003a. 1032 p.

ROCHE, Daniel. Humeurs vagabondes: à quoi servent les voyages? In: **Cafés Géographiques**. 25 nov. 2003b. Disponível em: < [http://www.cafe-geo.net/article.php3?id\\_article=193](http://www.cafe-geo.net/article.php3?id_article=193) > . Acesso em: 02 out. 2006.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROSNAY, Joël de. Concepts et opérateurs transversaux. In: MORIN, Edgar. **Relier les connaissances: le défi du XXI<sup>e</sup> siècle**. Paris: Éditions du Seuil, 1999. 480 p.

ROUANET, Sergio Paulo. **A Razão Nômade. Walter Benjamin e outros viajantes**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 26<sup>a</sup> edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Editora Atlas, 1982.

RUOFF, Jeffrey (editor). **Virtual voyages: cinema and travel**. London: Duke University Press, 2006. 298 p.

RUSCHMANN, Doris V. De M. et alii. Cursos e programas de ensino em turismo - realidade de cinco cidades brasileiras. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 07-25, maio 1996.

RUSCHMANN, Doris V. M. Capacitação de docentes para o ensino do turismo em países em desenvolvimento. O caso do Brasil. In : **Turismo : grande desafio dos anos 90 / II Seminário Latino-Americano**. AMFORT : São Paulo – Brasil, 21 a 23 de maio de 1990. – São Paulo : Escola de Comunicação e Artes / USP, 1991. 193 p.

SAHLINS, Marschall. **Islands of History**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1985. 180 p.

SAHLINS, Marshall. **Culture in practice: selected essays**. 2<sup>nd</sup> printing New York: Zone Books, 2005. 648 p.

SANCHO, Amparo (dir.). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do turismo: estudos de suas causas primeiras**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005. 79 p.

SANTOS NETO, Elydio dos. **Por uma educação transpessoal: a ação e o pensamento de Stanislav Grof**. S. Bernardo do Campo/SP: Metodista; Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 112 p

SANTOS, Pedro Laurentino Pinheiro dos; AVENA, Biagio M. Hotel-Escola: uma proposta para o CEFET-BA. **ETC- Revista de Educação, Tecnologia e Cultura**. Salvador, v. x, n. x, 2005.

SAUZEAU, Thierry. **Du voyage de formation à la formation au voyage. L'apprentissage des marins charentais (1750-1850)**. In: 130e congrès du CTHS – Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, avril 2005, La Rochelle.

SHELLE, Karl Gottlob. **A arte de passear**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHURÉ, Édouard. **Hermes**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SCHÜTER, Regina G. **Investigación en turismo y hotelería**. Buenos Aires: CIET, 2000.

SCLIAR, Moacyr. **Dicionário do viajante insólito**. Porto Alegre: L&PM, 2003. 134 p.

SEARLE, Duncan Louis. **Investigating the use of school based educational travel to teach about our world**. (A Report submitted for an Associateship at the Institute of Education, Univeristy of London). London: IOE, 1992.

SENECA. *Lettres à Lucilius*. In: ANDRÉ, J.-M.; BASLEZ, Marie-Françoise. **Voyager dans l'Antiquité**. Paris: Fayard, 1993. 594 p.

SERRES, Michel. **Atlas**. Paris: Flammarion, 1996. 288 p.

SERRES, Michel. **Le tiers-instruit**. Paris: Éditions Gallimard – Éditions François Bourin, 1991. 256 p.

SERRES, Michel. **Nouvelles du monde**. Paris: Éditions J'ai lu – Flammarion, 1999. 256 p.

SHCÉRER, René. **Zeus hospitalier: éloge de l'hospitalité**. Paris: La Table Ronde, 1993 (2005).

SIBONY, Daniel. **Entre-deux. L'origine en partage**. Paris: Le Seuil, 1991.

SILVA, F. P. S. **Educação superior sustentável: uma análise de cursos de turismo**. 2005. 333 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, F. P. S. **Turismo em Rede, uma teia de múltiplas relações**. Salvador: FACTUR – Faculdade de Turismo da Bahia, 2000.

SILVA, F. P. S. **Configuração de uma Rede Turística**. 1997. 166 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, F. P. S. Turismo: um negócio com qualidade. **Revista Análise e Dados**, Salvador, SEI, v. 6, n. 4, p. 101-104, mar. 1997.

SILVA, Fernando Brasil. **A psicologia aplicada ao turismo e hotelaria**. São Paulo: CenaUn, 1999.

SILVA, Orlando Sampaio. **Dom Quixote de la Mancha**. Disponível em: < <http://www.carlosbranco.jor.br/mostratempesp.asp?codigot=800&menuvolta=conteudo.asp> >. Acesso em: 21 nov. 2006.

SMITH, Valene L (Editor). **Hosts and guests: the anthropology of tourism**. 2<sup>nd</sup> edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

SOARES, Noemi Salgado. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano**. Salvador: EDFUBA, 2006

SOUZA, João Cândido; SOUZA, Lícia Soares de. **Turismo Sustentável: Cultura – Relações Públicas – Qualidade**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo (SCT), 2002. 124 p.

SPLINDER, Jacques. **État des lieux sur l'enseignement supérieur et la recherche en tourisme**. In: I Université d'été sur l'enseignement supérieur et la recherche en tourisme. 2006, Gréoux-les-Bains – France. Disponível em: < [http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme\\_030706.pdf](http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme_030706.pdf) >. Acesso em: nov. 2008.

STAGL, Justin. **A history of curiosity: the theory of travel 1550-1800**. London and New York: Routledge, 1995 (reprinted 2004). 344 p.

STENDHAL. **Mémoires d'un touriste**. Paris: Pauvert, 1955.

SWARBROOKE, John. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TAHON, Thierry. **Petite philosophie du voyage**. Éditions Milan, 2005. 132 p.

THEOBALD, Willinam F. (org.). **Turismo global**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

TINLAND, Olivier (dir.). **Lectures de Hegel**. Paris: Librairie Générale Française, 2005. 512 p.

TODOROV, Tzvetan. **Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1989. 544 p.

TOEPFFER, Rodolphe. **La bibliothèque de mon oncle**. Genève: Imprimerie de la Bibliothèque Universelle, 1832.

TOEPFFER, Rodolphe. **Voyages en zig-zag**. [S.l: s.n.], 1843.

TOURISM: THE BUSINESS OF TRAVEL. USA: APII publications and services, 2007. 146 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói (org.). **Turismo: como aprender / como ensinar**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Viagem na memória: guia histórico das viagens e do Turismo no Brasil**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. 246p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **A Sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. London: John Mursay & Co. 1871 [1958, New York: Harper Torchbooks].

UNESCO. **Towards an open learning world**. Hamburg: UNESCO Institute of Education, 2002. 104 p.

URBAIN, Jean-Didier. **Sur la plage: moeurs et coutumes balnéaires (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)**. Paris: Édition Payot & Rivages, 1994. 380 p.

URBAIN, Jean-Didier. **L'Idiot du voyage: histoires de touristes**. Paris: Librairie Plon, 1991.

URRY, John; ROJEK, Chris (Editors). **Touring Cultures: transformations of travel and theory**. Oxon: Routledge, 1997 (reprinted 2000). 218 p.

URRY, John. **The tourist gaze**. 2<sup>nd</sup> edition. London: Sage Publications, 2002 (reprinted 2002, 2003, 2005). 188 p.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Studio Novel/Sesc, 1999.

VAN DEN ABBEELE, Georges. **Travel as Metaphor: from Montaigne to Rousseau**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. 178.

VAUGRAND, Henri. Préface. In: ARDOINO Jacques, 2004, **Propos actuels sur l'éducation: contribution à l'éducation des adultes**, Paris, L'HARMATTAN, 172 p.

VERÍSSIMO, Érico. **As aventuras de Tibicuera que são também as aventuras do Brasil**. 4. ed. Livraria do Globo: Porto Alegre, 1947. 177 p.

VERNE, Jules. **A volta ao mundo em oitenta dias**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

VIARD, J. **Penser les vacances**. Paris: Actes Sud/H. Nyssen, 1984.

VIARD, J. **Témoignage**. In: I Université d'été sur l'enseignement supérieur et la recherche en tourisme. 2006, Gréoux-les-Bains – France. Disponível em: < [http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme\\_030706.pdf](http://www.tourisme.gouv.fr/fr/actualites/att00013046/programme_030706.pdf) >. Acesso em: nov. 2008.

VIVEROS, César Gómez. Desafios para la formación de recursos humanos en turismo. El caso de Chile. In FAVOS-SOLÁ, Eduardo (org). **El capital humano em la industria turística dei siglo XXI**. Madrid - Espana: OMT/FITUR, 1997.

VOLTAIRE. **Cândido ou o otimismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. 128 p.

VOYAGE: de l'exotisme aux non-lieux. Valence: Musée de Valence et Institut d'Art Contemporain / FRAC Rhône-Alpes, 1998. 92 p.

WALKER, Jonh R. Turismo. In:\_\_\_\_\_. **Introdução à Hospitalidade**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002. cap. 2, p. 32-74.

WERNECK, Hamilton. **Como encantar alunos da matrícula ao diploma**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WHITTY, Geoff. Towards a new teacher professionalism. In: **Preparing Teachers for a Changing Context**. Londres: IOE, 2006.

WITHEY, Lynne. **Grand Tours and Cook's Tours: a history of leisure travel – 1750-1915**. New York: William Morrow and Company, 1997. 402 p.

WOOD, Sarah. **Learning through travel: a report on the educational potential of tourism and the learning provision for overseas visitors of the British Museum and the Victoria and Albert Museum**. London. (Dissertation): University of London. 2004.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo: uma esperança condicional**. 2. ed. São Paulo: Global, 1999.



## **ANEXOS**





## **Anexo A - CÓDIGO de ÉTICA MUNDIAL para o TURISMO**

**Fonte: OMT, 2007**

Nos, Membros da Organização Mundial do Turismo (OMT), representantes do setor turístico mundial, delegados de estados, territórios, empresas, instituições e organismos reunidos na Assembléia General em Santiago do Chile no 1º de outubro de 1999,

Reafirmando os objetivos enunciados no artigo 3 dos Estatutos da Organização Mundial do Turismo, e conscientes da função "central y decisiva" que reconheceu à Organização, a Assembléia Geral das Nações Unidas na promoção e no desenvolvimento do turismo com a finalidade de contribuir ao crescimento econômico, a compreensão internacional, a paz e a prosperidade dos países, assim como ao respeito universal e observação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais sem distinção de raça, sexo, língua nem religião,

Profundamente convencidos de que, graças ao contato direto, espontâneo e imediato que permite entre homens e mulheres de culturas e formas de vida diferentes, o turismo é uma força viva ao serviço da paz e um fator de amizade e compreensão entre os povos,

Atendo-nos aos princípios encaminhados a conciliar com sustentabilidade a proteção do meio ambiente, o desenvolvimento econômico e a luta contra a pobreza, que as Nações Unidas formularam, na "Cume sobre a Terra" de Rio de Janeiro em 1992 e que expressaram-se no Programa 21 adotado nessa ocasião,

Tendo presente o rápido e continuo crescimento, tanto passado como previsível, da atividade turística originada por motivos de lazer, negócios, cultura, religião ou saúde, seus poderosos efeitos positivos e negativos no meio ambiente, na economia e na sociedade dos países emissores e receptores, nas comunidades locais e nas populações autóctones, assim como nas relações e nos intercâmbios internacionais,

Movidos pela vontade de fomentar um turismo responsável e sustentável, ao que todos tenham acesso no exercício do direito que corresponde a todas as pessoas de dispor de seu tempo livre para fins de lazer e viagens, com o devido respeito as opções de sociedade de todos os povos,

Porque Persuadidos também de que o setor turístico em seu conjunto se favoreceria consideravelmente de desenvolver-se em um conjunto que fomente a economia de mercado, a empresa privada e a liberdade de comércio, o que lhe permita otimizar seus efeitos benéficos de criação de atividades e empregos.

Intimamente Convencidos de que sempre se repetem determinados princípios e se observam certas normas, o turismo responsável e sustentável não é de modo algum incompatível com uma maior liberação pelas quais se rege o comércio de serviços sob cuja tutela operam as empresas do setor a quem cabe conciliar neste campo: economia e ecologia, meio ambiente e desenvolvimento, e abertura aos intercâmbios internacionais e proteção das identidades sociais e culturais.

Considerando que neste processo todos os agentes do desenvolvimento turístico - administrações nacionais, regionais e locais, empresas, associações profissionais, trabalhadores do setor, organizações não governamentais e organismos de todo tipo do setor turístico e também as comunidades receptoras, os órgãos de imprensa e os próprios interdependentes na valorização individual e social do turismo e que a definição dos direitos e deveres de cada um contribuirá para atingir este objetivo.

Interessados tanto quanto a própria Organização Mundial do Turismo desde que em 1977 sua Assembléia Geral adotou, em Istambul, a Resolução 364 (XII) para promover uma verdadeira colaboração entre os agentes públicos e privados do desenvolvimento turístico, e desejosos de que uma organização (associação) e uma cooperação de mesma natureza se entendam de forma aberta e equilibrada nas relações entre países emissores e receptores, e entre seus respectivos setores turísticos.

Expressando nossa vontade em dar continuidade às Declarações de Manila de 1980 sobre o turismo mundial, e de 1997 sobre os efeitos sociais do turismo, como também à Carta do Turismo e o código do Turista adotado em Sofia, em 1985 sob os auspícios da OMT.

Porque entendendo que esses instrumentos devem completar-se em seu conjunto de princípios interdependentes em sua interpretação e explicação aos quais os agentes de negócio turístico terão que ajustar sua conduta no começo do século XXI.

Referindo-nos, para os efeitos do presente instrumento, às definições e classificações aplicáveis aos viajantes, e especialmente às noções de "visitantes", "turista", e "turismo" que adotou a Conferência Internacional de Otawa, realizada de 24 a 28 de junho de 1991, e que aprovou em 1993 a Comissão de Estatutos das Nações Unidas, em seu 27º período de sessões.

Atendo-nos particularmente aos instrumentos que se relacionam à continuação:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1984,
- Pacto Internacional de Direitos Econômicos e Culturais, de 16 de dezembro de 1966,
- Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos, de 16 de dezembro de 1966,
- Convênio de Varsóvia sobre o transporte aéreo, de 12 de outubro de 1929,
- Convênio Internacional de Chicago sobre a Aviação Civil, de 07 de dezembro de 1944, assim como as convenções de Tóquio, Haia e Montreal adotadas em relação aos citados convênios,
- Convenção sobre as facilidades aduaneiras para o turismo, de 04 de julho de 1954 e protocolo associado,
  - Convênio relativo a proteção do patrimônio mundial e cultural de 23 de novembro de 1972,
- Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial, de 10 de outubro de 1980,
- Resolução da Sexta Assembléia geral da OMT(Sofia) onde se adaptaram a carta do Turismo e o Código do Turista, de 26 de setembro de 1985,
- Convenção sobre os Direitos das Crianças, de 26 de janeiro de 1990,
- Resolução da nona Assembléia Geral da OMT (Buenos Aires) relativa à facilitação

das viagens e da segurança dos turistas, de 04 de outubro de 1991,

- Declaração do Rio de Janeiro sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento de 13 de junho de 1992,
- Acordo Geral sobre o Comércio de serviços, de 15 de abril de 1994,
- Convênio sobre a Diversidade Biológica, de 16 de janeiro de 1995,
- Resolução da décima primeira Assembléia Geral da OMT (no Cairo) sobre a prevenção do turismo sexual organizado, de 22 de outubro de 1995,
- Declaração de Estocolmo contra a exploração sexual comercial das crianças, de 28 de agosto de 1996,
- Declaração de Manila sobre os Efeitos sociais do Turismo, de 22 de maio de 1997,

e

- Convênios e recomendações adotados pela Organização Internacional do Trabalho em relação aos convênios coletivos, a proibição de trabalhos forçados e do trabalho infantil, a defesa dos direitos dos povos autóctones, e a igualdade de trato e a não discriminação no trabalho.

Afirmamos o direito ao turismo e a liberdade de deslocamentos turísticos,

Expressamos nossa vontade de promover um ordenamento turístico mundial eqüitativo, responsável e sustentável, em benefício mutuo de todos os setores da sociedade e uma volta da economia internacional aberta e liberalizada e

Proclamamos solenemente com esse fim os princípios do Código Ético Mundial para o Turismo.

## Artigo 1º

### CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA O ENTENDIMENTO E RESPEITO MÚTUO ENTRE HOMENS E A SOCIEDADES

1. A compreensão e a promoção dos valores éticos comuns da humanidade, em um espírito de tolerância e respeito à diversidade, às crenças religiosas, filosóficas e morais são, por sua vez, o fundamento e a consequência de um turismo responsável. Os agentes do desenvolvimento turístico e os próprios turistas deverão prestar atenção às tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as minorias nacionais e as populações autóctones, e reconhecerão suas riquezas.

2. As atividades turísticas se organizarão em harmonia com as peculiaridades e tradições das regiões e países receptores, respeitando suas leis e costumes.

3. Tanto as comunidades receptoras como os agentes profissionais locais terão que aprender a conhecer e respeitar os turistas que os visitam, informar-se sobre sua forma de vida, seus gostos e suas expectativas. A educação e a formação que competem aos profissionais contribuirão para uma recepção hospitaleira aos turistas.

4. As autoridades públicas têm a missão de assegurar a proteção dos turistas e dos visitantes, assim como de seus pertences. Ficarão com o encargo de prestar atenção especial aos turistas estrangeiros, devido a sua vulnerabilidade. A

finalidade será facilitar a fixação de meios de informação, prevenção, proteção, seguro e assistência específicos que correspondam as suas necessidades. Os atentados, agressões, seqüestros e ameaças dirigidos contra turistas ou trabalhadores do setor turístico, assim como a destruição intencional de instalações turísticas ou de elementos do patrimônio cultural e natural devem ser condenados e reprimidos com severidade, conforme a legislação nacional respectiva.

5. Em seus deslocamentos, os turistas e visitantes deverão evitar todo o ato criminal ou considerado delinqüente pelas leis do país que visitam, bem como qualquer comportamento que possa chocar a população local, ou ainda, danificar o entorno do lugar. Deverão se abster de qualquer tipo de tráfico de drogas, armas, antigüidades, espécies protegidas, produtos e substâncias perigosas e proibidas pelo regulamento nacional.

6. Os turistas e visitantes têm a responsabilidade de informar-se desde sua saída, sobre as características do país que se dispõem a visitar. Mesmo assim serão conscientizados dos riscos de saúde e seguros inerentes a todos os deslocamentos fora de seu entorno habitual, e deverão comportar-se de forma que diminua estes riscos.

## Artigo 2

### O TURISMO, INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E COLETIVO

1. O turismo, que é uma atividade geralmente associada ao descanso, à diversão, ao esporte e ao acesso a cultura e a natureza, deve conceber-se e praticar-se como um meio privilegiado de desenvolvimento individual e coletivo. Considerando-se a abertura de espírito necessária, é um fator insubstituível de autoeducação, tolerância mútua e aprendizagem das legítimas diferenças entre os povos, culturas e suas diversidades.

2. As atividades turísticas deverão respeitar a igualdade entre homens e mulheres. Mesmo assim, deverão ser promovidos os direitos humanos e em particular, os direitos específicos dos grupos de populações mais vulneráveis, especialmente as crianças, maiores de idade, as pessoas incapacitadas, as minorias étnicas e os povos autóctones.

3. A exploração de seres humanos, em qualquer de suas formas, principalmente a sexual, e em particular quando afeta as crianças, fere os objetivos fundamentais do turismo e estabelece uma negação de sua essência. Portanto, conforme o direito internacional, deve-se combatê-la sem reservas, com a colaboração de todos os Estados interessados, e penalizar os autores destes atos com o rigor das legislações nacionais dos países visitados e dos próprios países destes, mesmo quando cometidos no exterior.

4. Os deslocamentos por motivos de religião, saúde, educação e intercâmbio cultural ou lingüístico, constituem formas particularmente interessantes de turismo e merecem promover-se.

5. Será favorecida a introdução de programas de estudo, como intercâmbios turísticos, mostrando seus benefícios econômicos, sociais e culturais, mas, também, seus riscos.

### Artigo 3

#### O TURISMO, FATOR DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1. Todos os agentes de desenvolvimento turístico têm o dever de proteger o meio ambiente e os recursos naturais, com perspectiva de um crescimento econômico constante e sustentável, que seja capaz de satisfazer eqüitativamente as necessidades e aspirações das gerações presentes e futuras.
2. As autoridades públicas nacionais, regionais e locais favorecerão e incentivarão todas as modalidades de desenvolvimento turístico que permitam preservar recursos naturais escassos e valiosos, em particular a água e a energia, e evitem no que for possível a produção de resíduos.
3. Procurar-se-á distribuir no tempo e no espaço os movimentos de turistas e visitantes, em particular por intermédio das férias remuneradas e das férias escolares, e, equilibrar melhor a frequência com a finalidade de reduzir a pressão que exerce a atividade turística no meio ambiente e de aumentar seus efeitos benéficos no setor turístico e na economia local.
4. Conceder-se-á a infra-estrutura e se programarão as atividades turísticas de forma que se proteja o patrimônio natural que constituem os ecossistemas e a diversidade biológica, e que se preservem as espécies em perigo da fauna e da flora silvestre. Os agentes do desenvolvimento turístico, e em particular os profissionais do setor, devem admitir que se imponham limites à suas atividades quando as mesmas sejam exercidas em espaços particularmente vulneráveis: regiões desérticas, polares ou de alta montanha, litorâneas, florestas tropicais ou zonas úmidas, que sejam idôneos para a criação de parques ou reservas protegidas.
5. O turismo de natureza e o ecoturismo se reconhecem como formas de turismo particularmente enriquecedoras e valorizadoras, sempre que respeitem o patrimônio natural e a população local e se ajustem à capacidade de carga dos lugares turísticos.

### Artigo 4

#### O TURISMO, FATOR DE APROVEITAMENTO E ENRIQUECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE

1. Os recursos turísticos pertencem ao patrimônio comum da humanidade. As comunidades, em cujo território se encontram, tem com relação a eles direitos e obrigações particulares.
2. As políticas e atividades turísticas se inteirarão a respeito do patrimônio artístico, arqueológico e cultural que devem proteger, e transmitir para as gerações futuras. Conceder-se-á atenção particular à proteção e à recuperação dos monumentos, santuários e museus, como também dos lugares de interesse histórico ou arqueológico, que devem estar amplamente abertos à visitação turística. Estimular-se-á o acesso do público aos bens e monumentos culturais de propriedade particular respeitando os direitos de seus proprietários, assim como aos edifícios religiosos sem prejudicar os cultos.
3. Os recursos procedentes da visitação dos lugares e monumentos de interesse cultural teriam que ser designados preferencialmente, ao menos em parte, à manutenção, proteção, melhoria e ao enriquecimento desse patrimônio.

4. A atividade turística se organizará de modo que permita a sobrevivência e o progresso da produção cultural e artesanal tradicional, assim como, do folclore e que não caminhe para sua normalização e empobrecimento.

#### Artigo 5

### O TURISMO, ATIVIDADE BENÉFICA PARA OS PAÍSES E AS COMUNIDADES DE DESTINO

1. As populações e comunidades locais se associarão às atividades turísticas e terão uma participação equitativa nos benefícios econômicos, sociais e culturais que referem, especialmente na criação direta e indireta de emprego que ocasionem.

2. As políticas turísticas se organizarão de maneira que contribuam com a melhora do nível de vida da população das regiões visitadas correspondendo as suas necessidades. A concepção urbanística e arquitetônica e a forma de exploração das estações e dos meios de hospedagem turístico tenderão para sua ótima integração no contexto econômico e social local. De igual importância, se priorizará a contratação de mão-de-obra local.

3. Dar-se-á atenção particular aos problemas específicos das zonas litorâneas e dos territórios peninsulares, assim como das frágeis zonas rurais e de montanha, aonde o turismo representa com freqüência uma das poucas oportunidades de desenvolvimento diante do declínio das atividades econômicas tradicionais.

4. De acordo com a normativa estabelecida pelas autoridades públicas, os profissionais de turismo, e em particular os investidores, executarão estudos de impacto de seus projetos de desenvolvimento no entorno e nos meios naturais. Igualmente, facilitarão com a máxima transparência e objetividade pertinente, toda a informação relativa aos seus programas futuros e suas conseqüências previsíveis, e favorecerão o diálogo sobre seu conteúdo com as populações interessadas.

#### Artigo 6

### OBRIGAÇÕES DOS AGENTES DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

1. Os agentes profissionais do turismo têm obrigação de facilitar aos turistas uma informação objetiva e autêntica sobre lugares de destino e sobre as condições de viagem, recepção e estada. Além disso, manterão com absoluta transparência as cláusulas dos contratos que proponham a seus clientes, tanto quanto a natureza, ao preço e a qualidade dos serviços, estipulando compensações financeiras no caso da ruptura unilateral dos contratos pela não prestação de serviços contratados.

2. No que deles dependa e em cooperação com as autoridades públicas, os profissionais do turismo terão que se ater com a segurança, prevenção de acidentes, e as condições sanitárias e da higiene dos alimentos daqueles que buscam seus serviços. Preocupar-se-ão com a existência de sistemas de seguros e de assistência necessária. Além disso, assumirão o compromisso de prestar contas, conforme disponha a legislação nacional, e quando for o caso pagar uma indenização equitativa pelo descumprimento de cláusulas contratuais.

3. E quando deles dependa, os profissionais do turismo contribuirão para o pleno desenvolvimento cultural e espiritual dos turistas, e permitirão o exercício de suas

práticas religiosas durante os deslocamentos.

4. Em coordenação com os profissionais interessados e suas associações, as autoridades públicas dos Estados de origem e dos países de destino, cuidarão pelo estabelecimento de mecanismos necessários para a repatriação dos turistas nos casos de descumprimento de contratos pelas empresas organizadoras de viagens.

5. Os Governos têm o direito - e o dever, - especialmente em casos de crises, de informar aos cidadãos das condições difíceis, inclusive dos perigos com que possam se encontrar durante seus deslocamentos no estrangeiro. Além disso, é de sua incumbência facilitar essas informações sem prejudicar de forma injustificada e nem exagerada o setor turístico dos países receptores e os interesses de seus próprios operadores. O conteúdo das eventuais advertências deverá ser previamente discutido com as autoridades dos países de destino e com os profissionais interessados. As recomendações que se formulem guardarão estrita proporção com a gravidade das situações reais e se limitarão as zonas geográficas onde se haja comprovado a situação de insegurança. Essas recomendações se atenuarão ou se anularão quando se permita a volta da normalidade.

6. A imprensa, e em particular a imprensa especializada em turismo e os demais meios de comunicação, incluindo os modernos meios de comunicação eletrônica, difundirão uma informação verdadeira e equilibrada sobre os acontecimentos e as situações que possam influir na freqüência turística. Deverão ter o cuidado de divulgar indicações precisas e fiéis aos consumidores dos serviços turísticos. Com esse objetivo, desenvolverão e empregarão novas tecnologias de comunicação e comércio eletrônico que, igual a imprensa e os demais meios de comunicação não facilitarão de modo algum o turismo sexual.

## Artigo 7

### DIREITO AO TURISMO

1. A possibilidade de acesso direto e pessoal ao descobrimento das riquezas de nosso mundo, constituirá um direito aberto por igual a todos os habitantes de nosso planeta. A participação cada vez mais difundida no turismo nacional e internacional deve ser entendida como uma das melhores expressões possíveis do contínuo crescimento do tempo livre, e a ele não se colocará obstáculo nenhum.

2. O direito ao turismo para todos, deve ser entendido como consequência do direito ao descanso e lazer, e em particular a limitação razoável da duração do trabalho e a férias anuais pagas, garantidas no art. 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e no art. 7 do Tratado Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.

3. Com o apoio das autoridades públicas, se desenvolverá o turismo social, em particular associativo, que permite o acesso da maioria dos cidadãos ao lazer e a férias.

4. Fomentar-se-á (incentivará) e se facilitará o turismo familiar, dos jovens e dos estudantes, das pessoas maiores e das portadoras de deficiências.

## Artigo 8

### LIBERDADE DE DESLOCAMENTO TURÍSTICO

1. De acordo com o direito internacional e as leis nacionais, os turistas e visitantes

se beneficiarão da liberdade de circular de um país a outro, de acordo com o artigo 13 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e poderão ter acesso às zonas de trânsito e zona rural, assim como aos sítios turísticos e culturais sem formalidades exageradas e nem discriminações.

2. Reconhece-se aos turistas e visitantes a permissão de utilizar todos os meios de comunicação disponíveis, interiores e exteriores. Beneficiar-se-ão de um acesso rápido e fácil aos serviços administrativos, judiciais e sanitários locais, e poderão entrar livremente em contato com as autoridades do país do qual são cidadãos conforme os convênios diplomáticos vigentes.

3. Os turistas e visitantes gozarão dos mesmos direitos que os cidadãos do país que visitam, no que respeita a confidencialidade dos seus dados pessoais, particularmente quando essa informação esteja cadastrada em suporte eletrônico.

4. Os procedimentos administrativos para ultrapassar as fronteiras estabelecidas pelos países ou por acordos internacionais, como os vistos e as formalidades sanitárias e aduaneiras se adaptarão para facilitar ao máximo a liberdade das viagens e o acesso da maioria das pessoas ao turismo internacional. Promover-se-ão os acordos entre grupos de países para harmonizar e simplificar esses procedimentos. As taxas e encargos específicos que penalizam o setor turístico e diminuem sua competitividade, serão eliminados e corrigidos progressivamente.

5. Sempre que o permita a situação econômica dos países dos quais os viajantes provem, poderão dispor das concessões de divisas convertidas que precisem para seu deslocamento.

## Artigo 9

### DIREITO DOS TRABALHADORES E DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR TURÍSTICO

1. Sob a supervisão das administrações de seus países de origem e dos países de destino, serão garantidos especialmente os direitos fundamentais dos trabalhadores assalariados e autônomos do setor turístico e das atividades afins, levando em consideração a limitação específica vinculada à sazonalidade da sua atividade, a diminuição global do seu setor e a flexibilidade que costumam impor a natureza do seu trabalho.

2. Os trabalhadores assalariados e autônomos do setor turístico e de atividades ligadas ao setor, têm o direito e o dever de adquirir uma formação inicial e contínua adequada. Terão assegurados uma proteção social suficiente, dando-lhes condições adequadas de trabalho. Será proposto um estatuto particular aos trabalhadores estáveis do setor, especialmente com respeito à seguridade social.

3. Sempre que demonstre possuir as disposições e qualificações necessárias, se reconhecerá a toda pessoa física e jurídica o direito a exercer uma atividade profissional no âmbito do turismo, de acordo com a legislação nacional vigente. Reconhecer-se-á aos empresários e investidores, especialmente das médias e pequenas empresas, o livre acesso ao setor turístico com um mínimo de restrições legais e administrativas.

4. As trocas de experiências que se oferecem aos dirigentes do setor e outros trabalhadores de distintos países, sejam assalariados ou não, contribuem para a expansão do setor turístico mundial. Por esse motivo se facilitarão as trocas em tudo que for possível, segundo as legislações nacionais e convenções internacionais aplicáveis.

5. As empresas multinacionais do setor turístico, fator insubstituível de solidariedade



no desenvolvimento e dinamismo nos intercâmbios internacionais, não abusarão da posição dominante que podem ocupar. Evitarão converter-se em transmissoras de modelos culturais e sociais que se imponham artificialmente as comunidades receptoras. Em troca da liberdade de inversão e operação comercial que se deve reconhecer plenamente, haverá de comprometer-se com o desenvolvimento local evitando que uma repatriação excessiva de seus benefícios ou a induzir importações que podem reduzir a contribuição das economias onde estão estabelecidas.

6. A colaboração e o estabelecimento de relações equilibradas entre empresas de países emissores e receptores contribuem para o desenvolvimento sustentável do turismo e a uma divisão equilibrada dos benefícios de seu crescimento.

## Artigo 10

### APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO CÓDIGO ÉTICO MUNDIAL PARA O TURISMO

1. Os agentes públicos e privados do desenvolvimento turístico cooperarão na aplicação dos presentes princípios e controlarão sua prática efetiva.

2. Os agentes de desenvolvimento turístico reconhecerão o papel das organizações internacionais, em primeiro lugar a Organização Mundial do Turismo e as organizações não governamentais competentes nos campos da promoção e do desenvolvimento do turismo, da proteção dos direitos humanos, do meio ambiente e da saúde, segundo os princípios gerais do direito internacional.

3. Os mesmos agentes manifestam sua intenção de submeter os litígios relativos à aplicação ou a interpretação do Código Ético Mundial para o Turismo a um terceiro órgão imparcial, denominado Comitê de Ética do Turismo para fins de conciliação. Este Código foi traduzido, do original em espanhol editado pela OMT, pelos alunos do Primeiro Curso de Capacitação para Consultores em Turismo – Coordenados pelo arq. Luis Patrucco

Porto Alegre, janeiro/fevereiro de 2000

FUNDATEC / Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul.



## **Anexo B – O Turista e o viajante responsáveis**

**Fonte: OMT, 2007.**

### **LE TOURISTE ET LE VOYAGEUR RESPONSABLES**

Cher voyageur,

« Le touriste et le voyageur responsables » est un guide pratique pour vous aider à faire de votre voyage une expérience enrichissante.

Les conseils ci-après sont basés sur le Code mondial d'éthique du tourisme de l'Organisation mondiale du tourisme.

### **LE TOURISTE ET LE VOYAGEUR RESPONSABLES**

Tourisme et voyages doivent être conçus et pratiqués comme un moyen d'épanouissement personnel et collectif. Pour autant que le touriste et le voyageur fassent preuve d'ouverture d'esprit, cette activité est irremplaçable pour se former, apprendre la tolérance mutuelle et découvrir les différences légitimes entre les peuples et entre les cultures et leur diversité.

Dans le domaine du tourisme et des voyages, chacun a son rôle à jouer comme acteur responsable. Les pouvoirs publics, les professionnels et les communautés doivent faire tout ce qu'ils peuvent mais, en tant que touriste ou voyageur, vous pouvez prendre vos responsabilités de maintes façons et il importe que vous le fassiez.

Ouvrez votre esprit aux autres cultures et aux autres traditions ; votre expérience en sera transformée, la population locale vous accueillera plus volontiers et vous respectera. Soyez tolérant et respectez la diversité des traditions et pratiques sociales et culturelles.

Respectez les droits de l'homme. Toute forme d'exploitation va à l'encontre des objectifs fondamentaux du tourisme. L'exploitation sexuelle des enfants est un crime passible d'une peine dans la destination ou dans le pays où habite son auteur.

Aidez à préserver l'environnement. Protégez la faune et la flore sauvages et les habitats. N'achetez pas de produits faits avec des plantes ou des animaux menacés d'extinction.

Respectez les ressources culturelles. Il ne faut pas que les activités portent atteinte au patrimoine artistique, archéologique et culturel.

Votre voyage peut contribuer au développement économique et social. Achetez des objets artisanaux et d'autres produits locaux pour soutenir l'économie locale en appliquant les principes du commerce équitable. Le marchandage ne doit pas s'opposer à une juste rémunération.

Avant de partir, renseignez-vous sur la situation sanitaire actuelle de la destination et sur l'accès aux services d'urgence et aux services consulaires. Veillez à ne pas compromettre votre santé et votre sécurité personnelle. Avant de décider de vous rendre dans une destination déterminée, assurez-vous que vos besoins particuliers en matière de régime, d'accessibilité et de soins médicaux peuvent y être satisfaits.

Informez-vous autant que possible sur votre destination et prenez le temps de comprendre coutumes, règles et traditions. Évitez tout comportement susceptible d'offenser la population locale.

Renseignez-vous sur la législation pour ne commettre aucun acte délictueux ou criminel ou qualifié de tel par la loi du pays visité. Abstenez-vous de tout trafic de drogues illicites, d'armes, d'objets d'art ancien, d'espèces protégées et de produits ou substances dangereux ou interdits par les réglementations nationales.



## **APÊNDICES**



## **APÊNDICES A e B**

### **O Método – o brico-método**

### **A Cartografia – elemento do método**





Entre as necessidades essenciais para transformar  
a mera sobrevivência em arte de viver,  
nada talvez seja mais importante que a sabedoria e o conhecimento.  
Em um certo sentido, quase não se consegue distinguir  
essas duas aptidões humanas;  
por outro lado, são polos opostos.  
Sabedoria é juntar, conhecimento é separar.  
Sabedoria sintetiza e integra, conhecimento analisa e diferencia.  
Sabedoria vê apenas com os olhos da mente;  
ela vislumbra relacionamentos, totalidade, unidade.  
Conhecimento aceita apenas aquilo que pode ser verificado pelos sentidos;  
ele aprende apenas o específico e o diferente.  
(DOCZI, 1990, p. 127)



O senso comum, por meio da frase “as viagens formam a juventude”, supõe que as viagens poderiam formar o ser humano. Ora, é necessário compreender bem que essa *alteração de si* pode tornar-se verdade se e somente se o espírito do ser humano estiver aberto ou se estiver predisposto para tal. Declarar que essa transformação em todos os sujeitos é possível poderia ser contestável, pois ela significaria que estariam-se universalizando comportamentos particulares, singulares de cada ser humano.

Um dos objetivos desta investigação é abordar, identificar e estudar as EAFEV para subsidiar a elaboração de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Por esse motivo, nesta tese, considerando o seu objeto de pesquisa e os objetivos que a norteiam, sigo o pensamento de Doczi (1999, p. 127). Assim, num processo contínuo de separar e juntar, são feitas análises e distinções, com o intuito de sintetizar e integrar diversas informações sobre os campos das viagens, do turismo e da educação. Além disso, procuro ver com “os olhos da mente”, para vislumbrar “relacionamentos, totalidade, unidade”. Além do mais, busco igualmente aceitar “aquilo que pode ser verificado pelos sentidos” aprendendo também “o específico e o diferente”.

Desse modo, os Apêndices A e B têm por objetivo contribuir para esse processo desenvolvendo uma maior explicitação dos motivos da escolha e a importância do objeto de pesquisa, num *crescendum* cujo ponto de partida é a inserção dessa investigação no seu contexto de produção científica recente / contemporânea.

O Apêndice A, *As Viagens pelo Mundo da Metodologia da Pesquisa*, inscreve esta investigação na perspectiva de uma abordagem multirreferencial delineando-a como uma “bricolagem metodológica” nos campos das viagens, do turismo e da educação.

Por sua vez, o Apêndice B, *As Viagens pela Cartografia do ensino e da pesquisa nos campos da educação para as viagens e do turismo*, evidencia as realidades brasileira e francesa da educação, da formação e da pesquisa nesses campos. Isto para refletir mais profundamente sobre a formação pessoal e profissional dos sujeitos que aí já atuam ou que estão se formando para tal, além de propiciar uma visão mais ampliada dos campos em estudo. Considero, assim, que isso auxilia igualmente a ter noção da originalidade e da importância desta tese.

Saliento que as informações identificadas possibilitam também o estabelecimento das bases para o futuro das pesquisas nos campos em estudo.

## APÊNDICE A

### **As Viagens pelo Mundo da Metodologia da Pesquisa: A abordagem multirreferencial como “bricolagem” um brico-método**

*Não, não é fácil escrever.  
É duro como quebrar rochas.  
Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.*

*(LISPECTOR, 1984, p. 25)*

A partir do mapeamento efetuado sobre o ensino e a pesquisa nos campos da educação para as viagens e do turismo, apresentado a seguir no Apêndice B, é possível indicar a originalidade e a importância desta Tese.

Desse modo, dei seguimento às reflexões em torno das necessidades, dos sonhos e dos desejos dos sujeitos-viajantes e da educação geral e profissional oferecida aos sujeitos-profissionais das viagens e do turismo. Nesse percurso a percepção de uma formação lacunar tanto na formação geral quanto profissional, quer nos aspectos cognitivos, quer nos afetivos ratifica o que foi já evidenciado em pesquisa anterior (AVENA, 2006). A partir dessas constatações concebi uma investigação que busca compreender, construir conhecimentos que sirvam de base para o delineamento de uma proposta de trabalho destinada às formações no campo das viagens e do turismo.

Considero necessário, antes de apresentar a perspectiva metodológica adotada, refletir sobre a constituição do sujeito em si, pois este é o elemento central da abordagem metodológica multirreferencial desta investigação.

#### **O sujeito complexo e multirreferencial**

Do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução, mas esse produto é igualmente produtor nesse ciclo. Assim, os sujeitos são “ao mesmo tempo produtos e produtores”. Além disso, considerando o

fenômeno social, “são as interações entre os indivíduos que produzem a sociedade, mas a sociedade com sua cultura, com suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura” (MORIN, 1999, p. 146), mais uma questão surge: quem é o sujeito?

Para respondê-la se deve considerar que “a primeira definição de sujeito seria o egocentrismo no sentido literal do termo: colocar-se no centro de seu mundo”. Assim, “a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação”. Esse é o primeiro princípio de identidade do sujeito “que permite a unidade subjetiva / objetiva do 'eu sou eu' e a distinção entre o exterior e o interior”. O segundo princípio de identidade, seria “a permanência da auto-referência a despeito das transformações e por meio das transformações”. O terceiro e o quarto princípios são “um princípio de exclusão e um princípio de inclusão que estão ligados de modo inseparável” (p. 146)

O princípio de inclusão é “ao mesmo tempo complementar e antagonista”, pois “temos todos em nós esse duplo princípio que pode ser diversamente modulado, distribuído”. Assim, “o *sujeito oscila entre o egocentrismo absoluto e o devotamento absoluto*”. O princípio de inclusão não é menos fundamental do que os outros princípios, pois “supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma língua, de uma mesma sociedade”. (p. 148-149)

Mas uma grande parte, a parte a mais importante, a mais rica, a mais ardente da vida social, vem das “relações intersubjetivas”. Assim, é necessário mesmo dizer que o “caráter intersubjetivo das interações no seio da sociedade, e que tece a vida em si da sociedade, é capital”. Para conhecer o que é humano, individual, interindividual e social, “é necessário ligar explicação e compreensão”. O sociólogo em si mesmo não é “um espírito objetivo puro”, pois faz parte do “tecido intersubjetivo”. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que “todo sujeito é potencialmente não somente o ator, mas autor, capaz de cognição / escolha / decisão”. Nesse sentido, a sociedade não está entregue somente e principalmente a “determinismos materiais”, pois ela é “um jogo de afrontamento / cooperação entre indivíduos sujeitos, entre vários 'nós' e vários 'eu'”. (p. 153)

Evidencia-se que o sujeito “não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão”. Assim, “é necessário conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de

potencialidades". É necessário então "uma concepção complexa do sujeito". (p. 154)

Considerando essas reflexões sobre a constituição do ser humano, que evidencia uma "concepção complexa do sujeito" é que utilizo a abordagem multirreferencial, destacando os traços e a necessidade de uma abordagem transpessoal e transdisciplinar na Educação em Turismo.<sup>39</sup>

### **Abordagem multirreferencial**

A formação do sujeito compõe-se de complexas e múltiplas experiências (ambientais, sociais, educacionais, institucionais, etc.). Ela tem, assim, uma característica híbrida que pode ser simbolizada e/ou representada pela composição em *patchwork*<sup>40</sup> inglesa ou na perspectiva da *bricolage*<sup>41</sup> francesa. Por esse motivo, considero a minha própria (trans)formação inteiramente plural, multirreferencial e interarticulada.

Assim, mediante a leitura das produções e propostas de estudiosos que enveredaram pela abordagem multirreferencial é que, seguindo alguns desses mesmos passos, optei por acompanhá-los no desenvolvimento e expansão desse olhar diferenciado, em especial na interface entre a educação, as viagens, o turismo e o acolhimento.

Macedo (2004, p.35-141) procura ser um guia em uma longa trajetória pelos diversos "mundos" da pesquisa e apresenta multivariados métodos, técnicas, abordagens, natureza e tipos de pesquisa em uma perspectiva multirreferencial. Assim, assumo esse mesmo papel e apresento ao leitor um possível itinerário de leitura pelo mundo das experiências de formação proporcionadas pelas viagens, a partir da literatura analisada.

---

<sup>39</sup> Para o desenvolvimento e um maior aprofundamento acerca deste tema ver o Apêndice D 6, p. 435-444.

<sup>40</sup> A tradução literal de **patchwork** é "trabalho com retalhos". É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos variados. O patchwork é a parte superior ou topo do trabalho, já o trabalho completo é o acolchoado, formado pelo topo mais a manta acrílica e o tecido fundo, tudo preso por uma técnica conhecida como [quilting](#) ou acolchoamento. Por analogia, a palavra se emprega também para um conjunto de elementos variados. Exemplo: um patchwork de populações. (Dicionário Babylon)

<sup>41</sup> O termo **bricolagem** vem do francês *bricolage*. É usado nas atividades em que você mesmo realiza para seu próprio uso ou consumo, evitando deste modo, o emprego de um serviço profissional.

Ressalto que, segundo o autor citado, esta abordagem de pesquisa é aberta à articulação de "múltiplas realidades", "com a natural diversidade das construções humanas" (p. 85). estando a especificidade da sua inspiração na "afirmação da limitação dos diversos campos do saber, da tomada de consciência da necessidade do rigor fecundante, da nossa ignorância enquanto inquietação".(p. 93)

Por esse motivo, é importante entender que “a multirreferencialidade em todas as suas formas é a condição *sine qua non* da seminalidade criativa do pensamento científico" (p. 93). Considerando esses aspectos e mediante o entendimento dos mesmos é que esse autor defende que

o marco teórico de uma pesquisa seja flexível, que considere o conjuntural e se alimente das diferenças, constitua-se em um instrumento que permita transcender as auto-suficiências, até porque a auto-suficiência, ao deparar-se com as resistências e tempestades humanas não envergam, acabam por quebrar. (p. 94)

Assim, considerando uma base epistemológica multirreferencial evidenciam-se os três tipos de abordagens que a compõem e que são sugeridas por Ardoino (2000, p. 259-260): uma *multirreferencialidade de compreensão*; uma *multirreferencialidade interpretativa*; e uma *multirreferencialidade explicativa*.

Para Ardoino (2000) a *multirreferencialidade de compreensão*, deve ser “apreendida [...] como uma forma de escuta destinada à familiarização do pesquisador com as particularidades indexais e simbólicas, bem como com as significações próprias vindas das experiências, das formas triviais expressadas espontaneamente pelos sujeitos” (p. 260). No que concerne à *multirreferencialidade interpretativa*, esse autor considera que esta é “exercida igualmente no nível das práticas, a partir dos dados precedentes e visando, através da comunicação, um certo tratamento desse material” (p. 260). No que se refere à *multirreferencialidade explicativa*, ressalta que esta é “mais interdisciplinar e orientada para a produção do saber”. Por esse motivo, considera que esse seria “um olhar interrogativo plural muito mais pertinente com a complexidade da emergência das ações humanas”. (p. 260)

Por esse motivo, se evidencia que em uma abordagem multirreferencial “ser complexo é considerar o projeto sempre de uma perspectiva inconclusa, e a obra como produto de um imaginário sempre em devir” (MACEDO, 2004, P. 95), como considero ser o caso desta tese.

Assim, considerando o motivo que está presente na sua realização, este



trabalho delineia-se na perspectiva de uma bricolagem metodológica – um brico-método – tendo como base a abordagem multirreferencial.

### **Bricolagem metodológica – um brico-método**

*A oportunidade de uma viagem  
pode sempre tornar-se ocasião rentável  
de um rearranjo-desarranjado.  
Aliás, assim deveria ocorrer  
com toda formação que fosse verdadeira.*

*Jacques Ardoino (1998, p. 14)*

Barbosa (1998a, p. 11) destaca que o conceito de multirreferencialidade, criado por Jacques Ardoino, “contribui para a elaboração de uma abordagem não fechada em si, mas aberta à complexidade da realidade e à interioridade significativa do sujeito observador”. Nesse contexto, no que se refere especialmente à perspectiva de uma bricolagem metodológica, me reporto aos estudos organizados e apresentados na revista *Pratiques de Formation – Analyses*, traduzida e publicada no Brasil pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – sob o título *Multirreferencialidades nas ciências e na educação*. Jacques Ardoino, René Barbier, Max Pagès, Michel Maffesoli, René Lourau, Georges Lapassade, Alain Coulon, dentre outros, desenvolvem suas reflexões tendo como diretriz a idéia que a própria concepção dessa abordagem já representa, significa, que a mesma se compõe de múltiplos olhares sobre um objeto de pesquisa. Lapassade (1998, p. 126-148), especificamente, mediante a explicitação da sua experiência enquanto pesquisador, demonstra a perspectiva multirreferencial como “bricolagem”. Para fundamentar essa idéia, se refere a Lévi-Strauss (1962, p. 31), a Karl Popper e a Jacques Ardoino, pois considera que a “ 'bricolagem' intelectual [...] seria mesmo a regra fundamental e incontornável das 'ciências sociais', as quais estão de alguma forma condenadas a esta maneira de trabalhar, porque o seu objeto é infinitamente complexo” (p. 126). Esse autor considera que a noção de “ 'bricolagem' poderia servir para designar uma dimensão habitualmente oculta, mas essencial, do trabalho de campo, ao mesmo tempo em que [...] a 'bricolagem' metodológica e também conceitual é permanente” (p. 126). Na sua visão, ela não para “no nível da

tecnologia das investigações”. Essa perspectiva “funciona com a mesma intensidade nos empréstimos que se faz a diversas escolas e teorias para fazê-las convergir para um mesmo objeto de pesquisa, e desta maneira, esclarecê-lo através de múltiplas perspectivas” (p. 126). Nesse sentido, mesmo consciente que “trata-se de um assunto ainda tabu” quando se propõe a descrevê-lo concretamente para conduzir uma pesquisa, afirma que “a bricolagem praticamente nunca tem fim” e o demonstra relatando como a pratica nos seus objetos de estudo. Em uma dessas etapas se refere à Garfinkel, pois considera que esse pesquisador trabalha “com 'técnicas' sempre diferentes e sobre 'o que lhe cai nas mãos' ”. Além disso, evidencia que “mesmo a sociologia erudita faz 'bricolagens' constantemente, sem sabê-lo ou sem confessá-lo” (p. 135-136). Desta forma, ressalta que é preciso considerar que a bricolagem é uma parte essencial e incontornável das ciências sociais e dos seus procedimentos (p. 136).

Além disso, Lapassade (1998, p. 145) salienta que “a multirreferencialidade, enquanto 'teoria' ou 'paradigma', deve ser constantemente reavaliada através de pesquisas que dela se utilizam em determinadas fases de seu percurso”. Na sua visão, pode-se “também entender a noção de multirreferencialidade como uma indicação e uma fórmula que deve sempre ser revista à luz da experiência, e que permite dar conta do trabalho que elabora, cada vez de maneira nova”.

Tendo como diretriz a perspectiva evidenciada por Lapassade (1998), que sintetiza a “bricolagem metodológica”, a adoto como referencial neste estudo, pois esta é uma Tese que constrói conhecimentos nos campos da educação, das viagens e do turismo. Trabalho, assim, com algumas facetas da educação dentro da grande área das ciências humanas e na interseção da área das viagens e do turismo da grande área das ciências sociais aplicadas.

### **Itinerário da análise**

No que se refere especialmente ao momento da análise, é importante salientar que todo um conjunto de elementos interarticulados para propiciar a reflexão e a análise global que subsidiou a redação da Tese foi utilizado, visto que na pesquisa

a análise é um movimento incessante do início ao fim, e que, em determinado momento, se densifica e forja um conjunto relativamente estável de conhecimentos, [ ... ] *um produto de final aberto*, característica marcante das pesquisas pós-formais. (MACEDO, 2004, p. 203)

No processo de análise, diversas tarefas são realizadas, considerando o instrumental teórico e a sensibilidade, verificando tanto a relevância do material consultado quanto a suficiência das informações coletadas – *saturação*. Ao selecionar partes que se consideram “essenciais”, e aquelas que não são avaliadas como significativas, processa-se a *redução*.

No que concerne à escrita de uma pesquisa devem estar presentes alguns elementos e/ou etapas que a balizam, tais como, o foco no objeto, a organização do pensamento, o estilo pessoal "onde o 'eu' ocupe um lugar significativo", a emoção, a dialetização, a clareza, "uma referência fundamentada e bem elaborada sobre os recursos metodológicos utilizados" (MACEDO, 2004, p. 215-216)

Nesse contexto, a construção do objeto de uma pesquisa deve ter como elementos constitutivos o interesse, o desejo de saber, as inquietações sobre algum aspecto da realidade experienciada de alguma forma, um estudo exploratório inicial cuidadoso, desaguando naquilo que se considera a "alma" de uma pesquisa, o que lhe dá vida e norteamento: sua problemática e suas questões fundamentais. Após esta construção e delimitação feita do objeto, da problemática e das questões fundamentais da investigação,

justificativas, objetivos, métodos, etc. emergem como uma mera consequência do cuidado com a coerência e a pertinência adquiridas no compromisso com a competência de pesquisa, como produto de uma formação bem solidificada nos âmbitos da preparação do pesquisador (p. 244).

## **O Estudo**

A pesquisa implicou no estudo relativo a experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens – EAFEV. Algumas fases se sucederam para a escolha do assunto desta investigação procurando delimitar os aspectos focais do objeto de pesquisa. No que se relaciona com a educação, dei especial destaque à necessidade de formação de formadores, pesquisadores e profissionais na busca de um novo profissionalismo nos campos das viagens e do turismo. No que diz respeito às viagens, focalizei na literatura, especificamente, as experiências de aprendizagem, de formação e de educação desde os primórdios da Mitologia Grega. No que concerne ao turismo, evidenciei o surgimento do próprio termo e o desenvolvimento da atividade turística, enfatizando a necessidade de construção de um comportamento sustentável. No que se refere ao acolhimento, ressaltai os estudos anteriores da dissertação de mestrado, salientando a necessidade de aprofundamento de estudos do conceito de acolhimento e de suas categorias: o reconhecimento; a hospitalidade; e o cuidado.

A escolha das fontes bibliográficas e documentais levaram em consideração tanto a relevância acadêmica da compreensão dessa atividade humana / social para o desenvolvimento de relações entre os povos, quanto às tendências e preferências que assumi sobre o tema, ao longo das experiências profissionais e pessoais vividas neste campo. Nesse processo, o tempo disponível e o tempo necessário para o desenvolvimento da pesquisa foram fundamentais, além dos recursos materiais que possibilitaram ter acesso às fontes. A multiplicidade dessas e os diferentes modos de tratamento das EAFEV, configuram a necessidade de optar pela abordagem multirreferencial, utilizando uma bricolagem metodológica, considerando a contribuição efetiva que o aprofundamento sobre esse tema de grande interesse pelo seu conteúdo e pela sua atualidade pode trazer para este campo. (RUIZ, 1982, p. 59-60)

## **Questões norteadoras**

Considero que os profissionais que já atuam ou que vão atuar no campo das viagens e do turismo devem desenvolver competências, habilidades e conhecimentos cognitivos e afetivos no que se refere: a sua formação em turismo; à

lógica cultural, intercultural e econômica das viagens; aos aspectos psicológicos que derivam da dualidade estabelecida por Sigmund Freud (2003) entre o “Princípio de Realidade” e o “Princípio de Prazer”; ao desejo de conhecer, de descobrir outros países, culturas, pessoas, modos de vida, de experienciar sob climas e latitudes diferentes novas sensações, desenraizantes<sup>42</sup> (alteridade – alteração; motivações; estética do bem-estar; acolhimento; acompanhamento; espacialidade; temporalidade). No entanto, estas dimensões não são levadas em conta nem na educação de nível superior em turismo e hotelaria, nem na educação fundamental, média e profissional, nem na educação ao longo da vida (*life long education*), nem na educação dos responsáveis pela formação daqueles que vão acolher e compartilhar seus espaços e seus tempos com o sujeito-viajante (AVENA, 2002a; 2006a).

### **Questão norteadora central**

É possível compreender, com base na análise da literatura pertinente, a importância das EAFEV para a construção de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento por meio de uma reflexão sobre seus significados e contribuições à (trans)formação do sujeito-viajante, tendo como eixo integrador a “religação de conhecimentos “ (Morin, 1999) e como horizonte a práxis pedagógica da formação / educação no campo das viagens e do turismo?

### **Objeto de Estudo**

O foco desta tese é a produção de um referencial que sustente a compreensão da importância das EAFEV para a construção de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

---

<sup>42</sup> *Dépaysant* – fazer mudar de país, de lugar, de meio (desenraizar, exilar); estar confuso, incomodado pela mudança de contexto, de meio, de hábitos (desorientar, perturbar, embaraçar) –

## **Objetivo geral**

Apresentar um itinerário de estudos e reflexões sobre a importância das EAVEV para o delineamento de uma proposta de trabalho pedagógico destinada a ser desenvolvida na educação em turismo que integre saberes, conhecimentos e práticas relacionados aos campos da viagem, do turismo e da educação.

## **Objetivos específicos**

Abordar, identificar e estudar as EAFEV;

Realizar uma cartografia do ensino e da pesquisa nesses campos no Brasil e na França;

Recuperar, socializar e difundir o conteúdo de obras não disponíveis no Brasil;

Contribuir para o repensar da formação/educação em turismo (no Brasil e no exterior);

Subsidiar a construção da pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento.

## **A pesquisa**

Considerando alguns dos ambientes em que foi realizada esta pesquisa, o seu modelo conceitual e o procedimento adotado para o levantamento de informações, este trabalho se caracteriza como uma articulação multirreferencial de várias fontes de informação visando à construção de um referencial para subsidiar a

Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Ela é composta: pelas experiências de vida pessoais e profissionais do pesquisador no campo em estudo; pelo estudo da análise do trabalho empírico realizado no Mestrado em Educação; por uma pesquisa bibliográfica e documental. Desenvolvi esta investigação a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses e dissertações, artigos científicos e documentos (GIL, 1991, p. 47-48).

### **A pesquisa bibliográfica e documental**

Nesta pesquisa, procurei consultar o conjunto das produções escritas a respeito do assunto em foco (RUIZ, 1982, p. 58). Este processo me colocou em contato direto com a produção acadêmica, especialmente no Brasil e na França, sobre o assunto em estudo. Evidencio que essa pesquisa “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame” desse tema sob um novo enfoque, uma nova abordagem. Isto permitiu chegar a resultados inovadores (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 73) que destacam os significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si, como explicitado nos Capítulos 02 e 03.

No que concerne às fontes, foram consultadas: obras tanto de diversos gêneros literários quanto de cunho teórico/acadêmico e de divulgação; obras de referência informativa (dicionários, enciclopédias e índices remissivos); e publicações periódicas (jornais e revistas) quer em suporte papel ou eletrônico. (GIL, 1991, p. 49-50)

A pesquisa bibliográfica e documental foi estruturada em alguns momentos: inicialmente, a identificação das fontes e a procura do material em catálogos das bibliotecas; em seguida, a consulta da bibliografia citada nos livros e revistas selecionados por meio de sistemas interbibliotecas e catálogos (nacionais e internacionais) via Internet (p. 65-67)<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> As bibliotecas visitadas foram: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidades de Paris 1 e de Paris 8; Biblioteca Nacional da França; Instituto de Educação da Universidade de Londres – IOE. Além dessas bibliotecas, foram consultados os seguintes bancos de dados *on line* : Centro Internacional de Pesquisa e Estudos Turísticos – CIRET; Centro de Informação e Recursos Educacionais – ERIC;

Procedi à leitura do material levantado tendo como um dos objetivos o reconhecimento do assunto pertinente lançando mão dos índices e *abstracts*, dos sumários, dos prefácios e resumos das diversas fontes para elaborar as fichas de resumo. No processo de tomada de apontamentos, procedi ao fichamento, transcrevendo as informações nas fichas, tecendo comentários, anotando informações gerais, resumos e citações (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 79). No processo de compilação, procurei reunir, sistematicamente, referências, informações impressas e/ou inéditas (p. 76-77)<sup>44</sup>.

Iniciei então a leitura exploratória para ter uma visão global de cada obra consultada e verificar a sua pertinência para a pesquisa. Em seguida, fiz a leitura seletiva, determinando o material que de fato interessava a esta investigação. Em um terceiro momento, identifiquei as idéias-chaves e selecionei os parágrafos mais significativos. Desse modo, foi possível hierarquizar as idéias segundo a importância distinguindo-as em principais e secundárias. Após tal sistematização, recompus o todo decomposto pela análise, eliminando o que considerei secundário naquele momento e destacando o essencial. Efetuei, igualmente, uma análise interpretativa, esta mais complexa, de algumas obras selecionadas na qual procurei relacionar o que o autor afirmava com o objeto de estudo desta tese, procurando ir além das informações explícitas ligando-as com outros conhecimentos desenvolvidos anteriormente. (GIL, 1991, p. 67-70)

A classificação desse material foi feita com base na Cartografia do Ensino e da Pesquisa nos campos em estudo, como explicitado no Apêndice \_\_\_\_, quando foram definidas as categorias analíticas: pesquisa em turismo; formação pela viagem; educação pela viagem; formação para a viagem; educação para a viagem; formação em turismo; e educação em turismo. São utilizadas igualmente as categorias “desejo” e “viagem”. Posteriormente, tanto o resultado das informações levantadas quanto a leitura da bibliografia selecionada foram organizadas em duas partes: uma que evidencia temas relacionados à viagem e ao turismo; e outra que ressalta temas que se referem à formação e à educação dos sujeitos.

Desse processo resultou um *corpus* considerável de material que serviu

---

Agência Bibliográfica do Ensino Superior – ABES; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES; Fichário Central de Teses – FCT – da Universidade de Nanterre – Paris.

<sup>44</sup> Saliento que a partir do resultado desse levantamento bibliográfico, constituí uma pequena biblioteca com títulos em língua francesa e inglesa, além dos exemplares em língua portuguesa de



de base para a elaboração de um roteiro de redação que interarticula os temas e assuntos estudados e analisados. Desse modo tomou forma a estrutura dos textos que, como em um *patchwork*, reúne em resenhas descritivas as idéias centrais dos referenciais utilizados tendo como eixo os pressupostos norteadores da investigação. Assim, os assuntos e temas se organizaram subsidiando a elaboração de cada apêndice. Ao fim, por meio da síntese de cada um dos apêndices, foram estruturados os capítulos 2 e 3 e destacados os achados (considerações finais) e contribuições à (trans)formação de si (recomendações).

Evidencio, igualmente, que a apresentação deste trabalho científico está organizada segundo as normas vigentes elaboradas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – e organizadas no *Manual de Estilo Acadêmico: monografias, dissertações e teses* (LUBISCO; VIEIRA, 2003). Os pontos omissos encontrados nas normas da ABNT foram sanados por meio de decisões pessoais, aplicadas de forma padronizada em todo o texto.

Ressalto, também, que grande parte do referencial bibliográfico é de origem estrangeira. Portanto, além do papel de pesquisador desenvolvi o papel de tradutor. Por esse motivo, para proporcionar maior leveza na leitura, optei em não inserir sistematicamente o termo (tradução nossa) conforme indicado nas normas, mas utilizando eventualmente a abreviatura NT – nota do tradutor.

## **Algumas considerações**

Nas notas introdutórias dos Apêndices A e B, evidenciei que a alteração de si poderia efetivamente ocorrer se e somente se o espírito do ser humano estiver aberto e predisposto para esta (trans)formação. Salientei, igualmente que esta reflexão considera como necessidades essenciais para esta transformação as aptidões humanas da sabedoria e do conhecimento procurando juntar e separar, sintetizar, integrar, analisar e diferenciar, vendo com “os olhos da mente”, vislumbrando relacionamentos, a totalidade e a unidade, além de verificar pelos sentidos, aprendendo o específico e o diferente.

Assim, tendo esse pensamento presente, os Apêndices A e B foram elaborados. O Apêndice A foi estruturado com o intuito de descrever a perspectiva de uma pesquisa com uma abordagem multirreferencial na perspectiva de uma “bricolagem metodológica” e sua utilização nos campos das viagens, do turismo e da educação. Por sua vez, o Apêndice B, foi delineado com o objetivo de elaborar, indentificar e constituir uma “cartografia” dos campos em estudo e, desse modo, verificar: a originalidade desta tese; a sua inserção nesse contexto maior. Esse exercício possibilitou tanto refletir sobre as pesquisas e projetos que estão em curso, bem como estabelecer as bases para investigações futuras nos campos em estudo.

Assim, na arquitetura da elaboração de uma “arte de viver”, ao longo dos Apêndices C, são destacados saberes e conhecimentos que emergem das viagens e do turismo. No desenrolar e no encadeamento dos textos são evidenciadas as experiências de vida na difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico, considerando as relações estabelecidas entre as viagens, os viajantes, o turismo e o turista.

Os Apêndices D, tendo por base os aspectos salientados anteriormente, ressaltam os conhecimentos que devem estar presentes na formação do educador e na formação geral e profissional dos sujeitos. Assim, é enfatizada a importância capital da educação no processo de formação e desenvolvimento do conhecimento de si, do autoconhecimento dos sujeitos. Dessa forma, construo conhecimento para subsidiar a elaboração de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento com uma abordagem de Educação Multirreferencial, Transpessoal e de Educação Transdisciplinar.

## APÊNDICE B

### **As Viagens pela Cartografia do ensino e da pesquisa nos campos da educação para as viagens e do turismo Brasil e França**

Na apresentação/introdução foi explicitada a necessidade de elaborar uma Cartografia dos campos implicados pelo objeto desta Tese. Nesse sentido, ao longo deste texto, são descritas as etapas que a compõem. Dessa forma, oito momentos foram levados em conta na elaboração da cartografia dos campos da educação para as viagens e do turismo no Brasil e na França: a escolha inicialmente das palavras e expressões representando as noções fundamentais que foram utilizadas nos sites de busca e nos bancos de dados (palavras e expressões-chave); uma prospecção, em segundo lugar, dessas palavras e expressões-chave no site de busca Google escolhendo a língua francesa na França e a língua portuguesa no Brasil; uma investigação, em seguida, no repertório de teses brasileiras e francesas; um exame dos catálogos gerais das bibliotecas das Universidades de Paris 8 e Paris 1 e da Biblioteca Nacional da França; um levantamento das pesquisas existentes na Biblioteca do Instituto de Educação da Universidade de Londres e da base de dados ERIC – Centro de Informação e Recursos Educacionais – nos Estados Unidos; uma exploração da base de dados do CIRET – Centro Internacional de Pesquisa e de Estudos Turísticos; um levantamento de informações obtidos nos sites do Ministério do Turismo no Brasil e na França, do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa na França; uma reflexão não exaustiva, enfim, dos estudos feitos até o momento de realização dessa Cartografia sobre os campos da educação para as viagens e do turismo.

No tratamento das informações procedi, inicialmente, à triagem dos resultados obtidos segundo a relação com a palavra ou expressão-chave. Em seguida, analisei os títulos dos *links* e percorri o conteúdo das páginas. Nesse processo, selecionei e arqueei as informações e documentos que considerei

pertinentes para um estudo e uma análise futura.

Mas que relação existe entre essas diferentes etapas? Por que essa pesquisa de bases de dados é necessária? Trata-se, efetivamente, de melhor pensar a formação pessoal e profissional nos campos em estudo. Trata-se, então, apoiando-se sobre essas informações, de ter uma visão ampliada da formação nos setores das viagens e do turismo permitindo, assim, interrogar a formação pessoal e profissional. Trata-se, também, de ter uma noção mais precisa da originalidade e da importância dessa tese de doutorado; além de estabelecer as bases fundamentais para o futuro das pesquisas na educação para as viagens e em turismo e, portanto, poder contribuir efetivamente à (trans)formação pessoal do sujeito – a (trans)formação de si.

Nesse contexto, inicio essa cartografia com a explicitação das palavras e expressões-chave que utilizei nos sites de busca e nos bancos de dados consultados.

### **As palavras e expressões-chave**

A partir das palavras educação, formação, pesquisa, viagem, turismo e educação em turismo, as seguintes expressões-chave se delinearão: pesquisa em turismo; formação pela viagem; educação pela viagem; formação para a viagem; educação para a viagem; formação em turismo; e educação em turismo.

### **As palavras e expressões-chave: Google França**

Em um primeiro momento, a exploração começou com a expressão-chave “pesquisa em turismo” entre aspas para limitar os resultados no site de busca Google e somente as páginas situadas na França foram escolhidas: 1.100 resultados foram identificados, mas “para limitar os resultados às páginas mais pertinentes” - no total, 134 - o site Google “ignorou certas páginas com conteúdo similar”. São as páginas mais pertinentes que foram consultadas e sobre as quais anotações foram feitas. Os documentos considerados interessantes foram descarregados, salvo, lidos e serão analisados nas etapas posteriores. O site de

busca Google apresentou igualmente uma outra mensagem: “se desejar, pode ser relançada a pesquisa incluindo as páginas ignoradas”. Dessa operação resultaram 363 *links* contendo os 134 anteriormente consultados e analisados. Os outros resultados (737) não foram visualizados<sup>45</sup>. A leitura e o armazenamento dessas informações foram efetuados em setembro de 2006.

Um grande número de *links* tinham por conteúdo informações sobre o evento intitulado *I Universidade de Verão sobre o Ensino Superior e a Pesquisa em Turismo* que ocorreu nos dias 6 e 7 de julho de 2006 em Gréoux-les-Bains - França. Eram comunicados de imprensa do Ministério do Turismo, do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa, do Ministério dos Transportes, do Equipamento, do Turismo e do Mar, do Ministério do Interior e da Organização do Território. Participei desse evento na mesa-redonda sobre “A cooperação internacional na formação superior e na pesquisa em turismo” na qual fiz uma apresentação sobre “O ensino e a pesquisa em turismo e hotelaria no Brasil”. (Apêndices B 1.1; B 1.2; B 1.3)

Após essa primeira percepção em função das informações evidenciadas (103 – as informações que continham erros foram descartadas), esses foram classificados em sete categorias, a saber: 1 – Associações (11); 2 – *Curricula Vitarum* (9); 3 – Diversos (22); 4 – Livros (2); 5 – Ministérios e similares (11); 6 – Revistas (14); e 7 – Universidades (34).

Na categoria “associações”, das 11 ocorrências, a AFEST – Associação Francesa dos Experts Científicos do Turismo – fundada em 1957, aparece 4 vezes. “É a mais antiga das associações francesas e européias dedicando-se ao estudo do setor do turismo e dos lazeres”<sup>46</sup>. Há um documento sobre “A Ciência do Turismo”, um outro sobre o Fórum AFEST-GEFIL, um sobre a I Universidade de Verão de julho de 2006 e um último sobre o Instituto de Pesquisa e de Gestão e Economia da Universidade da Savoie. Nessa categoria surgiu também a *Rede Inter-regional Inter-universitária de pesquisa em turismo – R2IT* – cujo presidente atual é o Dr. Rachid Amirou. Essa rede “propõe reagrupar os universitários especialistas nas questões do turismo e profissionais do turismo para desenvolver a pesquisa e as formações em turismo no Grande Sudeste”<sup>47</sup>. Em seguida, aparece a Associação *Déroutes & Détours*. Essa tem por objetivo “organizar debates, exposições,

---

<sup>45</sup> Esses resultados suplementares tinham conteúdos similares como anunciado anteriormente.

<sup>46</sup> Disponível em: < <http://www.afest.org/article54.html> >. Acesso em: 19 set. 2006.

<sup>47</sup> Disponível em: < [http://www.reseautourisme.com/qui\\_1.htm](http://www.reseautourisme.com/qui_1.htm) >. Acesso em 19 set. 2006.

manifestações culturais e turísticas, como também publicar e editar produções literárias, artísticas ou científicas tendo ligações com as viagens e as ciências humanas”. Essa “associação tem igualmente por objetivo refletir sobre as mutações sociais e repensar as migrações e as novas formas de mobilidades contemporâneas”<sup>48</sup>. Um de seus objetivos é o desenvolvimento de um Centro de Pesquisa sobre a Viagem (CRV).

Na categoria “*curricula vitarum*”, são encontrados 9 exemplares de cv de professores e especialistas em turismo. Na categoria “diversos”, são observadas 22 ocorrências variadas sobre a atividade turística: conferências; sociologia da alimentação; congressos; turismo rural; férias dos jovens; escritório de consultores; esportes da natureza; turismo cultural; turismo e internet. Na categoria “livros”, duas referências surgiram. A primeira sobre os Anais do colóquio: *Pesquisa em Turismo 2004*<sup>49</sup>. A outra é sobre *A Pesquisa em Turismo – Anais do Colóquio de Foix*<sup>50</sup>.

A categoria “Ministérios e similares” apresenta algumas referências citadas acima como também o Ministério da Cultura, a Assembléia Nacional, o Conselho do Turismo e a Região Poitou-Charente. A categoria “revistas” apresenta diversos sites para a difusão de artigos: *Tourisme Durable.net*; *Veille Info Tourisme*; *Téoros – Revista de Pesquisa em Turismo – Québec – Canadá*; *Localtis.info*; *Tourismexpress.info*; *Bachelor tourisme news*; *Revue Espaces*. Dentre os documentos consultados na página da Revista *Espaces*, três artigos são particularmente interessantes: “A pesquisa internacional” por Marc Boyer; “A pesquisa em turismo se organiza” por Rémy Knafou; e “A pesquisa em turismo. Uma aposta enfim reconhecida” por Frédéric Pierret e Noël Le Scouarnec. Esses e outros artigos são utilizados ao longo da redação desta Tese.

Na categoria “Universidades” surgiram as instituições seguintes: as Universidades de Lyon 2 (3); Paris 12 (2); Marne-la-Vallée (2); Montesquieu-Bordeaux; Bordeaux-Toulouse; Savoie; Tours; Instituto Federativo de Pesquisa sobre as Dinâmicas Econômicas – IFRéFDE; Paris 10; Escola Nacional de

<sup>48</sup> Disponível em: < <http://www.deroutes.com/d&d.htm> >. Acesso em: 19 set. 2006.

<sup>49</sup> Editada por Lanore Laurens.

<sup>50</sup> Esse colóquio aconteceu nos dias 2 e 3 de maio de 2000 no Centro Universitário de Ariège, organizado pela Associação Francesa dos Institutos Universitários Profissionais – IUP – Turismo, hotelaria, lazeres e o Centro de Estudos do Turismo e das Indústrias de Acolhimento da Universidade de Toulouse Le Mirail. Os textos foram reunidos por Jean-Pierre Poulain e Michel Teychenné-Cachan.

Engenheiros dos Trabalhos Agrícolas – ENITA; Paris 8; Aix; Toulouse 3; Escola de Comércio e de Administração – CERAM – Sophia-antipolis; Centro de Estudos e de Pesquisas sobre as Montanhas Secas e Mediterrâneas – CERMOSEM; Tours; Nice – Sophia-antipolis (2); Clermont; Universidade Pierre-Mendès – UPMF-GRENOBLE; Littoral; Perpignan; Paris 1; Joseph Fourier (2); Savoie; Instituto Universitário de Formação de Mestres – IUFM-Paris; e Escola Superior de Comércio – ESC.

A maioria das informações levantadas nessa última categoria (8) concernem referências bibliográficas ou *links* direcionados para as bibliotecas; em seguida, a apresentação dos programas dos cursos de Mestrado (6); Universidades que apresentam pesquisa em turismo (5); formações de graduação (2); Congressos e Colóquios (2); Relatórios (2); Diversos (2); e Oficinas (2).

Após essa primeira abordagem e para ampliar a pesquisa, foram utilizadas as outras expressões-chave já apresentadas: “formação pela viagem”; “educação pela viagem”; “formação para a viagem”; “educação para a viagem”; “formação em turismo”; e “educação em turismo”. Foram acrescentadas, também, as palavras-chave “turismo” e “viagem”. Para essas palavras e expressões-chave, foi utilizada a mesma técnica adotada para a expressão-chave “pesquisa em turismo”.

Em seguida, as informações levantadas foram organizados em um quadro que contém as palavras e expressões-chave e os resultados obtidos. Foram contabilizados os resultados encontrados segundo o site de busca Google e segundo outras fontes: o Repertório de Teses Francesas no Fichário Central de Teses – FCT; a Agência Bibliográfica do Ensino Superior – ABES; o Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior); o catálogo geral da Biblioteca da Universidade de Paris 8; o catálogo geral da Biblioteca da Universidade de Paris 1; o catálogo Opale Plus da Biblioteca Nacional da França (livros e periódicos em língua francesa; periódicos em língua francesa; periódicos em língua inglesa); o catálogo geral da Biblioteca do Instituto de Educação da Universidade de Londres; a base de dados do Centro de Informação e Recursos Educacionais – ERIC – nos Estados Unidos; o Centro Internacional de Pesquisa e Estudos Turísticos – CIRET – na França; o Ministério do Turismo (França); o Ministério do Ensino e da Pesquisa (França); o Ministério do Turismo (Brasil); o Ministério da Educação (Brasil). Essas novas fontes foram acrescentadas e o quadro foi enriquecido com as informações correspondentes.

No que concerne a expressão-chave “formação pela viagem” foram

encontrados 561 resultados. Dos 7 realmente disponíveis do total de 561, somente 5 têm uma relação próxima com a expressão-chave e foram verificados também 4 *links* comerciais sobre a formação à distância e a formação profissional. O primeiro *link*, *As Instituições Artísticas do Séc. XIX na França*, refere-se aos pintores orientistas e à formação pela viagem como instituição artística no século XIX na França; o segundo *link*, *Kaléidoscope*, apresenta um projeto experimental de formação pela viagem; o terceiro é um site pessoal que expõe um projeto de viagem; o quarto apresenta a Federação Francesa de Caçadores com Arco; e o quinto, enfim, expõe o Salão Internacional da Agricultura.

No que se refere à expressão-chave “educação pela viagem” foram encontrados 233 resultados. Dos 21 resultados realmente disponíveis, somente 14 tinham uma relação mais próxima com a expressão-chave: 5 *links* se referem à tese de Bernard Fernandez *Da Educação pela Viagem. Imaginários e experiências interculturais vividas por ocidentais na Ásia (Índia, China e Bali)*; No site “Cafés Geográficos” encontra-se uma entrevista com Daniel Roche, professor de História Moderna no *Collège de France* sobre *Humores Vagabundos: para que servem as viagens?*; no site do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), se encontra o texto *O Grand-Tour: uma prática de educação das nobrezas européias (séculos XVI – XVIII)* de Jean Boutier; no site da Universidade de Paris X – Nanterre se encontra uma dissertação de mestrado de História e de Antropologia Jurídicas de Soulmaz Alavinia que se refere à educação pela viagem; o site da Biblioteca da Universidade de Strasbourg faz referência ao livro *Saindo da escola*, escrito pelas crianças da rua Vitruve e por Lopez-Gourjault em 1978. O resumo e a tese principal desse livro se referem a uma “pedagogia da viagem” e se referem igualmente à corrente pedagógica da educação pela viagem de Louis Portiez e de Rodolphe Toepffer; o *link* do INA (Instituto Nacional do Audio-Visual) apresenta o texto *Na descoberta dos Franceses – 1957 – 1960. Observações sobre um tour de France* de Marie-Françoise Lévy do Instituto de História do Tempo Presente – IHTP – Paris; o site pessoal de Bernard Collot apresenta o texto *A escola no barco*; o site da agência Sans Frontières apresenta o texto *O Espírito da viagem*; o site da revista *Le Français dans le Monde* apresenta a revista publicada em fevereiro-março de 1994 que tem por tema *Para uma Pedagogia das Trocas*; enfim, observa-se o site de *Futura Sciences* que apresenta o *curriculum vitae* de Jean Guillemot que se interessa pelo campo da educação pela viagem.



Em seguida, foi explorada a expressão-chave “Formação para a Viagem”. Foram encontrados 390 resultados dos quais 7 estavam disponíveis e somente 5 tinham uma relação mais próxima da expressão-chave. Foram observados igualmente 7 *links* comerciais sobre a formação profissional: o primeiro apresenta o Congresso Nacional das Sociedades Históricas e Científicas sobre as Viagens e os Viajantes cujo tema 5 – Viagens e Formações chamou a atenção; o segundo refere-se ao Seminário de Pesquisa: Mobilidade e Formação Profissional: interculturalidade e desenvolvimento de competências plurilínguas da Universidade de Lyon; o terceiro apresenta o *curriculum vitae* de Thierry Sauzeau que fez a comunicação *Da viagem de formação à formação pela viagem. A aprendizagem de marujos da região de Charente (1750-1850)* no 130º Congresso do Comitê dos Trabalhos Históricos e Científicos – CTHS, na cidade de La Rochelle, em 2005; o quarto expõe o número especial eletrônico da Revista Francesa sobre *A Cultura dos Viajantes na idade clássica: olhares, saberes & discursos*, cujo Capítulo de Cédric Cerruti chama a atenção; o quinto *link* apresenta um romance *on line*.

A expressão-chave “educação para a viagem” foi em seguida explorada. Assim, considerou-se somente as informações na França (cerca de 222 resultados): dos 30 resultados disponíveis, somente 6 tinham uma relação com a expressão chave: 3 associações; 2 agências de viagem e uma editora. A Associação *Déroutes&Détours*, criada por Franck Michel e pela Editora *Homnisphères* apresenta os livros de Franck Michel. Esse autor é também responsável pelo Centro de Pesquisa sobre a Viagem (Strasbourg) e ensina na Universidade da Córsega. Antropólogo, historiador e escritor, é especialista do Sudeste da Ásia e das mobilidades contemporâneas. Além disso, dirige no contexto dessa associação a revista *on line A Outra Via*. A agência de Viagens *Sans Frontières* apresenta novamente o texto *O Espírito da Viagem*.

A expressão-chave “Educação em Turismo” apresenta 31 resultados, dos quais 4 estavam disponíveis e somente 1 tinha uma relação mais próxima com a expressão-chave. Foram observados igualmente 2 *links* comerciais.

Passou-se em seguida à expressão-chave “Formação em Turismo”. Essa expressão é aquela que apresentou o maior número de resultados. Foram observados 15100 (quinze mil e cem), dos quais unicamente 159 estavam disponíveis (998 resultados no todo com os conteúdos similares). Desses 159 resultados, somente 19 tinham uma relação direta com a expressão chave: 13

referiam-se aos Ministérios, Departamentos e dois países estrangeiros. Foram encontrados igualmente 8 *links* comerciais. Os outros 127 resultados referiam-se à oferta e procura de empregos. Os 19 resultados que tinham uma relação direta com a expressão-chave referiam-se: à oferta de cursos pelas Universidades, Institutos Universitários Tecnológicos, Associações e Liceus; a uma pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica – CNRS; um parecer da Assembléia Nacional; e enfim ao site da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Para concluir essa primeira etapa no site de busca Google – França, foram observados os resultados das palavras-chave “Turismo” e “Viagem”. O número de resultados dessas palavras-chave ultrapassou os 50 milhões (Apêndices B 2 e B 3). Por esse motivo, considerando a impossibilidade de explorá-los devido à extensão da tarefa, tomou-se a decisão de não considerá-los nesse estudo.

As informações obtidas por essa investigação no site de busca Google mostram a presença do ensino superior e da pesquisa no campo das viagens e do turismo. No que concerne a “pesquisa em turismo”, foram encontradas logo de início referências à I Universidade de Verão sobre o Ensino Superior e a Pesquisa em Turismo. Durante esse evento, uma ampla discussão desenrolou-se em torno de sete temas: 1- Quais pesquisas para as necessidades das empresas? 2- Quais pesquisas para as necessidades dos agentes públicos? 3- Quais formações iniciais superiores para quais ocupações do turismo? 4- Quais formações contínuas a serviço das ocupações do turismo? 5- O que está em jogo na abertura internacional da formação superior e da pesquisa em turismo; 6- A avaliação e a valorização das pesquisas em turismo; e 7- A cooperação internacional na formação superior e na pesquisa em turismo.

A presença do Ministro encarregado pelo Turismo, M. Léon Bertrand, do Ministro encarregado pelo Ensino Superior e pela Pesquisa, M. François Goulard, e as intervenções do M. Jacques Splinder da Universidade de Nice e de M. Jean Viard do CNRS ressaltaram a importância capital desse debate para o futuro do papel nacional e internacional da França na formação, na pesquisa, na inovação e na qualificação no campo do turismo.

Foram evidenciadas três associações (Associação Francesa dos Experts Científicos do Turismo – AFEST; Rede Interregional Inter-Universitária de Pesquisa em Turismo – R2IT; e DÉROUTES & DÉTOURS) que já reúnem pesquisadores em

torno desses campos. Foram encontradas igualmente referências aos Anais de dois colóquios sobre a pesquisa em turismo que aconteceram em 2000 e 2004. Foram escolhidos, igualmente, da *Revista Espaces*, artigos que contribuem à reflexão sobre a pesquisa em turismo na França e no exterior. Foi observada a aparição tanto de Universidades quanto de Instituições de ensino técnico, tecnológico e superior, mas a maior parte das informações refere-se às referências bibliográficas ou a *links* redirecionando às bibliotecas. No entanto, 5 Universidades apresentam pesquisas em turismo.

No que concerne à expressão-chave “formação pela viagem”, se evidencia a referência aos pintores orientalistas e à formação pela viagem. A propósito da expressão-chave “educação pela viagem”, se notam várias informações a serem desenvolvidas. Aqui se ressalta a tese de doutorado de Bernard Fernandez que conduziu à publicação do livro *Identidades Nômades*. Em seguida, ressaltam-se os artigos e livros que têm uma relação próxima com esta tese.

No que se refere à expressão-chave “formação para a viagem”, destacam-se: o tema viagens e formação; uma comunicação sobre a viagem de formação e a formação para a viagem; uma revista eletrônica sobre a cultura das viagens na idade clássica. No que se refere à expressão-chave “educação para a viagem”, somente a referência à Franck Michel e a seus livros surge.

A expressão-chave “educação em turismo” não apresenta nenhum resultado significativo e, enfim, da expressão-chave “formação em turismo” resultou que as informações mais próximas referiam-se à oferta de cursos pelas universidades.

### **As palavras e expressões-chave: Google Brasil**

Nessa segunda etapa da investigação, no site de busca Google, foram exploradas as expressões-chave e as palavras-chave em língua portuguesa no Brasil. Os procedimentos de pesquisa e o tratamento das informações foram os mesmos anteriormente explicitados nas notas introdutórias deste apêndice.

Inicialmente, para a expressão-chave “pesquisa em turismo” considerando o grande número de resultados (13500), foi elaborado um quadro para melhor visualizar as categorias que emergiram (Quadro nº 01)

**Quadro nº 01: categorias das informações expressão-chave “Pesquisa em Turismo”**

	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>%</b>
Universidade – Graduação	115	41,97
Universidade – Pós-Graduação	83	30,29
Livros	19	6,93
Seminários / Congressos	16	5,84
Revistas	13	4,74
Artigos	9	3,28
Laboratórios de Pesquisa	7	2,55
<i>Curriculum Vitae</i>	5	1,82
Consultores	4	1,46
Teses	2	0,73
Notas / Universidades	1	0,36
<b>Total</b>	<b>274</b>	<b>100</b>

Fonte: informações da pesquisa, 2006.

Ao longo da pesquisa, no dia 05.10.06 emergiram 13500 resultados; no dia 06.10.06 – 13600; no dia 09.10.06 – 13500; no dia 10.10.06 – 13400; no dia 11.11.06 – 13600. Dos 474 resultados, unicamente 274 tinham uma relação direta com a expressão-chave. Esses resultados foram classificados em onze categorias: universidade – graduação (115); universidade – pós-graduação (83); livros (19); seminários- congressos (16); revistas (13); artigos (9); laboratórios de pesquisa (7); *curriculum vitae* (5); consultores (4); teses (2); notas / universidades (1).

Na categoria “universidade-graduação” as informações apresentaram: 84 cursos superiores em turismo ou hotelaria; 14 disciplinas, das quais 5 para a disciplina “Metodologia da Pesquisa”; 2 artigos científicos; 5 monografias de conclusão de curso ou de especialização; 5 programas de curso; 1 revista; 1 colóquio; 1 avaliação do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2 laboratórios de pesquisa. Dessas informações, foram selecionadas 4: uma palestra sobre *A Pesquisa em Turismo no Brasil – oportunidades de desenvolvimento profissional*; o descritivo da disciplina *Evolução da Pesquisa Científica em Turismo: o pensamento internacional e a realidade brasileira*; um artigo sobre *Os efeitos das visitas técnicas na aprendizagem universitária: o caso da UNIARA*; o documento de orientação do INEP para a elaboração do Exame Nacional de Avaliação dos Estudantes – ENADE.

O tratamento da categoria “universidade – pós-graduação” expôs: 22 cursos de especialização ou mestrado (22); disciplinas (2); artigos científicos (6); monografias ou dissertações (32); tese (1); seminários (3); laboratórios de pesquisa

(12); associação (1); avaliação das revistas científicas (QUALIS) (1); negócios internacionais (1); fundação (1); anais (1). Dessas informações, foram ressaltados 13: 2 apresentações de cursos de especialização sobre a qualificação dos docentes para o turismo e a metodologia da pesquisa em turismo; 1 disciplina sobre a evolução da pesquisa e do ensino em turismo no Brasil; 2 artigos científicos, o primeiro sobre a viagem e a imagem e o segundo sobre o panorama evolutivo e a caracterização da revista *Turismo em Análise*; 1 monografia sobre a pesquisa em turismo; 1 catálogo de resumos da Universidade Salvador – UNIFACS; 1 lista contendo as teses de 1972 a 2005 da Universidade de São Paulo – USP; 1 documento sobre a pesquisa em turismo do Governo da Bahia; 1 documento sobre a ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo; 1 avaliação das revistas científicas (QUALIS); 1 projeto do Programa de Estudos para a criação da Fundação Centro de Excelência e Pesquisa em Turismo; e, por fim, 1 documento sobre os Anais do II Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa em Turismo.

Na categoria “livros”, foram destacados 3 exemplares: *Introdução à Metodologia da Pesquisa em Turismo* da OMT; *Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria* de Regina G. Schlüter; *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo* de Ada de Freitas M. Dencker.

Na categoria “seminários – congressos”, foram extraídos 5 descritivos / apresentações: IV SeminTUR; Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM- Rede de Informação em Ciências da Comunicação dos Países de Língua Portuguesa – PORTCOM, precisamente o artigo *A renovação do ensino e da pesquisa em turismo e a hospitalidade* de Ada F. M. Dencker; III SeminTUR; III Congresso Brasileiro do Ensino e da Pesquisa em Turismo: a formação do docente reflexivo de turismo; e os Anais do II Congresso Brasileiro de Ensino em Turismo.

Na categoria “revistas”, foram encontradas algumas revistas *on line* que apresentam vários artigos no campo de estudos do turismo, mas nenhuma com relação direta com a expressão-chave.

Na categoria “artigos”, foram ressaltados 5: *A prática do ensino dos docentes do curso de turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica do Para – CEFET-PA* de Angelo Mariano Nunes Campos; *Uma análise centrada na metodologia de ensino* e *O Turismo e a educação face às novas tecnologias* do

mesmo autor; *Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa em Turismo* de Bayhard do Coutto Boiteux; *Educação em Turismo: conhecimento crítico versus técnico* de Izac de O. B. Bomfim e Marcos J. C. Freitag.

Na categoria “laboratórios”, foram destacados 6: CPTUR – Centro de Desenvolvimento e Pesquisa em Turismo – Centro Universitário FEEVALE; NEPA – Núcleo de Estudos Pedagógicos e Administrativos – Faculdade Presidente Kennedy; TURIGEO – Grupo de Pesquisa sobre o Turismo e a Cultura – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais; NAPETUR – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Turismo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; GBTURIS – Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio-Ambiente – UNIFACS – Universidade Salvador; NPET – Núcleo de Pesquisa em Turismo – FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências.

Na categoria “teses”, foi destacada uma dissertação de mestrado: *Tendências Metodológicas da Pesquisa Universitária em Turismo* de Marici Cristine Gramacho Sakata – USP.

Na categoria “*curriculum vitae*”, “consultores” e “notas / universidades” não destaquei nenhuma informação, pois essas se referiam a aspectos gerais da expressão “pesquisa em turismo”. Em seguida, para as expressões-chave “formação para a viagem”, “educação pela viagem” e “educação para a viagem” foram obtidos resultados nulos.

No que concerne à expressão-chave “formação para a viagem” foram encontrados 2 resultados: 1 do Ministério da Defesa e um outro da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura que fazem referência a um artigo publicado no Jornal do Comércio cujo título é *Turista Europeu paga 200 Euros para “viver” o MST*.

No que se relaciona com a expressão-chave “educação em turismo” foram encontrados 234 resultados dos quais 130 estavam disponíveis. Desses foram destacados 20 documentos: 10 artigos científicos; 2 monografias de graduação; 5 projetos de pesquisa da Universidade de Caxias do Sul; 1 informação sobre bolsas de estudos; 1 disciplina; e 1 sobre o Centro de Formação do SENAC.

Enfim, para a investigação da expressão-chave “formação em turismo” foram encontrados 228 resultados. Desses, 112 estavam disponíveis, dos quais foram escolhidos 6 que considere pertinentes para uma análise futura: 1 artigo científico; 2 dissertações de mestrado; 2 seminários / congressos; 1 avaliação de um programa de pós-graduação.

Do mesmo modo que para a análise efetuada sobre as informações obtidas a partir das expressões-chave escolhidas no site de busca Google – França, se percebe igualmente a presença de ações e de produções que contribuem ao debate sobre o ensino superior e a pesquisa nos campos das viagens e do turismo no Brasil.

No que concerne à “pesquisa em turismo”, evidenciou-se inicialmente uma produção científica bastante importante que ressalta a necessidade de aprofundamento das investigações no campo do ensino e da pesquisa em turismo. Particularmente, foram destacados na categoria “universidade – graduação”: uma disciplina que se ocupa de estudar a evolução da pesquisa científica no turismo, no Brasil e no exterior; artigos que desenvolvem estudos sobre o ensino e sobre a pesquisa em turismo; regras de avaliação para as graduações nesse campo. Foram encontrados igualmente na categoria “universidade – pós-graduação” referências a pesquisas feitas nesse campo e à produção de dissertações e de teses. Foram destacados, das categorias “seminários / congressos” e “artigos”, produções que aprofundam estudos tanto sobre o ensino, quanto sobre a pesquisa. Foram registrados, na categoria “teses”, uma dissertação de mestrado sobre *As Tendências Metodológicas da Pesquisa Universitária em Turismo*.

No que se refere às expressões-chave “formação pela viagem”, “educação pela viagem” e “educação para a viagem”, nada foi encontrado. No que se refere à expressão-chave “formação para a viagem” foi destacado somente um documento.

Da investigação a partir da expressão-chave “educação em turismo” foram encontrados artigos científicos sobre: o ensino técnico, tecnológico e superior em turismo; a qualificação profissional; a produção científica; a viagem; a qualificação dos docentes; a aprendizagem colaborativa; as instituições de ensino superior. Encontram-se igualmente: monografias de graduação em turismo; projetos de pesquisa sobre o ensino e a pesquisa em turismo.

Enfim, da expressão-chave “formação em turismo” resultaram, das categorias “tese”, “artigos” e “seminários / congressos”, documentos sobre: o ensino em turismo; a avaliação institucional; a formação superior; a interdisciplinaridade nos cursos de turismo; a educação para o saber, o saber-fazer e o saber-ser.

## O repertório das teses francesas e brasileiras

Durante essa etapa da elaboração da Cartografia, se centrou sobre as teses produzidas na França e no Brasil.

Para efetuar a investigação no repertório das teses francesas, foram analisados o Fichário Central de Teses – FCT – e a Agência Bibliográfica do Ensino Superior – ABES.

Segundo as informações contidas no site da Biblioteca Nacional da França – BNF<sup>51</sup> –, o FCT é uma importante e indispensável ferramenta de pesquisa, mantido pela Universidade de Paris X – Nanterre. Ele registra os objetos das teses de doutorado em preparação nas universidades francesas e nos estabelecimentos de ensino superior habilitados a realizar doutorados em sessenta e cinco disciplinas.

A página inicial do FCT<sup>52</sup> apresenta as disciplinas que constam desse levantamento: letras; ciências humanas e sociais; teologia (católica, protestante); direito; ciência política; ciências econômicas; e ciências de gestão. Segundo o site, “mais de 90 estabelecimentos são parceiros do FCT que registra anualmente cerca de 10.000 objetos de teses de doutorado”. Consultando o FCT, foram encontrados precisamente 96 estabelecimentos. Segundo esse fichário “a centralização das teses em curso em uma base de dados acessível ao público pela Internet permite aos futuros doutorandos, aos orientadores de teses, e mais amplamente ao conjunto da comunidade científica, ter o conhecimento o mais exato possível do estado da pesquisa doutoral em curso, e de poder esclarecer a situação em que se encontra um tema de pesquisa ou uma disciplina”.

Foram igualmente consultadas as teses defendidas na França. Para isto, foi conectado o site do SUDOC – Sistema Universitário de Documentação – da ABES<sup>53</sup>. Esse sistema dá acesso a um catálogo geral e a um repertório dos centros de pesquisas. “O catálogo do Sudoc [...] permite efetuar pesquisas bibliográficas nas coleções das bibliotecas universitárias francesas e outros estabelecimentos de ensino superior, além das coleções de periódicos de cerca de 2400 outros centros de documentação. Ele permite igualmente saber em que bibliotecas encontram-se

---

<sup>51</sup> Disponível em < [http://signets.bnf.fr/html/categories/c\\_011theses\\_rep\\_fra.html](http://signets.bnf.fr/html/categories/c_011theses_rep_fra.html) >. Acesso em: 4 dez. 2006.

<sup>52</sup> Disponível em < [http://www.u-paris10.fr/5/0/fiche\\_defaultstructureksup/](http://www.u-paris10.fr/5/0/fiche_defaultstructureksup/) >. Acesso em: 4 dez. 2006.

<sup>53</sup> Disponível em < <http://fct.u-paris10.fr/index.jsp> >. Acesso em: 04 dez. 2006.



esses documentos. O repertório dos centros de recursos dá acesso a diversas informações”. Pode-se igualmente fazer pesquisa por objeto. Segundo esse site, “o catálogo Sudoc assinala todas as teses francesas de forma exaustiva desde 1972 (após 1982 para as teses de medicina e de cirurgia odontológica); para as teses mais antigas o catálogo está sendo completado progressivamente (pela conversão retrospectiva de arquivos em papel)”.<sup>54</sup>

Após ter consultado os dois repertórios, nessa etapa da Cartografia, se constatou, por um lado que o FCT permite somente a exploração de uma só palavra-chave e por outro lado que o SUDOC permite a pesquisa de mais de uma palavra-chave ao mesmo tempo. Dessa forma, tomou-se a decisão de utilizar o FCT adotando as palavras-chave “turismo” e “viagem” individualmente e o SUDOC utilizando as palavras-chave “turismo” e “viagem” individualmente e conjuntamente.

No site do FCT, são encontrados **critérios de busca** que podem ser cruzados. Eles permitem, graças ao módulo **Consulta on line**, encontrar a informação procurada: nome do autor; nome do orientador da tese, do co-orientador ou do co-tutor; palavra-chave; palavras do título; data de inscrição; disciplina; nome do estabelecimento.

A partir desses critérios de busca a **nota descritiva** do objeto que surge, apresenta o nome do doutorando, o título do objeto, a data de inscrição, a natureza do doutorado, a disciplina e o nome do estabelecimento de inscrição, o nome do orientador da tese, eventualmente do co-orientador ou do co-tutor.

No fichário, o critério de busca que foi utilizado foi a palavra-chave. Decidiu-se utilizar as palavras-chave “turismo” e “viagem” em dois tempos. A partir disto, foram obtidas 183 teses para a palavra-chave “viagem” e “336” para a palavra-chave “turismo”. Com esses resultados, foram elaborados dois quadros com três colunas que contêm: as disciplinas; a frequência absoluta e o percentual de aparição das teses em cada uma das 65 disciplinas disponíveis.

Em um primeiro momento, a leitura do quadro geral contendo a nota descritiva de cada tese cuja palavra-chave é “viagem” permitiu a elaboração de um quadro-síntese abaixo explicitado. Desse quadro é possível destacar os aspectos seguintes:

- a) 67,21 % das teses se concentram em cinco áreas de formação:

---

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.abes.fr/abes/DesktopDefault.aspx?tabindex=3&tabid=356> >. Acesso em: 05 dez. 2006.

Literatura e Civilização Francesas (28,96 %); Literatura e Civilização Comparadas (16,94 %); Literatura e Civilização Anglófonas (9,84 %); História (7,1 %); e Literatura e Civilização Germânicas (4,37 %);

b) nas Ciências da Educação encontram-se somente 1,09 % de teses e em turismo 0 %.

Desse conjunto, selecionei dez teses (5,46 %) que têm uma relação muito próxima a esse objeto de tese e que considereei pertinentes para um estudo e análise futura. (Quadro nº 02)

Em seguida, foram analisadas as notas descritivas de cada tese cuja palavra-chave é “turismo”. Isto tornou possível a elaboração de um quadro síntese da qual é possível destacar as seguintes informações:

a) 78,43 % das teses concentram-se em cinco áreas de formação: Geografia, Organização do Espaço Público, Urbanismo (35,25 %); Ciências Econômicas (17,49%); Etnologia (10,66 %); Sociologia (9,02 %); e Direito Público (6,01 %);

b) nenhuma tese foi encontrada nas Ciências da Educação.

Do conjunto dessas teses, selecionei onze títulos (3 %) que têm uma relação muito próxima do objeto de pesquisa desta tese para um possível estudo e análise futura. (Quadro nº 03)

As teses selecionadas não foram analisadas, mas considereei que representam a produção científica dos últimos vinte anos. Foram privilegiados os títulos que tinham uma relação direta com esta tese na França. Os títulos se relacionam com as palavras e expressões-chave segundo a entrada “viagem” ou “turismo”.

Com relação à “viagem”, observei que dos títulos ressaltam as palavras e expressões: conhecimento; motivo; formação; estética; destino; deslocamento; lembranças; descoberta de si; imagens vividas do turista real, que têm relação com o objeto de estudo desta tese. (Quadro nº 02)

Por outro lado, com relação a “turismo”, notei que dos títulos se evidenciam as palavras e expressões: processo identitário; identidade; valores; representação espacial; socioantropologia da passagem; viagem turística; a relação com o outro; a relação com o espaço; a formação; a construção social de si na relação turística, que concernem igualmente o objeto de estudo desta tese (Quadro nº 03)

**Quadro nº 02: teses francesas escolhidas - palavra-chave “viagem”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
boussange	murielle	01 12 1995	universite de paris 8	voyage entre connaissance et meconnaissance.	kohn	ciências da educação
cittanova	eric	01 06 1995	universite de paris 4	concepts et motifs du voyage de l'evasion et de l'aventure en grande-bretagne depuis 1945.	guillaume	literatura e civilização anglófonas
courant	stephane	01 01 2000	ehess	les écritures du voyage.	albert	etnologia
dussin	yves	01 01 1993	universite de caen	voyage et formation.	marmoz	ciências da educação
gourdien	franck	01 12 1993	universite de paris 1	une esthetique de la destinee.	clancy	filosofia
jain	virendra v.	01 10 1988	universite de paris 7	la thematique du deplacement (voyage, errance, fuite etc) chez quelques romanciers du xxe siecle.	roubine	literatura e civilização francesas
perles	valerie	01 01 2001	universite versailles st quentin	la memoire reifiee:la production des souvenirs de vacances.	urbain	etnologia
pistre	sebastien	01 10 2004	universite de picardie (amiens)	voyage et decouverte de soi en situation interculturelle : perspective interactionnelle du choc culturel a l'aller et au retour.	denoux	psicologia
renombo	steeve robert	01 01 1997	universite de paris 4	l'ecriture et le voyage : essai sur l'itinerance. contribution de michel butor a la theorie litteraire.	chevrier	literatura e civilização francesas
t'felt	kristina	01 11 2003	universite de perpignan	l'equation entre les representations imaginees du touriste potentiel et les images vecues du touriste reel.	amirou	sociologia

Fonte: FCT, 2006

**Quadro nº 03: teses francesas escolhidas – palavra-chave “turismo”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
basset	vincent	01 01 2004	universite de perpignan	le processus identitaire chez le voyageur : exemple de pratiques touristiques sur la terre sacree des indiens huicholes au mexique.	ben naoum	sociologia
boullosa	mait	01 11 2001	ehess	identite, tourisme et developpement.	garavaglia	etnologia
castellana	robert	01 01 2000	ehess	la cote d'azur et l'invention du tourisme.	albert	etnologia
condamines	elisabeth	01 06 2000	universite de versailles st quentin	vacances et valeurs ou comment par le biais des vacances s'elaborent, se diffusent, s'apprennent de nouvelles valeurs et conceptions de l'espace, du temps...	urbain	sociologia
dos santos	idilia	01 09 1993	universite de paris 3	formes de la representation spatiale et structuration de l'interaction professionnelle : l'office du tourisme.	moirand	ciências da linguagem
fernandez	jean	01 04 1998	universite de paris 10	pour une socioanthropologie du passage : des gens et des lieux.	bouvier	sociologia
gurrieri	chloe	01 10 2004	universite de paris 5	une representation sociale paradoxale : le voyage touristique.	rouquette	psicologia
leroux	stephanie	01 07 2005	universite ustl de lille 1	le rapport a l'autre à travers le rapport a l'espace: l'exemple du tourisme français a marrakech	rondue	geografia
maitre	evelyne	01 01 1999	universite de nice	tourisme, formation et emploi.	spindler	ciências económicas
malouche	jaied	01 11 1986	universite de paris 10	l'organisation mondiale du tourisme.	decaux	droit publique
quashie	helene	01 01 2005	ehess	representations de l'exotisme et construction sociale de soi dans la relation touristique.	amselle	etnologia

Fonte: FCT, 2006

Na base de dados da ABES-SUDOC, a partir da pesquisa avançada do módulo de consulta *on line*, pode-se obter os resultados por meio de vários critérios de pesquisa dentre os quais se restringiu aos seguintes: pesquisa por índice e triagem (palavra-chave); e tipo de publicação (teses – versão de defesa).

A partir da palavra-chave “viagem” foram obtidas 532 teses. Para a palavra-chave “turismo” o resultado atingiu 797 teses. Como essa base de dados permite a pesquisa de mais de uma palavra-chave ao mesmo tempo, utilizando as palavras-chave “viagem” e “turismo” obtiveram-se 26 teses. Aqui se tomou a decisão de apreciar somente esses últimos resultados. (Quadros nº 04 e 05). As outras 1302 teses farão parte de uma segunda etapa de aprofundamento dessa cartografia em um trabalho de pesquisa futuro.

Da apreciação não exaustiva dessas 26 teses, constatou-se que: 57,70 % das teses encontram-se nas disciplinas de Medicina (34,62 %) e de Farmácia (23,08 %); 42,30 % das teses relacionam-se com: a Sociologia (15,38 %); as Ciências Econômicas (7,62 %); a Geografia (7,62 %); os Estudos Ibéricos (3,85 %); a História e a Civilização (3,85 %); e a Literatura Francesa (3,85 %).

**Quadro nº 04: teses francesas escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
amirou	rachid	1992	université de paris 5	imaginaire touristique et sociabilités du voyage	urbain	sociologia
barge	michèle	1987	université de aix-marseille 2	evolution du tourisme en provence-alpes-cote-d'azur a travers les guides	barbier	geografia
bettan	jean-charles	2004	université de toulouse 3	prévention des risques du voyage en zone tropicale	roques	farmácia
bezès	christian	1986	université de aix-marseille 3	la place et le rôle du loisir dans l'entreprise : tourisme social et tourisme d'affaires	baretje	ciências econômicas
boutineau	christophe	1987	université de paris 6	l'assistance medicale privée aux touristes en voyage a l'étranger etude a travers la société tms assistance : activité 1985	(s/n)	medicina
cla	stéphanie	1999	université de bordeaux 2	la rage dans les pays en voie de développement : à propos d'un cas	graber	medicina
druesnes	sophie	1993	université de grenoble 1	conseils aux voyageurs aux antilles-guyanes françaises (thèse d'état)	rochat	farmácia
dubroca	jean-françois (1753-1831)	1992	université de bordeaux 2	diarrhée du voyageur : actualisation des recommandations en matière de prévention et principes de l'autotraitement	lebras	medicina
duto-rammaert	stéphanie	2004	université de paris vii	facteurs de non-observance des conseils d'hygiène alimentaire par les voyageurs	lepoutre	medicina
el aydi	es-said	1996	université de aix-marseille 1	rabat, ville touristique	barbier	geografia
eyres	philip	2005	université de montpellier 1	grossesse et infections parasitaires	sotto	medicina
gley	sébastien	2006	université de tours – françois rabelais	conseils aux voyageurs en partance pour les pays tropicaux en consultation de médecine générale dans le loiret en 2006	bastides	medicina
mappa	catherine	1999	université de bordeaux 2	recommandations sanitaires pour les voyageurs en zone intertropicale : mise au point 1999	sanchez	farmácia
masurier	didier	1994	université de paris 5	imaginaires et ideologies du tourisme international. l'exemple du senegal	thomas	sociologia
ordioni	natacha	1992	université de aix-marseille 1	l'état de touristicité : analyse de la rationalisation et des transformations du voyage et des pratiques touristiques des français	chenu	sociologia
passavant	eric	1996	ehess	l'enchantement du monde par le voyage: etude du renouvellement d'un mysticisme laïc et cultive	combessie	sociologia
pegoraro	olivier	2003	université de lille 2	le conseil aux voyageurs diabétiques	(s/n)	farmácia
plourde	marie-madeleine	1994	université de aix-marseille 3	le marché canadien du voyage de stimulation	baretje	ciências econômicas
poutet	hervé	1993	université de paris 4	genese des images touristiques de l'espagne : essai d'analyse	guinard	estudos ibéricos
ratel	jean-francois	1984	université de lille 2	conseils aux candidats a un tourisme sportif et aventureux sans medecin	(s/n)	medicina
rodriguez	damien	2006	univ. de lyon 1	voyager avec son chat et son chien	petavy	farmácia
ros	jacques	2000	université de montpellier iii	le midi traditionnel de la france à travers les récits et guides de voyage au xixe siècle	carbonell	história et civilisation
saint-charles	nicole	1992	université de bordeaux 2	medicina des voyages : à propos d'une campagne d'information auprès des médecins généralistes en aquitaine	lebras	medicina
sergeant	ludivine	2003	université de lille 2	les remèdes de grands-mères: origines, application aux voyages et ouverture vers l'allopathie	delelis	farmácia
sugimoto	keiko	2002	université de paris 3	la question des genres chez stendhal : le cas des mémoires d'un touriste"	berthier	literatura francesa
tamboura	mamadou	1992	université de bordeaux 2	la pédagogie par résolution de problèmes : à propos du diplôme universitaire de médecine des voyages	lebras	medicina

Fonte: ABES – SUDOC, 2006

**Quadro nº 05: teses francesas escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo**

<b>Áreas de Formação</b>	<b>VIAGENS e TURISMO</b>	
	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>%</b>
Medicina	9	34,62
Farmácia	6	23,08
Sociologia	4	15,38
Ciências Econômicas	2	7,69
Geografia	2	7,69
Estudos Ibéricos	1	3,85
História e Civilização	1	3,85
Literatura Francesa	1	3,85
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: ABES-SUDOC, 2006

## O repertório das teses brasileiras

Para realizar a pesquisa no repertório das teses brasileiras, foi consultado o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação. A CAPES coloca a disposição duas ferramentas de pesquisa e consulta às informações sobre as teses defendidas no Brasil: os resumos das teses defendidas a partir de 1987 e os textos completos da disciplina de História<sup>55</sup>

Os critérios de busca disponíveis tornam possível a pesquisa a partir do nome do autor, do título da tese e das palavras-chave (uma ou várias ao mesmo tempo).

A partir desses critérios, a nota descritiva do objeto que surge compreende o nome e o sobrenome do(a) doutor(a), seu e-mail, o título, as palavras-chave; o campo do conhecimento, os membros da banca examinadora, a linha de pesquisa, a agência de financiamento, a língua de redação, o nível administrativo e o resumo da tese.

Do mesmo modo que para as teses francesas, o critério de pesquisa utilizado foi a palavra-chave. Para esta investigação, foram exploradas as palavras-chave “viagem” e “turismo”, individualmente e conjuntamente.

Desse modo, foram obtidas 166 teses para “viagem” e 146 para “turismo”. O resultado obtido quando foram utilizadas as duas palavras-chave em conjunto foi de 10 teses. A partir desse resultado foi elaborado um quadro contendo: nome; sobrenome; título; e data. Em seguida, a partir das notas completas, foram inclusas: área de formação; e universidade. Considerando que cada universidade designa as áreas de formação diferentemente, procedeu-se a uma classificação por áreas de formação gerais para obterem-se resultados mais uniformes. Enfim, foram elaborados três quadros com três colunas que contêm: as áreas de formação; a frequência absoluta e o percentual de aparição das teses em cada uma das áreas de formação disponíveis.

A leitura do quadro geral cuja palavra-chave é “viagem” permitiu a produção de um quadro-síntese do qual se podem destacar os aspectos seguintes:

a) 40,36 % das teses se concentram em cinco áreas de formação: Letras

---

<sup>55</sup> Disponível em: < [http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Banco\\_Teses.htm](http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/Banco_Teses.htm) >. Acesso em: 04 dez. 2006.

(10,24 %); Ciências da Comunicação (8,43 %); História (7,83 %); Ciências da Educação (7,23 %); Engenharia dos Transportes (6,63 %);

b) Não há ainda a área de formação em turismo no banco de teses, mesmo com a sua inclusão no sistema geral das áreas de formação do ensino superior.

Ao longo do tratamento dessas informações, foram escolhidas vinte e seis teses que têm uma relação direta com esta tese e que considere pertinentes para uma análise futura. (Quadro nº 06)

A análise do quadro geral cuja palavra-chave é “turismo” tornou possível a elaboração de um segundo quadro do qual é possível extrair as seguintes informações:

a) 49,99 % das teses se concentram em cinco áreas de formação: Ciências da Comunicação (20,55 %); Geografia Humana (8,90 %); Geografia Física (7,53%); Ecologia (7,53 %); Ciências Sociais (5,48 %);

b) nas Ciências da Educação foram encontradas 1,37 %.

Durante o tratamento dessas informações, selecionei dezesseis teses (10,95 %) que têm uma relação com o objeto de estudo desta tese e que igualmente considero pertinentes para uma análise futura. (Quadro nº 07)

O estudo do quadro geral cujas palavras-chave são “viagem” e “turismo” tornou possível a construção de um terceiro quadro do qual foram extraídas as informações seguintes:

a) 60 % das teses se concentram em cinco áreas de formação: Administração (20,00 %); Antropologia Social (10,00 %); Ciências da Comunicação (10,00 %); Engenharia dos Transportes (10,00 %); e Sociologia (10,00 %);

b) Não foi encontrada nenhuma tese em Ciências da Educação.

Durante o tratamento dessas informações, foram escolhidas duas teses (20,00%) que têm uma relação com esta tese. (Quadro nº08)

Essas 42 teses foram selecionadas a partir de seus títulos, considerando sua relação com esta pesquisa e na perspectiva de um estudo futuro.



**Quadro nº 06: teses brasileiras escolhidas – palavra-chave “viagem”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
borralho martins da costa	ana luiza	2002	uerj	joão guimarães rosa: viator	costa lima filho	letras
molfeta de rolón	andrea	2002	usp	experimental e documentário: os diários de viagem dos artistas sulamericanos na frança: 1995	genis mourão	ciências da comunicação
leite prado	ceres	2002	ufmg	intercâmbios culturais como práticas educativas em famílias das camadas médias	de lima gomes nogueira	ciências da educação
daffon dos santos meira	claudete	2002	puc – rj	a viagem e a escrita: uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual de escritores-viajantes brasileiros	cordeiro gomes	letras
nogueira de oliveira	diney	2002	puc – rs	relatos de viagem pelo rio grande do sul / século xix – a comunicação dos viajantes europeus	hohlfeldt	comunicação social
ferreira	fernando cesar	2004	usp	diálogo sobre o tempo? arte e ciência, educação	tavares de miranda	ciências da educação
herwig augustin	günther	2003	ufmg	viagens pelo novo mundo – olhar europeu e interculturalidade na literatura de viagem de eschweg, spix e martius	ferreira cury	estudos literários
silva maria pires germano	idilva	2001	ufce	viagens ao coração do brasil: invenções da nação josé de alencar e antônio callado	diatahy bezerra de menezes	sociologia
beck	iná janete	2001	ufrgs	viagens de gulliver: uma releitura	holzermayer l. rosenfield	letras
maciel de britto	iremar	1999	uff	o anfitrião viajante do tempo	tavares maleval	letras
musa	joão luiz	1999	usp	o viajante e as cidades	scalzilli silveira	artes
kanehide ijuim	jorge	2002	usp	jornal escolar e vivências humanas – um roteiro de viagem	proença	ciências da comunicação
macknow lisboa	karen	2002	usp	viajantes de língua alemã: olhares sobre a sociedade e a cultura (1893-1942)	santos seroa da mota	história social
sarat oliveira	magda carmelita	2004	unimep	histórias de estrangeiros no brasil: infância, memória e educação	gebara	ciências da educação
sussekind	maria flora	1989	puc – rj	o brasil não é longe daqui. o narrador de ficção e a literatura de viagem	(s/n)	letras
basso amaral	marise	2003	ufrgs	história de viagem e a produção cultural na natureza: a paisagem do rgs segundo viajantes estrangeiros do século xix	castagna wortmann	ciências da educação
moritz	kon	2001	usp	a viagem: da literatura à psicanálise	frayze-pereira	psicologia social
gonzales taco	willy	2003	usp – são carlos	redes neurais artificiais aplicadas na modelagem individual de padrões de viagens encadeadas à pé	kawamoto	engenharia dos transportes
webber souza de oliveira	patricia	2003	ufrgn	pedagogia, formação profissional e construção de identidades. a experiência do senac – rn	ferreira	ciências da educação
g. santini	rita de cassia	1993	usp	o imaginário dos homens de negócios numa viagem turística pelo espaço arquitetônico da hotelaria	strachman bacal	ciências da comunicação
pessoa de oliveira	silvana maria	1995	ufmg	de viajens e de viajantes: a viagem imaginária e o texto literário	parreira duarte	letras
de souza cagneti	sueli	1994	usp	a viagem da busca: do objetivo transcendente ao objetivo imanente. das novelas de cavalaria à literatura infantil e juvenil no brasil e em portugal	novaes coelho	literatura portuguesa
veloso cougo pimentel	thaís	1998	usp	de viagens e narrativas – viajantes brasileiros do além-mar	da silva	história social
de barcellos b. zavataro	therezinha	2001	uff	thesaurus de viagem – theodore de bry: identidade e alteridade na iconografia do século xvi	vainfas	história
martins de mendonça	wilma	2002	ufpe	memória de nós: o discurso possível e o silêncio tupinambá nos relatos de viagem do século xvi	ramalho de farias	letras
lima da silva	wilton carlos	2000	unesp – assis	as terras inventadas: discurso e natureza em viajantes no brasil (léry, antonil e burton)	costa	história

Fonte: Banco de Teses – CAPES, 2006

**Quadro nº 07: teses brasileiras escolhidas – palavra-chave “turismo”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
severiano de paiva	ana maria	2004	uff	o município de armação dos búzios e a educação – a escola pública municipal na aldeia de pescadores que se tornou município e pólo internacional de turismo	baia horta et pinheiro paixão	ciências da educação
beneli	astrogilda rosa	2001	unesp assis	turismo de libertação e suas dimensões semióticas	de santana júnior	letras
silva de farias	edson	2001	unicamp	ócio e negócio: festas populares e entretenimento – turismo no brasil	pinto ortiz	ciências sociais
ouriques	helton ricardo	2003	unesp	a produção do turismo: fetichismo e dependência	moysés rodrigues	geografia
rêgo	jackson fernando	2003	unb	enraizamento cultural e turismo sustentável	dos santos bartholo júnior	desenvolvimento sustentável
yasoshima	josé roberto	2003	usp	hospitalidade e turismo: um modelo de acolhimento para as estâncias paulistas	gelas lage	ciências da comunicação
gonzaga godoi trigo	luiz	1996	unicamp	filosofia da formação do profissional nas sociedades pós-industriais – um olhar para além do convencional: o caso do lazer e do turismo	regis de morais	ciências da educação
francisco canovas	maria irene	2004	usp	o turismo de negócios e o consumo cultural e de lazer na cidade de salvador – motivações e atitudes	pellegrini filho	ciências da comunicação
llatas	maria virginia	2004	puc – sp	semiótica e ecologia da informação como vantagem competitiva nas agências de turismo	da costa santos	comunicação e semiótica
beni	mario carlos	1988	usp	sistema de turismo – construção de um modelo teórico referencial para aplicação na pesquisa em turismo	(s/n)	ciências da comunicação
pires	mario jorge	1991	usp	hóspedes, hospedeiros e viajantes no século xix: raízes do turismo no brasil	noya pinto	ciências da comunicação
martini moesch	marutschka	2004	usp	epistemologia social do turismo	beni	ciências da comunicação
rejowsky de carvalho	miriam	1993	usp	pesquisa acadêmica em turismo no brasil (1975 a 1992) – configuração e sistematização documental	dias de macedo	ciências da comunicação
albieri nery	paulo roberto	1998	ufrj	viagem, passeio, turismo: estudo comparado do deslocamento como valor	dias duarte	antropologia social
de azeredo grunewald	rodrigo	2000	ufrj	os “índios do descobrimento”: tradição e turismo	pacheco de oliveira filho	antropologia social
paes	silvia regina	2003	unesp	encontros e desencontros: o turismo e os dois lados da viagem	schmuziger de carvalho	sociologia

Fonte: Banco de Teses – CAPES, 2006

**Quadro nº 08: teses brasileiras escolhidas – palavras-chave “viagem” e “turismo”**

<i>sobrenome</i>	<i>nome</i>	<i>data</i>	<i>universidade</i>	<i>título</i>	<i>orientador</i>	<i>área de formação</i>
albieri nery	paulo roberto	1998	ufrj	viagem, passeio, turismo: estudo comparado do deslocamento como valor	dias duarte	antropologia social
paes	silvia regina	2003	unesp	encontros e desencontros: o turismo e os dois lados da viagem	schmuziger de carvalho	sociologia

Fonte: Banco de Teses – CAPES, 2006

Algumas dessas teses escolhidas já foram publicadas e elas fazem parte do corpus de análise desta tese. Outras não foram ainda publicadas, mas já tinham sido consultadas nos seus textos originais. As notas completas apresentam os resumos de quase todas as teses.

## Algumas considerações

Dos oito momentos que foram inicialmente levados em conta para a construção dessa cartografia dos campos da educação para as viagens e do turismo no Brasil e na França, aqui foram apresentados o levantamento das informações obtidas que se referem aos três primeiros momentos: a escolha das palavras e expressões-chave; a prospecção dessas palavras e expressões-chave no site de busca Google-França e Google-Brasil; e o levantamento por título no repertório de teses brasileiras e francesas.

As informações quantitativas dos outros cinco momentos constam do quadro geral (Apêndice B 2), mas não foi efetuado um estudo sistematizado dessas informações. Mesmo assim, as pesquisas efetuadas nos catálogos gerais das bibliotecas (Universidades de Paris 8 e Paris 1; Biblioteca Nacional da França; Biblioteca do Instituto de Educação da Universidade de Londres), foram utilizadas ao longo da elaboração desta tese.

Evidencio que nessa pesquisa, a partir da consulta virtual por meio digital e *in loco* nas bibliotecas (*Salvador – BA; São Paulo-SP; Paris; Londres*) dos livros, teses, dissertações, monografias e microfimes, foram selecionados aqueles que fazem parte do referencial teórico constituído e que utilizei ao longo da redação da tese.

A exploração da base de dados ERIC – Centro de Informação e Recursos Educacionais – nos Estados Unidos e da base de dados do CIRET – Centro Internacional de Pesquisa e de Estudos Turísticos, permitiu verificar quantitativamente a produção científica nos campos pesquisados e em campos afins.

A observação das informações obtidas nos sites do Ministério do Turismo no Brasil e na França e do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa na França possibilitou levantar as ações desenvolvidas nos campos das viagens, do turismo e da educação.

No desenvolvimento da elaboração dessa cartografia, mediante a utilização das palavras e expressões-chave, surgiram informações que evidenciam uma produção considerável nesses campos. Além disso, foi possível identificar artigos, dissertações, teses, livros, redes de pesquisa, instituições de ensino e de pesquisa que se relacionam com o campo e que contribuem para alargar as bases

de sustentação desta investigação. Verificou-se, sobretudo, que não havia nenhuma produção semelhante ao objeto de pesquisa desta tese, evidenciando a sua originalidade.

Assim, na conclusão desta etapa da cartografia, considero que as informações levantadas colaboram significativamente para se refletir melhor sobre a formação pessoal e profissional nos campos em estudo. Além disso, possibilita ter informações gerais sobre as formações oferecidas no Brasil e na França. Evidencio que isto permite, igualmente, interrogá-las e tornar mais evidente a necessidade de mudanças nas mesmas. Portanto, ressalto que a elaboração dessa cartografia possibilitou: precisar a originalidade e a importância desta tese de doutorado, pois traz na sua essência o foco no ser humano; estabelecer as bases para o futuro das pesquisas nesses campos; e poder, assim, contribuir para a (trans)formação dos sujeitos.

## Apêndice B 1.1 – Universidade de Verão – Paris 1 – IREST

### L'Enseignement et la Recherche en Tourisme et Hôtellerie au Brésil

Par **Biagio M. Avena**<sup>56</sup>, Professeur au CEFET-BA<sup>57</sup>

L'Enseignement et la Recherche en Tourisme et Hôtellerie au Brésil sont très récents: les premiers cours supérieurs ont commencé au début des années 1970 à l'Université de São Paulo. Dans les dernières dix années, plusieurs cours sont proposés par des Facultés et Universités publiques et privées. Aujourd'hui environ 300 enseignements sont dispensés dans tout le Pays. À partir des années 1990, avec la nouvelle LDB (« Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional », Loi n° 9394/96), divers changements ont été apportés dans le système éducatif national.

Il est nécessaire de présenter la façon dont est organisé l'enseignement de façon générale pour aborder l'enseignement en Tourisme et Hôtellerie.

L'Éducation Nationale comprend ce que nous appelons « L'Éducation de Base » qui correspond en France à la scolarité jusqu'au baccalauréat et L'Enseignement Supérieur.

« L'Éducation de Base » comprend: l'éducation enfantine ou élémentaire (de 4 à 6 ans); l'enseignement fondamental (de 7 à 14 ans) sous-divisé en 8 niveaux; et l'enseignement moyen (de 15 à 17 ans) sous-divisé en 3 niveaux. Cet enseignement relève de la responsabilité des municipalités et des États Fédéraux.

L'Enseignement Supérieur intègre trois niveaux: l'Éducation Professionnelle Technique et l'Éducation Professionnelle Technologique (2 ou 3 ans); les Licences (courte – 3 ans; autres titres – 4 ou 5 ans selon la formation); et la Post-Graduation (3ème cycle français). Ce dernier niveau est sous-divisé en deux autres: la Post-Graduation *lato sensu* et celle *stricto sensu*. La première s'occupe des cours de perfectionnement (1 an) et des cours de spécialisation (2 ans). La deuxième s'occupe des « Mestrados » - Mastère ou Mastère Professionnel et des Doctorats et

<sup>56</sup> Communication présentée à l'Université d'été sur l'Enseignement supérieur et la Recherche en Tourisme.

<sup>57</sup> Professeur en Cours Techniques de Tourisme et Hôtellerie (B.T.S) et en Cours Supérieur en Gestion Hôtelière du CEFET-BA; Doctorant et « Mestre » en Sciences de l'Éducation par l'Université Fédérale de Bahia – UFBA; membre des laboratoires de recherche REDPECT (UFBA), RICS (UFBA-UNEB-UEFS-LNCC) et NEATH (CEFET-BA). Site: [www.biagioavena.com](http://www.biagioavena.com). Adresse Institutionnelle: Rua Emídio dos Santos s/n. – Barbalho – CEP 40301 015 – Salvador – Bahia, e-mail: [bmavena@cefetba.br](mailto:bmavena@cefetba.br).

Post-Doctorats. Ces niveaux relèvent de l'autorité du Ministère de l'Éducation.

L'Enseignement de Tourisme et Hôtellerie peut commencer dès « l'Éducation de Base » car les PCN (Paramètres Curriculaires Nationaux) et les DCN (Référentiels Curriculaires Nationaux) prévoient qu'une partie du curriculum des formations soit adaptée aux besoins locaux de chaque ville ou région. Par exemple les 'Thèmes Transversaux' peuvent introduire l'importance du Tourisme et de l'Hôtellerie pour le développement local et national.

En ce qui concerne l'Éducation Professionnelle, quelques articles de la LDB ont été revus en 2004 . Ainsi, la formation professionnelle peut être faite en même temps que l'Enseignement Moyen ou à partir de la fin de celui-ci.

L'Éducation Professionnelle Technique en Tourisme et Hôtellerie dure environ 2 ans et l'Éducation Professionnelle Technologique dure environ 3 ans. La grande majorité des cours a lieu dans les CEFET – Centres Fédéraux d'Éducation Technologique et les SENAI – Service National d'Apprentissage Industriel – et SENAC – Service National d'Apprentissage Commercial. Les premiers sont financés par le Ministère de l'Éducation et les deux derniers développent leurs activités à partir des taxes d'apprentissage. Dans les dernières années les Facultés et Universités privées ont commencé, elles aussi, à dispenser cette modalité de formation.

Les CEFET, les SENAI et les SENAC doivent aussi proposer un programme d'enseignement professionnel pour les travailleurs qui n'ont pas complété leur « Éducation de Base ». En 2005 a été conçu un nouveau programme, l'Éducation de Jeunes et d'Adultes – EJA – pour aider à atteindre ce but.

Une autre modalité est la formation tout au long de la vie qui peut être offerte par toutes ces institutions au moyen de séminaires ou de cours de courte ou moyenne durée. Il est envisageable aussi que chaque institution conçoive un Itinéraire de Formation du niveau de base jusqu'à la Post-Graduation.

L'Éducation Supérieure s'occupe de la formation des Bacheliers en Tourisme ou en Hôtellerie. Cette formation dure 4 ans et on y accède après l'Examen National de l'Enseignement Moyen – ENEM – ou après l'Examen « Vestibular ». La première évaluation est faite au long des 3 années de l'Enseignement Moyen. Pour la dernière, il faut avoir terminé l'Enseignement Moyen. Cependant, à partir de la moitié de la deuxième année les étudiants peuvent aussi entreprendre une formation à la recherche dans le programme appelé « Initiation

Scientifique »: des bourses de recherche sont attribuées; les étudiants sélectionnés sont suivis par des professeurs; les étudiants doivent consacrer 20 heures par semaine à la recherche dans leur planning d'études.

La Post-Graduation *lato sensu* est proposée par les Universités publiques et privées. Les cours de perfectionnement durent 1 an et les cours de spécialisation environ 2 ans; plusieurs spécialités sont approfondies dans le champ du Tourisme et de l'Hôtellerie.

La Post-Graduation *stricto sensu* s'occupe des « Mestrados » - Mastère ou Mastère Professionnel et des Doctorats et Post-Doctorats.

La Coordination de Perfectionnement du Personnel de Niveau Supérieur – CAPES –, Fondation du Ministère de l'Éducation, s'occupe de ce niveau de formation. La formation en Tourisme et Hôtellerie relève des Sciences Sociales Appliquées. En ce moment, seulement 8 Universités sont autorisées à développer ce niveau d'enseignement dont 7 Mastères et 1 Doctorat. Ce Doctorat est proposé à l'Université de São Paulo – USP – dans l'École de Communication et Arts, en Sciences de la Communication où l'on trouve la Ligne de Recherche en Relations Publiques, Propagande et Tourisme.

En ce qui concerne la production scientifique des chercheurs en Tourisme et Hôtellerie, si l'on consulte la Banque de Thèses de la CAPES, entre 1987 et 2004, on trouve 146 Thèses de Doctorat en Tourisme et 16 en Hôtellerie; 1067 Thèses (Dissertations – Mastère Recherche) en Tourisme et 195 en Hôtellerie; Enfin, on trouve 47 Thèses (Dissertations – Mastère Professionnel) en Tourisme et 10 en Hôtellerie.

En conclusion, la structure de l'Enseignement et de la Recherche en Tourisme et Hôtellerie commence à être représentée dans les formations supérieures, mais il est nécessaire d'investir davantage dans ces formations et d'améliorer leur qualité et leur quantité, surtout, en ce qui concerne la Post-Graduation *stricto sensu*. Ceci pour que le Brésil puisse former des acteurs, dont la professionnalisation soit de haute qualité, et puisse faire face à la grande demande de professionnels haut de gamme pour le développement durable du Tourisme et de l'Hôtellerie.

**Références Bibliographiques:**

Avena Biagio Mauricio, Educação em Turismo, dans Avena Biagio Mauricio, 2006, *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*, São Paulo, Editora Roca, p. 173-192.

Cureau Réjane, 2004, L'enseignement au Brésil, dans *Textes et documents pour la classe, Bimensuel thématique du SCÉRÉN-CNDP-CRDP*, n° 885, Paris, p. 22-23.

Filho Macioniro C., 2002, *A Institucionalização do Turismo como curso universitário (décadas de 1960-1970)*, São Paulo, PUC-SÃO PAULO, Dissertação (Mestrado em Educação: história, política, sociedade).



### Apêndice B 1.2 – Ensino em Turismo e Hotelaria no Brasil - Éducation en Tourisme et Hôtellerie au Brésil

07*	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30						
<b>Éducation de Base</b>											<b>Éducation Supérieure</b>					<b>Enseignement de Post-Graduation</b>													
<b>Enseignement Fondamental</b>											<b>Enseignement Moyen</b>					Cours Supérieur en Administration (5 ans)					<b>lato sensu</b>		<b>stricto sensu</b>						
																Cours Supérieur en Tourisme (4 ans)					<b>Maîtrise en Tourisme ou Hôtellerie (1,5 / 2 ans)</b>		« Mestrado » Master en Tourisme ou Hôtellerie (2 ans)		<b>Doctorat (4 ans)</b>				
																Cours Supérieur Technologique en Hospitalité et Loisir (3 ans)													
																Cours Techniques en Hospitalité et Loisir (1,5/2 ans)													
											Enseignement Moyen Intégré à l'Enseignement Technique en Hospitalité et Loisir (4 ans)																		

**Thème Transversal  
Tourisme**

**Programme de Bourses  
d'Initiation Scientifique  
PIBIC**

\* les chiffres de cette ligne représentent l'âge moyen des étudiants dans chaque étape de l'enseignement



### Apêndice B 1.3 – Ensino Superior e Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria no Brasil.

#### COURS - ÉDUCATION SUPÉRIEURE ET ENSEIGNEMENT DE POST-GRADUATION

<b>ÉDUCATION SUPÉRIEURE</b>	+ - 300 cours		
<b>ENSEIGNEMENT DE POST-GRADUATION</b>			
<i>lato sensu</i>	Pas de statistique disponible		
<i>stricto sensu</i> «Mestrado»	<b>Sciences Sociales Appliquées</b>		
	Sciences de la Communication Relations Publiques, Propagande et Tourisme *	Université de São Paulo USP	Master 1 Master 2 Master Recherche
	Hospitalité Tourisme	Université Anhembi-Morumbi UFAM	
	Tourisme Tourisme	Université de Caxias do Sul UCS	
	Tourisme Tourisme et Hôtellerie	Université do Vale do Itajaí UNIVALI	
	Tourisme Tourisme et Environnement	Centre Universitaire UNA	
	Tourisme	Université Fédérale du Rio Grande do Norte - UFRN	
	Loisir	Université Fédérale de Minas Gerais UFMG	
<i>stricto sensu</i> «Mestrado Profissional»	Tourisme Tourisme	Université de Brasília UNB	
<i>stricto sensu</i> «Mestrado»	<b>Multidisciplinaire</b>		
	Culture & Tourisme	Université Fédérale de Bahia UFBA Université de l'Etat de Santa Cruz - UESC	Master 1 / Master 2 Master Recherche
<i>stricto sensu</i> Doctorat	<b>Sciences Sociales Appliquées</b>		
	Sciences de la Communication Relations Publiques, Propagande et Tourisme *	Université de São Paulo - USP	Doctorat
	Administration et Tourisme	Université do Vale do Itajaí UNIVALI	

\* Le Master et le Doctorat de l'Université de São Paulo ont été reformulés et cette ligne de recherche devrait constituer un nouveau programme selon l'évaluation de la CAPES en 2003. Ces propositions n'ont pas été approuvées par la



**Apêndice B 1.4 – Banco de Teses – CAPES – 1987-2004**

**BANQUE DE THESES  
1987 - 2004**

**CAPES  
COORDINATION DE PERFECTIONNEMENT DU PERSONNEL DE NIVEAU SUPERIEUR [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)**

**MEC  
MINISTERE DE L'EDUCATION  
[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)**

<b>NIVEAU</b>	<b>TOURISME</b>	<b>HOTELLERIE</b>
THESES DE DOCTORAT	<b>146</b>	<b>16</b>
DISSERTATIONS DE « MESTRADO » (MASTER RECHERCHE)	<b>1067</b>	<b>195</b>
DISSERTATIONS DE « MESTRADO » PROFESSIONNEL (MASTER 1 + MASTER 2)	<b>47</b>	<b>10</b>



## Apêndice B 2 – Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave (síntese)

Fonte: Bancos de Dados, 2006.

	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Educa- tion par le Voya- ge	Forma- tion au Voya- ge	Educa- tion au Voya- ge	Educa- tion en Touris- me	Forma- tion en Touris- me	TOURISME	VOYAGE
Google Français – France	1120	561	233	390	222	31	15100	55.800.000	65.000.000
Google Portugais – Brésil	13500	0	0	2	0	234	200	22.900.000	10.900.000
Répertoire des Thèses Françaises -Fichier Central des Th.	0	0	0	0	0	0	0	366	183
CAPES – BANQUE DE THESES – DOCTORAT	0	0	0	0	0	0	0	146	166
CAPES – BANQUE DE THESES - « MESTRADO »	5	0	0	0	0	5	1	1065	531
CAPES – BANQUE DE THESES - « MESTRADO PROFESSIONALISANT »	0	0	0	0	0	0	0	47	6
UNIVERSITÉ PARIS VIII – Catalogue Général	1	0	1	0	1	2	0	236	814
UNIVERSITÉ PARIS I – Catalogue Général	13	1	1	2	1	4	3	305	340
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Livres et Périodiques en langue française (titre contenant les mots)	13	11	22	11	22	15	53	5635	* ver nota 21 apêndice B 3
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Périodiques en langue française (titre contenant les mots)	4	1	1	1	1	10	4	1896	392
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Périodiques en langue anglaise (titre contenant les mots)	1	0	2	0	2	1	0	76	126
UNIVERSITÉ DE LONDRES – IOE – Catalogue Général									
ERIC – Anglais – 15.09.06 – sans guillemets	302	30	1248	55	2435	629	25	915	3785
ERIC – Anglais – 15.09.06 – avec guillemets	0	0	0	0	0	1	0	-	-
ERIC – Français – 15.09.06 – sans guillemets	0	0	0	1	0	0	1	5	177
MINISTERE DU TOURISME – France – 18.09.06	* ver nota 22 apêndice B 3								
MINISTERE ENSEIGNEMENT SUP. ET RECH. – France	*ver nota 23 apêndice B 3								
MINISTERE DU TOURISME – Brésil	* ver nota 24 apêndice B 3								
CIRET-Centre International de Recherche et d'Études Tour.									





<b>Apêndice B 3 – Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave</b>									
<b>Fonte: Bancos de Dados, 2006.</b>									
	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Educa tion par le Voya ge	Forma tion au Voya ge	Educa tion au Voya ge	Educa tion en Touris me	Forma tion en Touris me	<b>TOURISME</b>	<b>VOYAGE</b>
Google Français – France	1120 <sup>58</sup>	561 <sup>59</sup>	233 <sup>60</sup>	390 <sup>61</sup>	222 <sup>62</sup>	31 <sup>63</sup>	15100 <sup>64</sup>	55.800.000 <sup>65</sup>	65.000.000 <sup>66</sup>
Google Portugais – Brésil	13500 <sup>67</sup>	0 <sup>68</sup>	0 <sup>69</sup>	2 <sup>70</sup>	0 <sup>71</sup>	234 <sup>72</sup>	200 <sup>73</sup>	22.900.000 <sup>74</sup>	10.900.000 <sup>75</sup>
Repertoire des Thèses Françaises Fichier Central des Thèses 06.11.06 <sup>76</sup>	0	0	0	0	0	0	0	366	183
CAPES – BANQUE DE THESES – DOCTORAT – 08.11.06	0	0	0	0	0	0	0	146	166

<sup>58</sup> En 11.09.06 s'affichent 1.100 résultats; en 15.09.06, 1120 résultats.

<sup>59</sup> En 02.10.06 s'affichent 561 résultats.

<sup>60</sup> En 02.10.06 s'affichent 233 résultats.

<sup>61</sup> En 04.10.06 s'affichent 390 résultats.

<sup>62</sup> En 02.10.06 s'affichent 222 résultats.

<sup>63</sup> En 04.10.06 s'affichent 31 résultats.

<sup>64</sup> En 04.10.06 s'affichent 15100 résultats.

<sup>65</sup> Ces résultats n'ont pas été analysés.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> En 05.10.06 s'affichent 13500 résultats; en 06.10.06 – 13600; en 09.10.06 – 13500; en 10.10.06 – 13400; en 11.10.06 – 13600.

<sup>68</sup> En 06.11.06 s'affichent 0 résultats.

<sup>69</sup> En 06.11.06 s'affichent 0 résultats.

<sup>70</sup> En 06.11.06 s'affichent 2 résultats.

<sup>71</sup> En 06.11.06 s'affichent 0 résultats.

<sup>72</sup> En 14.11.06 s'affichent 234 résultats.

<sup>73</sup> En 14.11.06 s'affichent 228 résultats.

<sup>74</sup> Ces résultats n'ont pas été analysés.

<sup>75</sup> Ibidem.

<sup>76</sup> Le moteur de recherche du FCT n'accepte pas l'entrée de plus d'un mot-clé; on n'a obtenu des résultats que pour les mots-clé 'tourisme' et 'voyage'.



**Apêndice B 3 – Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave**

Fonte: Bancos de Dados, 2006.

	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Education par le Voyage	Formation au Voyage	Educacion au Voyage	Educacion en Tourisme	Formacion en Tourisme	<b>TOURISME</b>	<b>VOYAGE</b>
CAPES – BANQUE DE THESES - « MESTRADO » <sup>77</sup> - 09.11.06	5	0	0	0	0	5	1	1065	531
CAPES – BANQUE DE THESES - « MESTRADO PROFESSIONALISANT » - 09.11.06	0	0	0	0	0	0	0	47	6

	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Educacion par le Voyage	Formation au Voyage	Educacion au Voyage	Educacion en Tourisme	Formacion en Tourisme	<b>TOURISME</b>	<b>VOYAGE</b>
UNIVERSITÉ PARIS VIII – Catalogue Général	1	0	1	0	1	2	0	236	814
UNIVERSITÉ PARIS I – Catalogue Général	13	1	1	2	1	4	3	305	340
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Livres et Périodiques en langue française (titre contenant les mots)	13	11	22	11	22	15	53	5635	* <sup>78</sup>
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Périodiques en langue française (titre contenant les mots)	4	1	1	1	1	10	4	1896	392
Bibliothèque Nationale de France – Opale Plus – Périodiques en langue anglaise (titre contenant les mots)	1	0	2	0	2	1	0	76	126

<sup>77</sup> Intermédiaire entre l'ancien mémoire de D.E.A français et la thèse de doctorat; la thèse de 'Mestrado' est produite pendant 2 années: la 1ère année est consacrée aux disciplines théoriques (environ 20 crédits) et à l'élaboration du projet de thèse; la 2ème année est utilisée pour le travail de terrain et pour la rédaction de la thèse.

<sup>78</sup> « un trop grand nombre de réponses correspond à votre recherche pour obtenir un résultat exploitable, vous devez affiner vos critères de recherche. »



**Apêndice B 3 – Quadro Geral: fontes x palavras e expressões-chave**  
**Fonte: Bancos de Dados, 2006.**

	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Educa- tion par le Voya- ge	Forma- tion au Voya- ge	Educa- tion au Voya- ge	Educa- tion en Touris- me	Forma- tion en Touris- me	<b>TOURISME</b>	<b>VOYAGE</b>
UNIVERSITÉ DE LONDRES – IOE – Catalogue Général									
ERIC – Anglais – 15.09.06 – sans guillemets	302	30	1248	55	2435	629	25	915	3785
ERIC – Anglais – 15.09.06 – avec guillemets	0	0	0	0	0	1	0	-	-
ERIC – Français – 15.09.06 – sans guillemets	0	0	0	1	0	0	1	5	177

	Recherche en Tourisme	Formation par le Voyage	Educa- tion par le Voya- ge	Forma- tion au Voya- ge	Educa- tion au Voya- ge	Educa- tion en Touris- me	Forma- tion en Touris- me	<b>TOURISME</b>	<b>VOYAGE</b>
MINISTERE DU TOURISME – France – 18.09.06	*79								
MINISTERE DE L'ENSEIGNEMENT SUP. ET DE LA RECHERCHE – France – 15.09.06	*80								
MINISTERE DU TOURISME – Brésil – 18.09.06	*81								
CIRET-Centre International de Recherche et d'Études Touristiques	*82								

<sup>79</sup> La Recherche: conventions (1); manifestations (1); rencontres (1); appel à projet (0); études et recherches ( ); dossiers en ligne ( ).

<sup>80</sup> 1 document général sur la recherche 2004/2005.

<sup>81</sup> 3 documents sur le tourisme.

<sup>82</sup> Catalogue général.



## Algumas considerações

Nas notas introdutórias dos Apêndices A e B, evidenciei que a alteração de si poderia efetivamente ocorrer se e somente se o espírito do ser humano estiver aberto e predisposto para esta (trans)formação. Salientei, igualmente que esta reflexão considera como necessidades essenciais para esta transformação as aptidões humanas da sabedoria e do conhecimento procurando juntar e separar, sintetizar, integrar, analisar e diferenciar, vendo com “os olhos da mente”, vislumbrando relacionamentos, a totalidade e a unidade, além de verificar pelos sentidos, aprendendo o específico e o diferente.

Assim, tendo esse pensamento presente, os Apêndices A e B foram elaborados. O Apêndice A foi estruturado com o intuito de descrever a perspectiva de uma pesquisa com uma abordagem multirreferencial na perspectiva de uma “bricolagem metodológica” e sua utilização nos campos das viagens, do turismo e da educação. Por sua vez, o Apêndice B, foi delineado com o objetivo de elaborar, indentificar e constituir uma “cartografia” dos campos em estudo e, desse modo, verificar: a originalidade desta tese; a sua inserção nesse contexto maior. Esse exercício possibilitou tanto refletir sobre as pesquisas e projetos que estão em curso, bem como estabelecer as bases para investigações futuras nos campos em estudo.

Assim, na arquitetura da elaboração de uma “arte de viver”, ao longo dos Apêndices C, são destacados saberes e conhecimentos que emergem das viagens e do turismo. No desenrolar e no encadeamento dos textos são evidenciadas as experiências de vida na difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico, considerando as relações estabelecidas entre as viagens, os viajantes, o turismo e o turista.

Os Apêndices D, tendo por base os aspectos salientados anteriormente, ressaltam os conhecimentos que devem estar presentes na formação do educador e na formação geral e profissional dos sujeitos. Assim, é enfatizada a importância capital da educação no processo de formação e desenvolvimento do conhecimento de si, do autoconhecimento dos sujeitos. Dessa forma, construo conhecimento para subsidiar a elaboração de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento com uma abordagem de Educação Multirreferencial, Transpessoal e de Educação Transdisciplinar.





**APÊNDICES C**

**Saberes e Conhecimentos  
que emergem  
das viagens e do turismo**



As viagens e o turismo: as viagens são formas de conhecer melhor o mundo, o outro (sujeito – habitante local / autóctone) e outros lugares (o novo espaço e o tempo presentes nos deslocamentos); o turismo, por outro lado, é considerado uma atividade econômica que não se preocupa verdadeiramente com os aspectos formativos que estão presentes nas viagens (ARDOINO, 2006). Ao contrário, a atividade turística dá ênfase maior, às relações de mercado, classificando o sujeito-turista como um simples produto, ocorrendo dessa forma a sua “coisificação” (URBAIN, 1991). Mas considero neste estudo que é possível fazer turismo com uma abordagem humanista e cultural como, aliás, fazia-se nas viagens durante a época dos longos deslocamentos pela Europa, inicialmente, e pelo Oriente, em seguida, durante o período das grandes descobertas e o Iluminismo, mesmo considerando que esses deslocamentos não tinham a mesma conotação atual. Assim, por qual razão estudar esta mobilidade no espaço e no tempo e estudar especificamente as viagens e o turismo. O que há, por trás das diversas visões dos autores é um debate mais profundo e mais imediato sobre o valor individual, singular, particular e universal das viagens para os sujeitos-viajantes, que é comum a todos. Tento elucidar uma contradição presente entre a concepção sobre as viagens e aquela sobre o turismo salientando, se não é necessário, em nome desta própria contradição, modificar a abordagem atual feita no, e por meio do turismo.

Assim, nos textos que compõem os Apêndices C tenho o objetivo de abordar, identificar, investigar e estudar tanto as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens quanto aspectos da atividade turística e algumas reflexões iniciais sobre o campo de estudos das viagens e do turismo.

Nesse sentido, na construção desse itinerário, levo em conta algumas dimensões ao longo dos textos: inicialmente, as viagens como atividades humanas que possibilitam o encontro entre sujeitos e culturas e a presença da mitologia na certidão de nascimento das viagens; o conhecimento do mundo e a difusão do conhecimento sobre o mundo pelas viagens e as motivações e transformações identificadas em autores da literatura mundial; interrogações sobre alguns aspectos do turista, do turismo e do viajante; a investigação científica e as investigações de si por meio das viagens ao longo do tempo; e, por fim, o viajante como elemento principal no processo complexo da viagem.

Mas o que se pretende com este estudo é evidenciar a relação existente

entre as viagens, o turismo, a economia e a formação pessoal e profissional. Isto não é assim tão simples como pode parecer, pois é necessário interrogar, primeiramente, em que sentido a compreensão tanto das viagens e de suas contribuições à formação do sujeito, quanto da atividade turística, e como funcionam, nos ajudam a pensar mais detidamente sobre a formação pessoal e profissional nesses campos. Trato, então, não de me apoiar sobre as experiências de aprendizagem, de formação e de educação para e pela viagem e a organização do turismo para pensar somente no Turismo Sustentável, no Desenvolvimento Sustentável e nos ganhos econômico-financeiros. Trato, sim, me apoiando nesses aspectos, de pensar as viagens e o turismo como atividades que, dentre outras, demandam uma outra concepção de comportamento, um comportamento sustentável, considerando que esses podem contribuir para a (trans)formação pessoal do sujeito – a (trans)formação de si – colaborando para subsidiar a concepção de uma pedagogia específica, uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento em uma abordagem de educação multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal. É a reflexão que será desenvolvida e aprofundada nos textos dos Apêndices D.

## APÊNDICE C 1

### Filosofia, Antropologia, Cultura, Mitologia, História

*Falar da viagem sem conhecer suas vibrações  
que somente a sua prática real autoriza,  
é enganar a si mesmo sobre o conteúdo do mundo,  
é como encenar uma comédia cujo roteiro  
ainda nem mesmo lido foi.*

(MICHEL, 2000, p. 53)

A citação de Franck Michel (2000) incita aqui a uma reflexão sobre a necessidade de se conhecer bem as implicações de um objeto para sobre ele proceder a uma análise. É nesse sentido que este texto tem por objetivo dar início à busca de um possível itinerário pelas viagens, seus significados e contribuições às (trans)formações de si.

Aqui, especificamente, salientam-se cinco dimensões: inicialmente, um estudo etimológico da palavra viagem; uma reflexão, em seguida, sobre a viagem e o viajante; uma análise, em terceiro lugar, das viagens no que concerne aos seus aspectos singulares, particulares e universais em uma perspectiva filosófica; um enfoque, em quarto lugar, sobre a viagem vista como um canal de difusão da cultura (universal, particular e singular); e, por fim, um estudo das origens das viagens ressaltando o papel da Mitologia e da História por meio dos mitos de Hermes e de Ulisses.

#### **Etimologia: a viagem**

A palavra viagem, do latim *viaticum*, designa um “caminho a percorrer”, o deslocamento de uma pessoa que vai a um lugar distante. Há diversos tipos de viagem. A viagem a pé, de carro, de avião, por mar. A viagem circular que pode ser um circuito, um périplo, um *tour*. A viagem pode ser igualmente de lazer, turística, mas há também a viagem de negócios, a viagem de estudos, de exploração, a

viagem de informação. Pode ser organizada por uma agência de viagens (em grupo, para reduzir os custos) ou por si próprio. Estar em viagem, partir em viagem é estar ausente durante um tempo do seu domicílio habitual. Mas pode-se também considerar que “a vida é uma viagem” como escreveu Marcel Proust (1946-47).

### **As viagens: considerações primeiras**

Em *A Razão Nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*, Rouanet (1993, p. 07-08) faz da viagem um itinerário do imaginário. Esse autor considera que viajar é um ato de liberdade e que

toda viagem tem sempre os mesmos momentos constitutivos: a partida, o percurso, a chegada e sobretudo o momento humano por excelência, que movimenta todo o processo, a viagem como desejo, a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país sonhado. Falar de viagens no sentido concreto diz respeito ao presente, mas também pode-se falar de viagens no passado e no futuro. (ROUANET, 1993, p. 07-08)

Além disso, a viagem do *flâneur*, o viajante de W. Benjamin, “é simultaneamente objetiva e fantástica”, pois ela “está a meio caminho entre a vida real e o delírio, ou antes, entre dois níveis de realidade, a desperta e a onírica”. Na concepção de Rouanet (1993, p. 52) “a modernidade é ao mesmo tempo noturna e diurna, sonhada e real, e o *flâneur* a percorre nos dois registros”.

Franck Michel (2000), antropólogo e pesquisador, no seu livro *Désirs d’Ailleurs - Essai d’Anthropologie des Voyages*<sup>83</sup>, ressalta que “a viagem começa onde param as nossas certezas” (p. 11) e que “a viagem convida ao desejo de alteridade tanto quanto ao desejo do outro” (p.11). Esse outro pode ser tanto um espaço exterior evocando o exotismo, quanto o outro ser humano em todas as suas formas. Portanto, o outro e o mundo fora do sujeito bem como o mundo dele próprio. Além disso, o outro pode (ou não) provocar um agradável e excitante choque – lugares, paisagens, universos – ruptura com as referências estéticas que definem a sua usual visão do mundo. Dessa forma, ocorre o desvelamento de si; uma auto-descoberta revelando uma outra identidade até aqui escondida em si mesmo, como um estranho interior, clandestino, inconsciente ou mascarado, cuja

---

<sup>83</sup> Desejos do Outro (outros lugares, outras pessoas) – Ensaio de Antropologia das Viagens. (NT)

emergência, se assim se pode dizer, coloca o sujeito fora de si – repentinamente fora da certeza daquilo que ele acreditava ser – que ao mesmo tempo assusta e estimula. Nesse sentido, reencontrar o “outro”, é também, literalmente, um acontecimento que se abre sobre uma experiência estética. O outro lugar em questão não é tão somente um lugar, mas um sentimento: é menos um espaço e mais o produto de um “sétimo sentido”. (MICHEL, 2000, p. 11-16)

Para esse antropólogo viajar é tornar-se um outro, é tornar-se estranho / estrangeiro, onde quer que se esteja (em todo lugar) e restituir desse modo toda a banalização do mundo impossível. É propriamente se alienar – não como “perder sua liberdade”, mas como reencontrá-la tornando-se um *alien* (latim *alienare* – tornar-se outro ou tornar-se estranho / estrangeiro) e em consequência ter sobre todas as coisas o olhar sempre novo do *alien*. Segundo esse antropólogo “a viagem é de início um assunto de consciência e de sentido”. Além disso, “viajar é mudar de história de vida antes mesmo de mudar de lugar” – o ato procede de um saber, de um poder ou de um querer. Aqui se origina, nesse conhecimento, essa força ou essa vontade de mudança de vida, o desejo do outro, fora e dentro de si, onde pode ocorrer a (trans)formação de si (p. 11-16). Assim, para lidar com o diferente, o novo, o estranho, é preciso ter uma abertura interior, uma disposição e um despojamento, pois o **outro** está presente em si mesmo.

Na visão desse pesquisador das viagens e do turismo, viajar é reaprender a duvidar, a pensar, a contestar. Abolindo as fronteiras do desconhecido, viajar é ousar desafiar a banalidade do cotidiano, o conforto seguro, os hábitos seculares. A viagem é a passagem de si ao outro, a ponte de um mundo a um outro. O reencontro humano e o escutar os outros são tão indispensáveis ao universo do viajante, quanto à superação de si marcada pelo esforço e o sofrimento ou ainda a leitura de todos os romances de aventura e outros escritos de viagem deixados por ilustres predecessores. Viajar é antes de tudo olhar em torno de si para melhor esquecer-se de si, escolher a solidão para melhor aproximar-se dos outros, devorar o mundo por todos os sentidos para melhor apreciar a sua grandeza. E por fim sempre o mesmo refrão: nada vale mais do que a viagem por si mesma. Viajar se aprende viajando.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, na visão de Jacques Lacarrière (1997, p. 21) existem quatro pontos cardeais da viagem – quatro pontos essenciais da atividade turística: descobrir, conhecer, compreender e relatar.

Fonte, outrora, de raptos e de proveito, o outro lugar se torna fonte de conhecimento antes de mudar, atualmente, para fonte de evasão e de emoção. Nem Cook nem Magalhães empreenderam a volta ao mundo com o único objetivo de se extasiar ou de se apavorar, mas antes de tudo, para descobrir, conhecer, compreender e relatar, o que constitui os quatro pontos cardeais da viagem. (p. 21)

Além desses quatro pontos cardeais, a partir das três funções do lazer, definidas por Dumazedier (1962, p. 26-28), ou seja, a função de descanso, a de divertimento, recreação e entretenimento, e a função de desenvolvimento, Michel (2000) ressalta que essas funções são igualmente a fonte não somente das férias, mas também do turismo em geral. Ademais, para esse antropólogo a viagem é, também, o resultado de uma insatisfação crônica que orienta as pessoas para novos destinos, longínquos de preferência. Dessa forma, salienta que se deveria refletir na melhor maneira de oferecer uma boa *educação turística* ao visitante-veranista-viajante atual, e pensar mais inteligentemente nas novas formas de desenvolvimento local ligados ao mundo da viagem (p. 37). Assim, um dos desafios do futuro consistiria em conceber e dar aos jovens, e mesmo aos muito jovens, uma educação para a viagem que leve em conta a diversidade humana, cultural e natural (p. 65). Um dos aspectos desse desafio é a própria concepção da Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

Considerando essas dimensões, tenho verificado no percurso da minha vida pessoal e profissional e, sobretudo nos estudos desenvolvidos, que a Atividade Turística é tanto um lazer, um ócio consagrado à viagem quanto uma atividade que pode apresentar uma ampla tipologia – turismo de negócios, religioso, de saúde, etc.

Assim como Dumazedier (1962, p. 26; 2001, p. 32), Amirou (1995, p. 36) considera o lazer, e por extensão a viagem, como atividades que deveriam ter um caráter liberador, desinteressado, hedonista e pessoal, deveriam visar o desenvolvimento pessoal do indivíduo e ser concebidos como um fim em si mesmo. Dumazedier (1962, p. 26-28) apresenta uma fórmula dos elementos constitutivos do lazer moderno, diferentemente daquela que estávamos habituados a encontrar. No lugar dos 3 S – *sun, sea, sex*, – ele passa a apresentar a fórmula composta pelos 3 D – **D**escanso, **D**ivertimento e **D**esenvolvimento, o que se relaciona perfeitamente com a utilização do tempo livre, que é abordada neste estudo.

Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver, nas formações, competências que se relacionem com os aspectos propostos por Dumazedier (1962,



p. 26-28). Os 3 D poderiam constar de todos os níveis de formação dos sujeitos. Além disso, para a OMT, o tempo de férias é um tempo de educação, um tempo de repouso, um tempo de encontros e de comunicação. Assim, nesta investigação a viagem é considerada como um tempo e um espaço de aprendizagem, de (trans)formação de si em que existem diversas formas de difusão de conhecimentos.

Aqui, é necessário ressaltar qual a definição de turismo e de turista adotadas pela OMT – Organização Mundial do Turismo – e que serão utilizadas inicialmente como referência nesta investigação.

Na visão da OMT (2001), o “conceito de turismo pode ser estudado de diversas perspectivas e disciplinas, dada a complexidade das relações entre os elementos que o formam”. Além disso, é importante salientar que “existe ainda um debate aberto para chegar a um conceito único e padrão que reflita uma definição universal”. (p. 37)

Antes de apresentar a definição utilizada pela OMT, ressalto aquela de 1942, elaborada pelos professores da Universidade de Berna, W. Hunziker e K. Krapf, que definiam o turismo como: "A soma de fenômenos e de relações que surgem das viagens e das estâncias dos não residentes, desde que não estejam ligados a uma residência permanente nem a uma atividade remunerada". (p. 37)

Além desta definição dos anos 40, nos anos 80, Burkart e Medlik (1981) apresentaram uma definição de turismo considerada pela OMT como contendo a conotação de viagem. Desse modo, o turismo era considerado como "os deslocamentos curtos e temporais das pessoas para destinos fora do lugar de residência e de trabalho e as atividades empreendidas durante a estada nesses destinos" (p. 37)

Nessa mesma década, a OMT evidencia uma outra definição, a de Mathieson e Wall (1982), que destaca o turismo como: "o movimento provisório das pessoas, por períodos inferiores a um ano, para destinos fora do lugar de residência e de trabalho, as atividades empreendidas durante a estada e as facilidades criadas para satisfazer as necessidades dos turistas". (p. 38)

Em 1994, a partir das definições anteriores, a OMT adota a seguinte redação:

o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras. (OMT, 2001, p. 38)

Na visão da própria OMT, esta definição é ampla e flexível e apresenta as características mais importantes do turismo, tais como: a introdução dos possíveis elementos motivadores de viagem (lazer, negócios ou outros); a nota temporária do período por um ano; a delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período de estada; a localização da atividade turística como aquela realizada "fora do seu entorno habitual". Para a OMT, "o entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles lugares que visita freqüentemente". (p. 38)

Nesta definição, são destacados os seguintes elementos: existe um movimento físico dos turistas que, por definição, são os que se deslocam fora de seu lugar de residência; a estada no destino deve ser durante um determinado período não permanente; o turismo compreende tanto a viagem até o destino como as atividades realizadas durante a estada; qualquer que seja o motivo da viagem, o turismo inclui os serviços e produtos criados para satisfazer as necessidades dos turistas. (p. 39)

Essas definições de turismo e de turista são aquelas estabelecidas pela agência especializada das Nações Unidas, que é igualmente a organização internacional líder no campo do turismo, a OMT.

### **O singular, o particular e o universal nas viagens e no turismo**

Considerando a complexidade das reflexões que incitam as palavras viagem e turismo e as imagens contidas nas suas representações, foi desenvolvido um estudo para uma melhor compreensão das implicações nelas contidas, no âmbito da Filosofia, especificamente no que concerne aos aspectos singulares, particulares e universais contidos nessas atividades humanas.

Esse estudo foi efetuado em três momentos: um estudo exploratório inicialmente sobre os significados destas palavras no dicionário *Le Petit Robert* da língua francesa<sup>84</sup>; as reflexões, em seguida, de Jacques Ardoino durante os encontros de discussão sobre o objeto de pesquisa desse estudo; a leitura, em

---

<sup>84</sup> Dicionário Le Nouveau Petit Robert de la langue française 2007 [CD-ROM], France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

terceiro lugar, de artigos e livros sobre a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel; e a leitura, por fim, de extratos da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

Segundo Le Petit Robert, a palavra *singular* teve sua origem em 1295 do latim *singularis*. Ela exprime o sentido das palavras: sozinho; individual; particular; distinto. Refere-se a um só indivíduo opondo-se a *geral*. A palavra singular pode igualmente representar alguém “que se distingue dos outros, por meio de caracteres, traços individuais que se fazem remarcar”. Esse alguém pode ser diferente dos outros, extraordinário, isolado, particular, especial, único.

A palavra *particular* teve sua origem em 1265 do latim *particularis*, de *pars* “parte”. Esta palavra exprime o sentido das palavras: pessoal; próprio; individual; privado; apartado; característico; distintivo; especial; específico; singular; extraordinário; remarcável; preciso.

Por outro lado, a palavra *universal* data de 1265 e é uma variante de *universalis*, do latim *universalis* que é “relativo ao todo”, ao universo. Na Lógica, é o “que concerne à totalidade dos indivíduos de uma classe (proposição universal), que é tomada em toda a sua extensão (sujeito universal)”. Por exemplo, uma proposição universal é aquela que se aplica a cada um dos indivíduos que compõem a totalidade do sujeito. O universal é o que é “comum a todos os homens ou a um grupo dado, que pode se aplicar a todos”. Por exemplo, “a ciência é universal”.

Ardoino (2006) observa que alguns Filósofos e, sobretudo, o Filósofo alemão Hegel, pensam o mundo filosófico e as relações com o mundo segundo um modelo dialético universal, particular e singular.<sup>85</sup> Esse pensador da educação desenvolve a sua reflexão convidando-nos a pensar que considerando como tempos, momentos da dialética, pode-se olhar o mundo, os conceitos ou as palavras, ou as noções sob o ângulo Universal ou pode-se olhá-los sob o ângulo Singular. “E a particularidade que há entre o universal e o singular, é um segundo momento, que é uma primeira negação do universal”.

Dentre os autores que estudaram a obra de Hegel, dois textos que fazem referência ao singular e ao universal foram estudados: *Leçons sur la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*<sup>86</sup>, de Jean-François Marquet; e *Esprit et*

---

<sup>85</sup> ARDOINO Jacques, *Jacques Ardoino: entrevista* [25.05.2006], doutorando: Biagio M. Avena, Paris: Universidade de Paris VIII, 2006, gravação digital (96:51 min), reflexões sobre o projeto de tese.

<sup>86</sup> Lições sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel. (NT).

*langage chez Hegel: une relecture de la "certitude sensible"*<sup>87</sup>, de Mathieu Robitaille. Além desses textos, com o objetivo de ter uma percepção geral sobre a obra de Hegel, foram trabalhados igualmente três textos do livro *Lectures de Hegel*<sup>88</sup> editado por Olivier Tinland: *Préface – Ouvrir le Système*<sup>89</sup>, de Olivier Tinland; *Hegel en France*<sup>90</sup>, de Bernard Bourgeois; e « *Phénoménologie de l'esprit* »<sup>91</sup> e « *Sciences de la logique - Perspectives nouvelles* »<sup>92</sup>, de Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière. O estudo desses textos permitiu uma compreensão mais clara desta reflexão.

A partir desse cenário estabelecido, com o sentido das palavras Singular, Particular e Universal, e os autores que as estudaram e analisaram, um fio de reflexão surgiu para colaborar na elaboração de uma reflexão sobre o Singular, o Particular e o Universal nas viagens e no turismo.

É necessário considerar que existe ao longo de todo esse estudo sobre a viagem e suas experiências uma dialética entre o singular, o particular e o universal, entre o Eu singular, o Eu particular e o Eu universal. Esta dialética, salienta Robitaille (2003, p. 115-135), foi tornada possível pela linguagem.

A partir dos olhares dos autores acima citados, foi estabelecida uma reflexão mais ampliada, talvez mais universal, que permitiu ao longo das próximas linhas aplicá-la a um objeto mais circunscrito – a viagem.

Inicialmente é necessário precisar que a viagem é uma mercadoria, mas que ela não é somente isso. Dessa forma, deve ser considerada a partir dos seus aspectos, universal, particular e singular. A partir das reflexões de Ardoino (2006), se inicia esse discernimento interrogando se a viagem é universal ou singular, por meio de um exemplo:

Quando se está em uma conferência e apresenta-se uma definição da viagem, pode-se, por exemplo, limitar-se a dizer que a viagem é o ato de efetuar um certo trajeto mediante um meio apropriado, que nos transporta, nos transplanta de uma cultura a uma outra. Esta definição é puramente uma linguagem universal. (ARDOINO, 2006)

Nesse exemplo encontram-se elencados aspectos pragmáticos da

<sup>87</sup> Espírito de linguagem em Hegel: uma releitura da "certeza sensível". (NT).

<sup>88</sup> Leituras de Hegel. (NT).

<sup>89</sup> Prefácio: abrir o sistema. (NT).

<sup>90</sup> Hegel na França. (NT).

<sup>91</sup> Fenomenologia do Espírito. (NT).

<sup>92</sup> Ciências da lógica – novas perspectivas. (NT).

viagem. Esse pesquisador e fundador da perspectiva da multirreferencialidade continua sua reflexão e apresenta mais um exemplo: “se, em seguida, apoiando-se sobre o exemplo de uma viagem específica, fala-se sobre as lembranças da viagem. Isto é da ordem do singular”. Nesta reflexão, estão presentes os aspectos particulares, específicos, reflexões, lembranças, imaginário, etc. Está presente aqui a noção de singularidade.

Assim, considera-se que a viagem específica, a viagem vendida, a viagem da qual se retorna com lembranças é sempre uma viagem singular. Por esse motivo é evidenciado que o interesse em trabalhar a noção de singularidade nas viagens. Portanto, Ardoino (2006) considera importante fazer uma nova pergunta indagando sobre “quem pode fazer esta singularidade”. Na sua perspectiva, a agência de viagens não pode fazê-lo, pois ela ganha dinheiro com as viagens. Acrescenta que talvez esta seja a sua maior preocupação. Desse modo, ressalta que se ela colocar um pouco mais de qualidade nos serviços, se conhecer um pouco mais ou um pouco menos os seus clientes, vai, assim, fazer um pouco mais de singularidade. Nesse sentido, quem pode fazer esta singularidade é somente o comprador, o viajante. Essa é uma forma de olhar o objeto – a viagem. A viagem como formadora, como vivência, como experiência, mas lembrando que ao mesmo tempo ela é uma mercadoria.

É importante evidenciar que cada viagem é singular, pois cada sujeito (viajante) tem uma história, desejos, particularidades, etc. Cada viagem pode trazer conhecimentos, e em um momento ou em outro, pode-se transformá-los em algo de mais universal, com uma intenção universal, ou com pretensões mais universais. Toda viagem é obrigatoriamente singular, pois é uma viagem de uma ou mais pessoas, singulares, particulares. É uma viagem que vai de um a outro lugar. Dessa forma, uma viagem é um vetor e não há viagem universal. Assim, a especificidade da viagem é ser singular.

Considerando o turismo, Ardoino (2006) observa que essa atividade “é unicamente moderna, pois não havia turismo há três séculos, ou cinco séculos. Havia viagens, mas não havia turismo. O turismo de um certo modo, sua definição, é uma certa industrialização da viagem, uma comercialização. Mas ao mesmo tempo, é uma viagem programada, calibrada, pois de outro modo ela não poderia ser vendida, quantificada”.

Assim, esse pensador se interroga sobre a diferença entre a viagem e o

turismo. Para esse educador, na viagem age-se com a fantasia e com as limitações, pois não se pode ficar dois anos ou seis meses. Por outro lado, o turismo é outra coisa.

É uma viagem como se fazia há três séculos com as condições modernas de hoje: o avião, o trem, etc. E é individual, é singular. Então o turismo, de um certo modo, universaliza um pouco a viagem, pois uma agência de viagens necessita funcionar, vender não um só exemplar da viagem, mas mil exemplares de viagens. Por razões de gestão, comerciais, há efetivamente uma universalização [...]. É mais uma generalização do que uma universalização. Isto por que o turismo, [...] é uma democratização, é uma generalização, é um condicionamento. [...] O turismo é sempre uma viagem condicionada. (ARDOINO, 2006)

Nessa perspectiva, acrescenta que são essas limitações que estão presentes na viagem turística, pois se não há rentabilidade, ela não funciona. Portanto, salienta que o que se procura poderia chamar-se de turismo inteligente, ou turismo de qualidade, em relação a outros turismos mais habituais. O turismo inteligente, o turismo de qualidade, seria o condicionamento que não sacrificaria muito o espírito da viagem.

infelizmente, o turismo é um *business*. Assim, não há um tempo enorme para reflexão. E quando há reflexão, é orientada para a gestão, para a concorrência. Se é possível produzir uma viagem turística com melhor preço, com um pouco mais de coisas, com coisas que os outros, os concorrentes, não pensaram. Está aí a utilização da reflexão. Mas o turismo não se interessa no sentido da viagem. Mas se surge esse interesse no sentido da viagem, é certamente somente um argumento publicitário. [...] É muito sumário, simples. (ARDOINO, 2006)

Por outro lado, Michel (2000, p. 44) observa que ao tempo em que o turismo é um *business*, o turista se torna igualmente um homem de negócios. Assim, questiona onde está o viajante sem objetivo, real ou imaginário, dos séculos passados. Na sua reflexão considera que por tanto querer se parecer com ele e na sua multiplicação, os seus imitadores o jogaram no seu túmulo. Desse modo, salienta que o viajante desapareceu sob o peso de uma demanda excessiva. No entanto, ressalta-se que mesmo considerando essa realidade, nos dias atuais, os mochileiros ainda sobrevivem e há guias turísticos elaborados para esse tipo de viajante (GLOAGUEN, 2006).

Foi apresentado até aqui, no desenrolar do início desse itinerário de

viagem, alguns significados no que se refere à etimologia da palavra viagem, as reflexões no que tange os aspectos sócio-antropológicos e filosóficos das viagens e se chega ao ponto do desenvolvimento de alguns elementos que se referem à cultura.

### **A cultura da viagem ou a viagem da cultura**

Assim, evidenciando a visão de Michel (2000, p. 71), sua reflexão sobre as viagens, é importante considerar que o espaço-tempo do trabalho se opõe ao espaço-tempo do turismo, pois esse autor ressalta que o primeiro é profano e realizado em um local ordinário, a residência habitual do sujeito, enquanto que o segundo é sagrado e necessita da busca de um lugar extraordinário. Portanto, o sujeito passa da sua cultura de origem para uma cultura turística, processo pelo qual tem acesso parcialmente à cultura do outro, à cultura original da sociedade que foi colocada na cena turística. Nesse contexto, esse antropólogo considera que se assiste a um choque entre três culturas diferentes: a do viajante, aquela da localidade/destino visitado e aquela da “turistificação” das duas culturas. Dessa forma, se ressalta a necessidade de se compreender o que vem a ser a cultura de uma forma ampla e a importância de se refletir nas formações sobre o seu papel nas viagens e no turismo.

Na construção da reflexão sobre o desenvolvimento do conceito de cultura, Laraia (2006, p. 7) considera que esse “é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana” de uma forma geral e saliente que essa diversidade é encontrada igualmente nas viagens e no turismo, visto que no desenvolvimento desta atividade humana “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo” chamado de “endoculturação”<sup>93</sup>. (p. 19)

---

<sup>93</sup> É o processo permanente de aprendizagem de uma cultura que se inicia com a assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte. Este processo é permanente, desde a infância até à idade adulta de um indivíduo. A medida que o indivíduo nasce, cresce, e se desenvolve, aprende envolvendo-se cada vez mais a agir da forma que lhe foi ensinado. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Endocultura%C3%A7%C3%A3o> >. Acesso em: nov. 2008.

Nesse sentido, esse antropólogo ressalta que “a grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações” e de evoluir cada vez mais em todos os campos do saber. Na análise do surgimento da palavra cultura (Kultur + Civilisation = Culture), salienta que

ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que 'tomado em seu amplo sentido etnográfico é esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade'. (LARAIA, 2006, p. 24)

Segundo esse pesquisador, “em 1871, Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”. Desse modo, na sua concepção, “o homem é o único ser possuidor de cultura”..

A partir destas reflexões, esse antropólogo conclui que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”. Por esse motivo, “ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. Salienta, assim, que é “a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural”, que “permite as inovações e as invenções”. (LARAIA, 2006, p. 45-52)

Portanto, na sua concepção “a comunicação é um processo cultural” e, “mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura”, mas explica que “não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”. Assim, “o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder”. (p. 52-53)

Lévi-Strauss (1976), em *O Pensamento Selvagem*, considera que “a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma”. A partir desta idéia, Laraia (2006, p. 56) considera que “o conhecimento científico atual está convencido de que o salto da natureza para a cultura foi contínuo e incrivelmente lento”. Assim, nesse contexto, “a cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado



do bipedismo e de um adequado volume cerebral”. (p. 56)

Na sua reflexão sobre a cultura como um conceito antropológico, esse pesquisador refere-se às teorias modernas sobre cultura de Keesing e Geertz. Na sua visão, Keesing considera a “cultura como um sistema adaptativo” por meio de três abordagens: cultura como sistema cognitivo; cultura como sistemas estruturais; e cultura como sistemas simbólicos. (p. 59-61)

Na visão de Geertz (1973, p. 17-18), os sistemas culturais devem ter um grau mínimo de coerência, além disso, considera que não deveriam ser chamados de sistemas, pois ressalta que por meio da observação, os sistemas culturais têm algo mais. Na sua perspectiva, a “análise cultural é (ou deveria ser) adivinhar significados, avaliar suposições, e delinear conclusões explicativas a partir das melhores suposições”. Acrescenta que esta análise não deveria ser a descoberta do Continente de Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea”. (p. 20)

Para esse pesquisador, “a cultura, a acumulação total de [...] padrões, não é somente um ornamento da existência humana, mas – a principal base da sua especificidade – uma condição essencial para tal” (p. 46). Nesse sentido, analisa que os seres humanos são “animais incompletos ou inacabados” que completam ou finalizam a si mesmos “por meio da cultura – e não por meio da cultura em geral, mas por meio de formas particulares dela” (p. 49). Assim, ressalta que entre o que o corpo fala e o que se deve saber para funcionar, há um vácuo que é preciso preencher por si próprios, e isto é feito com informação (ou desinformação) fornecida pela cultura. (p. 50)

Nesse contexto, o conceito de cultura que defende esse autor não tem nem referências múltiplas, nem qualquer ambigüidade incomum. O seu conceito de cultura

denota um padrão de significados corporificado por símbolos transmitidos historicamente, um sistema de concepções herdadas expressado em formas simbólicas por meio do qual os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e suas atitudes em relação à vida. (p. 89)

Laraia (2006, p. 63) torna saliente que “a interpretação de um texto cultural será sempre uma tarefa difícil e vagarosa”. Por esse motivo, considera que “o modo de ver o mundo, as apreciações de origem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma

herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Dessa forma, acrescenta que “a chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural” (p. 73). Por esse motivo, as questões referentes à presença de viajantes e turista em destinos não turísticos e turísticos é complexa e é necessária uma reflexão aprofundada.

Esse antropólogo ressalta que “o costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade”, o que freqüentemente é vivenciado na atividade turística. Nesse cenário, é preciso considerar que esses são aspectos a serem investigados e analisados. Esse professor acrescenta que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Esse fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização” é menor (p. 80).

Na visão desse antropólogo e professor “o importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade”. Acrescenta, ainda, que “todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros”, visto que “cada cultura ordenou a seu modo o mundo que a circunscreve e que esta ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais” (p. 82). Assim, “entender a lógica de um sistema cultural depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo” e

cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Esse é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente esse constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2006, p. 101)

Laraia (2006, p. 105) finaliza suas reflexões ressaltando que “grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foram criados por um processo autóctone, foram copiados de outros sistemas culturais”. Desse modo, salienta que “a esses empréstimos culturais a antropologia denomina difusão”. É nesta perspectiva que é destacado que a viagem é um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento – uma auto-co-hétero-eco-formação – como será abordado nos Apêndices D.

Nessa perspectiva, na reflexão sobre a cultura e o seu papel nas viagens e no turismo, Michel (2000, p. 97-98) evidencia que a viagem tem evoluído e se encontra em um processo de mutação constante, passando “da viagem para aprender à viagem para se cuidar, da viagem temporal elitista e individual à aventura material democrática e organizada”. Portanto, “a arte e a maneira de viajar” evoluem “ao sabor das condições sócio-econômicas que condicionam os avanços” das sociedades. Nesse processo, o ser humano se insere em um contexto de consumo exacerbado, no qual não cessa de produzir e que, assim, tem que escolher entre consumir a cultura ou os lazeres, dentre os quais figuram o turismo e a viagem.

### **As viagens: primeiros registros**

#### **A Mitologia e a História nas suas origens – Hermes e Ulisses**

A viagem e o viajante estão no centro deste estudo. Na antiguidade, Hermes, o Deus nômade e errante, e Ulisses, o homem grego das mil astúcias, perspicaz, bom conselheiro e bravo guerreiro, são as figuras míticas que abrem os caminhos aos grandes viajantes de todas as épocas, os que se deslocaram no espaço, Alexandre o Grande, Marco Pólo, dentre outros ou aqueles que produziram narrativas de viagem e enriqueceram a experiência de seus leitores. Da sabedoria popular que afirma que a viagem forma a juventude à Montaigne, para quem a viagem permite “esfregar e limar o seu cérebro contra o do outro”, até Franck Michel enunciando que “a viagem é a oportunidade tão esperada de se preparar para o inesperado, de dar-lhe um lugar de escolha se aventuras se encontrarem no nosso caminho” (MICHEL, 2000), continuamente se verifica o valor formador da viagem na descoberta do outro e na descoberta de si – o outro, outros espaços como

reveladores de si.

Desde a Antiguidade Clássica, a referência e a memória sobre as viagens é muito marcante e importante no conhecimento do Mundo. O que se verifica ao longo das pesquisas e leituras é a grande necessidade de se realizarem viagens tanto com o objetivo de se conhecerem novos espaços por mares e terras, quanto entrar em contato com outros hábitos e costumes dos povos encontrados (SCHURÉ, 2003; LACARRIÈRE, 1998; HARTOG, 1996, 1999).

Nas próximas linhas, o intuito não é realizar um estudo exaustivo da mitologia e da história no que se refere às viagens, mas sim ressaltar os aspectos considerados mais relevantes desses dois campos para uma reflexão inicial tanto dos professores e estudantes do campo das viagens e do turismo quanto dos sujeitos da viagem em si, os viajantes.

Nesse sentido, considerando que na base dos conhecimentos históricos encontram-se os conhecimentos da mitologia, são ressaltados inicialmente elementos gerais sobre os mitos, em seguida aqueles que se referem especificamente ao mito de Hermes e ao protagonista da Odisséia<sup>94</sup>, Ulisses (Odisseu em grego), para se chegar à própria constituição da História. Segundo Hartog (1999, p. 23) na Grécia “tudo começa com a epopéia” que marcou profundamente a cultura grega e da qual a História surgiu e se separou.

## Sobre os mitos

*"os mitos, efetivamente,  
narram não apenas a origem do Mundo,  
dos animais, das plantas e do homem,  
mas também de todos os acontecimentos primordiais  
em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje".*

(ELIADE, M. 1972, p.16)

Um primeiro questionamento que certamente surge quando se faz alusão a esta palavra, é o que exatamente ela significa. Na descrição de Houaiss (2007), a palavra mito tem sua origem etimológica do latim *mýthos* ou *mýthus*, significando

---

<sup>94</sup> Obra iniciadora da literatura grega e que expressa com força e beleza a grandiosidade da remota civilização grega.

'fábula, história' e do grego *mûthos*, 'fábula, relato, discurso, palavra'. Esta palavra representa um relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia. É, igualmente, uma narrativa acerca dos tempos heróicos, que geralmente guarda um fundo de verdade. Além disso, pode ser um relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social, etc. Pode, também, representar fatos e/ou personagens históricos, freqüentemente deformados, amplificados por meio do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas. Da mesma forma, pode ser uma exposição alegórica de uma idéia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria. Igualmente, pode ser uma construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática; idéia, estereótipo. E, por fim, pode ser uma representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro.

Segundo Lacarrière (1998, p. 11) uma definição geral dos mitos poderia ser, ou deveria ser “a fabulosa e misteriosa história do homem revelada e narrada por ele mesmo”.. Para esse helenista, os sábios diriam que um mito “é uma narrativa sagrada sobre o homem e sobre o mundo, recorrendo aos deuses ou às forças cósmicas”. Na perspectiva desse especialista da Grécia antiga, um mito fundante ou um mito da criação “contém sempre uma mensagem implícita ou explícita sobre nossa origem, mas também sobre nossos deveres enquanto criaturas concebidas e desejadas pelos deuses”. Isto em virtude da revelação ao homem, pelos mitos, de onde ele vem e para onde ele vai ou para onde poderia ir. Na sua concepção, nenhum mito “propõe ao homem um caminho totalmente traçado que ele deveria seguir às cegas, mas caminhos e escolhas cruciais para se completar como ser humano”. Um elemento importante ressaltado por esse autor é a multiplicidade existente de mitos sobre a criação e o fato de que eles são muito diferentes entre si, pois devem explicar civilizações muito avançadas e, sobretudo, muito diversas. Mas esse autor acrescenta que “mesmo com esta diferenciação inevitável, os mitos têm assim mesmo algo em comum, a saber, tudo aquilo que os homens compartilham no seu corpo, no seu coração, com seus medos ou seus desejos” (p. 13-14). Esse especialista ressalta que se encontra no ser humano uma constante necessidade de conhecer e de compreender. “Conhecer o que o circunda, o céu e os astros, a terra e suas riquezas, as mil faces de um universo que é para ele fonte de vida e,

sobretudo, compreender o porquê da sua existência nesse mundo, descobrir sua vocação ou seu destino” (p. 19). Na sua visão, “os mitos antigos que nós conhecemos nos foram transmitidos por textos, mas já existiam antes que fosse inventada a escrita”. Esse autor assinala que “os mais antigos [...] são o resultado de uma longa elaboração oral, ao longo da qual as diferentes gerações [...] se transmitiram as narrativas imaginadas sobre a criação do mundo e do homem”. (p. 21)

Nos autores que estudam a mitologia, as referências aos mitos de Hermes e de Ulisses são diversas e permitem uma reflexão sobre a importância dos mesmos na construção do pensamento atual sobre as viagens.

### **Hermes – protetor das estradas e dos viajantes**

Segundo Schuré (2003, p. 93-94), o nome Hermes origina-se do latim *hermes* e significa uma “divindade detentora de inúmeros segredos, considerada capaz de revelá-los”. Hermes é, igualmente, o deus que tutela a escrita. Nas origens históricas do surgimento de Hermes, é necessário igualmente observar a sua relação com o deus Thot.

Esse autor ressalta que “os gregos, discípulos dos egípcios, chamaram-no Hermes Trismegisto, ou três vezes grande, pois o consideravam como rei, como legislador e como sacerdote”. Por esse motivo, Hermes “tipifica, por assim dizer, uma época em que o sacerdócio, a magistratura e a realeza se encontravam reunidos em um só corpo governante” (p. 50).

Esse pesquisador ressalta que “Platão já associava o nome de Hermes a *hermeneys*, que significa intérprete e mensageiro”. Por esse motivo, “Hermes, identificado com Thot, é o patrono de todas as artes que dependem da escrita, inclusive medicina, astronomia, magia, etc., que constituem a gênese do que se chamou depois Ciência”. (p. 94)

Além disso, é importante ressaltar que Hermes é um deus “nascido de Zeus e de Maia, filha de Atlas, em uma caverna do Monte Cilene, na Arcádia”. Além disso, esse deus manifesta, “desde a sua primeira infância, duas qualidades dominantes, às quais se ligam todas as suas funções, bastante diversas: a manha e a mobilidade” (p. 103). Na visão desse autor, por ser um deus mediador, “Hermes é o mensageiro de Zeus, tanto junto aos deuses quanto junto aos mortais. É ele, por

exemplo, que intima Calipso a soltar Ulisses e que traz a esse último a planta mágica que o protegerá dos feitiços de Circe. Intérprete da vontade divina, desempenha assim o papel de auxiliar muitos heróis” (p. 104). Assim, “na terra, é o deus da eloquência, o **protetor dos viajantes** (grifo meu) e, conseqüentemente, dos mercadores; mas também dos ladrões. Nos Infernos, está encarregado de acompanhar as almas dos mortos (Hermes Psicopompo) (SCHURÉ, 2003, p. 105).

Na sua descendência, foi verificado que “dos seus amores com deusas e mortais nasceram diversos filhos: os mais conhecidos são Hermafrodito, Autólico – avô de Ulisses, o homem das mil artimanhas – e o deus Pã, nascido, como Hermes, de Afrodite” (p. 105). Dessa forma, conclui-se que Hermes é, então, bisavô de Ulisses.

É interessante observar que, na qualidade de deus das viagens, “Hermes deu o seu nome a um projeto de nave espacial européia”. Além disso, segundo esse autor, “a figura do deus Hermes era motivo de grande veneração entre os gregos, que o consideravam um benfeitor e defensor da Humanidade perante os deuses do Olimpo” (p. 105). Um outro fato interessante é a observação que o nome de Hermes “tem origem, provavelmente, em herma, palavra grega que designava os montes de pedra usados para indicar os caminhos” (p. 107). Por isso, certamente, a sua relação com as viagens e o seu papel de deus das viagens.

Na concepção de Schuré (2003, p. 107-108), entre as várias atribuições de Hermes, “incluíam-se as de mensageiro dos deuses; **protetor das estradas e viajantes** (grifo meu); condutor das almas ao Hades; deus da fortuna, da eloquência e do comércio; patrono dos ladrões e inventor da lira. Era também o deus dos sonhos, a quem os gregos ofereciam a última libação antes de dormir”. Esse autor observa que, “nas representações mais antigas, aparece como um homem adulto com barba, vestido com uma túnica longa, ou como um pastor, com um carneiro sobre os ombros”. Na evolução das representações deste deus do Olimpo, “foi posteriormente representado como um jovem atlético e imberbe, com capacete alado, asas nos pés e, nas mãos, o caduceu – bastão mágico com que distribui fortuna”, e “em Roma, foi assimilado ao deus Mercúrio”.

## **Ulisses – patrono dos viajantes**

Uma das primeiras referências feitas a Ulisses, o Odisseu, fala sobre esse herói que vence a morte descendo aos Infernos, uma das viagens mais complexas para todo ser (LACARRIÈRE, 1998, p. 106). Mas, além disso, esse pesquisador da mitologia explica que os “cantos de retorno”, como os das aventuras de Ulisses na *Odisséia*, estão presentes em diversos momentos na mitologia. Esses cantos eram assim chamados, pois representavam os “ciclos consagrados às errâncias de um herói em direção ao seu país natal” (p. 398). Quando esse autor expõe a epopéia humana, especificamente sobre as provas da alma, se até mesmo especialmente sobre a figura de *Ulisses e as sereias do esquecimento*. Na sua visão, “a *Odisséia* pertence mais à epopéia que à mitologia. Mas essa narrativa épica das errâncias de Ulisses incorpora uma quantidade de tradições míticas”. Segundo esse autor, “retornar para casa ao fim de uma longa errância impõe vencer antes de tudo os obstáculos infringidos pelos deuses, pelo mar, pelos ventos”. Acrescenta, ainda, que é necessário “vencer também as múltiplas tentações que se apresentam ao longo da rota ao viajante”. É dado como exemplo as seduções sofridas para desviar Ulisses do objetivo da sua viagem na sua rota para Ítaca. Ulisses escapa dessas seduções e tentações em virtude da sua astúcia e sagacidade e retorna à Ítaca. Mas ele não ficará aí muito tempo. “o eterno errante deverá deixar o mar, os países próximos do oceano e procurar, para lá morrer, um lugar onde os homens ignoram a palavra mágica: *thalassa* – o mar”. (p. 377-418)

## **Os viajantes e os homens-fronteira**

Na visão de Hervé Duchene (2007), professor de História Antiga na Universidade da Borgonha, o ensaio de François Hartog (1996) acompanha Ulisses na sua viagem e depois nos passos daqueles que o seguiram ou imitaram. O leitor percorre, assim, todo o Mediterrâneo. Ele vai de Tróia à Ítaca; ele deixa a Grécia pelas costas da Itália, depois de ter parado no Egito. Com passos forçados, ele transpõe os séculos. Tanto é verdade que as aventuras de Ulisses serviram ao longo do tempo para pensar em si mesmo e para representar o outro. Na visão desse professor, Ulisses é para Hartog um “homem-fronteira”, errante apesar de



tudo, indo da cultura à selvageria. Ele testemunha ao mesmo tempo a abertura e o fechamento da civilização grega.

Esta reflexão busca evidenciar a efetiva correlação a ser estabelecida entre a mitologia e o campo das viagens e do turismo na atualidade. O nome Ulisses é, hoje em dia, segundo Hartog (1996, p. 11), um “suporte para a indústria turística” e “é também mobilizado pelas agências espaciais. Como se pela reativação desses antigos nomes, se quisesse suscitar, sem acreditar verdadeiramente, uma mitologia moderna, ou simplesmente, entre a ciência e a ficção, reciclar a antiga”. É Desse modo que se inicia o livro *Memórias de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga* no qual esse autor faz um estudo antropológico e histórico “da Grécia antiga, ou de uma história cultural de longa duração, tomando por base e elegendo como guias algumas figuras de 'viajantes'“. Nesse sentido, “Ulisses é aquele que *viu*, e que sabe porque *viu*, indicando logo de início uma relação com o mundo que está no centro da civilização grega: o privilégio do olho como forma de conhecimento. Ver, ver para si mesmo e saber, 'é tudo uma só coisa“.

Assim, por meio das viagens pode-se, hoje em dia, utilizando-se tanto o sentido da visão quanto todos os outros (audição, tato, olfato, paladar, sensações, etc.), pensar na necessidade de refletir sobre uma estética do bem-estar e, igualmente, possibilitar o desenvolvimento do conhecimento individual e coletivo e a sua difusão nas diferentes culturas.

Esse pesquisador, na sua análise, escolhe alguns viajantes, e dentre eles Ulisses, com o objetivo de acompanhá-los durante um tempo, centrando suas observações e análises no seu movimento e olhar, na sua topologia e itinerância. Isto porque esse historiador considera que “os seus percursos no espaço do mundo se inscrevem assim como tantos itinerários, aos traços mais ou menos profundos e perenes, na sua própria cultura” (HARTOG, 1996, p. 12). Assim,

Ulisses, nas suas viagens, pelo movimento desse retorno contrariado e adiado sem cessar, traça os contornos de uma identidade grega. Ele a delimita. Marca as fronteiras (entre o humano e o divino, por exemplo), ou melhor, ele, o Resistente, faz a prova ou a tentativa, correndo o risco de se perder totalmente. Móvel, jogado pelas ondas, tendo que sempre repartir, é ele-mesmo um homem-fronteira e um homem-memória. Avança ao mais longínquo, até o ponto além do qual não haveria mais retorno possível [...]. Apesar de tudo ele não esqueceu o dia do retorno [...].” (p. 12-13)

Esse historiador considera a *Odisséia* uma narrativa de viagem fundante e um itinerário inaugural. Em sua opinião, “as viagens posteriores ao nome Ulisses, suas evocações, retomadas metafóricas, usos diversos, jogam um clarão, em longo prazo, sobre as mudanças e as reformulações desta interrogação na cultura grega e mesmo além dela”. Assim, esse autor, problematizando a viagem, procura por meio da sua análise sobre os viajantes, estudar “a viagem como operador discursivo e esquema narrativo: a viagem como olhar e como resolução de um problema ou resposta a uma questão”. (HARTOG, 1996, p. 13)

### **A viagem e o retorno de Ulisses**

Na visão de Hartog (1996, p.23), “na Grécia, tudo começa com a epopéia, tudo se inaugura com ela e perdurará por séculos sob o signo de Homero”. Para esse historiador, a *Odisséia* “é uma narrativa de viagem, inteiramente voltada ao retorno, ansioso por se completar”.

A partir desta reflexão, é considerada nesse estudo, cada viagem concebida por cada indivíduo (viajante ou profissional da viagem e do turismo), como uma epopéia, individual ou coletiva, que deveria ser cuidada em todas as suas etapas de concepção, realização e conclusão, fechando-se o ciclo, o processo de viagem / acolhimento. Especificamente, procuro estudar e analisar as questões que se referem ao aprendizado, à formação e à educação pelas viagens.

Nesse contexto, é importante salientar que esse historiador considera que “do ponto de vista da visão grega do outro, não é sem dúvida indiferente que esse primeiro percurso do mundo, viagem canônica e fundante, não seja uma viagem sem volta, mas nada além do que uma viagem de retorno”, visto que “o que deveria ter sido uma simples travessia (de retorno) muda para um périplo que leva dez anos para ir a termo” (p. 24). É exatamente por isso que esta viagem representa uma grande transformação, sobretudo para Ulisses, que retorna trazendo na sua memória diversos aprendizados e experiências vivenciadas durante o longo itinerário de retorno. Segundo esse historiador, antes da *Odisséia*, Ulisses era somente um chefe aqueu<sup>95</sup>, “particularmente hábil em falar e enganar, mas é o Retorno que faz

---

<sup>95</sup> Os aqueus são um dos primeiros povos indo-europeus a terem invadido a Grécia, expulsando os primeiros habitantes, os *Pélasges* graças a sua supremacia militar (uso da espada no lugar do

dele um herói de Resistência, o *Polutropos*, conferindo-lhe um lugar excepcional, análogo aquele que a *Ilíada* atribuiu a Aquiles: pelos séculos dos séculos”. Além disso, esse pesquisador interroga se de uma maneira geral poder-se-ia separar a viagem do retorno, se a viagem seria ainda uma viagem sem o retorno, se seria uma última viagem a busca do absoluto e a perda de si mesmo, um desaparecimento sem deixar traços. Esse historiador considera que “mesmo esta 'viagem' deixa uma narrativa, um canto, lágrimas, o vazio de uma falta” (HARTOG, 1996, p. 24). Ressalta, igualmente, que a viagem normalmente pressupõe um retorno visto que “a narrativa a ser feita (no retorno) é uma das leis de sua 'organização' ”. Além disso, observa esse autor que “ninguém viaja pelo simples prazer de ver. Ultrapassando o instante, a viagem se estende em direção a um futuro que permite ao viajante se ver vendo, memorizar o que há para se ver e saborear o prazer de ver”. (p. 25)

Na sua perspectiva, observa que Ulisses, mesmo tendo perdido o retorno, resultado de um erro no olhar dos deuses, viu outros lugares antes do efetivo retorno à Ítaca. É justamente nesse “espaço aberto pelo atraso [...] que vai se inserir a experiência do outro e que vão se desdobrar, no movimento de uma narrativa, as grandes divisões da antropologia grega”. Além disso, esse autor considera que “o outro é sempre uma ameaça e o outro extremo representa um extremo perigoso”. Por esse motivo, “para manter ou recobrar sua identidade, reencontrar seu nome próprio, Ulisses o Resistente deve também ser Vigilante. O retorno de si para si produz-se a despeito do outro” (p. 25). Ao longo da viagem de Ulisses, muitas experiências e aprendizados acontecem. Nos espaços considerados não humanos, esse herói vai experienciar a “alteridade radical” questionando as “fronteiras e a mistura das categorias que separam os homens, os animais e os deuses”. (p. 33)

No momento de desembarcar em uma nova praia, Ulisses se pergunta se está chegando à casa de pessoas 'violentas e de selvagens sem justiça / ou de homens hospitaleiros que temem os deuses'. A resposta, a cada vez, é a mesma: no mundo não humano, a hospitalidade, geralmente, não acontece. Não se acolhe bem o estrangeiro. (p. 33)

Dessa forma, esse historiador considera que como uma antropologia poética, “a *Odisséia* esta nos fundamentos da visão que os Gregos tiveram deles mesmos e dos outros”. Esse historiador acrescenta que essa epopéia forneceu “um

cenário, um paradigma de longa duração, certamente retomado, retrabalhado, completado, revisitado e criticado, para ver e falar sobre o mundo, para percorrê-lo e representá-lo, para 'habitá-lo' e fazer dele um mundo 'humano', isto é, um mundo grego” (p. 34). Assim, Ulisses não é um poeta que canta as epopéias fazendo-se acompanhar por um instrumento musical, “ele suportou no seu corpo e viu com seus próprios olhos tudo o que ele conta. Ele fala na primeira pessoa, assumindo-se como o único responsável pelos seus dizeres”. (p. 37)

Segundo Hartog (1996, p. 43), “uma vez de retorno, retornando a ser Ulisses de Ítaca, será necessário partir novamente, mais uma vez viajar, segundo a extraordinária e misteriosa previsão de Tirésias”. Ulisses diz: “o advinho ordenou-me ir à casa dos mortais de cidade em cidade”. Assim, esta ordem não foi para “que ele veja novamente as cidades dos homens, mas, ao contrário, para que ele se torne e até que ele se torne um objeto de curiosidade”. Na sua análise, esse historiador salienta que os filósofos neoplatônicos se detiveram na predição de que a morte de Ulisses viria do mar “para finalizar a transmutação das viagens de Ulisses em viagem mística”. Isto porque esse autor considera que “a figura de Ulisses traduz o exílio da alma no mundo sensível” (p. 44)

O que vai daqui por diante tornar Ulisses emblemático não é sua experiência do mundo, mas a sua capacidade de escapar dele: não a viagem, mas a travessia e os seus perigos até o resgate final. Esta última exegese de Ulisses foi preparada pelas diferentes escolas filosóficas que leram nele a encarnação de seu ideal humanista: um Ulisses cínico, mendigo no seu próprio palácio, estóico pela sua capacidade de resistência, menosprezando o prazer e se expondo à hostilidade da Fortuna; um Ulisses sabendo resistir aos chamados tentadores das Sereias, alegoria alternadamente do prazer, da poesia ou do conhecimento. Nestas retomadas sucessivas do personagem, a viagem no vasto mundo se transforma igualmente: é a metáfora de uma outra 'viagem', de uma maneira mais bela, reservada ao filósofo, viajante imóvel e viagem totalmente interna. (p. 44)

Na visão desse pesquisador “a viagem terrestre, pedestre na alteridade do mundo não é mais do que uma pálida aproximação ou, mais grave, um obstáculo, um divertimento que desvia o filósofo de olhar para o Alto e de se dedicar à vida contemplativa” (p. 44). Desse modo, salienta que Ulisses, “que viu e visitou as cidades de tantos homens, sem que o desejo de ver ou de saber o impulsiona para frente, tornou-se rapidamente um *expert* do vasto mundo, **patrono dos viajantes** (grifo meu), dos etnógrafos e dos historiadores, até mesmo o ideal do homem

político ou do soberano”. (p. 45)

O prólogo das *Histórias* de Heródoto faz diretamente eco à abertura da *Odisséia*. O historiador pretende ser, ele também, um viajante, apoiando-se na experiência de Ulisses. Como ele, pretende percorrer as cidades dos homens, grandes e pequenas, e conhecê-las. Mas, melhor do que ele, sabe que 'aquelas que eram grandes em outras épocas, a maioria tornou-se pequena; e que aquelas que eram grandes ao seu tempo eram pequenas no passado', sabe que o tempo é inconstante. Da mesma forma, ele deve fazer igualmente menção a umas e outras, indo do que se vê ao que não se vê e atento às marcas. O historiador, segundo Heródoto, concebe-se efetivamente, como o Ulisses evocado pelo poeta Mandelstam, como aquele que retorna 'cheio de espaço e de tempos'. Para relatar. (HARTOG, 1996, p. 45-46)

Esse historiador considera que Homero aproveitou-se da sabedoria de Ulisses para nos instruir. Segundo esse autor, “o retorno retardado é o resultado de erros de navegação que o herói, tal como um moderno explorador, sabe aproveitar para preencher os vazios dos mapas e encher os cadernos de anotações”. Além disso, esse autor ressalta que para Ulisses a viagem não é uma questão de “vã curiosidade”, visto que ele não tem por intenção um “conhecimento estéril”. (p. 46)

A partir dos textos da *Odisséia*, Homero se digire às Musas e canta Ulisses em suas múltiplas errâncias pelo mundo. No seu comentário sobre a tradução, esse pesquisador ressalta que Ulisses “é aquele que sempre se lembra: ele não esquece nem o dia do retorno, nem que ele é um homem que a morte aguarda no fim da estrada”. (p. 38). Nessa perspectiva, Ulisses é um “homem-memória”, pois “durante dez anos sofreu no mar” conheceu cidades e conheceu o seu espírito. Considera, ainda, que a *Odisséia*, mesmo não o apresentando como um viajante, fará de Ulisses e das suas experiências do mundo “uma figura inspiradora da historiografia de Heródoto<sup>96</sup> à Políbio<sup>97</sup> e além deles” (p. 38). Nesse processo de busca, esse autor ressalta que “investigar, é em princípio ir ver por si mesmo” (p. 43), o que foi realizado por Ulisses todo o tempo.

Nesse contexto, ressalta que se Heródoto é considerado nas formulações ciceronianas o 'pai da história', o prefácio de suas *Histórias* representa a sua

<sup>96</sup> Historiador grego, continuador de Hecateu de Mileto, nascido no século V a.C. em Halicamasso (hoje Bodrum, na Turquia). Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Her%C3%B3doto> >. Acesso em: nov. 2008.

<sup>97</sup> Geógrafo e historiador grego, famoso pela sua obra *Histórias*, cobrindo a história do mundo Mediterrâneo no período de 220 a.C. a 146 a.C. É-lhe também atribuída a invenção de um sistema criptográfico de transliteração de letras em números. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADbio> >. Acesso em: nov. 2008.

certidão de nascimento. Dessa forma, na sua visão, “após o prólogo das *Histórias* de Heródoto, o historiador se considera um 'companheiro' de Ulisses”, visto que “como ele, percorre as cidades dos homens, grandes e pequenas, para 'conhecê-las', como ele, se submete aos males e sofrimentos para ter a experiência do mundo (mas ao contrário de Ulisses, ele a escolheu)” (p. 142). Assim, ressalta que, Diodoro da Sicília<sup>98</sup> inicia sua narrativa invocando as longas viagens de Ulisses, mas com um outro ponto de vista: “não se trata mais da experiência do historiador, nem daquela do homem político, mas daquela que pode ter o leitor: o ensino da história tem isto de bom que dispensa ter por si mesmo a experiência dos sofrimentos”. (p. 143)

### **Algumas considerações**

Por meio do estudo de alguns aspectos da Filosofia, da Cultura, da Mitologia e da História, se prosseguiu o delineamento desse itinerário que tem como um dos seus objetivos identificar e estudar as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens.

O estudo da etimologia da palavra viagem; a reflexão sobre a viagem e o viajante; a análise da viagem e do turismo salientando as suas características singulares, particulares e universais; o enfoque sobre a viagem considerada como um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento; e o estudo da Mitologia e da História, mediante os mitos de Hermes e de Ulisses, são alguns dos elementos que constituem o itinerário escolhido para esta viagem pelas viagens. Portanto, esses compõem o pano de fundo dos cenários que serão vislumbrados nos textos seguintes que abordarão aspectos da História, da Literatura, das “investigações de si”, das Viagens e do Turismo.

---

<sup>98</sup> Historiador grego nascido na Sicília, viveu no século I a.C. Escreveu uma *Biblioteca histórica* em quarenta volumes. Desta imensa obra, no entanto, chegaram até nós alguns livros e vários fragmentos. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Diodoro\\_da\\_sic%C3%ADlia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Diodoro_da_sic%C3%ADlia) >. Acesso em: nov. 2008.

## APÊNDICE C 2

### Conhecimento do Mundo Difusão do Conhecimento sobre o Mundo História e Literatura

*Viajar deve trazer  
o que não se encontra nos livros,  
pois “o mundo é um mundo mais verdadeiro”.*

*(AUTOR ANÔNIMO, 1688, apud ROCHE, 2003a, p. 66)*

Desde os tempos mais remotos, os registros de que se têm notícia documentam a relevância e a importância das viagens para as novas descobertas e a consequente difusão dos novos conhecimentos sobre o Mundo, no Mundo. Nesse sentido, é necessário compreender essa trajetória das viagens verificando o seu papel instrutivo/educativo na constituição das civilizações ao longo da evolução dos povos, tanto na literatura de divulgação científica quanto naquela de ficção.

Assim, este texto ressalta, sobretudo, os registros históricos a partir dos relatos de Heródoto e, igualmente, as narrativas literárias que procuram ilustrar as motivações e transformações que ocorrem nos sujeitos por meio das viagens.

#### **Em busca do conhecimento do mundo por meio das viagens**

Lacarrière (2003), especialista da Grécia e do mundo mediterrâneo, ressalta que “viajar tornou-se em nossos dias uma atividade tão usual que ela não pode mais aparecer como sinônimo de risco ou de aventura” (p. 11) como ocorria em épocas anteriores. Esse Helenista, poeta e tradutor, é um conhecedor profundo dos textos antigos e se coloca ao lado de Heródoto, um viajante incansável e primeiro relator da História, para nos proporcionar o conhecimento do Mundo daquele período. Segundo esse tradutor a palavra viagem “tinha um sentido bem diferente há trinta e cinco séculos quando Heródoto empreendeu seus longos périplos ao

Egito, à Babilônia, à Cítia<sup>99</sup> e aos desertos da Líbia” (LACARRIÈRE, 2003, p. 11). Naquela época, a viagem era um empreendimento físico difícil e penoso. É por isso que esse autor considera que a decisão de Heródoto de percorrer a totalidade do mundo conhecido a sua época era não só ambiciosa, mas sobretudo inovadora. Isto porque ele queria investigar “todos os povos e todos os países que ele encontra para relatar aos Gregos, seus compatriotas, uma narrativa detalhada e sobretudo **instrutiva** (grifo meu) do que ele viu. É a razão pela qual nomeou de *Investigações* o conjunto das narrativas que se referem as suas viagens” (p. 11-12). Considero que esse é, ou ao menos deveria ser, um dos objetivos dos indivíduos (viajantes e profissionais das viagens) no século XXI.

Na visão desse Helenista, poder-se-ia definir esquematicamente o sentido destas *Investigações* como “descobrir para melhor conhecer e conhecer para melhor compreender” (p. 12). A partir dessa reflexão, questiono se atualmente, em 2008, os viajantes e os profissionais que interagem com eles estão efetivamente preparados / formados para colaborar nesse processo de descoberta, conhecimento e compreensão.

Antes de traduzir os périplos de Heródoto, esse poeta considera importante definir alguns termos, realidades e noções que têm hoje em dia um sentido diferenciado, tais como: terra, continente, oceano, a descrição da Ásia, da Europa, da Líbia ou da Cítia. Desse modo, esse tradutor ressalta que naquela época se aventurava “nos mares somente por razões muito imperiosas e, freqüentemente, constrangido ou forçado” (p. 12-21). Ressalta com propriedade que as *Investigações* de Heródoto, que aqui prefiro chamar de **viagens de conhecimento**, se distinguem sobremaneira das atitudes dos conquistadores espanhóis quando esses se perguntavam se os Índios eram ou não “criaturas racionais” (p. 17). Considerando que a geografia humana é o grande interesse de Heródoto, que foi o primeiro a trazer informações preciosas sobre os costumes e a vida local dos sujeitos, esse pesquisador da Grécia considera que muitos séculos antes, Heródoto “era menos racista que um conquistador espanhol e menos limitado do que um jesuíta da Renascença” (p. 16-17). Nesse sentido, questiono se hoje, no

---

<sup>99</sup> A Cítia foi uma região na Eurásia habitada na antiguidade por um grupo de povos iranianos falantes de línguas iranianas conhecidos como citas. A localização e extensão da Cítia varia com o tempo, da região dos Montes Altai onde as fronteiras da Mongólia, China, Rússia e Cazaquistão se encontram à região do baixo Danúbio na Bulgária. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtia>>. Acesso em 18 set. 2007.



início do século XXI, existe essa percepção e cuidado que Heródoto já demonstrava ter na antiguidade.

As *Investigações* de Heródoto são muitas e esse autor se atém à tradução de algumas delas. A primeira é sobre a *Lídia*<sup>100</sup>, a *Pérsia* e a *Babilônia*. A segunda é sobre o *Egito*. A terceira é sobre a *Etiópia*, a *Índia* e a *Arábia*. A quarta e última é sobre a *Cítia* e a *Líbia*. Esse helenista considera essas *Investigações* como uma imensa introdução à história das guerras Médias ou Greco-Pérsicas (Medos<sup>101</sup>) e um panorama dos povos daquela época. Considero, igualmente, que esse conhecimento seria do interessante daqueles que atuam ou vão atuar no campo de estudos das viagens e do turismo, docentes e profissionais das viagens e do turismo, com o objetivo inicial de ter uma visão global, abrangente, das experiências e aprendizagens efetuadas ao longo da formação das civilizações e, igualmente, de elaborar uma reflexão sobre as contribuições das viagens às (trans)formações dos sujeitos.

É ressaltado, sobretudo, a parte sobre *As Mais Antigas Viagens do Mundo*, composto por *Investigações* consideradas como a obra histórica propriamente dita de Heródoto. São textos muito interessantes e importantes, pois são os traços históricos mais antigos registrados de que se têm conhecimento sobre as viagens. Esses textos são: *O Périplo de Hannon*; *As Narrativas Indianas* de Hannon; *As Narrativas Indianas* de Arrien; e *O Périplo de Néarque no mar da Eritrêia*.

Segundo esse historiador, Heródoto realizou suas *Investigações* objetivando que “as obras dos homens e seus fatos mais memoráveis não fiquem nas sombras do esquecimento e com o intuito de descobrir por quais razões os Gregos e Bárbaros fizeram a guerra” (LACARRIÈRE, 2003, p. 27). Assim, percorrendo os temas estudados por esse historiador verifica-se que “essas investigações cobrem quase a totalidade das atividades humanas e que Heródoto realizou, finalmente, suas pesquisas com mais método e seriedade que se supunha”

---

<sup>100</sup> Antigo país da Ásia Menor, situado no mar Egeu e cuja capital era Sardes. Era conhecido por Homero sob o nome de Méonie. É evocado nas lendas de Heráclito e Omphale, ou de Tantale e Pélops (ancestrais dos Atrides) (tradução nossa) (Wikipedia – francês); Lídia – região da Anatólia do sudoeste da Ásia que corresponde hoje à porção asiática da Turquia, em oposição à porção européia, a Trácia. (Wikipedia - português)

<sup>101</sup> Povo do antigo Iran, vizinho dos Persas, com os quais eles foram freqüentemente confundidos. Eles ocupavam um território que recobre o noroeste do atual Iran, ao sul do mar Cáspio, atual Azerbaidjan, em torno da sua capital Hangmatana/Ecbatane. Formavam um império que durou até 550 a.C. E que rivalizava com o reino da Lídia e da Babilônia. (Wikipedia – francês) (NT)

(p. 257). Ressalta, igualmente, que se encontram nos escritos de Heródoto

descrições de penteados, roupas, tipos físicos, armas, técnicas metalúrgicas, organizações sociais, festas profanas e religiosas, de ritos matrimoniais e funerários, de processos de divinização, de tatuagens, de técnicas de tecelagem, de jogos, de modos de alimentação, de técnicas agrícolas, pastoris e florestais. Encontram-se nesta obra descrições de cidades, monumentos, santuários, estátuas, formas de construção, reflexões pessoais e muito numerosas sobre a lingüística (mais de dezoito línguas citadas), a medicina, a mineralogia, os fenômenos geológicos e [...] a etnologia e a religião. (LACARRIERE, 2003, p. 257)

Na visão desse autor, esta enumeração dá uma idéia das qualidades de observador e de etnógrafo de Heródoto. Esse elenco de elementos faz refletir sobre a necessidade oportuna do cidadão comum que se forma e se educa para a vida e, especialmente, do profissional das viagens e do turismo em construir e desenvolver conhecimentos com o objetivo de melhor atuar pessoal e profissionalmente nesse campo, eminentemente multirreferencial, no qual a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade necessitam estar presentes, além de competências transpessoais, na construção de um comportamento sustentável. Além disso, considerando que as viagens têm um custo, é necessário igualmente refletir sobre de que forma é possível fomentar e viabilizar a sua realização na formação e educação dos sujeitos.

No que se refere aos textos *As Mais Antigas Viagens do Mundo*, é ressaltado que *O Périplo de Hannon* é a mais antiga narrativa de exploração, foi escrita em língua fenícia e depositada no templo de Saturno em Cartagena junto com as peles de gorilas chamadas na época de “*pelles de Gorgone*” que Hannon trouxe de seu périplo. Dessa forma, “todos os viajantes de passagem poderiam vê-las e consultar os relatos”. Heródoto pesquisou os textos escritos por Hannon, um explorador enviado pelos cartagineses para explorar as costas da Líbia e Arrien, historiador grego do século II d.C., que os colocou como apêndices da grande narrativa que fez sobre as campanhas de Alexandre o Grande, uma compilação de textos escritos anteriormente por outros autores. No texto *Narrativas Indianas*, Arrien efetua uma descrição das cidades e das castas da Índia, dos animais, da caça ao elefante, dos tigres e serpentes, dos hábitos e costumes Indianos, do mar da Eritréia – Nordeste da África. (p. 258)

Ao longo dessas *Investigações*, fica evidente o cuidado que Heródoto

dedica à descrição dos diferentes componentes das regiões e civilizações visitadas, tendo em perspectiva o caráter instrutivo das mesmas. As vastas expedições pelos mares e os itinerários feitos por mares e terras são um bom exemplo.

Essas *Investigações* são, após os périplos de Hermes e Ulisses, a base histórica das primeiras viagens. Essas tinham, além do caráter de “descoberta” do desconhecido, o objetivo de servir como fonte de informações para colaborarem na instrução de seus “compatriotas gregos”. Essas eram algumas das suas utilidades. Hoje, pode-se considerar que o conhecimento destas *Investigações*, pelos viajantes e pelos profissionais de todos os campos de formação e níveis, é necessário para um início de reflexão sobre as contribuições das viagens às (trans)formações de si.

Com esse objetivo em foco, antes de realizar a transição de alguns séculos e chegar ao período do Iluminismo, é feita aqui a inserção das experiências de viagens de Marco Polo, pois essas fazem, igualmente, ressaltar a relevância das viagens. Esse viajante e comerciante veneziano do século XIII, cidadão da República sereníssima que esteve na ponta do mercantilismo e nas fontes do capitalismo, é o resultado do seu tempo.

Na descrição dessas experiências, feitas durante o período que ficou aprisionado pelos genoveses, no seu retorno à Veneza após uma ausência de quase um quarto de século, observa-se a riqueza dos detalhes dos locais por onde passou, tudo o que viu e viveu, descrevendo a cultura e os costumes das localidades visitadas, como uma testemunha ocular das coisas observadas. O livro de Marco Polo representa o caso extremamente raro de um texto que ao mesmo tempo em que envelhece, se valoriza com o tempo. (POLO, 2004a, 2004b)

Além dessas experiências de Marco Polo, se ressalta igualmente a importância do estudo das viagens que marcaram os séculos da expansão marítima: séculos XV e XVI, em que se inscrevem as grandes viagens. Fica aqui a sugestão para uma outra pesquisa.

### **As viagens – da circulação de seres humanos e da sua relevância**

Além dos estudos sobre as *Investigações* de Homero no período da Antiguidade Clássica realizados por Lacarrière (2003), outros pesquisadores se interessam pelas Viagens. Evidencia-se que a questão de base presente na grande

maioria dos estudos e suas análises é a mesma. A indagação sobre para que servem efetivamente as viagens e sobre a relevância das viagens.

Em muitos deles está presente a reflexão e análise sobre a relevância das viagens na formação dos sujeitos que circulam pelo Mundo. Daniel Roche (2003b), professor de História Moderna no *Collège de France*<sup>102</sup>, com foco nessas questões, desenvolveu e aprofundou pesquisas ao longo de sua vida pessoal e acadêmica que resultaram na publicação da imensa obra *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*<sup>103</sup>, dedicada à mobilidade dos sujeitos na Europa dos séculos XVII e XVIII, mas fazendo igualmente alusão a períodos anteriores e posteriores, inclusive tecendo reflexões atuais sobre as viagens e o turismo.

De uma forma geral, as obras desse historiador são sínteses magistrais de conhecimentos e, especialmente, em *Humeurs vagabondes*, esse historiador da cultura das aparências, tece ao longo do tempo e do espaço uma Europa da mobilidade na qual aparecem as figuras emblemáticas do estrangeiro, do viajante e do aventureiro. O seu interesse pela mobilidade nos séculos do Iluminismo surge com o intuito de elaborar uma história da mobilidade em séculos percebidos no início do século XXI, na sua visão, como aqueles da imobilidade, visto que hoje em dia pode-se deslocar para todo lugar, quando se quer e muito rapidamente. Mas esse pesquisador ressalta que essa visão é a ocidental, pois dois terços dos viajantes atuais são originários de países desenvolvidos, com a Europa e os EUA na liderança, que têm os meios para pagar essa mobilidade que é aparentemente de todos. Nesse estudo, a questão central que norteia esse historiador é como entre a sociedade tradicional e o mundo moderno adquirem-se formas de mobilidade sem fronteiras e sem obstáculos.

Durante a entrevista à Alexandra Monot (2003), esse autor explica que a mobilidade antiga está em parte ligada à invenção da figura do caixeiro-viajante na

---

<sup>102</sup> Instituição singular na França, sem equivalente no estrangeiro, o Collège de France ocupa uma situação à parte na pesquisa fundamental e no ensino superior francês. Não faz concorrência a nenhum outro estabelecimento. Não é nem uma universidade, nem uma grande escola. Não transmite aos estudantes um saber adquirido a partir de programas definidos. Não prepara a nenhum diploma. Ele distingue-se do Centro Nacional de Pesquisa Científica e outros institutos (CNRS, INSERM, INRA, etc.). Dedicar-se, como esses institutos à pesquisa fundamental, mas igualmente tem a obrigação de difundir os resultados desta pesquisa no contexto de um ensino particular. Os professores são solicitados a ensinar “o saber sendo feito”. Os cursos são abertos a todos, sem inscrição prévia. Fundado em 1530 por François I. (tradução nossa) – Disponível em: <[http://www.college-de-france.fr/default/EN/all/ins\\_pre/index.htm](http://www.college-de-france.fr/default/EN/all/ins_pre/index.htm)>. Acesso em: 08 set. 2007.

<sup>103</sup> Humores vagabundos: da circulação dos homens e da utilidade das viagens.

segunda metade do século XVIII. A partir dessa época, a produção não é mais local e para uma clientela próxima: os produtos vão aos clientes. É na área da porcelana na Inglaterra que a comunicação da venda impulsiona o seu desenvolvimento, com vendedores que fazem o porta-a-porta para vender a porcelana necessária ao consumo do chá, que nessa época estava muito em voga e que vai transformar a sociedade inglesa. Esse historiador ressalta que são pequenos fatos como esse que modificam a história.

À questão “quem se desloca, por que e para onde se desloca durante os séculos do Iluminismo”, esse historiador observa que nos séculos XVII e XVIII, 80 % a 90 % da sociedade é composta por camponeses e bloqueada pelos laços locais, com uma fraca vontade de partir. Esse autor se referencia à afirmação de Pascal de que toda a infelicidade do homem vem do fato que “ele não sabe ficar no seu quarto”. É uma sociedade que se concebe fixada em relação à localização de sua terra, em relação à terra, de uma forma em que a ausência de comunicação era a regra: são muitos os limites à circulação. Um desses limites era o próprio custo das viagens, pois eram caras. Então, indaga sobre qual seria a razão de ultrapassar esses horizontes imóveis para uma série de horizontes longínquos. Na sua visão, o melhor exemplo de estudo é a Viagem, o *Grand Tour*, que deu nascimento a um gênero literário em si com milhares de publicações de narrativas de viagem.

Nas reflexões desse pesquisador o *Grand Tour* é uma viagem da elite animada por duas vontades. Uma delas é conhecer melhor o mundo: os lugares, os povos a fim de desenvolver sua personalidade. Esse historiador considera o *Grand Tour* como uma pedagogia do Humanismo que ainda prevalece com as bolsas Erasmus<sup>104</sup>, uma incitação a refletir sobre o imaginário: é um espaço aberto recomposto ao bel-prazer das leituras e dos mapas. A conquista do espaço não acontece somente por meio da realidade, mas também pelo espírito. Ressalta,

---

<sup>104</sup> Erasmus é um programa europeu que visa favorecer a mobilidade estudantil entre as universidades européias ligadas por um acordo Erasmus Sócrates. O programa regrupa auxílios vindos da Comissão Européia, do Ministério da Educação Nacional – MEN – e da cidade de Paris e concerne as estadas de estudos nas universidades parceiras. (tradução nossa). Disponível em: <[http://www.sciences-po.fr/presse/sciencespo\\_infos/Sem22b/BOURSES%20ERASMUS.pdf](http://www.sciences-po.fr/presse/sciencespo_infos/Sem22b/BOURSES%20ERASMUS.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2007. Esse programa deve o seu nome ao filósofo, teólogo e humanista Érasme de Rotterdam (1465-1536). Adversário incansável do pensamento dogmático em todos os campos da atividade humana, Érasme viveu e trabalhou em diversos lugares da Europa, à procura de conhecimentos e de experiências que somente esses contatos com outros países poderiam lhe proporcionar. Legando a sua fortuna à Universidade de Bâle, criou o que iria tornar-se em seguida a bolsa de mobilidade. (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.europe-education-formation.fr/erasmus.php>>. Acesso em: 08 set. 2007.

igualmente, que Montaigne e Kant estavam persuadidos que a leitura das narrativas de viagem era tão interessante quanto à viagem em si, mas sem o cansaço da mesma. Assim, interessar-se pelas viagens experienciadas, pela produção da narrativa de viagens permite ao historiador delimitar os contornos da mobilidade no Iluminismo.

Alexandra Monot observa que há cerca de trinta anos, Daniel Roche havia feito a análise da biblioteca das narrativas de viagem de Boucher de la Richarderie. Desse estudo resultou uma grande produção de quase seis mil títulos no fim do século XVIII dos quais um terço data do início da imprensa, um terço do século XVII e um terço do século XVIII. Desse modo se evidencia que o aumento da produção de narrativas é proporcional ao aumento da produção de livros. Mas os temas mudam: nos séculos XVI e XVII são fascinados pelos mundos exóticos (Oriente e colônias americanas), enquanto que o século XVIII exerce o seu fascínio pela redescoberta da Europa. É uma descoberta de si mesmo que caracteriza o interesse das pessoas. Esse historiador ressalta que Rousseau nos anos 1760 preconizava o não deslocamento muito rápido, mas de preferência a pé a fim de ver o que está no entorno, de conhecer as dobras das estátuas e colunas do templo de Nero em Roma. Nesta época a viagem torna-se patriótica e local. Trata-se de um olhar para si que tem relação com o que se passa na realidade.

No que concerne ao universo do discurso ligado às viagens, Roche (2003b) ressalta que certamente o discurso da viagem é elaborado a partir da realidade da viagem efetuada, mas ele está em conformidade também com as normas fixadas pela educação ou pela intertextualidade das narrativas já escritas. Para esse autor o problema do historiador é confrontar o universo dos textos aos universos das práticas. É um estudo longo e laborioso, razão pela qual o livro *Humeurs Vagabonde* tem mil páginas, pois a demonstração nutre-se de múltiplos casos. Na sua obra, questiona em que medida a mobilidade faz parte também da aventura imposta a pessoas móveis por obrigação em certas funções como a administração, as forças armadas, a Igreja ou o comércio. Questiona-se igualmente sobre como estas práticas são percebidas. Na sua concepção é necessário justamente interrogar a sociedade dos séculos XVII e XVIII sobre o alcance positivo ou negativo dessa prática. Para esse pesquisador da história, o debate é um gênero literário por si só. Na sua análise, existe uma contradição entre a mobilidade necessária e positiva e a mobilidade negativa que custa caro às famílias e que não é

benéfica à boa moralidade (os jovens que fazem o *Grand Tour* são confrontados aos vícios: prostituição, etc.). Já em 1760, a Academia de Lyon lançou um concurso cujo tema indagava se era possível confiar na educação pela viagem. Apresentaram-se teses a favor e contra, mas o grande prêmio foi atribuído àquela que diz que isto dependia da idade, dos meios, etc.

Na compreensão desse historiador não se pode separar a Viagem das outras formas de deslocamento. A mobilidade é uma questão de escala em relação aos espaços. A definição do movimento de circulação é estabelecida a partir da noção de transformação em relação ao mundo físico: o deslocamento de objetos, de coisas, e isso começa na sua própria casa. Esse autor acrescenta que a capacidade de mobilidade cresceu com a multiplicação das formas de deslocamento e com o aumento da rapidez nos mesmos. A França, a Inglaterra, a Itália, a Alemanha abrem-se aos séculos XVII e XVIII e são levadas a uma hierarquização dos espaços caracterizando as suas práticas.

Dessa forma, houve um progresso do conhecimento por meio das viagens, pois os deslocamentos organizaram práticas e normas como as pesquisas e a investigação do local, necessárias à gestão dos espaços. Esse autor acrescenta que esses séculos vivenciaram igualmente a oposição entre o controle e a circulação livre, entre o acolhimento e a rejeição, entre o local e o longínquo. A questão da hospitalidade já aparece na França e na Inglaterra dos séculos XV e XVI, pois questiona a posição da hierarquia religiosa e a da aristocracia na sociedade. Esse pesquisador observa que a Igreja detinha tradicionalmente a capacidade de acolhimento dos pobres e dos peregrinos, mas logo após a Reforma, esta capacidade transforma-se em um controle daqueles que são recebidos. As casas de hospedeiro-hóspedes transformam-se em albergues pagos. Quanto à aristocracia, no fim da Idade Média e no início da época moderna, ela evidenciava uma grande abertura, acolhendo notadamente os Ciganos que se colocavam a seus serviços de forma interesseira. Mesmo assim, a aristocracia os apreciava, pois sabiam fabricar e utilizar as armas. No cotidiano aristocrático, é normal manter a casa aberta, pois é um modo de posicionar-se socialmente. Mas esta mentalidade se transforma com o distanciamento (transferência para Versailles da aristocracia) e com as leis do Estado moderno.

No que concerne os meios e o tempo dos deslocamentos, esse autor observa que a velocidade de hoje não é aquela de ontem e que os meios técnicos

foram elaborados progressivamente. Foi necessário assimilar o aumento da velocidade. Em outras épocas viajava-se mais lentamente e não se viajava se não existissem os meios. O custo e o cansaço da viagem antiga em comparação com a realidade atual é uma real diferença. Em sua opinião podem-se definir quatro grandes categorias de viajantes nos séculos XVI e XVII: os grandes proprietários de terras, os grandes administradores, os soldados e uma pequena parte de estudantes, proletários e artistas. Além disso, segundo esse historiador era uma outra maneira de se pensar o mundo. A mobilidade era, então, freqüentemente uma ruptura, uma partida mais ou menos definitiva, freqüentemente ao longo de uma carreira. Hoje em dia, a mobilidade é mais uma mobilidade de lazer para a cultura, a descoberta do mundo, mas que é reservada aos ricos do Ocidente.

Na visão desse pesquisador, a viagem de hoje tem a aparência de um catálogo de objetos incontornáveis do que é necessário ver. Não é tão diferente do que havia nas narrativas de viagem: os viajantes do *Grand Tour* deveriam igualmente ter visto a mesma coisa segundo o que se deveria ver. Observa, assim, que atualmente 80 % a 90 % do turismo se efetua em um turismo de verão, balneário. Mas as coisas estão mudando: assiste-se a uma extensão em direção a espaços mais longínquos, exóticos, com a criação de uma intensa atividade turística o que não era o caso no passado.

Segundo esse historiador, a maioria das grandes figuras intelectuais do período estudado era composta por grandes viajantes. A impulsão em direção ao exterior foi uma formidável incitação à abertura do mundo, a “esfregar e limar seu cérebro ao dos outros”, como dizia Montaigne. Acrescenta, igualmente, que o fenômeno das viagens existe desde a Idade Média com as Cruzadas, que permitiram a descoberta do Oriente, de onde uma grande parte da bagagem cultural atual foi herdada. O aprendizado das civilizações externas incitou a ir-se ver o que lá acontecia. Na segunda metade do século XVIII foram organizadas viagens de descoberta científica das Américas e do Pacífico a fim de se compreenderem as dimensões do universo físico e humano, por grandes nomes como: Bougainville<sup>105</sup>,

---

<sup>105</sup> Louis Antoine de Bougainville foi um oficial, navegador e escritor francês. Em 1766, recebeu de Louis XV a missão de navegar ao redor do globo em uma expedição com um naturalista, cartógrafo e astrônomo. Tornou-se o 14º navegador da história, e o primeiro francês, a conseguir o feito: a realização dessa volta ao mundo revigorou o prestígio da França após suas humilhantes derrotas durante a Guerra dos sete anos. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bougainville> >. Acesso em: nov. 2008.



Humboldt<sup>106</sup>, Darwin<sup>107</sup>. Destas pesquisas científicas resultaram fichamentos e mapeamentos do mundo com uma multiplicação das experimentações, que resultaram às vezes em uma forma de aculturação das civilizações descobertas por esta vontade científica, experimental e analítica.

No que concerne à figura do aventureiro, esse autor considera que ela tem uma ligação com o *Jet Set* atual. A figura do aventureiro preenche um vazio em uma sociedade móvel: ele é como aquilo que se espera dele e ele sabe adaptar-se à sociedade que o acolhe. As aventuras desses personagens permitiam aos seus contemporâneos pesquisar e encontrar o que eles não eram. Não estão somente na literatura, pois esses personagens às vezes existiram realmente, como o Casanova no século XVIII. Ele percorreu um número surpreendente de quilômetros e era muito móvel em uma Europa imóvel. Desde a sua chegada em um lugar, contava às pessoas o que elas queriam ouvir, tão bem que se perdia de vista que antes de ser um aventureiro e um amante de mulheres, ele era um homem político, maçom e grande pensador.

No que se refere à atualidade em que o fechamento das sociedades impede o acesso de seus territórios aos estrangeiros cada vez mais, enquanto durante muitos séculos havia uma verdadeira cultura da viagem, é observado que a noção de estrangeiro é uma noção histórica e cultural e, por conseguinte é uma noção construída. Esse autor explica que na França antiga, o estrangeiro existia, mas não se perguntava nada a ele, pois ele não tinha documentos. No século XVII, por razões morais, religiosas e filosóficas são instaurados os primeiros documentos a fim de saber de onde se vem e para onde se vai. A realeza francesa tinha por política atrair os estrangeiros com um intuito mercantil e de abertura. Era uma prática usual para aqueles que podiam pagar esta naturalização. Pouco-a-pouco, com a criação dos Estados-Nação, surge a necessidade de diferenciar-se pela definição identitária nacional que é, então, exigida e regulamentada pelos tratados e

---

<sup>106</sup> Friedrich Heinrich Alexander, Barão de Humboldt, conhecido como Alexander von Humboldt, foi um naturalista e explorador alemão desenvolveu e se especializou em diversas áreas: foi etnógrafo, antropólogo, físico, geógrafo, geólogo, mineralogista, botânico, vulcanólogo e humanista, tendo lançado as bases de ciências como a Geografia, Geologia, Climatologia e Oceanografia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_von\\_Humboldt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt) >. Acesso em: nov. 2008.

<sup>107</sup> Charles Robert Darwin foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Darwin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin) >. Acesso em: nov. 2008.

convenções internacionais. Segundo esse autor, o controle da mobilidade foi sobretudo instaurado nos períodos conturbados, durante as crises econômicas, sanitárias ou religiosas. Surgiram, então, a recomendação, a carta em posse do peregrino ou do negociante, reconhecida e autenticada pelo padre ou pelo patrão que lhe permitia atravessar as fronteiras. O passaporte é criado somente em 1792, mas ele tem uma longa história. Na sua origem, o passaporte é coletivo: são registrados o cavalo, o cão, a mulher, os empregados domésticos, a carroça, etc. e em seguida ele torna-se uma prova individual. O fechamento progressivo dos territórios acontece no contexto de uma vontade cada vez maior de segurança dos países.

Assim, *Humores vagabundos* é uma imagem de fascinação daquilo que se movimenta, se desloca e da distância desta fascinação. Na sociedade atual em que a mobilidade é tão fácil, não se deve hesitar em ir ao estrangeiro a fim de conhecer novos mundos.

A obra *Humores vagabundos: da circulação dos homens e da utilidade das viagens* é uma viagem histórico-literária em si, a ser percorrida com muito fôlego, pois ao longo das suas três partes: o conhecimento das viagens – espaços de mobilidade; constrangimentos e liberdades; e descoberta de si, descoberta do mundo, explora-se, por meio de uma gama surpreendente de experiências e aprendizagens proporcionados pelas viagens, demonstrando claramente a sua grande relevância na formação dos sujeitos.

Esse historiador ressalta que tanto na sociedade antiga quanto no início do século XXI “viagens e viajantes interessam, fascinam, mobilizam”. Além disso, considera que é necessário refletir sobre dois valores que se confrontam nesse processo: “o do pensamento de Pascal – 'Toda a infelicidade do homem vem de uma só coisa que é não saber ficar em repouso em um quarto' – e aquele da apologia de Rousseau a um nomadismo pedagógico – 'Viajar à pé, é viajar como Tales, Platão, Pitágoras'“. Assim,

a mobilidade orienta práticas, representações, imaginários sociais” e com isso “ela permite pensar a viagem antiga de uma outra forma, em vez de compará-la implicitamente àquela de hoje, menosprezada pelo seu vazio e pela sua desclassificação no campo das atividades mercantis mais do que naquele da cultura, qualquer que seja o esforço dos agentes de viagens. (ROCHE, 2003a, p. 10-11)

Esse historiador considera que “é necessário levar-se em conta a história das viagens”, pois isso acontece em razão de que “o seu conhecimento medido revela, do século XVI ao século XIX, a evolução de um interesse, de uma transformação coletiva, de uma ilusão” (p. 11). Acrescenta, igualmente, que ao mesmo tempo ela permite “ver as distâncias sociais e culturais da prática, e mais ainda a modificação dos espaços interessados – menos o seu incremento que a sua diminuição, contrariamente à idéia recebida” (p. 11).

A mobilidade é a característica daquilo que se move, que se movimenta, em particular no campo das paixões e da moral, do espírito inquieto, da agitação das idéias. O movimento convida à reflexão sobre a corrida, a trajetória, à circulação dos objetos, das mercadorias, dos capitais, às evoluções e à capacidade de lidar com o espaço, com a rapidez ou a lentidão, com os ritmos do mundo e os mecanismos de sua propagação. A viagem, com suas ocasiões, suas práticas e seus contextos, permite encontrar as significações sociais dessa mobilidade. A pluralidade de suas funções – comércio, religião, administração, guerra, fuga, atividade extraordinária de pesquisa e inventário, prática ordinária da vida – alimenta a riqueza de suas significações culturais. Mesmo a vida, ela não é mais do que uma metáfora fundamental, aquela da *Grande Viagem* que cada um faz na insegurança. Mesmo o mundo, não é mais do que um livro oferecido à sabedoria dos viajantes e sua leitura pode ser a melhor ou a pior das lições. Compreender-se-á, então, a porosidade que existe entre as experiências, o que impõe uma relação antropológica essencial. (ROCHE, 2003a, p. 11)

Na análise desse historiador, “o século XVIII exalta a figura do viajante, símbolo da conquista dos mundos longínquos, heróis de uma expansão portadora do universalismo dos valores europeus”. (p. 13). Esse autor revela que “o que é descoberto, é que esse empreendimento começa na porta de cada um e que ele concerne todo mundo e todos os deslocamentos” (p. 13)

Ao longo dos quatorze Capítulos que compõem o estudo de Roche (2003a), é tecida uma trama em que estão cuidadosamente presentes inúmeros elementos. Inicialmente, esse historiador descreve a produção das narrativas de viagem e a grande produção bibliográfica sobre as viagens durante o período estudado. Assim, considera que essas narrativas “são uma chave para compreender simultaneamente uma arte de deslocar-se e sua pedagogia, um método e uma leitura do mundo”. Esse historiador salienta que a viagem é “a encenação progressiva da subjetividade errante (nômade, aventureira, viajante) e da formação do eu”, pois “é o olhar do outro que permite encontrar-se a si mesmo”. Por

esse motivo, esse autor considera que

essa analogia, que faz do método um equivalente da própria viagem, está no centro de uma relação cultural permanente em que o viajante se enriquece tanto de suas leituras quanto de seu deslocamento, onde a descoberta de outros países, de seus habitantes e de seus costumes, muda o movimento das idéias e subverte as sensibilidades. (ROCHE, 2003a, p. 20)

Nessa perspectiva, “a junção da realidade descrita e do ponto de vista subjetivo é em si mesma uma maneira de valorizar a mobilidade”, visto que os viajantes “firmam suas personalidades deslocando-se” (p. 20).

No que se refere à produção bibliográfica do período, esse historiador ressalta a grande quantidade de obras realizadas citando três delas especialmente: uma de origem alemã; outra francesa; e uma inglesa. Evidencia-se, especificamente, a de origem francesa organizada por Boucher de La Richarderie, citada anteriormente e publicada entre 1806 e 1808, composta por seis volumes.<sup>108</sup>

A visão de Boucher de La Richarderie com a organização e publicação dessa Biblioteca era de que “as 'viagens', que nunca tinham sido tão numerosas nem tão procuradas, devem o seu sucesso à variedade das leituras possíveis, 'instrutivas e divertidas para a classe habitual dos leitores'”. Esse autor considerava igualmente que essa obra “é uma 'mina fecunda onde em todos os tempos vasculharam, para fazer ou apoiar as suas pesquisas, os naturalistas e os geógrafos, os artistas e os arqueólogos; enfim, os escritores políticos, os economistas e mesmo os moralistas' ” (p. 22).

Para esse historiador, “a *Biblioteca Universal* vai ter o papel de guia: como os guias de viagem, ela é um instrumento de conquista do espaço, mas ela continua originalmente ligada a sua descrição histórica” (p. 28-29). Dentre os diversos elementos encontrados, ressalta-se a primeira parte que apresenta “os tratados gerais sobre a utilidade das viagens, os relatos dos Antigos, os da Idade

<sup>108</sup>

Boucher de La Richarderie, *Bibliothèque universelle des voyages ou Notice complète et raisonnée de tous les voyages anciens et modernes dans les différentes parties du monde, publiés tant en langue française qu'en langues étrangères, classés par ordre de pays dans leur série chronologique, avec des extraits plus ou moins rapides des voyages les plus estimés de chaque pays, et des jugements motivés sur les relations anciennes qui ont le plus de célébrité*, Paris, 6 vol., 1806-1808; reprint Slatkine, Genève, 1970. (Biblioteca universal das viagens ou Resumo ponderado (argumentado) de todas as viagens antigas e modernas nas diferentes partes do mundo, publicadas tanto em língua francesa quanto em línguas estrangeiras, classificadas por ordem de país na suas série cronológica, com passagens extraídas mais ou menos curtas das viagens mais estimadas de cada país e dos julgamentos motivados sobre os relatos antigos que são mais célebres) – NT.

Média, as histórias gerais e os périplos em torno do mundo” (p. 28-29). Esse autor ressalta, especialmente, que “o procedimento de Boucher de La Richarderie está explicitamente ligado à afirmação da utilidade intelectual da viagem” (p. 30). Considera que a viagem é antes de tudo “uma pedagogia que une, desde o colégio, freqüentado por uma maioria de atores e de leitores, a história e a geografia herdada da tradição humanista” (p. 30). A viagem é igualmente “uma demonstração do modo como pode ser incluída a razão no campo da mobilidade e do conhecimento” (p. 30). Na sua perspectiva, é uma incitação a adotar uma conduta que é uma caminhada: “seu comportamento pode proporcionar-se segundo as necessidades e ela 'forma de qualquer modo um quadro de itinerário dos diversos países e dos diversos povos, que pode tornar-se um meio de instrução' ” (ROCHE, 2003a, p. 30).

Ressalta, igualmente a presença de três acepções para a palavra *viagem*: “a distância a percorrer, a ação de viajar e a narrativa de viagem” (p. 30-31). A partir desses significados, considera que na “viagem se aprende”, pois se aprende a reconhecer a si mesmo “na sábia mistura de gêneros disponibilizados para a leitura e na variedade de espaços disponibilizados para percorrer-se” (p. 30-31). Esse autor salienta que “ir do conhecido ao desconhecido, do próximo ao longínquo, do mais geral ao mais particular, visa confirmar a múltipla utilidade da leitura das viagens e de sua prática” (p. 30-31).

Desse modo, “o uso de descrições e de narrativas levantadas pela *Biblioteca universal* é antes de tudo uma abertura ao mundo”, pois considera que “o mundo é um livro e o livro é um mundo”. Analisa, ainda, que “um saber se constitui sob múltiplas formas, cujo elemento comum é a leitura das diferenças, [...] das alteridades autônomas, que exigem o diálogo e a comunicação, o que nem sempre preocupava os viajantes do século das Luzes”. (p. 44)

O livro da viagem, na reflexão desse historiador,

é o instrumento de uma descoberta sábia e de sua difusão; ele tem o seu papel em primeiro plano no grande movimento de classificações que alimenta, desde Bacon e Descartes, a nova abordagem do saber, indo do simples ao complexo, do conhecido ao desconhecido, por gradação e hierarquização; a diferença criada pela mobilidade é, em todos os momentos, um fator suscetível de fazer surgir a complexidade do mundo e dos hábitos e costumes. O livro da viagem nutre o imaginário e não perde jamais os laços com o romance ou a ficção utópica, que tinham na época um sucesso comparável ao das viagens. Novos olhares sobre os mundos longínquos e novos olhares sobre si-mesmo são inseparáveis e

devem ser reencontrados em uma comunidade muito mais ampla do que as viagens e os viajantes. A mobilidade aparece como um filtro: esta aí a sua pedagogia que os moralistas discutem. (ROCHE, 2003a, p. 44-45)

Esse historiador efetua também uma reflexão sobre a relevância das viagens ressaltando a importância da viagem disciplinada, a passagem da viagem humanista à viagem erudita e a transição da erudição à ciência do mundo chegando às viagens do cidadão comum. Assim, considera que na visão tradicional da mobilidade, “a viagem é um espaço autorizado e delimitado, pois ela responde a uma finalidade pedagógica precisa: aprender a viver pela leitura do 'grande livro do mundo'”. Para esse historiador a lição da viagem é que “ela cria para todos uma situação de ruptura” (p. 49) como aquelas do périplo de Ulisses, que foram apresentadas anteriormente.

Para Boucher de La Richarderie (1808-1970, T.1, p. 15),

o melhor método de se preparar para viajar eficazmente é estudar bem as melhores geografias e relatos dos viajantes precedentes, aprender a língua do país que se pode visitar, coletar com cuidado todas as obras descritivas publicadas pelos indígenas e, sobretudo, despir-se de todo pré-conceito nacionalista.

Na visão de Roche (2003a, p. 54-57), o objetivo é “instruir-se para instruir os outros, colocando a mobilidade culta a serviço do conhecimento a ser coletado, a ser transmitido”. Esse autor não tem dúvida: “deve-se, pode-se aproveitar utilmente a sua viagem quando bem aconselhada”. Em sua opinião, “o tema pedagógico e o da educação construtiva e moral vão ao encontro daqueles da natureza e da observação [...]”. Trata-se, segundo sua reflexão, “de saber como a viagem pode contribuir para a expansão dos conhecimentos e, para a juventude, fazer parte da educação e da instrução modernas”.

A *utilitas* é o fim último das viagens, mas a *voluptas* confere aos 'deslocamentos racionais' seu consentimento. Esse equilíbrio é o objeto na arte como o é na concepção do espaço urbano. É somente assim que viajar pode ser uma escola de virtude, o único e verdadeiro proveito do deslocamento, que é uma moral da passagem a vida adulta, se é escola do julgamento como na sabedoria estóica. Eis a razão pela qual um dos heróis de Lipse é o Ulisses de Homero, aquele que fez 'muitos tours', e considera em todos os hábitos e costumes, a procura de uma felicidade adiada e medida. Seu exemplo, que confere à viagem a autenticidade pelo retorno após um périplo perigoso, mas também vitorioso das paixões, vai assim na direção de uma ligação com o país natal, que é oferecido em

recompensa aos jovens a procura de saber e virtude. Ele confirma a generosa natureza da nobreza viajante e contribui para a formação do *gentleman*. Prova audaz, de distanciamento, de tentações vencidas que o humanista apresenta em conformidade com a teoria dos climas e dos humores, a fim de desvelar a verdade escondida sob as aparências, viajar é aprendizagem conseguida se o jovem aristocrata assimilou a prudência política. 'O viajante, antes de parar na unidade da pátria reencontrada, mas agora engrandecida nas dimensões do mundo inteiro, pátria do sábio, está definitivamente transformado.'" (ROCHE, 2003a, p. 59-60)

Na sua visão a viagem “é a afirmação de um método, de uma *epistemologia da estrada*, que se vai escutar de Montaigne à Charron, de Bodin à Descartes, de Montchrestien à Spinoza” (p. 60). Esse autor ressalta que as viagens estão presentes nos *Ensaíos* de Montaigne, nos livros I e III, quando explica que as viagens “estruturam 'a instituição das crianças'”. A lição dos livros e do estudo necessário para tornar-se melhor e mais sábio deve ser completada por aquela da experiência: há aprendizagem de tudo e não se pode lidar com um cavalo sem exercitar-se”. Para esse autor, “a prática dos livros não é suficiente para a 'curiosidade louvável' ” (p. 60).

Esse historiador ressalta igualmente que “as viagens são necessárias” e nos *Ensaíos*, “texto célebre e decisivo, escutam-se as razões de uma experiência como criação de uma fenomenologia moral”. Em sua opinião, a viagem “atribui sua força à teoria das idades implicadas na visão dos humanistas, na união da experiência, da história e da razão para conciliar o prazer e a utilidade”.

A 'curiosidade louvável' deve investigar todas as coisas, a confrontação da razão com as coisas, permite conciliar duas visões no deciframento do 'grande livro do mundo'. A primeira estabelece a distância: toda sociedade pode, com efeito, aparecer diferente, mesmo selvagem – 'cada um chama barbárie o que não é do seu uso' -, mas quando se recolocam os costumes no seu contexto, o mundo reencontra sua auto-explicação. A segunda interroga a relatividade das coisas, que não é uma rejeição absoluta de todo critério de julgamento, mas rejeição de todo critério absoluto e referência a uma razão prática entre conformismo e mudança. O mundo livre é também espelho, 'onde é necessário olhar para reconhecer-se no bom trilho'; tantas diversidades devem aprender a julgar as nossas e a reconhecer 'a imperfeição e a natural fragilidade' de nosso julgamento”. (ROCHE, 2003a, p. 60-61)

Salienta, também, que “a viagem torna-se uma necessidade para a ciência experimental; ela põe fim ao tempo do segredo e da iniciação do discípulo pelo mestre. Viajar permite organizar o futuro pelo conhecimento do presente”.

Esse historiador salienta que a estrada “vai contribuir na formação dos filósofos, dos sábios, dos homens do mundo”. Dessa forma, enfatiza que “Descartes a coloca no *Discurso do Método*”, sobretudo quando “as metáforas espaciais habituais abundam no momento decisivo em que o itinerário seguido anteriormente pelo filósofo vai se transpor em modelo discursivo e em imperativo para atingir a verdade”. Na sua concepção, “Descartes propõe mostrar os 'caminhos' que ele seguiu e como eles o ajudaram a formular uma lógica que permite ao espírito orientar-se na diversidade do mundo”. (p. 61)

Assim, mal a idade permitiu que eu saísse da sujeição aos meus preceptores, abandonei inteiramente o estudo das letras e, resolvido a não buscar outra ciência a não ser a que pudesse encontrar em mim mesmo ou no grande livro do mundo, empreguei o resto da minha juventude em viajar, ver cortes e exércitos, visitar pessoas de diversos humores e condições, recolher várias experiências, provar-me a mim próprio, nos encontros que a sorte me proporcionava, e por toda parte, em fazer uma tal reflexão sobre as coisas que me apresentavam, que eu pudesse tirar algum proveito (DESCARTES, 2004, p. 26, l. 1).

Na visão de Roche (2003a, p. 63-64) e segundo Baudelot de Dairval no livro *Da utilidade das viagens e da vantagem que a pesquisa das antiguidades proporciona aos sábios*, publicado em 1693, “a experiência da viagem se justifica em quatro pontos de vista”.

É em primeiro lugar a mudança de lugar favorável à transformação, pois ela corrige a natureza humana como aquela 'da mais selvagem das árvores'. [...] É, em segundo lugar, uma necessidade para romper as visões domésticas e limitadas, superar-se a si mesmo e atingir um distanciamento da sabedoria estóica que domina [...]. Modificado pelo exílio e pelas provas, enriquecido pelas observações e os encontros, o viajante retorna diferente, amadurecido. Em terceiro lugar, a ciência guia a *Ars peregrini*, que propõe um leque de curiosidade aberto até os limites do mundo conhecido [...]. Em último lugar, Baudelot enumera os elementos principais de um programa cuja modernidade está em basear-se em objetos materiais [...]. É, certamente, uma compilação de lugares comuns, tanto para fazer uma apoteose do viajante intelectual quanto para propor um catálogo de gestos indispensáveis para ganhar os frutos atribuídos aos viajantes se eles sabem organizar sua busca. Desse modo, o progresso e a difusão das ciências dependem das viagens. (ROCHE, 2003a, p. 63-64)



Assim, viajar não é vagar sem rumo: “é um exílio temporário que postula o retorno enriquecido – o ganho pode ser material, econômico, intelectual, misturando o perfume das especiarias e o brilho do ouro aos progressos do saber e do julgamento” (p. 68). Na visão desse pesquisador esse é um primeiro ganho, pois o deslocamento dá resultados. Esse autor acrescenta que a viagem “contribui ao fundamento político da cidade que está se construindo na necessidade dos princípios”. Em sua opinião a mobilidade “exclui as divagações e os desvios e fornece a todo balanço a impulsão dos retornos, o aporte do aumento dos conhecimentos”. (p. 68)

Salienta, igualmente, a necessidade do desenvolvimento de um olhar especialista no sentido de se julgar e ver adequadamente o que se encontra ao longo das viagens. Nesse sentido, ressalta que as viagens devem, não só proporcionar o conhecimento de outros países como sobretudo do seu próprio país. Assim, considera que a viagem “é necessária na educação da elite e deve ser financiada pelos Estados e as grandes Academias [...]”. (p. 70)

Observa-se, nesse contexto das viagens, a necessidade de uma preparação prévia, antecipando-se os meios materiais e os meios intelectuais necessários a uma viagem. Dessa forma, esse autor ressalta que “viajar é antecipar” e que uma “mobilidade bem sucedida se prepara pelas leituras e pela informação já disponível sobre os países do itinerário escolhido”. Nesse processo, esse autor salienta que “a opinião de um amigo esclarecido será o melhor dos guias para evitar os erros de apreciação”. Assim, “a lista das coisas úteis deve ser regida pelas necessidades [...]”. (p. 72)

Ao longo das investigações desse historiador, são levantadas questões e debates sobre a utilidade ou a inutilidade desse tipo de mobilidade, sobre a ficção pedagógica e as vantagens das viagens no que concerne à ciência e à moral. Nesse sentido, esse autor faz uma conclusão preliminar enfatizando que “a mobilidade e a razão culta fazem uma boa dupla” e que “as viagens são úteis”. (p. 75)

No que se refere aos aspectos pedagógicos presentes nas viagens e para justificar o seu papel educativo, é ressaltado que “os autores se situam em relação a três tradições”. A primeira é “aquela que admite o papel positivo da viagem na formação do julgamento e pela ação da experiência”. A segunda é “aquela que reconhece nela uma capacidade de aperfeiçoar o homem moral”. E “aquela, enfim,

que vê nela a ocasião e o lugar de uma educação corporal e física” (p. 78-79). Portanto, a relevância da mobilidade educativa

encontra seu pleno emprego na formação do homem moral. A viagem forma utilmente o espírito e o coração. Ela desliga da sua vida macia os jovens aristocratas; ela os ensina a modéstia e os faz descobrir a miséria. Ela contribui para a correção das educações 'frívolas' ou muito 'sérias', aperfeiçoando umas e reparando outras. O jovem homem aprende então os hábitos do mundo; ele se torna menos contraído, mais sensível, acostumado a julgar o bem e o mal. Não há caráter sem 'sensibilidade' e o homem que viajou, amadureceu, pois ele viveu mais do que os outros. Além da difusão esperada pelas Luzes pela comunicação e a troca, o objetivo unânime é formar um cidadão virtuoso, sociável. (ROCHE, 2003a, p. 80-81)

Mas não é somente a viagem, efetuada por meio dos diversos tipos de deslocamentos, que é tratada. São analisadas igualmente as viagens feitas sem esse deslocamento. Nesse sentido são abordadas as práticas de leitura, as viagens interiores, as leituras cultas, as leituras bibliográficas, as práticas das coleções e outros modos de ler o mundo. Além disso, são expostas as relações entre o jornalismo e as viagens e a importância de guiar o viajante. Assim, fica evidente o papel da imprensa que se torna

uma instância de elaboração de regras da narrativa e daquelas das viagens, que ela exige em nome da opinião: viajar é saber observar; observar é juntar os 'objetos úteis à pátria' [...]. O viajante torna-se filósofo quando à observação útil ele sabe adicionar a capacidade de análise. (ROCHE, 2003a, p. 109)

Nesse contexto, o papel dos guias de viagem (guias turísticos) assume uma posição importante, pois ocupam o lugar de “uma leitura mais geral do espaço citadino, pela sua racionalização, sua transparência e seu controle”. (p. 111)

Esse autor ressalta, também, o papel de Montaigne, “que fez do diário o levantamento datado e localizado da experiência de si, rompendo com um etnocentrismo que se esconde atrás do egocentrismo” (p. 164-165). Evidencia em seguida que dois séculos mais tarde, Montesquieu faz ainda avançar a questão mostrando na sua obra, mas também em um diário de viagem, “a articulação explícita desses dois princípios presentes nos *relatos*: o relativismo e o universalismo na análise do espírito das nações e nas leis”. Em 1728, ele parte durante três anos para um *tour* da Europa “desenhado de forma original, chegando próximo ao Oriente”. Esse pesquisador considera que Montesquieu “instrui o

viajante ao qual transmite um catálogo de interesses globais, úteis e utilitários, mas também um método de vida e de ver, da leitura à observação, da experiência à conversação, do percurso pragmático à teoria”. (p. 167)

Salienta, ainda, a importância da mobilidade de formação, a relação entre os mercadores e as cidades, a sociabilidade, a cultura mercantil, a administração e a mobilidade, a diplomacia, a informação e o comércio. No que concerne especialmente à mobilidade de formação, esse historiador ressalta dois traços que considera marcantes nesta mobilidade temporária:

é inicialmente uma mobilidade de aprendizagem, de formação; em seguida, uma mobilidade de informação. A viagem acontece nos balcões, em várias etapas no circuito das famílias aliadas ou clientes. Ela pode resultar em uma instalação definitiva; ela é, freqüentemente, um momento durável antes do retorno. Cada vez mais, ela acontece após um primeiro polimento no colégio, onde os filhos de Plutão passam raramente o nível da turma do segundo ano. O trabalho forma a juventude dos negócios pela experiência do saber-fazer, aquela que ensina a diversidade de competências e a variedade dos objetos. Em um tempo em que as normas não são fixas, mas em que os primeiros padrões se impõem, a experiência se adquire no trabalho: ela ensina as qualidades, ela permite a polivalência e a especialização. É a base da qualificação mercantil, cuja outra parte é aquela que disponibiliza a aquisição de uma instrução intelectual de base: aritmética e cálculo, línguas e direito, conhecimento do mundo, prática de contas, de câmbio e de crédito nas suas variedades segundo os lugares. As esperanças de êxito podem conduzir estas educações para o negócio, cujos primeiros passos são daqueles em idade escolar que estão sem escola. [...] O refinamento das capacidades se faz nestas trocas que são preparadas e observadas. (ROCHE, 2003a, p. 289-290)

No que se refere à hospitalidade, esse historiador analisa a transformação dessa categoria do acolhimento, considerada como um dom inicialmente e que passa a ter um caráter econômico. Na sua visão, “o acolhimento ou a rejeição, a capacidade de atrair e de reter, as possibilidades de manutenção da mobilidade em si, estão todas inseparáveis de um contexto de tradições, de um conjunto de instituições que consideram a hospitalidade”. Isto porque ela “traz consigo um cortejo de noções jurídicas, morais e administrativas que não têm o mesmo peso do século XVI ao século XX”, pois “como em outros campos, a aparente invariante não deve esconder as diferenças e a erosão lenta das práticas antigas”. (p. 479)

Segundo esse autor, na visão enciclopédica devem ser consideradas suas características: “a hospitalidade é, antes de tudo, a prática de uma virtude

privada, cujo exercício é uma resposta às necessidades da viagem, uma situação transitória, por uma disposição da alma, uma capacidade do indivíduo”. Esse historiador acrescenta que “a virtude é universal, mas a sua partilha não o é forçosamente”. (p. 480)

Considerando os aspectos históricos da hospitalidade, são ressaltados os seus ensinamentos:

O Egito, a Etiópia, a Pérsia, os antigos povos da Itália deixaram todos, apesar de suas características selvagens, exemplos hospitaleiros observados pelos viajantes. Os Gregos praticaram a hospitalidade, e 'é um belo traço da vida de Alexandre que em um edital declara que as pessoas de bem de todos os países eram parentes uns dos outros e que somente os maldosos deveriam ser excluídos dessa honra'. Os Romanos incrementam nessa direção e 'criam lugares especiais para domiciliar os estrangeiros; eles nomearam esses lugares de *hospitalia* ou *hospitia*, pois eles davam aos estrangeiros o nome de *hospites* [...]. Nada era mais belo, dizia Cícero, do que ver as casas das pessoas ilustres abertas a ilustres hóspedes, e a República está interessada em manter esse tipo de liberalidade. Tácito lembra que era um sacrilégio para os Germânicos fechar sua porta a qualquer homem que seja, conhecido ou desconhecido. Aquele que praticou a hospitalidade a um estrangeiro, acrescenta ele, mostrar-lhe-á uma outra casa". (ROCHE, 2003a, p. 481)

Esse autor evidencia que quase todos os povos do mundo exerceram no passado a hospitalidade e que ela é repleta de cores sagradas. Salaria igualmente que a hospitalidade “vem do privado, mas é um imperativo coletivo categórico e que já encarnavam as instituições e as cadeias de obrigações e recomendações”. Ressalta que “o Oriente e o Ocidente a partilharam e partilham igualmente práticas diversas de um simbolismo acentuado: o acolhimento, a saudação, a apresentação, as refeições, o pão, o vinho, o sal, a lavagem dos pés que Jesus censura aos fariseus de ter negligenciado”. Na sua opinião a hospitalidade “é festiva: é um excepcional ordinário, que organiza o ritual da recepção, a ordem das questões sobre a viagem e a identidade, a troca de dons e de *souvenirs* [...]”. (p. 481)

Esse historiador estuda igualmente a hospitalidade tradicional e as pedagogias da hospitalidade. Assim, é salientado que “o acolhimento hospitaleiro se inscreve no ensinamento dos pastores e no apelo à caridade; ele encarna, igualmente, em instituições cujo controle do Estado e das cidades não eliminou o controle vigilante da Igreja, o papel das congregações hospitaleiras e a função protetora dos pobres, dos aflitos, dos doentes sem recursos”. Para esse autor, “a

lição é categórica: o amor ao próximo é veículo e é manifesto pela hospitalidade, pois é nela que Deus aparece sob a forma de estrangeiro”. Na visão desse historiador, a hospitalidade “é uma virtude do homem sábio, do mestre da casa, a ser praticada com mesura – o que pode ser ouvido pelo homem honorável e filósofo. Ela é o melhor meio de fazer uso de suas riquezas, de mostrar a grandeza nas despesas, de provar a magnificência”. Esse autor conclui que “para Platão, é um dever sagrado ao qual os deuses estão atentos – Zeus é o hospitaleiro”. (p. 484)

No que concerne à mitologia, esse pesquisador se refere aos ensinamentos de Telêmaco, filho de Ulisses, que observa o desenvolvimento econômico dos Tirrenos, cujo sucesso se baseia no acolhimento:

'recebam bem e facilmente todos os estrangeiros; faça-os encontrar nos seus portos a segurança, a comodidade, a total liberdade; não se deixem jamais levar pela avareza e o orgulho [...]. Deixem que todos os estrangeiros vos amem; sofram até mesmo algo por eles; tenham medo de provocar seu ciúme devido a sua altura. Sejam constantes nas regras do comércio.' Eis o elogio de uma atividade e de uma mobilidade submetida à troca e que fazem de Tyr uma segunda Amsterdam, uma outra Paris – capitais econômicas, capitais da novidade a exemplo de Atenas. (ROCHE, 2003a, p. 491-492)

Esse autor se remete da mesma forma à história do exotismo da hospitalidade, à Inglaterra hospitaleira dos séculos XV ao XVII e à hospitalidade oriental dos séculos XVI e XVII, salientando igualmente o surgimento de novos exotismos hospitaleiros e práticas hospitaleiras, com as Grandes Descobertas. Refere-se também ao acolhimento dos peregrinos, à imagem do hospital e à imagem dos viajantes. Explanando sobre a economia da mobilidade, expõem sobre o albergue, os albergues de Fielding, a relação entre os viajantes e os albergues, o crescimento desse tipo de equipamento e a capacidade e a qualidade parisiense. Assim, são feitas reflexões sobre a economia, a sociabilidade, a aculturação e a polivalência das funções e, por fim sobre a sociabilidade hoteleira. Esse momento da análise apresenta um especial interesse para aqueles que estudam as origens e o desenvolvimento dos equipamentos hoteleiros, pois esses são espaços eminentemente sociais que devem proporcionar durante a viagem o convívio de diversos e diferentes indivíduos em um mesmo espaço-tempo.

O essencial é dito com força, o que Stendhal, leitor de Young escutará, e que o fará escutar por sua vez nas Memórias de um turista: o albergue deve oferecer a sua clientela esse mínimo de abertura ao outro, ao local, às circunstâncias particulares, à

confrontação geral, que faz uma das dimensões gerais da hospitalidade. (ROCHE, 2003a, p. 554)

Dessa forma, nas formações é interessante considerar o conhecimento das viagens por meio dos espaços de mobilidade e pelos constrangimentos e liberdades presentes nas viagens durante o período analisado, permitindo chegar ao ponto o mais importante: a inclusão da reflexão que concerne à descoberta de si e à descoberta do mundo pelas viagens.

Assim, é ressaltado o papel da viagem dos estudantes por meio da análise das mobilidades pedagógicas, das pedagogias da mobilidade e da transição da mobilidade escolar à *peregrinatio academica*, da escola ao colégio e o atrativo dos colegiais. Esse autor salienta as mobilidades estudantis na idade moderna, a mobilidade legendária da Idade Média e os fatores e obstáculos presentes nas trocas. Observa, também, a presença de críticas e necessidades da mobilidade e, igualmente, as necessidades sócio-políticas. Ressalta a importância da mobilidade dos professores e das mobilidades estudantis considerando os circuitos e imagens. Refere-se aos exemplos de Rabelais ou Pantagruel na estrada e aos circuitos internacionais de estudos salientando a mobilidade dos teólogos juristas e dos médicos. Discorre, da mesma forma, sobre o declínio e a transformação das trocas estudantis com as redistribuições religiosas e políticas e as mobilidades universitárias configurando um novo mapa dos graus nacionais, uma regulamentação dos estudos e um controle dos movimentos. Nesse sentido, um novo mapa se estabelece com uma mobilidade restringida na França. Há, então, uma transição de uma mobilidade pedagógica a uma pedagogia da mobilidade. São consideradas igualmente as mobilidades católicas e protestantes dos séculos XVII e XVIII, a mobilidade médica e o circuito de Montpellier, a mobilidade e o mercado dos cirurgiões, as trocas entre duas culturas: as trocas de Strasbourg, a aprendizagem do mundo, o saber-fazer e o conhecimento, o peso da conversação francesa, a mobilidade restrita e a mobilidade desejável e, por fim, a mobilidade das grandes escolas. (p. 569)

Nesta etapa ressalta que “controle, definição, acolhimento salientaram a importância das mudanças na percepção e na prática das circulações”. Acrescenta ainda que “modelos múltiplos de mobilidade existem com mais ou menos constrangimentos e necessidades, liberdades e acasos, que sempre se encadeiam em escolhas coletivas, familiares, pessoais”. Assim, estas escolhas “têm

justificações diversas e uma crença na utilidade da viagem, cuja presença está no centro das experiências as mais forçadas e as mais desconcertantes”. Em sua opinião, “nenhuma tipologia pode facilmente assinalar, segundo as finalidades das viagens, o equilíbrio que se instaura ou se rompe entre estas componentes da motivação”. (p. 569)

Na sua análise, esse historiador considera que “no fim das contas, o desenvolvimento cognitivo é o objetivo principal de todas as circulações”. Além disso, esse autor ressalta “a necessidade da viagem como *experiência do mundo e de si*”. (p. 569-570)

Nessa perspectiva, a viagem é “antes de tudo uma ocasião de ver, de observar; ela é uma confrontação dos livros e da vida; é o despertar do espírito para uma reforma e uma mudança”. Além disso, “para as classes superiores, é uma escola, uma preparação indispensável ao sucesso futuro”. Nesse sentido, para que “a dimensão de pedagogia crítica aconteça com proveito é necessário a descoberta de seu país e, assim, de si-mesmo”. (p. 570-571)

Nesse contexto, esse autor ressalta que a finalidade da viagem “é ultrapassar uma etapa em um destino social aberto pelas heranças, os privilégios da família e aqueles da fortuna”. Assim,

após o primeiro terço do século XVI, esse *Grand Tour* nobiliárquico desenvolve-se e se alonga mais e mais no tempo (dois ou três anos não são raros) e no espaço, notadamente em direção à Itália, modelo dos estudos da Antiguidade em que os fluxos da segunda e última Renascença, para dizer rapidamente, brilham notadamente. (ROCHE, 2003a, p. 649-650)

Nessa época, a viagem com um cunho pedagógico era “necessária ao homem da guerra, ao homem do Estado, ao simples *virtuose*”, lendo-se nela “a extensão de um ideal educativo em que a nobreza inglesa tanto quanto a da França ou da Itália, tem sua estratégia particular”. (p. 650)

Desse modo, “a mobilidade das viagens as mais diversas, mas mais certamente das viagens de formação, contribuiriam sem dúvida para impor seu uso entre as outras línguas latinas, às elites dos países do Norte da Europa e aqueles do Leste, pouco-a-pouco”. (p. 652)

Atendo-se à viagem de formação, esse pesquisador ressalta que a viagem “mobilizou e enviou às estradas somente uma elite, mesmo se durante um longo tempo estudantes de origem modesta puderam beneficiar de meios, de ajudas

(bolsas, formas de intercâmbio)”. Salienta, igualmente, que “o custo das longas estadas no estrangeiro é dispendioso, mas sua importância social as fez sobreviver e se readaptar às grandes mudanças religiosas e políticas dos séculos XVI e XVII”. Na sua percepção, as viagens “inscrevem-se doravante em um conjunto de práticas que, pela mobilidade, criam laços sociais e modificam a imagem dos povos”. Ressalta, ainda, que “a crença na utilidade pedagógica da mobilidade não é desconhecida [dos intelectuais]: ela alimenta sua obra de ficção e de reflexão, ela trabalha na expansão da sua filosofia”. (p. 655)

A descoberta de si e a descoberta do mundo passa igualmente pela mobilidade e pelas sociabilidades. Nesse sentido é analisado o mundo em viagem por meio das figuras dos reis, dos grandes, dos turistas em trânsito, do Rei-Cavaleiro aos périplos clássicos. Ressalta-se o papel da sedentarização, da publicidade e do incógnito salientando a presença das aristocracias nos espaços. Ao tomar como exemplo o cortesão Emmanuel de Croÿ, evidencia o quanto as viagens formam a juventude. Nesse sentido um outro exemplo, o do Grand Tour, é retomado considerando a sua construção em que se passa da curiosidade dos virtuosos à descoberta da sociedade, da ciência e do mundo chegando-se à construção social de um espaço intelectual onde a estabilidade e a mudança estão presentes na República das Letras. Nesse período ocorre o surgimento de redes intelectuais e de trocas sociais em que os jogos da mobilidade acontecem possibilitando a hierarquização e a institucionalização das mobilidades sábias. Assim, os livros, as sociedades e o espaço urbano tem uma presença marcante no mundo em que o dilema dos salões e a viagem em torno do salão acontecem.

Na visão desse historiador, “o conhecimento das viagens mostrou o que está em jogo em uma elaboração cultural e intelectual da mobilidade, as aquisições apresentadas nos discursos e nas narrativas, as práticas e sua defração social”. Para esse autor, “a utilidade é a palavra chave de uma série de hábitos que ressaltam mais a polifonia do que a gama monofônica das experiências: conhecimento dos homens, conhecimento do mundo, conhecimento de si estão assim estreitamente relacionados”. Na sua reflexão, “é a justificativa permanente, mas discutida, de um comportamento que implica todos os mundos sociais”. (ROCHE, 2003a, p. 667-668)

Nesse contexto das viagens, o *Grand Tour* tem um papel considerável. O termo *Grand Tour* apareceu “pela primeira vez na tradução francesa em 1670 do



livro do católico Richard Lassels, *A Voyage or a Compleat Journey through the Italy*.<sup>109</sup> Após esta publicação muitas outras surgiram em quantidade o que testemunha o sucesso de uma fórmula, “a sua difusão social sem dúvida, e suas expectativas sociais: a formação cultural de um meio pela descoberta das artes, de sua herança magnificada e, por aquelas dos usos e costumes que produzem tanta fascinação quanto rejeição desde o século XVI”. (p. 686)

Na visão desse historiador, “o Grand Tour mostra como uma exigência de *status* cultural e social aglutina necessidades educativas e políticas diversas: ela contribui para a formação do homem de Estado, o homem do mundo, o homem sensível”. Dessa forma, esse autor ressalta que

as viagens não podem escapar do movimento que cria a esfera pública indo além da representação orgânica e aristocrática. A sua narrativa assume aqui uma função geral que vai além da esfera privada, pois ela se refere cada vez mais ao universo mental da nova ciência. (ROCHE, 2003a, p. 695)

Para finalizar sua reflexão, esse historiador ressalta o papel de Voltaire e de Rousseau como viajantes. Descreve as viagens de Voltaire, suas práticas, a instabilidade voltariana, a passagem da sua prática a sua obra chegando a uma filosofia da viagem. No que concerne especialmente ao papel de Voltaire, considera que o seu espaço imaginário

tem necessidade da viagem para esclarecer uma rota sombria, mas não se pode separá-la da experiência adquirida, reveladora, clarividente de uma relação instrutiva com a sociedade de seu tempo e com uma cultura que não é mais, mas que é ainda a nossa. (ROCHE, 2003a, p. 736)

Na sua visão, “Cândido, mais explicitamente, reformulará a mesma mensagem: viajar descobre o mundo e a necessidade da humanidade e questiona sobre o recuo” (ROCHE, 2003a, p. 736).

Assim, a instabilidade voltariana “não seguiu um programa ou uma ordem como na *peregrinatio* ou no *Grand Tour*; ela foi o resultado de necessidades diversas, e certamente de um gosto pela descoberta que dá à utopia cosmopolita e à República das Letras sua força concreta e seus valores” (p. 745). Dessa forma, a contradição vivenciada por Voltaire explica permanentemente as razões das suas viagens.

---

<sup>109</sup> Uma Viagem ou uma Jornada Completa através da Itália. (NT).

Entre a obrigação e a vontade de escapar da obrigação, sua vida é doravante a busca de liberdade; mas em 1753, após tantos périplos vividos na França, na Lorena e na Prússia, ele escolhe se instalar próximo à Genebra e fazer-se rei em casa. Ferney dá o seu sentido, pela sedentarização protetora, à lógica desgastante dos movimentos. A calma sucede ao turbilhão. (ROCHE, 2003a, p. 746)

Na concepção desse historiador “a diversidade do público externo, a diversidade dos visitantes, a diversidade das paisagens descobertas anteriormente nutriram a obra e orientaram a vida de Voltaire”. Por esse motivo, esse historiador considera que “pode-se descobrir nisso uma filosofia da viagem”. (p. 757)

Ressalta igualmente que “da descoberta da necessidade nasce um apaziguamento; da mobilidade bem vista provém a sabedoria racional. Será igualmente a lição do *Cândido* [...]”. (p. 759)

No que se refere à Rousseau, salienta sua errância e aparências, os cronotopos rousseauístas, suas viagens e deslocamentos, o seu exílio e a relação entre a mobilidade, o exílio e a liberdade. Ressalta, ainda, a escrita da mobilidade, a sua visão sobre a viagem, sua crítica das viagens, a passagem de uma teoria das viagens à crítica dos usos e costumes. Ao fim faz uma reflexão sobre o filósofo e a realidade da viagem no seu processo de voltar-se sobre si mesmo por meio da caminhada a pé.

Esse historiador considera que “Rousseau fala nas suas *Confissões*, nos seus *Diálogos*, nos seus *Sonhos*. Em um e outro *corpus* desvelam-se o funcionamento e as escolhas desta mobilidade existencial além das lições da experiência”. Esse autor salienta que “as cartas e escritos pessoais colocam em cena os meios atravessados, as relações atrativas e repulsivas; eles traçam a rede rousseauísta tal como ele a vê e tal como se poderia vê-la, tal como ela caminha e evolui no tempo como organização coletiva, como instrumento de estratégia pessoal e quase como instrumento analítico”. (ROCHE, 2003a, p. 764)

Na análise desse pesquisador, “Rousseau não é um adepto da viagem de curiosidade ou da viagem filosófica: ele se localiza entre os praticantes da obrigação e da necessidade ao mesmo tempo em que da livre escolha”. Na sua percepção, Rousseau considera a viagem com “um uso específico que, da juventude à velhice, reúne mais do que uma só forma de fazer: é um meio de encontrar-se, o elogio de um modo de vida” (p. 781). Observa, igualmente, que “dos *Discursos* ao *Emílio*, a crença na capacidade dos viajantes em transmitir testemunhos verídicos

recuou e pode, como outros, zombar dos 'filósofos de ruelas' que estudam o mundo a partir de seus gabinetes". Esse autor ressalta que Rousseau considera que "o tempo das verdadeiras viagens acabou; eram aquelas dos verdadeiros filósofos (Platão, Tales, Pitágoras) e, como em outros campos, o que é visado é a prática cultural da sociedade parisiense". Segundo esse historiador, Rousseau considera que o uso da leitura e a viagem pedagógica são atingidas por um mesmo descrédito e devem ser reformadas". Assim, essa crítica "é um procedimento que vai em direção a uma teoria da viagem e um prelúdio ao questionamento da civilização européia" (p. 783).

Para esse historiador, "o Capítulo das viagens do *Emílio* inscreve-se [...] na tradição das *Arts apodémiques* e dá sua contribuição à construção de 'Como as viagens podem formar a juventude'". Para esse autor, "Rousseau descreve aí uma prática elitista da utilidade; ele é daqueles que vão ao contato do grande livro do mundo e de uma viagem metódica. É um assunto de pessoas formadas e de jovens bem educados, bem guiados". Na visão desse historiador, na preparação de uma viagem Rousseau considera que "é necessário definir os seus objetivos, cujo principal é conhecer os homens, comparar os países visitados: deve-se começar por observar os semelhantes, observam-se as coisas se há tempo. Usos e costumes, civilização, talentos das outras nações, gosto dominante, artes úteis, ciências, manufaturas, comércio são as palavras-mestras da pedagogia **em** viagem". Ressalta, também, que Rousseau evidencia que 'é necessário estudar a sociedade pelos homens e os homens pela sociedade.' (p. 783)

Nesse sentido, é papel do filósofo dar "à viagem sua capacidade de revelar o real, de limpá-la dos pré-conceitos e das visões imaginárias". Esse historiador considera que a abordagem do filósofo no que se refere à realidade "faz parte da abstração e de sua relação com o pragmatismo". Para esse autor, "no *Emílio*, Rousseau faz da sua correspondência com os estrangeiros um meio de combater as opiniões reconhecidas como verdadeiras". Isso porque "em vários textos políticos, ele mostra como se pode extrair da viagem uma lição para compreender o mundo". (p. 784)

Na análise desse pesquisador, "perguntas e respostas mostram qual é o fim, a conclusão das errâncias (aquelas dos heróis e aquelas do filósofo: *Emílio*, *Saint-Preux*, *Jean-Jacques*): é necessário, no retorno, fixar-se". Desse modo, enfatiza que a viagem rousseauísta conduz à realização de um elogio ao local e ao

privado; [...]”.

De Voltaire a Rousseau, as facetas evocadas aqui da mobilidade na República das Letras são como teses para recusar a leitura simplista das instituições e dos atores. Em um e outro caso desenha-se por meio da prática da viagem, livre ou forçada, uma relação com o espaço social e com o status intelectual do filósofo. Para o primeiro, viver o espaço corresponde, no contexto de uma Europa sem fronteiras, em busca de uma integração que conduz à ação do intelectual; Voltaire não teoriza a viagem que não é mais do que uma experiência dos obstáculos e um meio. Para o segundo, em uma mesma geografia sem limites coercitivos, o que pouco-a-pouco se desenha, é a consciência dos obstáculos e aquela da recusa de entrar no status comum. O percurso se completa na recusa de agir, no voltar-se para si mesmo, na recusa individualista das obrigações. Rousseau pode teorizar a viagem a partir de sua prática e por uma pedagogia que se conclui em insucesso: 'em qual lugar entre os homens não se depende de suas paixões?'. Rousseau torna-se um estrangeiro fascinante e venerado cujo espírito libertário mina uma ordem social. Voltaire, ao termo de sua perseguição, reconhecido, corado, não fabrica mais cultos como ele pode fazê-lo em Ferney. Os dois contribuem para uma mutação profunda dos valores, cada um a seu modo, mas fala-se dos 'Rousseau do riacho', e não dos Voltaires da sarjeta. Um aceita as imposições do progresso, do qual descobre as possibilidades nas suas viagens; o outro pouco a pouco duvida delas e sonha com uma harmonia social improvável e desmentida pelo seu exílio. O debate do lirismo ambíguo e da ironia ácida certamente não está fechado. (ROCHE, 2003a, p. 788-789)

Continuando o desenvolvimento desse itinerário, antes de concluir este texto são apresentadas as trilhas de autores da literatura mundial para ilustrar algumas motivações e transformações ocorridas em seus personagens: Dom Quixote; Phileas Fogg e Tibicuera. Sigamos, então, os seus passos.

### **As viagens – motivações e transformações**

*"Toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras,  
tanto dissolvendo-as como recriando-as.  
Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou  
alteridades,  
demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias.  
Tanto singulariza como universaliza.  
Projeta no espaço e no tempo um eu nômade,  
reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades”.*

(IANNI, 1996, p. 3)

Nesse ponto do texto, se envereda pela busca de experiências de viagens na produção literária a fim de identificar e compreender o que motiva a viagem e quais as transformações causadas ao indivíduo após a mesma. Esse estudo literário não tem o intuito de aprofundar e detalhar as informações como o estudo anterior, pois teve o objetivo de ilustrar algumas facetas das motivações e transformações presentes na literatura de ficção. Nessa perspectiva, foram utilizadas as seguintes obras literárias: *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, de Jules Verne; e *As Aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo;

Essas obras descrevem viagens imaginárias ou reais, seja em busca de aventuras, por motivo de fuga ou por uma aposta. O estudo das obras teve como objetivo evidenciar os motivos que levaram os personagens a sair da sua terra, quais as transformações ocasionadas por suas viagens e os momentos vividos pelos mesmos, para identificar algumas motivações e transformações.

### **Dom Quixote**

O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha, obra-prima de Miguel de Cervantes, entregue ao delírio causado pela leitura excessiva de livros de cavalaria, sai pelas planícies espanholas, no século XVII, à procura de aventuras e para impor justiça, na companhia de seu fiel escudeiro Sancho Pança. A dupla então vive uma variada seqüência de aventuras e confrontos no limite entre a realidade e a fantasia, narradas com malícia, compaixão e bom humor.

É importante salientar que Dom Quixote de la Mancha é uma representação cômica da realidade ilusória e que se constituiu como um "herói" da cavalaria, papel que passa a protagonizar. Assim, muitos episódios são marcados pelo delírio nos quais D. Quixote considerava estar ante terríveis inimigos com os quais teria que lutar para derrotá-los. No entanto, "na maioria das vezes, se tratava de inimigos imaginários, ilusórios". Mas, são momentos de extremada beleza na riqueza da linguagem e das fantásticas imagens episódicas vividas em delírio, sonhos e visões. (SILVA, 2006)

A motivação de Dom Quixote para sair de sua terra é a possibilidade de viver algo que jamais viveu, pois ele apenas "viajava" com as histórias de cavalaria

que lia, onde em cada lugar aventuras e pessoas novas eram encontradas. Ele queria sair sem rumo, apenas com a certeza de que cada dia seria diferente do outro.

Logo que começou a sua andança pelo mundo, Dom Quixote percebe que seria impossível prosseguir viagem sem ter um local para descansar e comer algo. O fato de já estar com fome e bastante cansado o fez “[...] olhar para todas as partes, a ver se descobria algum castelo, ou alguma barraca de pastores, onde se recolher, e remediar sua muita necessidade [...]” (CERVANTES, 2005, p. 36). Aqui, fica clara a necessidade do viajante, por uma estética do bem-estar e o seu papel no processo de viagem. Então, por se dizer cavaleiro e fantasiar com as histórias que lia, pensa avistar um castelo, que na verdade era uma venda em que havia camas para os passantes pernoitarem e comerem algo. Era tudo muito simples, mas os vendeiros da estalagem faziam questão de oferecer o que de melhor tivessem a seus hóspedes. O vendeiro da hospedaria lhe diz: “Se Vossa mercê, senhor cavaleiro, busca pousada, excetuando o leito (porque nesta venda nenhum há), tudo mais achará nela de sobejo” (p. 38). Dom Quixote só queria comer algo e descansar, então seus “hospedeiros” fizeram de tudo para que o simples que eles lhe oferecessem agradasse ao cavaleiro. Com esses dizeres o vendeiro mostra a sua compreensão da necessidade e desejo do outro, fazendo o que fosse possível para agradar seu hóspede. Outro aspecto identificado é o acolhimento e o acompanhamento do viajante, Dom Quixote, pelo seu hospedeiro. A hospitalidade era em troca de um pagamento, já que essa era a forma de ganhar a vida dos vendeiros, mas ao perceberem que Dom Quixote não tinha muito juízo, o deixaram partir sem cobrar nada em troca, apenas lhe aconselhando a viajar com dinheiro e roupas.

Dom Quixote Ficou muito agradecido com a acolhida que teve no “castelo” e resolveu seguir o conselho que o hospedeiro havia lhe dado voltando, assim, para casa a fim de se prevenir. Depois de um período de descanso, Dom Quixote saiu pela segunda vez de sua terra, contando dessa vez com a companhia de Sancho Pança. Esse “descanso” foi fundamental para que ele se sentisse mais disposto a continuar suas aventuras, fator que o motiva para seguir viagem.

A possibilidade de encontrar no caminho hospedeiros que lhe dessem o que comer e onde dormir ajudou Dom Quixote a realizar seu objetivo: desbravar o mundo e viver aventuras. A hospitalidade dos hospedeiros com os visitantes /

estrangeiros evidencia a importância da alteridade na compreensão do outro, do estranho. Sem a hospitalidade e o acolhimento que tiveram Dom Quixote e Sancho Pança, talvez fosse impossível ou bastante difícil prosseguir viagem, uma vez que toda viagem se desdobra em, no mínimo, três etapas: motivos e fatores que levam a pessoa a querer viajar, (que no caso de Dom Quixote foi a vontade de viver aventuras); o acolhimento e a hospitalidade encontradas e vividas no decorrer da viagem, (as hospedarias e a piedade unida à vontade de ajudar Dom Quixote, pelo fato de alguns vendeiros terem sentido que Dom Quixote não estava em sã consciência); e as transformações sofridas pelo indivíduo, ser viajante, no término de sua viagem, (a satisfação de Dom Quixote por ter vivido suas aventuras e a vontade de logo tornar a sair para viver novas experiências).

Depois de inúmeros acontecimentos e aventuras, Dom Quixote, Sancho Pança e outras pessoas, voltam à venda da qual os dois primeiros tinham saído sem pagar. A vendeira tinha receio que eles saíssem novamente sem pagar a hospedagem, mas os outros companheiros prometem pagar. Nesse mesmo dia, a hospedaria estava bastante movimentada, cheia de gente. Ao perceber que mais um grupo estava chegando à venda, o vendeiro disse: “Aí vem um formoso rancho de hóspedes, e, se aqui pousarem, teremos hoje um dia cheio” (CERVANTES, 2005, p. 354). Pouco tempo depois chegou à venda um casal, ele cristão e ela moura. O rapaz pediu um aposento, mas a venda já estava cheia. Então, diante daquela situação as mulheres que lá estavam hospedadas oferecem um local para que a moça pudesse descansar: “[...] a falta de comodidades que encontrais aqui, porque comodidades são cousas que nunca se encontram em casas tais como esta; porém, contudo, se gostardes de vos aposentar conosco [...] não foi hoje o dia em que pior albergue encontraste” (p. 371). Esta atitude mostra o interesse e a vontade das moças de bem acolher a estrangeira, já que ela necessitava de um abrigo.

Depois de um longo tempo Dom Quixote volta para casa, mas não por vontade própria, pois ele foi enganado. Nesse seu regresso, Dom Quixote só pensa em logo voltar a desbravar o mundo à cata de aventuras, desejo esse que motiva Dom Quixote a fazer suas viagens.

O que faz Dom Quixote sair pela terceira vez de sua terra é a possibilidade de viver novas aventuras, sendo motivado por Sansão Carrasco. Nessa última saída de Dom Quixote e Sancho Pança de sua terra, eles encontraram pelo caminho inúmeras pessoas que lhes ofereceram abrigo e comida. Em todos os

casos eles foram bem recebidos e tratados como reis pelos seus hospedeiros, na visão delirante de Dom Quixote.

Cada vez que eles saíam de uma venda, casa ou castelo, onde estavam hospedados, Sancho Pança se sentia triste e contrariado, pois sabia que na estrada eles não encontrariam locais bons para dormir e coisas boas para comer. O que ele queria mesmo era ficar ali, sendo bem tratado e tendo tudo em suas mãos.

### **A volta ao mundo em 80 dias**

Em *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, Phileas Fogg é um cavaleiro bastante misterioso. Os seus atos são “matematicamente” calculados. Em uma certa ocasião, em uma mesa de jogos, Fogg faz uma aposta com seus amigos afirmando que daria a volta ao mundo em apenas 80 dias. Ele aceita essa aposta pelo fato de ter sido desafiado à tamanha ‘loucura’ e pela vontade de enfrentar todos os obstáculos e barreiras que encontrasse no caminho a fim de conseguir vencer a aposta (VERNE, 1996).

Para começar sua aventura ao redor do mundo, Fogg se faz acompanhar por seu novo empregado, Passepartout. Para a viagem, levam somente o essencial para os primeiros dias, já que outras coisas seriam compradas no decorrer da viagem. Em cada parada dos trens ou dos navios nas cidades, Fogg não fazia nenhuma questão de descer, admirar, apreciar e conhecer a cidade. Ele enviava seu empregado para comprar algumas roupas e mantimentos e conhecer o lugar para que depois ele lhe contasse tudo. Já Passepartout fazia questão de conhecer os locais das paradas e ficava bastante decepcionado quando não tinha tempo de fazer isso. Enquanto Passepartout fazia as compras, aproveitava ao máximo para observar os moradores da região, seus hábitos e costumes. Com essa atitude, demonstra a presença de uma lógica cultural, intelectual e econômica das viagens e a sua influência no sujeito.

Alguns acontecimentos chegaram a comprometer um pouco a viagem de Fogg, mas para cumprir o tempo estipulado na aposta fazia de tudo, sem se preocupar com o valor gasto para comprar ou incentivar aqueles que o levariam até a próxima etapa de sua viagem. Depois de muitas turbulências, Fogg e Passepartout conseguiram chegar a tempo, antes dos 80 dias, mas eles não se



tenham dado conta disso.

Assim, além da aposta, Fogg ganhou diversas coisas. Ele conheceu novas pessoas, fez novos amigos e ainda conheceu sua futura esposa. Poder-se-ia questionar se teria valido a pena para Fogg tanto sacrifício para dar a volta ao mundo em 80 dias. A resposta é, certamente, positiva, pois o que levou Fogg a aceitar tamanho desafio foi exatamente a aventura, a vontade de superar tudo e todos para que seu objetivo fosse alcançado.

### **As aventuras de Tibicuera**

Na obra de Érico Veríssimo, *Tibicuera*, o personagem principal e narrador da história, relata suas viagens e aventuras que começam em uma taba tupinambá antes de 1500 e terminam em um arranha-céu de Copacabana em 1937. Aqui se evidencia o papel da Espacialidade/Temporalidade, o deslocamento no espaço e no tempo no processo da viagem e sua influência em si mesmo e no ser viajante.

Certo dia o Pagé de sua tribo lhe disse que o maior bem da vida é a Mocidade e lhe ensinou que um espírito alegre vence o tempo e a morte. O Pagé lhe disse: “O filho é a continuação do pai. E teu filho terá outro filho e teu neto também terá descendentes e o teu bisneto será bisavô dum homem que continuará o espírito de Tibicuera e que, portanto ainda será Tibicuera” (VERÍSSIMO, 1947, p. 34). Sendo assim, da primeira a última página, a narrativa é contada pelo mesmo Tibicuera do início, uma vez que, todas as emoções, sentimentos e aventuras vividas foram passadas de geração em geração, a fim de preservar sua história. Desse modo os descendentes de Tibicuera sentem como se fossem o próprio Tibicuera, o único. Ao longo do romance se evidencia que as suas aventuras se confundem com a história do Brasil já que as guerras e batalhas em que ele se envolve são as guerras e batalhas ocorridas no Brasil desde a sua descoberta. A motivação de Tibicuera, de sempre estar envolvido nas guerras, é seu sangue e espírito guerreiro e aventureiro dos indígenas. Ele sempre jura que cada batalha em que correu perigo será a última, mas logo que fica sabendo de alguma revolução ou quando estão precisando de voluntários ele se envolve.

As aventuras e viagens realizadas por Tibicuera pelo Brasil, vivenciando fatos importantes que marcam a história do País faz com que ele em cada nova

batalha se lembre de amigos conquistados e seus ideais. A cada nova aventura ele se sente menos índio e mais branco, mas no fundo ele ainda conserva sua vontade de guerrear e de enfrentar inimigos. Na maioria das vezes ele se envolvia com as guerras e revoluções não pela questão que a motivava, mas sim pelo simples prazer de ‘guerrear’, de lutar como um selvagem, como seu povo indígena. Isso fica claro com esta sua afirmação: “[...] eu ainda sentia o cheiro da aventura e, para mim, quem dizia aventura dizia guerra” (VERÍSSIMO, 1947, p. 107).

Depois de enfrentar tantas aventuras, Tibicuera resolve não se envolver mais em batalhas, até porque o período final de sua narrativa coincide com um período mais tranqüilo na história do país e não existiam mais grandes batalhas para ele participar e em seu apartamento em Copacabana ele reflete: “A verdade é que os tempos românticos tinham acabado. Não havia mais lugar para aquelas aventuras malucas do passado. Os corsários já não ousavam desembarcar nas nossas costas. Não havia questões sérias de limite. Os homens civilizavam-se” (p. 168).

### **Algumas considerações**

O itinerário traçado neste texto, com os estudos dos registros históricos sobre a relevância das viagens teve, como objetivo investigar, estudar e identificar tanto as experiências de aprendizagem, da formação e da educação pelas viagens, quanto aspectos das viagens.

Ressalto, por meio dos registros históricos, um longo elenco de evidências da relevância das viagens e das suas contribuições à transformação de si. Assim, considero que as viagens são elementos muito importantes na formação e transformação dos sujeitos. Aqueles que recebem os viajantes e os turistas – guias, recepcionistas, habitantes locais, dentre outros – também se transformam de alguma forma, pois eles precisam compreender e muitas vezes se adaptar aos gostos, vontades e necessidades dos viajantes. A recíproca é igualmente verdadeira.

Dessa forma, seguindo os passos dos autores e personagens, destaco neste texto o papel do elemento motivador e (trans)formador das viagens que deve ser compreendido pelos sujeitos envolvidos nas atividades pessoais e profissionais no campo das viagens e do turismo.

### **Disquisição na insônia**

Que é loucura; ser cavaleiro andante  
Ou seguí-lo como escudeiro?  
De nós dois, quem o louco verdadeiro?  
O que, acordado, sonha doidamente?  
O que, mesmo vendado,  
Vê o real e segue o sonho  
De um doido pelas bruxas embruxado?  
Eis-me, talvez, o único maluco,  
E me sabendo tal, sem grão de siso,  
Sou - que doideira - um louco de juízo.

*(Carlos Drummond de Andrade, 2002)*



## APÊNDICE C 3

### Viajante – Turista – Turismo

- *We must be the first tourists since the war.*  
 - *Tunner, We're not tourists. We're travelers.*  
*A tourist thinks about going home*  
*the moment they arrive, Tunner - said Port.*  
*Whereas a traveler might not come back at all.*  
 - *You mean, I'm a tourist?*  
 - *Yes, Tunner... And I'm half and half.*<sup>110</sup>

(*Paul Bowles, The Sheltering Sky, 1998*)

Neste texto, especificamente, as palavras-chave preponderantes são o turismo e o turista. Questiona-se, então, se na construção desse itinerário evidencia-se uma relação dialética entre o viajante e o turismo. Além disso, procura-se identificar que efetiva relação existe entre ambos.

A intenção neste texto é: ressaltar, particularmente, os aspectos históricos fundamentais do surgimento das palavras turista e turismo, de algumas de suas representações e da contradição que emergiu ao longo do tempo entre esses termos e a viagem e o viajante; e refletir ao longo do texto sobre a relevância e os significados das viagens e a transformação do sentido do turismo e do turista.

#### Turismo – turista

A palavra *touriste* surge na língua francesa em 1803, origina-se do vocábulo inglês *tourist* de 1780 e de *tour*. Na língua francesa, *touriste* significa a pessoa que se desloca, que **viaja para o seu prazer**.<sup>111</sup> Na língua portuguesa, é descrito como o indivíduo que faz turismo. É um vocábulo que no seu uso informal e jocoso significa aquele cuja presença é imprevisível e inconstante.<sup>112</sup>

<sup>110</sup> Devemos ser os primeiros turistas desde a guerra. - Tunner, não somos turistas. Somos viajantes. Um turista pensa sobre a volta para casa no momento em que chegam, Tunner – disse Port. Enquanto que um viajante pode não voltar definitivamente. - Você quer dizer que eu sou um turista? - Sim, Tunner... E eu sou metade e metade (Paul Bowles, *O céu protetor*). (NT)

<sup>111</sup> DICIONÁRIO Le nouveau Petit Robert de la langue française [CD-Rom]. France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

<sup>112</sup> DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <

A palavra *tourisme* surge na língua francesa em 1841 e tem sua origem etimológica nas palavras inglesas *tourism* criada em 1811 e *tour* surgida em 1643. Na língua francesa descreve-se o turismo como o fato de viajar, de **percorrer para seu prazer** um lugar diferente daquele da sua residência habitual. É considerado igualmente como o conjunto das atividades ligadas ao deslocamento de turistas e à estada de estrangeiros, à entrada de divisas.<sup>113</sup> Na língua portuguesa, significa a ação ou efeito de viajar, basicamente com fins de entretenimento e eventualmente com outras finalidades. É considerado, também, como a atividade de ciceronear e dirigir grupos de turistas, com sugestão e venda de itinerários de excursão e provisão de informações pertinentes e acomodações para os que viajam. Além disso, o turismo é o conjunto de serviços, públicos e privados, decorrentes da atividade turística, e voltados para sua promoção e organização. É, igualmente, o conjunto de atividades econômicas associadas a essa atividade e dependentes dos turistas.<sup>114</sup>

É interessante ressaltar que a palavra turista é anterior à palavra turismo, “atestando a preexistência do sujeito em face do fenômeno”. (BARBOSA, 2002, p. 68). Como visto acima, e é ressaltado por esse autor, se verifica que a palavra *tourisme* tem seu significado ligado à viagem com prazer na língua francesa. Esse autor verificou igualmente que nos dicionários em língua inglesa e no dicionário Aurélio da língua portuguesa é feita esta ligação. No entanto, observa que “a palavra turismo acabou recebendo uma variedade de influências na sua definição, seja por órgãos governamentais, de cunho mais técnico ou no âmbito acadêmico”. (p. 69)

É justamente a partir da evolução histórica do significado das palavras turista e turismo que se pode depreender as alterações ocorridas: no entendimento do significado das viagens; nas transformações das representações sobre o turismo e o turista passando alternadamente de uma imagem positiva a outra negativa; nas mudanças nas viagens e na atividade turística em si.

Barbosa (2002, p. 74) nas suas reflexões, evidencia e analisa as duas categorias que vêm sendo igualmente salientados neste estudo: o viajante e o

---

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=turista&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

<sup>113</sup> DICIONÁRIO Le nouveau Petit Robert de la langue française [CD-Rom]. France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

<sup>114</sup> DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <  
<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=turismo&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

turista. Esse autor apresenta uma classificação do viajante da qual se avizinham consideravelmente as reflexões que vêm sendo elaboradas ao longo dessa pesquisa. Para esse autor, o viajante é

aquela pessoa que consome equipamentos turísticos, transportes – aviões, trens, navios, carros – e hotéis ou restaurantes, porém faz seu próprio itinerário, preocupando-se em interagir com os lugares visitados, com a cultura local. Informa-se antecipadamente sobre os destinos, às vezes, tem senso crítico e é seu próprio guia, isto é, um grande desbravador. (p. 74)

A partir dos elementos contidos nessa classificação, esse autor ressalta que o sujeito-viajante enfrenta atualmente “mais dificuldades nas viagens e corre mais riscos” quando comparado ao sujeito-turista “que compra tudo pronto” (p. 74). É aqui que nasce uma distinção entre essas duas categorias e que se inicia a externar a representação negativa atual do turista. Assim, esse autor destaca que o turista

é um consumidor que busca sempre o conforto, é acomodado; quanto menos sacrifício em uma viagem melhor. Adepto da lei do 'menor esforço', não quer correr riscos. Normalmente é o grande consumidor de pacotes de viagem que incluem: *transfers* [...], passeios e, às vezes, refeições. Além de tudo isso, o mais importante para o turista é um personagem muito especial, o guia, que desempenha o papel de uma verdadeira 'mãe', uma superprotetora, que cria um total elo de dependência. (p. 74-75)

A partir das características desta classificação, esse pesquisador enfatiza que “essa 'maternidade' no turismo é parte da experiência paga oferecida no turismo” (p. 75). São algumas dessas características atuais do turismo e do turista que incitam à reflexão sobre as diferenças que foram construídas / elaboradas ao longo do tempo entre o viajante e o turista e, sobretudo, do papel preponderante que uma educação para as viagens e o turismo possui na (trans)formação dos sujeitos – viajantes e profissionais das viagens e do turismo por meio da alteração das representações construídas sobre o viajante e o turista.

Tudo começou com Thomas Cook, “o pioneiro nessa modalidade de viagem”. Na visão de Barbosa (2002, p. 75) “o *turista* enquadra-se em uma sociedade de consumo semelhante a outras áreas do entretenimento [...]”. Por esse motivo, toda a sociedade é bombardeada “por um marketing apelativo que vai moldando uma sociedade do espetáculo, usando diversos artifícios para seduzir o *turista*: a sensualidade, o *status* ou o descanso das viagens de férias”. É nesse

sentido que esse autor considera que “o *turista* prefere o 'embrulho' que contem toda uma simulação, a emoção e a possibilidade de viajar sem se preocupar com o que está ao seu redor”. Desse modo, para esse pesquisador do turismo, o turista “acaba ficando em uma bolha ambulante”. No entanto, ressalta que esta realidade é construída pela própria sociedade de consumo, da qual ele é vítima, pois “mais que uma 'indústria do turismo', encontra-se inserido em uma 'indústria cultural’”.

Aprofundando essa questão na busca de uma compreensão maior da relação entre viajante e turista, o antropólogo francês Jean-Didier Urbain (1991) faz uma crítica ampla e profunda das representações sobre o viajante e o turista e o aparente antagonismo entre elas, no livro *L'Idiot du Voyage*<sup>115</sup>. Esse antropólogo sai em busca de descobrir o “mau viajante” e, por meio do questionamento de ser *tourist or not tourist*, constrói um itinerário histórico identificando a elaboração do menosprezo à figura do turista, expondo, a partir da própria evolução das palavras, como visto anteriormente, esta evolução. Na sua visão “a linguagem cotidiana é um espaço de difusão imediato do estereótipo. Existe todo um vocabulário, até mesmo na forma de uma piada que se conta, toda uma literatura oral que atesta e propaga a imagem do mau viajante” (p. 9-26). Considerado como parte de um “rebanho”, ressalta esse autor que se encontram “traços desta degenerescência animal do turista desde o fim dos anos 1850” (p. 27). Pior ainda, já no início do século XX, a imagem desse sujeito evolui daquela de um “animal turístico” para a de um “turista-mercadoria”.

O turista não pertence à família do viajante. É um bastardo. Ele forma uma 'raça' a parte ou pelo menos uma espécie inferior. O preconceito o afirma, fazendo dele um animal. Cordeiro aqui, vaca alí, estas 'metamorfozes' do turista ilustram esta opinião – e certos 'puristas' relembram imediatamente que se Stendhal se diz turista, é por anglomania. Para Stendhal, 'turista' significa *ainda* viajante. (p. 37-38).

Outros exemplos são citados que evidenciam a construção de uma representação negativa do sujeito-turista até nossos dias. Inclusive a de, por ser um sujeito coletivo, não ter alma. Por todos os motivos salientados, esse antropólogo ressalta que “não é a presença do turista que se banaliza”, mas na verdade “é a sua caricatura que o desumaniza”, pois “o espírito da viagem não passa pelo turista” em virtude da sua animalização, pelo fato de ser considerado parte de uma “massa em

---

<sup>115</sup> O Idiota da Viagem. (NT)



movimento cujo itinerário está estabelecido por um contrato de transporte que regula a ronda impessoal de uma circulação cega” (URBAIN, 1991, p. 41)

Na análise desse pesquisador, a “depreciação secular do turista” seria “a vertente evidente de um tráfico mais odioso”, pois as caricaturas expostas, “não exprimem somente a raiva de uma elite”, ela classifica o “homem em férias” na categoria de “*produto*” (p. 41).

Pode ser que essas imagens tenham, de certa maneira, lançado as bases ideológicas de um comércio hoje efetivo: após a 'mercantilização' turística da viagem, a '*mercantilização*' do turista em si! Pois o turista está presente de agora em diante nas grandes transações internacionais, não somente como cliente, mas como moeda de troca. Integrado à economia de mercado, eis que se tornou um *objeto* de negócio, um tipo de 'matéria prima'. (p. 41-42)

Na sua visão esta é mais uma “outra forma de menosprezo”, pois “ela surge menos do desdém do que da manipulação, com esse outro conceito do *turista-mercadoria*”. Existe aqui uma “'coisificação' de um homem que não circula mais, mas que se transporta e se troca” (p. 42). Dessa forma, esse autor corroborando as idéias de Boyer (1982, p. 12), considera que a partir do momento que se inicia a utilização da expressão indústria turística, o conceito de “matéria-prima” foi aplicado a realidades que não são as mesmas. Nesse sentido, ressalta que “não é o turista que preocupa os países que abrem hoje suas fronteiras”, mas “a obtenção de divisas que garante sua *importação*”. Considera, ainda, que “o turismo não é pensado em termos de relações humanas ou de contatos culturais, mas em termos de operação econômica e de balança comercial”. É por esse motivo que o turismo “é explorado, canalizado e por vezes mesmo desvinculado totalmente da realidade local”. Mas essa “mercantilização está em curso há muito tempo e atinge todos os setores da realidade: os sítios, os artesanatos, os autóctones e os turistas”. Nesse processo, enfatiza que tudo acontece: “falsifica-se, vende-se”, “trapassea-se, adultera-se”. Assim

o turista é mistificado. Mente-se a esse que é considerado um ser crédulo detentor de economias que deve gastar – embriaguez, cerâmicas e arqueologias 'garantidas'. Tanto no nível local quanto internacional, o turista está presente para transmutar sua presença em dinheiro”. (URBAIN, 1991, p. 44)

Mas é também necessário refletir sobre o papel do autóctone nesse processo. Na sua visão o habitante local, “tomado por sua vez pelo comércio, não

escapa à lógica coisificante da 'mercantilização'. Na sua reflexão, considera que o autóctone não tem como fazer de outra forma, pois está inserido, ele também, completamente, nesse contexto. Por esse motivo, esse antropólogo evidencia que não se deve “imputar sistematicamente ao turista o brado do folclore indígena – operação super valorizada pelos industriais do turismo e dos poderes locais”. Na sua análise, “na dialética da oferta e da demanda, o turista não ocupa certamente a posição decisiva que lhe é atribuída geralmente”. Considera, assim, que “a conversão das culturas em produtos turísticos se faz em um outro nível”. Desse modo, considera igualmente que “não mais do que o turista, que não é o verdadeiro responsável pelos danos da indústria turística, o autóctone, em muitos casos, não é senhor de sua imagem e de sua atitude”, visto que “está representando e deve ser o que dizem dele os dirigentes e os catálogos” (URBAIN, 1991, p. 44). São, assim, representações construídas, falseadas!

Em virtude dessas características evidenciadas, dentre outras, esse antropólogo considera que “não importa de que forma seja, viajante destronado no olhar do mito ou viajante utilitário no olhar da economia, parece que o turista, caricatura ou moeda de troca, continua um personagem desconhecido, ou mais exatamente, ignorado”. Na sua percepção, “esta ignorância do *homem turístico* pela economia é uma outra forma de desprezo, que percebe essencialmente o viajante como uma soma de dinheiro deslocando-se no espaço” (p. 47). É por esse motivo, que “esse sujeito não tem alma”, pois “ele tem somente dinheiro para gastar, um poder de compra para ser exaurido”. Nesse sentido, chama a atenção para que não haja um engano nisso, pois considera que “a valorização atual do turismo não implica em um reconhecimento real do turista”. O que existe é somente o resultado “da descoberta tardia de seu interesse financeiro”. No entanto, mesmo havendo esse interesse financeiro, “o menosprezo anti-turístico permanece”. Considera que ele é mesmo anterior e que pode estar ancorado no menosprezo ao turista, na subestimação cultural do turismo, desde suas origens, profundamente enraizado nas mentalidades e que por esta razão pode ter determinado em seguida sua subestimação econômica. (p. 47-48)

Na sua análise, verifica que nas narrativas de viagem, emerge a figura do anti-herói, em que são numerosos os “primeiros sinais de menosprezo” que “atestam um estado de espírito”, mas que “não os explicam ainda”. Para isso, considera necessário remontar “até o mito moderno da viagem para compreender o triunfo

desse descrédito e explorar esse espaço de legendas em que a ideologia 'transforma continuamente os produtos da história em tipos essenciais'" (BARTHES, 1970, p. 243 apud URBAIN, 1991, p. 49). Esses tipos são, na visão de Urbain (1991, p. 49), bons e maus, belos e feios, puros e impuros – ou, aqui, viajantes e turistas. Nesse sentido, considera que “as narrativas de viagem mencionam o encontro desses personagens, significando nessa ocasião sua irreduzível incompatibilidade”.

Na análise dessas narrativas, esse autor salienta a existência de uma absoluta “oposição entre turista e viajante”, pois “se acontece que o viajante se torne turista, é por pura desatenção: um 'erro de percurso', um desvio muito provisório”. Mas “o turista está em todo lugar”, pois é essa a primeira constatação que as narrativas evidenciam, “não sem amargor, repercutindo um sentimento de intrusão” (p. 52-53). O que o viajante censura no turista é a introdução “de relações comerciais no interior das viagens”, é a perversão “das tradições” e o favorecimento da “luxúria, fazendo, por exemplo, danças rituais das 'exibições indecentes'”. (p. 54). Segundo esse antropólogo, “verdadeiramente, aos olhos do viajante, toda atividade turística é uma diversão inquietante que conduz a todos os males: mercantilismo, invasão, destruição do meio ambiente, destruição das culturas e das tradições – pelo vício”. Nas narrativas de viagem, o que esse autor identifica é que o viajante, ao contrário do turista, “não corrompe”. Nesse ponto de vista, considera que “o viajante observa, descobre, respeita, preserva, melhora, salva ou espera salvar o mundo”. Nesse contexto, “eternamente em vanguarda, o viajante está em missão permanente” (p. 55). Esse antropólogo considera igualmente que, “se o viajante atribui ao turista esse lote comum de defeitos, é que ele encontra nisso algum interesse”, pois “fazer do outro sua antítese, é demonstrar *a contrario* a panóplia”<sup>116</sup>

116

Segundo Houaiss (2007, on line), o surgimento desta palavra data de 1852-1853. Na sua acepção militar, significava: na Grécia antiga, armadura completa de hoplita; na Idade Média, armadura completa de cavaleiro europeu (com ou sem as armas do resto do seu equipamento). Por extensão de sentido, significa uma coleção de armas exibida em uma parede ou em um painel com finalidades decorativas e por metonímia, significa tanto uma obra que versa sobre armas antigas quanto uma casa de armas. Por analogia, significa uma coleção ou conjunto de objetos, troféus etc., exibidos com fins ornamentais. Por extensão de sentido, significa, também, tanto um conjunto de objetos ou acessórios que uma pessoa leva sobre si no desempenho de um trabalho, uma atividade, quanto um conjunto de objetos que simboliza ou caracteriza um trabalho ou uma atividade. Além disso, ainda por extensão de sentido, significa um conjunto variado de objetos da mesma natureza. Em sentido figurado, significa tanto um conjunto de coisas de ordem abstrata quanto, no seu uso informal, um conjunto de recursos, modos de agir, expedientes, razões de que uma pessoa dispõe para atingir seus objetivos. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=pan%F3plia&styp=ek> >. Acesso em:

de suas incontestáveis qualidades”, ou seja, “o viajante se considera sempre inaugural e benéfico, ou, pelo menos, útil”. (URBAIN, 1991, p. 56)

Após analisar narrativas de viagem, esse antropólogo considera que esse antagonismo entre turista e viajante pode ser sintetizado em uma só crítica, que subentende todas as outras: “o *viajante critica o turista de banalizar o mundo*”. Assim, ressalta que “pela sua presença, o turista destrói a mística da revelação”. Além disso, “ele dissolve o choque emocional e substitui o deleite da descoberta pela “diversão inquietante” de uma visita muito próxima da profanação”. Ainda mais, “o turista banaliza; e a banalização turística retirará todas as diferenças” que “davam outrora seu sentido às viagens”. (p. 59)

Na sua visão, “o discurso do viajante torna-se um *discurso urgente*”. Esse autor considera que, “não haverá em breve mais [...] espaços propícios à descoberta”. Isto é, para esse antropólogo, uma constatação com uma conotação “satírica ou grave”, pois se o turista passou por algum lugar, vem em seguida “uma onda de lamentação”. Por esse motivo, esse autor considera que nesse processo “acontece um drama mais profundo” que vai “bem além da evidente culpabilização que atinge o turista” (p. 59). O que ocorre, na sua perspectiva, representa o surgimento do *viajante destroçado*, isto é, “o viajante, ameaçado, vive hoje um pesadelo duplo” (p. 61).

Por um lado, ele teme a invasão turística no seu universo; e por outro, a perda de seu *status* heróico. Ele, outrora tão reverenciado, tão ouvido, tão reconhecido, é atualmente confrontado a uma realidade que questiona sua existência. O viajante atravessa uma crise de identidade da qual ele poderia ressurgir despojado de sua essencial diferença (p. 61).

A partir dessa constatação, esse antropólogo levanta a questão sobre a possibilidade ou não da existência do viajante e interroga se, na realidade, não é ele na verdade uma figura ilusória de um outro tempo, um mito vivo ainda encarnado por algumas celebridades midiáticas que criam essa ilusão. Assim, evidencia que “aos olhos de seus defensores, essa evolução é, de fato, uma espoliação. *Estão roubando a viagem do viajante!*” Na compreensão desse autor, aí está também o ponto nevrálgico do “menosprezo anti-turístico do viajante”, pois “*esse herói frágil defende um território*”. Isso ocorre em virtude da democratização da viagem, o que é para o viajante “odioso”, pois além de vulgarizar o mundo (“de agora em diante

conhecido ou conhecível pelo maior número), a democratização das viagens faz do mundo uma “liquidação profana” (URBAIN, 1991, p. 61-63).

Na opinião desse antropólogo “esta visão contemporânea do turismo tem uma função evidente: ela perpetua a discriminação entre turista e viajante”. Além disso, considera que “não somente ela confirma esse *apartheid*, mas o normatiza, inocentando ao mesmo tempo a deploração de uma elite despossuída de seu monopólio pelo progresso social e pelo 'direito à viagem” (p. 66). Acrescenta ainda que:

aderindo finalmente aos princípios sectários herdados de uma aristocracia da viagem e retomando para si o desejo de diferença do viajante, essa visão racionaliza um preconceito e desenvolve uma verdadeira *teoria do mau viajante*. (p. 66)

Por esse motivo, esse antropólogo considera que a partir da concordância com essa constatação resulta “uma tomada de posição imutável: ver somente no turismo a degradação mercantil de um modelo, o declínio mercantil do mito”. Por esse motivo, considera que se está bem longe do fim da figura do viajante, “como arquétipo ou como lenda...”. Para esse autor “a imagem mítica do viajante, o sonho se mantém, fiel a sua referência. No entanto, trata-se somente de uma imagem, de figuras ou peripécias idealizadas – uma ilusão”. Nos seus estudos, verifica que somente “muito mais tarde começou-se a sonhar a viagem e a criar, erradamente, tais ilusões sobre os viajantes antigos”. Constata, assim, que “essa ilusão retrospectiva foi suficiente para fundar a mitologia moderna da viagem, de onde se origina em seguida a *crença em sua imemorável tradição*”. (p. 66)

Como visto no Apêndice C 2, o *Grand Tour*, termo surgido em 1670, era uma viagem da elite animada pela vontade de conhecer melhor o mundo: os lugares, os povos a fim de desenvolver sua personalidade, considerado como uma pedagogia do Humanismo, uma incitação a refletir sobre o imaginário. Nessa viagem, se descobre a sociedade, a ciência e o mundo chegando-se à construção social de um espaço intelectual. As expectativas sociais desse tipo de viagem eram a formação cultural de um meio pela descoberta das artes, de sua herança magnificada e, por aquelas dos usos e costumes. Além disso, como uma exigência de *status* cultural e social, aglutinava necessidades educativas e políticas diversas: ela contribuía para a formação do homem de Estado, do homem do mundo, do homem sensível.

Mas, em 1841, Thomas Cook, um jovem de trinta e dois anos, em um dia quente de verão, durante uma caminhada de quinze milhas, para participar de um evento em Leicester, teve a idéia de fretar um trem para os participantes no evento regional seguinte. Naquela época as tarifas ferroviárias eram muito altas, fora do alcance da classe operária. Assim, persuadiu a companhia ferroviária a oferecer tarifas reduzidas em troca da garantia de um substancial número de passageiros. O evento foi um sucesso com a adesão de 570 pessoas. A partir de então, Cook continuou organizando diversos outros tipos de excursões e viagens. Em 1846, acreditava que a viagem – com um objetivo específico ou simplesmente por prazer – promovia uma abertura da mente, encorajava a sede por conhecimento, no processo de quebrar barreiras de classe e nacionalidade, promovia a benevolência e a tolerância cristãs, além de argumentar sobre os benefícios positivos do ar fresco e da recreação. Mas Cook foi além disso, argumentando que todos, tanto os ricos quanto os pobres, tinham o direito de viajar. Esse idealizador de viagens era o único na argumentação dos benefícios positivos da viagem para a classe operária, pois compreendia as aspirações de seus clientes e os respeitava como indivíduos. Particularmente reconhecia que seus clientes eram tão curiosos sobre outras partes do mundo quanto aqueles que estavam em posição superior na hierarquia social e estavam ávidos por viajar tendo a oportunidade para tal. Essa empatia com seus clientes – e o hábito de viajar junto com eles escutando suas opiniões – provaria o seu sucesso, mesmo quando expandiu seus negócios para além dos limites das excursões para a classe trabalhadora. (WITHEY,1997, p.135-137)

Nesse contexto, Urbain (1991), salienta que quando Thomas Cook, desenvolve suas atividades, ele somente inicia “o fim de um privilégio” (p. 67). Por esse motivo, é considerado pela sociedade tradicional da época um iconoclasta. O que surge é uma grande dúvida: “o que vai acontecer com o não descoberto, o desconhecido ou com o incomensurável diante de uma infra-estrutura de circulação e de acolhimento em perpétua expansão” (p. 67). Na sua análise, o que ocorre é a percepção de que “mais do que seu privilégio, é o espaço necessário a expressão da sua diferença que o viajante vê reduzir-se”. Por esse motivo, “desde então, o desaparecimento do espaço da viagem é pensado como sempre iminente e o viajante dentro em breve como impossível”. (p. 67)

Na evolução das viagens, esse pesquisador constata que “o viajante sabe que não há mais fins de mundo. Eles já foram todos atingidos, balizados,

fotografados e contados”. Mas, ressalta igualmente que é “somente a maneira de atingí-los que pode restaurar a diferença – sacrificando contudo o 'sabor do exotismo' pela performance atlética ou técnica, o que converte ao mesmo tempo a viagem em exploração”. (URBAIN, 1991, p. 70). Nesse processo, considera, igualmente, que “se a Viagem parece um mito inatacável, o Viajante está ao contrário fortemente ameaçado socialmente” (p. 72). Isso, por que

Desde o fim do século XIX, se sente inquieto com o progresso dos transportes – e está reduzido hoje em dia a adotar comportamentos defensivos para salvaguardar sua distinção. A vida cotidiana tornou-se muito dura para esse homem lendário, sempre engrandecido pelo sonho coletivo, mas que a realidade atual das viagens e do turismo contesta sem cessar o crescimento da sua diferença. (p. 72)

Nesse sentido, esse autor ressalta que “se há um discurso que defende o viajante, existe um outro que coloca em dúvida a sua singularidade: o *discurso publicitário*” (p. 72). Considera que, “certamente há publicidades que são direcionadas aos turistas sem negar que a viagem turística é sempre de segunda importância em relação à viagem” (p. 72). Por esse motivo, essas publicidades “não escondem então que essa viagem não é a viagem, mas, no melhor dos casos, um tipo de *repetição do modelo*, sem perigos nem imprevistos” (p. 72).

Na sua visão parece que nenhum lugar do espaço pode “hoje em dia escapar do desenvolvimento dos meios de comunicação, e que nada da viagem parece poder ficar de fora continuamente do império do turismo” (p. 74). Salienta esse autor que, nesse sentido, “a publicidade turística, simulando chamar a atenção para lugares desconhecidos como faziam outrora as narrativas de viagem, usa argumentos que eram característicos do discurso do viajante”. (p. 74)

Dessa forma, “na dinâmica de um desenvolvimento sempre mais diversificado das viagens de lazer, a concorrência entre o viajante e o turista aparece em muitas considerações como uma corrida-perseguição” (p. 79). Mas essa situação, salienta esse autor, “não configura em nada a abolição da antítese. A oposição continua e o menosprezo anti-turístico também, enriquecido dessa vez por discriminações 'justificadas' por teorias” (p. 79). Isso porque “esse menosprezo dispõe não somente de um vocabulário, de imagens, de narrativas, de heróis, mas ainda de teóricos que o racionalizam, transformando as idéias recebidas em teoremas” (URBAIN, 1991, p. 79). Esse antropólogo considera que “historiadores e sociólogos são, antes de tudo, moralistas, consolidando o estereótipo – o que depois

de tudo poderia ser negligenciável se os seus discursos não tivessem tido alguma influência” (p. 80). Por esse motivo, esse pesquisador salienta a existência de “um preconceito desfavorável em relação ao turismo que assombra as ciências sociais” (p. 80). Considera, assim, que “a relação estabelecida no fim dos anos trinta entre o notável da classe do lazer e das férias pagas foi qualificado de 'preconceito velado'“. Por esse motivo, ressalta que “esse menosprezo foi substituído pela antiga relação, de natureza semelhante, entre veranista hereditário (ou aristocrata) e trabalhador”. Acrescenta que ainda há “esse tipo de preconceito entre viajante e turista” e que é persistentemente dito nas narrativas de viagem.

Nesse sentido, esse autor considera que “diante de sua própria cultura, o viajante está manifestamente na defensiva. Fugindo do turista ou de todo tipo de vida social propícia a sua aparição [...] ele se fecha em um preconceito velado” (p. 80). Na sua visão e de acordo com J. Viard (1984, p. 86) “as férias de massa incomodam uma ordem, um estado da arte e os pensamentos”. Por esse motivo, considera que “o turista está no centro desse incômodo”. Assim, a partir desta constatação, salienta que “o moralista se debruça sobre essa desordem, designa o epicentro como sendo a pessoa do veranista viajante e submerge rapidamente o turista com uma maré de observações críticas”. Desse modo, esse autor verifica que algumas acusações se destacam, caindo “com todo o seu peso 'científico' sobre o culpado da desordem”. (URBAIN, 1991, p. 80)

Nesse contexto, segundo Urbain (1991, p. 80-81), é que se verifica que “ou se define negativamente o turista *a partir do que deveria ser e não é* [...] ou se define o turista, não menos negativamente, em relação ao grande ancestral: o viajante, assim *a partir do que ele teria sido e que não é mais*”. Na sua análise, esse antropólogo ressalta que “entre a esperança de um e o pesar do outro, vê-se bem como essas definições 'objetivas' do turista prolongam um discurso de desvalorização já identificado anteriormente”. Na sua interpretação, “existe aqui, atestando a amplitude do preconceito, um consenso que resulta em uma *antropologia negativa* do veranista viajante”. Esse antropólogo constata, assim, que “o turista é julgado e a decepção é universal”. Nesse sentido, evidencia que “o menosprezo, variável na sua intensidade, está onipresente”. Esse menosprezo, como já visto anteriormente, vai “da ironia à raiva, com, entre essas atitudes extremas, uma gama de influências variadas: indiferença, zombaria, cólera, etc”. Além disso, sob os olhares cruzados do sociólogo e do historiador, “esse



menosprezo torna-se a base de um pensamento normativo – visão melancólica do turismo e da viagem assombrada por um conceito teórico: aquele do *bom turista*, contraponto do sonho do *mau viajante*". (URBAIN, 1991, p. 81)

Na sua visão, o turista foi prognosticado e lamentado, mais sonhado do que observado. Por esse motivo, considera que o problema está em "entender as raízes desse pessimismo geral, que conduz à superação do turista atual – como se o viajante fosse somente um erro lastimável da história do lazer". Na sua análise alguns consideram "o turista como um resíduo histórico emergido de uma irreversível degradação do viajante", outros, ao contrário, "como um intruso necessariamente aperfeiçoável em vista de sua atual mediocridade". (p. 81)

Segundo esse pesquisador, as primícias indiretas do discurso anti-turístico são encontradas desde o fim do século XIX. Propõe, então, que "talvez tenha chegado agora a hora de mudar esse discurso", "de denunciar a veleidade de toda essa literatura que *fabricou* e difundiu o estereótipo do Idiota da Viagem". (p. 83)

Nesse sentido, há múltiplos fatores necessários para essa transformação. Dentre eles, por meio da educação e formação dos sujeitos, de uma forma geral, e dos profissionais, especificamente, no campo das viagens e do turismo, esta realidade poderia ser (trans)formada, alterada. Considero que isso poderia ser possível, então, mediante o desenvolvimento de uma Pedagogia das Viagens, do Turismo e do Acolhimento.

Para Urbain (1991, p. 85) "o turista não é irrepreensível em matéria de viagem", mas interroga "quem pode pretender sê-lo nesse campo". Salienta que "repreende-se o turista pela sua ingenuidade, sua credulidade, sua imperícia, sua visão superficial das coisas, sua indiscrição, sua invasão, seu espírito gregário". No entanto, salienta que "a história das viagens nos ensinam – tanto no campo da observação física quanto no campo dos contatos humanos – que ela é feita de visões superficiais, de ingenuidades, de credulidades, de imperícias, de invasões e de indiscrições mais ou menos corrigidas".

Por esse motivo, esse antropólogo considera que "o tempo dos moralistas está ultrapassado" (p. 86). Esse antropólogo questiona quem são esses que tanto menosprezam o turista e criticam o seu olhar. Interroga, ainda, se eles são detentores da verdade da viagem. Para esse autor, "entre turista e viajante, a diferença não é de natureza, ela é de grau. Pois independente do que dizem as

elites de ontem e de hoje, eles são parentes”. Na reflexão desse antropólogo,

o turista não é um 'xenômano'<sup>117</sup> com olhar baixo ou um nômade com pés chatos. Ele é também um viajante que não caracteriza somente a massificação das viagens. O turista multiplicou os olhares sobre o mundo no contexto de uma mobilidade de lazer muito mais variada que outrora. (URBAIN, 1991, p. 86)

Salienta, ainda, esse pesquisador, criticando os moralistas, que “como se não tivessem ligação com a realidade turística contemporânea, é necessário salientar que os denunciadores, em nome da inquisição anti-turística, consideram-se fora do sistema”. Dessa forma, os critica ressaltando que “esses moralistas têm do turismo uma imagem muito petrificada. Por isso, como aqueles que condenam, eles têm por sua vez uma visão superficial das coisas”. Enfatiza que, “suas ladainhas reproduzem eternamente o estereótipo – e nada mais”. (p. 86)

Portanto, esse autor considera que “todos, engajados doravante em graus diversos na etnografia planetária de nossa modernidade, viajante e turista inscrevem-se em um vasto movimento de observação e reconhecimento” (p. 89). São assim levados “por um mesmo fluxo que irriga e reconstrói sem cessar nossa visão do mundo”. Para esse antropólogo francês, “o turismo não é a massificação degradante da viagem. Ele é de preferência a *generalização de um modo de conhecimento*”. (p. 89)

É nesse sentido, que esse antropólogo evidencia o surgimento do “outro do turista”, pois “dizer aos turistas que não pertencem daqui por diante a uma única e mesma caravana, viajante e veranistas misturados, não muda nada”, visto que “um irreprimível sentimento de inferioridade persiste neles” (p. 90). Ressalta, assim, o surgimento de “uma última forma de menosprezo: o *menosprezo paradoxal* – aquele que o turista tem de si mesmo”, pois “o turista não é somente guiado, como o viajante, por um desejo de diferença. Ele também é corroído pelo medo do ridículo” (p. 90). Na sua visão, “esse menosprezo paradoxal é tão forte que é dito não somente em situação, mas em casa, bem longe dos períodos de férias. Ele está nos espíritos, persistente, totalmente interiorizado” (URBAIN, 1991, p. 91). Além disso, evidencia que “esse menosprezo é ainda mais vivo quando o turista encontra-se defrontado com um viajante que se assemelha a ele, que seja somente pela língua.

---

<sup>117</sup> Que ou quem apresenta amor intenso por estrangeiros em geral, ou por tudo que é importado de países estrangeiros; xenófilo; que ou aquele que demonstra paixão por viagens ao estrangeiro. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=xen%F4man%EDaco&stipe=k>>. Acesso em: 28 set. 2007.

Quanto mais o turista se vê refletido no outro, mais ele o detesta”. É nesse sentido que o turista por não sentir-se bem consigo mesmo, duvida dele mesmo, adotando por vezes uma atitude tão extrema de desconfiança dele mesmo como aquele que tem habitualmente dos seus semelhantes” (p. 91). Esse autor considera que “o menosprezo paradoxal mais corrente consiste geralmente em retomar ponto por ponto os argumentos anti-turísticos do viajante”. Nesse sentido, ressalta que “como o fez o viajante, o turista não deixa de sublinhar a incultura do turista”. Além disso, esse antropólogo considera que “o turista vê no turista somente um homem superficial, atraído irresistivelmente pelo bibelô mais do que pelo patrimônio artístico do país visitado”. Mais do que isso, “o turista critica o turista de ser gregário e amorfo, indiferente e pouco disciplinado. É a imagem do rebanho que seguiu o seu caminho até a boca do turista” (p. 91). Por esse motivo, considerando que “o turista é o outro”, é necessário diferenciar-se dele. Desse modo, salienta que “tudo é bom para levar a bom termo essa operação, começando pela escolha dos destinos. É necessário ir onde o turista não vai”. Além disso, é necessário adotar as “práticas de alimentação e de vestimenta locais” (p. 92), o que assinala a diferença.

E depois há a língua: algumas palavras aprendidas colocam, em relação ao idiota que só fala a sua própria língua, no caminho, mesmo embrionário, de uma pequena integração. A recusa do guia [de turismo] pode fazer parte desta operação de distinção. [...] Evidentemente, à recusa do guia pode-se juntar a do circuito ou da excursão [...]. (p. 93)

Essas palavras e atos, esse pesquisador não tem a intenção de julgar, mas considera que “eles testemunham um estado psicológico e histórico em que o *turista parece ter feito seu o menosprezo que o viajante tem por ele*” (p. 93). Na análise desse antropólogo, o turista o interiorizou e por esse motivo, evidencia-se aí a “verdade do turista, de onde decorre sua dificuldade de ser”. Considera ainda que “a esse destroçamento interno do personagem, sociólogos e economistas prestaram pouca atenção, mas outros observadores foram bem sensíveis a isso” (p. 93). Segundo esse autor,

o menosprezo desse 'outro', isto é, *de si*, é um paradoxo que não escapou dos promotores da indústria da viagem. A fim de continuar seu desenvolvimento, essa indústria está pronta para todas as astúcias – começando pela exploração do menosprezo paradoxal: o *discurso de promoção turística que deve ser anti-turística*. (URBAIN, 1991, p. 93)

Esse autor ressalta que “isso é tão verdadeiro que a publicidade turística faz agora desse menosprezo um argumento de sedução, que parte de um princípio bem simples: 'não diga a um turista que ele é um turista: ele não vai gostar e não virá. Ele quer sim viajar, se ele escapar dessa imagem.'”. Salienta, assim, que “o turista seduzido é aquele a quem foi prometido uma forma superior de peregrinação, destacada do estereótipo, arrancada da massa de veranistas, elevado bem acima do 'rebanho turístico' e das *'aves sight-seeing'*”.

Portanto, analisa que “sendo o Outro do turista, o turista em si, é necessário que o turista se sonhe solitário e provocar intencionalmente esse sonho, suscitá-lo, adulá-lo, super-excitá-lo” (p. 94). Assim, o que se evidencia é que “a publicidade tomou ciência desse preconceito que conduz o turista a detestar-se a si próprio” e “sem cessar ela reativa sua pulsão anti-turística”, atijando o “menosprezo paradoxal” (p. 94). No entanto, esse antropólogo ressalta que

Se o viajante é hoje em dia um personagem social frágil, ele é por outro lado, mais do que nunca, um mito inabalável. Onipresente na promoção turística e nas publicidades relativas à viagem (foto, câmera, camping, esporte, carro ou cigarros), ele continua, na figura do homem das florestas, do explorador, do grande repórter ou do aventureiro, talvez do sobrevivente da terceira guerra, o personagem central de uma mitologia: a divindade ilusória da viagem (p. 97).

Esse autor considera que em virtude do triunfo midiático, “a oposição entre turista e viajante não sobreviveu”, é que “ela estrutura as mentalidades, fixa os comportamentos, fundamenta as opiniões e determina entre turistas relações de concorrência”. Explica, ainda, que “subterraneamente, ela continua alimentando os preconceitos e as práticas que a publicidade perpetua, aprofundando a oposição nos seus mínimos detalhes – por meio da prática das lembranças, por exemplo” (p. 97). Assim, como conclusão surpreendente, evidencia que

*o turista aparece hoje como o principal agente de difusão do menosprezo anti-turístico! Longe de contestar a opinião que o deprecia, o turista a avaliza, denunciando no 'outro' suas próprias atitudes. O turista denuncia-se então a si mesmo! Singular auto-delação, que justifica então a necessidade de distinção desse viajante contraditório, e o deslocamento da concorrência, entre turista e viajante, no seio mesmo da população veranista. Mas, mais do que um esnobismo, ou uma rivalidade fraticida, esta contradição é uma forma de esquizofrenia social. Ela conduz efetivamente o turista a não se reconhecer nos seus semelhantes e a reclamar a identidade de um outro... (URBAIN, 1991, p. 97-98)*

Além disso, na sua visão

a atitude anti-turística que habita o turista traduz-se por meio de estratégias coletivas de distinção. O sentimento gregário turístico não é então uma contradição feita pelo desejo de diferença: ela é freqüentemente somente a expressão reforçada, sustentada por uma rede de solidariedades que fazem bloco em relação a todas as 'outras'. (p. 98)

Para esse antropólogo “o turista não é um viajante sem qualidade. Homem com olhar múltiplo, explorador das redes, visitante dos confins e amador dos desertos, a evocação da diversidade de seus espaços e de suas práticas tenta testemunhar isso”. Mas, esse autor salienta que “o menosprezo de si é igualmente uma herança, tão interiorizada por esse viajante que o número crescente de turistas, longe de diluir esse sentimento, o multiplica ao infinito”. Para esse pesquisador, “a vergonha de si perdura”. Acrescenta que, além de perdurar, “ela ressurgiu aumentada pelo progresso das viagens, mergulhada na totalidade do corpo social pela tradicional atitude anti-turística”. (p. 195)

Analisando o turismo contemporâneo, esse autor o compara, guardando as devidas proporções, à invenção da bomba atômica. Esse antropólogo o considera “não somente um fenômeno de civilização, mas uma revolução irreversível que ultrapassa seus inventores e, no fundo, não se sabe o que fazer com ele – senão um comércio, um hipotético vetor da paz”. Considera que “é um progresso com o qual se acomoda finalmente bastante mal” (p. 195). Para esse pesquisador, o turismo internacional

permite vislumbrar a possibilidade de superpor um dia à sedentariedade funcional das sociedades modernas um nomadismo universal que, mais ou menos controlado e multiplicando os contatos interculturais, multiplicaria também, como em uma reação em cadeia, as ocasiões de choques, de disputas, de conflitos, de raivas e de invejas. (p. 196)

Na análise desse antropólogo, “nesse fenômeno complexo” que é o turismo,

se aloja, se imiscui, na multidão ou como indivíduo, um personagem complexado: aqui brincalhão ou envergonhado de estar em grupo, ali preocupado e orgulhoso de estar solitário. Mas isso retorna à mesma coisa. São respostas possíveis à mesma questão: *ser ou não ser turista?* Ao menos que não se trate dessa outra, mais humilhante ainda: *parecer ou não parecer turista?* Assumir-se em seu próprio exotismo ao olhar do Outro (estrangeiro, indígena) e

correlativamente nas semelhanças ao olhar do Mesmo (seus semelhantes, os turistas); ou melhor, por diversos procedimentos, astúcias e estratagemas (disfarce, viagem solitária, destinos longínquos, espaços-tempos da 'baixa estação'), fugir, renegar-se na diferença ou na banalidade, fazendo questão de explorar o mundo incógnito. (URBAIN, 1991, p. 198)

Assim, na sua visão, é o turista contemporâneo, pois “nele se resumem a inteligência e a ingenuidade, as imperícias e as incertezas morais de uma curiosidade coletiva, que é encorajado pela evolução social”. Além disso, no turista “misturam-se ímpetos, dúvidas, escrúpulos e contradições de uma época, inteiramente voltada para uma forma de viagem que, de fato, ela aprova massivamente. Mas nos espíritos não é bem assim”. Na visão desse antropólogo, “no imaginário do turista se interligam projetos e medos, desejos e inibições. Assim é atualmente a sua bagagem psicológica. Preenchida por sonhos, espaços mitológicos, está também preenchida de contradições e de paradoxos que traduzem seus comportamentos e que nos resta evocar: seus gestos e suas palavras, seus itinerários e suas lembranças, suas práticas e seus discursos...”. (p. 198)

Na sua visão, não será jamais possível desvencilhar-se desse antagonismo. Considera que é “inútil esperar um dia o seu desaparecimento. No entanto, sem aprová-lo certamente, pode-se reconciliá-lo não o reduzindo mais a um conflito de classes que teria por único efeito dividir o turista em dois grupos desiguais: o dos turistas vulgares e o dos turistas esclarecidos”. Na sua perspectiva, ambos estariam inseridos em “um dispositivo geral de exploração do mundo” (p. 219). Dessa forma, “esse dispositivo, é o turismo no seu conjunto. Como todo fenômeno de civilização, sua evolução acontece em um processo de complexidade crescente. Isso é verdade nas infra-estruturas turísticas. *Isso é igualmente verdade na psicologia do viajante de lazer*” (p. 219). Assim sendo, esse autor considera que

do ponto de vista antropológico, não se trata então de colocar em dúvida a complexidade psicológica do turista evocando a ingenuidade [...] ou a banalidade dos desejos do 'turista-médio', adepto das viagens organizadas e dos circuitos. Trata-se de sublinhar que essa complexidade advém, que ela desenvolve-se permanentemente, sinalizada pela diversificação incessante das práticas turísticas. (URBAIN, 1991, p. 219-220)

É nessa perspectiva que esse autor considera que “o antagonismo anti-turístico não deve ser mais visto como um conflito social petrificado, uma guerra de trincheiras, mas como uma dialética, fonte de inovações e de progresso” (p. 239).

Desse modo, ressalta que

múltiplo nos seus locais, variado nas suas práticas [...], espalhado no espaço geográfico, social e simbólico em tribos, castas ou mesmo em seitas, integrado ou marginal, iniciático ou experimental, ritualizado ou transgressor, conformista ou paradoxal, o turismo não é uma realidade simples. Diante de seus detratores, o turista deve ser menos defendido e mais reconhecido como um sujeito complexo, causa e efeito de um fenômeno da civilização que não o é menos. (p. 239)

Assim, considera que “sendo a favor ou contra o turismo, é necessário acabar com os esquematismos que somente fixam uma imagem, teorizam um estereótipo e empobrecem o significado de uma evolução social reduzindo-a a um mercado ou a uma invasão”. Na sua visão, é necessário refletir sobre o que efetivamente resta “desse acontecimento considerável suscitado pela viagem, o desejo de descoberta e de encontro”. Dessa forma, “o turismo, no século XX, mais do que a guerra, a colonização ou o comércio de bens, é um formidável acelerador da circulação dos traços culturais. Ele precipita as dialéticas identitárias que conduzem à tomada de consciência de si e do outro” (p. 239). Por esse motivo, considera esse autor que “o desenvolvimento atual do turismo somente pode ser compreendido no olhar da formação em curso de uma sociedade migratória de reconhecimento”. (p. 239)

Na visão desse antropólogo, “o turismo é um teatro bastante complexo. Mas idéias recebidas, sob as formas de clichê e de caricatura, sempre erguidas na frente do cenário, prejudicam a sua compreensão” (p. 241). Na sua percepção, “a publicidade turística é uma grande provedora de imagens desse gênero”, pois “não só propicia um espelho aos preconceitos, como os alimenta e reativa sem cessar sua circulação na opinião”. Por esse motivo, considera que “a publicidade deforma a realidade”, pois “adaptando-se permanentemente às variações de uma demanda, o discurso publicitário é momentaneamente também um lugar de *representações*”. Na sua visão, esse discurso “testemunha assim, ou mesmo anuncia, profundas mutações, que surgem da psicologia coletiva e da evolução das mentalidades” (URBAIN, 1991, p. 41). A partir das reflexões efetuadas por esse antropólogo, é ressaltado que

uma vez reconhecida sua dimensão ritual, parece que de forma um

pouco rápida se concordou em definir: o turismo como um tipo de peregrinação moderna; a mobilidade que ele suscita como uma busca; e então o turista como o homem de um destino ou de vários. Peregrinação, busca e destino(s) tornaram-se, assim, os três conceitos-chave de uma interpretação unânime aprisionando uma vez mais o viajante de lazer em um modelo de comportamento. (p. 242)

O que se vê, na perspectiva desse pesquisador, é que “o imaginário contemporâneo da viagem colocou em circulação um indestrutível fantasma: o viajante. Ele seria o sujeito modelo da viagem. Diversos quadros do modelo circulam, dando inúmeras faces a esse personagem ideal”. No entanto, “nenhum desses quadros obtém unanimidade”. Esse autor considera que “a única unanimidade que pode ser constatada torna-se real em torno de uma certeza negativa: o turista não é o viajante”. Portanto, “ao término desse consenso, parece mesmo que *o turista é a cópia invertida*<sup>118</sup> *do viajante*, de onde surge que o segundo, nas suas universais qualidades, é finalmente somente concebível por antítese: por meio dos defeitos do primeiro” (p. 253-254). Considera, assim, que “há nisso tudo alguma coisa que se relaciona com o debate teológico, debate no centro do qual o viajante seria a divindade em questão, o turista sua cópia falsificada e demasiado humana e entre os dois, no meio do caminho do divino e do humano, alguns viajantes problemáticos: heróis de *status* incerto” (p. 254). Por esse motivo, esse antropólogo e especialista das viagens nos convida a uma reflexão:

Nestas condições, perseverar no pensamento de que um viajante modelo: um sujeito absoluto da viagem, tenha um dia existido ou que ele seja somente possível, procede de uma crença. É um mito. É necessário livrar-se dele, e interrogar-se agora, à margem dos preconceitos, sobre o *status* do turista na nossa sociedade. Qual é o valor antropológico desse nômade inserido no centro de uma evolução social profundamente marcada pelo cosmopolitismo e o desenvolvimento das viagens internacionais? (URBAIN, 1991, p. 254)

Por esse motivo, ressalta que é necessário considerar que o turismo é cotidiano, pois o turista vive “uma imobilidade suspensa entre duas viagens”, o que “modifica profundamente a experiência da sedentariedade” (p. 255). Além disso, “o turista não é somente um exportador de influência: ele é também um importador delas”. Mais além ainda, esse antropólogo ressalta que “a viagem introduz uma distância entre si e si: entre si aqui e si lá longe”, pois “a partir do momento que um

---

<sup>118</sup> Double inversé foi traduzido por cópia invertida, mas poderia ser uma cópia negativa, ou negativo. (NT)



homem viaja, o seu eu em casa, mesmo que familiar, torna-se um novo outro: o *outro do outro de onde ele retorna*". (p. 255)

Desse modo, considera que "o turismo, para o turista, pode ser visto como um fenômeno contínuo. Uma vez de volta, o turista não cessa de existir. Ele não é vítima de uma 'extinção espontânea'". (p. 257)

### **Algumas considerações**

O que se verifica, então, é uma evolução nas representações do viajante e do turista evidenciando uma relação dialética entre elas. Positivas ou negativas, boas ou más, ambas estão presentes nessas duas figuras. A primeira apresenta um itinerário bem mais longo. A segunda, mais recente. Porém as duas suscitam reflexões. As diferenças existentes entre elas foram elaboradas ao longo do tempo, sobretudo com o advento da viagem turística a partir das viagens organizadas por Thomas Cook.

O mais importante de tudo é refletir sobre alguns aspectos fundamentais suscitados pelas viagens; "o desejo de descoberta e de encontro". Por esse motivo, é necessário analisar a atividade turística, considerando o turismo como "um formidável acelerador da circulação dos traços culturais", pois "ele precipita as dialéticas identitárias que conduzem à tomada de consciência de si e do outro!

Nesse sentido, a viagem e o viajante se encontram inseridos em um "modelo de comportamento" que considera "três conceitos-chave": a peregrinação; a busca; e o(s) destino(s).

Nesse processo, o viajante é considerado como a antítese do turista, sua "cópia invertida", como o negativo de um filme. Portanto, a existência de um "viajante modelo" pode ser considerada somente uma crença ou mesmo um mito. O que é fundamental investigar é "o valor antropológico desse nômade inserido no centro de uma evolução social profundamente marcada pelo cosmopolitismo e o desenvolvimento das viagens internacionais". (URBAIN, 1991)



## APÊNDICE C 4

### Investigação Científica

#### Investigações de Si

*An individual with an inquiring mind approaches the objects of its curiosity, explores them through observation, inspection or manipulation, and then relinquishes them, only to return and to repeat this sequence of activities. By thus examining these objects again and again from various angles, he not only comes to know them as identifiable objects in a given situation, but also to connect them with his own experienced world, to transform them into something familiar.<sup>119</sup>*

(STAGL, 1995, p. 2-3)

Os estudos e descrições efetuados ao longo dos textos anteriores possibilitou a identificação de diversos elementos presentes no contexto psico-social, histórico, filosófico, cultural e literário do mundo que contribuem para uma (re)elaboração de representações sociais e, por conseguinte, para a (trans)formação do sujeito mediante a realização de *Investigações*, de *Viagens de Conhecimento* do mundo, pelo mundo e de si próprio.

Este texto tem como objetivo, especialmente, aprofundar os estudos considerando, especificamente, o papel fundamental das viagens nas *Investigações*, as de caráter científico e as de si próprio. Essas reflexões conduzem, inicialmente, por meio de uma “história de curiosidade” à percepção da evolução histórica da sistematização e organização das viagens de (re)conhecimento durante os séculos anteriores, especialmente dos séculos XVI ao XIX, que promoveram a constituição da metodologia das ciências sociais como a conhecemos atualmente no século XXI.

Mas, além desse caráter científico, as viagens têm um papel considerável, talvez mesmo imprescindível, em aspectos mais sutis e profundos para cada ser

119

Um indivíduo com uma mente investigadora se aproxima dos objetos de sua curiosidade, os explora por observação, inspeção ou manipulação e então os deixa de lado, somente para retornar e repetir esta seqüência de atividades. Examinando reiteradas vezes esses objetos sob vários ângulos, ele acaba por conhecê-los não só como objetos identificáveis em uma determinada situação, mas também os correlaciona com o seu próprio mundo experienciado para transformá-los em algo familiar. (NT)

humano. O comportamento dos sujeitos, mediante a confrontação com outros sujeitos, povos, culturas e lugares pode ser colocado em questionamento e, assim, contribuir para uma transformação de si, por meio de atitudes refletidas que permitam um comportamento sustentável.

### **Biblioteca das viagens: um itinerário pelas investigações científicas**

No Apêndice C 2 foi salientado que em *Humeurs Vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*<sup>120</sup>, Roche (2003a) faz uma síntese magistral sobre a utilidade das viagens por meio da análise das mais diversas formas de mobilidade. Essa obra abre várias outras possibilidades de reflexão e de pistas de pesquisa no campo das viagens e do turismo. Uma dessas pistas é o aprofundamento de pesquisas na vasta gama de obras produzidas ao longo dos séculos sobre as viagens. Essa é, certamente, uma perspectiva interessante a ser desenvolvida nos projetos de Iniciação Científica e Programas de Pós-Graduação *lato sensu* e *strico sensu* nesse campo de investigações.

Dentre as 1853 notas bibliográficas identificadas na obra de Roche (2003a), que compõem as referências bibliográficas localizadas, estudadas e analisadas no período de 1955 à 2002 por esse historiador, foram selecionadas algumas que têm uma relação direta e mais específica com o objeto deste estudo, ou seja, as questões que se referem às experiências da aprendizagem, da formação e da educação pelas viagens, que contribuam à formação do professor, do profissional das viagens e do turismo e dos viajantes confrontados a outras culturas e, assim, a uma possível (trans)formação de si.

O livro de Leopold Berchtold intitulado *Essai pour diriger et étendre les recherches des voyageurs qui se proposent l'utilité de leur patrie, avec des observations pour préserver la vie, la santé et les effets, et une suite de questions sur les objets les plus dignes des recherches de tout voyageur, sur les matières qui intéressent la société et l'humanité*<sup>121</sup>, foi traduzido do inglês em 1797. O volume II,

<sup>120</sup> Humores Vagabundos: da circulação dos homens e da utilidade das viagens. (NT)

<sup>121</sup> Ensaio para dirigir e expandir as pesquisas dos viajantes que se propõem à utilidade de sua pátria, com observações para preservar a vida, a saúde e os efeitos, e uma seqüência de questões sobre os objetos os mais dignos das pesquisas de todo viajante, sobre as matérias que interessam a sociedade e a humanidade. (NT)

único disponível para consulta na Biblioteca Nacional da França – BNF –, detalha diversos elementos importantes para o conhecimento de um reino: comércio interno e externo, pesca, construções, Leis, polícia, filantropia, educação, usos e costumes, sexo, religião, nobreza, governo, taxas e impostos, finanças, forças armadas, príncipe que reina. Por fim, apresenta regras gerais para julgar comparativamente a pobreza ou a riqueza de uma capital, uma cidade ou um país que se percorre.

Em seguida, o livro de Stéphanie Félicité du Crest Genlis intitulado *Le Voyageur, par Madame de Genlis, ouvrage utile à la jeunesse et aux étrangers*<sup>122</sup> foi produzido com o objetivo de fornecer instruções e conselhos aos viajantes que querem fazer viagens e que não têm nenhuma experiência. O desenvolvimento do livro dedica-se inicialmente aos aspectos lingüísticos. Em seguida apresenta alguns itinerários comentados de algumas viagens. Ao longo do livro, Genlis (1800, p. XIII) apresenta algumas reflexões sobre as contribuições das viagens. Na sua opinião, “viaja-se para seu próprio prazer ou para sua saúde, ou [...] por necessidade: em todos os casos é necessário tentar obter uma instrução das suas viagens”. Para isso, essa autora sugere que “quando se visitam as grandes cidades é necessário reler a história do país onde se está e ler igualmente de forma meticulosa as descrições particulares dos monumentos públicos”. Além disso, considera que o viajante deve ter um comportamento “simples, natural e sem pretensões” e que não deve “se surpreender com os usos diferentes daqueles do seu país”. Essa autora considera que os viajantes que desejam obter um bom resultado de suas viagens devem utilizar essas observações e ter uma “multitude de talentos e conhecimentos que não podem jamais se encontrar reunidos em uma só pessoa”. Mas Genlis (1800, p. XXIII) ressalta que o viajante deve ter “o gosto das belas-artes e da literatura, saber desenhar a arquitetura e as paisagens a partir da natureza, não ignorar os elementos da história natural e da botânica, e ter estudado profundamente a história e a mitologia”.

O livro *L'Art de voyager utilement*<sup>123</sup>, publicado em 1688 por um autor desconhecido, é citado e analisado por Boucher de La Richarderie a partir de uma edição de 1698. Esta obra foi consultada na BNF e foi possível verificar as reflexões e análises efetuadas na segunda metade do século XVII sobre a relevância e as contribuições das viagens à (trans)formação de si. É importante ressaltar que as

---

<sup>122</sup>

O Viajante, por Madame de Genlis, obra útil à juventude e aos estrangeiros. (NT)

<sup>123</sup> A arte de viajar utilmente. (NT)

representações sobre as viagens naquela época estão muito ligadas à aventura considerando as dificuldades e barreiras existentes na sua realização. No entanto, esse autor ressalta que “o proveito vai infinitamente além do sofrimento” (AUTOR ANÔNIMO, 1688, p. 1), pois considera que “o viajante que soube instruir-se como se deve para suas viagens é sempre recompensado dos desconfortos que devem-se evitar”. (p. 2). Salienta, igualmente, que a preparação para a realização das viagens por meio das leituras e pela imaginação é importante, mas que a experiência em si da viagem é o mais importante, pois considera que essa preparação “é uma pura ilusão” após a efetiva experiência da viagem. Esse autor observa que “encontra-se viajando todas as ajudas e todos os recursos para bem aprender e para bem conhecer o que está escondido nos livros; o que aparece descoberto; julgam-se as coisas mais seguramente, pois vêem-se de forma mais real; como se a cortina fosse levantada e remonta-se aos princípios, extrai-se a água da fonte, sentindo-se melhor o seu gosto e qualidade” (p. 2-3). Além disso, “se conhece os homens tal como são e não tal como se tem interesse em fazê-los parecer” (p. 3) segundo a nossa representação. Na sua opinião, “para tornar-se sábio, é necessário viajar, mas que não é por isso que pode-se esperar tornar-se hábil”. (p. 4). Nas suas reflexões, esse autor considera que “essa arte de viajar utilmente exige quatro condições que são absolutamente necessárias”.

A primeira é ter o espírito já formado. Estar seguro, mas sem estar definido; a segunda é que não haja preconceitos; a terceira é que ela seja proporcional à ciência ou à matéria na qual quer-se aperfeiçoar; a quarta é que não falem recursos necessários a serem empregados para ter contato com os bons mestres e saber por si mesmo seus sentimentos”. (p. 4)

Esse autor considera que, naquela época, a melhor faixa etária para realizar uma viagem era entre os 25 e os 35 anos, que deve-se ter uma boa memória, muita curiosidade e uma impaciência inata. Na sua opinião,

um viajante sábio não retornará jamais indeciso, como ele era ao partir, mas plenamente convencido do melhor e do mais sólido bem que ele terá tido a destreza de formar, seu espírito, na medida em que terá sido mais capaz de fundir em um todo tantas matérias diferentes para daí tirar aquilo que pode contribuir para torná-lo mais sábio e melhor instruído. (p. 37)

Esse seria o resultado ideal a obter-se a partir de uma viagem, mas sabe-se que é um processo complexo de se realizar, pois “esta indução não é tão fácil

encontrar como é tão fácil falar sobre”. (AUTOR ANÔNIMO, 1688, p. 37). Esse autor conclui seu texto com uma frase lapidar: “não se aprende nunca viajando aquilo que se supõe que um homem respeitável deva saber antes de engajar-se em uma viagem”. (p. 47)

Um documento singular e muito interessante, que certamente foi influenciado pelas inovações de Rousseau, foi produzido por Louis Portiez, Deputado da Região da Oise, na França. Esse documento intitulado *Des voyages, de leur utilité dans l'éducation*<sup>124</sup>, publicado em 1795, em Paris, enfatiza a importância de uma educação pelas viagens e na natureza, além dos aspectos físicos, intelectuais, sociais, morais e espirituais da educação, ou seja, as dimensões da educação. Nesse texto, Portiez (1795) faz uma defesa da relevância das viagens e da necessidade de estudá-las nas escolas. Esse texto é considerado por alguns autores como pertencente à corrente pedagógica da educação pela viagem. Esse autor tem a idéia de motivar à descoberta, de fortalecimento perante as dificuldades, de desenvolvimento do sentimento de esforço.

Esta é uma edição original do primeiro projeto de aperfeiçoamento da educação pelas viagens. Seu autor considera que “as viagens proporcionam à imaginação, o progresso; ao espírito, o porte; à alma, o vigor; ao corpo, a força e a leveza. Além disso, esse parlamentar considera que as viagens instruem o homem, na escola, e que “pelas viagens as idéias aumentam, as percepções multiplicam-se, os preconceitos destróem-se, as línguas confundem-se; as diferenças de toda espécie eliminam-se” (p. 20). Salienta, também, o fato de que nas viagens existe um “vasto campo de reflexões” oferecidas pelas “virtudes do pobre, o egoísmo do rico, o esplendor das cidades, as produções dos campos, a engenhosidade das oficinas, as cenas sempre variáveis do espetáculo da natureza e o cenário da sociedade” (p. 2).

Na sua concepção, os jovens, conduzidos por um professor a diferentes destinos, podem “manifestar o gosto pelas ciências, as artes, o belo e, sobretudo, a moral sã”. Além disso, as viagens podem “inspirar o desejo de aprender, pois sentiram a necessidade disso” (p. 6).

Esse parlamentar considera ainda que “é pela experiência das viagens, o estudo dos governos e da história das Nações, que o legislador se forma. Vendo

---

<sup>124</sup> Das Viagens, da sua utilidade na educação. (NT)

nascer, crescer e cair os impérios, ele medita sobre as causas de suas grandezas e de suas decadências” (PORTIEZ, 1795, p. 11).

Na sua opinião, “diversos escritores célebres demonstraram a utilidade das viagens na educação”, e que “os acadêmicos [...] propuseram mais de uma vez esse tema às meditações dos pensadores. Mas se o republicano não é insensível à autoridade dos exemplos, ele determina-se, no entanto, somente pela força sempre irresistível dos princípios” (p. 14). Ao concluir sua reflexão, enfatiza que “não é suficiente hoje em dia ter demonstrado a utilidade das viagens e de ter sido o primeiro a chamar a atenção da Convenção sobre o meio” que ele crê

ser o mais apropriado ao desenvolvimento no jovem da engenhosidade que inventa, da paciência que descobre, da coragem que empreende, da força que executa, da constância que mantém, em uma palavra, de ler no grande livre da natureza e da sociedade. (PORTIEZ, 1795, p. 25)

Uma outra obra a ser ressaltada, analisada e citada por Roche (2003a), é a *Bibliothèque universelle des voyages ou Notice complète et raisonnée de tous les voyages anciens et modernes dans les différentes parties du monde, publiés tant en langue française qu'en langues étrangères, classés par ordre de pays dans leur série chronologique, avec des extraits plus ou moins rapides des voyages les plus estimés de chaque pays, et des jugements motivés sur les relations anciennes qui ont le plus de célébrité*<sup>125</sup> de Boucher de La Richarderie, publicada em Paris em seis volumes em 1808 e reimpressa em Genebra em 1970. No Apêndice C 2 foi feita referência a essa *Biblioteca*, mas é importante ainda salientar alguns aspectos verificados diretamente no texto desse autor. Os editores dessa obra salientam na sua apresentação que a mesma foi produzida pelo autor “com a confiança que ela será útil às pesquisas dos Eruditos, **instrutivo para os Viajantes** (grifo meu), e agradável a todas as classes da sociedade”. Na sua introdução, Boucher de La Richarderie (1970 [1808], p. xij-xijj) enfatiza a importância de diversas obras consultadas que as qualificam como verdadeiramente instrutivas. Um aspecto remarcado pelo autor é a forma como foi realizada e apresentada essa obra, pois isso permitiu a elaboração de um “quadro itinerário dos diversos países e dos diversos povos, que pode tornar-

---

<sup>125</sup> Biblioteca universal das viagens ou Resumo argumentado de todas as viagens antigas e modernas nas diferentes partes do mundo, publicadas tanto em língua francesa quanto em línguas estrangeiras, classificadas por ordem de país na suas série cronológica, com passagens extraídas mais ou menos curtas das viagens mais estimadas de cada país e dos julgamentos motivados sobre os relatos antigos que são mais célebres. (NT)



se um meio de instrução, [...] mas que seria impraticável sem o auxílio de uma Biblioteca argumentada das Viagens”.

Dos seis volumes que compõem essa *Biblioteca*, é ressaltado o primeiro que apresenta oito seções na primeira parte das quais são destacadas as três primeiras que tratam, respectivamente: **das instruções e tratados preliminares sobre a utilidade das Viagens e a maneira de torná-las úteis; das Navegações e Viagens na antigüidade** (grifo meu); e das Viagens feitas na Idade Média.

Na primeira seção da primeira parte, esse autor enfatiza a apresentação dos “Tratados sobre a utilidade das Viagens, que podem convir aos viajantes de toda condição e de todos os países” (BOUCHER DE LA RICHARDERIE, 1970 [1808], p. 2). Na sua opinião “a instrução de todo gênero é, ou deveria ser, um dos principais objetos dos viajantes” (p. 2). Diversas obras são citadas e algumas comentadas. Dentre elas são ressaltados os *Essais* de Montaigne (2002) e os *Essays* de Bacon (1979). Na sua perspectiva, considera que “Montaigne apresentou a utilidade das viagens sob um ponto de vista mais filosófico talvez, do que todos os escritores citados anteriormente”. (BOUCHER DE LA RICHARDERIE, 1970 [1808], p. 11) Na sua análise os considera como os “dois dos mais célebres escritores dos tempos modernos” que “tinham-se declarado claramente pela afirmativa” da relevância das viagens e da importância da sua presença na educação.

Na visão de Bacon (1979 [1625], p. 91), “viajar é para a juventude uma forma de educação, para os mais velhos uma forma de experiência”. Segundo Boucher de La Richarderie (1970 [1808], p. 12), Bacon considera que devem fazer parte da educação as viagens aos países estrangeiros. Na análise dos *Essais* de Montaigne, esse autor ressalta que na concepção desse filósofo as viagens devem fazer parte da educação e que devem começar desde a infância (p. 12). Ressalto necessário considerar que para todas as faixas de idade viajar é tanto uma forma de educação quanto de experiências.

Esse pesquisador considera importante lembrar que “dentre os Gregos e os Romanos, como dentre as nações modernas, um certo número de *vijantes* muito estimados consignaram suas observações em obras que não trazem o título de *Viagens*” (p. 12). Nesse sentido, observa que “Homero tinha recolhido nas suas diversas viagens por mar, os brilhantes traços que animam as numerosas digressões geográficas presentes em seus poemas”. Aqui estão presentes os grandes Périplos, que já foram citados no Apêndice C 2. É enfatizado o *Périplo de*

*Hannon*, pois esse é considerado o mais antigo de todos. Esse autor ressalta que esse Périplo, que

pertence desde então a um tempo bem recuado na antiguidade, é sempre precioso, pois abrange as descobertas que os antigos tinham feito além das colunas de Hércules, hoje o estreito de Gibraltar, ao longo das costas da África, onde os Europeus penetraram somente dezoito séculos mais tarde. (BOUCHER DE LA RICHARDERIE, 1970 [1808], p. 18)

Esse autor acrescenta que “tudo o que o Périplo nos traça sobre a configuração do interior das costas da África, encontra-se confirmado pelos navegadores modernos, cujos relatórios esclareceram propriamente os fatos que levantavam dúvidas sobre a veracidade do autor do Périplo” (p. 18).

No que concerne às viagens feitas após a época da grande migração dos povos até a descoberta da América, esse historiador as classifica em duas seções: uma compreende as viagens que apresentam noções sobre o estado do Oriente dos séculos IX ao XV; a outra abrange as viagens que jogaram os primeiros raios de luz sobre o Norte. Elas são sobretudo dos séculos IX e X (p. 32).

Estas cinco obras enfatizam o panorama histórico desenvolvido no Apêndice C 2 e são o pano de fundo para um histórico da elaboração de uma metodologia das investigações científicas.

### **As viagens enquanto investigações científicas: *uma história de curiosidade***

Dentre os pesquisadores que se interessaram pelas viagens e suas contribuições, uma atenção especial deve ser dada à obra de Justin Stagl (1995) e, particularmente, ao livro *A History of Curiosity: the theory of Travel 1550-1800*<sup>126</sup>. Na sua obra, ressalta esse autor que foi examinado e debatido o início da história da pesquisa social. Acrescenta que por essa noção considera a investigação da “segunda realidade” criada pelo homem por meio da interação social, da comunicação simbólica e da utilização de instrumentos. Segundo esse autor, essa realidade do homem feita por ele próprio está baseada sobre a “primeira realidade” da natureza, mas os fenômenos sócio-culturais têm igualmente necessidade do

---

<sup>126</sup> Uma História de Curiosidade: a teoria da viagem 1550-1800. (NT)

substrato corporal dos fenômenos naturais para a sua subsistência. Na sua opinião, a pesquisa das relações sociais, das instituições políticas e das particularidades culturais deriva e procede por meio da exploração dos fenômenos naturais. Esse autor argumenta que em virtude de seu caráter abstrato e indireto, a pesquisa social é freqüentemente pensada como uma aparição tardia na história humana. No entanto, esse pesquisador defende em seu livro uma opinião contrária a essa. Argumenta, assim, que algumas formas de pesquisa social estão presentes em todas as épocas e sociedades e que a pesquisa social é contemporânea ao homem. (STAGL, 1995, p. 01)

Para chegar ao seu objetivo, esse autor faz um recorte no período de 1550 a 1800, pois considera que a pesquisa social tornou-se mais sistemática durante esse período e que seu campo de aplicação expandiu-se pelo mundo a partir de então. Na sua opinião, isso tornou possível o aparecimento das novas ciências sócio-culturais como a etnologia, o folclore, a sociologia e a ciência política.

Ao longo da sua descrição, esse autor efetua uma viagem na construção da teoria da viagem com o objetivo de demonstrar que essa sistematização e uma certa curiosidade dos sujeitos estão na base da pesquisa social.

Assim, considera que existem três métodos de pesquisa: a exploração direta; a exploração indireta por meio da entrevista; e a exploração indireta por meio de fenômenos significativos. A primeira refere-se à percepção, as duas últimas referem-se à curiosidade epistemológica (p. 3).

Na sua visão os viajantes aprendem a conhecer suas próprias capacidades e limites, pois durante suas viagens exploram igualmente eles próprios. Esse autor acrescenta que as viagens reais ou imaginárias estão freqüentemente relacionados a estados extraordinários de consciência. Constata igualmente que se supõe que no retorno de uma estada o viajante, real ou imaginário, tenha se transformado. Essa reflexão reforça o que tem sido identificado, descrito e apresentado ao longo desse estudo e que é ressaltado no próximo, a Investigação de Si (p. 11-12).

No desenvolvimento de sua reflexão e de sua investigação, descreve alguns aspectos da evolução das viagens no período anterior ao século XVI para chegar a uma teoria da viagem. Nesse *itinerário*, traz ao nosso conhecimento outros elementos que estão presentes nesse processo de organização de modo sistemático (pesquisa, manipulação de fenômenos significativos, a retórica, a

dialética, o debate entre o empirismo e a ciência). (STAGL, 1995, p. 07-46)

Quando aborda a organização de modo sistemático (a metodologia) das viagens no século XVI, esse pesquisador estabelece um itinerário que inicia pelo exemplo das peregrinações e chega às viagens educacionais. Descreve em seguida como eram utilizados os relatórios de viagens e de que modo foram elaborados os programas para melhorar as viagens. Após essa descrição, apresenta os primeiros autores que organizaram de modo sistemático a viagem: Theodor Zwinger; um autor anônimo; Hugo Blotius; e Hilarius Pyrckmair. Antes de chegar à descrição da “arte de viajar”, apresenta igualmente uma narrativa sobre as três cidades que eram, naquela época, aquelas que contribuíram à constituição da metodologia da viagem: Veneza, Basiléia e Paris (p. 47-94).

No tópico “a arte de viajar”, esse autor expõe os resultados de sua pesquisa e restringe-se em apresentar uma lista sintética que contem os pontos levantados que podem contribuir a um método ideal de viagem: uma definição da viagem; uma subdivisão do conceito; considerações sobre os argumentos a favor e contra as viagens; conselhos médicos; conselhos religiosos; conselhos práticos; descrições curtas sobre as principais Nações da Europa, suas campanhas, usos e costumes, sistemas políticos e por vezes uma psicologia rudimentar dos povos; indicações para utilizar os instrumentos de viagem; instruções para direcionar a atenção dos viajantes; e *schemata* descritivas (p. 70-81).

Esse pesquisador das viagens afirma que as “*ars apodemica* impuseram aos viajantes um programa enciclopédico”. Por esse motivo, questiona-se como era possível gerir isso tudo. Explica, então, que “para ter um programa gerenciável” os autores estudados “diziam aos viajantes para restringirem sua atenção aos temas verdadeiramente importantes” (p. 81).

Segundo esse autor, a partir do século XVII, os escritores tinham como objetivo escrever para os jovens que, para completar sua educação, queriam obter algumas experiências do mundo, representar o sucesso de suas famílias e estabelecer relações úteis no estrangeiro. De acordo com suas investigações, durante esse século a viagem humanista foi substituída pelo “*grand tour*”. Esse, da mesma forma, mesmo tendo o seu valor social e educacional, reduziu o seu sucesso. Conforme esse escritor, o *Grand Tour* transformou-se em uma simples visitação de lugares e tornou-se tão ritualizado quanto foi a peregrinação medieval. Acrescenta que, apesar da perda de charme da *ars apodemica*, a viagem

educacional foi preservada em certas áreas. Além disso, o objetivo da viagem passou daquele de melhorar a personalidade do viajante à acumulação de conhecimentos (STAGL, 1995, p. 81-85).

Na sua visão, essa transição pode ser esboçada em quatro grandes partes: fim do século XVII com as instruções para a cópia das inscrições e o desenvolvimento das disciplinas auxiliares da História durante o século XVIII; a história natural com a *peregrinatio medica* – programa para a acumulação de informações científicas e médicas; o emprego dos questionários no século XVII; e a partir do início do século XVIII, o envio, pelas academias, de viajantes científicos com instruções especializadas. Conforme seus estudos, o que se passou no início de 1800 foi uma “temporalização da taxonomia”. Explica que a forma do conhecimento tornou-se mais importante que a substância; o método eclipsou a matéria; o conhecimento empírico cessou de ser organizado sincronicamente e foi sistematizado sucessivamente em uma série temporal. Segundo esse autor, “esta revolução científica significou também o *terminus ad quem* da arte de viajar” (p. 85-87).

Esse pesquisador defende a idéia que a *ars apodemica* teve uma influência muito importante sobre os viajantes dessa época. Além disso, os tratados que foram produzidos codificaram os modelos de viagens, as estadas educacionais e a descrição e observação dos países e povos. Segundo esse autor, tudo isso formou o último *stage of appeal* para uma viagem correta, ao menos para as classes cultas. Isto é demonstrado por meio da utilização do exemplo de três viajantes escolhidos dentre muitos e que considera exemplos no mundo dos humanistas: Ludwig Iselin; Mihály Forgách e Márton Szepsi Csombor. A partir do estudo desses viajantes conclui sua reflexão afirmando que a tensão essencial entre a auto-educação e a acumulação de conhecimentos novos, o que caracterizou a *ars apodemica* desde as suas origens, está presente nesses três exemplos (p. 90-94).

Ao longo da sua descrição, esse autor faz um percurso: pelas primeiras pesquisas modernas e pelos centros de documentação; pela correspondência, a documentação e a *res publica literaria*; pela manipulação dos conhecimentos empíricos (retórica e dialética); pela documentação dos conhecimentos [*ars memorativa*; coleções (museus; arquivos; bibliotecas e academias); compêndios]; pela aquisição e organização dos novos conhecimentos empíricos nas academias científicas (STAGL, 1995, p. 95-154).

Esse autor retorna um pouco no tempo e explica que um europeu culto durante a Idade Média aparentemente conhecia muito pouco sobre os países estrangeiros, pois não havia nem descrições confiáveis dos países e das cidades, nem guias descrevendo seus usos e costumes. Completa sua explicação expondo que estas informações existiam, mas estavam estocadas nas chancelarias e nos arquivos. Acrescenta ainda que esta situação modificou-se ao longo dos séculos seguintes e que no século XVIII descrições compreensíveis e confiáveis tinham sido formadas e estavam disponíveis mais facilmente. Considera que essa disponibilidade de informações tornou possível o progresso intelectual e isso foi a pré-condição para a expansão do Oeste para o mundo todo. Ressalta, igualmente, que esse conhecimento foi acumulado por meio de três técnicas que estão, na sua visão, na base da pesquisa sócio-político-cultural: a viagem; a pesquisa e a documentação sistemática. Observa, assim, que essas técnicas de pesquisa não foram desenvolvidas no início do período moderno, mas que aí foram organizadas de modo sistemático (p. 95-96).

É ressaltado por esse pesquisador que, **nos inícios da idade moderna, uma pessoa que desejasse melhorar e aprofundar sua educação era suposto fazer uma viagem.** Isso queria dizer, dentre outras coisas, visitar pessoas importantes e famosas e continuar a relação pela troca de cartas após o retorno. Esse autor ressaltava que a *ars apodemica* considerava isso **uma das diversas vantagens da viagem.** Acrescenta que, da mesma forma como a viagem, a troca de correspondência significava uma extensão da esfera usual da vida e permitia às pessoas cultas uma experiência do mundo muito variada. (p. 97)

Esse autor descreve a obra *Le Voyageur Patriotique*<sup>127</sup> do Conde Leopold Berchtold. Ressalta, assim, a importância do primeiro volume dessa obra subdividido em duas partes: a primeira contém reflexões sobre a viagem na forma de aforismos numerados e organizados em doze seções; a segunda contém uma monumental série de 2.443 questões organizadas em 37 seções. Observa ainda que essas questões tinham o objetivo de ser uma ajuda à viagem e de guiar a atenção dos viajantes e de ajudá-los a descrever os países visitados. Segundo Stagl (1995, p. 223), Berchtold encoraja o viajante a adquirir por meio de conversas e leituras um bom conhecimento da humanidade em geral e do país a ser visitado

---

<sup>127</sup> O Viajante Patriótico. (NT)

em particular. Segundo esse autor, é nesse livro que foram, pela primeira e última vez, relacionados esses dois métodos com uma importância equivalente. Considerando que Berchtold estava interessado na viagem somente para obter informações, não preparava seu leitor nem para uma estada profissional ou educacional, nem para o *Grand Tour*, mas sim a uma expedição de exploração com objetivos humanitários. Dessa forma, Stagl (1995) estima que *Le Voyageur Patriotique* é a primeira verdadeira metodologia da viagem como um modo de pesquisa social.

Na transição da viagem privada à viagem patrocinada, esse pesquisador empreende uma viagem da Revolução Francesa até o século XX apoiando-se sobre as formas de utilização dos questionários ao longo desses diferentes tempos históricos. Tendo como base esse itinerário, observa que **a arte da viagem tentou realizar uma síntese entre a educação pessoal do viajante e sua acumulação de conhecimentos úteis** (p. 269-296). Segundo Stagl (1995, p. 277-278), Volney (Constantin-François Boisgrais) queria fazer da viagem um método inteligente de observação apropriada para a *ciência do homem*. Conforme esse autor, Volney e a escola de Göttingen tentaram desenvolver os relatórios de viagem pela melhoria da educação do viajante e pela prática da viagem em si.

Esse autor considera que a obra *Notes et Questions D'Anthropologie, pour l'utilisation des voyageurs et des Résidents des Terres non civilisées*<sup>128</sup>, é uma descendente direta das grandes coleções de questões para os viajantes do fim do século XVIII. Essa obra direciona o seu olhar igualmente para o século XX. Segundo esse autor, ela completou sua função e guiou a pesquisa etnográfica nas décadas sucessivas (de 1874 a 1951) - (p. 293-296). Esse autor conclui sua pesquisa considerando que o trabalho de campo sociológico e etnográfico conserva algo da orientação pessoal e universal da antiga *ars apodemica*. (p. 296)

Nessa reflexão sobre as viagens tendo como foco a sua importância para a Investigação Científica, foi realizada uma trajetória pelas obras e análises de alguns autores que defendem a ideia da sua relevância na formação e educação dos sujeitos. Daniel Roche (2003a), recentemente, e uma gama considerável de autores desde a antiguidade, demonstraram-no detalhadamente e insistentemente. Stagl (1995), especificamente, aprofundou seus estudos e análises com foco no papel

---

<sup>128</sup> Anotações e Questões de Antropologia, para a utilização dos viajantes e Residentes das Terras não civilizadas. (NT)

fundamental da organização metodológica das viagens como elemento aglutinador e fundamental na constituição de uma metodologia de pesquisa no campo das ciências sociais. Mas as contribuições das viagens vão muito mais além. A trajetória continua e verificar-se-á o seu papel no conhecimento, nas *Investigações de Si*.

### **As viagens e as investigações de Si**

*Ando, ando, ando,  
e sinto a extensão de meus antigos muros*

*(MEIRELES, 1979, v.9, p.118)*

Os diferentes tipos e formas de experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos contribuem para a (trans)formação de si. Os diversos tipos de mobilidade e, especialmente, as viagens são modalidades de experiência que têm papel preponderante nessas (trans)formações. De Karl Gottlob Schelle (1802, p. 11) salientando o fato que passear é “uma arte [...] que desenvolve as razões, permitindo uma consciência mais nítida de seu prazer segundo impressões múltiplas que proporciona [...]”, passando por Arnaud Grall (1998) que defende a idéia de uma “inteligibilidade multirreferencial da errância como percurso existencial iniciático”, chegando às reflexões de Eugène Enriquez no livro de Bernard Fernandez (2002, p, 1) ressaltando que “a viagem ao exterior” é na verdade “uma viagem ao interior de si” em que a “estética do diverso” proposta por V. Segalen traz em si uma “obrigação de compreender e de respeitar o outro, a priori incompreensível e intocável, e de transformar-se ao seu contato”; diversos autores ressaltam o papel dos variados tipos de mobilidade e das viagens na transformação de si.

As reflexões de Schelle (1802, p. 12-21), no preâmbulo aos seus leitores, salientam que “uma arte do passeio seria de interesse para todas as pessoas [...] que gostam de flunar, com o espírito e os sentidos alertas, tanto na natureza como nos locais freqüentados, e de usufruir plenamente da natureza e da sociedade durante seus passeios”. Na sua concepção, o passeio não é um simples movimento do corpo, pois “o espírito, durante um passeio, deve encontrar a matéria e os objetos de sua atividade espontânea na própria esfera do passeio. É somente sob essa condição que ele tocará um domínio próprio ao espírito e à cultura”.



Na sua visão, deve existir um interesse do espírito e, igualmente, condições necessárias ao passeio, pois “o interesse que tem o passeante pela natureza deveria ser de ordem estética. Apenas a consideração estética da natureza permite a livre atuação das forças da alma”. Para esse autor, as “duas formas de flunar, em meio à natureza e nos passeios públicos de uma cidade, respondem bem à finalidade do passeio, mas nenhuma responde plenamente”. Na sua reflexão, essas “duas deverão ser combinadas se quisermos que o passeio reúna todas as vantagens que nossa existência intelectual tem o direito de esperar”. (SCHELLE, 1802, p. 29)

Esse autor considera igualmente a influência do passeio solitário em meio à natureza no desenvolvimento do espírito, pois a “natureza própria, os pensamentos próprios de um indivíduo só se desenvolvem nas horas em que, ao abrigo de espíritos estranhos, ele se encontra em solilóquio consigo mesmo” (p. 43). Além disso, considera que

passear em plena natureza, quando os objetos da natureza estimulam docemente a atividade do espírito e, por sua diversidade, a mantém em um movimento agradável, eis o que favorece grandemente o comércio<sup>129</sup> consigo mesmo, sem ter o caráter penoso que, a longo prazo, impregna a introspecção conduzida entre as quatro paredes de um quarto (p. 43).

Para esse autor “a contemplação e a fruição da natureza permanecem como a principal finalidade”, visto que “mesmo quando se flana sozinho, pois é então que a impressão da natureza é mais forte, é então que a alma capta rapidamente todo o reflexo de seus fenômenos” (p. 45). Esse escritor considera que:

O passeio a pé é a forma mais natural de flunar, porque depende inteiramente de nós e nos deixa totalmente entregues a nós próprios. Passeando a pé, encontramos-nos inteiramente livres para observar as coisas como bem nos aprouver, com total tranquilidade de alma; podemos conciliar o movimento do corpo com as exigências do espírito e, quando quisermos que a observação aumente em um instante para uma visão de conjunto, basta um ligeiro deslocamento do corpo para abarcar todo o horizonte. Sem perturbar um mínimo sequer a atenção dirigida a um objeto preciso, podemos parar ou continuar a caminhar segundo as exigências de nosso espírito (p. 69).

---

<sup>129</sup> A tradução do livro de Schelle foi efetuada por Irene A. Paternot. Não tive acesso ao texto original, mas considero, pelo contexto, que talvez fosse mais precisa a utilização da palavra *reflexão*.

Para finalizar suas reflexões, ressalta que “nenhum homem culto que possua um sentido agudo da natureza e que não ignore tudo com o que ela contribui para a formação de sua personalidade pode deixar de procurar a nobreza de suas influências” (p. 75). Evidencia, assim, o papel do passeio como uma modalidade de mobilidade e sua influência e contribuição na (trans)formação dos sujeitos no seu cotidiano. Grall (1998), seguindo os passos de Schelle (1802), aprofunda essas reflexões analisando a errância e suas influências no sujeito que a pratica.

Nesse sentido, Grall (1998, p. 01-50) ressalta que o processo de vagar, de flunar, é analisado por alguns autores ao longo do tempo. Dentre eles, refere-se à Maffesoli para quem a errância é uma virtude estruturante e iniciática, considerando-a um nomadismo pós-moderno, necessária para extirpar os tormentos da modernidade e sendo uma revolta contra a ordem estabelecida. Na visão de Grall (1998, p.14-18) a errância é uma prática heurística para compreender o ser humano e uma etapa experiencial da sua existência. Considera, igualmente, que na sua concepção o nomadismo apresenta igualmente um valor supremo, pois nele está presente uma liberdade de partir e que a mobilidade, a viagem, implícitas nele constituiriam o seu rito. Na sua análise sobre o ato de vagar, ressalta que leva em consideração a “temporalidade e a história do sujeito”, pois “o errante é um sujeito dotado de uma consciência própria, consciência esta que vai jogá-lo no mundo em estado de errância, evoluindo em espaços-tempos intemporais”. Esse pesquisador considera “a errância como uma cartografia de si e de suas origens, uma tentativa de realização de um atlas da memória e do imaginário do *self* do errante” (p 54). O errante tem como protetor Hermes, o bebê caminhador, o bisavô de Ulisses, o primeiro dos grandes viajantes da Mitologia grega. Na sua concepção a viagem não expande somente os horizontes mentais do sujeito, mas estrutura igualmente o seu espírito (p. 119). Portanto,

a errância é a procura de sentido e, ao mesmo tempo, um deslocamento geográfico. Os outros lugares (l'ailleurs) são, assim, antes de tudo, o sonho de um espaço de plenitude dos sentidos, onde nada, nenhum ponto, nenhuma relação entre pontos é gratuita ou insignificante: tudo deve ser sustentado por uma vontade criadora [...]. (p. 120)

Assim, **a viagem é o lugar onde se exerce mais plenamente a liberdade criadora.** Nessa extensão do espaço interior, não é somente para o ser se refletir, se fazer ver em uma contemplação estéril, mas sobretudo absorver o que

não é ele, expandir-se no campo do possível. Na sua concepção, “a errância desvela a alma”. (p. 120)

Ao longo desse possível itinerário de viagem, foi verificado que diversos autores salientam o papel dos diferentes tipos de mobilidade e das viagens na transformação de si. São ressaltadas a seguir, em particular, as reflexões contidas no livro *Identité Nomade*<sup>130</sup>, de Bernard Fernandez (2002) que faz um elogio da experiência do longínquo. Nas suas pesquisas, esse autor observa que pode ser destacada de algumas narrativas a idéia de uma cultura da viagem que procura mais informar do que distrair. Em sua opinião, “ainda hoje, essa prática se aproxima de uma 'arte da viagem' preconizando uma maneira de fazer e de ser. Nesse sentido, a mobilidade humana não seria unicamente a expressão de uma sociedade do lazer e da evasão”. Para esse pesquisador da viagem, essa mobilidade baseia-se “igualmente em um fato social relativo à expatriação, às escolhas racionais e irracionais de indivíduos que decidem viver no estrangeiro migrando por um tempo para um outro país”. É nesse sentido que esse autor considera que “a relação que o homem mantém com a viagem mereceria uma aprovação convincente pelas ciências do Homem”. Observa, igualmente, que “a sociologia do turismo e da viagem produz numerosos estudos quantitativos **incapazes** (grifo meu) de avaliar as dimensões pessoais, até mesmo as metamorfoses vivenciadas no estrangeiro” (p. 10-11). Para esse pesquisador das influências das viagens nas transformações de si,

de fato, a essência da viagem, no centro da hominização, perfume de mil fragrâncias ácidas e doces, compõe-se de um potente imaginário, de um espírito nômade e de *ex-voto*, uma memória da trilha, confirmando uma prática secular. De qualquer modo, uma categoria social distinta do *homo faber*, do *homo sapiens* e do *homo ludens*? (p.11)

A partir dessa interrogação, por meio das reflexões de Belorgey (2000, p. 11), esse autor salienta que se destacam três arquétipos históricos do viajante: o *homo pelegrinus*, o *homo peregrinus* e o *homo peregrinus academicus*. Esse autor considera o primeiro como o peregrino, o segundo como o aventureiro e o comerciante e o último, “encarnado historicamente por Heródoto de Halicarnasse (século V a.C.) considerando a viagem como uma pesquisa sobre o mundo e, mais tarde, a figura do viajante-sábio-missionário, isto é, o *homo pelegrinus academicus*”.

---

<sup>130</sup> Identidade Nômade. (NT)

(FERNANDEZ, 2002, p. 11)

Nesse contexto, partir é considerado como o processo de “descobrir universos mentais, obrigando nosso pensamento a um esforço de compreensão, isto é, a necessidade de destacar-se de um contexto cultural herdado”. Trata-se, dessa forma, “de estudar os fatos tal como aparecem, por eles mesmos, procurando descrevê-los, compreendê-los, compará-los e explicá-los a fim de avaliar a totalidade do que está em jogo individualmente e socialmente”. (p. 13)

Seguindo seu itinerário para identificar os processos de transformação de si por meio das viagens, esse autor realiza algumas etapas. Inicialmente, faz um elogio da experiência do longínquo em que os imaginários, a mobilidade humana atual e ancestral, o ato de partir, o pensamento sobre a interculturalidade estão presentes no nascimento do que designa como uma inteligência nômade (p. 05-18).

Em seguida realiza um passeio reflexivo sobre os imaginários do longínquo em que “nos bancos do horizonte” realiza paradas para pensar sobre as “tentações entre a porta e a ponte” estabelecendo uma relação entre o mito de Hermes e de Hestia. Assim, ressalta que Hermes tem variados atributos e salienta que esse mito ancora-se no movimento e na partida. Nesse sentido, Hermes é o mensageiro de um horizonte longínquo, um deus errante, o mestre das estradas, o protetor dos mercadores e dos ladrões, o pai da hermenêutica. Além disso, é um “guia, instalado na soleira da porta e pronto para partir ou para proteger o lar dos intrusos maldosos” (p. 26).

Por outro lado, estabelece, igualmente, o contraponto entre esse deus do movimento com o mito de Hestia, representante daquilo que está no interior, fechado, a retração do grupo humano para dentro de si mesmo, enquanto que Hermes significa o externo, a abertura, a mobilidade, o contato com o outro além de si mesmo. Para esse pesquisador, o sujeito sedentário “aspira pelo nomadismo e o nômade sabe apreciar as delícias escondidas na sedentariedade procurada”. Na sua visão, “a essência verdadeira da viagem enquanto símbolo aninha-se certamente no centro desta tensão entre nomadismo e sedentariedade”. Destarte, considera que a partir dessa tensão, “do desejo ou da pressão dos horizontes próximos ou longínquos nasce uma categoria social distinta do *homo faber*, do *homo sapiens* e do *homo ludens*”. Assim, surge a figura do “*homo peregrinus-pelegrinus* ou *homo mobilis*, nas diversas variantes sociais heterogêneas”. Na sua perspectiva, essa figura “é composta por um imaginário migrador, uma cultura da viagem e de ex-

voto que confirma a existência de uma prática humana secular”. (FERNANDEZ, 2002, p. 26)

Esse pesquisador refere-se, também, à epopéia de Gilgamesh que, a mais de trinta e cinco séculos, já ressaltava que “a viagem ocupa um lugar inequívoco” e que “o espaço da viagem é labiríntico, um sonho, um oráculo e uma missão”. Esse autor considera que o “desvio pelo desconhecido é o sinal de uma viagem interior com a inexorável tentativa de entender o sentido da vida e da morte”. Assim, essa epopéia narra que “o imaginário constrói a lenda e a viagem torna-se o símbolo de uma experiência, conferindo à ação humana uma transcendência religando o homem ao desconhecido: a busca” (p. 29).

Mas está igualmente presente na *Odisséia* de Homero a missão de Ulisses que era de “realizar o voto feito à *paideia* que era de percorrer o desconhecido fazendo o inventário do mundo”. Desse modo, “Ulisses renasce dos combates feitos no centro do Desconhecido e de si mesmo”. Assim, “o medo de morrer em um espaço amorfo e caótico, longe dos seus, dá forma a uma outra busca, aquela do retorno”. Além disso, há uma faceta do retorno que é ressaltada, aquela simbolizada pela *appoikia*, isto é, a migração e o distanciamento da Cidade. Salienta, assim, que “partir realça então uma alteração, com o medo de ser dissolvido e absorvido pela errância que é desaparecimento”. Na sua análise, considera que “saindo da Cidade, o Grego rompia com os laços jurídicos e sociais” (p. 30). Por esse motivo, “Ulisses não pode não retornar”. Mas ao retornar, “Ulisses não é mais o mesmo, é um outro”, transformou-se. Esse pesquisador considera aquele que partiu e aquele que retornou, “Ulisses viveu a experiência do desconhecido, marcado pelos ritos de passagem, isto é, de morte e de renascimento”. Portanto, enfatiza que **“a viagem anuncia o tempo de uma metamorfose de si”**, pois **“o viajante é a testemunha, aquele que viveu 'lá', aquele que 'viu' o impensável e não pode ser mais aquele que era”** (grifo meu). É por esse motivo que no seu retorno “Ulisses não é reconhecido pelos seus familiares” (p. 30).

Da mesma forma, a presença e importância das metamorfoses, das transformações de si, presentes nessas duas epopéias, manifestam-se igualmente em outros espaços e tempos nas narrativas de Marco Polo (1271-1295), Cristóvão Colombo (1492), Magalhães (1519-1522), Armstrong (1969). Fernandez (2002, p. 30-31) observa igualmente que a “filiação à viagem 'conhecimento' está marcada

historicamente por Heródoto de Halicarnasse, Platão e, muito mais tarde, sob a pena de Rabelais, Montaigne e Rousseau”. Além dessa ligação direta com as narrativas de viagem, esse autor salienta os romances iniciáticos, os romances de aprendizagem ou formação de Goethe ou de Gide que consideram a **viagem** como “**o centro da formação do indivíduo**”. Ou seja, “o imaginário da mobilidade humana” parece infindável. Considera esse autor, que esse imaginário “é essa sinapse dos grandes espaços, do sonho manifestado até a ruptura que ocorre na soleira da porta”.

Mais adiante, em outro banco, esse pesquisador examina o ato de partir, suas razões e inseqüências, referindo-se particularmente ao turismo. Nesse sentido, observa que “o turismo é um conceito inoperante quando se trata de compreender as aspirações profundas que ligam o homem à viagem” (p. 32-37). Pois, como ressalta Lanquar (1994, p. 63) “infelizmente, poucas análises – e ainda mais no campo do turismo – foram feitas sobre os valores e a patologia das necessidades superiores, aquelas que motivam o homem a procurar o conhecimento, a verdade, a sabedoria”.

Mediante essa viagem complexa pelos diversos graus de leitura que concernem o mito da viagem, esse pesquisador considera difícil fazer uma distinção exata entre o peregrino e o viajante, comerciante ou aventureiro. Em sua opinião, “do ponto de vista individual, o mito da viagem e sua alegoria própria geram uma mistura alquímica composta de curiosidade, ficção, provas a serem vivenciadas, estadas sonhadas longe da *sweet home*, retornos tão desejados quanto as partidas”. Acrescenta, ainda, que a viagem “casa fantasias e sonhos”, “convida à evasão, à formação do espírito crítico, ao Eldorado, ao exotismo ou ainda a um colonialismo imaturo”. A viagem é ainda “a reveladora de uma busca nem sempre formulada com um poder de incitação à ação”. Na sua concepção, “quando o mito sai do mundo quimérico, torna-se projeto” e “mesmo a idéia de partir confere ao mito um poder de atração sobre o indivíduo dando uma consistência ao imaginário”. Dessa forma, esse autor salienta que a viagem “coloca a experiência em primeiro plano e toca em um certo sentido na intimidade profunda de um eu, impulsionado por uma dinâmica identitária que revela para alguns, valores incorporados a uma cultura da viagem”. (FERNANDEZ, 2002, p. 62-63). Na sua concepção, “**o mito da viagem é também um convite ao *Carpe Diem*,**” a aproveitar a vida.

Ainda nesse banco, esse pesquisador faz considerações sobre o

momento da partida em que um novo espaço a ser vivido se abre. Nesse sentido, salienta que partir não é “o resultado simples de uma ação que é ir de um ponto a outro”. Partir “é também um deslocamento no espaço mental”, é “a confirmação de uma escolha de vida e de um desejo de escapar de uma rotina”. Na sua concepção, a viagem “introduz marcas fundamentais que são o tempo, o espaço e o processo”. Nesse cenário, enfatiza que considerando que a viagem é um caminho em direção a si mesmo, deve-se “viver plenamente esse grande momento” (p. 67-71).

Após essas paradas nos “bancos do horizonte”, examina, igualmente, o “manuseio do mundo” ressaltando que em uma viagem, nos seus primeiros passos, é necessário viver o desconhecido (o espaço), é necessário utilizar todos os sentidos (tocar, cheirar, ver, escutar, degustar), procurando considerar que “tudo é bom” e apreciando as quatro qualidades desse “tudo é bom”, ou seja, a curiosidade, a ausência do medo, o desejo de estar lá e o exotismo (p. 77-98).

No que concerne especialmente à relação entre o espaço e o tempo, Lévi-Strauss (1955, p. 92) ressaltava que “a viagem inscreve-se simultaneamente no espaço, no tempo e na hierarquia social”. Portanto, “cada impressão é definível somente se for relacionada a esses três eixos. E como o espaço por si só possui essas três dimensões, serão necessárias ao menos cinco para fazer-se uma representação adequada”. Por esse motivo, Fernandez (2002, p. 78) ressaltava que em “um plano humano, são inicialmente as impressões muito pessoais inscritas em uma memória da experiência” que estarão presentes na realização de uma viagem.

No que se refere aos sentidos (tocar, cheirar, ver, escutar, degustar), é importante salientar que durante a viagem “uma nova realidade surge em função de uma emoção e de uma experiência pessoal”. Assim, “essas primeiras impressões dependem de um sistema neurológico, incorporado a numerosas facetas do mecanismo de aprendizagem. Esse último, empírico e sinestésico, coloca em movimento nossos cinco sentidos”. Assim, o toque “torna-se uma experiência forte” que “enseja a impressão de penetrar em um outro mundo, qualificado espontaneamente como um *ailleurs*<sup>131</sup> inacessível”. O “fundo sonoro social e cultural induz naturalmente à formação de uma inteligência auditiva necessária para apreender o exterior”. Desse modo, “a evocação de um tecido sonoro envolve os múltiplos aspectos da realidade”. Nesse sentido, esse pesquisador ressaltava que “as

---

<sup>131</sup> Um outro lugar. (NT)

primeiras impressões envolvem um registro cognitivo e sensorial muito amplo seja ele auditivo, espacial, olfativo, visual ou sinestésico” (FERNANDEZ, 2002, p. 84-85). Assim, esse autor considera que, em virtude dessa característica dos sentidos, é aconselhável “deixar-se tomar pelo improvável que surge da realidade”. Assim, qualifica essa atitude de “tudo é bom”. Na sua concepção, “trata-se de viver sem julgar” em que “a espontaneidade não dita, ela nasce da situação vivida e produz sentido *in situ e a posteriori*”. Considera, ainda, que “esse saber empírico é propício ao encontro, à descoberta”, pois “ele permite igualmente sentir, tocar, degustar e ver”. É nesse contexto que se enquadra a sua proposta do “tudo é bom” na qual estão presentes as quatro qualidades citadas anteriormente: a curiosidade, a ausência do medo, o desejo de estar lá e o exotismo (p. 84-85).

Nesse “manuseio do mundo”, considera que na aprendizagem de se utilizar do mundo, é necessário igualmente aprender a amansar a realidade, a compreender a hospitalidade nos seus diversos aspectos, a entender as práticas do cotidiano (p. 99-113).

No entanto, esse processo não ocorre de uma vez, mas sim em etapas. Nesse contexto, é ressaltado que a imersão nesse novo mundo ocorre progressivamente: uma primeira etapa, o período de *imersão-adaptação*, em que o princípio de realidade, a ação pragmática e uma tática implícita se apresentam; uma segunda fase, a da *imersão-compreensão*, em que um quebra-cabeças empírico se apresenta, aprende-se a olhar, inicia-se a realizar a exploração de um tempo qualitativo e de um tempo cultural; a terceira etapa, a da *imersão-integração*, permite a integração, um mergulho no universo simbólico do destino, a compreensão do tempo social, a passagem da prática ao conceito e do conceito à prática, analisando-se as contingências e as proximidades sociais, as tensões e lacunas sociais e tocar no inacessível: as relações amorosas (p. 114-148).

Somente após a realização desta trajetória chega-se ao ponto em que surgem “as metamorfoses vivenciadas” em que estão presentes o cotidiano extraordinário, uma iniciação, uma ruptura e uma alteração, uma ruptura e a procura de si por um iniciado iniciante.

Nesse processo, Fernandez (2002, p. 158-159) resalta que a iniciação é “um rito de passagem que toca a alteridade”, “é uma constante antropológica no centro das grandes etapas da vida de um indivíduo”. Por esse motivo, evidencia que “a iniciação é um saber-humano cujo sentido não é sempre perceptível, mas fica



registrado nas transformações da vida humana”. Além disso, a iniciação “faz uma pergunta essencial ao iniciado(a), que é viver a passagem simbólica de uma morte a um renascimento”. Dessa forma, “por uma alquimia arcaica e vital, patrimônio da história humana, o iniciado deixa nascer nele, uma identidade nova ao preço de uma morte simbólica”.

As metamorfoses vivenciadas compõem-se de rupturas e alterações. Assim, “entre as evidências confessadas e o resto, a iniciação intercultural com característica existencial abre [...] uma brecha em direção a outras significações mais universais e, ao mesmo tempo se faz eco de uma sensibilidade muito pessoal”. Esse autor considera que essa sensibilidade “altera o foro interior da pessoa, sinal provável de uma busca pessoal e até mesmo espiritual”. Nesse contexto, a iniciação “é um nascimento que é também uma errância do espírito com, talvez, um não domínio da ação”. Assim, nesse processo, poder-se-ia dizer que “torna-se um outro”. Portanto, “não haveria iniciação sem metamorfose de si com uma resposta possível nos termos de uma busca de si, do outro e do Conhecimento” (p. 161-164). Assim, por meio da viagem, considerada por esse autor “uma escola da vida”, manifesta-se uma “ampliação do horizonte” e “o fim dos pré-conceitos” em que “o tempo da colheita” chega e traz consigo uma possível alteração intercultural, uma “inteligência nômade” ou um “pensamento mestiço” (FERNANDEZ, 2002, p. 172-223).

Nesse contexto, considera que “após um tempo mais ou menos longo no estrangeiro, a experiência acaba por criar zonas de ajuste, reflexo de uma experiência intercultural compreendida” (p. 172). Mas chegam, igualmente, “os caminhos do retorno”. No retorno, é essencial fechar o ciclo, em que a dualidade entre o partir e o ficar emerge. Desse modo, é necessário “viver os ritos de re-socialização”, em um “retorno à *persona* herdada”, viver a mudança, a metamorfose em que alguns “retratos do nômade atual” podem ser feitos. Nesse estudo, Fernandez (2002, p. 224-251) questiona qual seria a “tribo” desse nômade, um nômade implicado no seu processo de transformação.

Na visão desse pesquisador, “o retorno, é um momento em que a viagem é certamente mais intensa”, pois “o espaço do retorno é antes de tudo aquele da partida, desejado ou não, que implica a procura de um equilíbrio entre” o que se era, o que se tornou e o que é o sujeito. Na perspectiva desse autor, “no plano pessoal, a realidade vivida não é o resultado de uma mecânica em três tempos: partida,

estada e retorno”. Portanto, “o retorno cria um momento de uma intensidade, nunca igual, reveladora de interrogações sobre si, sobre o trabalho e, às vezes, nostálgica do *Ailleurs* longínquo” (FERNANDEZ, 2002, p. 225). Nesse sentido, Urbain (1993, p. 250) ressalta que “o retorno de uma viagem é evocado como uma dolorosa metapsicose: um retorno difícil à vida social, vivido ao mesmo tempo como uma ressurreição laboriosa e um luto delicado”. Na sua análise, “é uma prova. Uma 'pequena morte' seguida de um lento 'renascimento'. Um tipo de reintegração ao longo da qual o viajante retorna no aqui-agora cotidiano, melancólico e sonhador, com a cabeça cheia de um mundo além”.

Dessa forma, Fernandez (2002, p. 228) considera que “o retorno acentua o dilema de uma decisão a ser tomada”. Considera, assim, que se *partir é morrer um pouco*<sup>132</sup>, seria bom acrescentar que retornar é ainda morrer um pouco mais.

Revisitando um dos mitos fundantes do Ocidente, aquele de Ulisses, esse autor salienta que esse mito retornou após uma longa viagem.

Na Odisséia de Homero, Ulisses deixa o espaço grego e suporta numerosas provas durante vinte anos (canto XXIII). Desde a sua partida, Ulisses sempre aspirou somente uma idéia, retornar a sua casa [...]. Em outras palavras, partir certamente, mas retornar o mais rápido a fim de não ser muito alterado pelo Desconhecido. Encarnação humana da *Métis grega*, Ulisses deve então conjurar a má sorte daquele que partiu, que se tornou apesar dele mesmo o nômade errante, mas também o mensageiro. Extenuado por suas viagens, Ulisses reencontra os odores e o calor de sua cidade natal, Ítaca. Saindo do espaço bárbaro, a má sorte é conjurada e as obsessões do viajante grego, atenuadas pela idéia de rever os seus familiares. Ulisses completou o seu destino, a missão está cumprida. Vestido como mendigo, reintegra a oikouménè, o espaço social e físico que funda a identidade grega. Apesar do retorno enfim próximo, a exceção de seu cachorro, nem sua esposa Penélope, nem seu filho Telêmaco, nem seu pai reconhecem o aventureiro. (FERNANDEZ, 2002, p. 241-242)

Essa longa viagem alterou, transformou Ulisses. Ele “não é mais o mesmo, ele é um estrangeiro”. Portanto, esse autor considera que o “desenraizamento anuncia uma ruptura. No retorno, o viajante faz a aprendizagem da separação” (p. 242). Mas considera, sobretudo que “o *grande retorno* não é em si um fim”, pois “é a experiência do mito do retorno e de sua superação”. Na sua visão, “o tempo do retorno indica certamente uma sedentariedade procurada [...],

---

<sup>132</sup> Esse é um “dito popular” francês muito usado.

mas é também um trampolim para viagens futuras” (p. 248). Chega, da mesma forma, à constatação de que junto com a realização da viagem, novos conhecimentos emergem nos horizontes do viajante e surge, além disso, uma “filiação a uma cultura da viagem”, uma “filiação a uma escola da vida”. (p. 248)

Nesse sentido, ressalta que **“a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico”**. Além disso, considera que “todo indivíduo, descobre ao longo do caminho as marcas indeléveis que a viagem deixa sobre o corpo e o espírito”. Nesse processo, “o medo do esquecimento se transforma em desejo de contar uma experiência vivenciada como aquela escrita sobre o mito de Ulisses e a figura de Heródoto”. Esse autor considera que “é o retrato do nômade implicado de hoje que tem consciência do caminho percorrido tornando-se por vezes o mensageiro de uma retórica do dizer que se enraíza no campo de pertencimento a uma cultura da viagem” (p. 255-261). Esse autor considera que esta cultura da viagem, seja ela fabulista, geográfica, etnológica, orientalista, jornalística ou ainda na era do tempo, dá vida ao mito da viagem. Em sua opinião, “com várias faces, esta cultura tem o poder de atravessar os oceanos e os continentes. Conta e difunde um imaginário migratório, um espírito engrandecido e uma maneira de ser”. (FERNANDEZ, 2002, p. 262)

### **Algumas considerações**

No itinerário traçado ao longo deste texto, procurei dar especial destaque ao papel das viagens nas *Investigações* tanto as de caráter científico quanto, sobretudo, aquelas de si próprio.

Assim, mediante a passagem pelos estudos de alguns autores, procurei tornar saliente: as diversas evidências da relevância das viagens; as instruções e conselhos aos viajantes que querem fazer viagens e que não têm nenhuma experiência; as contribuições das viagens; as viagens como recursos para bem aprender e conhecer o que está escondido nos livros; a proposta feita no fim do século XVIII de uma educação pelas viagens e na natureza que defende a utilidade das viagens e a necessidade de estudá-las nas escolas, pois estas podem **“inspirar o desejo de aprender”** (PORTIEZ, 1795, p. 6). Além desses aspectos, dei relevo igualmente: aos estudos de Boucher de La Richarderie (1808) que no início do

século XIX produziu um levantamento de obras relativas às viagens, considerada, à época, útil à pesquisa dos eruditos e instrutiva para os viajantes; às pesquisas de Stagl (1995) que ressaltam o início da pesquisa social por meio de uma descrição em que a construção da teoria da viagem teve como objetivo demonstrar que a sua sistematização e uma certa curiosidade dos sujeitos estão na base da pesquisa social.

Na segunda parte do texto, trato das viagens enquanto possibilidades de *Investigações de Si* evidenciando que os diferentes tipos e formas de experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos contribuem para a (trans)formação de si. Faço ressaltar que os diversos tipos de mobilidade e, especialmente as viagens, são modalidades de experiência que têm papel preponderante nestas (trans)formações. Nesse contexto, destaco as reflexões de alguns autores que ressaltam o papel dos variados tipos de mobilidade e de viagens nos processos de autoconhecimento e de (trans)formação de si.

Desse modo, faço sobressair os estudos de Fernandez (2002) que realça a idéia de uma cultura da viagem que procura mais informar do que distrair, aproximando-se de uma *arte da viagem* que preconiza uma maneira de fazer e de ser. Para esse autor, “a viagem anuncia o tempo de uma metamorfose de si” evidenciando que “o viajante é a testemunha, aquele que viveu 'lá', aquele que 'viu' o impensável e não pode ser mais aquele que era” (p. 30). Além disso, constata que junto com a realização da viagem, novos conhecimentos emergem nos horizontes do viajante e surge, igualmente, uma “filiação a uma cultura da viagem”, uma “filiação a uma escola de vida” (p. 248), em que “a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico” (p. 255). Assim, a “cultura da viagem” atravessa oceanos e continentes, contando e difundindo “um imaginário migratório, um espírito engrandecido e uma maneira de ser” (p. 262).

Portanto, evidencio que no itinerário percorrido, se tornam salientes algumas das contribuições das viagens à (trans)formação de si.

## APÊNDICE C 5

### Viajantes, Sonhos, Desejos

*O Viajante se forma  
por meio das descobertas do outro  
(Ardoino, 2004)*

A viagem em si é uma atividade que agrega mil e um elementos para ser entendida, compreendida e assimilada como algo que encerra no seu todo significados e valores importantes para quem a projeta e a pratica e, sobretudo, para quem tem a responsabilidade de organizar ou colaborar na sua organização. Mas essa atividade humana ocorre se e somente se existir um sujeito singular, pleno de sonhos, desejos e motivações – o sujeito viajante – que está à procura de realizá-los e, assim, de ter uma sensação de bem-estar. Nesse percurso, considero, igualmente, que a (trans)formação do sujeito é um processo pleno de elementos complexos e multirreferenciais.

Assim, este texto tem o objetivo de abordar a figura do viajante, considerando que esse se “forma por meio das descobertas do outro”, como destaca Ardoino (2004), mas que, também, se forma mediante a realização de seus sonhos e desejos. Portanto, neste itinerário são salientados os papéis: dos mitos e da realidade; do desejo de prazer; da relação entre o Princípio de Realidade e o Princípio de Prazer; da motivação; e de alguns dos diversos desejos do ser humano, especificamente do viajante (o desejo: de uma estética do bem-estar; de um bom acolhimento; por outros espaços, outras pessoas, outras culturas – *désirs d'ailleurs* –; de uma mobilidade espacial e temporal; e de alteridade, alteração e transformação).

#### **Viajantes, sonhos, desejos**

Antes de dar continuidade a esse itinerário, retomo os significados da palavra *viajante*. Esse sujeito particular é aquele que viaja, o *viajor*, o *viageiro* (é dado a

viajar muito, freqüentemente, é o peregrino)<sup>133</sup>. É uma pessoa que está em viagem, usando um veículo de transporte. No século XVI era considerado uma pessoa que viajava para ver novos lugares com o objetivo de realizar descobertas, de estudar. O viajante era visto igualmente como um explorador; no século XVII, era considerado como aquele que amava viajar; no século XIX, era relacionado, também, com a atividade comercial, pois os representantes comerciais viajavam para visitar a sua clientela.<sup>134</sup>

Mas, o significado e o entendimento do que vem a ser o viajante pode ir além destas descrições. Esse viajante poderia ser considerado, assim, como

o indivíduo que se desloca para visitar destinos diferentes do de residência habitual, por períodos de tempo limitados e variáveis, com o objetivo de lazer através do desenvolvimento de atividades propensas ao conhecimento e ao enriquecimento pessoal através de mecanismos de auto-aprendizagem pelo contato direto e fundamentado no respeito mútuo com povos, culturas e ambientes naturais diferentes,

conforme propôs Brígida Rocha Brito no IV Congresso Português de Sociologia (BRITO, 2000a) Essa talvez pudesse ser uma boa perspectiva, mas talvez ainda necessitando de algo mais.

Nesse cenário, para a elaboração de uma possível nova proposta de conceituação de viajante, é preciso refletir sobre elementos multirreferenciais que necessitam estudos e reflexões sobre: a realidade; o desejo de prazer; a motivação; o desejo de uma estética do bem-estar; o desejo de um bom acolhimento; o desejo de uma mobilidade espacial e temporal; os desejos por outros espaços, outras pessoas, outras culturas (*désirs d'ailleurs*); enfim, o desejo de alteridade, de alteração, de transformação.

Assim, a seguir são apresentadas algumas reflexões sobre esses elementos que ao final subsidiarão a concepção de uma proposta de conceituação de *viajante*.

---

<sup>133</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=viajante&stype=k>>. Acesso em 23 set. 2007.

<sup>134</sup> Dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française 2007 [CD-ROM]*, France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

## Os mitos e a realidade

Foi visto no Apêndice C 1, que trata sobre a mitologia, que os mitos representam uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada por meio de perspectivas múltiplas e complementares. Os mitos contam “uma história sagrada”, relatam “um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do *princípio*”. Portanto, os mitos narram “como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição”. Por esse motivo, o mito é “sempre, nesse sentido, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente”. (ELIADE, 2004, p. 11)

Mas o que vem a ser a realidade a partir da compreensão dos mitos? Será que existe uma só realidade ou realidades diversas? As descrições sobre os significados da realidade salientam que esta é a qualidade ou característica do que é real, do que realmente existe, é um fato real, é uma verdade. É, igualmente, o conjunto das *coisas* e fatos reais. No que concerne a sua etimologia<sup>135</sup>, origina-se do latim *realitas*, *átis*. Mas, Maturana (1997, p. 156) observa que ela “vem do substantivo latino *res*, que significa 'coisa'”. Nesse sentido, explicita que

a operação fundamental que um observador pode desempenhar é uma operação de distinção, a especificação de uma entidade através do recorte operacional do seu background. Além disso, aquilo que resulta de uma operação de distinção e pode então ser distinguido é uma **coisa** com as propriedades que a operação de distinção especifica, e que existe no **espaço** que essas propriedades estabelecem. A **realidade**, portanto, é um **domínio de coisas**, e, nesse sentido, aquilo que pode ser distinguido é real. Isto posto, não há qualquer dúvida sobre o que seja a realidade: é um domínio especificado pelas operações do observador”. (MATURANA, 1997, p. 156) (grifos meus)

Nesse mesmo sentido, Duarte Júnior (1984, p. 12-15) salienta que a realidade “é um conceito extremamente complexo, que merece reflexões filosóficas aprofundadas”. Assim, ressalta que o ser humano “é o construtor do mundo, o edificador da realidade” e que por esse motivo, ela “é construída, forjada no encontro incessante entre os sujeitos humanos e o mundo onde vivem”. Por esse motivo,

<sup>135</sup> Dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française 2007 [CD-ROM]*, France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

salienta que “a questão da realidade [...] passa pela compreensão das diferentes maneiras de o ser humano se relacionar com o mundo”.

Na sua compreensão, esse autor considera que “a realidade da vida cotidiana é [...] a realidade por excelência, na qual nos movemos como o peixe na água” e que o ser humano “é o construtor da realidade, o construtor do mundo”. (DUARTE JUNIOR, 1984, p. 15-17)

Esse autor considera o mundo como tudo aquilo “que pode ser dito”, como “o conjunto ordenado de tudo aquilo que tem nome”. Por esse motivo, ressalta, então, que “é lícito falar-se em mundo, significando o acervo de conceitos e conhecimentos que cada indivíduo possui”. Para esse autor, o mundo “é ordenado e significado através da linguagem, conseqüentemente a realidade será também fundamentalmente estabelecida e mantida por ela”. Dessa forma, observa que “a construção da realidade passa pelo sistema lingüístico empregado pela comunidade” e que “a linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as suas ações de modo coerente e integrado”. (p. 22-24)

Assim, salienta que a realidade mais palpável diz respeito ao mundo que se acha ao alcance das mãos”. Portanto, “a realidade preponderante é sempre a do dia-a-dia” (p. 29-34). Nessa mesma linha de reflexão, Maturana (1997, p. 263-265) considera que “a realidade surge como uma proposição explicativa para dar conta de nossa experiência de coerências operacionais em nossa vida diária e técnica [...]”. Por esse motivo, “a realidade que vivemos depende do caminho explicativo que adotamos e que isso, por sua vez, depende do domínio emocional no qual nos encontramos no momento da explicação”. Por esse motivo, esse pesquisador ressalta que

o tipo de realidade que vivemos como um domínio de proposições explicativas reflete a todo momento o fluir de nossas relações interpessoais e o tipo de coordenações de ações que esperamos que ocorram nelas, uma característica que é independente de estarmos ou não conscientes disso, enquanto uma característica constitutiva de nossa operação na biologia humana do observar. (MATURANA, 1997, p. 265)

É dessa realidade do dia-a-dia, do cotidiano, que a grande maioria dos sujeitos procura se distanciar durante o período de férias quando realiza um projeto de viagem e, assim, procura realizar sonhos e desejos variados em uma realidade



diversa da sua, talvez mesmo realizar uma fantasia, uma utopia. É o desejo, a busca de sentir-se bem. É o desejo de ter prazer.

## O desejo de prazer

A palavra prazer, na língua francesa, data de 1152 e tem sua origem etimológica no latim *placèò, es, cùì* ou *cìtus sum, placére* que significavam *agradar, ser agradável, parecer bem, ser do agrado de alguém*. Atualmente, em 2008, essa palavra significa uma sensação ou emoção agradável, ligada à satisfação de uma tendência, de uma necessidade, do exercício harmonioso das atividades vitais, etc.. Além disso, pode significar alegria, contentamento, júbilo em que pode haver uma satisfação emocional e um deleite sexual. Pode, ainda, significar boa vontade, agrado; diversão frívola; distração, divertimento. No campo da estética, especificamente no *kantismo*, significa um sentimento desinteressado de satisfação diante da beleza, seja natural ou artística. No campo da filosofia, nas doutrinas morais hedonistas, tem o sentido do bem supremo do ser humano. No campo da psicologia, o prazer é o estado afetivo fundamental, um dos dois pólos da vida afetiva, contrapondo-se à dor.<sup>136</sup> Como visto na exploração dos significados e sentidos da palavra prazer, são amplas as possibilidades de reflexão a partir dessa palavra.

Segundo Lowen (1984, p. 21-26), “o prazer é um modo de ser” e “a pessoa está em um estado de prazer quando os movimentos de seu corpo fluem livre, ritmicamente e em harmonia com seu ambiente”. Além disso, “o prazer fornece a motivação e a energia para uma abordagem criativa da vida. Todo ato criativo se inicia com uma excitação de prazer, passa por uma fase de germinação e culmina com a alegria da expressão”. Por esse motivo,

O prazer e a criatividade estão relacionados dialeticamente. Sem prazer, não haverá criatividade. Sem uma atitude criativa diante da vida não haverá prazer. Essa dialética surge do fato de ambos serem aspectos positivos da vida. A pessoa viva é sensível e criativa. Através da sensibilidade coloca-se em harmonia com o prazer e através do impulso criativo procura sua realização. O prazer na vida encoraja a criatividade e a comunicação, e a criatividade aumenta o prazer e a alegria de viver”. (p. 27)

<sup>136</sup> Dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française 2007 [CD-ROM]*, France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

Desse modo, esse autor considera que o prazer “é resultado da satisfação das necessidades” do indivíduo e que têm três grandes raízes: a dos ritmos espontâneos; a das funções naturais; e a do movimento.

A primeira raiz está arraigada nas relações do ser humano com a natureza, pois esse autor considera que “no nível mais profundo, somos parte da natureza; no mais alto, somos organismos exclusivos, vivenciando conscientemente o prazer e a dor, a alegria e a tristeza do nosso relacionamento com a natureza”. (LOWEN, 1984, p. 189)

Por esse motivo “a sensação de prazer, originada do ritmo natural e sem perturbação da vida, abrange todas as nossas atividades e relações. Há um tempo para trabalhar e um tempo para descansar, um tempo para distrair-se e um tempo para levar as coisas a sério, um tempo para ter companhia e um tempo para ficar só”. (p. 190)

A segunda grande raiz abrange os ritmos das funções naturais, pois considera que “filogeneticamente, a vida começou no mar”. Portanto, esse autor explica que “para muitas pessoas a ida ao litoral é ocasião de prazer e de agradáveis sensações. Perto do mar sentimo-nos liberados e mais em contato com as forças elementares da natureza” (p. 193). Por esse motivo, a existência de um grande desenvolvimento da atividade turística nos balneários ao longo das costas.

A terceira grande raiz é a dos ritmos do movimento, pois ela “repousa em nossa relação com o mundo externo”, abrangendo “todos os nossos contatos com as pessoas, nosso trabalho e as condições ambientais sob as quais vivemos”. Esse autor explica que “nessa relação geralmente somos atores conscientes, recebendo estímulos e respondendo com movimentos”. Observa, ainda, que “a parte do corpo mais envolvida nessa atividade é a parte externa do organismo” e “consiste na pele, nos tecidos subjacentes e na musculatura estriada ou voluntária”. No âmbito desta raiz, esse autor considera que “o prazer sensorial, aparentemente, poderia ser vivenciado por todos de uma forma ou de outra” (p. 200-201). Esse é um elemento interessante para se pensar em uma estética do bem-estar, mas se deve refletir igualmente nas sensações internas, tal como a taquicardia, a aceleração da respiração, dentre outras.

Quando aborda o ritmo do Amor, esse autor ressalta que “falar do amor como fonte de prazer é poético, mas ilógico”, pois considera que “na hierarquia das

funções da personalidade, o amor, como emoção, surge do prazer. [...] o prazer e a alegria se originam de amar e ser amado” (p. 204). Dessa maneira, após refletir sobre os componentes da realidade e do prazer e suas influências no sujeito se passa às reflexões sobre as questões que se referem, especificamente, ao princípio de realidade e ao princípio de prazer, presentes nos sujeitos.

### **O princípio de realidade e o princípio de prazer**

Alguns dos elementos, que são abordados a seguir, são importantes para a compreensão desses dois princípios fundamentais: o de Realidade e o de Prazer. Esses dois princípios, presentes na vida de todo ser humano, foram desenvolvidos e analisados nos estudos de Freud (2003 [1969])<sup>137</sup>, Nasio (1999), Marcuse (1981), dentre outros pesquisadores.

Uma das questões que Freud (2003 [1969]), estuda é relativa a "quais as circunstâncias que podem impedir o princípio de prazer de ser levado a cabo [...]?" (p. 12). Esse parece ser um dos fios condutores dos seus estudos e reflexões sobre o princípio de prazer. É nesse sentido que esse estudioso do ser humano discute os diversos elementos que possibilitam uma melhor compreensão desse tema, mesmo estando consciente de que há uma relação entre o princípio de prazer e os instintos de morte.

O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tornariam mais difícil a tarefa de viver. (p. 80-81)

Na sua concepção o princípio de prazer regula o caminho tomado pelos eventos mentais que são movimentados por uma tensão desagradável. Assim, a direção tomada por esse movimento e o seu conseqüente resultado vai ocasionar uma redução dessa tensão fazendo ocorrer a produção de prazer ou a evitar ter desprazer. (p. 09)

Assim, tudo o que se relaciona com o princípio de prazer parece estar bem evidente e ressalta que todas as impressões devem ser consideradas. No

---

<sup>137</sup> A Imago Editora traduziu o texto de Sigmund Freud no ano de 1969 e o vem editando desde então. A edição estudada é de 2003.

entanto, por considerar essa região da mente como a "mais inacessível", ele solicita a contribuição de "qualquer teoria filosófica ou psicológica que pudesse" informar-lhe "sobre o significado dos sentimentos de prazer e desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós" (FREUD, 2003 [1969], p. 09). Explicita que nesse estudo ele decidiu "relacionar o prazer e o desprazer à quantidade de excitação, presente na mente, [...] e relacioná-los de tal modo, que o desprazer corresponda a um aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma *diminuição*" (p. 10).

Nesse sentido, considera que "o princípio de prazer decorre do princípio de constância" e que "esse último princípio foi inferido dos fatos que" o "forçaram a adotar o princípio de prazer". Para tal, Freud considera que essa tendência relaciona-se com o princípio de Fechner que ao estudar os sentimentos de prazer e desprazer, relacionando-os, diz existir uma "tendência no sentido da estabilidade" entre ambos (p. 11). Além disso, considera que

existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (p. 12)

Assim, é necessário existir uma regulação desse processo. Dessa forma é que ocorre a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade "sob a influência dos instintos de autopreservação do ego (p. 12). Esse pesquisador explicita que o princípio de realidade "não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação [...] e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer". (p. 12). Destarte, ressalta que

A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um "perigo". A reação dessas exigências instintuais e ameaças de perigo, reação que constitui a atividade apropriada do aparelho mental, pode ser então dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade pelo qual o primeiro é modificado. Isso não parece tornar necessária nenhuma limitação de grande alcance do princípio de prazer. (p. 14)

Nos seus estudos, verificou que "mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável em um tema a ser rememorado e elaborado na mente" (FREUD, 2003 [1969], p. 22). Além disso, ressalta que o princípio de prazer influencia no funcionamento da resistência do ego consciente e inconsciente, pois essa resistência "busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido" (p. 25-26). É por esse motivo que enfatiza que devem ser feitos esforços "no sentido de conseguir a tolerância desse desprazer por um apelo ao princípio de realidade". (p. 25-26)

Após desenvolver esses estudos e reflexões no livro *Além do Princípio de Prazer*, Freud (2003, p. 79-80) expõe sinteticamente que o princípio de prazer "é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível". No entanto, ressalta que não se pode ainda "decidir com certeza em favor de nenhum desses enunciados, mas é claro que a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico".

Nas últimas páginas desses estudos, faz uma reflexão histórica, desde o início da vida mental do ser humano, para dizer que "a luta pelo prazer era muito mais intensa do que posteriormente, mas não tão irrestrita;" e que o prazer "tinha que submeter-se a freqüentes interrupções" (p. 80). Acrescenta, ainda que

Em épocas posteriores, a dominância do princípio de prazer é muitíssimo mais segura, mas ele próprio não fugiu aos processos de sujeição que os outros instintos em geral. De qualquer modo, seja lá o que for aquilo que causa o aparecimento de sentimentos de prazer e desprazer nos processos de excitação, deve estar presente no processo secundário, tal como está no primário. (p. 80)

Freud (2003, [1969], p. 80-81) conclui esse estudo deixando algumas reflexões a serem desenvolvidas e algumas questões a serem respondidas.

Nossa consciência nos comunica sentimentos provindos de dentro que não são apenas de prazer e desprazer, mas também de uma tensão peculiar que, por sua vez, tanto pode ser agradável quanto desagradável. Permitir-nos-á a diferença entre esses sentimentos distinguir entre processos de energia vinculados e livres? Ou deve o sentimento de tensão ser relacionando com a magnitude absoluta, ou talvez com o nível da catexia, ao passo que a série prazer e desprazer indica uma mudança na magnitude da catexia *dentro de*

*determinada unidade de tempo?* Outro fato notável é que os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. (p. 80-81)

Por sua vez, os estudos de Nasio (1999, p. 14-30) possibilitam o aprofundamento das questões estudadas por Freud com o intuito de refletir sobre a sua introdução na discussão do significado das viagens e na elaboração de uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento.

Nasio (1999, p. 14), falando sobre o esquema da lógica do funcionamento psíquico afirma que toda a doutrina de Freud "é marcada por seu desejo de identificar a origem do sofrimento do outro, servindo-se de seu próprio eu". Por esse motivo, esse estudioso de Freud ressalta que a obra freudiana é "uma imensa resposta, uma resposta inacabada à pergunta: qual é a causa de nossos atos? Como funciona nossa vida psíquica?"

Assim, é a partir dessa reflexão inicial que nos próximos parágrafos são apresentados alguns elementos em que esse autor discorre sobre o "esquema lógico que perpassa em filigrana a obra de Freud" para, mediante o questionamento sobre o funcionamento do psiquismo, chegar ao entendimento de que "o essencial da lógica do funcionamento psíquico, considerado do ponto de vista da circulação de energia, resume-se, [...] em quatro tempos" (p. 14-30). É a partir da compreensão desse esquema lógico que se poderá entender onde se insere no mesmo, tanto o Princípio de Realidade quanto o Princípio de Prazer.

Segundo esse pesquisador os quatro tempos do esquema lógico da obra de Freud, em síntese, são: "a pressão constante do inconsciente, o obstáculo que se opõe a ele, a energia que resta e a energia que passa" ou, em outras palavras "o que empurra, o que detém, o que resta e o que passa" (p. 30). Assim, se verifica que o Princípio de Prazer insere-se no primeiro tempo, isto é, "na pressão constante do inconsciente" ou no "que empurra", sendo parte dele detido pelo segundo tempo, ou seja, pelo "obstáculo que se opõe a ele" ou "o que detém". Esses dois tempos compõem, segundo esse autor, uma parte do inconsciente do Ser (p. 22). Destarte, a barreira imposta pelo segundo tempo, chamada por Freud de Recalcamento (p. 21), pode ser considerada como se fosse um primeiro filtro do Princípio de Realidade que estaria agindo sobre o Princípio de Prazer. Assim "a energia que passa" ou "o que passa" faz parte do quarto tempo do esquema lógico passando ainda pelo pré-consciente e chegando ao

consciente. Portanto, é mediante a ação do Princípio de Realidade, que se encontra presente que se pode sair da parte de "dentro" do psiquismo e chegar à parte de "fora" de forma tal que possa proporcionar um "prazer parcial e substitutivo" ou um "prazer moderado" visto que o "prazer absoluto e impossível" não acontece, pois "no psiquismo, o prazer absoluto nunca é obtido, uma vez que a descarga absoluta nunca é realizada" (NASIO, 1999, p. 20)

Instaura-se, portanto, um conflito entre esses dois grupos: um deles, o da esquerda, que quer de imediato o prazer de uma descarga total - o prazer é aqui soberano -; e outro grupo, o da direita, que se opõe a essa loucura, lembra as exigências da realidade e incita à moderação - a realidade é aqui soberana. Enquanto o princípio que rege esse grupo majoritário de representantes chama-se Princípio de prazer-desprazer, aquele que governa o segundo grupo minoritário de representantes se chama Princípio de realidade. (p. 23)

Certamente, tendo em perspectiva esses dois grupos, em Eros e Civilização, Marcuse (1981) evidencia que "O retorno do reprimido compõe a história proibida e subterrânea da civilização" e para esse autor "a repressão é um fenômeno histórico". Assim, o ser humano deveria aprender a lidar com ela para propiciar-se os momentos de prazer pelos quais instintivamente anseia. Desse modo,

de acordo com a concepção de Freud, a equação de liberdade e felicidade, sujeita ao tabu da consciência, é sustentada pelo inconsciente. A sua verdade, embora repelida pela consciência, continua assediando a mente; preserva a memória de estágios passados do desenvolvimento individual nos quais a gratificação imediata era obtida. E o passado continua a reclamar o futuro: gera o desejo de que o paraíso seja recriado na base das realizações da civilização. (p. 43)

Nesse sentido, Marcuse (1981) retoma a definição de princípio de prazer apresentada por Freud (2003), ressaltando que:

O princípio de prazer, então, é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível. Ainda não podemos decidir com certeza em favor de nenhum desses enunciados, mas é claro que a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico. (FREUD *apud* MARCUSE, 1981)

Assim, a partir do que foi exposto e analisando a sociedade pós-industrial, se verifica que o ser humano defronta-se atualmente com a dicotomia

Prazer x Trabalho, uma oposição que remonta à mitologia grega. Entretanto, o ser humano é naturalmente um ser mais voltado ao prazer do que exatamente ao fazer. Contudo a civilização e a cultura vêm lhe impondo usar muito tempo para o fazer, em detrimento do seu prazer. Por esse motivo, o ser humano está ávido por poder se permitir prazer, realizar os seus sonhos e desejos, em busca de um sonhado e desejado bem-estar. Mas, a civilização e a cultura inibem e desviam os objetivos e os anseios da estrutura instintiva do ser humano. Nesse processo, a satisfação integral das necessidades do ser humano é transformada pela civilização. Mediante a influência da realidade externa ancorada no contexto sócio-histórico-cultural, os impulsos animais são transformados em instintos humanos (MARCUSE, 1981, p. 60).

O ser humano existe só uma parcela de tempo, durante os dias de trabalho, como um instrumento de desempenho alienado; o resto do tempo está livre para si próprio. [...] Esse tempo livre estaria potencialmente disponível para o prazer. Mas o princípio de prazer que governa o id é "intemporal" também no sentido em que milita contra o desmembramento temporal do prazer, contra a distribuição em pequenas doses separadas. (p. 59-60)

Nas suas representações, muito provavelmente quando são evocadas as palavras, lazer, férias, viagem, turismo, o ser humano se remete a uma sensação, a uma promessa de prazer que está no seu inconsciente. Esse prazer vem sendo reprimido ao longo dos séculos e nele havendo também uma prevalência de circunstâncias da realidade externa do seu cotidiano. Segundo esse autor, "o tempo de trabalho, que ocupa a maior parte do tempo de vida de um indivíduo, é um tempo geralmente penoso, visto que o trabalho alienado significa ausência de gratificação, negação do princípio de prazer" (p. 58).

As férias, as viagens, o tempo de Dionísio acontecem, geralmente, uma vez por ano. Por esse motivo, devem ser bem cuidados pelos profissionais das viagens e pelos habitantes dos destinos turísticos. Assim, esses sujeitos precisam desenvolver conhecimentos e um comportamento sustentável para poderem oferecer elementos que propiciem ao viajante o prazer que lhe é negado durante grande parte do seu tempo de vida.

A atividade da Viagem tem a possibilidade, assim, de (re)conciliar a realidade externa com o prazer inerente ao ser humano. Além disso, as formações para atuar no campo das viagens e do Turismo tem o papel de colaborar na construção de conhecimentos nos profissionais que vão atuar nesse campo de que,



estar disposto à prestação de serviço é saber e estar à disposição do outro. Esse "outro" está em busca de realização de um certo desejo que representa sua necessidade de atenção à realização do seu prazer, a sua busca de uma estética do sentir-se bem.

Nesse sentido, se tem verificado ao longo da história que a sociedade industrial interveio em toda a ordem rural e artesanal da sociedade pré-industrial estabelecendo uma dicotomia entre a casa e o trabalho, a fábrica e a cidade, o prazer e a realidade. O ser humano da era pós-industrial necessita ter uma nova visão do mundo para estar apto a lidar e superar as crises que surgem a cada dia, maiores e mais complexas, devendo possuir uma competência paradigmática ampla. Uma delas seria a compreensão das motivações que permitem ao ser humano obter suas necessidades fundamentais na sua realização enquanto ser.

## **A motivação**

Segundo Maslow (1943, p. 370-396; 2004 p.17-37) o indivíduo age em função das suas necessidades fundamentais (fisiológicas, de segurança, de amor, de estima, de realização pessoal). Assim, a noção de motivação não se situa somente no plano objetivo do real, mas sim no nível do desejo, *lato sensu*, desejo de vida, vida com qualidade, que compreenda também o imaginário. Ela se inscreve em um universo de sentidos. Nesse contexto, Lanquar (1994) considera que o lazer turístico tem por função fazer com que o ser humano tenha mais satisfação e aperfeiçoamento pessoal, mais socialização e com significados / resultados terapêuticos. Essas são funções necessárias ao bom desenvolvimento e desempenho do ser humano na sua vida cotidiana.

No que se refere às necessidades do sujeito-viajante, se considera que essas estão englobadas nas necessidades fisiológicas de Maslow (2004 [1943]), no que concerne ao descanso e ao equilíbrio físico e psíquico; nas de segurança no que diz respeito à proteção contra acidentes e agressões (roubos, etc.); e nas necessidades de desenvolvimento pessoal (culturais, prestígio, estéticas...). Portanto, as motivações do viajante podem ser agrupadas em: motivações físicas; motivações culturais; motivações sociais; motivações de mudança de atividades e de lugar geográfico; motivações de *status* e de prestígio; motivações de diversão e

descontração.

Na sociedade pós-industrial se verifica que um desejo de bem-estar tende a se generalizar em todas as camadas da população. Na visão de Amirou (1995), o ser humano procura para o seu bem-estar a satisfação de motivações profundas, das quais algumas correspondem à imagem que fazemos da viagem e do turismo.

### **O desejo de uma estética do bem-estar**

A origem etimológica da palavra estética vem do latim moderno *æsthetica* (1750), e do grego *aisthêtikos*, de *aisthanesthai* significando « sentir »<sup>138</sup>. Essa palavra apresenta diversas acepções. Na filosofia é a parte voltada para a reflexão a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico. Segundo o criador do termo, o filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762), é a ciência das faculdades sensitivas humanas, investigadas em sua função cognitiva particular, cuja perfeição consiste na captação da beleza e das formas artísticas. No *kantismo*, é o estudo dos juízos por meio dos quais os seres humanos afirmam que determinado objeto artístico ou natural desperta universalmente um sentimento de beleza ou sublimidade. No *hegelianismo*, é o estudo da beleza artística, que apresenta em imagens sensoriais, ou representações sensíveis, a verdade do espírito, do princípio divino, ou da idéia. Mas, além da filosofia, a estética significa: uma harmonia das formas e/ou das cores; a beleza; o ramo ou atividade profissional que tem por fim corrigir problemas cutâneos, capilares etc., assim como conservar ou dar mais viço à beleza física de uma pessoa, por meio de tratamentos especiais; no seu uso informal significa a aparência física; a plástica.<sup>139</sup>

Ao longo dos textos anteriores foram descritos alguns elementos que revelam o desejo de uma estética do bem-estar pelo sujeito-viajante. Especialmente no Apêndice C 4, quando são apresentadas as reflexões sobre as viagens e as investigações de si, esses elementos tornam-se mais evidentes. Na viagem o sujeito-viajante está, sobretudo, à procura de sentido. Nesse local a ser explorado, deseja realizar o sonho de encontrar um espaço de plenitude, de viver o

<sup>138</sup> Dicionário *Le Nouveau Petit Robert de la langue française 2007 [CD-ROM]*, France: Dictionnaires Le Robert, 2007.

<sup>139</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=est%EA9tica&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

desconhecido utilizando todos os sentidos: deseja tocar, cheirar, ver, escutar, degustar, etc., considerando que “tudo é bom”, sendo curioso, desejando efetivamente estar nesse local escolhido, em busca de um exotismo peculiar, deixando de lado o medo do desconhecido.

A necessidade de bem-estar, de harmonia cósmica é detectável e se produz por meio de estímulos físicos e sensoriais. Esses estímulos provocam a liberação de endorfinas no organismo humano. Esse neurotransmissor é produzido em resposta à atividade física e visa “relaxar e dar prazer, despertando uma sensação de euforia e bem estar”<sup>140</sup>. Esses estímulos podem ser obtidos por diversos meios. Na viagem, por exemplo, a textura da areia no pé (tato), o calor do sol (visão), uma bela paisagem (visão), a brisa do mar (olfato, tato), o canto dos pássaros (audição), uma boa refeição (olfato, visão, paladar) são meios que estimulam os canais sensoriais produzindo a sensação de bem-estar. Em razão dessa percepção é que se verifica nos sujeitos um apelo por uma estética do bem-estar, que englobe e considere todos os sentidos e aspectos do bem-estar do ser humano.

### **O desejo de um bom acolhimento: transformação de *hostis* em *hospes***

É importante ressaltar que quando se fala em *viagem*, se pensa no *acolhimento* e sem bom acolhimento, não há viajante satisfeito. Os termos acolher / acolhimento, adotados neste estudo, foram desenvolvidos em pesquisa anterior e são retomados no Apêndice D 3, pois como Gouirand (1994) considera-se que as viagens, o turismo e o acolhimento estão indissociavelmente ligados. (AVENA, 2006a, p. 138-150)

Assim, todo viajante deveria estar sendo acompanhado direta ou indiretamente por profissionais da viagem e do acolhimento que deveriam assessorá-lo, inicialmente, na elaboração de um projeto de viagem e, posteriormente, na descoberta / exploração de um lugar / espaço e de uma sociedade, na grande maioria das vezes, desconhecidos por ele.

---

<sup>140</sup> Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Endorfina> > . Acesso em: 23 nov. 2007.

## **O desejo por outros espaços, outras pessoas, outras culturas (*désirs d'ailleurs*) O desejo de uma mobilidade espacial e temporal**

Foi exposta anteriormente a compreensão que se tem sobre os desejos por outros espaços, outras pessoas, outras culturas (*désirs d'ailleurs*) como salientado por Michel (2000). Além desses aspectos, está implícito, igualmente, um desejo de liberdade, de realizar fantasias, sonhos, como ressaltado por Rouanet (1994).

A Viagem deve, assim, (re)conciliar a realidade externa com o prazer inerente ao ser humano. Além disso, a Formação para as Viagens e o Turismo deveria colaborar na construção de conhecimentos nos profissionais de que, estar disposto à prestação de serviço é saber e estar à disposição do outro. Esse "outro" está em busca de realização de um certo desejo que representa sua necessidade de atenção à realização do seu prazer, a sua busca de uma estética do bem-estar (AVENA, 2006).

A Formação para as Viagens e o Turismo deveria permitir ao sujeito que se profissionaliza, construir a compreensão de que o cliente deve ser considerado um *hospes*, que é desejado, acolhido, acompanhado e com ele acolhida e acompanhada a realização do seu sonho e desejo de uma estética do bem-estar, que caracteriza o prazer aguardado do seu contato com outros lugares e outras pessoas (*Désirs d'Ailleurs*).

Proprietários e profissionais das viagens e do turismo deveriam considerar-se parceiros, colaborando no processo de criar condições propícias e operar a serviço do sujeito-viajante e do seu sonho e desejo de bem-estar. Processo esse que se inicia pelos primeiros sinais de acolhimento, pelo acompanhamento desenvolvido ao longo da sua estada e como resultado final ao despertar e manter o desejo de voltar àquele oásis que responde bem ao seu desejo de estar bem consigo, com o ambiente e, principalmente, com aqueles "mágicos" que parecem conhecer suas fantasias, seus desejos, de ver, ouvir, degustar, cheirar, sentir com o tato, percebendo-se seguro, desejado, objeto de atenções e cuidados múltiplos. Alguns cuidados discretos, outros bem evidentes, mas tudo e todos colimando para uma atenção consciente e competente de atendimento ao princípio de prazer (do cliente), parte legítima e significativa de qualquer ser humano, considerando igualmente o princípio de realidade nesse processo.

## O desejo de alteridade, de alteração, de transformação

A origem etimológica da palavra alteridade vem do francês *altérité* significando alteração, mudança, calcado no latim *altaritas*, *átis*, e *alter*. Nas suas acepções, descreve-se a alteridade como a natureza ou condição do que é outro, do que é distinto. Na filosofia, é a situação, estado ou qualidade que se constitui por meio de relações de contraste, distinção, diferença<sup>141</sup>.

Por outro lado, a palavra alteração tem origem etimológica no latim *alteratio*, *ónis* e *alter* significando mudança, diferença. São diversas as acepções dessa palavra. Dentre elas, é o ato ou efeito de alterar(-se), é a modificação, mudança do estado normal<sup>142</sup>.

A palavra transformação origina-se do latim *transformatio*, *ónis* significando transformação, metamorfose, ato ou efeito de transformar(-se)<sup>143</sup>.

A partir da origem das palavras alteridade, alteração e transformação e, igualmente, da reflexão sobre os seus significados no contexto das viagens de uma forma geral e, especificamente, nas suas contribuições para o sujeito-viajante, pode-se considerar que o desejo de contato com o outro, com outros lugares, por meio de relações contrastantes em que a distinção e a diferença estão presentes, promovem no sujeito-viajante um processo de mudança do seu estado normal, uma certa metamorfose de si mesmo, uma transformação de si.

Assim, ao longo do itinerário seguido foram feitas reflexões que subsidiam e colaboram na elaboração de uma proposta de conceito que abranja esses elementos estudados. Essa proposta se refere a uma categoria específica, aquela do viajante que busca o prazer, os 3 D defendidos por Dumazedier (1962, p. 26-28). Mas deve-se pensar também nas outras categorias, os viajantes que se deslocam a trabalho ou mesmo aqueles que viajam contra a sua vontade.

Poder-se-ia, então, propor essa nova conceituação: *o viajante é um sujeito com motivações complexas, pleno de sonhos, desejos variados (désirs d'ailleurs) e, sobretudo, desejo de prazer, de sentir-se bem por meio de todos os seus sentidos*

<sup>141</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=alteridade&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

<sup>142</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=altera%E7%E3o&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

<sup>143</sup> Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=transforma%E7%E3o&stype=k> >. Acesso em: 23 nov. 2007.

*(estética do bem-estar) e de um bom acolhimento, inserido em uma mobilidade espacial e temporal diferenciada da realidade de seu cotidiano.*

### **Algumas considerações**

Ao abordar a figura do viajante, considerando especificamente os seus sonhos e desejos diversos, procurei evidenciar neste texto tanto a sua própria complexidade quanto aquela da viagem em si mesma. Esse é o pano de fundo em que o viajante se insere. Desse modo, ressaltai alguns aspectos das necessidades e desejos do viajante que considero devam ser analisados pelos profissionais responsáveis pela elaboração, organização e realização das viagens.

Nesse processo, salientei inicialmente os significados da palavra viajante com o objetivo de evidenciar a necessidade de se refletir sobre as definições e conceitos em vigor e sobre uma possível nova proposta. Em seguida, foquei a descrição sobre os mitos, a realidade e o prazer para possibilitar a compreensão de princípios fundamentais: o Princípio de Realidade e o Princípio de Prazer.

Além dessa apresentação, destaquei igualmente o papel da motivação, pois o indivíduo age em função das suas necessidades tanto no plano objetivo do real quanto naquele do desejo, do desejo de vida que compreenda também o imaginário.

No que concerne os desejos, procurei dar especial destaque a alguns deles: o de uma estética do bem-estar; o de acolhimento; o desejo por outros espaços, outras pessoas, outras culturas (*désirs d'ailleurs*); o desejo de mobilidade espacial e temporal; e o desejo de alteridade, alteração e de transformação.

Assim, ao apontar esses diversos aspectos, o intuito foi, além de subsidiar e colaborar na elaboração de uma proposta de conceito que abranja esses elementos ressaltados, destacar igualmente a importância do desenvolvimento desses aspectos nas formações dos sujeitos envolvidos direta e/ou indiretamente no campo das atividades das viagens e do turismo.

## **APÊNDICES D**

### **Saberes e conhecimentos na formação, na educação e no acolhimento**





Na construção e desenvolvimento dos textos dos Apêndices D, tenho o objetivo de conduzir ao aprofundamento da reflexão sobre os aspectos fundamentais que poderão compor uma proposta de trabalho pedagógico, destinada a ser desenvolvida nas formações, que integre saberes e práticas considerando as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens. Considero que essa proposta pode ser designada como uma *Pedagogia das Viagens, do Turismo e do Acolhimento*. Assim, na elaboração dessa reflexão e análise, levei em conta algumas dimensões ao longo dos próximos textos.

Inicialmente, no Apêndice D 1, destaco as viagens como possibilidades de formações, de formação de si; aponto alguns aspectos que se referem às mudanças necessárias nos “sistemas educativos”, dando relevo à necessidade de se desenvolverem estudos que considerem o sentido transpessoal da e na educação; experiência, experiência de vida, História de Vida.

Em seguida, no Apêndice D 2: focalizo as viagens como uma possibilidade de religar os conhecimentos para uma “cabeça bem feita” e o conhecimento de si.

O Apêndice D 3 apresenta o conceito de acolhimento, suas categorias fundamentais além do perfil desejado para os “profissionais do acolhimento”.

Mais adiante, no Apêndice D 4, apresento uma reflexão sobre as viagens consideradas como um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento e suas contribuições à (trans)formação de si, ressaltando a sua característica de uma auto-co-hétero-eco-formação.

Logo após, no Apêndice D 5 dou destaque às formações e à ciência social das viagens e do turismo, além de incluir a apresentação de uma evolução histórica das viagens e do turismo no Brasil e no Mundo.

No Apêndice D 6, considero especialmente o percurso da pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três pedagogias de Barbier, passando pelos pensamentos de Ardoino para chegar a reflexão sobre a necessidade de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento que considere as abordagens multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal.

No Apêndice D 7, ponho em foco os atores desse processo de transformação: o formador, o educador, o professor e o pesquisador, além dos profissionais específicos desse campo.

Conforme ressaltado no Apêndice C, a relação existente entre as viagens,

o turismo, a economia e a formação pessoal e profissional é complexa. Por esse motivo, enfatizo que a compreensão das viagens, da atividade turística e do acolhimento e como funcionam, pode ajudar a pensar mais detidamente sobre as formações pessoal e profissional nesses campos.

Considero, então, que se trata não de se apoiar sobre as experiências de aprendizagem, de formação e de educação para e pela viagem e a organização das viagens, do turismo e do acolhimento para pensar somente no Turismo Sustentável e do Desenvolvimento Sustentável e nos ganhos econômico-financeiros, mas, apoiando-se sobre esses aspectos, pensar as viagens e o turismo como atividades que, dentre outras, demandam um comportamento sustentável e podem contribuir à (trans)formação pessoal do sujeito – à (trans)formação de si. Portanto, defendo a idéia que essa transformação pode acontecer por meio de uma pedagogia específica, uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento que considere as abordagens da educação multirreferencial, transdisciplinar e, igualmente, da educação transpessoal.

## APÊNDICE D 1

### Formar, experienciar, educar, conhecer

*A tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres aos quais não importa qual outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar em tudo e fazer tudo o que for necessário como um ato responsável a partir da sua consciência social.*

*(MATURANA e REZEPKA, 2003, p. 12)*

O itinerário deste texto segue tendo por diretrizes as palavras formar, experienciar, educar e conhecer na sua trajetória, evidenciando especialmente o verbo experienciar e a sua nominalização na palavra experiência.

Nesse sentido, são ressaltados: algumas considerações iniciais sobre a educação, a formação e a formação de si; o contexto etimológico de algumas palavras (formar, formação, instruir, instrução, educar, educação e experiência,); as mudanças necessárias aos sistemas educativos; a reflexão de René Barbier sobre o sentido transpessoal da educação; a relação experiência-formação salientando a auto-formação (auto-co-hétero-eco-formação); e, por fim, as experiências de vida e alguns aspectos teóricos das Histórias de Vida.

As experiências (particulares), a educação, as formações, a especialização dos profissionais das viagens, do turismo e do acolhimento e o conhecimento têm uma relação muito importante na perspectiva escolhida neste estudo para a construção reflexiva e crítica sobre as questões que concernem às experiências da aprendizagem, da formação e da educação pelas viagens.

Nesse contexto, é conveniente considerar os diversos sentidos dos termos “educação”, “formações” e “experiências”, sua evolução no tempo e seu valor para o ser humano ao longo da sua existência.

## Educação e formação: algumas considerações

As experiências adquiridas no campo (especialmente no que concerne às viagens), as experiências profissionais de uma existência, a educação estendida ao longo de uma experiência profissional, são aspectos estudados ao longo deste estudo. Tudo isso em uma perspectiva que considera tanto a formação inicial quanto a formação profissional contínua onde as experiências individuais particulares poderiam ser levadas em conta. Assim, essa reflexão é elaborada em uma perspectiva de educação permanente, de educação ao longo da vida (*life long education*).

A argumentação proposta ressalta uma leitura complexa, multirreferencial em que os processos temporais, relacionais e intersubjetivos se entrecruzam, em que a apropriação e a maturação das reflexões consideram os aspectos afetivos no processo educativo do ser humano. Nesse sentido, Ardoino (2000, p. 109-117) considera que a elaboração de um saber ser (e tornar-se), a conquista da autonomia e “a capacidade de autorizar-se” vão religar o *homo sapiens* ao *homo faber*.

Segundo Ardoino (2000) e Morin (1999), o aprofundamento da relação do sujeito com o mundo e os outros que esses autores designam como “outro”, “outro lugar”, permitiria “uma vivência mais autônoma da condição humana” que somente será atingida pela “evolução profunda de nossas formas de pensamento”.

A partir do estudo da etimologia do termo educação, Ardoino (2000, p. 110) constata que a “educação ficará antes de tudo ligada ao jogo dos processos” e “sempre mais ou menos inscrita em uma temporalidade-duração-historicidade”.

Esse pensador da educação salienta que as atividades da formação e da educação fazem parte de um vasto campo de procedimentos e de instituições. Na sua visão crítica, ressalta que esses procedimentos e instituições ainda têm como visão principal a procura de “uma adaptação do maior número possível dos membros de uma sociedade (tanto os mais jovens quanto os mais velhos)” a seu “ambiente imediato” e seu desenvolvimento físico, intelectual, psicológico e moral. No entanto, considera que é um processo de transformação de saber que facilitará a sua entrada na vida pessoal e social e a conquista de uma capacidade de se autorizar. Com isso, surge o exercício partilhado de uma cidadania relativamente autônoma adquirida por sua capacidade crítica. (p. 110)

A educação tem uma função social, é um discurso e ela tem instrumentos,

dispositivos, organizações, instituições, lugares que vão assegurar essa função social. E nesses lugares são encontrados sempre profissionais. Dessa forma, o processo educacional implica, assim, em um “sistema educativo” composto pela escola e a universidade que vão oferecer os ensinamentos disciplinares que são regulados por programas e organizados por currículos. Nesse sentido, ressalta que os sistemas educativos oscilam entre, por um lado, um saber universal, objetivo, científico e por outro lado a experiência particular, as formas de conhecimento mais intersubjetivas. Nesse contexto, “à visão de transmissão de saber e de saber-fazer virá se juntar utilmente, assim, a consideração de uma evolução, de uma maturação da pessoa e do sujeito social. (p. 111)

Na sua perspectiva, a educação se interessa pelas concepções de mundo e pelos valores que o fundamentam. Ela tenta considerar os aspectos plurais e heterogêneos no contexto desta preparação para a vida. (p. 112-113)

Esse pesquisador da educação salienta que “somas consideráveis são [...] mobilizadas, nos orçamentos das nações, para uma atividade que se persiste em considerar” como subalterna. Nesse sentido, “a aprendizagem, a instrução, a formação e o ensino, tornam-se nessa ótica, termos mais tecnicamente especializados no centro de uma constelação semântica que manterá, apesar de tudo, entre eles laços de parentesco”. (p. 113)

No entanto, as diferentes práticas educativas, pedagógicas e didáticas que ela origina “consideram preferencialmente a arte ou as técnicas e serão, rigorosamente, o objeto de teorizações com uma preocupação de otimização profissional da ação (praxeologia)”. (p. 114)

## **Formação e formação de si**

Segundo Alain (1928, p. 137-138) “a consciência de si é a consciência de um tornar-se e de uma formação de si irreversível, irreparável”. É, assim, a partir da formação de si que o homem poderia atingir a consciência de si.

O desdobramento etimológico da expressão “formação de si” e da etimologia da palavra formação e outras, que aparecem ao longo dessa abordagem, serão o ponto de partida dessas reflexões (Figura nº 02)

A formação do ser humano é complexa e multirreferencial e segundo

Ardoino (2006) a formação de si é um dos aspectos da educação. Salaria que o ser humano trabalha ao longo de toda a sua vida se formando. Essa formação será influenciada por várias experiências: a experiência existencial, a experiência de vida (encontros, trocas, leituras, experiências profissionais, viagens, sofrimentos da vida: doenças ou dificuldades). O trabalho pessoal, a reflexão pessoal, o desenvolvimento de uma função crítica, de um espírito crítico têm um papel importante igualmente. O mesmo acontece com as interações com o outro. Esse outro pode ser imaginado, tanto em uma relação dual, ideal, quanto no seio de um grupo. Tudo isso são meios de se formar, de aprender.

### **Contexto etimológico:**

#### **formar, formação, instruir, instrução, educar, educação, experiência**

O Dicionário da Academia Francesa<sup>144</sup>, o Dicionário Le Petit Robert 2007, o Dicionário Histórico da Língua Francesa, apresentam a etimologia dessas palavras e das outras associadas. Nos parágrafos que seguem, a apresentação foi organizada a partir do verbo “formar”, pois é o ponto de partida para a compreensão e o encadeamento das outras palavras.

O verbo “formar”<sup>145</sup> deriva do latim *forma* e *formare* e significa “dar uma forma, modelar, instruir, regular”; designa igualmente o fato de conceber pelo espírito, pelo pensamento, dar uma certa forma a alguma coisa ou a alguém, modelar pela experiência, a instrução, a educação. “Formar para”, é educar em um campo determinado.

A palavra “formação”<sup>146</sup> foi emprestada do latim *formatio*, “confeção, forma”, derivado de *formare*, “formar”. Tem o sentido da ação de formar, é o ato de se formar; é também a elaboração das idéias, das imagens, dos julgamentos no espírito. **A formação é a educação intelectual e moral.**

O estudo etimológico das palavras “formar”, e “formação” fez aparecer outras palavras que são apresentadas a seguir.

---

<sup>144</sup> *Dictionnaire de l'Académie française*, nona edição. Versão *on line*. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/generic/cherche.exe?15;s=2874411000> >. Acesso em: 15 abril 2006.

<sup>145</sup> Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/generic/cherche.exe?209;s=133695735> >. Acesso em: 15 abril 2006.

<sup>146</sup> *Ibidem*.

A palavra “instruir”<sup>147</sup> foi emprestada do latim *instruere*, que significa “juntar em, dispor; munir, instrumentalizar”; quer dizer igualmente: distribuir um ensinamento, lições, preceitos a alguém; educar, formar o espírito por um ensinamento; e no particípio passado significa que alguém tem conhecimentos extensos.

Na seqüência, observou-se que a palavra “instrução”<sup>148</sup> foi emprestada do latim *instructio*, “ação de adaptar, de organizar”; significa a ação de transmitir a alguém conhecimentos ou princípios necessários a sua educação. É o conjunto de conhecimentos adquiridos pelo estudo, ao longo de um ensinamento; é também uma ordem, uma indicação que se dá a alguém para a condução de um negócio.

Constatou-se ainda que a palavra “educar”<sup>149</sup> foi emprestada do latim *educare*, “criar, alimentar”. Assim, o verbo “educar” significa formar pela educação; dar a uma criança, a um adolescente, todos os cuidados necessários ao desenvolvimento e ao florescimento de suas faculdades físicas, intelectuais e morais; desenvolver uma faculdade, uma qualidade, um sentido, por meio de uma aprendizagem apropriada; e, enfim, ensinar, mostrar os usos, as boas maneiras.

A palavra “educação”<sup>150</sup> foi emprestada do latim *educatio*. Tinha inicialmente o sentido de uma “ação de criar (animais, plantas)” ao qual se junta o sentido de “instrução”, de “formação do espírito”. É necessário ressaltar que a “educação” é hoje a ação de educar, de formar, de instruir uma pessoa, cultivando suas qualidades físicas, intelectuais e morais. Segundo o Dicionário da Academia Francesa, “*a educação molda a personalidade*”. A “educação” é igualmente o desenvolvimento e o refinamento de uma aptidão particular, de uma qualidade, de um sentido; a formação em um campo definido. Por exemplo, a *educação profissional* tem por objeto preparar ao exercício de uma profissão; a *educação permanente* permite em qualquer idade o acesso a novos conhecimentos. Além disso, a “educação” é também o conhecimento e a prática dos usos da sociedade, das boas maneiras, da cortesia.

A palavra “experiência”<sup>151</sup> foi emprestada do latim *experientia*, derivada de *experiri*, “fazer a tentativa de”; a “experiência” é o fato de adquirir, de estender ou de

---

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Ibidem.

<sup>149</sup> Ibidem.

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> Ibidem.

enriquecer um conhecimento, um saber, um saber-fazer, pelo uso e a prática; é o teste que se faz pessoalmente de uma coisa; é um conjunto de conhecimentos práticos tirados do uso; é uma competência particular que se acrescenta ao saber teórico e resulta do exercício habitual de uma técnica, de uma arte, de uma profissão; é a sabedoria prática adquirida ao longo da vida; é um fato, um evento do qual tira-se ou pensa-se tirar um ensinamento, uma lição, um enriquecimento pessoal. Na Filosofia, a “experiência” é a apreensão direta e imediata de um objeto. Ela pode ser uma “*experiência*” *sensível, externa* ou, simplesmente, aquela que procede de uma intuição sensível. Ela pode ser também uma *experiência interna*, que procede de uma intuição psicológica ou intelectual. Ela é igualmente um conhecimento adquirido pelo sentido e pelo exercício conjunto das faculdades do espírito, que associa certas percepções de maneira habitual ou segundo leis necessárias, por oposição ao que é considerado como inato ou pode ser deduzido a priori de princípios racionais. Ela pode ser uma intuição simples e direta de certas realidades, que se impõem ao espírito sob a forma de uma evidência ou de uma revelação e que é acompanhada de um sentimento de coincidência com o objeto.

### **Educação: formar e instruir**

O estudo do contexto etimológico fez ressaltar as relações e evidencia a complexidade dos componentes que fazem parte da educação, da formação, da formação de si.

Os estudos nas ciências da educação permitem precisar os campos de exploração desse conjunto de noções. Maturana e Rezepka (2003, p. 11) identificam nas tarefas da educação duas classes de fenômenos: formar os seres humanos para a vida; e instruí-los. A instrução, assim, é um dos instrumentos da realidade educacional.

Nas suas perspectivas, no processo da formação humana é necessário colaborar para o desenvolvimento do sujeito como pessoa capaz de ser co-criadora, com outros sujeitos em um espaço humano de convivialidade social desejável. Na opinião desses autores, a formação humana é o fundamento de todo o processo educativo. (p. 11)

É necessário ressaltar que para esses pesquisadores, formação e



instrução devem considerar nos seus processo as emoções. Nesse sentido, “o caminho que a vida humana segue é aquele das emoções, não aquele da razão. (MATURANA; REZEPKA, 2003, p. 14)

No campo das emoções, tomam o exemplo de duas emoções: o amor e a agressividade. Para eles, o amor “é o domínio das condutas relacionais pelas quais o outro aparece como um legítimo outro em convivialidade com alguém”. Por outro lado, a agressividade “é o domínio dos comportamentos relacionais pelos quais o outro é negado como um legítimo outro em convivialidade com alguém”. Nesse sentido, “o domínio educacional deve ser amoroso e não competitivo, um domínio no qual é corrigido o fazer e não o ser da criança”. Resulta, assim, que para esses autores a educação tem o papel de realizar a tarefa de guiar os jovens na sua formação humana e seria conveniente aqui acrescentar de, também, guiá-los na formação de si.

O sentido da palavra “experiência” tem um lugar importante nessa reflexão. É pela experiência, em todos os sentidos do termo, que o ser humano se forma. Do seu nascimento até sua morte, o ser humano passa por experiências que vão moldá-lo. Quer sejam positivas ou não, tudo contribui à formação de si. A “experiência” pode ser o fato de adquirir, de expandir ou de enriquecer um conhecimento, um saber; pode ser feita pelo uso e a prática; pode ser também uma prova que se faz pessoalmente de uma coisa ou um conjunto de conhecimentos práticos a partir do uso; pode ser igualmente a sabedoria prática adquirida ao longo da vida ou o fato, o evento do qual se tira ou do qual se pensa tirar um ensinamento prático, uma lição, um enriquecimento pessoal; pode significar experimentar, tentar, fazer a tentativa de alguma coisa, passar por uma prova, que quer dizer conhecer por uma experiência pessoal.

A partir de experiências, é conveniente considerar que os encontros, as trocas e as leituras feitas ao longo de toda a vida, pessoais e profissionais, bem como as viagens, são experiências importantes na formação de si. É assim que as experiências que são estudadas mais profundamente ao longo deste estudo são, particularmente, as experiências de viagem.

## **Mudanças necessárias dos sistemas educativos**

Nas últimas décadas, Ardoino, Barbier, Morin, Maturana, dentre outros, desenvolveram pesquisas, produziram reflexões e obras para contribuir na análise das mudanças necessárias dos sistemas educativos.

Barbier (2002), na sua longa experiência educacional, constata que os estudantes querem professores mais compreensivos e relacionais, que sejam abertos aos seus problemas. Considera, igualmente, que a educação alimenta-se de valores e que esses “constituem o essencial do que faz sentido para um ser humano” (p. 01). Para esse sociólogo da educação, esse sentido é conduzido por uma experiência singular enraizada em um “terremoto do ser” que, freqüentemente, escapa da interpretação de um “outro”. (p. 02)

Dessa forma, a educação tem o papel de se preocupar com o desenvolvimento de um ser humano mais consciente de si mesmo, do seu papel individual e coletivo na sociedade. Nesse sentido, ela poderia contribuir para a construção de um ser humano considerando não só os elementos cognitivos, mas sobretudo aqueles emocionais e afetivos.

### **O sentido *transpessoal* da educação**

Além do mais, a educação poderia estimular o sujeito a retomar o gosto pela vida a partir da interação do saber, do professor e do aluno/estudante. É nessa perspectiva, segundo Barbier (2002), que o sentido da educação torna-se “transpessoal”, na medida em que integra as dimensões irreduzíveis de qualquer explicação puramente racional e determinada, sem no entanto negá-la (p. 02). Esse sociólogo compreende por “transpessoal” um conjunto de determinações, que não exclui a razão, nem a dimensão não racional e que passa pelo sujeito e o estrutura ao mesmo tempo, pois “o sujeito não é passivo nesse fluxo social e cósmico”. e que “por sua receptividade lúcida é capaz de participar da sua animação interna” (p. 02). Na sua perspectiva, é assim que o sujeito ultrapassa as fronteiras impostas por uma interpretação em termos simplesmente históricos, econômicos, sociológicos ou psicológicos e torna-se atento à noção de imprevisto, de “vivência” singular e de “co-formação de si para si, de si para o Mundo e de si para os outros” (p. 02).

Aprofundando essa reflexão, esse educador explicita sua compreensão das palavras “aprender”, “instruir”, “ensinar” e “formar”. Na sua visão “aprender” é o termo mais genérico e implica em compreender o que nos informa e corresponde a algo mais que ser simplesmente informado. Por sua vez, “instruir” significa inserir, construir, dispor, instrumentalizar, esclarecer, advertir, informar, avisar, iniciar, instruir-se, é dotar-se de instrumentos conceituais e imagéticos, informar-se de uma forma esclarecedora. Dessa forma, esse verbo implica em uma direção da informação, uma intencionalidade mais precisa em vista de uma finalidade ainda vaga. É a participação em um “ensinamento” (BARBIER, 2002, p. 03). Nesse sentido, para esse sociólogo,

ensinar implica em uma relação com o conteúdo que não pertence a ninguém, mas em relação ao qual a pessoa que ensina é ao mesmo tempo representante e mediadora junto a pessoas que aprendem, que se considera tenham o desejo de ter acesso a ele, de atingí-lo e de compreendê-lo. (p. 03)

No que concerne à formação do sujeito, considera que “formar implica em uma ação profunda de transformação, tendo em vista dar forma a alguma coisa que não a tinha, ou que era necessário mudar” (p. 04). É necessário acrescentar a isso que “formar-se, aprendendo, significa então trabalhar sua informação para dar-lhe uma forma que corresponda a um movimento interno de transformação de si-mesmo”. Além disso, é necessário ressaltar que a formação e a educação se fazem ao mesmo tempo e que elas estão inter-articuladas, pois “forma-se educando-se” e é necessário sobretudo considerar que “o termo animador”, o “termo principal” desse processo é a educação, pois ela “é o impulso de si em direção a si por intermédio do outro. Esse impulso encontra a formação como verdadeira modelagem da organização pertinente desse impulso criador”. (p. 04)

Dito de outra forma, a educação do sujeito individual pelo sujeito social compreende as diversas formações ao longo de toda a vida. É nessa direção que é necessário pensar no papel dos educadores e a sua interação com os sujeitos que aprendem, o sujeito social e os conhecimentos. Dessa forma, para esse pesquisador, no processo educativo “a questão do sentido é aquela do estabelecimento de um laço entre o ser humano, os outros e o mundo, por intermédio de valores socialmente reconhecidos” (p. 04). Nesse percurso, “o educador [...] é esse ser consciente e lúcido que se apóia sobre o conhecimento de

si, experiencialmente assumido, para acolher o saber dos outros, em benefício da dúvida, e fazê-lo frutificar”. Assim, segundo esse sociólogo, “o educador por esse motivo é potencialmente um ser humano de desafio antes de ser um ser de mediação”. (BARBIER, 2002, p. 04)

Para esse educador, “ser, é se educar, sempre com o outro, e, por isso mesmo fundar o que somos no curso do que advém” (p. 06). Nesse sentido, “essência e existência coincidem na educação. A vida interior coloca em prática a educação singular. Ela avança e esclarece o mundo das formas, mentais, culturais, sociais, materiais”. (p. 06)

Segundo esse sociólogo, “a educação é antes de tudo uma transformação do olhar que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo. Um novo olhar que muda tudo nos permitindo acessar um nível diferente de realidade” (BARBIER, 2005, p. 01). É necessário igualmente acrescentar que o processo educativo “supõe uma lenta maturação, um processo de trabalho sobre si mesmo que inclui um esforço perseverante” e que “ele não segue sem o acompanhamento do outro. O outro na educação ultrapassa em muito a categoria dos professores e engloba todos os educadores do banal e do cotidiano, da família aos amigos e às relações diversas”. (p. 02)

O processo de aprendizagem é complexo, coloca em jogo uma quantidade de interarticulações presentes em si mesmo e na sociedade. Dessa forma, esse sociólogo considera que aprender “é entender e discernir a ebulição de coisas do mundo no interior de si” (p. 03). Desse modo, considerando essa complexidade, é necessário perceber a educação “como o dispositivo mais pertinente, em um momento dado e em um contexto específico, para que o sujeito possa 'aprender' por ele mesmo” (p. 03). Nesse processo educativo, não se trata de “transmitir” conhecimentos, “mas de permitir ao aluno entrar no aprender descobrindo e inventando o que o mundo lhe impõe na sua confrontação imediata. A educação é o que faz dialogar o sujeito e o real” (p. 03).

É necessário, igualmente, considerar que o processo educativo e formativo do sujeito individual é composto por diversos elementos endógenos e exógenos. O papel do educador é de colaborar no diálogo, na relação entre esses dois mundos. Dito de outra forma, “o educador é um artesão da relação”, pois “ele sabe escutar o movimento do aprender no seu aluno de tal modo que lhe oferece, sem cessar, possibilidades de ir mais longe para compreender”. O educador “sabe

considerar o contexto e as inúmeras interações que influenciam o sucesso ou o fracasso de qualquer pedagogia” (BARBIER, 2002, p. 03).

A educação, pelo aprender, visa à desconstrução do estabelecido, do afirmado, do estável, do durável, isto é, no plano psicossociológico, da identidade socialmente instituída. A educação é a decomposição dos papéis e dos *status*. A raspagem sistemática do domínio e do poder do nosso imaginário. (p. 03-04)

Hoje, o ser humano é cada vez mais complexo e, assim, demanda um novo sistema educativo que o considere na sua totalidade enquanto ser, participe da sua própria evolução em todos os níveis do processo. Nesse sentido, as reflexões desse pesquisador da educação apresentam uma importância singular, pois, tendo uma visão ampliada e expandida do ser humano e dos processos de educação e formação, compreende a necessidade do desenvolvimento de um sentido transpessoal da educação, incluindo as dimensões racionais e não racionais presentes na formação dos seres humanos. É nesse sentido que em uma abordagem transpessoal, a educação é considerada como “o impulso de si em direção a si por intermédio do outro” (p. 04).

Os próximos tópicos evidenciados salientam a reflexão sobre: a relação experiência-formação; e a relação experiência de vida – história de vida.

### **A relação experiência-formação**

No que concerne à relação entre a experiência e a formação, essa vem sendo evidenciada desde a primeira parte desse estudo, e tem-se intensificado no início dessa Terceira Parte. Especialmente, neste texto, o verbo experienciar é uma das palavras-chave na sua elaboração.

Pierre Dominicé (2006, p. 10) considera que “toda experiência, mesmo quando essa é vivenciada de maneira coletiva, comporta ressonâncias singulares” (p. 10). Nesse sentido, ressalta que “levar em conta a experiência convoca a subjetividade do pesquisador. Ela vai autorizar a escolha e a reconfiguração de um contexto de referência tanto quanto a personalização de um objeto de pesquisa” (p. 10). Evidencia, igualmente, que

a experiência está inserida na história das idéias. Ela está ligada tanto à intuição quanto à reflexão. Ela tem um sentido que encontra-se na sua inscrição na construção bibliográfica e que pode apoiar-se em recursos, não somente na conscientização ou na explicitação, mas na sabedoria, até mesmo na espiritualidade. A condução da experiência pode estar também associada ao acompanhamento ou ao reconhecimento das aquisições. (DOMINICÉ, 2006, p. 11)

Por sua vez, na visão de Hélène Bézille e de Bernadette Courtois (2006, p. 13-14) “a formação pela experiência é uma formação por contato direto, mas refletido, consigo, com os outros, com o meio” (p. 14). Nesse sentido, a auto-formação seria “se formar para si e por si, que situa a pessoa no centro de um universo tripolar da formação, compreendendo os pólos Auto-Hétero-Eco, isto é, Si - os Outros - o Meio”.

Para Jacqueline Feldman (2006, p. 34-48), é necessário considerar que existem três tipos de experiência: a adquirida; a de alguma coisa; e a científica (experimentação sistemática: pensamento, conduta em vista da obtenção de resultados precisos). Além disso, considera que no conhecimento está presente um dilema que se compõe de três elementos: o rigor, a pertinência e o tempo. Nesse sentido, para que ocorra a transmissão da experiência, ressalta três possibilidades. A transmissão pela vida, pela experiência científica e pelas ciências do homem.

Na primeira, considera que na experiência de vida estão presentes o saber inconsciente, o saber sentido e o saber-fazer. Assim, define a experiência como “a pedra de toque do conhecimento de uma realidade por uma pessoa determinada” (p. 34). Na segunda, salienta três características importantes da experimentação: o engajamento pessoal do experimentador; a validação pelo testemunho; e a repetição. Na terceira, ressalta a presença de dispositivos de análise e/ou de desenvolvimento. Assim, considera que “no registro da complexidade pessoal e social, lida-se com uma realidade total, na qual vai-se procurar destacar alguns traços, mas igualmente com um movimento incessante de transformação, a observação / experimentação participando nessa transformação” (p. 43). Na sua visão, nesse processo de transformação, a confiança tem um papel importante, pois “vai permitir a empatia entre o Mestre e o aluno. O mestre poderá transmitir, por imitação, os movimentos das mãos, o saber-fazer, que não são o objeto das descrições livrescas”. (p. 48)

Assim, verifica-se que a vida singular de um sujeito é formada por um

conjunto de experiências vivenciadas ao longo de toda a vida. Essas experiências são de diversas ordens, tipos, níveis, intensidades. Dessa forma, elas estão presentes na sua história de vida.

## Experiências de vida – história de vida

*Un fait de notre vie ne vaut pas en tant qu'il est vrai,  
mais en tant qu'il signifie quelque chose.*

(GOETHE, *Conversations avec Eckermann*)<sup>152</sup>

Na elaboração de uma retrospectiva histórica do surgimento da História de Vida, Christine Delory-Momberger (2004) ressalta que “a narrativa de si têm desde o fim dos anos 1970 uma popularidade que não é somente um entusiasmo passageiro” cujos efeitos podem ser observados “nas ciências sociais e nas práticas de formação”. (p. 01)

No que concerne a sua utilização nas Ciências Sociais, salienta que “a história de vida gerou múltiplas abordagens” e acrescenta que “utilizada originariamente nos anos 1920 pela Escola de Chicago [...] se insere em um procedimento qualitativo que se articula em torno da palavra do *ator social*”. (p. 03)

Essa pesquisadora evidencia que mais recentemente, nos anos 1980, “as histórias de vida aparecem no campo da formação que as utiliza como 'arte formadora da existência'” (p. 04), como proposto por Gaston Pineau em *As histórias de vida como arte formadora da existência*. Dessa forma, “a prática da história de vida aparece como um modo para o sujeito, tendo acesso a sua própria historicidade, ser o *ator* de sua vida”. (p. 05).

Para enfocar mais ainda os aspectos históricos, destaca que no período do Iluminismo, a “exortação a pensar por si mesmo introduzem a idéia do movimento”. Assim, o século XVIII poderia ser caracterizado como o “século da experiência, da história, da educação” (p. 75). Essa pesquisadora realça, também, que o homem do século XVIII “é um perpétuo aprendiz, que aprende em tudo e em todo lugar, a botânica e a astronomia, a história e a filosofia, as letras e as técnicas”. E aprende igualmente “a arte de se conduzir na vida e na sociedade” e, além disso,

<sup>152</sup> Um fato de nossa vida não vale quando é verdadeiro, mas quando ele significa alguma coisa. (NT)

“a colocar sua experiência a serviço de seu *Estado* e de sua felicidade, de ser o ator de sua própria vida” (DELORY-MOMBERGER, 2004, p. 77). No que concerne a esse período da História, considera que “se a noção de *formação* parece ocupar um lugar central e recapitular tudo aquilo que está em jogo no séculos das Luzes, a personagem do ser em formação vai ser uma das figuras privilegiadas da consciência de si e de seu discurso. Esse discurso, mais do que qualquer outra forma no século XVIII será aquele do romance”. (p. 77)

Com a intenção de dar destaque a essa abordagem, indaga sobre “o que dizem os homens quando contam suas vidas”, sejam eles “célebres ou anônimos, antigos ou contemporâneos, escritores ou contadores de si mesmos [...]”.

“o que dizem além de 'eu-estou-aqui' com o que tentam entender para si próprios e para os outros, para eles mesmos no meio dos outros, a *figura única* de seu *ser no mundo*, este *aqui* que os engloba por todas as partes, no tempo da história e no espaço das sociedades? O que fazem os homens quando contam suas vidas?” (p. 273)

Na sua perspectiva, esses sujeitos “se abrem para si próprios sob a tensão de uma dupla intenção: aquela da pausa e aquela da busca, da parada e do movimento, da pausa e da viagem”. Isso porque considera que “o ato inaugural da história de vida responde à necessidade de se dar uma imagem construída e fixa de si mesmo em um instante da vida”. Assim, ressalta que “tal é o sentido do *conjunto estruturado da vida* em W. Dilthey ou da *unidade narrativa da vida* em P. Ricoeur”. (p. 273-274)

Na sua reflexão, essa pesquisadora faz sobressair que “é na relação com sua própria história que o sujeito se constrói como sujeito e que ao mesmo tempo faz o teste de sua separação de si mesmo” (p. 273). Dessa forma, observa que

o sujeito da história de vida é tomado por inteiro no jogo da tensão entre a *manutenção em si mesmo* que o assegura da identidade de sua existência e o movimento *para fora de si* que o coloca sempre, o futuro e o outro (ailleurs), em um reencontro do seu ser com si mesmo”. (p. 274)

No que concerne ao papel da história de vida no contexto educacional, evidencia que “a distância do sujeito dele mesmo [...] é também a margem na qual vem se inscrever toda a educação que faz da formação da pessoa sua intenção primeira” (DELORY-MOMBERGER, 2004, p. 275). Além disso, considera



especialmente que a história de vida “é o espaço necessário em que as expectativas e os projetos de realização do sujeito podem se articular com a sua *biografia*, não somente enquanto conjunto das determinações sócio-históricas, mas também enquanto imagem fixa, *história feita* de si mesmo” (p. 275). Para essa pesquisadora,

É no espaço almejado entre o sujeito e ele mesmo que pode encontrar um lugar esse projeto de uma história a fazer e se realizar a dimensão emancipadora da educação visto que ela visa à aceitação de si mesmo pela pessoa. A história de vida, no que ela sedimenta e no que ela deixa perpetuamente aberto, pode ser o ponto desse processo de auto-educação. (p. 275)

Nesse mesmo sentido, na perspectiva de Le Grand (2002, p. 3-4), é por meio da elaboração da história de vida que um fio condutor pode surgir. Assim, considera que “para tentar se encontrar nos diferentes pedaços semeados no caminho ao longo dos anos e dos eventos, práticas de manipulação dessa vida emergem nas fronteiras do existencial e do profissional, do privado e do público, do dizível e do visível”. Dessa forma, ressalta que essas práticas fazem parte das “histórias de vida”. Além disso, as define como “pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais” que envolvem “um processo de expressão da experiência”. Na sua visão, “a história de vida” é uma “prática autopoética, quer dizer, que trabalha ela mesma na produção da sua própria identidade em movimento e na ação conseqüente”. Para esse pesquisador “se trata antes de tudo de se aproximar de um processo humano, um fenômeno, no sentido forte do termo, antropológico, que concerne em permanência à construção de uma pessoa no seu ser em devir”.

Na sua perspectiva a vida “é uma mistura de acaso e de necessidade cuja narração pode ser somente uma reconstrução subjetiva e arbitrária sem nenhuma objetividade”. Assim, é justamente em virtude da vida humana não ser uma história, mas composta por perturbações entre “múltiplas histórias, continuidades e descontinuidades a serem articuladas, que os viventes procuram fazer uma” (p. 73). Portanto, na sua visão,

construir sua história de vida, é construir um terceiro-tempo histórico pessoal articulando de modo singular traços, lugares e datas no curso da vida social e cósmica. Construção laboriosa e audaciosa que demanda ter vivido e ousado se diferenciar desse vivido para construir e aí incluir em seguida um terceiro-tempo singular tencionado entre particularidade e universalidade. (p. 78)

Dessa forma, nas suas reflexões sobre a história de vida, esse pesquisador considera que

fazer sua história de vida, é procurar construir narrativamente o sentido dessa vida identificando e conjugando seus conectores determinantes no meio, mas também no vivido do organismo. É construir uma estrutura vital estendendo-se nos dois pólos sempre cambiantes; um meio unificador; ou um terceiro-tempo sincronizador; segundo os contextos epistemológicos de referência que se interessam pela gestão dos entre-dois como justamente origem partilhada (SIBONY, 1991). (p. 80)

## APÊNDICE D 2

### **Religar os conhecimentos para uma “*cabeça bem feita*” e o conhecimento de si**

*A consciência de si  
é a consciência de um tornar-se  
e de uma formação de si irreversível, irreparável.*

(ALAIN, 1928, p. 137-138)

Neste texto, destaco certos aspectos que poderiam estar presentes nas formações de uma forma geral e nas específicas do campo das viagens e do turismo. Dessa forma, são evidenciadas especificamente algumas reflexões sobre: os desafios para religar os conhecimentos; conceitos e operadores transversais; a complexidade e a multirreferencialidade; a complexidade e seus desafios; a necessidade da reforma do pensamento por meio de uma “cabeça bem feita”; a reforma do pensamento como o desafio dos desafios; a formação de uma “cabeça bem feita” nos três níveis de ensino; a inter-pluri-trans-disciplinaridade; a abordagem transversal; o sujeito no caminho de uma abordagem transpessoal; e o sujeito integral por meio da educação transpessoal e transdisciplinar. O intuito aqui é, assim, evidenciar um itinerário que tenha como direção a construção de uma proposta pedagógica que considere esses aspectos destacados no sentido de possibilitar uma efetiva alteração das formações e, sobretudo, uma verdadeira (trans)formação de si (sujeito-viajante-turista-profissional das viagens, do turismo e do acolhimento), por meio do conhecimento de si, do seu autoconhecimento.

#### **Os desafios para religar os conhecimentos**

No que concerne aos desafios da educação, Morin (1999, p. 8) destaca dois que sintetizam todos os outros: o da “globalidade”: e o da “não-pertinência [...] do nosso modo de conhecimento”. No que concerne o primeiro desafio, este filósofo

e sociólogo de seu tempo considera que este consiste na:

inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre por um lado um saber fragmentado em elementos desconexos e compartimentados nas disciplinas, e por outro lado as realidades multidimensionais, globais, transnacionais, planetárias e problemas cada vez mais transversais, pluri-disciplinares, até mesmo transdisciplinares. (p. 8)

No desenvolvimento da apresentação do segundo desafio, Morin (1999, p. 8) ressalta que esse “nos ensina a separar (os objetos de seu meio, as disciplinas umas das outras) e não a religar o que no entanto é 'tecido junto’”. É nessa perspectiva que as reflexões tiveram por objetivo favorecer uma dupla inserção: “nas finalidades educativas”, e “nos 'objetos' naturais e culturais”.

No desenvolvimento das “finalidades educativas fundamentais”, no que concerne o ensino da condição humana, Morin (1999, p. 11-12) constata que “a condição humana está totalmente ausente de nosso ensino que a desintegra em fragmentos desconexos”. Acrescenta ainda que “os desenvolvimentos recentes das ciências da natureza e a tradição maior da cultura humanista permitiriam oferecer um ensino que fizesse convergir todas as disciplinas para fazer cada jovem espírito tomar consciência sobre o que significa o ser humano”. Conclui este raciocínio pela constatação por um lado que “o conjunto das ciências humanas deveria permitir-nos discernir nosso destino individual, nosso destino social, nosso destino histórico, nosso destino econômico, nosso destino imagético, místico ou religioso”. Por outro lado, acrescenta que “do lado da cultura humanística, a literatura, o teatro, o cinema nos fazem ver os indivíduos na sua singularidade e sua subjetividade, sua inserção social e histórica, suas paixões, amores, raivas, ambições, ciúmes”. (p. 12).

Uma outra “finalidade educativa fundamental” ressaltada é aquela de “aprender a viver”. Para esse pesquisador, isso “significa preparar os espíritos para enfrentar as incertezas e os problemas da existência humana” (p. 12).

A “finalidade educativa fundamental”, se encontra sintetizada nas reflexões sobre “religar os conhecimentos”. Segundo esse artífice de um conhecimento complexo, ela situa-se na finalidade da “cabeça bem feita” (p. 13). Ressalta que ela “trata daquilo que está igualmente ausente do ensino e que deveria ser essencial: a arte de organizar o pensamento, de religar e de distinguir ao mesmo tempo”. Explica que “trata-se de favorecer a aptidão natural do espírito humano em contextualizar e em globalizar, isto é em inserir toda informação ou todo

conhecimento no seu contexto e seu conjunto” (p. 13). Além disso, “trata-se de fortalecer a aptidão de interrogar e de ligar o saber à dúvida, de desenvolver a aptidão de integrar o saber particular não somente em um contexto global, mas também na sua própria vida, a aptidão de questionar os problemas fundamentais de sua própria condição e de seu próprio tempo”. Nessa perspectiva, esse autor considera que é necessário “insistir nesse aspecto fundamental da missão do ensino que é de favorecer a aptidão do espírito em contextualizar e globalizar”. Esta ênfase se dá tendo em vista que “todos os grandes problemas que encontrarão os cidadãos do novo milênio necessitarão cada vez mais da interligação permanente dos saberes particulares e do conhecimento global”. (p. 13)

### **Conceitos e operadores transversais**

Na visão desse filósofo “um décimo dos cursos deveriam dedicar-se aos problemas epistemológicos, começando por aquele dos conceitos e operadores transversais” (p. 395). Nesse sentido, Rosnay (1999, p. 397) desenvolve sua reflexão considerando “particularmente a relação entre a abordagem analítica dos saberes e sua abordagem sistêmica”. Nessa perspectiva, esse pesquisador as considera “complementares”, pois “uma focaliza-se sobre os elementos, enquanto que a outra se interessa, sobretudo, nas interações entre esses elementos”. Na sua visão, “o procedimento analítico conduz à redução dos saberes em um certo número de disciplinas desconexas, isoladas umas das outras – é um procedimento de natureza enciclopédica -, enquanto que o procedimento sistêmico concentra-se nas interações entre os parâmetros, entre os fenômenos”. Dessa forma, o procedimento sistêmico considera “suas dinâmicas de evolução e suas relações no tempo”. Na sua visão, “existe, assim, uma complementaridade entre os dois: o procedimento analítico permite extrair dos fatos da natureza, o procedimento sistêmico favorece sua inserção no contexto de referência mais amplo permitindo o exercício da razão e da lógica”.

É por este motivo que considera que “para religar os conhecimentos é necessário se debruçar sobre um certo número de características comuns aos sistemas complexos, diferentes uns dos outros”. Na sua reflexão, esse pesquisador insiste no fato de que há uma “complementaridade entre a abordagem analítica e a

abordagem sistêmica”. Considera que de um lado “a primeira é necessária para extrair da natureza os elementos e os fatos que permitem fundamentar as teorias”. Por outro lado “a segunda permite obter uma visão mais global dos sistemas, tornando a ação possível”. É assim que em sua opinião “a sistemática é uma metodologia que permite organizar os conhecimentos com vistas a uma maior eficácia da ação” (p. 401). Segundo, esse professor “aprender por aprender é uma coisa. Aprender para agir é uma outra. Aprender para compreender os resultados e os objetivos de sua ação é ainda uma outra”. Dessa forma, “melhor que conduzir à acumulação permanente dos conhecimentos, a relação entre a analítica e a sistêmica vai permitir religar os saberes em um contexto de referências mais amplo, favorecendo o exercício da análise e da lógica”. (p. 401)

Assim, para esse pesquisador da biologia e da informática esse é um dos objetivos fundamentais da educação. Insiste no fato de que “não se trata somente de oferecer um contexto de referências mais amplo, de motivar os estudantes para permitir-lhes agir mais eficazmente, mas também de ajudá-los a adquirir uma cultura da complexidade e, portanto uma cultura do mundo de amanhã” (p. 402). Insiste nesse ponto, pois considera que “com toda evidência, o mundo de amanhã será cada vez mais complexo”. Isso tudo porque considera que a cultura “não é saber tudo sobre um pequeno pedaço”. Na sua visão, a cultura “não é também saber pequenos nada sobre um pouco de tudo”. Considera, assim, que “a cultura é uma argamassa, um cimento que permite construir sentido integrando os conhecimentos”. Na sua perspectiva, “o ensino de amanhã deverá assim permitir aos jovens encontrar uma ocupação, mas sobretudo lhes dar o sentido do respeito ao outro, da abertura e da tolerância, fazendo-os participar plenamente na apaixonante busca do saber”. (p. 402)

### **A complexidade e a multirreferencialidade**

No que concerne a noção de complexidade, esta é o ponto de convergência de alguns autores. São ressaltadas aqui as reflexões de Jacques Ardoino e de Edgar Morin.

Antes de abordar as reflexões de Ardoino sobre a complexidade, é retomado aqui o desenvolvimento de seu pensamento sobre a

multirreferencialidade, visto que esse autor a considera pertencente à “ordem da complexidade”. É nesta perspectiva, segundo esse filósofo da educação, que a análise dos problemas complexos “acompanha o processo que trata muito mais de compreender do que explicar”. Na sua perspectiva “as abordagens antropológicas, etnológicas, etnográficas, etnometodológicas, históricas, psicoterapêuticas, educativas requerem de preferência” esse tipo de análise para os seus objetos respectivos.

No desenrolar do seu pensamento, o idealizador da abordagem multirreferencial salienta que por um lado “a análise remete [...] ao objeto com suas particularidades supostas, suas componentes, suas linhas de força, suas articulações naturais que se trata antes de tudo de observar e de descrever, em seguida de tornar inteligíveis por um trabalho mental de simplificação e depuração” (ARDOINO, 2000, p. 66-67). Por outro lado, “a análise quer-se apreensão mais global da complexidade a partir de um procedimento de acompanhamento e de familiarização” (p. 66-67). Nessa direção é necessário pensar igualmente que a análise de problemas complexos

reconhece a opacidade, caracterizando o objeto, o material dos dados, como fundamental, relativamente irremediável, mas dando mesmo assim material para a explicação ou para a elucidação (diferentemente que somente explicação), ao mesmo tempo que ela se recria e se renova pelo fato da dinâmica intersubjetiva, das particularidades da intimidade, da indexicalidade e da negatividade caracterizando os sujeitos das relações sociais. (p. 67)

Por esse motivo, nesse mesmo sentido, ressalta que

essa forma de análise quer-se então hermenêutica, isto é, supõe o recurso a uma interpretação dos dados para poder produzir conhecimento visto que o objeto não é mais doravante suposto conter nele mesmo todas as condições de sua inteligibilidade, mesmo ao preço de manipulações apropriadas. (p. 67)

Nessa perspectiva, esse professor emérito pensa que “é necessário [...] situar a complexidade na relação unindo o objeto sobre o qual se interroga e o sujeito que quer nessa ocasião produzir conhecimento”. Ressalta que “substitutos mentais do objeto inicial, representações, que constituem literalmente essa complexidade à qual se vai em seguida referir para aplicar-lhe os modelos de inteligibilidade é que se esforçarão de dar conta disso tudo”. (ARDOINO, 2000, p. 67)

A partir dessas reflexões, considera que “a idéia de complexidade se liga então muito facilmente, em primeiro lugar, às representações sistêmicas dos objetos sociais e das particularidades de seus funcionamentos”. Dessa forma, defende a idéia segundo a qual “a complexidade, na medida em que interessa antes de tudo o ser vivente: o biológico, o social, o psíquico, etc... - foi concebida para este uso – é finalmente tanto inteligência da temporalidade e da história quanto inteligência do espaço”.

Nesse sentido, é necessário pensar que “os modelos de inteligibilidade” devem “aceitar, assumir, queira-se ou não, a *heterogeneidade inata* dos dados que eles querem organizar”. Além disso, salienta que “a abordagem da complexidade é sempre multi-referencial (e não somente multi-dimensional)”. É nessa perspectiva segundo esse autor que

a realidade, a situação, o fenômeno complexos serão observados, olhados, escutados, entendidos, descritos, em função de óticas e sistemas de referências diferentes, aceitos como definitivamente irreduzíveis uns aos outros, e necessariamente traduzidos por linguagens distintas, supondo então como requisito para um tal trabalho a capacidade de ser poliglota. (p. 69)

No que concerne o conhecimento científico, esse professor considera que “é a compreensão ([...] como também hoje a implicação) mais do que a explicação [...] que constitui o paradigma sobre o qual ela se apóia” (p. 69). No desenrolar de seu pensamento, esse autor sustenta que “mais profundamente ainda, o paradigma remete por si mesmo a uma visão do mundo propriamente cultural”. É nisso que a complexidade é uma noção antropológica”. (p. 69)

Verifica-se, assim, que no desenvolvimento da noção de complexidade esse filósofo ressalta que a multirreferencialidade “é da ordem da complexidade” e que “a abordagem da complexidade é sempre multirreferencial” e que é necessário que ela esteja presente na análise de vários fenômenos.

### **Os desafios da complexidade**

Morin (1999, p. 451-452), quando evidencia “os desafios da complexidade”, inicia o desenvolvimento de seu pensamento questionando efetivamente o que ela vem a ser. Considera que, em um primeiro olhar “é o que não é simples”. Explica, então, que o ideal do conhecimento científico até o início do



século XX era “revelar por trás da aparente confusão dos fenômenos as leis simples que os regiam, a ordem pura que os determinava, tratava-se de chegar ao estabelecimento de verdades simples por quatro grandes meios”. No desenvolvimento de seu pensamento sobre a complexidade, esses quatro grandes meios são: o princípio de ordem; o princípio de separação; o princípio da redução; e o princípio dedutivo-indutivo-identitário. (p. 451-452).

Nesse sentido, esse autor ressalta que na realidade “o que devemos considerar é o jogo entre a ordem, a desordem e a organização” (p. 453). Esse jogo, chama-o de *dialógico*, pois considera que

essas noções que se repelem umas às outras, que são antagônicas, que são até mesmo no seu limite aparentemente contraditórias, são necessariamente complementares para conceber nosso universo, ao mesmo tempo nos seus fenômenos organizados e seus fenômenos destruidores. (p. 453)

Dito de uma outra forma, considera que nesse processo “o conhecimento das partes constitutivas não é suficiente para o conhecimento do todo, e o conhecimento do todo, evidentemente, não pode estar isolado daquele de suas partes” (p. 454). Nessa perspectiva, salienta que “o conhecimento do todo tem necessidade daquele das partes que tem necessidade daquele do todo. Então, quando temos essa idéia, nós temos também a idéia da organização” (p. 454). Resulta disso que

o conceito de sistema conduz à idéia de organização, que produz emergências, e que, além disso, pelas pressões que ela impõe, inibe um certo número de propriedades que existem no nível das partes e que, efetivamente, não podem, assim, exprimir-se. (p. 454)

Nesse ponto da sua análise, esse pensador interroga-se sobre o que é entendido efetivamente pelo termo “complexidade”. Dessa forma, explicita que “em um primeiro sentido, a palavra *complexus* significa “o que está ligado junto, o que é tecido junto”. Para esse autor, “é esse tecido que é necessário conceber” (p. 455). Segundo a sua reflexão, “como a complexidade reconhece a parte da desordem e do aleatório em todas as coisas, ela reconhece uma parte inevitável de incerteza no conhecimento”. Dessa forma, considera que “é o fim do saber absoluto e total” e que a complexidade “ancora-se ao mesmo tempo no tecido comum e na incerteza”. Ressalta que esses são “os dois desafios de capital importância” (MORIN, 1999, p. 455). Disto resulta que, segundo esse filósofo

o princípio de separação não está morto, mas ele é insuficiente. É necessário separar, distinguir, mas é necessário ao mesmo tempo religar e juntar. O princípio da ordem não está morto, é necessário integrá-lo na dialógica ordem-desordem-organização. O princípio da redução, ele, está morto, porque não teremos jamais o conhecimento de um todo a partir do conhecimento dos elementos de base. O princípio da lógica dedutivo-identitária cessou de ser absoluta, é necessário saber transgredi-la. (p. 455)

É nessa direção que se conscientiza que “o poder de nossa lógica não é absoluto e que para pensar é necessário ser capaz de transgredí-la, depois de retornar a ela para verificações segmentadas”. No entanto, acrescenta que “não é necessário ser prisioneiro daquilo que continua para muitos uma verdadeira tortura mental, o princípio do 'terceiro excluído’”. Considera assim que “os pilares fundamentais da simplicidade, da ordem, da redução, da separação, da coerência formal da lógica estão doravante estremecidos” (p. 455).

É nessa perspectiva que esse autor propõe que “se nós queremos um conhecimento pertinente, nós temos necessidade de religar, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes e então procurar um conhecimento complexo”. (p. 456)

Para concluir sua reflexão sobre os desafios da complexidade, esse filósofo da educação considera que se pode dizer que “princípios organizadores do conhecimento são necessários para enfrentar o desafio da complexidade” (p. 456).

Dessa forma, considerando as reflexões sobre a necessidade de se “religar os conhecimentos”, será a partir da efetivação desse processo que se chegará à constituição de “uma cabeça bem feita”. Para tal, alterações são necessárias nos sistemas educacionais vigentes. Assim, esse filósofo dá prosseguimento as suas reflexões, ressaltando inicialmente os elementos constitutivos da “cabeça bem feita” para em seguida sugerir as alterações nos três níveis de ensino.

### **A reforma do pensamento: *a cabeça bem feita***

No desenvolvimento das reflexões sobre “as finalidades educativas”, Morin (1999, p. 10) afirma que o seu objetivo era iniciar por meio dessas finalidades a “mostrar como o ensino primário, secundário, superior, poderia servir a essas

finalidades”. Nesse sentido, quis “mostrar como a solução dos problemas, a adoção das finalidades deveriam necessariamente conduzir à reforma do pensamento e àquela das instituições”. Isso considerando que para esse sociólogo a complexidade é um desafio que sempre se propôs superar. É por esse motivo que nas suas reflexões se dedica tanto à educação quanto ao ensino, pois considera que “esses dois termos coincidem-se e diferenciam-se igualmente”. Segundo esse pensador, por um lado a “educação” é uma palavra forte que significa “implementar meios próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento do ser humano; esses meios em si’ (Robert)” (p. 10-11). Além disso, considera que “o termo ‘formação’, com suas conotações de modelagem e de conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é de encorajar o auto-didatismo, despertando, suscitando, favorecendo a autonomia do espírito”. Por outro lado, considera o ensino como “a arte ou ação de transmitir a um aluno conhecimentos de modo a que ele os compreenda e assimile, em um sentido mais restrito, pois é somente cognitivo”. Por esse motivo, considera que a palavra “ensino” não lhe é suficiente. No entanto, a palavra “educação”, na sua visão, comporta algo em demasia e algo em falta. É nessa perspectiva que justifica nas suas reflexões a oscilação entre esses dois termos, “tendo no espírito um ensino educativo”. No seu pensamento, considera que “a educação pode ajudar a tornar-se melhor e, se não feliz, nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”. (p. 11)

No que concerne especificamente “aos desafios”, considera inicialmente que “o corte das disciplinas torna incapaz entender ‘o que está tecido junto’, isto é, segundo o sentido original do termo, o complexo”. A partir dessa constatação, considera que “o desafio da globalidade é então ao mesmo tempo um desafio da complexidade”. Isso porque, “há complexidade quando são inseparáveis os componentes diferentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e que há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes”. Assim, considera que “os desenvolvimentos disciplinares das ciências não trouxeram somente as vantagens da divisão do trabalho, trouxeram também os inconvenientes da super especialização, da compartimentalização e do despedaçamento do saber” (MORIN, 1999, p. 12-15)

É nessa perspectiva, que se faz necessário refletir sobre o fato de que “o conhecimento pertinente é aquele que é capaz de situar toda informação em um

contexto, e se possível no conjunto em que se insere” (p. 16). Acrescenta que “pode-se mesmo dizer que o conhecimento progride principalmente não por sofisticação, formalização e abstração, mas pela capacidade em contextualizar e em globalizar”. Essa constatação leva esse autor a concluir que devemos

pensar o problema do ensino por um lado a partir da consideração dos efeitos cada vez mais graves da compartimentalização dos saberes e da incapacidade de articulá-los uns com os outros, e por outro lado a partir da consideração que a aptidão em contextualizar e em integrar é uma qualidade fundamental do espírito humano que trata-se de desenvolver em vez de atrofiar. (p. 17)

### **O desafio dos desafios: a reforma do pensamento**

Além disso, esse pesquisador ressalta que não há somente o “desafio do global e do complexo”. Há igualmente aquele da “expansão incontrolada do saber”. Na sua visão, os desafios que foram levantados “nos conduzem ao problema essencial da organização do saber” (p. 17). Dessa forma, na sua visão, o “desafio dos desafios” é “a reforma do pensamento”. Na sua concepção essa reforma “permitiria o pleno emprego da inteligência para responder a esses desafios e que permitiriam a ligação de duas culturas desconectadas. Trata-se de uma reforma, não programática, mas paradigmática, que concerne nossa aptidão em organizar o conhecimento”.

Além do mais, considera que “a reforma do ensino deve conduzir à reforma do pensamento e a reforma do pensamento deve conduzir à reforma do ensino”. Assim, no desenrolar desse pensamento, considera que na concepção de “uma cabeça bem feita”, “em vez de acumular saber”, é muito mais importante dispor ao mesmo tempo “de uma aptidão geral em levantar e tratar os problemas” e “de princípios organizadores que permitam religar os saberes e de dar-lhes sentido”.

Nessa perspectiva, considera que “o desenvolvimento das aptidões gerais do espírito permite, de forma melhor, o desenvolvimento das competências particulares ou especializadas”. Acrescenta, ainda, que “mais possante é a inteligência geral, maior é sua faculdade em tratar dos problemas especiais”. Dessa forma, na sua opinião, “a educação deve favorecer a aptidão natural do espírito em levantar e resolver os problemas e ao mesmo tempo estimular o pleno emprego da inteligência geral”. Na sua visão

esse pleno emprego necessita do livre exercício da faculdade a mais difundida e a mais viva da infância e da adolescência, a curiosidade [...] que se deve [...] estimular, ou despertar se dorme. Trata-se desde já de encorajar, de animar a aptidão interrogativa e de orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nosso tempo. (MORIN, 1999, p. 24)

Mas, considera que isso “não pode evidentemente ser inserido em um programa, isso pode somente ser animado por um fervor educativo”.

No que concerne à “organização dos conhecimentos”, considera que “uma cabeça bem feita é uma cabeça apta em organizar os conhecimentos e, assim, evitar a acumulação estéril”. Disso resulta que “todo conhecimento constitui ao mesmo tempo uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob forma de representações, idéias, teorias, discursos” (p. 26). A partir dessa perspectiva, considera que “a organização dos conhecimentos [...] comporta operações de dependência (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão)”. Dessa forma, esse processo “é circular, passando da separação à dependência, da dependência à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise”. Dito de outra forma, “o conhecimento comporta ao mesmo tempo separação e dependência, análise e síntese” (p. 26). É nessa perspectiva, segundo esse sociólogo que

a psicologia cognitiva demonstra que o conhecimento progride principalmente menos pela sofisticação, formalização e abstração dos conhecimentos particulares, do que pela aptidão em integrar estes conhecimentos nos seus contextos e seus conjuntos globais. Desde já, o desenvolvimento da aptidão em contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo de educação. (p. 27)

Desta reflexão resulta que “o desenvolvimento da aptidão em contextualizar tende a produzir o surgimento de um pensamento 'ecologizante', no sentido em que situa todo evento, informação ou conhecimento na sua relação de inseparabilidade com seu meio – cultural, social, econômico, político e, certamente, natural”. Em sua opinião, “para pensar localmente é necessário pensar globalmente, como para pensar globalmente é necessário saber também pensar localmente” (MORIN, 1999, p. 28)

Dessa forma, considera que para chegar a desenvolver no sujeito-aprendente ao mesmo tempo “uma aptidão geral em levantar e tratar problemas” e “princípios organizadores que permitam religar os saberes e dar-lhes sentido”, é necessário refletir em um “novo espírito científico”. É neste sentido que considera

que “a segunda revolução científica do século XX pode contribuir hoje na formação de uma “cabeça bem feita”. Para esse pesquisador, “com esse novo espírito científico, pode-se pensar que uma verdadeira reforma do pensamento está em curso, mas ainda muito desigual...” (p. 36). Nessa perspectiva, considera que “é sobre esse espírito que é necessário focar para favorecer a inteligência geral, a aptidão em problematizar, a dependência dos conhecimentos”. No desenrolar da sua reflexão, considera que “ao novo espírito científico será necessário acrescentar o espírito renovado da cultura das humanidades”. Ressalta que é necessário lembrar que “a cultura das humanidades favorece a aptidão em abrir-se para todos os grandes problemas, a aptidão de refletir, de entender as complexidades humanas, de meditar sobre o saber e integrá-lo na sua própria vida para melhor esclarecer ao mesmo tempo a conduta e o conhecimento de si”. (p. 36)

A partir dessas reflexões, considera que “nós podemos vislumbrar as vias que permitiriam encontrar, nas nossas condições contemporâneas, a finalidade da cabeça bem feita”. Para esse pensador, “seria um processo contínuo, ao longo dos diversos graus do ensino, nos quais deveriam ser mobilizadas a cultura científica e a cultura das humanidades” (p. 36). Dessa forma, ressalta que “uma educação para uma cabeça bem feita, colocando fim à desconexão entre as duas culturas, a tornaria apta a responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida cotidiana, social, política, nacional e mundial”. (p. 36)

### **A “cabeça bem feita” nos três níveis de ensino**

A partir do desenrolar de suas reflexões, esse professor examina como destacar as finalidades educativas para os três níveis do ensino classificado em nível primário, secundário e universitário. (MORIN, 1999, p. 87)

No que concerne o nível primário, considera que “a finalidade da 'cabeça bem feita' seria propiciada por um programa interrogativo que partiria do ser humano”. A partir de questões tais como “o que é uma coisa?” e “o que é uma causa?” (p. 87), considera que possa formar-se “um conhecimento capaz de enfrentar as complexidades”. Dessa forma, segundo esse autor, “a aprendizagem da vida se faria segundo duas vias, a via interna e a via externa”. Nessa perspectiva, por um lado “a via interior passa pelo exame de si, a auto-análise, a

auto-crítica”. Considera, assim, que “o auto-exame deve ser ensinado desde o nível primário e ao longo desse”. Por outro lado, “a via externa seria a introdução ao conhecimento das mídias”. Explicita que “as crianças são muito cedo imersas na cultura midiática, televisão, jogos de vídeo, anúncios publicitários, etc.”. Por este motivo, ressalta que “o papel do mestre não é denunciar, mas fazer conhecer os modos de produção dessa cultura”. Salaria que seria necessário “mostrar como o tratamento das imagens filmadas ou transmitidas pela televisão, especialmente pela montagem, pode dar arbitrariamente uma impressão da realidade”. Dessa forma, “o mestre poderia comentar as emissões vistas, os jogos praticados fora da sala pelos alunos”. (p. 89).

Na perspectiva do ensino secundário, considera que esse “seria o lugar da aprendizagem daquilo que deve ser a verdadeira cultura, aquela que estabelece o diálogo entre cultura das humanidades e cultura científica, não somente trazendo uma reflexão sobre as aquisições e o futuro das ciências, mas também considerando a literatura como escola e experiência de vida”. Nesse contexto, considera igualmente que “a história deveria ter um papel-chave no nível secundário, permitindo ao aluno incorporar-se à história de sua nação, de situar-se no futuro histórico [...] da humanidade, desenvolvendo nele um modo de conhecimento que entendesse os caracteres multidimensionais ou complexos das realidades humanas”.

Na sua concepção, no nível secundário “os programas deveriam ser substituídos por guias de orientação permitindo aos professores situar as disciplinas nos novos contextos; o Universo, a Terra, a vida, o humano”. Nesse sentido, acrescenta que “um ensino lembrado das ciências humanas deveria ser instituído e ter um eixo, segundo as disciplinas, no destino individual, no destino social, no destino econômico, no destino histórico, no destino imaginário e mitológico do ser humano”. Além disso, “a filosofia deveria ser um de seus núcleos de reflexão sobre o conhecimento, científico e não científico, e o papel, que se tornou maior nas nossas sociedades, da tecno-ciência”. (MORIN, 1999, p. 91)

No que se refere ao nível universitário, esse pesquisador considera que a Universidade conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, idéias, valores”. Além disso “ela o regenera reexaminando-o, atualizando-o, transmitindo-o”. Dessa forma “ela gera saberes, idéias e valores que vão então entrar na herança”. Assim ela tem um triplo caráter, “é conservadora, regeneradora e geradora”. (p. 93)

A partir dessa constatação, considera inicialmente que a “Universidade tem uma missão e uma função trans-secular, que, pelo presente, vai do passado em direção ao futuro”. Acrescenta que tem igualmente “uma missão transnacional que manteve a despeito da tendência ao isolamento nacionalista das nações modernas”. Enfim, considera que a Universidade “dispõe de uma autonomia que lhe permite efetuar sua missão”. (p. 93)

No que concerne à Universidade, considera que uma reforma deve levar em conta “nossa aptidão em organizar o conhecimento, isto é, em pensar”. Dessa forma, “a reforma do pensamento exige a reforma da Universidade”. Nesse sentido, para fazer isso, considera que “a fim de instalar e ramificar um modo de pensamento que permita a reforma, trata-se de instituir em todas as Universidades e Faculdades um dízimo epistemológico ou transdisciplinar”. Esse dízimo “deduziria 10% do tempo dos cursos para um ensino comum sobre os pressupostos dos diferentes saberes e sobre as possibilidades de fazê-los comunicar” (p. 96). Portanto,

o dízimo poderia ser dedicado: ao conhecimento dos determinantes e pressupostos do conhecimento; à racionalidade, à cientificidade, à objetividade; à interpretação; à argumentação; ao pensamento matemático; à relação entre o mundo humano, o mundo vivo, o mundo físico-químico, o cosmos em si mesmo; à interdependência e às comunicações entre as ciências (o circuito das ciências, segundo Piaget, que as torna interdependentes umas com as outras); aos problemas da complexidade nos diferentes tipos de conhecimentos; à cultura das humanidades e à cultura científica; à literatura e às ciências humanas: à ciência, à ética, à política; etc. (p. 97-98)

Além disso, esse defensor do pensamento complexo considera que seria necessário elaborar “dispositivos que permitissem as comunicações entre as ciências antro-po-sociais e as ciências da natureza”. Nessa reforma, vislumbra igualmente “a instituição em cada Universidade de um centro de pesquisas sobre os problemas da complexidade e da transdisciplinaridade, além de oficinas dedicadas às problemáticas complexas e transdisciplinares”.

Com efeito, nessa “reforma do pensamento”, esse pensador ressalta que

há efetivamente necessidade de um pensamento: que entenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; que reconheça e trate os fenômenos multidimensionais em vez de isolar de forma mutiladora cada uma de suas dimensões; que reconheça e trate as realidades que são ao mesmo tempo solidárias e conflituais (como a democracia em si mesma, sistema que se nutre de



antagonismos e ao mesmo tempo os regula); que respeite os diversos ao mesmo tempo reconhecendo o um (indivíduo). (MORIN, 1999, p. 100-101)

Nessa perspectiva, salienta que “um pensamento isolado e separado, é necessário ser substituído por um pensamento que distinga e religue. Um pensamento desconexo e redutor, é necessário ser substituído por um pensamento do complexo, no sentido original do termo *complexus*: o que é tecido junto”. (p. 101)

Nessa reforma, propõe a presença de “sete princípios”: o sistêmico ou organizacional; o “hologramático”; o do ciclo retroativo; o do ciclo recorrente; o da autonomia / dependência (auto-eco-organização); o dialógico; enfim, aquele da reintrodução do conhecedor (*connaissant*) em todo conhecimento.

Nesse ponto, insiste sobre o fato de que “a reforma do pensamento não é de natureza programática, mas sim paradigmática, pois ela concerne nossa aptidão em organizar o conhecimento” (p. 110). Segundo sua reflexão, “é ela que permitiria o pleno emprego da inteligência”. Acrescenta que nesse processo é necessário “compreender que nossa lucidez depende da complexidade do modo de organização de nossas idéias”.

No que se refere à missão do ensino, esse pensador salienta que esse necessita “o que não está indicado em nenhum manual, mas que Platão tinha já indicado como condição indispensável em todo ensino”. É o “eros, que ao mesmo tempo é desejo, prazer e amor, desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos aprendentes”. Na sua visão, “o eros permite dominar o deleite ligado ao poder em proveito do deleite ligado ao dom”. Em sua opinião “é isto que em primeiro lugar pode suscitar o desejo, o prazer e o amor do aluno e do estudante”. Isto, porque considera que “onde não há amor, há somente problemas de carreira, de dinheiro para o professor, tédio para o aprendente”. Dessa forma, considera que “a missão é então muito elevada e difícil, pois ela supõe ao mesmo tempo arte, fé e amor”. Nessa perspectiva, segundo esse pesquisador, os traços essenciais da missão do ensino seriam:

fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar, atacar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais;

preparar os espíritos para responder aos desafios que são levantados ao conhecimento humano pela complexidade crescente dos problemas;

preparar os espíritos para enfrentar as incertezas que não cessam de aumentar, não somente fazendo-os descobrir a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas favorecendo neles a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor;

educar para a compreensão humana entre próximos e distantes;

ensinar a afiliação à França, à sua história, à sua cultura, à cidadania republicana e introduzir a afiliação à Europa,<sup>153</sup>

ensinar a cidadania terrestre, ensinando a humanidade em sua unidade antropológica e suas diversidades individuais e culturais, além de sua comunidade de destino próprio à era planetária, em que todos os humanos estão confrontados aos mesmos problemas vitais e mortais. (MORIN, 1999, p. 116-117)

No desenvolvimento de seu pensamento sobre a educação e na perspectiva de “uma cabeça bem feita”, considera que as “finalidades educativas estão ligadas entre si e devem nutrir-se umas com as outras” (p. 117). Dessa forma, considera que “a cabeça bem feita” é a finalidade que “nos dá aptidão em organizar o conhecimento, o ensino da condição humana, a aprendizagem do viver, a aprendizagem da incerteza, a educação cidadã”. Assim, “elas devem igualmente suscitar a ressurreição da cultura pela conexão de duas culturas” e, além disso, “contribuir para a regeneração da laicidade e ao nascimento de uma democracia cognitiva” (p. 117). Além do mais, salienta que

o desenvolvimento de uma democracia cognitiva somente é possível dentro de uma reorganização do saber, que demanda uma reforma do pensamento que permitiria, não somente separar para conhecer, mas também religar o que está separado, e na qual ressuscitariam de forma nova as noções pulverizadas pela divisão disciplinar: o ser humano, a natureza, o cosmos, a realidade. (MORIN, 1999, p. 118)

É dessa forma que esse filósofo faz um convite a nos reequiparmos intelectualmente instruindo-nos em pensar a complexidade, em enfrentar os desafios do terceiro milênio e tentar pensar os problemas da humanidade na era planetária (p. 119).

### **A inter-pluri-trans-disciplinaridade**

No que concerne ao debate sobre a “inter-pluri-trans-disciplinaridade”,

---

<sup>153</sup> Morin faz estas reflexões tendo como referência o contexto francês e Europeu. No entanto, elas são transponíveis a outras sociedades e contextos igualmente, tendo-se o cuidado de relativizarem-se as reflexões.

Morin (1999) apresenta inicialmente uma abordagem histórica a partir do nascimento da disciplina no conhecimento científico e salienta as vantagens e os inconvenientes da especialização que em sua opinião apresentam o risco de uma hiper-especialização. Nesse sentido, considera que é necessário que tenhamos um “olho extra-disciplinar” e salienta que para isso é necessário produzir “migrações interdisciplinares” para poder estudar os “objetos e projetos inter e pluri-disciplinares” (p. 127). Na sua visão, “se a história oficial da ciência é aquela da disciplinaridade, uma outra história, ligada e inseparável, é aquela das inter-pluri-trans-disciplinaridades”. Nesse sentido, considera que

certas noções circulam e, freqüentemente, atravessam clandestinamente as fronteiras sem serem detectadas pelos 'aduaneiros', contrariamente à idéia muito difundida, que uma noção tem somente pertinência no campo disciplinar em que nasceu, certas noções migradoras fecundam um novo campo no qual vão enraizar-se, mesmo ao preço de um contra-senso. (p. 130)

No desenvolvimento de sua reflexão, considera que “certas concepções científicas mantêm sua vitalidade porque elas recusam-se ao enclausuramento disciplinar”. É assim que “certos processos de complexificação de campos de pesquisa disciplinar fazem apelo a disciplinas muito diversas e ao mesmo tempo à pluri-competência do pesquisador”. Nesse sentido, considera que “associando [...] diversas disciplinas a sua pesquisa”, o pesquisador “torna-se pluri-competente” e quando faz o balanço do seu trabalho, “resulta uma obra que trata de múltiplas dimensões” (MORIN, 1999, p. 130-131). Dito de uma outra forma, esse pensador considera que “é a constituição de um objeto e de um projeto ao mesmo tempo inter-disciplinar, pluri-disciplinar e trans-disciplinar que permite criar a troca, a cooperação, a pluri-competência”. (p. 131)

No desenrolar de seu pensamento, esse autor considera que é necessário pensar em “esquemas cognitivos reorganizadores”, pois “a conjunção de novas hipóteses e do novo esquema cognitivo permite articulações organizadoras ou estruturais entre disciplinas separadas e permite conceber a unidade do que era então desconexo” (p. 131). Considera, assim, que é necessário ir “além das disciplinas”, que é necessário

insistir na surpreendente variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências rompendo o isolamento das disciplinas, seja pela circulação dos conceitos ou dos esquema cognitivos, seja por

intrusões e interferências, seja por complexificações de disciplinas em campos pluri-competentes, seja pelo surgimento de novos esquemas cognitivos e novas hipóteses explicativas, seja enfim pela constituição de concepções organizadoras que permitem articular os campos disciplinares em um sistema teórico comum. (p. 133-134)

No desenrolar de suas reflexões, esse pensador insiste no fato de que hoje em dia, é necessário tomar consciência de um “aspecto que é o menos esclarecido na história oficial das ciências e que é um pouco como a face obscura da lua”. Isto é, considera que “as disciplinas estão plenamente justificadas intelectualmente com a condição que elas mantenham um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades”. Acrescenta que “elas são somente plenamente justificadas se não ocultam as realidades globais”. Nesse mesmo sentido, considera que “uma outra consciência, aquela que Piaget chamava de círculo das ciências, que estabelece a interdependência de fato das diversas ciências é igualmente necessária”. Nessa perspectiva, salienta que “o grande problema é então encontrar a via difícil da inter-articulação das ciências que tem cada uma, não somente sua linguagem própria, mas conceitos fundamentais que não podem passar de uma linguagem à outra”. (p. 135)

É nessa perspectiva que se faz necessário pensar no problema do paradigma. Na sua visão “um paradigma reina sobre os espíritos porque institui os conceitos soberanos e sua relação lógica (disjunção, conjunção, implicação, etc.) que governam de modo oculto as concepções e as teorias científicas que se efetuem sobre o seu império” (MORIN, 1999, p. 135). Portanto, percebe-se, e esse autor o salienta, que “hoje em dia emerge, de modo esparso, um paradigma cognitivo que começa a poder estabelecer as pontes entre as ciências e as disciplinas não comunicantes” (p. 135). Nessa perspectiva, esse autor constata que “nos diferentes campos, a noção de ordem e a noção de desordem demandam cada vez mais insistentemente, [...] serem concebidas de modo complementar e não mais somente antagonista”. Nesse sentido, ressalta que “de diferentes horizontes, chega à idéia que ordem, desordem e organização devem ser pensadas juntas” (p. 135). É assim que considera que “a missão da ciência não é mais de expulsar a desordem de suas teorias, mas de tratá-las. Não é mais de dissolver a idéia de organização, mas de concebê-la e de introduzi-la para unir as disciplinas parceladas”. Disso resulta que considera que “um novo paradigma está, talvez, nascendo...” (p. 135).

É nessa direção que Morin (1999, p. 136) apresenta uma perspectiva

“eco-disciplinar” e “meta-disciplinar” que vai além da inter, multi ou pluri-disciplinaridade. Propõe retomar esses termos, pois os considera “difíceis de serem definidos porque são polissêmicos e vagos. Para esse sociólogo, “a interdisciplinaridade pode significar pura e simplesmente que diferentes disciplinas sentam-se à mesma mesa”. No entanto, considera igualmente que “a interdisciplinaridade pode querer dizer também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa tornar-se alguma coisa de orgânico”. Por sua vez, “a pluri-disciplinaridade constitui uma associação de disciplinas em virtude de um projeto ou de um objeto que lhe é comum”. Nessa perspectiva, “as disciplinas aí são chamadas como técnicas especializadas para resolver tal ou tal problema”, ou “ao contrário, elas estão em profunda interação para tentar conceber esse objeto e esse projeto”. No que concerne à trans-disciplinaridade, ressalta que “trata-se freqüentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com uma tal virulência que as colocam em transe” (p. 136). No desenrolar de sua reflexão, salienta que “de fato, são complexos de inter-, pluri- e de trans-disciplinaridade que operaram e que fizeram um papel fecundo na história das ciências”. Nesse sentido, considera que “é necessário reter as noções-chave que aí estão implicadas, isto é, a cooperação, ou melhor, a articulação, objeto comum, e ainda melhor, projeto comum”. Segundo esse autor, nessa perspectiva “não é somente a idéia de inter- e de trans-disciplinaridade que é importante”. Considera que “devemos 'ecologizar' as disciplinas, isto é, levar em consideração tudo o que é contextual, incluindo as condições culturais e sociais, isto quer dizer, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, se esclerosam, se metamorfoseiam” (MORIN, 1999, p. 136). Nesse sentido, acrescenta que “é necessário também o meta-disciplinar, o termo 'meta' significando ultrapassar e conservar”, pois “não pode-se romper o que foi criado pelas disciplinas”. e “não pode-se romper toda clausura, pois há o problema da disciplina, o problema da ciência, como o problema da vida”. Nessa perspectiva, “é necessário uma disciplina ao mesmo tempo que seja aberta e fechada”. Esse pesquisador conclui sua reflexão levantando a questão: “a que serviriam todos os saberes parcelados, se não a serem confrontados para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, a nossas necessidades e a nossas interrogações cognitivas?” (p. 136). Disso resulta a sua consideração que “é necessário pensar também que o que está além da disciplina é necessário à disciplina para que ela não seja automatizada e finalmente

esterilizada”. A partir dessa reflexão, faz um convite à retomada “de um imperativo cognitivo [...] justificando as disciplinas tendo um ponto de vista meta-disciplinar”. Na sua perspectiva, este “imperativo cognitivo” nos convida “a um conhecimento em movimento, a um conhecimento em interligação que progride indo das partes ao todo, do todo às partes, o que é nossa ambição comum”. (p. 137)

### **A abordagem transversal**

No que concerne a transversalidade, constata-se que existe em Morin (1999) uma reflexão complexa dessa abordagem que é igualmente defendida por outros autores. Nessa perspectiva, é necessário ressaltar também a importância das reflexões de Barbier (1997) nesse campo. Esse sociólogo da educação considera que “a Abordagem Transversal é uma teoria psicossociológica existencial e multirreferencial da educação”. Isto, pois considera que “supõe que o pesquisador, necessariamente implicado em seu objeto de pesquisa, parte da existencialidade interna dos sujeitos com os quais ele trabalha”. Para esse sociólogo, “a existencialidade interna representa um magma de sensações, de representações, de idéias, de símbolos, de mitos, de valores, ao mesmo tempo sociais e pessoais, determinando a orientação das práticas sociais do sujeito” (BARBIER, 1997, p. 311). Nesse processo, ressalta que “o pesquisador começa por identificar a base de objetivação constituída **pelos produtos, as práticas e os discursos** dos sujeitos em interação”. Acrescenta que na “Abordagem Transversal, trata-se de explorar, nessa existencialidade interna, o que se relaciona com as constelações psico e sócio-afetivas em torno de situações emocionais como o nascimento, o trabalho, o amor, a morte, a velhice, o sofrimento, a educação...”. Para esse sociólogo,

A Abordagem Transversal implica na implementação, em toda situação educativa, de três tipos de escuta / palavra: científico-clínica, com sua metodologia própria de pesquisa-ação centrada no sujeito; poético-existencial que leva em conta os fenômenos imprevistos resultantes da ação das minorias e da particularidade em um grupo ou em um indivíduo; espiritual-filosófica, isto é, a escuta dos valores extremos que estão em operação no sujeito (indivíduo ou grupo). (BARBIER, 1997, p. 311)

No desenrolar de sua reflexão, sustenta que essa abordagem tem um interesse na educação das crianças e dos adolescentes, pois lhe parece que “a Abordagem Transversal permite uma escuta sensível da expressão afetiva da

criança e do adolescente, sem negligenciar tampouco seus processos puramente cognitivos”. Acrescenta que “a escuta deve ser sempre plural” e que “ela está 'no contato' com a criança” (p. 311). Nessa perspectiva, salienta que “ela vai no sentido da criação, do jogo, do encontro humano na amizade e no amor”. Para esse sociólogo, “Mesmo que seja muito elaborada teoricamente, sua prática necessita de uma abertura do coração, um sentido da unidade do vivente e uma ausência de medo do outro” (p. 311). Nesse sentido, “ela reconcilia o corpo, o coração e o espírito”. Salienta que “não se trata de uma qualquer 'nova mística', mas de uma reintegração da unidiversidade, da *unitas multiplex*, como diz Edgar Morin”. (p. 314)

Essas palavras têm um conjunto de significados, evidenciados ao longo da investigação, que permitem entender, por meio de uma abordagem complexa e multirreferencial, a reflexão em torno dos aspectos inter-pluri-transdisciplinares apontados por Morin (1999).

Dessa forma, emerge desse conjunto polissêmico, uma convergência para a palavra auto-conhecimento, que está na base do conhecimento em si mesmo. É por meio do conhecimento de si que o sujeito se abre ao conhecimento do outro e conhecendo melhor o outro, se intensifica o conhecimento de si.

Assim, o auto-conhecimento é um aspecto fundamental e parece ser necessário estar presente nas propostas educacionais. É nesse sentido que o itinerário desse estudo segue. Dessa forma, é ressaltado a seguir o sujeito no caminho de uma abordagem transpessoal e o sujeito integral por meio de uma Educação Transpessoal e Transdisciplinar.

### **O sujeito: no caminho de uma abordagem transpessoal e transdisciplinar**

Morin (1999, p. 145) propõe uma definição de sujeito “que parte não da afetividade, não do sentimento, mas de uma base bio-lógica”. Nesse sentido, admite que “um certo número de idéias hoje em dia começam a introduzirem-se no campo científico”. Salienta “a idéia de autonomia inseparável da idéia de auto-organização”. Considera, assim, “uma autonomia que depende de seu meio, quer seja biológico, cultural ou social”. Ressalta que “a autonomia é possível” tanto em termos relacionais quanto relativos. Na sua visão é necessário ter antes o conceito de indivíduo para chegar àquele de sujeito.

Dessa forma, considera que “do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução, mas esse produto é igualmente produtor nesse ciclo”. Isso porque quando o indivíduo se acasala “com um indivíduo de um outro sexo, produz esse ciclo”. Salaria, assim que “nós somos, então, ao mesmo tempo produtos e produtores” (p. 146).

Por sua vez, considerando o fenômeno social, “são as interações entre os indivíduos que produzem a sociedade, mas a sociedade com sua cultura, com suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura”. (p. 146)

A partir dessas noções, Morin (1999, p. 146) considera que após verificar essa complexidade da autonomia do indivíduo, “falta a noção de sujeito”. Nesse sentido, considera que “a primeira definição de sujeito seria o egocentrismo no sentido literal do termo: colocar-se no centro de seu mundo”. Assim, considera que “a identidade do sujeito comporta um princípio de distinção, de diferenciação e de reunificação”. Dessa forma, esse é o primeiro princípio de identidade do sujeito “que permite a unidade subjetiva / objetiva do 'eu sou eu' e a distinção entre o exterior e o interior”. O segundo princípio de identidade, seria “a permanência da auto-referência a despeito das transformações e por meio das transformações”. O terceiro e o quarto princípios são “um princípio de exclusão e um princípio de inclusão que estão ligados de modo inseparável”.

Na sua visão, “o princípio de inclusão é ao mesmo tempo complementar e antagonista”, pois “temos todos em nós esse duplo princípio que pode ser diversamente modulado, distribuído”. Dito de outra forma, “*o sujeito oscila entre o egocentrismo absoluto e o devotamento absoluto*”. Para esse sociólogo, “o princípio de inclusão não é menos fundamental do que os outros princípios”, pois “supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma língua, de uma mesma sociedade”. (MORIN, 1999, p. 148-149)

Mas em sua opinião, “uma grande parte, a parte a mais importante, a mais rica, a mais ardente da vida social, vem das relações intersubjetivas”. Considera que “é necessário mesmo dizer que o caráter intersubjetivo das interações no seio da sociedade, e que tece a vida em si da sociedade, é capital”. Dessa forma, ressalta que “para conhecer o que é humano, individual, inter-individual e social, é necessário ligar explicação e compreensão”. Nesse sentido,



considera que “o sociólogo em si mesmo não é um espírito objetivo puro”, pois “ele faz parte do tecido inter-subjetivo”. Considera, igualmente, que “ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que todo sujeito é potencialmente não somente o ator, mas autor, capaz de cognição / escolha / decisão”. Na sua visão “a sociedade não está entregue somente e principalmente a determinismos materiais”, pois considera que “ela é um jogo de afrontamento / cooperação entre indivíduos sujeitos, entre vários 'nós' e vários 'eu'”. (p. 153)

Assim, concluindo sua reflexão, esse filósofo ressalta que “o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão”. Salienta que “é necessário conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades”. Assim, sintetiza que “é necessário então uma concepção complexa do sujeito”. (p. 154)

Nesse sentido, considerando essas reflexões sobre a constituição do ser humano, que evidencia uma “concepção complexa do sujeito” é que se evidenciam os traços e a necessidade de uma abordagem transpessoal e transdisciplinar.

### **O sujeito integral por meio da educação transpessoal e transdisciplinar**

Nesse sentido, já há investigações científicas que defendem a proposta de uma educação transpessoal e de uma educação transdisciplinar. No que se refere à Educação Transpessoal, evidencio duas teses de doutorado em educação produzidas na PUC-SP e na UNICAMP.

Nessas investigações, evidencio a emergência das palavras auto-conhecimento e transdisciplinaridade que têm como perspectiva a visão do ser integral e do desenvolvimento humano.

A tese de doutorado em educação de Elydio dos Santos Neto<sup>154</sup>, realizada na PUC/SP sob o título *Educação Transpessoal: a dinâmica do pessoal e do transpessoal na ação pedagógica e na formação de professores a partir do pensamento de Stanislav Grof*, foi defendida em 1998 e publicada em 2006.

---

<sup>154</sup> Graduado em Pedagogia e em Filosofia, mestre e doutor pela PUC-SP, é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo onde exerce os cargos de Diretor da Faculdade de Educação e Letras e o de Coordenador do Programa de Mestrado em Educação. Autor do livro *Por uma Educação Transpessoal* (Metodista, 2006) e do artigo *Multirreferencialidade e transpessoalidade: contribuições para a construção de novas propostas escolares* publicado na revista *Educação & Linguagem* nº 09 que tratou sobre Multirreferencialidade & Educação.

A trajetória da tese e do livro salienta a necessidade do desenvolvimento humano e do ser integral tendo como condição o autoconhecimento, o rigor, o diálogo e a transdisciplinaridade. Além disso, ressalta as contribuições de uma educação transpessoal à organização escolar e aos processos de ensinar e aprender, além de ressaltar os obstáculos e os limites de uma educação transpessoal na realidade brasileira.

No prefácio desse livro, Ruy Cezar do Espírito Santo<sup>155</sup> enfatiza que a questão de fundo que está por traz da Educação Transpessoal é o autoconhecimento e que esse implica na consciência da dimensão espiritual do ser humano. Na sua análise, com a Educação Transpessoal, volta-se a um sentido de unidade do saber, em uma visão transcendente. Nesse sentido, essa abordagem resgata aspectos fundamentais do processo educativo tais como o da criatividade e da intencionalidade. Na sua perspectiva, “avançar conscientemente para uma Educação Transpessoal é abrir o espaço, no sentido de permitir que novos artistas ‘possam nascer’ da tomada de consciência de uma força presente em seus inconscientes [...] e que a Educação seja o instrumento próprio para tanto”. Santos Neto (2006, p. 15) considera que

além de desenvolver o trabalho pedagógico na dimensão sócio-política, dimensão da exterioridade do ser humano, a educação deverá trabalhar também, e simultaneamente, na esfera da interioridade, da religação dos aspectos internos do ser, de tal forma a lhe proporcionar a ampliação e o aprofundamento da consciência, e ainda uma nova postura, mais integrativa e cooperativa, diante de si mesmo, às demais alteridades e à realidade sócio-política.

Esse pesquisador salienta que Stanislav Grof (1997), sistematizador da Psicologia Transpessoal no fim da década de 1960, fez emergir uma “cartografia da consciência”. Essa sugere que “a condição humana, o sujeito humano, tem muito mais aspectos a serem considerados em sua antropologia do que aquilo que vêm propondo as antropologias fundadas no paradigma newtoniano-cartesiano”. Assim, a partir desses estudos, esse autor sugere “uma concepção de educação intencionada para a inteireza do ser humano” (SANTOS NETO, 2006, p. 20).

Na sua visão, essa cartografia “sugere uma antropologia da inteireza”,

---

<sup>155</sup> Educador, doutor pela UNICAMP, estudou a importância da formação do educador. Dessa pesquisa, surgiram a disciplina homônima, que ministra na PUC-SP, e o livro *O Renascimento do Sagrado na Educação* (Papyrus, 1998). É autor também de *Pedagogia da Transgressão* (Papyrus, 1995) e *Ética, Valores Humanos e Transformação* (Peirópolis, 1997)

pois “Grof defende que o ser humano, para desenvolver-se plenamente, precisa *re-ligar* as dimensões internas de sua psique ao mesmo tempo em que necessita reconhecer suas vinculações com a realidade exterior a si mesmo, o mundo da cultura” (p. 26). Portanto, salienta que “o sujeito re-ligado pode contribuir favoravelmente para a construção de uma cultura de paz e solidariedade” (p. 26). Nesse sentido, considera que é possível “pensar uma outra educação, a educação na/para a inteireza”. Na sua perspectiva, “esta concepção de educação [...] defende a participação política do educador por inteiro, re-ligado e, portanto, com energia suficiente para enfrentar obstáculos, construir sentido, favorecer a partilha, encarar os conflitos e ajudar a gerar uma cultura de paz”. (p. 26)

No que se refere ao termo “Educação Transpessoal”, esse autor esclarece que “na década de 1970, Thomas B. Roberts, professor de ensino secundário da Universidade Northern Illinois (EUA), já utilizava a expressão no *Jornal de Educação Humanística e Transpessoal*” e é considerado como “um pioneiro da Educação Transpessoal. Além disso, salienta que adotou esse termo “por entender que é o que mais adequadamente expressa a essência de uma educação para a inteireza” visto que “caminhar em direção à inteireza exige abrir-se às dimensões transpessoais da existência”. Enfatiza, assim, que “é pela transpessoalidade que se superam os limites e conflitos do processo de desenvolvimento pessoal e coletivo e obtêm-se a religação dos planos da consciência” (SANTOS NETO, 2006, p. 45).

Na sua perspectiva a abordagem transpessoal “compreende a pessoa e suas possibilidades, bem como o próprio universo, de uma forma mais ampla” (p. 46). Nesse cenário,

a Educação Transpessoal é aquela que se empenha, direta e intencionalmente, para educar o homem para a inteireza [...] mediante a transmissão/construção – crítica, criativa e transdisciplinar – dos conteúdos culturais necessários à manutenção e desenvolvimento da vida, e, também, mediante o trabalho de autoconhecimento que possibilita religar as dimensões da pessoa humana [...] (p. 46).

No que se refere aos seus objetivos, a Educação Transpessoal tem o intuito de: “auxiliar a pessoa a caminhar rumo à inteireza de si mesmo”; “auxiliar a pessoa a caminhar para a totalidade da realidade”; “transmitir/construir os conteúdos culturais necessários à sobrevivência, manutenção e desenvolvimento da pessoa individual e do homem enquanto coletividade”; “auxiliar a formar pessoas que [...]

participem do processo de superação da crise global que enfrentamos”. (p. 46-47)

O seu posicionamento por uma Educação Transpessoal “incorpora os avanços que as demais tendências proporcionaram”. Esse pesquisador entende que “a visão de pessoa com a qual tais tendências trabalham [...] é insuficiente e, portanto, redutiva do ser humano” (p. 53). Por este motivo, apresenta

uma visão mais ampla da pessoa, que ao mesmo tempo que incorpora a visão antropológica até aqui trabalhada pelas tendências dominantes – continuidade –, ao mesmo tempo supera-a em direção a uma transpessoalidade – ruptura – que favorece a pessoa em trabalho formativo caminhar para a inteireza de si mesmo. (p. 53)

Considera, assim, que tal ruptura exigirá “o aparecimento de novas práticas de ação pedagógica: das estratégias do trabalho de ensino-aprendizagem à organização escolar, passando pela formação do professor e pelo relacionamento professor-aluno” (p. 53).

A partir da Educação Transpessoal, esse pesquisador entende que é papel da escola: “preparar o aluno para o acesso ao saber sistematizado”; preparar o aluno para uma concepção mais ampla de cidadania”; e “trabalhar na formação de um homem inteiro e religado” (SANTOS NETO, 2006, p. 60).

No que se refere aos estudos do currículo, evidencia que precisam considerar como os aspectos culturais, ideológicos e de poder vinculam-se com a dinâmica interna dos níveis de consciência dos sujeitos (p. 62). Devem, igualmente, levar em conta “os dinamismos inconscientes na perspectiva da transpessoalidade” (p. 62-63). Assim,

A consciência da perspectiva transpessoal da realidade lançaria novas luzes ao estudo de currículo para que este auxilie a atender às necessidades da pessoa, da cultura e da sociedade de nosso tempo: necessidades econômicas, políticas, sociais, mas também, emocionais, éticas, ecológicas e espirituais. (p. 63)

Na sua visão, “a concepção transpessoal da educação pode auxiliar tanto a elaboração do projeto político-pedagógico como a sua concretização, que se confunde com o processo de construção de sua própria autonomia” (p. 64). Além disso, salienta que

uma ação baseada na transpessoalidade da pessoa pode ser facilitada pela flexibilização dos tempos escolares, possibilitando a construção de novas práticas que extrapolam o modelo habitual da aula formalmente estabelecido. É preciso tempo para que alunos e

professores trabalhem na sua auto-exploração sem deixar de lado o saber sistematizado. (p. 67-68)

Aponta igualmente alguns limites em torno da Educação Transpessoal: “é ainda recente e está dando os primeiros passos no sentido de sistematizar seus fundamentos teóricos e articulá-los com a prática”; “pode despertar o homem para a inteireza, mas a continuidade do trabalho dentro e fora da escola depende do indivíduo e de suas escolhas”.

Na sua perspectiva, a contribuição da Educação Transpessoal “poderá ajudar a resgatar a inteireza do ser e a utopia de uma sociedade harmônica com a natureza” e, ao mesmo tempo, ajudar “a saber lidar com as contradições humanas, porque ancorada na transpessoalidade vivida de forma positiva e integrativa” (p. 81).

É evidenciada igualmente a tese de doutorado em educação de Maria Virgínia Bernardi Berger<sup>156</sup>, realizada na UNICAMP sob o título *Educação Transpessoal: integrando o saber ao ser no processo educativo*, defendida em 2002.

Nessa tese a autora demonstra a contribuição da Psicologia Transpessoal para a Educação, integrando o Saber ao Ser em um processo de formação humana e pedagógica para educadores. Ressalta que teve como intenção superar a ênfase dada aos aspectos cognitivos em detrimento aos intuitivos, na educação formal. Desta forma, resgata a visão do ser integral como eixo norteador do trabalho docente, e a vida e o amor como fundamentos da educação. Assim, revela como a ampliação de consciência a respeito dos níveis de realidade e da natureza do ser humano abre novas perspectivas em relação ao processo educativo, ao papel da escola, ao relacionamento professor-aluno. Nesse sentido, salienta que o aspecto inovador dessa investigação consiste em introduzir a formação humana na capacitação profissional dos educadores, na dimensão pessoal e transpessoal. A autora enfatiza que o autoconhecimento, o cultivo da transcendência e a visão transdisciplinar formaram o tripé para integrar a construção do conhecimento à formação do ser integral. Nesse processo, utilizou a pesquisa-ação como método de conhecimento e intervenção explicando que essa escolha permitiu-lhe ao mesmo tempo conhecer e atuar, estudando as condições e os resultados da experiência efetuada.

---

<sup>156</sup> Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação (Psicologia da Educação) pela PUC-SP, Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora Associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisadora em Psicologia, Criatividade e Formação Humana e em Educação e Formação de Educadores

No que se refere a um dos desafios para a Educação Transpessoal, salienta essa pesquisadora que cabe à Educação “integrar o saber ao ser, ajudar a pessoa a ver além das ilusões que o conhecimento dual nos fornece e despertar para o mundo real”. Na sua perspectiva, “como o mundo real como um todo não tem opostos, não se trata de algo passível de definição nem de apreensão, mas possível de ser vivenciável”. (BERGER, 2002, p. 36)

Dentre os aspectos estudados por essa pesquisadora no que se refere à Psicologia Transpessoal, um deles é a Arte da Transcendência. Assim, destaca “seis elementos comuns que constituem o coração da arte da transcendência: treinamento ético, concentração, transformação emocional, redirecionamento da motivação, refinamento da percepção e o cultivo da sabedoria” (p. 41).

Na sua compreensão, “a visão do homem na Psicologia Transpessoal é a do Ser Bio-Psico, Social, Cósmico e Espiritual, restabelecendo a possibilidade de se viver a unidade fundamental Homem-Cósmos” (BERGER, 2002, p. 46). Nesse sentido, considera que a contribuição da Psicologia Transpessoal para a Educação poderá trazer novos rumos ao processo educativo” (p. 49).

Para essa pesquisadora “a Educação comprometida com o processo de formação humana não pode desconsiderar a dimensão da transpessoalidade”, pois considera que

tendo como pressuposto o contínuo processo de vir a ser, a transformação humana não é uma utopia inatingível, mas pode acontecer se os educadores aventurarem a ir além do intelecto, dos condicionamentos sociais e da história de vida de cada um, mergulhando no fascinante terreno da dimensão transpessoal” (p. 49).

No que concerne a Educação Transpessoal e a formação do educador, essa pesquisadora salienta que essa deve preconizar uma educação que estabeleça “como ponto de partida a concepção de pessoa humana” considerando quatro dimensões: “a consciência, o condicionamento, a personalidade e a identidade” (p. 56).

Além disso, evidencia que “educar para o desenvolvimento do ser integral é uma tarefa extensa que demanda tempo, esforço para iniciá-la e perseverança na continuidade”. Nesse processo, se deve compreender que “o cerne da Psicologia Transpessoal é a vivência da Unidade cósmica como algo desejável e curativo” e que “a ruptura com a fragmentação inicia-se no próprio homem, resgatando a sua

unidade cósmica, seu Ser Integral” (p. 60).

No que se refere às bases para uma educação transpessoal, essa pesquisadora ressalta que a sociedade necessita “de uma educação que leve o indivíduo àquele ponto de maturidade em que ele passe da perspectiva da individualidade isolada ao sentimento de comunidade e perspectiva planetária” (p. 62). Nesse sentido, a “educação transpessoal pressupõe a educação holística no sentido de educar a pessoa como um todo, em uma perspectiva integral” (p. 62). Nesse contexto, explicita os objetivos da educação integral e transpessoal:

Oportunizar o autoconhecimento para a redescoberta das dimensões transpessoais.

Mostrar a interdependência entre todas as formas de vida e a unidade subjacente aos sistemas vivos, sua evolução e co-evolução.

A integração das diferentes áreas de conhecimento através da inter e transdisciplinaridade.

Uma orientação voltada aos valores humanos, ao desenvolvimento da sensibilidade, da estética, e da mística/transcendência.

O desenvolvimento integrativo do potencial intelectual, intuitivo, afetivo e prático da pessoa humana.

A expansão dos níveis de consciência pessoal e transpessoal” (BERGER, 2002, p. 62-63).

Na sua visão, “esses aspectos constituem o eixo constitutivo da integração do SABER ao SER” e afirma “que a Vida é o fundamento da educação e o Amor é o fundamento biológico do social; portanto, a educação que é centrada na Vida encontra sustentação” em duas dimensões complementares: “a do SABER, disciplina do estudo e da pesquisa para o Conhecer;” e a “do SER, vivência do próprio caminho” (p. 63).

Assim, para essa pesquisadora “**educar é eduzir, isto é conduzir para fora o que está dentro do educando, para que ele possa reconhecer-se e assumir o seu processo de autocriação, desenvolvimento pessoal e autocuidado**”. Dessa forma, evidencia que “o grande desafio da educação é mobilizar, tanto no educador como no educando, a vontade do Eu pessoal nesse processo” (p. 64-65). Ressalta, assim, que é “necessário que o educador conheça a si mesmo, antes de tudo, a fim de que possa oportunizar a seu educando a descoberta da verdadeira noção de sua própria natureza”. Acrescenta, ainda, que “para ser bom

educador, é preciso que se tenha 'eduzido' de si mesmo os elementos positivos que se acham dormentes: a verdade, justiça, amor, benevolência, solidariedade etc.” (p. 65). Na sua visão, **“educar não é injetar, impingir, mas sim eduzir e desenvolver o que já existe na alma do educando”** (p. 65)

Nesse contexto, considera que “a formação torna-se, então, função da evolução humana. Mas função de síntese, de regulação, de organização dos elementos múltiplos e heterogêneos - físicos, fisiológicos, psíquicos, sociais - que constituem o ser vivo, em uma unidade viva”. Nesse sentido, salienta que “a autoformação corresponde à dupla apropriação do poder de formação: é tomar em mãos esse poder, tornar-se sujeito, mas é também aplicá-lo a si mesmo, tornar-se objeto de formação para si mesmo” (BERGER, 2002, p. 72)

Ressalta na sua reflexão que “O SABER E O SER do educador devem estar a serviço da libertação da estrutura social que oprime, da visão de mundo fragmentada, da ótica reducionista que limita o homem apenas à dimensão pessoal, esquecendo da transpessoalidade”. Assim, ressalta que esse “é um processo semelhante ao da arte e da criação, no qual é imprescindível a autonomia e o amor”. Considera, por fim que “para a integração do saber ao ser, a perspectiva libertadora e dialógica de FREIRE é de suma importância, uma vez que pode auxiliar professor e aluno a descobrirem-se, reflexivamente, e a conquistarem-se como sujeitos de sua própria determinação histórica evolutiva no processo de autocriação”. (p. 81)

Como resultado de sua investigação, a pesquisadora ressalta que foi uma ação autopoietica, individual e social na escola. Isso porque os educadores adquiriram maior consciência sobre o poder de autodeterminação e transcendência diante das situações e fatos da vida pessoal e profissional, descobriram que professor e aluno podem co-evoluir juntos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, verificou que se tornaram mais observadores, pacientes, serenos, confiantes, criativos e amorosos no trabalho educativo. Além disso, passaram a ensinar ao aluno o trabalhar sobre si, na sua auto-estima, para se autodeterminar na vida, se compreendendo e compreendendo o outro. Na sua visão, a educação transpessoal elevou o nível de capacitação profissional dos professores na gestão de sala de aula e na prática da inter e da transdisciplinaridade, pois ultrapassaram a tendência auto-referencial na forma como reagiram aos múltiplos desafios do cotidiano escolar e passaram a utilizar a transcendência como força de auto superação, o que lhes angariou autoconfiança, autonomia, otimismo e sabedoria no âmbito pessoal e



profissional.

Ressalta na conclusão de seu estudo que a sua principal característica foi a evidência do aspecto transdisciplinar, pois permitiu ir além da dualidade sujeito-objeto, subjetividade-objetividade, matéria-consciência, natureza-divino, simplicidade-complexidade, reducionismo-holismo, diversidade-unidade. Salienta que essa dualidade foi transgredida pela unidade aberta que engloba tanto o universo como o ser humano e, portanto, imprimiu a esse estudo um caráter aberto e inacabado. Dessa investigação, deduz a autora que a mudança na educação só ocorre em conjunto com a transformação individual dos educadores, pois a escola, como local de trabalho, reflete as crenças individuais e coletivas daqueles que nela atuam. Verificou que a ampliação de consciência dos educadores a respeito dos diferentes níveis de realidade e da dimensão pessoal e transpessoal do ser humano transformou a forma de agir na escola e no mundo. Além do mais, evidencia que a educação transpessoal conseguiu romper com padrões cristalizados de formas de pensamento e conduta que criavam um clima de mal estar geral entre todos.

Enfatiza Berger (2002) que a realização da sua pesquisa mostrou o quanto é importante abrir na escola um espaço de formação continuada que possibilite estudar os problemas que emergem no trabalho educativo, buscar soluções em conjunto, fortalecer os laços afetivos e o espírito de solidariedade. Assim, salienta a necessidade de uma formação que integre a efetividade à afetividade, a razão à intuição, o conhecimento à sabedoria. Essa pesquisadora considera que dado o seu caráter transdisciplinar e cosmocêntrico, a educação transpessoal é dirigida à formação de profissionais de todas as áreas de conhecimento porque objetiva a auto-realização do ser humano no nível pessoal e transpessoal, e a harmonia do homem consigo próprio, com a natureza e com o universo.

### **Algumas considerações**

Foi dado especial destaque nesta reflexão a certos aspectos que considero necessário estar presentes nas formações de uma forma geral e nas específicas do campo das viagens e do turismo. Portanto, aponte especificamente algumas idéias sobre: os desafios para religar os conhecimentos; a complexidade e a multirreferencialidade; a complexidade e seus desafios; a formação de uma

“cabeça bem feita” nos três níveis de ensino; a inter-pluri-trans-disciplinaridade; a abordagem transversal; o sujeito no caminho de uma abordagem transpessoal; e o sujeito integral por meio da educação transpessoal e transdisciplinar.

## APÊNDICE D 3

### **De *hostis* a *hospes* por um acolhimento de qualidade<sup>157</sup>**

“O turismo e o acolhimento estão indissociavelmente ligados.  
Quando falamos de *turismo*, pensamos no *acolhimento*  
E sem bom acolhimento, não há turista satisfeito”.  
(GOUIRAND, 1994, p. 9)

Tenho o intuito de retomar neste texto a apresentação do conceito básico do acolhimento considerando as categorias que o compõem, para que ele ocorra de forma eficiente, eficaz e efetiva.

O Acolhimento é um conceito bastante abrangente, ainda pouco trabalhado e estudado no Brasil e há uma tendência em considerá-lo semelhante ao conceito de hospitalidade. Assim, mediante consulta ao banco de dados do *Centre International de Recherche Touristique – CIRET* – identifiquei uma bibliografia que aborda o assunto. De posse desses dados, selecionei alguns autores e publicações que tratam do tema e centrei-me nos estudos elaborados por Pierre Gouirand (1994) que se debruçou sobre o tema de forma bastante clara e objetiva. Como se verá adiante, para esse autor o conceito de acolhimento abrange uma variedade de elementos dentre os quais o reconhecimento, a hospitalidade e o cuidado. Por esse motivo, mantenho a distinção entre esses conceitos, pois considero que o acolhimento é o universo maior que contem o conceito de hospitalidade.

Segundo Gouirand (1994), “o acolhimento está para o turismo assim como a publicidade está para a venda, isto é, a reputação turística de um país, de uma cidade ou de um hotel depende em grande parte do tipo de acolhimento que recebemos nesses locais”. Na verdade quando nos comunicamos, “falamos de cidades acolhedoras, hotéis acolhedores, etc., e esta reputação pode fazer ou desfazer a fortuna de uma população ou de um comerciante”.

O turismo é uma atividade que abrange uma multivariada gama de

---

<sup>157</sup> Este texto é uma adaptação do Capítulo 8 do livro *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*.

setores de serviços. No que se refere aos equipamentos e serviços turísticos os hotéis são, notadamente, “estruturas de acolhimento, isto é, espaços onde são acolhidos e hospedados os viajantes e onde o acolhimento é sem dúvida melhor colocado em prática” (GOUIRAND, 1994). Nesse contexto, os sujeitos envolvidos nas atividades específicas dos meios de hospedagem são os profissionais do acolhimento. Essa é a razão pela qual estes sujeitos devem “compreender o que sentem aqueles que são recebidos e mesmo saber criar nos seus estabelecimentos as condições psicológicas, materiais e o clima social que permitirão aos viajantes serem bem acolhidos” e desenvolver os procedimentos do hotel em função do seu objetivo maior – Acolher o seu Cliente (GOUIRAND, 1994).

Assim, ao longo deste texto, faço uma apresentação geral sobre o acolhimento tecendo algumas considerações sobre a sua conceituação e desenvolvendo alguns elementos e características específicos que considero importantes para o desenvolvimento deste tema.

O objetivo principal é apresentar em linhas gerais o que é o Acolhimento e o Acolhimento ao Turista. Tomo por base as seguintes questões: Afinal o que é Acolher? O que é o Acolhimento? Poderíamos desenvolver esta habilidade para bem acolher o Turista nas nossas cidades, nos nossos equipamentos e serviços turísticos e atrair um fluxo maior e melhor de Turistas?

### **Acolher - acolhimento**

A palavra “acolher” vem do verbo “colher” com o prefixo “a” e nela há a idéia de ação e de vontade e, como na colheita, o acolhimento é um ato voluntário. No sentido figurado ele significa, também, concordar, aceitar e está muito próximo do sentido da palavra recolher. Na idéia de acolher/acolhimento existe a de reunião, hospitalidade e de caridade. O conceito abaixo expressa bem todas estas idéias:

O acolhimento é uma mediação que compreende um conjunto de atitudes, de gestos, e de coisas que fazem passar uma pessoa ou uma idéia do exterior para o interior de um lugar ou de uma comunidade e que transforma o estranho em uma pessoa ou uma idéia, conhecida e aceita. É na realidade um fato social. (GOUIRAND, 1994, p. 11)

O Acolhimento é, então:

Um ato voluntário que introduz um recém chegado ou um estranho em uma comunidade ou um território, que o transforma em membro desta comunidade ou em habitante legítimo deste território e que, a este título, o autoriza a beneficiar-se de todas ou parte das prerrogativas que se relacionam com o seu novo status, definitivo ou provisório. (GOUIRAND, 1994, p. 180)

É importante ressaltar que na noção de acolhimento o limite entre o que é acolhimento e o que é serviço é às vezes difícil de se perceber e, por isso, as duas noções são confundidas. Elas estão intrinsecamente ligadas e não são completamente diferentes.

Para tornar um pouco mais clara esta noção, aprecio os significados das palavras servir e serviço. A palavra servir se origina do Latim *servire* e expressa a condição de estar a serviço de alguém, consagrando-se a este serviço, estando as ordens de alguém, prestando bons ofícios, sendo útil, auxiliando, cuidando de alguém. Por sua vez, o serviço – do Latim *servitu* – é o ato ou efeito de servir em que ocorre o exercício de funções obrigatórias de assistência, de serventia, de ação útil ou benéfica e de obséquio (*DICIONÁRIO da língua portuguesa*, 1998). Por outro lado, a palavra acolher significa receber, cuidar, proteger, aceitar, hospedar, abrigar, agasalhar, atender, recepcionar (FERREIRA, 1995). Significados implícitos no processo de acolhimento.

Assim considerando, é necessário fazer uma distinção entre acolhimento e serviço, pois se utiliza uma palavra como sinônimo da outra. A noção de serviço deve ser explicitada visto que ela é, às vezes, injustamente desvalorizada sendo confundida com servilismo que é uma atitude de submissão, de subalternidade ou com servidão, que dá a idéia de um estado de inferioridade e é uma categoria social historicamente definida. Ao contrário, estar a serviço de alguém e/ou servir é freqüentemente uma honra. Nesse contexto, a prestação de serviços, que é uma técnica, assume ainda outro significado, pois quando serve-se alguém, não se está em atitude de servilismo, muito menos em um ato de servidão. Se está exercendo uma profissão com dignidade, respeitando-se a si próprio como respeita-se o outro (GOUIRAND, 1994).

Nessa prestação de serviço, somente as habilidades técnicas não são suficientes e a atenção à subjetividade humana é indispensável. Fazer uma prestação de serviço é substituir aquele ao qual se oferece esse serviço, pela sua

impossibilidade, sua indisponibilidade ou sua ignorância e, assim, pela sua vontade e autorização, se age no seu lugar. Em um serviço há, então, a execução de uma atividade por um sujeito no lugar de um outro. O acolhimento está contido na prestação de serviço, pois é uma relação entre duas pessoas que implica na execução de uma atividade **com o outro** (um recepcionista acompanha um cliente ao seu apartamento). No servir, isto é, na ajuda e na gentileza para com o outro há algo que se faz no seu lugar. No acolher a noção de obrigação está excluída – serve-se voluntariamente. Esses dois elementos estão presentes no ato do bom acolhimento, que implica em acolhimento e prestação de serviço. São atos necessários e complementares (GOUIRAND, 1994).

Ambos, o acolhimento e o serviço, fazem parte do produto turístico como um todo e mais especificamente no produto hoteleiro. Geralmente, pensa-se que acolhe-se primeiro e serve-se em seguida, mas o que se impõe é **servir acolhendo**. Assim, vê-se que o acolhimento é sem dúvida um dos componentes da troca comercial. Na venda de um apartamento ou de uma refeição está compreendida forçosamente a ação de acolhimento. Quando um viajante vem a um hotel, ele compra tanto o prazer de ser bem acolhido e de ser considerado como um ser humano, quanto o prazer de ter um bom serviço e um apartamento confortável que fazem parte da cadeia do acolhimento (GOUIRAND, 1994).

### ***Necessidade de acolhimento***

O homem é um “animal social”, não pode viver só e não suporta o isolamento que o desestabiliza. Para ele o isolamento é “a-normal”. Os homens dependem uns dos outros para sobreviver e nesse processo há sempre a presença do ato de acolhimento. Assim, considero o acolhimento uma necessidade natural, biológica e social. Todos os encontros de pessoas implicam um acolhimento. Em todo lugar, sempre, há a necessidade de acolhimento e a vida moderna exacerba essa necessidade. Com o aumento do turismo de massa multiplicaram-se as ocasiões de um “primeiro acolhimento”. Em todas as etapas da cadeia do Acolhimento pode-se inferir a qualidade do serviço que virá a ser prestado. Em poucos instantes aquele que chega elabora uma “idéia” do lugar e das pessoas e, freqüentemente, esta idéia vai perdurar. Se o primeiro encontro é ruim, talvez sejam

necessários muitos dias para fazer a primeira impressão/idéia evoluir. Se ela é boa, ela poderá mascarar, naquele que chega, certas imperfeições do local de acolhimento. A necessidade de bom acolhimento é crescente e constante e a ela se junta uma exigência de qualidade cada vez maior. Isto ocorre muito provavelmente devido às características das sociedades atuais onde há a preponderância do egoísmo, do individualismo, do isolamento moral e material do homem. Além disso, Gouirand (1994) afirma que o homem moderno está só e ele sofre com isso. Por isso, ele procura no “acolhimento mercantilizado”, tal como no acolhimento hoteleiro, que é um “acolhimento obrigatório”, um paliativo as suas frustrações.

Assim, a necessidade de acolhimento é neste momento qualitativamente bem mais elevada no turismo em geral, mas sobretudo, nos hotéis, pois os homens vêm procurar neles tudo aquilo que não encontram na vida cotidiana. (GOUIRAND, 1994, p. 22)

Esse mesmo autor salienta que o hoteleiro ou o *restaurateur* não vendem somente um produto material ao cliente, pois no produto que lhe é proposto estão incluídos a amabilidade, o calor humano, o reconhecimento, a hospitalidade, o cuidado. Dessa forma, o hotel é por natureza, um lugar onde se pode exigir ser bem acolhido. É, o hotel, o lugar onde se espera que a necessidade de acolhimento natural seja satisfeita, tendo aumentado esta expectativa quantitativamente e qualitativamente pelas circunstâncias da vida moderna. O hotel é por um certo tempo “o lar ideal” do sujeito, que o acolherá e o guardará em clima agradável e seguro. É esta a troca que se espera, um ambiente acolhedor pelo qual se paga.

### **O homem e o local do acolhimento**

O homem que viaja e que é acolhido em uma cidade, em um hotel, está em um novo espaço que é desconhecido para ele. Ele se sente desenraizado e está abordando o desconhecido. Esse homem em viagem, não é o mesmo homem do seu ambiente habitual. E, sobretudo, quando retorna de uma viagem, não é o mesmo de antes, pois a experiência da viagem o faz evoluir, acrescentar um conhecimento ou o faz perder uma ilusão. A viagem traz sempre alguma coisa. É isto que torna o Acolhimento de uma forma geral e o Acolhimento Hoteleiro tão delicados (GOUIRAND, 1994).

O viajante é levado a deixar o local onde reside movido por uma diversidade de razões ou motivos. Mas, em um lugar desconhecido sente-se em “perigo” e por isso volta-se para si mesmo para melhor enfrentar o desconhecido. Em uma viagem internacional esta impressão é ainda maior, provocando no viajante automaticamente um reflexo de defesa. Segundo Gouirand (1994) o viajante se põe em guarda, fica desconfiado, olha e duvida de todos aqueles que se aproximam dele. Sem que saiba, este cliente que o hoteleiro vai acolher é um ser que está apreensivo e até mesmo um pouco assustado com o novo. O reflexo de defesa leva freqüentemente à agressividade que é produzida pelo medo. Devido a isso não se pode de forma nenhuma responder à agressividade com agressividade, mas acalmar, tranquilizar o cliente que chega. O hoteleiro e o recepcionista devem saber disso e interpretar a atitude daquele que chega. Quanto menos experiências de viajar tem, maior é a sua angústia. Porém, não são só estes os efeitos da viagem sobre o homem, para quem a mobilidade simboliza a vida e a imobilidade a morte. A viagem simboliza a liberdade, a força e tem também um elemento de status social. Ela valoriza o homem.

Nesse contexto, o hoteleiro tem a missão de acolher um homem, seu cliente, cheio de sentimentos diversos e contraditórios, devendo considerar que em um hotel as regras de gentileza e de cortesia devem (re)tomar todo o seu valor e que a qualidade do acolhimento faz parte do produto que acaba de comprar. Muitas vezes, frustrado na vida cotidiana, mas impotente para mudar as coisas, o cliente redobra as suas exigências tanto com os equipamentos turísticos quanto, sobretudo, com os profissionais, e se não receber a atenção à qual pensa ter direito, tem a impressão de não estar recebendo o real valor pelo preço que pagou. Esse cliente tem a necessidade de ser protegido e se algo acontece de imprevisto, vai procurar proteção dos prestadores de serviço, querendo ser tratado como aquele que domina, que é forte (GOUIRAND, 1994).

### **Desejos e expectativas do cliente**

A primeira preocupação dos profissionais que atuam na atividade turística é aquela de atender às expectativas fundamentais de seus clientes. Para Gouirand



(1994) em matéria de Acolhimento, as expectativas fundamentais são o **reconhecimento**, a **hospitalidade** e o **cuidado**.

O **reconhecimento** abrange diversos níveis. O viajante que chega deseja ser reconhecido como um ser humano, isto é, como um ser que é respeitado enquanto ser. Deseja ser reconhecido como aquele que tem consciência de ser – do mais modesto ao mais brilhante, todos têm um *status* na vida e carrega-se um certo número de sinais distintivos deste *status* e se quer ser recebido com o respeito que estima-se ter direito. Não há nada mais desalentador para um cliente do que ser tratado como um estranho. O cliente não é um qualquer, é uma pessoa que espera receber todas as atenções que pensa que seu novo *status* lhe dá direito. O cliente tem consciência de quem é, e exige que esse *status* que ele mesmo se atribuiu, pela sua intenção de comprar uma prestação de serviços, seja reconhecido por aquele que o acolhe. O viajante deseja ser reconhecido como aquele que é desejado. Ora, é pelo desejo que o homem toma consciência dele mesmo e quando deseja algo, é ele que deseja e não um outro. Assim, no acolhimento deseja-se, sobretudo, ser desejado. Este sentimento de querer ser desejado é forte no cliente de um hotel ou de um restaurante e este serviço é em parte fabricado pelo acolhimento em si mesmo e constrói-se na relação cliente-prestador de serviço. Por isso, enquanto o desejo material será facilmente satisfeito naquele que quer comprar um objeto, o desejo do cliente de hotel ou do viajante não será, jamais, totalmente satisfeito por um quarto confortável se foi mal acolhido. Sentir-se o “mal vindo” faz surgir nele uma grande frustração, sentir-se desejado, ao contrário, faz nascer uma grande alegria. Se, desde a sua chegada, o cliente não percebe naquele que o recebe, os sinais que demonstram que é efetivamente desejado, inicialmente não compreende, em seguida decepciona-se e por fim isto provoca nele, freqüentemente, comportamentos reativos de agressividade, pois tem a impressão que os papéis estão invertidos. O cliente tem que solicitar uma atenção que espera ter que receber naturalmente.

A **hospitalidade** é um conceito que histórica e antropologicamente acompanha o homem e é o que transforma o estranho em hóspede. Cada hotel é um pequeno mundo com uma porta de entrada, dentro da qual se espera um clima de ações de aceitação pelo outro, de acolhimento. O hoteleiro não hospitaleiro é aquele que mesmo vendendo a hospedagem e a alimentação, com certa qualidade técnica, continua considerando o viajante como um estranho em relação ao qual tem

somente o dever de fazer uma prestação de serviços tecnicamente perfeita. O hoteleiro hospitaleiro é, ao contrário, aquele que pensa que além dos laços comerciais, existem entre ele e seu cliente laços humanos quase familiares. É certamente uma das expectativas mais fortes da clientela dos hotéis e ela se traduz por um desejo de pertença. Pertença à comunidade do hotel, que como lar temporário deve ter sujeitos que, por um tempo, serão a família do viajante. Acolher alguém na sua casa, na sua empresa, implica em preocupar-se com o seu conforto que inclui a sua salvaguarda. O cliente espera que o acolhedor, aquele que o hospeda, faça tudo para protegê-lo, mesmo se ele está fora do local onde está hospedado. O hoteleiro que procura evitar esta “responsabilidade”, e que finge ignorar esta expectativa do cliente, é qualificado como não hospitaleiro ou pior ainda, como profissionalmente incompetente. Nas profissões turísticas e particularmente na hotelaria, a expectativa e a exigência de hospitalidade ultrapassa em muito os elementos do conceito inicial de prestação de serviço, pois da hospedagem e da alimentação que fazem parte da prestação de serviços vendida, ela vai além, vai até os componentes da hospitalidade antiga: reconhecimento, proteção, aceitação que são talvez a sua essência e que são totalmente gratuitas por sua natureza subjetiva.

O **cuidado** – O cliente que chega a um hotel tem a necessidade que se ocupem dele “como uma mãe se ocupa de uma criança”. O viajante que chega a um hotel estranho pode estar desorientado, sem saber o que fazer, se questionar como preencher a ficha, onde se dirigir, etc., e o responsável pelo acolhimento deve ocupar-se disso. Isto não é só desejável, mas necessário. O cuidado consiste em guiar aquele que chega para facilitar a sua instalação, dar-lhe todas as informações e oferecer os serviços necessários. O objetivo de tudo isso é que o cliente que chega não se sinta desorientado, que veja por meio das atitudes de quem o acolhe, sua vontade de querer recebê-lo e de tornar a sua estada agradável. O hoteleiro tem por responsabilidade guiar os primeiros passos daquele que ele recebe, primeiramente na sua casa – o hotel – depois na cidade. Junto com o seu apartamento o cliente compra o acolhimento que lhe permite aí chegar e este acolhimento engloba, necessariamente, uma parte de cuidado que é a ajuda para a sua instalação no hotel e na cidade. É claro que esta necessidade de ajuda varia em função das circunstâncias, das personalidades e das culturas.

Tem-se, assim, um encadeamento progressivo das expectativas de acolhimento em um hotel. O cliente que chega quer: ser reconhecido como ser

humano, como aquele que tem a consciência de ser e, sobretudo, de ser cliente desejado; ser aceito no grupo de clientes (privilegiados) do hotel; ser o centro de atenções particulares.

Todos os procedimentos de *acolhimento* que são colocados em prática nos equipamentos turísticos devem expressar e expressarem-se pelos fatores essenciais do Acolhimento: o **Reconhecimento**, a **Hospitalidade** e o **Cuidado**.

### **Organização da cadeia do acolhimento**

Considero que o Acolhimento deve marcar todas as etapas da atividade turística, pois do planejamento à execução, seja na infra-estrutura da região/cidade, na construção dos equipamentos turísticos públicos e privados, na educação dos sujeitos que estarão direta ou indiretamente em relação com o cliente, o Acolhimento estará sendo esperado por eles.

Assim, na cadeia do Acolhimento, uma grande gama de aspectos deve ser observada e analisada. Aqui, a abordagem foi delimitada ao setor de recepção, do departamento de hospedagem, dos meios de hospedagem (hotéis e pousadas) onde uma grande parte do processo de Acolhimento ocorre efetivamente. No entanto, o ato de Acolhimento envolve todas as etapas da atividade econômica do turismo, que não está totalmente visível aos olhos do cliente.

Por esse motivo, considero que a parte visível do Acolhimento na recepção de um hotel ou no atendimento em um restaurante pode ser comparada à ponta de um iceberg. Esta analogia é feita, pois todos os serviços / prestações de serviço não visíveis podem ser comparados à parte submersa deste iceberg.

Dessa forma, verifico que em um meio de hospedagem a recepção pode ser vista como análoga a um iceberg, pois dela vemos somente uma pequena parte do serviço que é prestado. Para que a relação entre o cliente que chega e a pessoa que o recebe seja eficiente, eficaz e efetiva – a primeira parte visível do iceberg – é necessário que um enorme trabalho de gestão e de administração seja feito – a parte invisível do mesmo iceberg. Ao contrário do que pode-se imaginar, a boa vontade do responsável pelo acolhimento, seu sorriso e sua amabilidade não servirão para grande coisa se a reserva foi mal feita e se o cliente não sente receber aquilo que lhe prometeram em todos os locais de serviço. A qualidade da relação

pode minimizar a desilusão do cliente e acalmar a sua cólera, mas não apaga o erro e não compensa a falta de profissionalismo e a falta de método. O acolhimento deve ser cortês e alegre, mas, sobretudo, ele deve ser eficaz. Esta eficiência se obtém: por uma boa organização do serviço de recepção que é amplo, indo bem além da portaria; por uma análise das tarefas a serem realizadas e por um estudo dos procedimentos para o acolhimento amplo. Não se pode deixar nas mãos do humor de cada um a faculdade de (bem ou mal) acolher. Deve-se fazer de tal sorte que todos os clientes sejam sempre bem acolhidos por todos. A qualidade do acolhimento depende tanto do ser humano quanto, também, da qualidade da organização dos serviços, do cuidado com que foram programados os detalhes, das condições nas quais trabalham os responsáveis pelo acolhimento, etc. (Organização Material – balcão, mesa de trabalho, documentos necessários; Organização interna – horários, tarefas dos setores; Organização das reservas – a ficha de reservas, o fichário). Qualquer que seja o modelo de organização adotado, é preciso saber que a qualidade do acolhimento depende do bom funcionamento dos serviços e que não se pode exigir dos responsáveis pelo acolhimento serem sorridentes e amáveis se nada for feito para facilitar as suas tarefas, e se não forem colocadas a sua disposição as ferramentas necessárias para o bom acolhimento.

### **Sorriso - sorrir**

Para muitos, bem acolher é sorrir. O Sorriso parece ser uma panacéia que soluciona tudo ou quase tudo e que pode, às vezes, fazer aceitar prestações de serviço medíocres. Ao contrário, mesmo quando tudo está perfeito, um acolhimento sem sorriso não é nunca muito bom. É um dos aspectos mais misteriosos do acolhimento. O verdadeiro sorriso, autêntico, é um fenômeno puramente fisiológico, é o resultado de uma excitação moderada que produz no homem o prazer. Esta excitação se exprime em todo o sistema muscular, mas como ela é moderada, ela coloca em movimento somente os músculos mais móveis do corpo que são, no homem, os músculos da face. Desta forma, ele é o sinal do prazer e da felicidade, pois há uma associação mecânica entre os dois, e enquanto que um rosto mole e caído, sem tônus, exprime o desinteresse, o aborrecimento, o sofrimento. O sorriso espontâneo que é original, produz-se, infelizmente, muito raramente. Ele aparece

efetivamente quando o prazer sentido é suficientemente forte para colocar em movimento nossos músculos. O sorriso voluntário, que acompanha a maior parte dos atos da vida social quando queremos ser gentis, se é similar na sua forma, é mesmo assim diferente, do ponto de vista da sua origem espontânea. Esta expressão facial é ao mesmo tempo inata e adquirida, o que faz dele um elemento muito particular da vida social.

O Sorriso do Acolhimento é o que expressa prazer, o sinal da felicidade é linguagem. Ele diz, ele clama: “Eu estou feliz de ver/receber você”. É o modo privilegiado de comunicar o acolhimento. Ele é a primeira resposta às expectativas do viajante, ele é o sinal de reconhecimento. Quando sorrimos para aquele que chega, isto significa que o identificamos. É para ele que sorrimos, não para uma outra pessoa. Ele não é mais um ser anônimo e tornou-se uma pessoa que é “bem vinda”. Esta expressão comunica que aquele que era desconhecido é agora aceito na comunidade e é, também, sinal de fraternidade. É, enfim, sinal de “cuidado”, acalma as angústias daquele que chega que receia ser mal recebido. Por analogia, o sorriso do acolhimento é percebido como aquele da mãe, feliz de ver seu filho e contém a promessa de ser cuidado, de proteção, de carinho e resume toda a mensagem do acolhimento. Por isso é confundido com o acolhimento. Sem sorriso o acolhimento toma o aspecto de um procedimento mecânico e desumano. O sorriso espontâneo, sincero, é, assim, um elemento determinante do acolhimento profissional. Graças a ele, passa-se do acolhimento indiferente a um acolhimento personalizado. É tão importante que não pode-se deixar que dependa do “humor” daquele que recebe. A sua ausência pode custar muito caro a uma empresa. Quando o responsável pelo acolhimento se recusa voluntariamente a sorrir, ele comete uma grave falta profissional.

### **Local do acolhimento ao turista**

O reconhecimento do enorme papel dos aspectos psicológicos no acolhimento não pode implicar na negligência da importância do local e do ambiente material. Um e outro são indissociáveis e cada um influencia o outro. O cuidado que aquele que acolhe dá à preparação e ao embelezamento do espaço do acolhimento é tão significativo quanto a qualidade da relação que se estabelece no

momento do acolhimento. Esta interação é ainda mais estreita na hotelaria. Ser acolhido em um local agradável, bem climatizado, bem decorado já é um sinal de bom acolhimento para o cliente.

Desta forma, a arquitetura para o acolhimento requer que os espaços devam ter dimensão “humanizada”. As palavras-chave neste aspecto são medida e equilíbrio, um equilíbrio entre três pontos: espaço, homem e função. Para que se chegue ao “ambiente de acolhimento” os espaços devem ser funcionais, a escolha dos materiais deve levar em conta dois dos principais elementos sensoriais do acolhimento: o calor humano e um prazer delicado; o estudo das formas deve ser feito em função destes mesmos critérios. Outros pontos importantes são a decoração, a iluminação, a higiene, a limpeza e a manutenção dos espaços, os odores, os sons (a música), o conforto sensorial, representado por estímulos agradáveis. A qualidade do ambiente age sobre a qualidade do acolhimento de dois modos: por aquilo que ele comunica oferecer do ponto de vista do conforto; por aquilo que ele significa. O ambiente tem a sua linguagem própria, ele é em si mesmo um discurso, uma mensagem que implica em promessa de bem estar, de conforto, de acolhimento.

### **Perfil e formação do pessoal para o acolhimento ao turista**

Quem acolhe é parte integrante do espaço e da atmosfera onde ocorre o processo de Acolhimento. Não há, então, um arquétipo físico do pessoal do acolhimento, mas há uma vantagem quando o físico de quem acolhe está em harmonia com o local onde ele exerce o seu *métier*. Deve haver um tipo de entendimento entre o pessoal para o acolhimento, o tipo de hotel e a motivação da clientela. Deve-se ter todo o interesse de manter a harmonia entre o estilo do hotel, o perfil dos funcionários e os desejos da clientela. A primeira impressão daquele que chega é bastante visual e a expressão, postura e compostura daquele que acolhe não é, então, neutra, sem função, pelo contrário tem função significativa, pois é a primeira mensagem do hotel para o cliente.

Estar em uma função de acolhimento em um hotel implica em possuir um certo número de qualidades naturais. O responsável pelo acolhimento deve estar “aberto para os outros”. Esta é uma das suas qualidades principais, porém deve

estar acompanhada de outras qualidades também importantes, tais como: equilíbrio psicológico; aptidão comunicativa; calma e mesura; elegância de movimentos e a perseverança e vontade de estar a serviço e bem acolher o cliente.

A guisa de algumas considerações sobre este tema, procuro deixar evidente que se trata de um processo, não sendo apenas uma ação pontual a cargo de algumas pessoas. Foi vista a maneira como é necessário ser valorizado técnica e afetivamente por meio da tomada de consciência de variados processos que intervêm neste importante momento para o cliente: o seu acolhimento no destino que escolheu para desfrutar as suas férias ou para desempenhar suas atividades profissionais. Destaco que o acolhimento necessita acompanhar todas as ações que implicam em relação com o cliente e que muito cuidadosa e conscientemente precisa marcar os atos de encerramento da conta, pois a última expressão não pode ser o “adeus”, mas sim o “volte logo, continuaremos de braços abertos para acolhê-lo”, deixando no cliente implantada a semente do desejo de voltar, pois ele lembrará sempre de que foi e será acolhido, transformando-se assim em cliente permanente, cuja fidelidade é o laço que nos unirá neste mundo de competição, que reconhecemos e que nos estimula a vencer pela qualidade do acolhimento oferecido, como promessa inicial e cumprido como compromisso permanente.





## APÊNDICE D 4

### **As Viagens** **Contribuições à (trans)formação de si** **um espaço-tempo multirreferencial privilegiado** **para a difusão do conhecimento** **uma auto-co-hétero-eco-formação**

*Viajar é para a juventude uma forma de educação,  
para os mais velhos uma forma de experiência*

*(BACON, 1625, p. 91)*

Considero, especialmente, neste texto que a viagem expressa em si mesma uma possibilidade de formação, um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento, um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento.

No itinerário específico traçado, evidencio a sua relevância na educação informal e formal, ressaltando sua intenção educativa e formativa, sua utilidade na educação, seu valor educativo e as aprendizagens possíveis. Descrevendo a viagem pelo conhecimento, realço as reflexões de Bacon, Boucher de La Richarderie, Genlis e Stagl. Em uma perspectiva mais recente, ponho em foco investigações que destacam o processo educativo/formativo do ser humano pelas viagens, como as de Stagl, Searle, Wood, e Fernandez. Destaco especialmente esse último pesquisador que apresenta uma taxonomia da viagem e uma gramática da viagem evidenciando os quatro tempos de formação contidos nas viagens, além de salientar que a viagem contém uma possibilidade de auto-co-hétero-eco-formação.

## **As viagens**

No que concerne, especificamente, a sua tipologia, pode-se partir para fazer uma viagem de lazer, turística; uma viagem de negócios; uma viagem de estudos, de exploração; uma viagem de informação; uma viagem religiosa, uma viagem terapêutica, etc. Múltiplas e complexas são as motivações que impulsionam o ser humano a viajar.

Organizada, planejada por si mesmo ou por um profissional da área, a viagem é um movimento pleno de complexidades que, na maioria das vezes, estimula o sujeito-viajante a reelaborar e / ou mudar o seu olhar em relação à imagem e às representações sobre o destino turístico escolhido, a sua cultura e os seus habitantes (*l'ailleurs*).

A viagem se desenvolve em um determinado espaço e durante um tempo geralmente pré-estabelecidos pelo viajante e, também, por sugestões e orientações dos profissionais que as organizam: os agentes de viagem que são os responsáveis pela sua concepção, elaboração e operacionalização em diferentes momentos da sua realização.

Na sua complexidade, a viagem é plena de significados e sentidos e, por essa razão, precisa tanto considerar o sujeito-viajante, o sujeito-turista quanto o sujeito-habitante local-autóctone. Na rede de relações formadas entre esses dois seres humanos, que ocorre em um determinado espaço e tempo, diferenças se apresentarão e, eventualmente, podem se tornar, também, conflituosas, visto que a viagem é uma certa imersão na cultura, nos limites que o tempo e o espaço permitem, e geralmente, tem uma duração pré-determinada e relativamente curta (ARDOINO, 2004).

### **A viagem: uma possibilidade de formação**

É importante, igualmente, ressaltar que uma das perspectivas da viagem, a compreensão mútua, do viajante que deseja ser acolhido e acompanhado, e a do outro, o habitante local que deseja (ou não) acolher e acompanhar aquele outro, é de fundamental importância, para a reflexão dos sujeitos ao longo das suas formações (gerais e específicas).

Segundo Ardoino (2004), esse outro é um elemento da problemática educacional, pois se viaja para esquecer-se de seus problemas, para mudar de ambiente, para se formar. É aqui que esse pensador da educação insiste na presença do aspecto formativo da viagem, pois o sujeito-viajante-turista procura e deseja, além de divertir-se, desenvolver-se, descontrair-se e esquecer-se da sua realidade cotidiana. Procura, sobretudo, se formar por meio das descobertas do outro em outro lugar, em um outro tempo (*l'ailleurs*).

Nesse sentido, para possibilitar que esse aspecto relacional efetivamente se estabeleça, é necessário considerar que a noção de qualidade dos serviços, da viagem, do projeto de viagem, do acolhimento e do acompanhamento do sujeito-viajante-turista necessita ser discutida e incorporada no meio acadêmico e profissional nos campos das viagens e do turismo.

### **A viagem: um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento**

As viagens são atividades complexas onde espaço e tempo estão intrinsecamente inter-articulados e necessita ser estudada levando em consideração a pluralidade de seus aspectos, pois para que ela ocorra, é preciso haver uma mobilidade, um movimento, um deslocamento do sujeito por diversos espaços durante um determinado tempo.

Assim, considerando especificamente essas questões, foi estudado no Apêndice C desse estudo como a viagem se desenvolve em diversos espaços e diferentes tempos para compreender a importância desse conhecimento na formação de profissionais efetivamente conscientes da sua responsabilidade na concepção, organização e operacionalização de um projeto de viagem que entenda e atenda aos desejos de si mesmo e do outro por outros lugares e possa, dessa forma, colaborar na realização de seus sonhos e de uma possível (trans)formação de si.

Nesse processo, a compreensão da viagem como um espaço privilegiado de aprendizagem é de fundamental importância. De acordo com Fróes Burnham (1999), a aprendizagem pode ocorrer em diversos espaços. Essa pesquisadora salienta como exemplo que “o espaço de trabalho não é um espaço meramente do trabalho, ele é um espaço social, onde existem muitas relações de convivência,

relações pessoais, relações econômicas, relações culturais e assim por diante”. (p. 01)

Fróes Burnham (1999) salienta, igualmente, que alguns trabalhos de pesquisa já efetuados descrevem que os sujeitos aprendem em diversos espaços e que muitos consideram que aprendem muito mais na vida concreta do que na própria escola ou sala de aula. Assim, considera que esses espaços são todos *loci* sociais, pois se constroem e se instituem na medida do processo intersubjetivo de construção. Nesse sentido, é importante ter em perspectiva que todos os membros de uma sociedade têm inserções familiares, profissionais, afetivas, de lazer que se interarticulam e que são trazidas nas suas histórias de vida nas quais se constituem como sujeitos ou como indivíduos sociais. Dessa forma, a viagem é, também, um *locus* social em que tudo isso ocorre e, por esse motivo, pode ser considerada um espaço de aprendizagem onde acontece uma construção de conhecimento, onde diversas informações “com um valor agregado” (p. 03) são disponibilizadas aos sujeitos envolvidos no processo. Assim,

quando você tem interações que são intersubjetivas, a intersubjetividade em si traz a questão de que são múltiplas referências, são múltiplos olhares, são múltiplos esquemas de análise que estão ali. Porque se você tem indivíduos sociais diferenciados que são submetidos por uma linguagem, que são submetidos por uma cultura, que são submetidos por formas, *ethos*, éticas, estéticas diferenciadas, você já tem aí [...] a complexidade em cada um deles. Na hora em que essas complexidades interagem, o processo se torna ainda mais complexo e quando a gente diz que nessas interações se estrutura e se constrói saber, se constrói conhecimento [...] porque em nenhuma situação em que a gente está com o outro a gente deixa de aprender. (FRÓES BURNHAM, 1999, p. 06)

**A viagem: um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento**

A Viagem  
é um grande elemento de  
relação entre os povos  
(FRÓES BURNHAM, 2005).

Nessa reflexão sobre os espaços de aprendizagem, se faz necessário retomar a abordagem multirreferencial adotada no desenvolvimento desta investigação. Assim, se evidencia que a multirreferencialidade é um esforço metodológico que considera a necessidade do sujeito-pesquisador de “compreender por diversos sistemas de referência” (p. 09). Além disso, Fróes Burnham (1999) ressalta que essa abordagem é uma lógica em que não se assume fidelidade a nenhum sistema teórico, em que se retira dos sistemas que estão à disposição do investigador, aquilo que é importante para o seu processo, o seu objeto. Além disso, essa pesquisadora salienta que “a multirreferencialidade é uma postura extremamente crítica, e crítica no sentido de questionar” que “tudo vale [...] em relação a esquemas de interpretação” (p. 10). Explicita, ainda, que isso vale tanto para o objeto quanto para quem constrói o objeto, pois há “uma lógica que se constrói pela interatividade [...] inclusive pela interatividade de você com você mesmo”, pois “eu interajo comigo mesmo e quando interajo comigo mesmo, eu converso comigo, de outras formas eu tomo decisões, [...] e esse é um espaço de aprendizagem”. (p. 10)

Como ressaltado no texto que concerne tanto às investigações científicas quanto às investigações de si (Apêndice C 4), ficou evidente que a viagem é um movimento multirreferencial e, por conseguinte, deve ser observada, analisada e criticada tendo como referências variadas abordagens metodológicas e os instrumentos que lhe são mais adequados.

A viagem é uma atividade, um deslocamento no tempo e no espaço, em que estão presentes multivariados elementos que a fazem complexa e plena de sentidos para quem as realiza, seja o sujeito-viajante-turista, seja o sujeito-profissional da viagem, seja o sujeito-habitante local-autóctone. Isso porque é uma atividade precipuamente interrelacional e que somente se realiza se existe uma relação entre todos os elementos envolvidos. Assim, essa relação pode ser de diversos tipos: interdisciplinar, transdisciplinar, interpessoal e, igualmente, transpessoal, como salientado em textos anteriores, especialmente nos Apêndices D 1 e D 2.

Dessa forma, nela estão presentes os saberes e fazeres de diversos sujeitos em níveis variados, de diferentes origens e espaços, em um determinado tempo. Todos esses elementos conjugados conformam um feixe volumoso de conhecimentos e isto faz com que a viagem seja um canal privilegiado de difusão do

conhecimento.

Nesse sentido, uma colaboração de longa data já existente entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Faculdade de Educação (FACED) – Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em (In)formação, Currículo e Trabalho (REDPECT) e a Universidade de Paris 8, incluindo recentemente a Universidade de Paris 13 e o Centro de Pesquisa Inter-Universitário Experiência, Recursos Culturais e Educação (EXPERICE), tem-se intensificado nos últimos anos.

### **A viagem: o itinerário específico da tese – evidências da sua relevância**

A elaboração da cartografia do ensino e da pesquisa nos campos da educação, das viagens e do turismo, apresentada no Apêndice B, permitiu: evidenciar a relevância, originalidade e singularidade desse estudo; fixar os marcos fundamentais para o futuro da pesquisa na educação para as viagens, o turismo e o acolhimento; além de ter possibilitado delimitar as bases dessa investigação.

Além disso, ficaram evidenciadas pelos diversos autores, as reflexões sobre a relevância das viagens e suas contribuições à (trans)formação de si. Especialmente, se destaca que já no início do século XVII, Bacon (1979 [1625], p. 91) apontava a importância do ato de viajar. Foi visto igualmente que outros autores têm essa preocupação. Um autor anônimo do século XVII, evidencia que

encontra-se viajando todas as ajudas e todos os recursos para bem aprender e para bem conhecer o que está escondido nos livros; o que aparece descoberto; julgam-se as coisas mais seguramente, pois se vêem de forma mais real; como se a cortina fosse levantada e remonta-se aos princípios, extrai-se a água da fonte, sentido-se melhor o seu gosto e qualidade. (AUTOR ANÔNIMO, 1688, p. 2-4)

Acrescenta, ainda, que “para tornar-se sábio, é necessário viajar, mas que não é por isso que se pode esperar tornar-se hábil”<sup>158</sup>.

Além disso, Portiez (1795, p. 2) enfatiza a importância de uma educação pelas viagens e na natureza, e faz a defesa da relevância das viagens e da necessidade de estudá-las nas escolas. Esse político propôs o primeiro projeto de aperfeiçoamento da educação pelas viagens. Dá ênfase, igualmente, ao fato que

<sup>158</sup>

A Arte de Viajar Utilmente, Autor Anônimo, 1688, p. 2-4.

“pelas viagens as idéias aumentam, as percepções multiplicam-se, os preconceitos destróem-se, as línguas confundem-se; as diferenças de toda espécie eliminam-se”.

Por sua vez, Genlis (1800, p. XXIII) realça que “é necessário tentar obter uma instrução das suas viagens”. Nesse itinerário pela defesa da relevância das viagens, Boucher de La Richarderie em 1808 apresenta na sua *Biblioteca das Viagens*, uma seção que dá especial destaque às instruções e tratados preliminares sobre a relevância das Viagens e a maneira de torná-las úteis.

Já no fim do século XX e início do XXI, outros autores fazem sobressair a utilidade e as contribuições das viagens. Stagl (1995, p. 11-12) realça que “os viajantes aprendem a conhecer suas próprias capacidades e limites, pois durante suas viagens exploram igualmente eles próprios”. Por seu lado, Grall (1998, p. 119) evidencia que “a viagem não expande somente os horizontes mentais do sujeito, mas estrutura igualmente o seu espírito” e que “a viagem é o lugar onde se exerce mais plenamente a liberdade criadora”. Recentemente, Fernandez (2002, p. 29) considera especialmente que “o imaginário constrói a lenda e a viagem torna-se o símbolo de uma experiência, conferindo à ação humana uma transcendência religando o homem ao desconhecido: a busca”. Retoma, esse autor, o exemplo da mitologia em que Ulisses, ao retornar, “não é mais o mesmo, é um outro”, pois por meio de seus périplos, “transformou-se”. Referencia, igualmente, Gide e Goethe que apontam a viagem como “o centro da formação do indivíduo”. Além dessas reflexões, outros pesquisadores dão relevo à relevância e às contribuições das viagens à (trans)formação de si.

### **A viagem: mais evidências da sua relevância**

Wood (2004) realizou uma pesquisa sobre a aprendizagem por meio da viagem investigando o potencial educacional do turismo e a oferta de aprendizagem para visitantes do Museu Britânico e do Museu Victoria e Albert, em Londres. Após estudar: Stendhal; o Grand Tour; Lord Chesterfield (1694-1773) para quem “o conhecimento do mundo será adquirido somente no mundo e não em um armário” (p. 05); e Alexandre Dumas (1802-1870) que descreveu o turismo como “a terceira invenção inglesa para subverter o mundo com humor e com a máquina à vapor”, evidencia que “muitos tentaram definir a distinção entre o 'viajante' e o 'turista”.

Realça, então, a descrição de G. K. Chesterton que evidenciou que “o viajante vê o que vê” e “o turista vê o que ele veio para ver”. (WOOD, 2004, p. 06)

No seu itinerário investigativo passa pela Grécia Antiga e pela Roma Imperial, pelas peregrinações da Idade Média, pelas explorações Elizabetanas, pelo *Grand Tour*, pelo Romantismo chegando ao turismo de massa, às viagens de Cook, às viagens luxuosas, aportando finalmente na explosão turística do século XX enfatizando o surgimento do Turista Pós-Moderno.

Na sua análise, “o viajante elizabetano considerava-se já educado o suficiente e a viagem permitia-lhe confirmar seus sentimentos de superioridade cultural, política e religiosa sobre outras pessoas” (p. 08). Assim, “como o Império expandia-se mais, da mesma forma expandia-se a noção de usar a viagem como um método de aprendizagem e de refinamento que culminava no *Grand Tour*” (p. 08). Na sua percepção “a experiência de aprendizagem do 'Grande Turista' era tão importante e influente que os seus resultados são vistos na arquitetura dos prédios oitocentistas através da Inglaterra. Muitos Grandes Turistas viajavam com tutores que lhe diziam o que deveriam ver e por que razão”. Dessa forma, “eles acumularam conhecimento que lhes deu uma vantagem social e intelectual em relação aos outros menos educados no vocabulário da cultura” (p. 08). No que concerne às viagens organizadas por Thomas Cook, essa pesquisadora considera que

talvez o mais significativo no que se refere ao contexto da viagem educacional foi o fato que, as excursões organizadas por Cook para a Grande Exibição de 1851, para cerca de 165.000 pessoas, organizando 'Clubes de Exibição' entre trabalhadores, permitiu-lhes economizar para o bilhete. (p. 10)

Nesse processo, Cook “escreveu artigos incitando as pessoas à visita para aprenderem com os exemplos do seu negócio e o dos outros apresentados na Grande Exibição, o que descreveu como 'uma importante Escola de Ciência, Arte, Indústria, Paz e Fraternidade Universal'. (p. 10)

Na seqüência das suas investigações, verificou que “foi no século XX que a viagem educacional para crianças em idade escolar emergiu como uma grande parte do mercado turístico. Anteriormente, eram somente os adultos que viajavam para aprender” (p. 11). Assim, chega ao terceiro milênio, salientando que



o pós-turista não é somente um viajante sofisticado, bem versado nas suas práticas. Ele ou ela tem uma compreensão mais diversificada e sofisticada da cultura pós-moderna. Ele ou ela pode visitar um museu durante uma viagem de negócios, estar em um programa universitário que permite créditos universitários, viajar com uma mochila nas costas através da Europa ou em uma excursão de um dia no Eurostar. Ao mesmo tempo em que aprender ele ou ela esperam divertir-se, ser entretido e possivelmente fazer compras. (WOOD, 2004, p. 12)

Na sua perspectiva, verifica alguns métodos de interpretação analisando de que forma os turistas fazem sentido com o que vêem. Nesse processo, considera cinco métodos: visitas guiadas; guias turísticos; acesso por meio da literatura ou outras artes; tecnologia; e compras.

Nessa análise, ressalta que “uma boa visita guiada é uma ajuda inestimável até para o mais bem informado dos viajantes. Mas ela não funcionará bem, no entanto, se estiver muito estruturada” (p. 13). Na sua perspectiva, considera que “um bom guia deve ter conhecimento suficiente e habilidades para ser capaz de adaptações de acordo com as necessidades e interesses e, dessa forma, permitindo diferentes abordagens e narrativas” (p. 13). Do mesmo modo, salienta que “o perigo dos guias turísticos é que podem apresentar um ponto de vista como um fato”, isto é, “a narrativa de um guia turístico é perigosa quando passada como um fato” real. No que concerne ao acesso por meio da literatura e de outras artes, observa que igualmente “existe um perigo de fazer uma interpretação tornar-se um fato” real (p. 14). Na sua visão, a tecnologia “permite diferentes perspectivas e diferentes experiências em um verdadeiro estilo pós-moderno” (p. 15). Por fim, considera que os *souvenirs* comprados fazem, igualmente, parte dos métodos de interpretação. (p. 16)

Na sua análise final, considera que “um dos elementos-chave encontrado é que deveria haver um melhor entendimento entre as indústrias cultural e turística” e que “o turismo deveria ser visto como uma parte legítima da experiência cultural e que as necessidades do turista não deveriam ser negligenciadas” (p. 18). Dessa forma, se torna evidente a necessidade de se desenvolverem essas percepções nas formações dos sujeitos (geral e específica).

Em uma outra pesquisa, Searle (1992) faz uma análise sobre o uso de viagens educacionais escolares para o ensino sobre o mundo. Essa investigação foi apresentada ao Instituto de Educação da Universidade de Londres. Nessa pesquisa, analisou e destacou nove elementos: o interesse do professor; as crenças

do professor; os efeitos na comunidade; a contribuição dos professores participantes; os benefícios do coordenador e do diretor; os preparativos para a viagem; o envolvimento dos pais e familiares; a disseminação da viagem educacional escolar; e, por fim, a sua utilização por escolas públicas e escolas independentes.

Ao investigar o interesse dos professores, esse pesquisador identificou que esses estão muito interessados pela viagem educacional escolar e desejam discutir soluções sobre o seu uso. Algumas das soluções identificadas durante as discussões incluem os benefícios e custos da viagem educacional quando comparada a métodos alternativos, (isto é, ensino em sala de aula), questões em torno de quem deveria financiar os custos específicos dos projetos de viagens educacionais escolares, dentre outros elementos (SEARLE, 1992, p. 78).

No que concerne às crenças dos professores, destaca, igualmente, que professores que participaram de discussões informais no Canadá, na Gâmbia e na Inglaterra, acreditavam que viagens educativas escolares eram importantes; eram uma oportunidade que todos os estudantes deveriam ter e que todas as escolas deveriam proporcionar; eram igualmente necessárias para complementar o ensino sobre pessoas e lugares; tinham inestimáveis benefícios de desenvolvimento profissional para os professores participantes e proporcionavam importantes benefícios de desenvolvimento pessoal para os estudantes participantes; ajudavam a motivar os estudantes para aprender; melhoravam a compreensão internacional; e eram uma abordagem escolar que necessitava da promoção e do suporte do professor. Os professores, na sua maioria, defendiam as suas posições relatando histórias das suas próprias experiências de viagem ou de envolvimento anteriores em viagens com seus estudantes (p. 79).

No que se refere aos efeitos na comunidade, é salientado que essa atividade parece ter diversos efeitos na comunidade atendida pela escola. As famílias, empresas, organizações comunitárias, clubes de serviço, organizações governamentais, grupos de jovens e outros podem ser apresentados aos participantes e são freqüentemente trazidos para as atividades dos projetos de viagem escolar (p. 79-80).

Os professores participantes fazem contribuições consideráveis com tempo, dinheiro e esforço como resultado de sua participação nos programas de viagem educacional em si ou na sua organização. Os professores que

coordenavam e dirigiam as atividades recebiam a maior parte dos custos de viagem - transporte, hospedagem e alimentação – como um benefício da sua participação. Salienta esse pesquisador que esses custos não são pagos pelo empregador do professor, mas são pagos indiretamente pelas agências de viagem ou pelo fundo de participação constituído para financiar a atividade (SEARLE, 1992, p. 81-82).

Na preparação da viagem, verificou que o trabalho em grupo no formato de reuniões informais e sessões de orientação surgiram como características dos projetos de viagem educacional escolar. Destacou igualmente um considerável envolvimento familiar e dos pais, característica de todos os projetos de viagem examinados que tinham destinos internacionais. Na sua investigação, se evidenciou que a viagem educacional escolar está disseminada nas escolas canadenses e inglesas e que é utilizada por escolas do Estado (*state schools*) e independentes (p. 82-84).

Ao longo da história da humanidade, como evidenciado no desenvolvimento dos Apêndices C deste estudo, foram ressaltadas a relevância e as diversas contribuições das viagens à (trans)formação de si. Neste texto, além de dar destaque às viagens, considerando-as um espaço-tempo multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento, foram enfatizadas a relevância e as contribuições salientadas por alguns autores do século XVII ao XXI. Para concluir este texto, é ressaltada a importância de alguns resultados da investigação de Fernandez (1999) sobre a educação na e pela viagem.

### **A viagem: uma escola da vida, uma auto-co-hétero-eco-formação**

Fernandez (1999) destaca a viagem como “uma escola da vida” (p. 03), pois evidencia que “a viagem é um verdadeiro fenômeno social que atinge numerosos extratos da sociedade nacional, trans-nacional e internacional” (p. 04). Em sua opinião, “cada um de nós concorda em dizer que ela [a viagem] induz a uma pedagogia da abertura à qual é atribuído um adágio popular: 'as viagens formam a juventude'”. Ressalta que esse fato também é uma herança “de uma tradição da viagem-formação em que se revela facilmente os traços desde Heródoto” (p. 04).

Na sua pesquisa, esse autor, utilizando-se de uma abordagem educativa da experiência, orientou sua atenção para as diferentes fases evolutivas da

aprendizagem da viagem que operam transformações, às vezes profundas, no indivíduo. Nesse sentido, explicita que a representatividade foi procurada “no cruzamento entre diferentes experiências que deixam entrever constâncias, uma inferência experiencial, virtudes que fazem supor que a viagem é uma escola da vida”. (FERNANDEZ, 1999, p. 04)

Na sua reflexão e análise, “em termos de aprendizagem, a viagem-formação pode ser apreendida pelo filtro de leitura das histórias de vida”, que propõem “conceitos operatórios convincentes para dar sentido a uma vida” (p. 04). Para esse autor, esses conceitos operatórios são: a auto-formação; a co-formação; a hétero-formação; e a eco-formação. Esses conceitos “moldam a relação que um indivíduo mantém com o mundo” (p. 04). Na sua concepção,

globalmente, entende-se por auto-formação a aquisição de saberes novos surgidos de um procedimento pessoal; por co-formação [...] a existência de encontros e de trocas suscetíveis de responder às expectativas formuladas ou não; por hétero-formação, a educação familiar recebida, o sistema educativo, mas também toda pessoa externa que teve uma influência real na escolha de partir. Em último lugar, a eco-formação refere-se à percepção e a concepção que um indivíduo faz do ambiente natural, material e biológico. (p. 04-05)

Esse pesquisador ressalta que ficou evidente no corpus que estudou e analisou que “o indivíduo faz a experiência efetiva desses diferentes aspectos que se referem simplesmente à aprendizagem da vida quer seja formal, informal, não formal, educacional ou espontânea”. (p. 05)

### **A viagem: uma taxonomia e uma gramática – viajar, encontrar, observar, aprender; uma formação em quatro tempos**

Além disso, evidencia que a viagem “possui uma taxonomia própria que assinala a experiência” e que se torna dessa forma “uma linguagem composta por fonemas significantes” (p. 07). É por meio da soma desses fonemas que “experimentados e assimilados, eles tornam possível a leitura do mundo” (p. 07). Na sua análise, considera que “esses fonemas significantes desembocam em significações interculturais e transculturais que fazem sentido no espírito do viajante”. Nesse sentido, considera que poderia, assim, existir “uma gramática da viagem, dissolvendo a má sorte babilônica para a adesão a uma 'cultura da viagem” (FERNANDEZ, 1999, p. 07).

Na sua análise, apresenta as quatro palavras-chave que emergiram do seu corpus e que constituem a sua “gramática da viagem”: viajar; observar; encontrar; aprender.

Assim, “esses quatro verbos formam a estrutura da experiência intercultural [...] adquirida dando forma a um conhecimento ao mesmo tempo empírico e teórico, um não sendo dissociado do outro” (p. 10). Na sua percepção,

em um plano acadêmico, reduzido a uma atitude textual (livresca), o conhecimento do Outro pode ser o objeto de uma viagem erudita levada por uma curiosidade intelectual, mas isenta da experiência vivenciada, ele nutre um saber sobre o Outro feito de imagens eruditas fixas. (p. 10)

Dessa forma, enfatiza que essa taxonomia da ação que denomina uma “gramática da viagem”, postula “que é necessário se esfregar na realidade [...] para vivenciar as diferentes características, a profundidade e a presença de aporias tratáveis e intratáveis” (p. 10). Nesse sentido, explica que aplicando “esses quatro verbos de ação (viajar, observar, encontrar e aprender), eles fazem pensar que contribuem fortemente ao nascimento progressivo de uma inteligência nômade, veiculada por uma linguagem específica” (p. 10). Além disso, considera que “paralelamente a isso, eles nos fazem lembrar que somos freqüentemente uma jovem criança inexperiente em situação intercultural” (p. 10). Dessa forma, nota que “como a criança, somos animados por uma curiosidade, uma necessidade de tocar, de experimentar e de ver”. Na sua percepção, “esse processo vital responde às exigências do uso do mundo”. Por esse motivo, destaca que “é necessário, assim, aceitar-se estar na pele do *homo ludens* [...] e não sempre na do *homo sapiens sapiens*, aceitando lidar com o insólito e o desconhecido”. Nesse ponto, enfatiza que “o risco enfrentado na viagem chega a transformações insuspeitáveis pondo em cheque certezas que caem como um castelo de cartas”. Dessa forma, destaca que “arriscar é, então, engajar-se em uma escolha de vida que atinge efetivamente a construção de uma nova identidade”. Observa que essa “é uma das lições que retirou das experiências analisadas”. Por esse motivo, na sua perspectiva, considera que “a viagem torna-se uma linguagem significativa, remetendo a uma taxonomia precisa”. (FERNANDEZ, 1999, p. 10)

A partir dessa reflexão e a evidência de uma “gramática da viagem”, destaca a possibilidade de “uma formação em quatro tempos”. Assim, considera

que “em uma perspectiva educativa” pode ser proposto “um abecedário que estrutura a viagem no interior de um campo simbólico significativo”. Nesse sentido, enfatiza que surge “o nascimento de um movimento em quatro tempos que se seguem, nos quais se encontra independentemente, parcialmente ou totalmente a taxonomia própria à 'gramática da viagem'”. Desta forma, focaliza que “trata-se de evocar cronologicamente: 1- Partir; 2- Descobrir; 3- Trocar; 4- Contar” (p. 11).

Pare esse pesquisador, evidenciando esses quatro verbos, é necessário considerar os sentidos que assumem. Dessa forma, o verbo partir, “primeiro tempo da experiência vivenciada”, remete “à idéia de separar-se de um contexto, de um espaço conhecido para caminhar progressivamente em um tempo espacial e temporal de uma outra natureza qualificada de desconhecido radical” (p. 11).

Em seguida, o verbo descobrir “refere-se a uma intencionalidade consciente de deixar-se levar pelas circunstâncias aventureiras ou não”. No contexto de uma experiência intercultural, salienta “uma dificuldade implícita que é aquela de aceitar uma realidade cultural com gosto, às vezes, muito exótico” (p. 11). Por esse motivo, evidencia que “trata-se, então, de receber no sentido do dom sem nem sempre conhecer o sentido do que se passa em termos de ligação social e de troca” (p. 11). Assim, “esse procedimento totalizante demanda uma atenção e uma escuta, detectando [...] sinais, códigos suscetíveis de criar significação entre aquele que eu sou, aquele que estou vivendo, aquilo que se passa e o que é” (p. 11). Por esse motivo, na sua visão,

descobrir é, então, estar ligado a uma heterogeneidade de fato, desenvolvendo uma simbologia da troca recíproca. De qualquer modo, descobrir é sem dúvida receber antes de dar. Trata-se de estar aberto à imprevisibilidade da vida admitindo uma parte de ignorância necessária que estimule esse sentimento de viver alguma coisa singular (p. 11).

Na sua análise, “por um efeito psico-cognitivo e afetivo, a percepção da alteridade radical conduz bem freqüentemente [...] a nascer no sentido iniciático no interior do espaço [...]. O movimento vivenciado é interativo e reflexivo” (p. 11).

Na seqüência da análise desses verbos, Fernandez (1999) realça que trocar “introduz uma interação positiva ou / e negativa da troca” (FERNANDEZ, 1999, p. 11). Explicita que “é negativa quando é subordinada a um etnocentrismo primário e secundário”. Na sua visão, é “primário” quando “significa simplesmente que se está ligado a uma visão monocultural de um mundo que nos habita ditando

nossos atos” e “secundário” quando “é incorporado em um campo de valores que postulam uma relação de força entre superioridade / inferioridade, civilização / barbárie, notadamente”. Acrescenta que, “por outro lado, em uma interação positiva, o encontro da alteridade radical torna-se um detonador e uma alquimia do encontro que unem lógicas contrárias”. Dessa forma, “a troca produz, então, uma 'revolução sociológica' da realidade vivida; verdadeira tomada de consciência chegando até ao sentimento de um exotismo invertido” (p. 11-12).

Para esse pesquisador “o quarto tempo, contar, é uma conduta ativa e totalizante que expõe”. Nesse processo, considera que “duas fases devem ser distinguidas”. Para esse autor “logo de início, a primeira fase é tomada no interior do espaço intercultural. O viajante sente um desejo irresistível de dizer, de dividir suas impressões vividas com outros [...] e consigo mesmo”. Assim, observa que

esse desejo de contar responde a uma preocupação voluntária ou não de compreender as significações escondidas na experiência intercultural. É bem nessa retórica do dizer que o viajante molda uma linguagem que responde a interrogações múltiplas e diversas, geradas pela experiência vivida. (p. 12)

Explicita ainda que, “ela forma a base tangível de um conhecimento empírico que desemboca na formação sempre contínua de um pensamento mestiço”. Realça que a “segunda fase integra-se ao conceito de retorno. Nesse novo espaço que conclui uma experiência intercultural, [o viajante] mostra e reivindica bem freqüentemente uma identidade nova surgida da sua experiência”. Dessa forma, “trata-se de transmitir a existência de uma linguagem nova adquirida proveniente da 'gramática da viagem’”. Assim, “o ato de dizer, inscrito em um espaço da palavra singular, faz nascer uma 'sociabilidade eletiva' indispensável ao florescimento do viajante implicado”. (p. 12)

Portanto, Fernandez (1999) demonstra o esquema explicativo de uma “gramática da viagem” que diz respeito a uma aprendizagem da vida e do mundo, uma educação pela viagem, que reivindica uma linguagem específica de sinais e significados próprios a uma “cultura da viagem” na qual alguns se reconhecem.

## **Viajar – educar**

Fernandez (1999), com seu olhar focado no prisma da educação, considera que **“o espaço da viagem é um alimento terrestre”**, pois **“alimenta da mesma forma que a educação”** levando o viajante **“para fora do seu contexto cultural”**. Dessa forma, “a viagem responderia então à segunda acepção da educação que é de sair dos caminhos batidos (de *educere*)”. Nesse sentido, “a viagem e sua conseqüente experiência intercultural preencheriam as promessas caras à educação”. (p. 12)

## **Algumas considerações**

Considerando que a viagem expressa em si mesma uma possibilidade de formação, um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento, um movimento multirreferencial, um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento, procuro ressaltar a relevância da viagem na educação informal e formal, apontando sua intenção educativa e formativa, seu significado na educação, seu valor educativo e as aprendizagens possíveis. Considerando a viagem pelo conhecimento, realço as reflexões de diversos autores que destacam o processo educativo/formativo do ser humano pelas viagens.



## **APÊNDICE D 5**

### **O Ensino, a Pesquisa e a Extensão no campo das viagens e do turismo:**

#### **em busca de um itinerário formativo e de uma ciência social das viagens e do turismo**

#### **Brasil – França – Mundo**

Nesse ponto da trajetória saliento aspectos gerais das formações, da estrutura do ensino, da pesquisa e da extensão no Brasil e na França nos campos das viagens e do turismo; evidencio, igualmente, a constituição de itinerários formativos e o debate sobre a criação da ciência social das viagens e do turismo; e apresento, por fim, alguns estudos e obras realizados por historiadores, antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais que se dedicaram ao estudo da evolução das atividades das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo.

Portanto, essas reflexões têm por intuito contribuir para estudar e verificar como inserir as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens nas formações de uma forma geral e, especificamente, nos campos das viagens e do turismo; para a apresentação das linhas gerais de uma proposta de trabalho destinada a ser desenvolvida nas formações que integrem saberes e práticas que considerem as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens identificadas, estudadas e descritas até aqui.

#### **As formações**

Parece bem claro e notório, a partir da reflexão de diversos pesquisadores, autores e na experiência cotidiana dos educadores efetuadas ao longo do século XX, mas sobretudo nas últimas décadas, que há muitos desafios a serem superados para se atingir uma formação e educação efetiva e de qualidade. Dessa forma, os Apêndices D 2 e D 4 tiveram o intuito tanto de ressaltar alguns desses aspectos, mas sobretudo de evidenciar a necessidade de uma reflexão mais profunda no papel essencial da educação de propiciar o desenvolvimento do

autoconhecimento dos sujeitos. Esse processo, pelo que indicam algumas investigações recentes, está em curso, porém demandando um aprofundamento e uma expansão importantes. No cerne dessa marcha, é enfatizado o papel fundamental da formação do docente, pois é por meio dele que as alterações, as mudanças, as transformações necessárias nas formações e na educação serão efetivamente realizados.

Essas observações são de cunho geral e aplicam-se a todos os níveis e graus das formações e da educação no âmbito mundial, guardadas as devidas proporções em função da etapa de desenvolvimento de cada uma das sociedades e dos seus respectivos contextos.

Mas, especificamente, o objetivo dessa investigação centra-se nas formações nos campos das viagens e do turismo no Brasil.

### **A educação básica, profissional, superior, a pós-graduação e a pesquisa nos campos das viagens e do turismo no Brasil**

Em pesquisa anterior, no desenvolvimento da dissertação de mestrado e na sua publicação, foi apresentado um capítulo que explicita a Educação em Turismo. Assim, a partir da referência à Constituição, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ao Decreto n. 5.154 de 2004, aos Parâmetros Curriculares Nacionais, às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico e da Educação Superior foi efetuada uma descrição sobre “o que poderia e deveria ser desenvolvido na Educação dos sujeitos envolvidos na atividade econômica do Turismo, tanto na Educação Básica [...] quanto na Educação Profissional [...]”. (AVENA, 2002a, 2006a, p. 179)

Foi enfatizado, sobretudo, o destaque dado à Educação Básica, à importância que se deve atribuir aos Temas Transversais no Ensino Fundamental e à parte diversificada do Ensino Médio. Isso porque, o conjunto de temas escolhidos pelas instituições podem aparecer transversalizados nas áreas definidas, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. Foi considerado, portanto, que é nesse ponto onde podem ser inseridos os debates e discussões sobre o campo das viagens e do turismo nessas formações, promovendo uma

reflexão inicial sobre o significado das viagens e suas contribuições à (trans)formação de si.

Além disso, foi evidenciada igualmente a necessidade de uma constante e continuada formação que possibilite oportunidades de atualização e especialização que contribuam à expansão profissional do sujeito nesses campos. Uma das possibilidades para os profissionais de nível superior pode ser realizada por meio de cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

No entanto, além dos cursos de pós-graduação, a **formação ao longo de toda a vida** (*Life Long Education – Éducation tout au long de la vie*) pode ser feita por meio de diversos dispositivos que no sistema universitário brasileiro são atribuições de um dos tripés da Universidade, a Extensão.

### **Itinerários formativos: uma possibilidade de percurso**

No que concerne à importância da formação ao longo de toda a vida e a sua estruturação, um dos aspectos a serem destacados do Decreto nº 5.154 de 2004, é o que configura os níveis de educação profissional: a formação inicial e continuada de trabalhadores; a educação profissional técnica de nível médio; e a educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. Fica, então, explicitado que esses três níveis deverão tanto ser organizados por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica, quanto articular esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego e da ciência e tecnologia. Essa articulação está incorporada ao Plano Nacional de Turismo 2007 (PNT 2007, p. 76), conforme visto no Capítulo 01.

Além disso, segundo o Artigo 3º do Decreto nº 5.154, os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores poderão ser ofertados mediante *itinerários formativos* tendo por objetivo o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social. Esses *itinerários formativos* podem incluir a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização dos trabalhadores. Esse artigo considera o *itinerário formativo* como o conjunto de etapas que compõem a organização da educação profissional em uma determinada área, possibilitando o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos.

Destaca-se, ainda, que preferencialmente, esses cursos e programas de

formação inicial e continuada de trabalhadores poderão articular-se com os cursos de educação de jovens e adultos, com o objetivo de qualificar para o trabalho e elevar o nível de escolaridade do trabalhador, o qual, após a conclusão com aproveitamento dos referidos cursos, fará jus a certificados de formação inicial ou continuada para o trabalho.

### **Itinerários formativos: um delineamento inicial de proposta**

Considerando o Decreto nº 5.154, de 23 de Julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – LDB –, é apresentado a seguir um delineamento inicial de proposta para a elaboração de *Itinerários Formativos* para a Educação Profissional. Como visto acima, segundo esse documento, entende-se o termo *Itinerários Formativos* como o conjunto de etapas que compõem a organização da educação profissional em uma determinada área, possibilitando o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos do sujeito.

Dessa forma, essa proposta atende:

ao Art. 1º mediante cursos e programas de: formação inicial e continuada de trabalhadores; educação profissional técnica de nível médio; educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação;

ao Art. 2º observando: a organização, por áreas profissionais, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica; a articulação de esforços das áreas da educação, do trabalho e emprego e da ciência e tecnologia;

ao Art. 3º em que os cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores (qualificação inicial, aperfeiçoamento, especialização e atualização) poderão ser ofertados em todos os níveis de escolaridade, objetivando o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social.

Os quadros nº 09, 10 e 11, sintetizam essas formações e o quadro nº 12 apresenta um delineamento geral que poderia orientar as formações nos diferentes

campos do conhecimento, nas modalidades presencial, semipresencial e a distância e, especificamente nessa investigação, as formações nos campos das viagens e do turismo. No que concerne, especificamente, as modalidades semipresencial e a distância, considero que as mesmas poderiam ser aplicadas a partir da Educação Profissional de Nível Técnico até a Pós-Graduação *lato sensu*.

Nesse cenário, se evidencia que esse delineamento inicial de proposta de itinerários formativos poderia servir de base para: primeiramente, se ter uma visão ampla das atuais formações oferecidas pelas instituições nos campos do conhecimento em que atuam; em segundo lugar, por meio da análise dos itinerários por campo do conhecimento dessas instituições, se ter uma visão ampliada do que é atualmente realizado e, sobretudo, das lacunas evidenciadas por essa análise; e, por fim, sugerir as ações a serem implementadas para se ter um fluxo contínuo nesses itinerários formativos. Essa, seguramente, é uma outra importante pesquisa a ser desenvolvida no âmbito brasileiro e que poderá ter como referência tanto o relatório da parlamentar francesa Arlette Franco quanto os estudos e reflexões de pesquisadores que serão explicitados na próxima seção deste texto.

#### Quadro nº 09 – Educação Básica

EDUCAÇÃO BÁSICA		
Educação Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio

Fonte: Lei nº 9.394/96; Decreto nº 5.154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.

#### Quadro nº 10 – Educação Profissional

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL							
Formação Inicial Formação Continuada	EDUCAÇÃO TÉCNICA			EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA			
	Cursos Técnicos	Cursos de Especialização Técnica	Cursos de Extensão	Cursos Tecnológicos	Cursos de Extensão	Pós-Graduação	
						<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>

Fonte: Lei nº 9.394/96; Decreto nº 5.154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.

#### Quadro nº 11 – Educação Superior

EDUCAÇÃO SUPERIOR				
Cursos Seqüenciais	Graduação	Extensão	Pós-Graduação	
			<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>

Fonte: Lei nº 9.394/96; Decreto nº 5.154; organizado por AVENA, Biagio M., 2004.



Quadro nº 12 – Proposta de Itinerários Formativos – Geral.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS										
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL										
ÁREAS	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO		EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO			EDUCAÇÃO SUPERIOR				
	FORMAÇÃO INICIAL	FORMAÇÃO CONTINUADA	Cursos Técnicos	Cursos de Extensão	Cursos Especialização Técnica	Cursos Sequenciais	Graduação	Extensão	Pós-Graduação	
									<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>
							EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA			
							Cursos Tecnológicos	Cursos de Extensão	Pós-Graduação	
						<i>lato sensu</i>			<i>stricto sensu</i>	
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA										

Fonte: Elaborado por AVENA (2008).





Quadro nº 13 – Exemplo de Itinerários Formativos – Turismo e Hospitalidade.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS – TURISMO E HOSPITALIDADE										
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL										
ÁREAS	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO		EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO			EDUCAÇÃO SUPERIOR				
	FORMAÇÃO INICIAL	FORMAÇÃO CONTINUADA	Cursos Técnicos	Cursos de Extensão	Cursos Especialização Técnica	Cursos Sequenciais CS	Graduação G	Extensão	Pós-Graduação	
									<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>
	EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA									
						Cursos Superiores de Tecnologia CST		Extensão	Pós-Graduação	
							<i>lato sensu</i>		<i>stricto sensu</i>	
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA										
TURISMO HOSPITALIDADE LAZER	Hospedagem: camareiro(a) serviços gerais  Alimentos e Bebidas – auxiliar de cozinha – auxiliar de garçom – garçom	Hospedagem – camareiro (a) para hotéis de luxo – Serviços gerais para hotéis de luxo  Alimentos e Bebidas – garçom – sommelier – cozinheiro – bar man	Área: Hospitalidade e Lazer – Agenciamento de Viagens – Cozinha – Eventos – Guia de Turismo – Hospedagem – Lazer – Serviços de Restaurante e Bar	Meios de Hospedagem – sistemas operacionais de reservas  Alimentos e Bebidas – cocktails refrescantes – técnicas de decoração de cocktails	Especialização Técnica para a recepção de viajantes asiáticos (Melhor Idade, GLS, etc.)	<b>CS</b> - Gestão de Negócios em Turismo  <b>CST</b> - Eventos - Gastronomia - Gestão de Turismo - Gestão desportiva e de lazer - Hotelaria	<b>G</b> - Bacharel em Turismo  Licenciatura em Turismo	Planejamento Estratégico para Estações Hidrominerais  Elaboração de Roteiros para viajantes GLS	Metodologia do Ensino Superior para Cursos de Turismo e Hotelaria	Mestrado em Turismo  Doutorado em Turismo

Fonte: Elaborado por AVENA (2008).



A elaboração do quadro nº 12 teve por intuito possibilitar a apresentação, de forma estruturada e linear, dos cursos oferecidos nas diversas áreas do conhecimento e nos respectivos níveis de formação. Assim, em cada linha poderiam ser inseridas as áreas do conhecimento em que atua a Instituição e em cada coluna poderiam ser elencados os cursos propostos e/ou previstos.

No que concerne especificamente a área de Turismo e Hospitalidade foi esboçado como exemplo o quadro nº 13. A partir da visualização desse quadro seria possível identificar a oferta global nessa área em cada nível de formação. Isso colaboraria tanto para o próprio planejamento da oferta de formações das Instituições quanto para o planejamento individual de cada sujeito em formação. Nesse cenário, essa estruturação poderia ser considerada como um fluxo que sintetizaria a proposta de um Itinerário Formativo. Certamente, essas são reflexões iniciais que demandam um debate mais aprofundado e que serão enriquecidas por outras pesquisas dentro do contexto da proposta de uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento.

## **O ensino superior e a pesquisa em turismo na França**

Essas reflexões e análises sobre o ensino, a pesquisa e a extensão nos campos das viagens e do turismo no âmbito brasileiro foram, igualmente, sintetizadas e apresentadas no seminário intitulado *Universidade de Verão sobre o Ensino Superior e a Pesquisa em Turismo na França*<sup>159</sup>. (Apêndices B 1.1, B 1.2, B 1.3 e B 1.4)

Esse seminário se insere no programa de ações do Governo Francês em favor do emprego e teve o objetivo de: permitir efetuar um inventário quantitativo e qualitativo das formações superiores e das ações de pesquisa e desenvolvimento existentes na França no campo do Turismo; identificar as suas forças e fraquezas e traçar as suas perspectivas de adaptação e de valorização; e destacar as orientações para o futuro. Nesse evento, estiveram reunidos 180 participantes: docentes e pesquisadores de mais de vinte universidades e grandes escolas públicas e privadas, universitários estrangeiros, empresários e políticos,

---

<sup>159</sup> Disponível em <<http://www.technologie.gouv.fr/discours/2006/invituniversitete.htm>>. Acesso em: 14 out. 2007.

representantes de organizações intergovernamentais e escritórios de consultoria.

Nos dois dias de trabalho, desenvolveram-se seis oficinas e uma mesa redonda. As oficinas trataram: dos tipos de pesquisas necessárias para as empresas; dos tipos de pesquisas necessárias para os atores públicos; dos tipos de formações iniciais de nível superior para que tipo de profissões do turismo; dos tipos de formações continuadas para as profissões do turismo; da relação da França com o exterior no que concerne à formação superior e à pesquisa em turismo; e a avaliação e a valorização das pesquisas em turismo. A mesa redonda tratou da cooperação internacional na formação superior e na pesquisa em turismo.

As discussões ocorridas no desenrolar desse evento evidenciaram a importância capital das formações no desenvolvimento das atividades nos campos das viagens e do turismo. Ficou evidente que são muitos os desafios a serem superados e a preocupação da França – País que detém o primeiro lugar no número de chegadas em seu território – em se manter nessa posição por meio do investimento no ensino, na pesquisa e na extensão.

Nesse processo de investimento qualitativo e quantitativo nas formações, é importante ressaltar o relatório elaborado pela Deputada Arlette Franco para o Primeiro Ministro Francês sobre *Os Diplomas e as Formações para as Profissões do Turismo*. Esse documento oficial enfatiza a necessidade de que a formação se torne um dos elementos-chave para: melhorar o acolhimento e os serviços; e elevar os níveis de qualificação e de competência para melhor responder às expectativas de uma clientela cada vez mais exigente. Além disso, evidencia a necessidade de formação docente, visto que a maioria dos docentes são insuficientemente formados para responder às exigências de uma carreira cujo caráter específico não é ainda reconhecido. Por esse motivo, considera que as formações nesses campos devem ser relançadas por meio de instrumentos reestruturados. Para isso, salienta que é necessário encontrar a identidade do turismo nas formações, nos diplomas, nos títulos e nas qualificações.

Na visão dessa parlamentar francesa, após os levantamentos de informações efetuados, considera que o objetivo das formações, para todas as zonas turísticas da França, pode-se resumir em inserir o turismo em um processo de desenvolvimento sustentável pela melhoria da qualificação das competências. Dessa forma, é necessária uma valorização dos recursos humanos, o que implica em estratégias de formação inicial e continuada.

Uma das constatações evidenciadas nesse relatório, é a inadequação entre a formação e o emprego. Nesse sentido, a formação aparece como uma das alavancas mais eficazes para inserir o turismo em uma lógica de desenvolvimento sustentável. Assim, ressalta que o que está em jogo é a valorização do fator humano no campo das viagens e do turismo e, igualmente, nas áreas afins.

Algumas das propostas extraídas do relatório são: a importância do desenvolvimento do turismo; a legibilidade de sua ação para os atores da carreira; e a coerência dos esquemas de desenvolvimento turístico. E tudo isso passa pela formação de qualidade. Para tanto, ressalta que se deve repensar a teoria e a prática e redefinir os conteúdos e as pedagogias. Nesse cenário, propõe a implementação de uma missão de estudos encarregada de trabalhar sobre os conteúdos e a pedagogia.

Arlette Franco conclui seu relatório enfatizando que a oferta de formação inicial e continuada é particularmente importante no contexto francês. Além disso, salienta: a real necessidade de melhoria das qualificações por meio de uma elevação geral do nível de educação e de formação para todas as categorias de assalariados do setor do turismo; a necessidade de efetivar uma melhor adequação entre os conteúdos da educação e/ou da formação e a realidade do mundo do trabalho; a urgência de dar, aos diplomas e às formações que existem, uma maior coerência, em particular no que concerne às formações superiores cujos conteúdos nem sempre respondem às necessidades verdadeiras da atividade turística.

Na sua visão, o grande objetivo é fazer do turismo uma matéria de ensino plena e inteira que além dos conhecimentos básicos, coloque a ênfase em uma abordagem qualitativa. Portanto, considera que é importante, nas profissões turísticas, que a formação inicial e continuada dê ênfase na autenticidade das comunidades, dos produtos e das regiões.

Esse relatório na sua íntegra juntamente com uma análise dos itinerários formativos, como apresentado anteriormente, podem colaborar para a reflexão sobre as alterações e mudanças necessárias nas formações nesses campos no Brasil e para a constituição da Ciência Social do Turismo. Isto por que, até o momento, não foi elaborada nenhuma pesquisa com essa amplitude.

## O ensino superior do turismo e do lazer na França

No que concerne o ensino superior em todos os seus graus e níveis, Baron-Yelles<sup>160</sup> (2001, p. 46) evidencia que nos últimos anos, “as formações universitárias consagradas ao turismo e ao lazer cresceram como cogumelos”, na França. O mesmo processo ocorreu no Brasil e ultimamente se tem verificado uma redefinição desse cenário com uma readequação da oferta de cursos superiores.

Essa pesquisadora considera que em virtude desse grande número de formações “é muito difícil, talvez impossível, enumerá-las todas”. Nesse contexto, propõe a criação de um programa unificador que permita informar melhor tanto os estudantes quanto os empregadores e, igualmente, encorajar essa dinâmica associando a formação e a pesquisa. Na sua perspectiva, considera que mesmo com a dispersão que existe, “as formações universitárias em turismo e lazer apresentam especificidades comuns devido à importância do ensino oferecido pelos profissionais, à presença dos estágios e ao lugar do ensino de línguas estrangeiras”. Nesse cenário apresenta, no estudo do panorama das formações universitárias em turismo e lazer, reflexões que englobam: as tendências na evolução dos diplomas oferecidos; uma tipologia dos diplomas universitários em turismo; as especificidades do ensino universitário em turismo e lazer; e a localização das formações nas regiões turísticas. Na sua reflexão, é necessário, outrossim, criar espaços para “favorecer as trocas entre as formações, mas também entre formadores e pesquisadores”, pois considera que isso “impõe-se como uma necessidade para unificar as diferentes iniciativas em matéria de formação universitária e pesquisa”. Nesse sentido, apresenta uma análise detalhada dos diplomas universitários em turismo: os diplomas de primeiro ciclo (diplomas universitários tecnológicos; diplomas de estudos universitários científicos e técnicos; diploma de estudos universitários gerais); os diplomas de segundo ciclo (diplomas universitários; as licenças profissionais; os mestrados de ciências e técnicos especializados em turismo; diplomas de engenheiro-mestre em turismo); e os diplomas de terceiro ciclo (diplomas de estudos superiores especializados; diplomas de estudos avançados).

---

160

Mestre de Conferências da Universidade de Marne-La-Vallée.

## O ensino e a pesquisa nos campos das viagens e do turismo no Brasil

Na elaboração da Cartografia do ensino e da pesquisa nos campos da educação para as viagens e do turismo, no Brasil e na França, foi evidenciada a necessidade de investimentos nas formações nesses campos. Ficou, igualmente, salientado que a organização dos estudos e pesquisas no Brasil têm permitido evidenciar que um bom caminho inicial já foi percorrido, mas que há ainda muito a ser feito.

No Brasil, especialmente, a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR – tem incentivado uma organização qualitativa e quantitativa das pesquisas, o que pode ser evidenciado pelas investigações apresentadas durante os seus seminários.

Em 2007, o IV Seminário da ANPTUR teve o seu foco na Pesquisa em Turismo e Hospitalidade: configuração do campo científico. Nos diferentes grupos de trabalho foram desenvolvidas diversas interfaces: com o desenvolvimento, a cultura e o meio ambiente; com a gestão de negócios; com a gastronomia; com eventos; com o lazer e entretenimento; e com outras interfaces. No total, foram apresentados 212 trabalhos.

Durante a mesa redonda de abertura do seminário, foi evidenciado por Tomás de Aquino Guimarães, representando a CAPES, que a pós-graduação *stricto sensu* tem o papel primordial de formar docentes e pesquisadores gerando conhecimento e tecnologia. Nesse sentido, evidencia que existe a necessidade de se formarem indivíduos com capacidade para: gerar conhecimento e tecnologias em turismo apropriados à realidade brasileira inserida no contexto internacional; pensar criticamente o papel do profissional de turismo nas organizações e na sociedade; pensar criticamente o turismo como campo de conhecimento; e formar formadores.

É nessa perspectiva que o comitê de pós-graduação da área na CAPES tem por papel: promover o crescimento sustentado da área; apoiar as ações e propostas que incorporem com clareza o foco na qualidade; definir critérios específicos da área para avaliação de programas e classificação da produção científica; indicar as diferenças de desempenho entre programas. Ressaltou, também, a necessidade de se introduzirem especialistas de outras áreas nos programas de turismo e de se ampliarem as parcerias internas e externas.

No que concerne aos trabalhos apresentados ficou evidenciada a prática

da interdisciplinaridade e a abordagem multidisciplinar do turismo, além da preocupação na formação docente e de pesquisadores, o que será desenvolvido no Apêndice D 7.

### **A ciência social das viagens e do turismo: uma turismologia?**

Durante a elaboração da Cartografia desses campos, apresentada no Apêndice B, foram observados e evidenciados os avanços e, igualmente, a necessidade de aprofundamento de reflexões sobre as formações nesses campos do saber.

As viagens e o turismo são atividades que têm interfaces com diversas áreas de estudos em diversos campos do saber, visto que no centro de suas pesquisas, estudos e análises está o ser humano, o sujeito-viajante, o sujeito-turista, sujeitos bio-psico-sócio-histórico-culturais, seres complexos, multirreferenciais, transpessoais, que estão à procura tanto de se auto-conhecerem quanto de outros conhecimentos.

Dessa forma, se verifica que as reflexões e análises desses campos são complexas e demandam um comportamento científico que deve(ria) considerar os aspectos tanto inter e transdisciplinares quanto inter e transpessoais.

Mediante essas reflexões, surge a interrogação se esse campo poderia, então, receber a denominação de Ciência Social das Viagens e do Turismo. Para explicitar esse debate, as seções que se seguem têm o objetivo de apresentar mais algumas reflexões sobre a pesquisa, o ensino e a extensão nos campos das viagens e do turismo enfocando as experiências francesa e brasileira a respeito da criação da Ciência Social das Viagens e do Turismo – Turismologia.

### **A necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa nos campos das viagens e do turismo**

No tocante ao papel da pesquisa e a sua contribuição para o desenvolvimento da atividade das viagens e do turismo, Moisset<sup>161</sup> (1996, p. 141)

---

161

Diretor da Agência Francesa de Engenharia Turística.



ressalta que a pesquisa pode e deve ajudar as empresas no desenvolvimento de suas atividades. Salienta que a experiência tem demonstrado que “é sempre difícil extrair de um estudo global ensinamentos estratégicos operacionais para a empresa”. Portanto, considera que os pesquisadores “podem contribuir em muito para o setor do turismo”, sobretudo, no que concerne à metodologia desenvolvida para certos assuntos específicos. Como exemplo, cita o caso de uma estação de esqui que é um mosaico de atores diversos. Considera na sua análise, que os instrumentos clássicos de administração e gerenciamento dão as suas contribuições, mas é necessário se reportar, hoje em dia, a sociólogos dos sistemas para fazer trabalhar em conjunto atores que possuem sistemas de análise com diferentes tipos de lógica. Além disso, ressalta que há certos assuntos em que o acesso à pesquisa poderia permitir a solução de um impasse. Salienta, além disso, que as empresas exprimem uma demanda pela condução em conjunto de um certo número de trabalhos fundamentais, tais como aquele sobre as técnicas de análise e de compreensão da satisfação dos clientes, pois as metodologias de trabalho atuais são relativamente rudimentares. Nesse cenário, evidencia que no futuro será necessário a articulação de ações das empresas e associações com um certo número de organismos de pesquisa para um incremento qualitativo da atividade turística.

Nesse mesmo sentido, Balfet<sup>162</sup> (1996, p. 141) reforça a posição de Moisset (1996) e evidencia que é necessário “fazer avançar o conhecimento utilizando uma metodologia científica elaborada por especialistas”. Nesse contexto, na sua compreensão, talvez essa “possa ser a definição de pesquisa”, levando em conta que, não sendo uma *disciplina* universitária na França, “a pesquisa no turismo deve ser conduzida de forma transdisciplinar, considerando as especificidades desse setor”. Ressalta a necessidade de se lembrar que “em um setor em que tudo acontece muito rápido”, é preciso, igualmente, “validar o estudo pela ação”.

Assim, se verifica o reconhecimento de que o desenvolvimento nesses campos deve ser induzido por meio de múltiplos canais evidenciando-se nitidamente uma perspectiva multirreferencial e multidisciplinar.

Nesse mesmo sentido, Rémy Knafou<sup>163</sup> (2005, p.11-14) constata que há

---

<sup>162</sup> Diretor do Centro de Estudos do Turismo e das Indústrias do Acolhimento da Universidade de Toulouse-Le Mirail.

<sup>163</sup> Professor da Universidade de Paris 7, dirige há mais de dez anos uma equipe de

ainda muitos progressos a serem realizados no campo das viagens e do turismo, mas salienta que vem acontecendo uma verdadeira tomada de consciência de muitos pesquisadores sobre a importância do turismo na sociedade.

Na sua perspectiva, cada sujeito, quer seja ele pesquisador ou não, olha o mundo diferentemente pelo fato da sua própria experiência enquanto cidadão e turista. Enfatiza que o turismo permite ver de uma outra maneira os lugares do cotidiano, pois trabalha todo o corpo social, visto que está onipresente, de maneira implícita ou explícita, no funcionamento da sociedade. Por esse motivo, considera que muitos pesquisadores não especialistas do turismo compreenderam essa realidade, além de todo o interesse que existe em olhar o turismo para ver o que se passa nas sociedades. Dessa forma, essa nova forma de apreender o turismo alimenta a reflexão. Nesse sentido, em sua opinião a pesquisa sobre o turismo está no caminho de adquirir, fora do campo do turismo, a credibilidade que lhe faltava.

No que concerne à criação de uma “ciência do turismo”, esse pesquisador considera que é ainda muito cedo para defender a sua criação. Analisa que, atualmente, no início do século XXI, os pesquisadores que abordam o campo do turismo o fazem no contexto de sua própria disciplina (geografia, sociologia, etc.). Portanto, a utilização do instrumento disciplinar nas diversas disciplinas ainda está longe de se esgotar. Considera que as abordagens disciplinares ainda têm muitas coisas a ensinar sobre o turismo. No que se refere às abordagens pluridisciplinares, há ainda um longo caminho a ser construído. Nessa perspectiva, uma das dificuldades da abordagem pluridisciplinar é que o turismo não está ainda assentado sobre bases epistemológicas sólidas. Para colaborar nessa construção, está previsto o lançamento de um novo empreendimento editorial pelo grupo de pesquisa MIT – Mobilidade, Itinerários, Territórios – da Universidade de Paris 7. Essa publicação se constituirá em uma coleção de epistemologia das ciências sociais em que cada obra abordará um objeto de estudo pluridisciplinar, dos quais o turismo. A idéia é confrontar a visão de cada abordagem disciplinar sobre o turismo. Nesse cenário, isso permitirá ver como as diferentes disciplinas se apropriaram do campo do turismo. Essa obra deverá constituir a base a partir da qual será, talvez, mais fácil vislumbrar a construção de uma “ciência do turismo”.

---

pesquisa sobre o turismo (Mobilidade, Itinerários, Territórios - MIT) e trabalhou na criação de uma rede nacional de pesquisadores em turismo na França (Associação para o desenvolvimento da pesquisa e de estudos sobre os turismos – ADRETs).

Para esse professor e pesquisador, é provável que o turismo possa um dia se erigir como um campo autônomo. Salaria que na teoria não é uma utopia, mas que é um pouco prematuro considerando o avanço da pesquisa e do indispensável reconhecimento científico no seio das disciplinas existentes. Assim, antes de tornar autônoma uma “ciência do turismo”, é necessário continuar a produzir trabalhos de pesquisa de qualidade, fazê-los ser conhecidos e assegurar sua credibilidade além do círculo dos iniciados nesse campo. Na sua perspectiva, é necessário fazer admitir que o turismo não é somente um objeto de desprezo e de futilidades, mas um campo de uma riqueza extraordinária para aqueles que querem compreender alguma coisa sobre o que se passa nas sociedades. Nesse contexto, a construção de uma abordagem científica do turismo é um trabalho de fôlego. Portanto, salienta que a sua equipe de pesquisa (o MIT) é a única na França que tem como objeto principal o turismo. A especificidade da abordagem dessa equipe consiste em pensar o turismo como um sistema de atores, de lugares e de práticas que têm a ambição de compreender as instâncias profundas levando em conta a diversidade dos *loci* produzidos pelo turismo ao longo do tempo.

Considera, igualmente, que para poder criar uma “ciência do turismo” é necessário abrir o círculo a outras disciplinas. Nesse sentido, doravante, é preciso fazer escola, interessar os jovens pesquisadores pelo setor, constituir equipes e pólos de pesquisa perenes.

É nesse cenário que a Associação para o Desenvolvimento da Pesquisa e de Estudos sobre os Turismos – ADRETs – tem como seu primeiro objetivo ser um espaço de troca e de encontro em torno do tema da pesquisa turística e de sua difusão. Sua ambição é ser um instrumento do reconhecimento da pesquisa em turismo.

Por sua vez, Le Scouarnec<sup>164</sup> (2006, p. 10-12) afirma que a pesquisa em turismo pode ser finalmente reconhecida. Faz essa afirmação considerando a base de dados da Direção do Turismo, que compreende mais de 250 pesquisadores e doutorandos e cerca de trinta centros de pesquisa. Por meio dessa base de dados é possível: estabelecer um inventário das pesquisas realizadas sobre o tema do turismo, nos diversos campos disciplinares; identificar os pólos de competência nos diversos setores do turismo. Além disso, ressalta que a Direção do Turismo apóia as

---

<sup>164</sup> Chefe do escritório de estratégia, prospectiva, avaliação e de pesquisa da Direção do Turismo do Ministério do Turismo Francês.

redes de pesquisadores em turismo, que atualmente são quatro. Além do mais, estabelece convênios com Universidades e laboratórios de pesquisa com o intuito de criar uma dinâmica e uma parceria entre os pesquisadores, a administração pública e os profissionais do turismo. Esses convênios têm por objetivos prioritários: apoiar procedimentos inovadores que concernem os grandes desafios do setor ou preenchendo as lacunas no conhecimento da atividade e das práticas turísticas; lançar pesquisas que finalizam em procedimentos pré-operacionais suscetíveis de conduzir à tomada de decisões e a ações; e fornecer elementos de antecipação e de prospectiva para os profissionais do turismo e para as administrações públicas.

No que concerne às dificuldades de reconhecimento das pesquisas em turismo, considera que se relacionam, essencialmente, à falta de reconhecimento do setor do turismo por ele mesmo. Ressalta que esse setor, sendo caracterizado por uma grande diversidade e múltiplas facetas, não é suficientemente levado a sério pelo mundo político e econômico, motivo pelo qual a pesquisa em turismo não é verdadeiramente levada a sério pelo mundo da pesquisa. Salaria que os grandes laboratórios de pesquisa não se interessam, ou muito pouco, por esse setor. Além disso, o turismo não está integrado aos diversos programas de pesquisa disponíveis.

Nesse sentido, considera que os desafios, no âmbito francês, têm dois lados. Por um lado, trata-se de encorajar a pesquisa em turismo, por outro de lutar pelo seu reconhecimento.

## **A turismologia na França**

A proposta da Turismologia delinea-se na França, liderada por Hoerner<sup>165</sup> (2002a) que a define como sendo “uma ciência humana com caráter pluridisciplinar de síntese, voltada para o estudo das viagens e da indústria turística”. Por defendê-la como uma ciência de síntese, a considera igualmente como uma ciência aplicada. Além disso, ressalta que essa nova ciência “aspira tornar-se a ligação entre as formações superiores para a hotelaria e o turismo, e o meio profissional”. Evidencia, também, que “a pesquisa científica ligada ao turismo toma forçosamente uma grande quantidade de direções, em razão de sua diversidade ou de sua importância

---

165

Reitor da Universidade de Perpignan, um militante na criação de uma ciência turística.

econômica ou social”. Nesse contexto, salienta que “as múltiplas facetas reconhecidas da indústria turística, que necessitam de estudos setoriais, exigem uma reflexão particular”. Assim, considera que esse “é o primeiro desafio” dessa nova ciência.

No entanto, considera igualmente que “o seu engajamento não se limita à redefinição da indústria hoteleira e das viagens e as suas futuras orientações”. Ressalta que a turismologia “é, também, uma ciência de prospectiva sobre a 'civilização do lazer' no seio de nossas sociedades. Ela torna-se então crítica, sem jamais esquecer seu objetivo profissional”.

Fervoroso defensor da criação da “turismologia”, uma ciência turística, Hoerner (2002b, p. 15-20) advoga uma nova definição do turismo, que qualificaria o setor em relação à sua indústria e não em relação aos seus turistas.

## **A turismologia no Brasil**

O professor Elio Chaves Flores<sup>166</sup>, no estudo sobre *As Fundações Historiográficas da Turismologia* (FLORES, 2005, p. 142-162), considera esse conhecimento novo, a turismologia, como a ciência social das viagens e enfatiza que para fazer avançar a prática turística, essa necessita de aportes teóricos de outras ciências. Por esse motivo, salienta que “as ciências humanas não poderiam deixar de abraçar esse gosto emotivo pelo futuro e acolher com agrado a ciência nova que habita entre nós, a ciência do turismo” (p. 143). Evidencia que “seria preciso reconhecer que a cientificidade e a disciplinaridade, no âmbito dos estudos turísticos, já possuem uma maturidade de, pelo menos, duas décadas” (p. 143). No entanto, salienta que “as próprias denominações para a ciência nova, teorologia, turismologia e ciência social das viagens ainda não estão completamente assentadas fora do mundo acadêmico” (p. 143). Reconhece que, nesse cenário, “em várias ocasiões, os turismólogos convocaram os cientistas da natureza e os cientistas sociais para a enorme jornada que se tem pela frente: a construção de uma ciência nova cujos resultados só podem fazer avançar o turismo social e culturalmente democrático” (p. 161). Dessa forma, considera que “cabe aos poderes

---

<sup>166</sup>Doutor em História Social e professor da Universidade Federal da Paraíba.

públicos uma apropriação e aplicação mais rápida dos conhecimentos produzidos para que os roteiros regionais de turismo se insiram na economia política” (p. 161-162).

Ressalta, igualmente, que “o acesso às viagens e ao turismo está inscrito no constitucionalismo brasileiro e deve ser preocupação dos governos afirmativos como um direito” (p. 162). Na sua reflexão, é por meio do turismo que o sujeito pode praticar diversas virtudes. Essas virtudes, na sua perspectiva, seriam

todas aquelas proporcionadas pela história que, em uma ação cupida sem precedentes, flecham o olhar do ser protagonista para o livre pensamento, a espiritualidade, o diálogo consigo (de si para si), a interpretação das heranças e tradições culturais e, por último, sem ser o menos importante, para o encantamento do Outro, saudade rediviva de uma viagem que jamais se finda. (FLORES, 2005, p. 162)

Nesse sentido, considera que “uma cultura escolar turismológica seria, portanto, a capacidade de construir uma educação dos sentidos, pública e patrimonial, para que crianças e jovens não sucumbam no esquecimento de si mesmos, o mais grave sintoma de uma amnésia social cultivada pelos profetas da Mão Invisível, o Mercado” (p. 162).

### **Algumas contribuições ao debate: estudos e obras sobre a evolução das atividades das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo**

Na pesquisa bibliográfica efetuada para esse estudo, se verificou que há diversos estudos e obras realizados por historiadores, antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais que se dedicaram à evolução histórica das viagens, do turismo e do lazer ao longo do tempo, tais como: Barbosa (2002); Boyer (1996; 1999; 2005); Ceard e Margolin (1987); Collini e Vannoni (2005); Dumazedier (1974); Lanquar (1995); Leed (1991); Rauch (2001); Rejowski (2005); Roche (2003); Santos Filho (2005); Stagl (1995-2004); Trigo (2002); Urbain (1991); Van Den Abbeele (1992); Withey (1997); dentre outros.

Em todos se evidenciam elementos e aspectos das experiências e aprendizagens que propiciaram e continuam proporcionando as viagens, inicialmente, e o turismo posteriormente. O intento aqui não é fazer um estudo exaustivo das suas pesquisas e reflexões, pois isso seria objeto para um outro

trabalho. O propósito aqui é de, simplesmente, destacar algumas informações que fundamentam a evolução da atividade das viagens, do turismo e do lazer que conduzem o pensamento à reflexão sobre a necessidade de se repensar essas atividades e sobre a possibilidade de criação da Turismologia e/ou da Ciência Social das Viagens e do Turismo.

O que fica claro nessa seqüência de estudos, a partir das reflexões efetuadas até aqui, é que se faz necessário considerar essas atividades em um longo processo de transição para um novo tipo de comportamento nesses campos, e em outros igualmente, como visto no Capítulo 01. Assim, é importante a compreensão de que somente por meio de um Comportamento Sustentável é que poderá acontecer uma transformação dessas atividades e, sobretudo, dos seus atores, os sujeitos-viajantes, os sujeitos-turistas. Seriam esses sujeitos “alterados” os **Novos Viajantes**, os **Novos Turistas**? Esse é um questionamento que acompanha de forma subjacente a reflexão nesse estudo.

Além de apresentar sucintamente os primeiros deslocamentos humanos, as viagens culturais ressaltando o *Grand Tour*, o ressurgimento do balneário e o turismo de cura, a modernização nos transportes e a consolidação das viagens de turismo com Thomas Cook, a expansão do turismo a partir das férias remuneradas e a criação mercadológica do conceito de “Indústria do Turismo”, Barbosa (2002) chama a atenção para o significado da palavra Turismo. Nesse cenário, por meio desse enfoque, realiza uma reflexão crítica sobre o viajante e o turista, o que pode ser considerado como um dos pontos centrais da sua análise que evidencia a mercantilização, ou a “coisificação” do viajante, como já visto anteriormente, no Apêndice C 3.

Por sua vez, Rejowski (2005) organiza um itinerário que ressalta os antecedentes das viagens e do turismo no mundo, o desenvolvimento do turismo em si, pondo em foco igualmente o turismo inserido em um cenário global de mudanças e realçando, especialmente, a evolução do turismo no Brasil. É interessante dar especial destaque ao último capítulo, pois se pode perceber em detalhes a trajetória dessa atividade socio-econômica no Brasil e, sobretudo, a necessidade de aprofundarem-se estudos sócio-histórico-culturais nesse campo de pesquisa.

No âmbito das pesquisas e estudos efetuados no Brasil, especial destaque deve ser dado ao livro *Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras*, de Santos Filho (2005). Esse autor trabalha o fenômeno do turismo,

“demonstrando a inexistência de verdades absolutas e a necessidade de rever fatos e explicações antes intocáveis pela academia”. Nesse contexto “abre uma série de novas indagações para repensar o turismo como fenômeno, oxigenando a leitura desse objeto e alimentando o ensino, a pesquisa e a extensão, para fortalecer a constituição de um arcabouço teórico-científico próprio”. Na sua concepção, “a historiografia mundial sobre o turismo deve ser rediscutida” ampliando os seus horizontes. Por esse motivo, seria necessário considerar essa obra nas reflexões de uma Pedagogia das Viagens, do Turismo e do Acolhimento.

O interesse especial da investigação de Trigo (2002) é a observação e o destaque dado à evolução histórico-temporal dos dados apresentados das diversas categorias que compõem as atividades das viagens e do turismo no Brasil. Peculiar interesse desperta o último capítulo que trata especificamente da educação, da pesquisa dos eventos e das publicações em turismo no Brasil, pois além de cronologicamente apresentar os eventos, as primeiras escolas de turismo e dados gerais, dá igualmente destaque à produção das dissertações de mestrado, teses de doutorado e livre-docência apresentadas e defendidas até 1999 e à publicação científica até o ano 2000.

No que se refere à publicação internacional, no que diz respeito aos estudos no campo da História, despertam especial interesse os estudos de Boyer<sup>167</sup> (1996; 1999; 2005) que nas suas pesquisas, por meio de uma análise profunda das especificidades do turismo, da revolução turística do século XVI ao século XVIII, da história elitista do turismo nos séculos XIX e XX, ressalta a importância do turismo globalizado do ano 2000. Com base em todos os precedentes da evolução da atividade turística no mundo, aponta reflexões necessárias para uma possível transformação no futuro. Portanto, a partir das especificidades do turismo na atualidade, analisa os conteúdos e comportamentos destacando os três tempos da viagem, o turismo-descoberta, os quatro modelos de turista e os conteúdos e os estilos sociais. Esse capítulo especificamente atrai a atenção por essa reflexão crítica sobre os modelos de turista que emergem na pós-modernidade e sobre os quais maiores estudos e análises são necessários realizar.

No que concerne especificamente as viagens científicas, os estudos de Ceard e Margolin (1987), Collini e Vannoni (2005) e Stagl (1995-2004) se destacam.

---

<sup>167</sup> Professor de história, Doutor de Estado, expert científico de turismo, membro do Conselho Nacional do Turismo da França.



Esse último pesquisador, já foi citado na primeira e na segunda parte dessa tese reiteradamente. Ceard e Margolin (1987) organizaram os anais do colóquio de Tours de 1987, no qual são apresentados diversos trabalhos sobre as viagens durante o Renascimento. Dessa forma, foram reunidos elementos para contribuir na demonstração de uma tipologia dos viajantes. Nesse contexto destacam-se a manifestação de ensinamentos sobre o conhecimento, a percepção, a representação e a imaginação do espaço no Renascimento. Além disso, evidencia-se igualmente a análise da experiência da diversidade e da alteridade das quais as viagens foram o modo e a ocasião. É importante realçar que esse colóquio pode elaborar algumas conclusões sintéticas sobre o espaço da viagem e sobre **a viagem como descoberta e experiência do outro**.

Por sua vez, Collini e Vannoni<sup>168</sup> (2005) estudaram a literatura de viagens e o *corpus* das instruções de viagens. Nesse sentido, produziram uma antologia dos séculos XVII ao XIX que oferece um panorama sugestivo e internacional das instruções científicas destinadas aos viajantes, desde as produções inaugurais de Robert Boyle e John Woodward até o fim do século XIX, quando se afirmam os standards da pesquisa profissional. Além do grande interesse de ter acesso direto aos textos dos diferentes autores escolhidos, é necessário apontar o longo ensaio introdutório que oferece uma síntese dos temas e problemas característicos das instruções e que, ademais precisa, do ponto de vista historiográfico, sua importância como fonte e reconhecimento das primeiras pesquisas sobre o homem e o teatro das suas ações.

Ao longo dos seus instigantes estudos, Leed<sup>169</sup> (1991) inicia o seu itinerário com a epopéia de Gilgamesh e chega à era do turismo de massa demonstrando que **a viagem alterou profundamente a compreensão de si e a compreensão do mundo pelo ser humano**. Assim, o livro *The Mind of the Traveler*<sup>170</sup> é uma excursão panorâmica através dessas “transformações de passagens”. Nesse itinerário, explora as grandes viagens tradicionais do ocidente: as viagens heróicas; as viagens sagradas; e as viagens filosóficas a procura de conhecimento social ou científico. Descreve a vida das “sociedades viajantes” e demonstra como as grandes viagens de descoberta do Novo Mundo favoreceram

---

<sup>168</sup>

Doutoras em História das Ciências da Universidade de Florença.

<sup>169</sup> Professor associado de História na Universidade Internacional da Flórida.

<sup>170</sup> A mente (memória) do viajante.

uma revolucionária nova visão Eurocêntrica da humanidade e transformou a Cultura “Européia” em Cultura “Moderna”. Demonstra como a industrialização transformou a viagem e como conduziu ao surgimento do turismo de massa. A conclusão aprofunda a reflexão sobre **as conseqüências sociais da viagem**. Esse autor considera nas suas análises **as formas como a mobilidade altera a identidade**, mapeando as imagens sucessivas do viajante heróico como um arquétipo masculino expondo cronologicamente o modo como o sexo e o gênero operam na literatura da viagem e na experiência. Além disso, argumenta que uma das partes mais interessantes é que **o mundo industrial moderno é uma sociedade de viajantes e que a viagem mudou de uma expressão de necessidade e destino para aquela de independência e liberdade**.

Van Den Abbeele<sup>171</sup> (1992) dá realce nos seus estudos ao fato de que como resultado da incorporação da palavra grega *metaphorein* (transferir ou transportar) no discurso Ocidental, **a palavra “travel”<sup>172</sup> funcionou freqüentemente como a metáfora da metáfora em si mesma, e por extensão, como a metáfora da narrativa, da escrita, do movimento do pensamento, e da circulação e do deslocamento do sentido**. Nesse contexto, em uma série excepcionalmente detalhada de leituras de Montaigne, Descartes, Montesquieu e Rousseau, esse autor apresenta a teoria de uma economia da viagem que explora as formas paradoxais e contraditórias como a viagem é entendida e praticada na cultura Ocidental. Dessa forma, examina **a viagem** inscrita no início da moderna filosofia francesa não só como um processo geográfico e cultural, mas **como uma metáfora para o movimento do pensamento em si**.

Os estudos de Withey (1997) fazem sobressair a história da viagem de lazer de meados do século XVIII até o início da Primeira Guerra Mundial em que mudanças significativas ocorreram – na tecnologia, na quantidade do público viajante, na escolha dos destinos, inclusive na crença do que era válido ver. Inicia com a descrição do Grand Tour do continente Europeu feito pelos filhos das ricas famílias britânicas e chega à história de como as massas chegam para usufruir dos prazeres antes reservados para poucos e especiais sujeitos. Esse talvez seja o aspecto mais interessante a ser destacado e estudado; objeto relevante para uma outra pesquisa.

---

<sup>171</sup> Professor associado de francês na Universidade da Califórnia.

<sup>172</sup> Viagem (NT).

### **Algumas considerações**

Ao longo deste texto, nas diversas etapas da sua elaboração, salientei alguns aspectos gerais das formações e a estrutura do ensino, da pesquisa e da extensão no Brasil e na França nos campos das viagens e do turismo. Além disso, apresentei a proposta de delineamento de Itinerários Formativos e a necessidade de aprofundamento e expansão da pesquisa nesses campos, abrindo, assim, o caminho para aprofundar a configuração do campo científico da ciência social das viagens e do turismo.



## **APÊNDICE D 6**

### **Da Pedagogia de Hegel, segundo Pleines, às três Pedagogias de Barbier:**

#### **no caminho de uma Pedagogia Multirreferencial, Transpessoal e Transdisciplinar no campo das viagens e do turismo**

Este texto especialmente tem por objetivo, por meio das reflexões de Pleines – sobre os estudos de Hegel –, de Ardoino e de Barbier, delinear os aspectos fundamentais que constituirão as linhas gerais principais da proposta de trabalho pedagógico, destinado a ser desenvolvido nas formações, que integre saberes e práticas que considerem as experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens mediante uma abordagem de Educação Multirreferencial, Transpessoal e Transdisciplinar.

Assim, no desenrolar do raciocínio sobre a educação e as formações, é necessário considerar o lugar que ocupa o pensamento sobre a pedagogia para refletir na perspectiva da transformação (alteração) das formações no campo das viagens e do turismo.

Dessa forma, apóio-me, inicialmente nas idéias de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, explicitadas por Jurgen-Eckardt Pleines (1993, p. 657-668), no que concerne sua concepção de uma doutrina da educação e do percurso que “o ser singular” deve fazer no “processo de aprendizagem” para adquirir “os graus de cultura do espírito universal”.

É nessa perspectiva que se chega às idéias fundamentais desenvolvidas por Jacques Ardoino (2000) e René Barbier (2002), as quais abordo e com as quais estou inteiramente de acordo. Ardoino (2000), em um procedimento complexo e multirreferencial, apresenta sua concepção de pedagogia que se ancora em diversos elementos que vão contribuir para que esta possa efetivamente realizar o seu papel. Por sua vez, Barbier (2002), no desenrolar de seu pensamento, abre o caminho para o que considera “uma pedagogia para o nosso tempo”. Nesse sentido, evidencia “três pedagogias” que vão contribuir à educação do sujeito por meio de uma “pedagogia transversal”.

## Hegel e a pedagogia

Para Pleines (1993, p. 657), antes de chegar a destacar os elementos de uma doutrina da educação em Hegel, é necessário considerar, inicialmente, que esse filósofo atribui ao conceito de *Bildung* uma grande importância, tanto na *Fenomenologia do Espírito* quanto nos *Princípios da Filosofia do Direito*. Nessa perspectiva, a partir dos estudos sobre esses dois textos, esse professor das ciências da educação e de filosofia, nos permite de forma melhor ver sob que ângulo Hegel podia apreciar o “ponto de vista da cultura” e onde via os seus limites e problemas.

Esse autor considera que no campo mais específico dos esforços intencionais e das atividades de ensino, pode-se revelar a existência em Hegel dos elementos de uma doutrina da educação. Segundo esse professor, Hegel considera que **“o objetivo mais nobre” da educação “consiste em vencer, no plano teórico e prático, a obstinação e os interesses egoístas”**, para, assim, conduzir os estudantes “finalmente a esta comunidade do saber e da vontade que é a condição primeira de toda vida ética e civilizada” (p. 658).

Na sua perspectiva considera que é significativo que Hegel atribua à pedagogia “a cultura do espírito subjetivo”, e que, a propósito da situação do professor, lembre “até que ponto o Cristo, no seu ensinamento, tinha somente em vista a formação (*Bildung*) e o aperfeiçoamento do indivíduo” (p. 658). Para esse professor, nos dois casos, segundo Hegel, a tarefa é de “tornar os homens morais” (p. 658). Nessa perspectiva, ressalta que **a pedagogia** considera o homem como um ser “natural” e que ela **mostra o caminho “para fazê-lo nascer de novo, para transformar sua primeira natureza em uma segunda que é espiritual, de tal modo que este elemento espiritual torne-se para ele um hábito”** (p. 658). Acrescenta que nesse caminho, o ser humano “toma posse daquilo que tem por natureza”, e assim ele é espírito. Mas considera igualmente que para que ele chegue lá, é necessário antes de tudo que “a singularidade da vontade” comece a vibrar. É necessário, também, que surjam o sentimento da “nulidade do egoísmo” e “o hábito da obediência” (p. 659). Considera, enfim, que no interesse de sua própria educação, o ser humano deve aprender a renunciar a suas representações puramente subjetivas e a acolher os pensamentos do outro contanto que estes sejam superiores aos seus (p. 659).

No desenvolvimento do pensamento de Hegel sobre a educação, Pleines (1993) considera que a tarefa de toda educação consiste, por um lado, em tomar as decisões desejadas para que o desenvolvimento natural e espiritual se faça o melhor possível e sem entraves. Por outro lado, ela consiste em fazer que a vida individual e comunitária seja levada a mais alta perfeição possível em um discurso refletido, em um pensamento penetrante e em uma ação em conformidade com a razão. Ressalta, ainda que isto, segundo a convicção de Hegel, seria somente possível quando se ultrapassasse, em um ponto de vista ao mesmo tempo prático e poético, a separação psicológica entre vontade e razão como também a disjunção, imposta pela moral moderna, entre virtudes éticas e dianoéticas. Considera, assim que “com efeito, estas duas oposições tendem a destruir a unidade da ação e levam à incapacidade de se reconhecer nos seus atos e nas suas obras (p. 658-659).

Nesse sentido, Pleines (1993, p. 660) salienta que segundo Hegel, o ser singular deve antes de tudo percorrer no processo de aprendizagem “os graus de cultura do espírito universal”. Mas acrescenta que por uma consideração refletida da natureza e por uma lapidação razoável da história, a substância por si mesma será transformada. Para esse professor, nesse duplo sentido, o processo da cultura não deve ser visto como um calmo desenrolar dos elos de uma corrente. Segundo sua reflexão, a cultura deve ter uma matéria e um objeto anteriores que, de uma forma autônoma, trabalha, modifica e reformula. Mas salienta que isto, por sua vez, é somente possível se o espírito se separou da “imediatez da vida substancial”, se adquiriu “o conhecimento dos princípios fundamentais e dos pontos de vista universais” e se elevou ao “pensamento da coisa”, que desde então manuseia racionalmente em pensamento e em ato. Isso, segundo Pleines (1993), tem como conseqüência que o lado subjetivo do processo da cultura, que permite apoiar a condição do ser humano sobre uma “base de espírito livre”, é descrito nos seguintes termos, por Hegel: “uma tal individualidade se cultiva no que ela é em si mesma, e é somente assim que ela é em si e a um estar-lá efetivo. Tanto tem de cultura, quanto de efetividade e de força”. Esse professor considera assim que

desses diversos pontos de vista e níveis da idéia moderna de cultura ressalta também a distinção decisiva entre cultura teórica e cultura prática, distinção que decorre da diferença entre razão observadora e razão atuante e, por isso, coloca em evidência duas formas de saber que se distinguem essencialmente não somente do ponto de vista de seu objeto e de sua gênese, mas também de sua legitimação. (PLEINES, 1993, p. 660)

Na visão desse professor, “Hegel tinha consciência também da origem e da necessidade da idéia de cultura cuja posição intermediária nos sofistas, aos quais a filosofia devia toda sua formação (Bildung), já chamava a atenção para o dilema que deveria até a época moderna aderir à cultura”. Acrescenta que referindo-se à Sócrates, Hegel afirmava que o espírito, subjetivamente e objetivamente, deveria atingir **“um certo grau de cultura intelectual” antes de chegar à filosofia**; eis porque atribui à cultura um “valor infinito” (p. 661).

É nessa perspectiva que Pleines (1993, p. 662) considera que essa “cultura da reflexão”, precisamente, fez nascer no plano da vontade e igualmente naquele do julgamento, a necessidade de “manter firmes os pontos de vista universais e de regular a partir deles o particular de tal forma que formas, leis, deveres, direitos, máximas universais têm valor de base de determinação e regem tudo em primeiro lugar”. Esse professor ressalta que Hegel considerava que a tarefa principal de sua *Fenomenologia do Espírito* era de conduzir “o indivíduo de seu estado inculto ao saber”, o que, naturalmente, somente parecia poder se fazer pela “exteriorização de seu Eu imediato”.

Se, com Hegel, considera-se desta maneira o 'ponto de vista da cultura', tanto sob o aspecto da história do espírito quanto do sistema, então aparece como um momento necessário no processo de maturação ao mesmo tempo universal e individual do espírito, que a bem da verdade, em razão de seu despedaçamento interior, ainda não chegou a si mesmo e espera sua realização futura. Em consequência, essa consciência, segundo a concepção de Hegel, não está somente dividida, mas ela surge de seu próprio movimento com a própria mediação das oposições que ela mesma engendrou sem acabar com elas. Esse duplo mundo tendo-se revelado no decorrer do tempo como inevitável, a cultura acabou por receber da filosofia uma resposta às questões que, com efeito, ela mesma se tinha feito, mas às quais, nos limites do seu horizonte, não podia responder: 'de onde surge a questão: uma tal oposição, tão universal, tão radical, que não vai além do puro dever-ser e postulava solução, é ela a verdade em si e para si, é ela o objetivo final e supremo? Se a cultura universal cai nessa mesma contradição, então cabe à filosofia ultrapassar esses termos opostos, isto é, mostrar que nem um na sua abstração, nem o outro na sua igual unilateralidade, não são verdadeiros, mas que são o que dissolve a si mesmo; que a verdade pode somente residir na reconciliação e na mediação dos dois, e que essa mediação não é somente pura exigência, mas a realização em si e para si, o sempre a realizar.' (PLEINES, 1993, p. 663-664)



Esse professor considera que nesse processo, a divisão em dois mundos, profundamente ressentida pela cultura, e a “necessidade de filosofia”, filosofia que deveria regular esta contradição sem legá-la, simplesmente, em nome de um saber imediato ou absoluto, está relacionada particularmente ao saber prático” (p. 664). É assim, que considera que por intermédio da cultura moderna, a relação entre práxis e razão foi suspensa e que as portas foram abertas a ideologias que, em muitos olhares, deveriam tornar-se perigosas para a ação dos homens. Ressalta que

esse perigo está relacionado igualmente à pedagogia, de onde a defesa em favor de uma 'cultura da personalidade' aparece, eventualmente, como da mesma maneira duvidosa é a tendência a uma doutrina da educação, que há muito tempo não está mais segura de seu fundamento racional e procura cada vez mais sua salvação em irracionalismos que, comparados à posição hegeliana, a ameaçam de retirar o solo debaixo dos pés. (PLEINES, 1993, p. 664)

Ao ressaltar os elementos que se referem à educação e à pedagogia, contidos nos estudos de Hegel efetuados entre o fim do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, Pleines resalta a sua importância e conduz à percepção da necessidade de se aprofundarem pesquisas considerando essa perspectiva filosófica. Atualmente, em 2008, tanto Jacques Ardoino quanto René Barbier, ambos vêm desenvolvendo estudos e pesquisas que apontam para algumas mudanças imprescindíveis. Na continuação deste texto são evidenciadas essas reflexões.

### **Ardoino e a pedagogia**

No desenvolvimento dos seus estudos sobre a pedagogia, Ardoino (2000, p. 101) resalta que este termo vem do grego (*païs, dos e agein*) e que “no sentido moderno”, fica durante muito tempo ligado ao contexto escolar, mesmo se expressões tais como “pedagogia dos adultos” foram forjadas. Acrescenta que são, mais ou menos, bastante indistintamente, os saberes, os saber-fazer, os saber-ser, as competências, as experiências, particulares, necessários à transmissão dos conhecimentos e à otimização das aprendizagens, que são o mais freqüentemente designados por este termo. Além disso, resalta que no contexto do desenvolvimento das ciências humanas positivistas, esperava-se que a pedagogia se tornasse científica, para demarcar-se dos pressupostos filosóficos, ideológicos,

mais ou menos dogmáticos e normativos que afetavam a educação. Assim, observa que

ao longo da História, as reflexões sobre a pedagogia e a educação oscilam entre um pólo individual e um pólo social, entre as necessidades de integração, de adaptação a uma ordem existente, que se trata, mais freqüentemente de respeitar, é a questão da 'entrada na vida' e na sociedade, e o desenvolvimento da pessoa, a realização de suas potencialidades, sua expansão, podendo ir, em última instância, até à recusa e à contestação das formas sociais. (ARDOINO, 2000, p. 103)

Ardoino (2000, p. 103) considera que para a maior parte dos pensadores que se interessaram pela educação e pela pedagogia, dos quais cita Platão, Montaigne, Rabelais, Comenius, dentre outros, trata-se de reencontrar ou de realizar uma harmonia entre os “objetivos” reconhecidos como conflituosos entre si, se não contraditórios: razão e experiência, natureza e cultura, indivíduo e sociedade. Esse pesquisador ressalta que a presença da “idéia de uma 'ordem universal' (divina, natural, humana, social) é inseparável daquela de harmonia”.

A partir de seus estudos, Ardoino (2000, p. 103) considera que as diferentes correntes da pedagogia e da análise institucional fazem referência a uma “pedagogia da resistência”. Na sua visão, a questão pedagógica por excelência torna-se então aquela da articulação bem sucedida entre as visões legítimas de uma integração social, de uma adaptação a uma ordem existente das coisas e o desenvolvimento de uma capacidade, pessoal e coletiva, de transgressão. Salienta ainda o fato de que se encontra nesta constatação, mas também em qualquer outra perspectiva, um problema da mesma natureza que aquele levantado pela escola psicanalítica a propósito da constituição, ou da formação, do “sujeito”, a articulação do princípio do prazer e do princípio de realidade. Nesse contexto, considera que é necessário falar “de uma dialética do instituído e do instituinte”.

Ardoino evidencia o livro de Francis Imbert, *Para uma praxis pedagógica* em que considera que o autor procura “reabilitar a noção de pedagogia”. Segundo Ardoino (2000, p. 104-105), para Imbert a “forma de reflexão crítica tem por função desenvolver a problemática de toda intenção [...] e de toda ação educativa, da qual o ensino é somente um caso particular, isto é de todo dispositivo de formação”. Considera, assim que se trata de

sair das “práticas” mais ou menos “reificadas”, “burocratizadas” submetidas à regulamentação e às receitas, e ir para uma “praxis” mais dialética, mais instituinte e mais criativa, ir para além das evidências dos “ir-por-si-só”, reencontrar e levar em conta a complexidade e a multirreferencialidade que elas supõem. (ARDOINO, 2000, p. 105)

Neste ponto do desenrolar de sua reflexão, Ardoino (2000, p. 105) defende que em virtude das ciências antropológicas serem explicitamente chamadas a contribuir para fundar as práticas pedagógicas, uma “análise multirreferencial” torna-se necessária neste processo. Nessa mesma perspectiva, Barbier (2002) evidencia a existência de “três pedagogias” que conduzem à “pedagogia transversal”.

### **Barbier e “as três pedagogias”**

Barbier (2002), no desenvolvimento do seu pensamento sobre a pedagogia, considera que duas pedagogias se opõem habitualmente na educação: a pedagogia do enraizamento (enracinement) e a pedagogia do surgimento (surgissement – renascimento). Neste sentido, salienta o fato de que a “pedagogia transversal” que defende, “examina a perspectiva da superação de um conflito que não cessa de alimentar os jogos e o que está em jogo na sociedade do espetáculo, para melhor obscurecer a complexidade do fato educativo” (p. 01).

Ao longo de suas reflexões sobre a pedagogia tradicional do enraizamento, a pedagogia revolucionária do surgimento e a pedagogia da mediação – desafio dito transversal, ressalta o fato de que a “pedagogia transversal” promove o paradoxo educativo aceitando as duas vias sem excluir nenhuma, mas aceitando-as em uma perspectiva dinâmica de superação (p. 03). Esse pensador da educação acrescenta que na verdade “ela as coloca em perspectiva uma pela outra”. Assim, contribui para a renovação da educação não tendo receio de “vislumbrar uma verdadeira espiritualidade laica livre dos velhos ídolos, das tendências ao controle e respeitosa de cada pessoa” (p. 03).

Dessa forma, afirma que essa pedagogia é a que tem sua preferência, considerando que é uma “pedagogia da mediação e do desafio, pedagogia do paradoxo, pedagogia realista por excelência”. Ressalta que está ligada à “escuta sensível e à abordagem transversal das situações humanas” (p. 03).

Conjuga ao mesmo tempo o enraizamento e o surgimento em uma infinita variação de formas possíveis. Se interessa tanto pela racionalidade quanto pela afetividade, pelo real, o imaginário e o simbólico. Considera as situações vivenciadas concretamente e a temporalidade localizada. Abre-se para a improvisação mitopoética da vida educativa e acentua o espírito de pesquisa no aluno e no estudante. (BARBIER, 2002, p. 03)

Na concepção de Barbier (2002), esta pedagogia é uma “pedagogia do enraizamento”, pois considera que “o enraizamento é fundamento e conhecimento do engendramento”. (p. 03). Ressalta que, como tal, todo educador deve reconhecê-la como elemento chave de sua prática. Na sua visão, o ser enraizado significa que se nasce em algum lugar, em um tempo determinado e de pais portadores de valores e de imaginário. Salaria, ainda, que em última instância e retornando no tempo, o ser humano é moldado pela Origem. Esta a razão pela qual os seres humanos são sempre sensíveis aos grandes mitos que não param de “recitar” o destino da humanidade. Enfatiza que conhecer a História, sob este ângulo, é conhecer-se um pouco melhor no presente. Ressalta ainda que conhecer os diferentes sistemas simbólicos que dão e deram sentido ao conjunto dos cidadãos, parece ser uma necessidade do ser humano culto. Acrescenta, igualmente, que pelo campo simbólico, existe-se no decurso do tempo, do passado ao futuro. O enraizamento permite pensar o futuro. Considera, assim, que sendo seres da cultura, os seres humanos estão enraizados na cultura multiforme da humanidade e que o saber que decorre disso é plural, ocidental e de algum outro lugar. Salaria, desta forma, o fato que as disciplinas científicas, literárias, filosóficas, artísticas, espirituais que tentam formulá-lo estão em interação permanente. Ressalta, igualmente, que nessa perspectiva considera que “a abordagem é multirreferencial” e que “a disciplina se abre para a transdisciplinaridade” (p. 03-04).

Para Barbier (2002), essa pedagogia é “uma pedagogia do surgimento”, pois o surgimento é um componente importante do processo. Considera que “a pedagogia transversal na sua escuta sensível está atenta ao que advém, ao que emerge, ao que incomoda” (p. 04). Na sua visão está do lado da “dissidência de um só” seguindo a formulação de Serge Moscovici (1979). Assim, ela é “poética pois toda poesia modifica a ordem habitual da linguagem” (p. 04). Nessa perspectiva, a pedagogia transversal é “uma pedagogia paradoxal”, considerando que

mantém os dois tipos de pedagogia precedentes em uma ligação indissociável. Mais exatamente, trata-se de uma interação próxima dos peixes cabeça-calda da simbologia do yin e do yang. Quando o pedagogo transversal renova o surgimento, potencializa o enraizamento, mas, ao mesmo tempo, não está jamais tão próximo do surgimento que leva o enraizamento ao seu auge e, reciprocamente. Se a pedagogia do enraizamento defende muito fortemente o pólo do saber (dos saberes) e a pedagogia do surgimento, o pólo do conhecimento de si na dialógica do sentido da educação, estas duas pedagogias, apesar de tudo, estão em filigrana em cada um dos dois pólos. Para se conhecer, devemos poder seguir o processo momentâneo de nossa vida, mas, ao mesmo tempo, devemos poder interpretar os diferentes elementos que influenciam o curso de nossa existência a partir dos saberes teóricos pertinentes. Mais amplamente, a pedagogia transversal realiza uma educação plural própria ao nosso tempo. Longe de ser uma pedagogia impossível a ser realizada, é, talvez, a única pedagogia realista adaptada à pedagogia das crianças, dos adultos e à educação de uma forma geral. (BARBIER, 2002, p. 04)

A pedagogia transversal é também uma “pedagogia ecológica”, pois se apoiando sobre o fato de que a “ecologia é a ciência do nosso tempo”, esse pesquisador considera que ela permite compreender os sistemas vivos nas suas interações incessantes e necessárias com os seus meio-ambientes. Desta forma, salienta que “a visão ecológica do mundo aparece como uma abertura essencial para a sobrevivência da humanidade” (p. 05). Ressalta que “a pedagogia inspirada pela ecologia visa” mostrar “‘o Caminho’ que acompanha o processo da vida na sua totalidade” (p. 05). A considera, assim, como uma

pedagogia da felicidade, qualitativa e afetiva, subjetiva, axiológica, adaptativa, compreensiva considerando o Todo, não competitiva, solidária e cooperativa, criativa, no cruzamento do saber, do saber-fazer e do saber-ser. Não recusa o Progresso, mas insiste na boa distância crítica para sua consideração, em função dos valores humanos que ultrapassam seu caráter ideológico. (BARBIER, 2002, p. 05)

É nesta direção que Barbier (2002) convida a pensar na educação do sujeito e na pedagogia transversal. Na sua visão, a educação, “que ultrapassa a escola por todas as partes, é um evento pessoal, em relação direta com uma experiência do ser em devir e do ser junto” (p. 05). Considera que a educação empenha a totalidade de pessoa nas suas “inteligências múltiplas” estudadas por Howard Gardner (1996), na sua “inteligência emocional” estudada por David Goleman (1997). Desta forma, ressalta que ela acontece sempre no instante da

presença situacional em face do objeto de conhecimento e do meio-ambiente. Acrescenta, igualmente, que mesmo que dure, necessariamente, tece-se de instante em instante acompanhada por uma simbólica pessoal que se destaca da simbólica instituída das grandes figuras de imposições ancestrais (p. 05).

É nessa perspectiva que esse pesquisador defende que a educação não está no futuro, mas sim no presente. É efetivamente a surpresa e o advento de um olhar novo na relação do ser humano com o mundo, com os outros e consigo mesmo. A partir da sua concepção, é necessário considerar que “a educação é um processo atualizado infinitamente, de articulação conflitual e freqüentemente paradoxal entre uma instância de saber e de saber-fazer (a cultura legítima) e uma instância de experiencialidade pessoal visando ao conhecimento de si” (p. 06)

## **APÊNDICE D 7**

### **A formação de formadores, pesquisadores e profissionais: em busca de um novo profissionalismo no campo das viagens e do turismo**

Neste texto, destaco sobretudo a formação de formadores, pesquisadores e profissionais enfatizando a necessidade da busca de um novo profissionalismo mediante a busca de alteração comportamental dos sujeitos. Nesse sentido, a trajetória desse itinerário evidencia inicialmente: algumas características do formador e do formador de adultos; a postura do educador; a relação entre o educador, o professor e o pesquisador científico; as reflexões de Jacques Ardoino sobre algumas propostas atuais sobre a educação e contribuições à educação de adultos; a importância de se buscar a direção de um novo profissionalismo do professor; alguns antecedentes, a necessidade de formação, o delineamento do perfil dos cursos e dos professores e um diagnóstico sobre a formação de professores no campo das viagens, do turismo e do acolhimento no Brasil. Enfatiza, igualmente: a necessidade de formação docente; a perspectiva da Licenciatura em Turismo como uma possibilidade de futuro; e a imprescindível formação profissional.

#### **O formador, o formador de adultos**

Na visão de Barbier (2000), “o formador de adultos é um educador que questionou as imagens do instrutor, do professor e do formador em si mesmo”. Para esse sociólogo da educação, “a sociedade educativa de seu tempo inculcou-lhe as representações essenciais e funcionais”. Por esse motivo, “teve que operar um tipo de desenraizamento cultural para formar-se, pelo caminho de alguns encontros humanos e sociais com 'homens marcantes' e freqüentemente marginais”. Além disso, o formador de adultos “passou por vários tipos de questionamentos sobre os saberes-fazer, um questionamento sobre o saber-se-situar e um questionamento sobre o saber-ser” (p. 01)

Nesse sentido, considera que há três tipos de dúvidas que o encorajam permanentemente: a primeira é uma dúvida científica sobre “os saberes que têm a pretensão de transmitir o humano real”; a segunda é uma dúvida metodológica sobre “o 'bom método' para abordar a relação com o saber, o saber-fazer, o saber-se-situar e os saberes-fazer em cada um dos sujeitos em formação”; a terceira é uma dúvida ontológica “que o faz questionar a si mesmo sobre sua própria identidade e seu próprio conhecimento do que quer dizer 'viver e morrer’” (BARBIER, 2000, p. 01). Esse terceiro ponto evidencia a necessidade de uma Educação Transpessoal.

Dessa forma, ressalta que o formador de adultos, “enquanto educador, procura articular, em um diálogo radical, os múltiplos saberes e o conhecimento de si”. Considera que “esta dialógica radical coloca em conexão, por um lado o sentido da meditação sobre o não-pensamento e sobre o não-ser e, por outro, o sentido da cultura tecida pelos múltiplos saberes sociais, econômicos, políticos, filosóficos, religiosos, científicos, artísticos e literários” (p. 01). Assim, ressalta que agindo dessa forma, o formador de adultos “descobre-se como um pesquisador e um transmissor de sentidos (barqueiro de sentidos – *passeur de sens*) que caminha em um 'processo' de criação e de finitude, de estruturação, desestruturação e reestruturação do mundo” (p. 01).

Ao fim desse caminho de “atualização e de potencialização do silêncio interior e da atividade exterior”, salienta que o formador de adultos “transforma-se e atinge um ponto T de existência no qual ultrapassa o desejo de formar e de se formar, para simplesmente ser no instante e na presença de si mesmo, do outro e do mundo, na vida e na morte como duplo mistério indissociável” (p. 01). Na sua visão, “nesse momento da existência, torna-se 'aberto' a tudo aquilo que surge, em uma poética existencial que o impulsiona permanentemente para o melhor e o pior”. Na conclusão dessas reflexões, Barbier (2000) levanta a seguinte questão: “o formador de adultos delinea uma das figuras do educador do futuro?” (p. 01).

### **A postura do educador**

Nesse contexto, Barbier (2003) considera que a noção de educador necessita ser mais detalhada. Salienta que sobre esse termo é encontrado um pouco de tudo: “o educador de rua, o educador como animador sócio-cultural, o



professor-educador, a mãe ou o pai de família como educador, até mesmo o jornalista televisivo, etc”. (BARBIER, 2003, p. 05-06).

No entanto, a sua concepção de educador é “muito menos exaustiva sendo mais precisa”. Para esse sociólogo da educação, “o verdadeiro educador não é aquele que procura transmitir conhecimentos (saberes)”. Considera que “pode fazê-lo, enquanto professor, mas não é o seu objetivo final. Ele procura nada mais do que fazer participar da vida que ele traz em si de uma maneira luminosa, pela sua presença atenta” (p. 06).

Dessa forma, enfatiza que o educador é esse indivíduo que não é mais um “alguém”, porque têm um sentido vivenciado de sua inserção em um processo de energia vital que o extrapola e do qual é partícipe. Por esse motivo, salienta que o educador “pode deixar o outro viver segundo o seu modo de existência” e observa que “isto não quer dizer que não exerça nenhuma influência” (p. 06). Na sua visão, essa atitude “sua forma de ser não-vinculado lhe dá uma presença no mundo, para ele mesmo e para os outros de uma extrema intensidade, ligada à profundidade e à confiança” (p. 06). No pensamento de Barbier (2003, p. 06), reconhece-se um educador em um primeiro olhar, pois é um homem ou uma mulher marcante no sentido de que não se pode ser indiferente a sua presença, mesmo silenciosa. Dessa forma, esse sociólogo enfatiza que “o educador não tem nenhum projeto sobre o outro. Nem científico, nem político, nem ético. Não impõe, esclarece”. Considera, assim, que “é o filósofo que compreendeu o essencial da Filosofia: tocar e impregnar-se da sabedoria, deixar-se invadir totalmente, não dentro e pelos livros, mas no centro da vida cotidiana”. Portanto, o considera como “aquele que manifesta sua virtude de humanidade [...]. É o sábio da tradição estóica ou epicurista [...]. Pode sentir a necessidade de falar como Krishnamurti ou de calar-se como Ramana Maharshi”. Além disso, pode ser ainda “um polidor de vidro, um sapateiro, um simples barqueiro depois de ter sido professor universitário. Um fotógrafo do quase nada ou um poeta. Um criador de espaço transicional. Um ser sensível à resiliência, à empatia”. Além do mais, “é o místico. É o psicólogo cuja presença tranqüila e maliciosa toca no ponto certo aquele que se aproxima. Somente o educador pode compreender as pessoas em situações-limite”.

## **O educador e o professor**

Para Barbier (2003, p. 06-07) “transformado profissionalmente em professor, **o educador metamorfoseia a pedagogia e a transmissão do saber**”. Ele “não recusa o saber, mas o coloca no seu verdadeiro lugar funcional na ordem do conhecimento. Sobretudo, o ilumina pelo interior com uma clareza ética que provém de sua extrema presença no mundo”. Esse sociólogo considera essa ética revolucionária no sentido em que é “um questionamento permanente sobre o que é contrário à vida, qualquer que seja o regime político em vigor” (p. 06). Além disso, “é o que impede de girar em círculo. **O grande perturbador dos sentidos. Transmite o saber, mas sempre com um questionamento em filigrana**”. Além do mais, “recusa-se em tornar-se um guru intelectual e ainda menos um guru espiritual”. Nesse sentido, “**visa a autonomia de seu aluno pelo caminho de uma exigência que não tem nada de acadêmico**. Deixa a atribuição de notas aqueles que têm medo da vida ao ponto de medi-la sem cessar com um padrão de medidas” (p. 07).

## **O educador e o pesquisador científico**

Na visão de Barbier (2003, p. 07) “há um paradoxo no encontro destas duas figuras com posturas tão diferentes”. Dessa forma, ressalta que “o pesquisador, qualquer que seja a sua ética [...], deseja produzir conhecimento sobre o mundo”, enquanto que “o educador permanece na presença no mundo e não procura nada”. Além disso, salienta que “o pesquisador é impulsionado pela falta. O educador encontra-se entre o vazio e o cheio, na realidade com dimensão poética. O pesquisador produz conceitos. O educador sentimentos sutis”. Enfatiza, ainda, que “o pesquisador faz parte de um grupo de pressão (a cidade sábia). O educador é solitário. O pesquisador, no seu cotidiano, está freqüentemente no aqui e agora, na ordem estabelecida”. Por sua vez, “o educador está sempre no questionamento, na surpresa do sempre novo”. Além do mais, observa que “o pesquisador é sensível aos sinais de reconhecimento social” e que “o educador se preocupa pouco com isso. O pesquisador está freqüentemente apaixonado”, mas “o educador é apaixonante”. Ressalta, ainda, que “o primeiro gira em torno de si mesmo para fazer 'sua obra'. O segundo está no processo em que não há nada a procurar, nada a

produzir de extraordinário”. Assim, evidencia, por fim que “o primeiro faz freqüentemente parte de uma tropa científica que metralha facilmente todos os outros. O segundo é transversal, transcultural, transdisciplinar, transpessoal”.

A partir dessas reflexões, esse professor salienta que essas duas posturas não são conciliáveis, mas considera que “podem interpelar-se no centro de uma mesma pessoa”. Evidencia que “o pesquisador científico fica do lado dos saberes” enquanto “**o educador do lado do conhecimento de si**”. Assim, considera que “o cruzamento das posturas permite uma dinâmica paradoxal da educação em ato inserida em um sistema de ensino”. Na sua visão, isso permite que “o simbólico do educador anime incessantemente o questionamento do pesquisador. Aquele do pesquisador detém os desvios muito místicos do educador”. Considera, assim, que “mesmo não podendo radicalmente se compreender, a postura de um clama pela postura do outro”. Cada uma dessas posturas procura a outra em um paradoxo. (p. 07).

### **O educador-pesquisador**

Assim, na conclusão de seu pensamento sobre o educador, o professor e o pesquisador, Barbier (2003, p. 07) considera que a figura do educador-pesquisador torna-se “estranha, perturbadora, imperceptível, inclassificável”. Dessa forma, denomina essa figura como “um estrangeiro” que é “rejeitado do mundo erudito sempre excessivamente defensivo, mas excluído igualmente de um mundo de educadores que se afastam tanto da educação, que se tornam sectários religiosos, até mesmo sem religião”. Esse sociólogo da educação evidencia que esta é “uma posição de educador-pesquisador quase impossível de manter sem uma permanente fonte da juventude em si mesmo”. Nesse sentido, enfatiza a necessidade de “um esclarecimento simbólico ligado ao reconhecimento da vida na sua positividade radical apesar dos desvios catastróficos. Um 'mistério de existir', como nomeado por René Char”.

Essas reflexões de Barbier (2000, 2003) sobre o formador, o formador de adultos, a postura do educador, o educador e o professor, o educador e o pesquisador-científico e o educador-pesquisador evidenciam a complexidade dessas figuras que atuam na sociedade, dentro e fora de instituições formais de ensino,

regidas por um sistema educativo.

O que fica cada vez mais claro é a necessidade premente de se repensar a formação desses sujeitos-formadores. Essa formação demanda uma abordagem que contemple cada uma dessas posturas, o que conduz à evidência de uma formação multirreferencial, transdisciplinar e transpessoal que atenda às necessidades dos formadores e educadores e igualmente às dos sujeitos-aprendentes (formantes – sendo formados).

### **Propostas atuais sobre a educação: contribuição à educação de adultos**

Henri Vaugrand (2004, p. 9), no prefácio do livro de Jacques Ardoino (2004), enfatiza a ação incessante e o trabalho desse pensador da educação na constituição da abordagem multirreferencial, que ressalta estar no centro de seu olhar sobre o fenômeno educativo tomado como educação ao longo de toda a vida. Essa é a mesma visão considerada ao longo do delineamento da trajetória deste estudo.

Na sua perspectiva, salienta que Ardoino como igualmente Lapassade pensam que o desenvolvimento humano é, em parte, uma maturação pessoal, “uma entrada naquilo que se torna mais interior, no que o constitui”. Ressalta, ainda, que em Jacques Ardoino as concepções educativas são muito freqüentemente pensadas como as bases da mudança do homem. Por esse motivo, considera que a sua obra é fundamental, em virtude da sua capacidade de considerar as condições reais e as contradições do desenvolvimento de nossa sociedade e de fazer emergir uma abordagem refletida e reflexiva de todos os ângulos do fenômeno educativo, articulando desta forma uma reflexão dialética que situa o indivíduo nos três momentos que são o universal, o particular e o singular. Por estar de acordo com suas reflexões e análises bem como por considerar as suas contribuições muito importantes no desenvolvimento desta investigação e das que se seguirão a esta, são evidenciados os aspectos angulares do seu pensamento.

Por meio do levantamento de questionamentos ao longo de sua reflexão, Ardoino (2004) vai salientando as causas dos problemas e as possíveis respostas a elas. Nesse sentido, a formação e o aperfeiçoamento tornaram-se ao longo dos últimos anos um fato social. Assim, considera que tal proliferação de ações de

formação é um sintoma social perfeitamente característico da atualidade e deve-se, então, procurar o que ele encobre. Em outras palavras, salienta que se trata de questionar de quais necessidades esse sintoma é a expressão, pois o considera, em síntese, como uma moda que não será mais do que uma manifestação aberrante.

No que concerne o saber, o saber-fazer e o saber-ser, Ardoino (2004) ressalta que o irracional, o “não lógico”, os aspectos afetivos, emocionais e sentimentais, que considera eventualmente como o substrato inconsciente do pensamento, têm um lugar importante na situação de trabalho e se misturam intimamente às estruturas intelectuais e racionais. No entanto, acrescenta que, na prática, a formação que os sujeitos receberam privilegiava os aspectos lógicos e racionais e, assim, obedecem freqüentemente sem se darem conta, a modelos estratégicos, lógicos e racionais.

No que se refere ao plano de formação e de aperfeiçoamento humanos, questiona se é necessário mudá-lo e pergunta o que deve ser, então, mudado em nós mesmos. Ressalta que chegou à idéia de uma modificação em profundidade, de uma evolução das atitudes, interrogando a personalidade no seu total e não somente o jogo dos automatismos (saber-fazer), as estruturas ou o conteúdo do intelecto (saber). Considera que as idéias devem evoluir, os reflexos devem ser adaptados, mas acrescenta que tudo isso depende ainda das atitudes profundas, da natureza das relações com o outro (“ser” ou “ter”), dos preconceitos, das crenças, dos sistemas de valores, das representações sociais, da visão do mundo (representada e em ação).

Nesse sentido, Ardoino (2004, p. 82-92) expõe algumas reflexões sobre o que considera que deveria estar presente na passagem da formação à educação. Ressalta que pode ser observado ao longo da experiência escolar e universitária que a formação e o aperfeiçoamento são mais freqüentemente sinônimos de instrução e aprendizagem. Dessa forma, salienta que **atualmente, forma-se, instrui-se, ensina-se, mas não se educa realmente**. Salienta, ainda, que a civilização atual ilustra bem esse estado de coisas por uma convergência de sintomas alarmantes, mas considera que o mais alarmante é a atrofia do sentido das responsabilidades.

No que concerne à **formação**, observa que **o objetivo explícito** da maior parte das ações de formação é, efetivamente, **a aquisição de uma técnica, de um “saber-fazer”, incluindo numerosas “formações” contemporâneas em**

“relações humanas” ou em “relações públicas”. Nessa reflexão, ressalta que quando os Gregos falavam de “formação infantil” tratava-se antes de mais nada, essencialmente, da formação moral. Assim, salienta que as escolas de hoje ainda oferecem um saber que se relaciona muito insuficientemente com a vida tal como ela se apresenta aos cidadãos.

Dessas reflexões, emerge a necessidade de mudanças, de transformações, de alterações. Assim, esse pesquisador ressalta que toda ação do outro não é necessariamente reificante. Assim, no estudo da etimologia da palavra alteração evidencia que ela não é uma alienação. Considera que **no fenômeno de alteração do ser humano, este se torna um outro sem deixar de ser si mesmo**, pois em nenhum momento torna-se o outro que faz do sujeito um outro. Expressa verdadeiramente que não existiriam contatos humanos sem alteração (alteração, do latim *alterare* – de alter, outro – e do latim medieval *alterario* – que significa “mudança”) - (p. 91-92).

No que se refere à educação e à maturação, ressalta que **a instrução, o ensino, a aprendizagem permitem somente o estabelecimento de relações de conhecimento, de técnica, de exterioridade e não de compreensão com o outro**. Assim, salienta que se vive em um espaço mais do que no tempo e ignora-se o espaço-tempo. Por esse motivo, considera que há um plano no qual o ser humano não amadurece facilmente, pois nada ajuda nesse processo. Evidencia, assim, que até esse é o plano das relações (p. 93).

Além disso, quando evidencia que a função educativa não é mais suficientemente assumida no universo atual dos sujeitos, expressa que essa realidade se verifica em todos os níveis. Dessa forma, juntando-se à voz de Hermut von Glasenapp, salienta que **a educação não tem somente por objeto essencial transmitir conhecimentos**. Enfatiza que **ela deve também formar uma personalidade moral e permitir que as aptidões e faculdades do indivíduo atinjam uma perfeita expressão**. Isto é, ela deve permitir que ele se realize plenamente, no sentido mais amplo e mais verdadeiro do termo. A educação não deve então parar em uma certa idade, uma vez concluído os estudos, mas deve seguir ao longo de toda a vida. Considera que as reflexões evidenciadas podem conduzir à análise mais profunda do conceito de educação. Salienta que nisto se encontra provavelmente a chave dos principais problemas que foram abordados até aqui (p. 94-95).

No desenrolar de sua análise, se reporta à definição de educação contida no dicionário da língua francesa, o *Littré*. Assim, salienta que ela é definida como “o conjunto das qualidades intelectuais ou manuais que se adquirem e das qualidades morais que se desenvolvem”. Por outro lado, verifica que “a instrução é relativa ao espírito e pode ser compreendida como os conhecimentos que se adquirem e pelos quais se torna hábil e instruído”, e que **a educação “é relativa ao mesmo tempo ao coração e ao espírito e que compreende tanto os conhecimentos que se faz adquirir, quanto das diretrizes morais que se dá aos sentimentos”** (p. 97).

A partir dessas definições, evidencia que essas são extremamente discretas no que concerne à finalidade da ação educativa. Por esse motivo, retorna à questão para saber para quem ou por que, finalmente, essa ação educativa acontece. Destaca que se for analisado o que a maior parte das definições da educação exprimem implicitamente, ou quando se refere a alguns autores mais explícitos, deve-se reconhecer que, segundo as épocas e os sistemas, a ação educativa se situa sempre em algum lugar sobre o eixo cujos dois pólos seriam “a realização da pessoa com a atualização das suas tendências e a adaptação à sociedade” (p. 98).

Assim, considera que **a educação poderia ser definida como:**

uma ação exercida, em um contexto social dado, pelos representantes autorizados dessa sociedade, tendo em vista a adaptação otimizada dos indivíduos, ao mesmo tempo sujeitos e objetos de uma tal ação, a essa sociedade, ou às mudanças sociais decorrentes de sua própria evolução: adaptação, interessando tanto os conhecimentos e os princípios bem como a práxis, o mundo dos valores, não só aquele da ação cotidiana, que deveria permitir ao indivíduo assumir efetivamente seu lugar (status, papel, funções) nessa sociedade, realizando-se por isto. (ARDOINO, 2004, p. 99)

Além disso, salienta que a educação pode ainda ser definida como “o conjunto dos meios e das disciplinas pelas quais se esforça para fazer passar os alunos ou os estudantes da infância à idade adulta”. Enfatiza que esta definição apresenta a vantagem notável de concordar tanto com a finalidade de adaptação social (pois é na sociedade que se é adulto) quanto àquela da realização pessoal (pois é em si e por si mesmo – ao mesmo tempo que para os outros – que se amadurece).

Enfatiza, esse pesquisador, que com essas reflexões quer somente salientar que descartando os aspectos antiquados da pedagogia inacioniana repudiou-

se igualmente a alma de toda educação: **o amor**, isto é “a importância de um conhecimento por simpatia e conaturalidade”. Acrescenta, assim, que **sem esse sentimento nenhum conhecimento é possível** (p. 107).

Esta sua reflexão reforça o que já foi explicitado em pesquisa anterior (AVENA, 2002a, 2006a) e que está igualmente presente nesta investigação: lacunas afetivas e emocionais na formação dos sujeitos, que se relacionam diretamente com esse aspecto enfatizado por Ardoino (2004).

Nesse contexto, interroga-se como “essa relação educativa essencial” poderia ser preenchida no contexto familiar ou escolar contemporâneos e quais chances subsistirão de uma maturação autêntica e da existência no indivíduo de uma capacidade de assumir todos os problemas postos pela existência.

Na sua visão, uma resposta seria a especialização e como conseqüência, o número de professores da qual depende a formação de um aluno ao longo de sua vida escolar e universitária trazem alguns elementos de resposta. Na sua perspectiva, o número excessivo de alunos e estudantes, que devem ser enfrentados com meios escolares doravante ridiculamente desproporcionais, acresceria ainda mais pessimismo a essa realidade. Além disso, considera que ainda há algo mais grave do que isso. Ressalta que **há uma falta de intenção educativa fundamental em muitos mestres e professores e nas estruturas sociais**, institucionalizando, de uma certa maneira, esse abandono, conduzindo à necessidade de procurar uma resposta mais definitiva. Assim, considera que o medo e a recusa de assumir “a relação educativa fundamental” constituem talvez uma das características contemporâneas e a fonte dessa irresponsabilidade.

Ardoino (2004, p. 109) enfatiza que a educação supõe uma relação *inevitável* e que é desejável que seja tão sadia quanto possível, mas contrariamente às visões de Alain, jamais *indiferente*, pois ela é um engajamento de ambas as partes *ela é um co-engajamento para alguma coisa*. Acrescenta, que no nível do ensino que mudou para estar de acordo com as realidades da evolução, **o mestre seria**, referindo-se a Gilles Ferry, o “**mediador do saber**”.

Dessa forma, esse pensador salienta que, segundo os ângulos sob os quais se considera, a sociedade parece ter se tornado, tanto a-educativa, isto é, confundindo a instrução e a educação, quanto paradoxalmente anti-educativa, ou seja, menosprezando esse aspecto essencial da educação, feita tanto, senão mais, para aqueles que forma e que farão o mundo do futuro, quanto para aqueles que a



exercem e as estruturas e as tradições que desejam perenizar.

Além disso, considera que “o paradoxo sobre o educador” está talvez nisso: *ele retira o seu ser da sua função de fazer ser ou, melhor ainda, de ajudar a ser mais*. Acrescenta que se o educador compreende bem o seu papel e sua missão, ele é verdadeiramente (ARDOINO, 2004, p. 110).

Ressalta que de fato, o educador terá sido útil somente quando ele tiver conseguido ser inútil, pois isso será o sinal de sua dupla vitória, tanto sobre si mesmo quanto sob o olhar daquele que ele formava (p. 111).

Nesse ponto, esse pensador considera importante enfatizar que “a maturação pessoal não é jamais completada, a maturidade não é jamais atingida”. Considera que ela deve ser sempre perseguida e conquistada, talvez até refeita. Dessa forma, salienta que ela não constitui um estado estável, uma propriedade definitivamente adquirida, mesmo nos casos mais favoráveis. Acrescenta que é essencialmente dinâmica, *não somente estendida aos modelos constituídos, dentro e pela cultura que as impõe, mas ainda animada por uma intenção constituinte aberta a novos modelos, sempre a ser inventados* (p. 111).

Esse pensador conclui essa reflexão ressaltando que a educação dependeria ainda, no educador, (e no chefe) dessa disposição essencial: *saber fazer ser* (sabendo se apagar), ou, segundo a palavra remarcável de Goethe: “Deixar ser” (p. 113).

No que concerne à educação e às iniciações como mediações, salienta que o adulto contemporâneo não tem somente que assumir seu passado e seu presente, nos quais ele se completaria, mas ainda prever seu futuro e construir seu devir. Ressalta que nesse ponto, ainda mais uma vez, o passado e o futuro, a tradição e a evolução, se encontram e se confundem (p. 115).

Além disso, evidencia que na medida em que, mais do que nos tempos antigos, o desenvolvimento pessoal é função igualmente do desenvolvimento social geral, o adulto contemporâneo deve ainda assumir o que não é ele, o que é “outro”, o que lhe é estranho. Considera, nesse ponto, que as nações modernas tomaram finalmente consciência que o seu progresso ou a sua manutenção é daqui por diante função dos países em via de desenvolvimento, que não há mais isolacionismo ou autonomia possíveis e que existe uma relação de fato entre cada uma delas e o resto do mundo. Evidencia, igualmente, que, em último caso, na conjuntura atual, ser adulto sozinho, e ciumento desta superioridade, constituiria mais um sinal de

infantilismo do que uma marca de maturidade.

Considera, ainda, que no mundo atual, toda a definição de humanidade está em mudança e o grupo de pessoas que devem ser educadas, na educação das quais é necessário pensar, compreende a totalidade dos habitantes desse planeta. Evidencia-se, assim, a grande responsabilidade que os educadores têm em suas mãos.

Conduzindo o seu pensamento para a análise do problema em uma escala civilizatória, evidencia igualmente que a função educativa não é mais preenchida de forma suficiente no nível familiar e enfatiza que, na sua forma atual, a escola não é mais capaz de enfrentar, quantitativamente e qualitativamente, as necessidades as mais tradicionais, conjugadas com aquelas nascidas da evolução. Nesse sentido, referindo-se a Roger Gal, considera que a “explosão escolar” não está ainda efetivamente controlada. Acrescenta que a pedagogia moderna tem ainda o que inventar e os indivíduos devem redescobrir que a adaptação da educação à evolução da vida, do saber e dos bens culturais novos, “é uma coisa jamais concluída e que deve ser feita sistematicamente, em particular em uma época em que o ritmo das transformações se precipita como nos dias atuais”. Assim, esse pensador considera que sem esta renovação perpétua, a educação, forçosamente se esclerosa e, em vez de ajudar a humanidade a ultrapassar as etapas de sua difícil ascensão, ela a obstrui fazendo com que se torne pesada a sua marcha. Nesse contexto, a educação faz da tradição mal compreendida uma força morta em vez dessa força viva que daria ao ser humano os meios de resolver, não os problemas do passado, mas aqueles de seu tempo, isto é, do futuro. Isso, porque “a criança de hoje é o homem de amanhã” (ARDOINO, 2004, p. 137-149).

Ardoino (2004, p. 138) salienta que se esta educação de amanhã é permanente, será aquela dos adultos bem como aquela das crianças. Nessa perspectiva, considera que há, então, dois fundamentos na educação de adultos a serem abordados: as lacunas dos sistemas educativos passados e presentes que legam aos seres humanos cuja educação sempre deve ser refeita; e as necessidades da evolução atual.

No que concerne às **técnicas** e, mais amplamente, aos **meios educativos**, considera que **deverão simultaneamente exercer uma ação em três níveis: a procura de um crescimento do saber; uma melhoria do saber-fazer e de uma maturação do saber-ser**. É necessário exercitar tudo ao mesmo tempo, o

intelecto, os reflexos e os hábitos e ajudar a afetividade e a personalidade profunda, a amadurecerem. Além disso, considera que é necessário ao mesmo tempo tentar acertar no ajuste em relação aquilo que é (modelo) e deixar intacta a possibilidade de adaptar-se aquilo que ainda não é (aptidão em se ajustar) (ARDOINO, 2004, p. 142).

Referindo-se à Malasekera, ressalta que **a educação é essencialmente a aprendizagem da arte de viver**; ela faz aprender a colocar ordem nas responsabilidades, preocupações e atividades, de modo que tudo esteja no seu lugar.

Nesse ponto de sua reflexão, evidencia uma série de questões a propósito da maioria das ações de formação e de aperfeiçoamento humanos. Interroga se essas não exprimiriam a mesma ambigüidade que aquela verificada mais geralmente por meio da análise da inércia. Além disso, questiona se o “objeto da formação” não é em si mesmo considerado passivo e se seu mundo não está fechado. Além disso, pergunta se quando é analisada a sua resistência à mudança, esta é explicada postulando uma inércia fundamental, ou o “objeto da formação” é suposto ativo, provido de um dinamismo interno e determinado, não somente pelo jogo das influências exteriores, mas ainda pela atividade de suas próprias estruturas, além da possibilidade de modificar essas últimas por meio de seu “projeto”. Além disso, interroga se o “objeto da formação” é estimado como apto a mudar, por seu próprio movimento quando se encontra em condições favoráveis a essa evolução (p. 148).

Continuando suas questões, interroga se o “objeto da formação” é considerado como relativamente inerte por sua própria natureza. Além disso, pergunta se a perda progressiva da espontaneidade e da plasticidade do vivente, de certo modo por “esclerose”, pelo jogo das reações passionais e pelo efeito das resistências que disso resultam, ocorreriam em virtude de uma má vontade de princípio, por ignorância ou insuficiência de inteligência, pelo jogo de uma extra-determinação. Nesse sentido, levanta a sua última questão, evidenciando que nessas condições, trata-se, formando-o ou aperfeiçoando-o, de forçar sua natureza ou procurar-se-á ao contrário fazê-lo reencontrar sua disponibilidade, sua capacidade à mudança (se lhe emprestam uma) ajudando-o a desfazer por si mesmo os seus problemas (p. 148-149).

Assim, considera que é possível perceber a importância que o fato de

responder a estas questões, após tê-las efetivamente levantado, bem como a natureza das respostas, pode servir de base para determinar em seguida tanto os pontos sobre os quais será feita a formação quanto o estilo de formação e o seu conteúdo. Após o desenrolar dessas reflexões, evidencia alguns elementos para uma estratégia de formação. Nesse pensamento, analisa duas dimensões: aquela da formação profissional e aquela da educação geral (ARDOINO, 2004, p. 151).

Na análise da formação profissional, inicia a reflexão questionando qual é a representação de homem que se quer instruir, formar e educar, o que ele é para nós, o que queremos fazer dele, em virtude de quais direitos, em relação a que princípios, em relação à que normas e considerando qual evolução. Ressalta, assim, que após responder e definir estas questões pode-se iniciar a pensar na elaboração de um projeto (p. 151).

Assim, salienta que se torna desejável que haja uma cooperação no nível da elaboração dos programas, antes talvez de uma colaboração no nível da formação, entre os que têm nas mãos a responsabilidade e aqueles que têm por objetivo recebê-la ou tomá-la (p. 152).

Dessa forma, considera que uma ação de formação deve, para significar realmente alguma coisa, ter satisfeito um certo número de condições prévias e ter refletido explicitamente nos seguintes aspectos: primeiramente, a definição precisa dos objetivos, imediatos e mais fundamentais por meio de questões (O que se quer? Por quê? Até onde se quer chegar? Trata-se de instruir, “condicionar”, educar ou todos os três?); em segundo lugar, ter identificado e reconhecido as necessidades que a ação de formação se esforçará em responder; em terceiro lugar, ter planejado a ação de formação, por meio do estabelecimento de um plano de formação que considere as necessidades qualitativas e quantitativas, os objetivos esperados a curto, médio e longo prazos e os meios de que se dispõe; em quinto lugar, ter integrado a política e o plano de formação e de aperfeiçoamento no seio de uma política geral compatível com tal esforço; em seguida, ter determinado os meios de tal ação em função das considerações precedentes; e, por fim, ter previsto um dispositivo de avaliação (p. 153).

No que concerne à dimensão da educação geral, esse pensador da educação evidencia que sempre foi observado, desde a publicação da primeira edição de seu livro em 1963, que o seu estudo, sobretudo crítico, não continha sugestões práticas e que não propunha um programa. Enfatiza que esse não era e

continua não sendo o seu objeto. O que, efetivamente é consiste em destacar elementos para propiciar uma contribuição a uma nova pedagogia (p. 163).

Dessa forma, na conclusão de suas reflexões, Ardoino (2004, p. 165-169) salienta que foi evidenciado que as ações de formação e de aperfeiçoamento para as relações humanas tornam-se cada vez mais numerosas, sistemáticas e permanentes nas organizações industriais, comerciais ou administrativas ao longo dos últimos anos.

Além disso, faz algumas outras considerações. Primeiramente, salienta que a função mais usual da formação e do aperfeiçoamento que surge é o investimento intelectual mínimo em vista de um melhor ajuste ao posto de trabalho. Em segundo lugar, surge o aspecto humano, o mais específico de tal formação, visto que a formação e o aperfeiçoamento tornaram-se sinônimos de transformações, talvez de mutação, pois a educação permanente e a educação dos adultos aparecem cada vez mais necessárias. Em terceiro lugar, dessas considerações ressalta que podem ser deduzidos alguns elementos para uma estratégia de formação de aperfeiçoamento humanos por meio: da determinação de uma política e dos objetivos de formação; do diagnóstico e análise das necessidades; do planejamento e da programação; da sua integração no seio de uma política geral; da escolha dos meios; e da criação de um dispositivo de avaliação. Enfatiza que ao contrário da opinião geral, a formação implica, além das qualidades próprias do educador, em uma alta técnica e em precauções metodológicas bastante rigorosas. Por último, observa que paralelamente a esta análise dos problemas levantados pelas exigências contemporâneas da formação e do aperfeiçoamento humanos e da educação de adultos nas empresas e as transformações profundas enfrentadas pela sociedade moderna, estes elementos conduzem à necessidade de questionar as formas atuais de educação, ou os substitutos a estas, e de se repensar os seus fins. Enfatiza que ainda não se sabe elaborar uma educação que responda às exigências, às necessidades, à psicologia e ao “caráter social” do ser humano moderno e às dimensões do tempo atual. No contexto de uma “previsão”, enfatiza que os valores que poderiam fundamentar uma tal ação precisam ainda ser destacados. Salienta que tanto as noções tradicionais de adulto, de infância e de maturidade quanto os seus equivalentes ou seus substitutos devem ser repensados. Nesse ponto, questiona como será feito e como se faz hoje a “entrada na vida” e a “entrada na sociedade”. Além disso, interroga como poderá ser efetuada, na

sociedade do futuro, a função de mediação para a inserção social e a adaptação pessoal. Considera que essas questões continuam presentes nas reflexões da família e da escola do futuro e mais geralmente nas reflexões de todos os membros de uma sociedade ainda preocupada com o seu futuro. Acrescenta, ainda, que independentemente de seu caráter prático incontestável, estas questões possibilitam situar-se nos confins comuns e, no entanto aparentemente contraditórios da ontologia tradicional e do existencialismo moderno. Enfatiza que por meio destas considerações sobre a formação e o aperfeiçoamento humanos é possível evidenciar o grande e dramático problema desse século: o de uma educação sob medida (ARDOINO, 2004, p. 167-168).

Na sua consideração final, Ardoino (2004, p. 168-169) ressalta que tudo acontece talvez como se, apesar das sobrevivências, sempre majoritárias, do mecanismo e das resistências à evolução, a despeito das tentações manipuladoras e até no fundo das práticas sofisticadas que são somente imposturas, assiste-se hoje em dia, por meio de concepções e de realizações, sem dúvida ainda minoritárias, mas já mais evoluídas qualitativamente do que as precedentes, à *renascença de um humanismo autêntico*. Nesse sentido, levanta uma última questão: “não estaria o homem reconquistando simultaneamente sua dignidade própria e sua superioridade sobre a matéria reinventando sua transcendência?”. Em resposta a ela, considera que as transformações da formação e do aperfeiçoamento para as relações humanas, nas organizações modernas e, de forma mais geral, os problemas da educação, postos na sociedade contemporânea, aparecem sintomaticamente de tal aspiração tanto dos esforços em vista de realizá-la quanto do estado ainda embrionário de tais posicionamentos.

Assim, após destacar as linhas fundamentais das análises de Jacques Ardoino (2004), na continuação dessa trajetória, direciona-se a reflexão para a necessidade de um novo profissionalismo do formador, do educador.

### **Na direção de um novo profissionalismo do professor**

Nos seus estudos, o professor Geoff Whitty<sup>173</sup> enfatiza a importância da

---

173

Diretor do Instituto de Educação da Universidade de Londres. Proferiu palestra de

formação do professor e da sua profissionalização. Nesse cenário, o foco central da conferência como um todo foi a análise sobre os contextos variáveis que os professores enfrentam, como podem ser melhor instrumentalizados para trabalhar efetivamente em si mesmos e como também podem ser ajudados a formarem-se. Ressalta que o Instituto de Educação – IOE – está comprometido, por sua missão, em fazer uma contribuição positiva ao desenvolvimento dos indivíduos, instituições e sociedades que enfrentam os desafios da mudança.

Na sua palestra, deu enfoque especial a alguns dos desafios da mudança que está à frente de todos na educação do professor e como os formadores de professores e investigadores em educação poderiam responder a esses desafios.

Em termos do futuro do profissionalismo do professor, suas reflexões destacam a necessidade de se repensar o “projeto profissional” de uma maneira mais radical como a natureza da educação e as mudanças da sociedade. Em vez de ver a definição de profissionalismo do professor como uma luta constante entre os governos e professores, considera que é preciso desenvolver aproximações que não só relacionem as aspirações legítimas da profissão e do governo, mas também os da sociedade – incluindo os grupos que não foram bem atendidos até aqui tanto pela profissão quanto pelo Estado.

Assim, salienta que é necessária seguramente uma mudança na abordagem do processo decisório educacional no qual todos os parceiros legítimos tenham voz: o Estado, as escolas, as universidades, as associações de professores, os estudantes, os pais, as comunidades locais e outros grupos da sociedade civil. Dessa forma, ressalta que isso requer um modelo de profissionalismo do professor que denomina de “profissionalismo democrático”. (WHITTY, 2002, 2006).

Na sua visão, um profissionalismo democrático encoraja o desenvolvimento de culturas colaborativas no sentido mais amplo. Reconhece as responsabilidades de um professor além da sala de aula – incluindo contribuições à escola, aos outros estudantes e ao sistema educacional – como também reconhece as responsabilidades coletivas dos professores para uma agenda social mais ampla. Considera que a noção de Sachs de uma “identidade ativa” para professores vai de algum modo nessa direção. Sua atividade profissional trabalha coletivamente em direção aos fins estratégicos e opera na base de redes em desenvolvimento e

alianças. Essas alianças não são estáticas, mas se formam e se reformam por meio de assuntos e preocupações diferentes. Os profissionais assumem, assim, a responsabilidade pelo próprio caminhar da sua aprendizagem e trabalham em comunidades de práticas múltiplas que se desenvolvem em contextos maiores – histórico, social, institucional (SACHS, 2003 *apud* WHITTY, 2006)

Assim, ressalta que essa abordagem tem implicações óbvias nos modos em que os professores são preparados para a profissão. Além disso, observa que adicionando simplesmente novas competências e treinamento, isto não pode em si mesmo apoiar o desenvolvimento de um profissionalismo democrático. Nesse sentido, evidencia qual poderia ser o papel particular das Universidades desenvolvendo um modelo de profissionalismo e uma formação do professor para esse novo profissionalismo. Considera que enquanto é importante que os professores aprendam sobre o que funciona e, realmente, desenvolvam as suas próprias teorias práticas, acrescenta que tal abordagem tem limitações consideráveis

Assim, enfatiza que o ensino deve ser considerado como uma profissão reflexiva e baseada em pesquisa, pois sua visão é que a profissão como um todo deveria ser baseada em pesquisa e essa é uma das razões pela qual o papel das Universidades na educação de professores precisa ser defendido.

Enfatiza, assim, que os educadores profissionais não precisam somente saber “o que funciona” em educação, eles precisam também entender por que algo funciona e, igualmente importante, por que funciona em alguns contextos e não em outros. E, argumenta ainda, que eles também deveriam esperar ter oportunidades para considerar se a atividade é um empenho que vale a pena em primeiro lugar.

Na sua perspectiva, esses são aspectos cruciais da formação profissional dos professores que o ensino superior precisa apoiar, tanto na formação inicial quanto no desenvolvimento profissional contínuo. Ressalta que se é exigido dos profissionais fazer julgamentos e adaptarem-se a circunstâncias em mudança, eles precisarão ser introduzidos a essa forma mais ampla de formação profissional.

Considera que os membros da profissão docente precisam alterar a sua visão de que são “as vítimas da mudança” para aquele de que são verdadeiramente “os agentes da mudança” e crê que isso se aplica igualmente aos formadores de formadores. Se os professores devem responder positivamente aos desafios da mudança social e educacional, a formação de professores precisará oferecer uma



preparação que transcenda tanto o modelo tradicional de profissionalismo quanto a versão de profissionalismo gerencial.

Em resumo, na sua visão, é preciso dirigir a formação do professor para um profissionalismo democrático, que necessariamente envolva o desenvolvimento de um modo de formação profissional que vá bem além de um conhecimento “que funciona” em turmas específicas para abraçar o conceito de ensinar para uma sociedade justa (GALE; DESNMORE, 2000, 2003 *apud* WHITTY, 2006).

Dessa forma, chega-se a esse ponto da trajetória evidenciando-se a importância de ser repensada a formação de formadores-educadores-professores-pesquisadores em todos os campos do saber.

Considerando, assim, que este estudo tem seu foco específico no campo das viagens, do turismo e do acolhimento, esse itinerário prossegue no seu curso ressaltado a necessidade premente de formação docente nesse campo específico.

## **A formação de professores no campo das viagens e do turismo**

### **Alguns antecedentes**

Nas três últimas décadas de experiência profissional e pessoal no campo em estudo, foi identificado que há várias lacunas na educação geral e específica dos sujeitos que trabalham ou que se preparam para trabalhar no Sistema de Turismo. Isso ocorre freqüentemente e esse fato parece originar-se nas lacunas encontradas nas estruturas curriculares da formação dos sujeitos que deveriam desenvolver competências, habilidades e conhecimento cognitivo e afetivo. Essa é a razão fundamental que me tem motivado em pesquisar a interface da educação com as viagens, o turismo e o acolhimento (AVENA, 2002a, 2006a).

Assim, são apresentados a seguir alguns aspectos da evolução das viagens, do turismo, do acolhimento e da educação em turismo guiando ao entendimento da grande importância da formação de professores para esse campo no Brasil e em outros países considerando a necessidade de um equilíbrio entre conhecimentos técnicos e pedagógicos. Assim, essa reflexão está organizada em três etapas: a primeira ressalta a evolução das atividades das viagens, do turismo, do acolhimento e a necessidade de formação em todos os níveis; a segunda

evidencia o delineamento do perfil dos cursos e dos professores no campo das viagens e do turismo; a terceira salienta o diagnóstico do perfil dos professores nesses campos.

### **Evolução das atividades das viagens e do turismo e a necessidade de formação profissional**

O desenvolvimento da atividade turística no Brasil tem aumentado continuamente nas últimas décadas e somente nos anos 70 foram criados os primeiros cursos superiores nessa área. Dessa forma, é apresentada uma síntese desse desenvolvimento fazendo conexões entre as viagens, o turismo e a educação, ressaltando a necessidade de formação docente.

O II Seminário Latino-Americano da AMFORTH ocorrido em São Paulo, em 1990, na Universidade de São Paulo, teve como tema central *O Turismo: o grande desafio dos anos 90*. Durante esse seminário, o professor Miguel Angel Acerenza da Universidade do México apresentou uma conferência sobre o Turismo, sua dinâmica latino-americana e suas limitações na área de recursos humanos. Foi feita uma síntese das características do turismo ao longo do século XX explanando que até os anos 60 o turismo era essencialmente baseado no tipo residencial (segunda residência).

Essa pesquisa evidenciou, segundo Acerenza (1991, p. 12-13) que nos anos 20 surgiram grandes hotéis com cassinos e pequenos hotéis gerenciados por famílias e esses eram orientados para a oferta de serviços básicos. Nesse período a demanda por profissionais especializados era muito pequena e a oferta de qualificação pelos centros de formação profissional se centrava na preparação de pessoal para os serviços básicos e não para o desenvolvimento de pessoal especializado nos aspectos comercial, financeiro e gerencial.

Em seguida, salientou que nos anos 70 essa realidade inicia a mudar. Os países começaram a vislumbrar o turismo como um instrumento que poderia contribuir ao processo de desenvolvimento sócio-econômico e que o seu crescimento poderia responder, igualmente, a outros objetivos. Assim, o turismo passou de um perfil residencial para um itinerante baseado em uma exploração comercial em larga escala de serviços turísticos que necessitava de profissionais

qualificados em todas as áreas.

Além disso, nesse período algumas dificuldades foram superadas na oferta de profissionais qualificados nos níveis básicos, mas não nos níveis médio e superior, pois havia uma falta de programas de formação profissional adequados para esses níveis.

Mais adiante, ressaltou que nos anos 90, a grande problemática foi o desenvolvimento de grandes equipamentos turísticos e infra-estrutura e a baixa oferta de recursos humanos qualificados em todos os níveis e, especialmente, nos níveis gerenciais. Durante esse período, organizações financeiras internacionais impuseram contratos operacionais e gerenciais com operadores hoteleiros reconhecidos. Essa falta de recursos humanos ocorreu tanto na área hoteleira quanto nas agências de viagens. Estas são complexas e têm aspectos múltiplos nos negócios das viagens. Nessa década, os profissionais formados não tinham acesso aos organismos técnicos turísticos e de gerenciamento. Os cargos eram ocupados por profissionais de outras áreas sem uma formação específica em turismo.

Enfim, enfatizou que até os anos 90, os centros de formação profissional tinham entendido as necessidades do setor turístico e fizeram esforços para formar gerentes para os setores público e privado, mas a inadequação dos programas de formação oferecidos não proporcionou a realização dos resultados esperados.

Durante o seminário, o Sr. Márton Lengyel (1991, p. 19-20), à época coordenador geral do Centro Internacional de Formação Profissional em Turismo da Organização Mundial do Turismo, explanou sobre as tendências globais do turismo e sua dinâmica na América Latina. No seu ponto de vista, ressaltou que a América Latina tem recursos naturais e culturais diversificados, mesmo com a existência de três fatores desfavoráveis no início dos anos 90: instabilidade política; situação econômica; e distâncias geográficas.

Em sua opinião, a médio prazo, com a estabilidade política e sócio-econômica que estava acontecendo, poderia haver um progresso e crescimento nos benefícios do turismo internacional, mas esforços deveriam ainda ser feitos em várias áreas, especialmente no desenvolvimento de recursos humanos que deveria ser uma área prioritária no médio e longo prazos.

O Sr. Márton Lengyel apresentou essa análise baseado nas pesquisas da OMT para as Américas feita em 1986. Os resultados ainda hoje são de grande

interesse, pois mesmo com o esforço feito nos últimos vinte anos, o grande crescimento do fluxo turístico não foi acompanhado pelo crescimento do número de profissionais especializados para o turismo e a hospitalidade.

Esses estudos evidenciados por Lengyel (1991, p. 22) apontavam que:

havia necessidade de formação profissional em todos os sub-setores do turismo, pois os programas de formação oferecidos não são suficientes;

a formação inicial e a especialização eram ambas importantes;

foram identificados maiores necessidades na formação hoteleira;

seguiram os sub-setores de guiamento e operadores e somente alguns poucos países sinalizaram as atividades de animação;

no total dos sub-setores do turismo, 56% das necessidades de formação estavam no nível médio, 35% no nível básico e 9% no nível superior;

Na opinião dos organismos turísticos nacionais, as maiores limitações para satisfazer a formação profissional turística eram:

econômica (falta de recursos financeiros)

professores (falta de professores, equipamentos, infraestrutura, livros)

legal (falta de leis profissionais turísticas)

Os métodos de formação profissional para o turismo preferidos eram:

cursos especializados

o acesso a períodos de treinamento

a formação acelerada

Considerando esses resultados, a OMT “reconheceu a importância fundamental de satisfazer as necessidades de formação profissional para o desenvolvimento regional do turismo e insistiu na prioridade de formar professores”.

(p. 22)

Na realidade, o turismo sofre no mundo todo da falta de profissionais e na falta de programas adequados de formação profissional. Esta situação ocorre, pois o turismo representa um novo fenômeno na vida das Nações e não dispõe de estruturas bem estabelecidas tanto no nível de organização nacional quanto no nível da educação e da formação profissional. (LENGYEL, 1991, p. 22)

Em sua opinião, devido a isto, a OMT iniciou em 1987 uma nova política educacional e de formação em turismo com duplo objetivo: inspirar e ajudar os países membros a estabelecer um sistema de educação e formação em turismo baseado em uma estratégia nacional; e oferecer ajuda direta nos aspectos-chave da formação e educação.

Para Lengyel (1991, p. 24) o futuro do turismo é, em escala mundial, a mais importante atividade no setor de serviços e ele depende em grande parte da capacidade daqueles que trabalham no setor do turismo em **oferecer serviços de qualidade** e, ao mesmo tempo, **demonstrando, em relação aos turistas, um relacionamento caracterizado pela compreensão da dignidade humana**. Conseqüentemente, todos os países deveriam considerar o problema de substituir ou transformar a formação em serviço, que é ainda hoje predominante no turismo, por um sistema de formação e educação baseado em uma estratégia nacional e em uma concepção de educação em turismo.

Nesse seminário, Ruschmann (1991, p. 94), falou sobre a formação de professores e de gerentes na área de turismo, centrando no caso do Brasil. Em sua opinião, “grande parte dos empresários não compreenderam que a tecnologia e o gerenciamento deveriam ser os pilares das empresas turísticas e que a qualidade dos serviços baseada na capacidade profissional dos recursos humanos é a responsável pela classificação dos equipamentos e pela imagem dos produtos oferecidos”.

Além disso, devido a esta grande complexidade, salientou que o grande desafio para os diretores das faculdades e universidades é “encontrar professores que possam transmitir conhecimento específico, as experiências requeridas e que tenham didática para uma transmissão eficiente” (p. 94).

Essa pesquisadora ressaltou que os cursos superiores de turismo, considerando as suas estruturas curriculares, necessitam de dois tipos de professores: aqueles com formação e título tanto na área de ciências que possam ensinar as ciências básicas; quanto aqueles com experiência para ensinar os conhecimentos das disciplinas profissionais e técnicas (p. 95).

Considerando essa realidade, essa pesquisadora evidencia que muitos problemas ocorrem, tais como: os professores das disciplinas básicas não estabelecem a necessária relação entre as ciências e o turismo; os professores das áreas profissionais e técnicas, em geral, são profissionais bem sucedidos na área e

que são convidados pelas instituições educacionais para transmitir suas experiências [devido a isto, alguns problemas surgem: falta de título exigido por lei, que no caso do turismo, considerado uma área emergente, ainda permite a contratação de professores que tenham experiência notória no tema específico; o foco unilateral do objeto, devido ao foco do professor-profissional estar centrado em um tipo ou qualidade de equipamento, o que torna difícil uma análise do setor como um todo (visão global) e da realidade de outras companhias; a freqüente ausência desses professores às aulas, motivada por situações imprevistas que ocorrem nas empresas em que trabalham].

Além disso, os professores com dedicação exclusiva que estão centrados somente no ensino e na pesquisa, mesmo tendo um bom conhecimento do objeto de suas disciplinas e um título exigido por lei, algumas vezes não têm a necessária e fundamental experiência prática na área do turismo. Esse fato leva a uma formação teórica excessiva dos estudantes, o que acarreta prejuízo à sua atuação e, conseqüentemente, sua absorção pelo mercado do trabalho (p. 95-96). Por outro lado, no setor produtivo são encontrados excelentes e bem sucedidos profissionais e empresários que não possuem formação superior e quando as têm, são advogados, médicos, economistas, administradores, etc. (p. 96)

Ruschmann (1991, p. 97) considera que a necessidade de integração dos aspectos teóricos e práticos para a formação profissional no campo do turismo torna o trabalho das instituições educacionais extremamente complexo. Na sua perspectiva, a dificuldade em manter uma escola hoteleira dentro de um hotel ou de trazer uma companhia aérea ou uma agência de viagens para as escolas necessita ser superada por contratos especiais entre as instituições educacionais e as companhias turísticas que, integrando as suas atividades específicas, construirão a base para uma formação turística eficiente.

Essas evidências ressaltadas no início da década de 90 continuam atuais e por esse motivo foram salientadas aqui. No fim dessa mesma década, esses aspectos foram organicamente enfatizados pelo professor Fayos-Solá (1997) e por Viveros (1997). Apontavam na sua análise que a formação sofre em diversos aspectos de uma falta de conhecimento, de profundidade e de um distanciamento da realidade. Nesse sentido, a pesquisa em turismo deveria considerar o sentido e as estratégias do desenvolvimento regional, das destinações turísticas e do comportamento das companhias e dos clientes do turismo, integrando o turismo com

o meio-ambiente e com o desenvolvimento social.

Sobre a Formação em Turismo, o professor Fayos-Solá, organizador do livro *Capital Humano na Indústria Turística do Século XXI*, enfatiza que seria necessário reinventar o turismo – e fazê-lo rapidamente, pois a competência não chega somente do setor. Ressalta que um dos elementos a ser realizado é a identificação de como alcançar uma educação e uma formação turística de qualidade e eficiente, o que certamente ocupa uma posição-chave nas estratégias turísticas de visão. Essa é uma questão básica quando é proposto aqui o estudo das viagens, seus significados e contribuições às (trans)formações de si, como base para a proposta de uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento que possa estar presente nos programas de formação de professores e de profissionais desse campo.

Para Fayos-Solá (1997), é somente nos recursos humanos do turismo onde, no futuro, nós encontraremos as fontes profundas de criação de valor e de competitividade. Para esse autor, a educação e a formação na Nova Era do Turismo precisam prestar especial atenção aos aspectos mais criativos das profissões turísticas, em um contexto em que o capital humano será a maior fonte de valor agregado para as companhias turísticas e para as administrações públicas do século XXI.

Viveros (1997), no texto *Desafios para a formação de recursos humanos para o turismo: o caso do Chile*, enfatiza que há um novo paradigma para o ensino do turismo que reconhece a evolução acelerada verificada na demanda comportamental e, conseqüentemente, a obrigação das companhias em satisfazer essa expectativa. Viveros (1997) enfatiza, igualmente, alguns outros desafios para o setor educacional turístico: a necessidade de articular a oferta e a demanda educativa; a aplicação de padrões para avaliar a qualidade do ensino por meio de uma avaliação sistemática do processo educacional; a modernização dos métodos de ensino e a substituição de programas multi-propósito e muito diferentes nos seus conteúdos por programas orientados à satisfação das necessidades de uma atividade turística heterogênea; a formação profissional no ensino em turismo, freqüentemente afetada pela falta de especialistas que possam integrar a dupla condição de saber como fazer e de saber como ensinar; o aprofundamento do currículo dos centros de ensino que historicamente vinham integrando as disciplinas turísticas e hoteleiras somente como uma reação a uma crescente demanda. Hoje

em dia encontra-se um grande número de pessoas não absorvidas pelo mercado de trabalho devido a sua formação deficiente.

Além dessas evidências salientadas, no contexto educacional, a OMT, em artigo publicado em 2002, declarou que a educação tem uma papel-chave na nova era do turismo. Na opinião do Conselho Educacional da OMT, o paradigma do empresário do turismo está passando por importantes e aceleradas mudanças desde setembro de 2001. Nessa situação, a resposta passa, necessariamente, por um incremento no profissionalismo, um dos elementos-chave da realização competitiva e de qualidade. Isso somente pode acontecer com uma melhor formação, que possa atender às necessidades da atividade turística, dos Governos e da sociedade civil.

Nesse mesmo sentido, durante o histórico encontro do Conselho Executivo e do Conselho Educacional da OMT, em 2003, foi estabelecido um consenso sobre o papel do conhecimento no turismo. Esse encontro concluiu os seus trabalhos estabelecendo a educação, o treinamento e a pesquisa como papéis-chave na OMT. A importância da educação de qualidade, a criação e a difusão do conhecimento foram enfatizadas como fatores-chave na competitividade das destinações turísticas.

Nesse contexto, que evidencia a importância e a necessidade de se desenvolver a formação no campo das viagens e do turismo, salientada por especialistas e pela Organização Mundial do Turismo – OMT –, verifica-se a seguir a realidade brasileira.

### **Delineamento do perfil dos cursos e dos professores no campo das viagens, do turismo e do acolhimento no Brasil**

Mesmo com a grande necessidade de formar pessoas no Brasil, havia poucos cursos preparando profissionais para atuar tecnicamente nos equipamentos turísticos e hoteleiros entre as décadas de 70 e início da década de 90. Nos anos 70, a Universidade de São Paulo foi uma das primeiras Universidades de reputação internacional a criar o Curso de Turismo (C. FILHO, 2002, p. 124).

Uma indagação inicial que se faz é sobre quem eram, e ainda hoje são, as pessoas que vêm ensinando nesses cursos. São profissionais do turismo e da



hotelaria que foram convidados a ensinar, mas sem terem formação pedagógica. A maioria deles tem mais conhecimentos técnicos do que pedagógicos e o currículo dos cursos têm dado maior ênfase aos conhecimentos técnicos. Além disso, até 2002, não havia cursos que formassem professores para o turismo e a hotelaria. Assim, continuamos a formar somente profissionais com competências técnicas, mas que não sabem lidar com aspectos pedagógicos e emocionais.

Com o objetivo de entender melhor a evolução dos cursos superiores de turismo nas últimas três décadas e para ter uma visão estrutural dessa evolução e da realidade atual, Nascimento (2002) desenvolveu na Universidade de São Paulo uma pesquisa sobre esse objeto. Os resultados levam a ter uma melhor idéia de como estão estruturados os cursos e os programas de formação propostos no início do século XXI.

Nesse estudo, Nascimento (2002, p. 3) ressalta que um problema ainda enfrentado hoje em dia é encontrar bibliografia especializada sobre a pedagogia que se necessita na formação de bacharéis, técnicos e outros profissionais em turismo e hospitalidade. As pesquisas em turismo revelam uma grande produção em diversos aspectos, mas não apresentam caminhos pedagógicos que deveriam ser discutidos desde o início desses cursos, antecipando ou prevendo um suporte de base que os estudantes necessitam durante o seu processo de aprendizagem.

Esse pesquisador evidencia que após mais de trinta anos, quando o primeiro curso foi instalado no Brasil, o turismo brasileiro ainda sofre de muitas lacunas na definição do setor e sofre, igualmente, de indefinições nas propostas de uma clara formação de recursos humanos para responder ao desenvolvimento do turismo. Isso demonstra as fragilidades de todos os agentes que participam do processo. Assim, a formação de recursos humanos, sobretudo nas instituições de ensino formais, sofre de uma falta de investimento profissional e pedagógico e não respondem à realidade do desenvolvimento do setor.

Como resultado dessa análise, Nascimento (2002, p. 48) expõe que as pessoas responsáveis pelas diretrizes do ensino em turismo não têm conhecimento suficiente e sistemático, o que, conseqüentemente, não lhes permite consolidar estudos e métodos de pesquisa. Esse fato, até hoje, reflete-se na produção bibliográfica insuficiente que poderia ser um instrumento pedagógico utilizado pelas instituições de ensino superior.

Além disso, a conhecida falta de recursos financeiros nas organizações

oficiais está na base da falta de importância dada ao conhecimento teórico e da ausência de pesquisas científicas, levando a uma improvisação nas ações do setor. Na sua visão, esta falta de estímulo causa distorções que afetam a oferta turística e, conseqüentemente, as ações de planejamento na educação em turismo.

Para Nascimento (2002, p. 55), a integração do currículo é complexa. Mesmo com a presença de cursos de formação superior na maioria dos países turísticos, até hoje, não há um modelo didático e pedagógico de formação profissional definido e organizado, além de não terem sido definidas e aceitas especificações que justifiquem a desejada orientação de curso relacionada aos objetivos. Além disso, algumas das estruturas curriculares que foram avaliadas mostram a falta de articulação na organização do conhecimento.

Esse pesquisador enfatiza que no Brasil, existem mais de 300 cursos de turismo (até 2002) que estão regularmente oferecendo vagas e outros cursos aguardando autorização do Governo para funcionarem. Mas vários problemas ainda estão presentes nos cursos oferecidos. Alguns deles ainda não foram resolvidos e causam preocupação, pois estão relacionados principalmente às posturas didáticas nos cursos de graduação. No entanto, dentre eles, o mais importante é aquele relacionado à falta de professores titulados e à falta de especialistas para ministrar as disciplinas que são fundamentais para o sucesso desses cursos. A falta de professores que sejam bacharéis em turismo para ensinar disciplinas turísticas específicas é notória, considerando que o número de graduados que optaram por uma carreira acadêmica não responde ao grande número de mais de 300 cursos que precisam organizar suas necessidades de ensino. Além disso, devido a esse limitado número de professores especializados, muitas instituições designam as disciplinas profissionais e técnicas a profissionais de outras áreas que algumas vezes não têm conhecimento do universo turístico.

Ressalta, ainda, que o ensino de turismo demanda conhecimentos sólidos e atualizados relacionados a teorias e a métodos pedagógicos inovadores, além de permanente e indispensável atualização das correntes de pensamento recentes das respectivas disciplinas.

Na sua visão, no ensino em turismo é extremamente importante fazer um grande esforço no planejamento das matérias, prestando muita atenção à dinâmica da atividade e à complexidade do fenômeno turístico, o que demanda uma permanente adaptação e revisão dos modelos, que deveriam, preferencialmente, ser

adaptados às realidades locais e às características políticas, sócio-econômicas e do meio-ambiente.

Para Nascimento (2002, p 97), a formação acadêmica precisa ter o compromisso de uma ação pedagógica transformadora, que poderia mudar o modelo que vem sendo mantido por meio de uma proposta metodológica organizada que corresponda efetivamente às expectativas de consolidação dessas práticas nas instituições.

Assim, é de extrema importância discutir esse tema. O planejamento do ensino em turismo necessita de uma participação urgente dos responsáveis pelas disciplinas no delineamento de projetos pedagógicos que tenham substância e que ofereçam uma interação entre diferentes áreas do conhecimento. Isso porque o conhecimento não está dividido em compartimentos, mas é algo bem articulado em mútuo complemento. O princípio da totalidade deveria guiar a análise do setor e as conclusões individuais. (NASCIMENTO, 2002, p. 101-102)

### **Diagnóstico dos professores no campo das viagens e do turismo**

Em 2001, a professora Maria Cecília Damas Gaeta realizou uma investigação e apresentou um *Diagnóstico da atuação docente dos professores universitários em turismo e hotelaria: uma perspectiva de otimização*. Nessa pesquisa, as questões centrais eram: Que tipo de profissional esses cursos têm formado? Que tipo de profissional o mercado deseja? Os cursos têm oferecido formação técnica e bagagem cultural suficientes para a prática profissional total?

Na opinião dessa pesquisadora, o perfil dos que atuam nas atividades turísticas demanda profissionais mais preparados e eficientes que aliem tanto conhecimentos gerais quanto específicos. A atividade turística não é somente composta de planejamento e logística, mas é, igualmente, comunicação e participação humana. Assim, os recursos humanos são essenciais para o desenvolvimento dessa área.

Para essa pesquisadora a educação em turismo deveria estar intimamente ligada à educação geral e às suas teorias e práticas, pois a versatilidade e a flexibilidade são qualidades inerentes da prática turística, conseqüentemente, de seus cursos (GAETA, 2001, p. 17-18).

Outras questões levantadas são: Como os professores reagem à demanda? Qual é a qualificação necessária do professor para a prática pedagógica eficiente em turismo e hospitalidade? Que formação deveriam ter os professores? O que eles têm em comum com os professores de outras áreas? O que deveria ser específico? Quais são as expectativas dos outros profissionais desta área sobre a sua performance? Quais são as expectativas dos coordenadores? E a expectativa dos estudantes? Quais são as suas próprias expectativas sobre seu papel? Quais são as dificuldades encontradas para responder a estas expectativas? O que ele considera sobre as expectativas dos outros?

Na sua reflexão, essa pesquisadora realiza uma análise da profissão de professor, discutindo o papel do professor de uma forma geral, o papel do professor universitário e o do professor universitário em turismo e hospitalidade.

A sua análise evidencia que os professores deveriam estar conscientes sobre o caráter mutável do turismo e sobre a prioridade da permanente atualização da sua bagagem de conhecimento. Assim, a atividade de pesquisa deveria ocorrer em duas direções: aprofundamento e interação com outras disciplinas; e em duas dimensões, teórica e prática. Além disso, a dinâmica e as transformações das atividades turísticas demandam que o professor revise continuamente a teoria e a prática, pois o que é verdade hoje pode estar velho amanhã (p. 60-61). Nesse contexto, o que é prudente é que a teoria subsidie a prática, no sentido de promover a indução, a dedução, o pensamento profundo, a criatividade e as decisões dentre outros fatores, nas situações práticas profissionais. Segundo a pesquisadora, para aprender turismo, é necessário desenvolver habilidades na conciliação entre conhecimento e criatividade. Para ensinar turismo, então, supõe-se que o professor seja capaz de transmitir a suas classes o dinamismo profissional da área no seu dia-a-dia, o que demanda uma base teórica e uma interface com os equipamentos turísticos (p. 62).

Na formação de professores para o turismo e a hospitalidade, essa professora considera algumas dimensões propostas pela OMT. Essas dimensões mostram que o desenvolvimento profissional de professores deveria estar baseado em um caráter multidimensional. Ele requer um desenvolvimento pedagógico, um conhecimento e uma compreensão de si mesmo; desenvolvimento cognitivo, teórico, profissional e um desenvolvimento da carreira (p. 67-74).

Após fazer essa análise, enfatiza que a sua prática profissional vem

indicando que há uma grande dificuldade na formação de professores em cursos de graduação em turismo e hospitalidade na capital de São Paulo e que vários fatores contribuem para essa realidade (p. 75-76).

Na análise dos dados coletados, essa pesquisadora obteve resposta a várias das questões centrais feitas no início da pesquisa. A pesquisa evidenciou que o perfil dos professores universitários de turismo é um sério problema a ser enfrentado pelas instituições superiores de ensino que estão preocupadas com a qualidade de ensino. É enfatizado igualmente que a complexidade que envolve o trabalho dos professores universitários de turismo demanda um nível de formação profissional muito diferente daquele encontrado na realidade das instituições. Assim, em sua opinião, a adequada formação profissional requer a formação apropriada e a re-qualificação de professores no que concerne o ensino, a pesquisa e o gerenciamento.

Considerando as expectativas dos coordenadores e dos estudantes relativas ao professor, verificou uma coincidência de expectativas, tais como: os professores deveriam conhecer o turismo nos seus aspectos teóricos e práticos; saber o que ensinar e como ensinar.

Assim, no pensamento dessa pesquisadora, toda a análise e pensamento descrito ao longo de seu estudo levam à conclusão de que parte dos professores universitários de turismo e hospitalidade não é adequadamente preparada para assumir o papel demandado. Eles apresentam características de baixa especialização e uma visão individual do processo o que não é adequado para enfrentar os novos paradigmas do ensino e do turismo. Quando as instituições contratam profissionais do mercado, ou professores de outras áreas para atuarem no ensino universitário de turismo e hotelaria, sem oferecerem uma oportunidade adequada de preparação, elas provocam uma enorme perda de recursos humanos com a conseqüente desqualificação do processo de ensino-aprendizagem. É imperativo que um programa de desenvolvimento de professores para o turismo e a hospitalidade seja implementado, pois ter uma visão global da complexidade do processo propiciará somente cursos de reduzida abrangência e aplicabilidade pontual. O que é enfatizado pela pesquisadora é que oferecendo bibliografia isolada, ou ensinando modernas técnicas de ensino, ou encorajando a atualização na participação em congressos ou atividades similares fora do contexto da problemática da área, é efêmero e ineficiente. Em sua opinião, é necessário

promover o desenvolvimento profissional de professores em todas as suas dimensões: pedagógica, cognitiva e teórica, profissional e pessoal.

Dessa forma, ao avançar nesse itinerário é cada vez mais evidente a necessidade de se repensar a formação com uma visão ampliada do campo das viagens, do turismo e do acolhimento, mas, sobretudo, a formação dos formadores de profissionais que nele vão atuar. Nesse sentido, algumas reflexões já vêm sendo efetuadas nos últimos anos e resultaram na elaboração da primeira Licenciatura em Turismo à distância oferecida pela Universidade Aberta do Brasil – UAB<sup>174</sup> – por meio do Consórcio CEDERJ<sup>175</sup>. Essa formação tem o seu início previsto para o início do ano de 2009.

### **Licenciatura em turismo: uma possibilidade de futuro**

Nos estudos que resultaram na elaboração da Licenciatura em Turismo à distância, Catramby (2007, p. 01-09) ressalta que a qualidade dos serviços prestados está diretamente ligada à qualidade da formação de recursos humanos para o setor. Evidencia, a partir da análise da pesquisa de oferta e demanda desse campo, que a grande força da mão-de-obra no setor deve ser formada em cursos técnicos. Além disso, salienta que um número expressivo de cursos técnicos e superiores foram abertos nos últimos dez anos, o que permite verificar a preocupação acentuada com a formação de formadores.

Nesse processo, analisa as questões legais da Licenciatura no Brasil. Nesse estudo da Resolução CNE / CES Nº 13 DE 24.06.2006 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso em Turismo, salienta especificamente o artigo 12º, destacando que os cursos de graduação, especificamente os de licenciatura plena na área, deverão observar as Diretrizes Curriculares Nacionais respectivas (p. 03).

Nesse sentido, salienta que os professores que atuam em cursos técnicos e não possuem o título de licenciados, terão obrigatoriamente que retornar à sala de

---

<sup>174</sup> Universidade Aberta do Brasil. Disponível em <<http://www.uab.mec.gov.br/>>. Acesso em: 17 out. 2007.

<sup>175</sup> A Fundação CECIERJ / Consórcio CEDERJ, foi criada com a união da autarquia Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro – CECIERJ e o Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro – CEDERJ. Disponível em <<http://www.cederj.edu.br/cecierj/>>. Acesso em: 17 out. 2007.

aula para obtê-lo. Além disso, enfatiza que será pré-requisito a novos egressos a titulação de licenciatura. Evidencia, ainda, que “ao contrário do que muitos pensam, a pós-graduação não habilita à docência no ensino técnico conforme a LDB (1996). Ou seja, até os professores pós-graduados que não possuem licenciatura terão de concluir esse título caso optem em lecionar no ensino técnico” (p. 03-04).

A partir da análise das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de licenciatura, evidencia a necessidade de considerar na matriz curricular do curso a pesquisa e o uso de novas tecnologias. Dessa forma, considera que “o incentivo à pesquisa deve aparecer como pano de fundo em todas as disciplinas como instrumentação do futuro profissional” (p. 06). Além disso, ressalta que ambos “irão permear a formação do licenciado possibilitando que esse contribua para a produção de conhecimento na área melhorando também a qualidade da formação em todos os níveis” (p. 07). Ressalta que

o ensino do Turismo, em seus diferentes níveis, precisaria muito mais do que um mero profissional habilitado a lecionar, mas sim um educador com formação estruturada para tal fim, tendo plena consciência da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade necessária no entendimento deste fenômeno (CATRAMBY, 2007, p. 08).

Além disso, considera que é necessário um equilíbrio entre “a teoria e a prática no ensino do turismo, entre outras qualidades ausentes em muitos dos docentes no ensino do Turismo hoje no Brasil”. Além disso, considera “fundamental para qualquer educador, não se limitando apenas aos do Turismo, o conhecimento de princípios básicos de pedagogia”. Salaria que “muitos professores entram em sala sem conhecer métodos e técnicas educacionais, princípios de didática, princípios de filosofia e psicologia educacionais, assim como novas tendências educacionais, entre outras” (p. 08).

Na defesa da criação da Licenciatura em Turismo, Catramby (2007) considera que essa modalidade de formação “é fundamental não só para o nível técnico, mas também para o nível superior, pois possibilita uma formação geral didática” que “muitas vezes não é vista na pós-graduação”. Acrescenta, ainda, a necessidade de “uma formação específica para a pesquisa e produção do conhecimento”, pois considera que essa formação “pode levar o Turismo, no Brasil, a alcançar uma 'autonomia epistemológica” (p. 09).

**Algumas considerações**

Neste texto, aponte a evolução do campo das viagens, do turismo e da educação nesse campo, guiando à compreensão da extrema importância na formação de profissionais para o campo das viagens, do turismo e do acolhimento no Brasil e em outros países considerando a necessidade de um equilíbrio entre conhecimentos pedagógicos e técnicos.



## **Curriculum Vitae - Resumido**

**Biagio Mauricio Avena**

[www.biagioavena.com](http://www.biagioavena.com) – [bmavena@cefetba.br](mailto:bmavena@cefetba.br) – [bmavena@uol.com.br](mailto:bmavena@uol.com.br)

Diplomado em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy II – França – e Licenciado em Didática Especial da Língua Francesa pela UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, integra desde 1999 o corpo docente do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET-BA onde atualmente é Professor dos Cursos Técnicos da área de Turismo e Hospitalidade e do Curso Superior em Administração – Hotelaria. Foi, em 2002, Chefe do Departamento de Ensino da Uned-Eunápolis. De 06.2003 a 08.2004 foi Coordenador dos Cursos Técnicos na Área de Turismo e Hospitalidade. De 09.2004 a 02.2006 chefiou o Departamento de Relações Empresariais – DIREP – do CEFET-BA. Conta, em seu percurso acadêmico, com: a Especialização em Administração Hoteleira (UESC/SENAC - 1999) – *Porto Seguro – 500 Anos de Descobrimto: A Qualidade da Comunicação Hoteleira e o Turismo* –; o Mestrado em Educação (UFBA–2002) – *Turismo, Educação e Acolhimento de Qualidade: transformação de hostis a hospes em Ilhéus, Bahia*; e o Doutorado em Educação (UFBA–2004-2008) – *Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si*. No período de 04.2006 a 08.2007 desenvolveu um Estágio de Doutorando na Universidade de Paris 8; participou das atividades do Centro de Pesquisa Interuniversitário Experiência, Recursos Culturais, Educação – EXPERICE – da Universidade de Paris 8 e Paris 13 e do Instituto de Pesquisas e de Estudos Superiores em Turismo – IREST – da Universidade de Paris I – PANTHÉON-SORBONNE.

Ao longo da carreira profissional, tem ocupado diversos cargos, destacando-se o de Coordenador Pedagógico da SKILL Aliança Inglesa, de Professor de Língua Francesa da Aliança Francesa de São Paulo e do Rio de Janeiro, de Guia de Turismo Local no Rio de Janeiro e de Guia de Turismo Internacional na Europa.

Docente dos Cursos Técnicos da Área de Turismo e Hospitalidade do CEFET-BA ministra os Grupos de Competências referentes à área e, também, a Língua Francesa para o Turismo e a Hospitalidade. Docente de Cursos promovidos pelo SEBRAE e SETRAS nas áreas de Turismo e Hospitalidade.

Autor do livro *Turismo, Educação e Acolhimento: um novo olhar*, publicado em março de 2006, e de capítulos, resenhas e artigos científicos.

*Expert* e Consultor em Ensino e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade. Autor do projeto do Hotel Escola do CEFET-BA, de projetos de intercâmbio internacional com instituições francesas na área de Turismo e Hospitalidade. Atualmente apresentou e acompanha o projeto de Desenvolvimento da Área de Turismo e Hospitalidade do CEFET-BA, dentre outros.

Associado do(a): CIRET - *Centre International de Recherche Touristique* – Aix en Provence – França; NEATH – Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria do CEFET-BA (fundador); ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo; Comité Mundial para a Educação, a Formação, as Aprendizagens ao longo de toda a vida, ONG vinculada à UNESCO; e Instituto Foto-Vivência – IFV (fundador).



AVENA, Biagio Mauricio. *Por uma Pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens às (trans)formações de si*. 2008. 516 p. il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Autorizo a reprodução [parcial ou total] deste trabalho  
para fins de comutação bibliográfica.

Salvador, 02 de junho de 2008.

Biagio Mauricio Avena

